LIBRARY OF PRINCETON
DEC - 1 2008
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/primeirapartedah02gonc

PRIMEIRA PARTE
DA
HISTORIA DOS RELIGIOSOS
DA
COMPANHIA DE JESUS

e do que fizeram com a divina graça
na conversão dos infieis a nossa sancta fee catholic
nos reynos e provincias da India Oriental

Composta pello P.e SEBASTIAM GONÇALVES
religioso da mesma Companhia, português,
natural de Ponte de Lima

(Original, Bibl. Nacional, Fundo Geral 915)

Publicada por
JOSÉ WICKI S. I.

VOL. II

Historia da Companhia de Jesus no Oriente

(1546-1561)

ATLÂNTIDA — COIMBRA
1960

PRIMEIRA PARTE
DA
HISTORIA DOS RELIGIOSOS
DA
COMPANHIA DE JESUS

Composta

pello

P.e SEBASTIAM GONÇALVES

PRIMEIRA PARTE
DA
HISTORIA DOS RELIGIOSOS
DA
COMPANHIA DE JESUS

e do que fizeram com a divina graça
na conversão dos infieis a nossa sancta fee catholica
nos reynos e provincias da India Oriental

Composta pello P.e SEBASTIAM GONÇALVES
religioso da mesma Companhia, português,
natural de Ponte de Lima

(Original, Bibl. Nacional, Fundo Geral 915)

Publicada por
JOSÉ WICKI S. I.

VOL. II

Historia da Companhia de Jesus no Oriente

(1546-1561)

ATLÂNTIDA — COIMBRA
1960

Taboada dos capitulos que contêm os dez livros da primeira parte da Historia da Companhia de Jesus na India

LIVRO SEXTO

5 Da tornada do vigario geral Miguel Vaz, e despacho que o serenissimo rey Dom João deu aos negocios da christandade. Cap. 1.º pg. 12

Memorial que el-rey Dom João deu ao P.e Miguel Vaz, vigario geral da India. Cap. 2.º. pg. 18

10 Como se ouverão os Padres em Goa emquanto o B. P. Francisco andava na christandade da Costa. Cap. 3.º pg. 24

Martyrio do P. Antonio Criminal. Cap. 4.º. pg. 28

Da conversão d'el-rey de Tanor. Cap. 5.º. pg. 35

Carta do Bispo da India em que louva a Companhia, e do que neste
15 tempo fazião os Padres no serviço divino. Cap. 6.º. pg. 42

Da morte do Irmão Luis Mendes, e do mais que passou na Costa. Cap. 7.º. pg. 46

Da conversão do rey das ilhas de Maldiva, e dos nossos que vierão do Reino. Cap. 8.º. pg. 48

20 Do cativeiro do P.e Anrique Anriques, do capitão da Costa, portugueses e paravás, aos quais libertou com seu valor Gil Fernandes de Carvalho. Cap. 9.º. pg. 51

Vida do P.e Mestre Gaspar. Cap. 10.º pg. 56

Do que o P.e Mestre Gaspar fez na fortaleza de Ormuz.
25 Cap. 11.º. pg. 61

Do fruito que o P. Mestre Gaspar tirou das pregações que fez contra as onzenas e brigas. Cap. 12.º. pg. 68

Doutras obras maravilhosas que Nosso Senhor obrou em Ormuz por meyo do P. M. Gaspar. Cap. 13.º. pg. 73

30 Disputas que o P. M. Gaspar teve com os infieis, e dalgumas conversões. Cap. 14.º. pg. 78

Do martyrio de João de Colonia, e viagem do P. M. Gaspar pera Goa. Cap. 15.º. pg. 84

[VIIIr] Das occupações do P. Mestre Gaspar emquanto governou o collegio de São Paulo. Cap. 16.º. pg. 90
Doutras obras pias em que o P. Mestre Gaspar se exercitou em Goa. Cap. 17.º. pg. 96
Da morte do P. M. Gaspar. Cap. 18.º. pg. 102
Das mortes do Irmão Adão Francisco, dos Padres Nuno Ribeiro, Manoel de Moraes e do Irmão Aleixo Madeira. Cap. 19.º pg. 108
Da armada que Bernardim de Sousa mandou contra o Tolo; do castigo que Deos lhe deu, e como se reduziu à fee e serviço d'El-Rey de Portugal. Cap. 20.º. pg. 115
Abre-se a patente das sucessões por morte do P. M. Gaspar a quem soccede o P.e Mestre Belchior Nunes. Cap. 21.º. pg. 121
Da constancia dos christãos malavares; da morte dhum Padre na ilha de Amboino, e da chegada do P.e Vice-Provincial a Japão. Cap. 22.º. pg. 127
Vay o P. M. Gonçalo Rodrigues a Etyopia. Cap. 23.º pg. 134
Da missão que veyo pera Ethiopia e do naufragio da nao Conceição. Cap. 24.º. pg. 140

LIVRO SEPTIMO

Do que disserão pessoas de authoridade em louvor de N. P. Santo Ignacio. Cap. 1.º. pg. 149
Do que graves autores escreverão em louvor da Companhia de Jesu. Cap. 2.º. pg. 155
Louvores que os Summos Pontifices disserão da Companhia de Jesu e dos favores que lhe fizerão. Cap. 3.º. pg. 164
Da contradição que a Companhia teve por se chamar Companhia de Jesus. Cap. 4.º. pg. 173
Martyres da Companhia de Jesus da India. Cap. 5.º. pg. 181
Da ilha de Salsete do Norte. Cap. 6.º pg. 189
Casos notaveis que acontecerão na ilha de Salsete do Norte. Cap. 7.º. pg. 196
Trata-se do collegio de Baçaim, seus bemfeitores e reitores. Cap. 8.º. pg. 201
Discripçam de Cochim e do collegio da Companhia de Jesus. Cap. 9.º. pg. 207
Como o P.e João Nunes Barreto foi eleito Patriarcha de Ethiopia, e de sua consagração. Cap. 10.º. pg. 213
Faculdades que o Papa Julio terceiro concedeo ao Patriarcha de Ethiopia. Cap. 11.º. pg. 221

De como o bispo Dom André de Oviedo passou a Ethiopia, e do que nella padeceo. Cap. 12.º. pg. 228
Do sitio das terras que possue o Emperador de Ethiopia. Cap. 13.º. pg. 232
5 Porque razão chama a Sagrada Escritura ao estreito de Meca Mar Vermelho, e em que região cahe Ofir. Cap. 14.º. pg. 238
Alguns custumes dos abexins. Cap. 15.º. pg. 245
Quem pregou aos abexins e a quem obedecem nas cousas spirituaes. Cap. 16.º. pg. 247
10 Profissão da fee dos christãos de Ethiopia e dos abexyns. Cap. 17.º pg. 249
[VIIIv] Erros da Igreja Alexandrina e dos abexins. Cap. 18.º pg. 252
Carta do B. P. Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesu, pera Dom Claudio, emperador de Ethiopia e rey de Abassia.
15 Cap. 19.º. pg. 256
Carta do Cardeal Iffante pera Dom Antão de Noronha, viso-rey da India. Cap. 20.º. pg. 263
Carta do Cardeal Iffante pera o Patriarca de Ethiopia. Cap. 21.º. pg. 265
20 Breve do Santissimo Padre Pio V.º pera o Patriarca de Ethiopia. Cap. 22.º. pg. 267
O que sentia o patriarca Dom André da missão de Ethiopia. Cap. 23.º pg. 270
Algumas cousas de edificação que em tempo dos Padres aconte-
25 cerão no Preste. Cap. 24.º. pg. 276
Vida do reverendissimo patriarca de Ethiopia Dom André de Oviedo. Cap. 25.º. pg. 280
Vida do patriarca de Ethiopia Dom Belchior Carneiro. Cap. 26.º pg. 293
30 Do glorioso fim que tiverão os primeiros Padres que forão a Ethiopia. Cap. 27.º pg. 297
Vida do Irmão Fulgensio Freire. Cap. 28.º. pg. 302
Do felice transito d'el-rey Dom João o terceiro deste nome. Cap. 29.º. pg. 306
35 Como el-rey Dom João admittio o Santo Officio, e como el-rey Dom Sebastião o mandou à India a instancia dos Padres da Companhia de Jesus. Cap. 30.º. pg. 316

---

37 O cap. 30 *é o primeiro do livro oitavo A ; o* cap. 1 *deste livro foi corrigido em* cap. 2, o cap. 2 *em* cap. 3 ; *este ocorre agora duas vezes ; o antigo segundo é o actual terceiro A*

LIVRO OCTAVO

Como o governador Francisco Barreto ajudou grandemente a conversão dos moradores da ilha de Goa e suas adjacentes. Cap. 1.º. pg. 323
Conversão de Dona Maria d'Além-mar, e dos bautismos que se fizerão até que Francisco Barreto deixou o governo. Cap. 2.º. pg. 331
Do que neste tempo atraz aconteceo em Japão até o presente anno de 1557. Cap. 3.º. pg. 335
Da jornada que o governador Francisco Barreto fez ao Norte; da guerra que fez com os capitães do Idalcão, e do naufragio de Dom Luiz Fernandez de Vasconcellos. Cap. 4.º. pg. 340
Da conversão d'el-rey de Bacham, e dos martyrios do P.e Afonso de Crasto e de hum cafre. Cap. 5.º. pg. 345
De como o viso-rei Dom Constantino de Bragança favoreceo grandemente a christandade. Cap. 6.º. pg. 349
Carta de N. R. P. G. Diogo Laynes pera os Padres e Irmãos da Provincia da India. Cap. 7.º. pg. 359
Fundação do collegio das Onze-Mil-Virgens da Cidade de Damão. Cap. 8.º. pg. 362
Da morte do P.e Afonso Cypriano. Cap. 9.º. pg. 371
Do que neste anno de 59 soccedeo na christandade de Japão. Cap. 10.º. pg. 373
Da morte do P.e Paulo de Camerino, e da prizão do P. João de Misquita. Cap. 11.º. pg. 376
Jornada que o viso-rey Dom Constantino fez a Jafanapatão. Cap. 12.º. pg. 381
Missão que o P. Dom Gonçalo da Sylveira fez ao reino de Manamotapa. Cap. 13.º. pg. 386
[IXr] Da jornada que fez o P. Dom Gonçalo ao reino de Inhambane. Cap. 14.º. pg. 395
Embarca-se o P.e Dom Gonçalo pera Manamotapa. Cap. 15.º. pg. 400
Bautiza-se el-rey de Benemotapa com muitos de sua corte, e manda martirizar ao P.e Dom Gonçalo. Cap. 16.º. pg. 406
Virtudes do P.e Dom Gonçalo da Sylveira. Cap. 17.º. pg. 412
Do que passou o P.e André Fernandes na christandade de Inhambane até se tornar pera a India. Cap. 18.º pg. 418

Ereição e fundação do Bispado de Goa, e de como se fez arcebispado. Cap. 19.º. pg. 423
Bispos da India. Cap 20.º. pg. 428
Arcebispos de Goa. Cap. 21.º. pg. 435
5 Privilegios concedidos pollos Summos Pontifices aos arcebispos e bispos da India. Cap. 22.º. pg. 442
Da irmandade da Santa Misericordia; sua origem, e da procissão dos disciplinantes. Cap. 23.º. pg. 451

SIGLAS USADAS

DI I-V — Documenta Indica, ed. Wicki (1948-58).

EX I-II — Epistolae S. Francisci Xaverii, edd. Schurhammer et Wicki (1944-45).

MI — Monumenta Ignatiana, 23 volumes, em várias secções, desde 1903.

MX I-II — Monumenta Xaveriana (1899-1912).

[169r] LIVRO SEISTO

Do que fizerão na India os relegiosos da Companhia de Jesus na absencia do B. P. Francisco de Xavier

PROEMIO

Ninguém estranhe variar eu neste livro o titulo dos livros passados, porque me pareceo couza conveniente fazer, como dizem, dhuma via dous mandados, convém a saber, escrever a Vida do B. P. Francisco separada da Historia pertencente aos outros religiosos da nossa Companhia, pera que desejando seus devotos saber as cousas que Deos Nosso Senhor per elle obrou as possa ler sem mistura doutras, que seus filhos no tempo de seu governo fezerão com a divina graça; e servirá a mesma obra para se poder imprimir per sy pera consolação dos nossos reverendos Padres e carissimos Irmãos, e dos pios leitores. Fica-me também servindo a mesma obra por fundamento da Historia dos Padres da Companhia de Jesu das três provincias orientais, do Norte, do Malavar, da China e Japão. Porém porquanto deixei de industria e proposito as cousas que no mesmo tempo em que viveo o B. P. Francisco feserão andando elle absente da India, me pareceo escrevê-llas no seguinte comesando pela viagem que per induçam do B. P. Francisco fes o P. Miguel Vaz, vigairo geral, ao Reino pera bem da christandade oriental [1], o qual teve bom sucesso no despacho que

1 *Desde* Livro *m5 L* || 11 per *R*, pera *L* [cf. 16, 20] || 20 andando *corr. m6 de* dando *L* || 23 christandade *R*, christindade *L*

1 Cf. l. 2, c. 13 (fim); LUCENA 139.

o serenissimo rey Dom João terceiro deste nome deu aos negocios que levava, favorecido assy da justissa da causa, como também das cartas que o vigairo geral levava do B. P. Francisco pera El-Rey [1].

Da tornada do vigairo geral Miguel Vaz e despacho que o serenissimo rey Dom Joam deu aos negocios da christandade [2].

Cap. 1.º

Partindo o vigairo geral da India, Miguel Vaz, pera o Reino em Janeiro de 1545, tornou a fazer volta pera a India no anno seguinte de 1546, onde chegou em Setembro. A substancia da embaixada e cartas do P. Francisco era dar relaçam a S. A. dos novos martyres da India, pedir gente de socorro pera a milicia e graça spiritual nella, e requerer sobretudo o remedio de muitos abusos de grande prejuiso à conver-[169v]sam dos gentios e publico escandalo da nova christandade [3]. A tudo o serenissimo Rey fez o rosto que se podia esperar do seu grande zelo da fé e natural clemencia. Ao Reyno e à Europa toda alvoroçou e alegrou com os martyrios de Manar e Ceilam, mostrando ao mundo quanto mais estimava o comercio e senhorio em parte (que era seu feudatario el-rey de Columbo) das mesmas ilhas, por serem já consagradas daquelle sangue, que polla canella, perolas e rica pedraria [4]. E quanto aos obreiros que muito desejava e pedia o P. M. Francisco, não se contentando S. A. com dez da Companhia que já tinha pera lhe mandar aquelle anno [5] (grande numero pera todo o tempo e muito grande pera o de tam pouca gente), escreveo ao P. Pedro Fabro, que pouco antes fora deste Reyno a Castela com

---

12 era *sobrep. mó L* || 16 nova *corr. mó de* nossa *L*

---

1 Ib.
2 LUCENA, l. 2, c. 22.
3 Cf. l. 2, c. 13.
4 Esta frase, algum tanto difícil, foi tomada tal qual de Lucena (140).
5 Foram *nove* (v. DI I 30* 94[4] e 139).

a princeza Dona Maria e dahy avia de hir ao Concilio de Trento, encomendando-lhe que se per aquelas partes achasse muita gente da Companhia (cujo visitador geral [1] era entam o mesmo Padre Fabro), partisse liberalmente com a India. E porei aqui o que o
5 P. Pedro Fabro respondeo sobre esta mesma materia ao P. Mestre Simam [2], porque além de pertencer às cousas do B. P. Francisco, sey que o sirvo a elle todas as veses que fallo nas daquele seu grande e primeiro amigo.

«O gozo spiritual, dizia, que per cá se vay descobrindo com
10 as boas novas de nosso Irmão Mestre Francisco hé tanto em seu grao, quanto a causa donde procede. N. Senhor sabe com quanta vontade mandara de minha parte gente pera o ajudar em tal obra, e com muito maior gosto fora em pessoa hum dos que Suas Altesas tanto desejam mandar à India. Muitas necessidades se nos
15 vam cá per Espanha offerecendo de gente dos nossos, mas lançando os olhos ao que na India passa e vendo a grande e perseverante vontade d'El-Rey, fora rezão que toda a Companhia e cada hum dos particolares della desejasse criar sogeitos pera este effeito. Nosso Senhor me dee graça pera me poder empregar nisso e
20 pera lhas saber dar infinitas por tantas e tam assinaladas mercês, como a divina bondade faz a Suas Altezas alargando-lhe en tanto grao os corações e espiritos pera a dilatação e santificação do nome de Jesu Christo, nosso Redemptor. Muito estimara achar-me lá presente pera beyar a mam a SS. AA. por se
25 quererem tanto servir de nossa Companhia, mas vós suprireis por tudo.

Em ouvindo falar dos seiscentos martyres da India [3], não sei que sente minha alma em Jesu Christo. Muito folgaria que tivessemos per cá das reliquias de seus corpos e sangue, os que esta-

---

5 Mestre *corr. m6 de* Miguel *L.* || 13 muito *risca* a *L*

---

1 Tal título ainda então não existia na Ordem.

2 A carta é datada de Madrid, 16 de Novembro de 1545, e impressa, em castelhano, com algumas variantes, em *Fabri Monumenta* 372-74; entre as cópias ali registadas falta o fragmento português do P. Gonçalves, que o tomou de LUCENA 140-41.

3 Cf. l. 2, c. 13.

mos velhos na fee, e muito mais de ver reliquias de seus espiritos».

Escreveo também o mesmo P. Fabro nesta occasião aos Irmãos do colegio de Coimbra [1], como dando-lhes os parabéns das novas dos martyrios da India pera cujo serviço se criavam e criam, e obrigando-os com aquelles exemplos a procurar com a perfeição das virtudes com que se lá alcanção tão gloriosos fins; e era este hum capitulo da carta.

[170r] «Os martyres da India nos pregão e animão a cousas mais altas, reprendem e convencem os baixos spiritos daquelles a quem já sobejava o tempo pera serem perfeitos e falta em tudo a perfeição. Jesu Christo nos acenda no amor de suas honrras e deshonrras, de suas riquesas e pobresas, de sua gloria e de sua cruz, e de tudo o mais em que consiste sua santa, agradavel e perfeita vontade [2]. Portanto, meus carissimos Irmãos, em todo lugar e tempo sejais e esteis fortes na fé [3], avisados no amor [4], ricos na esperança [5], zelosos da fraterna caridade [6], faceis em perdoar e sofrer huns as fraquesas dos outros [7]. Amay a Jesu sem condição nem presuposto algum de gosto vosso, de tal maneira que elle seja contente, satisfeito, servido, glorificado, e nós, ou contentes ou descontentes, o sirvamos a elle, onde, quando e como for seu gosto e divino serviço. Isto disse porque desejeis e alcanceis a paz, que hé verdadeiro repouso das almas em Christo Jesu Nosso Senhor, ao qual muito vos encomendo e a quem vos peço me encomendeis muito.

Depois que recebemos as cartas da India não vimos outras vossas. Paresse que hé tanto o alvoroço e alegria spiritual, que com estas novas recebestes, que ellas vos tiraram os desejos que tinheis de as saber de nós, e a memoria de no-las mandardes de vós. Ao menos eu não queria que vos não esqueçais de mim em

---

1 Esta carta foi editada em *Fabri Mon.* 369-72, datada de Madrid, 16 de Novembro de 1545, e endereçada ao P. Martinho de Santa Cruz. Gonçalves copia LUCENA 141.

2 Cf. Rom. 12, 2.

3 Cf. 1 Petr. 5, 9.

4 Cf. Eph. 3, 17.

5 Cf. Rom. 12, 12.

6 Cf. Rom. 12, 10.

7 Cf. Col. 3, 13.

vossas orações, especialmente neste principio d'anno novo, quando convém que cada hum se proveya» [1] etc.

Destas reliquias se entenderá em parte a edificação e consolação que assi a El-Rey como ao Reino e a outras muitas partes
5 deram as cartas do P. Francisco e novas que Miguel Vaz trouxe da India. Do zelo com que S. A. difirio ao que lhe representarão pera bem da converção e nova christandade hé boa testemunha huma bem notavel carta que o mesmo vigairo levou pera Dom Joam de Castro [2], que no Setembro de 1545 tomara já o governo da India a
10 Martim Afonso de Sousa, em a qual El-Rey lhe mandava que não sofrece na ilha de Goa pagodes [3] publicos nem secretos; que castigace com graves penas todo o official que fisesse ou lavrasse em pao, pedra, ouro, prata, ou qualquer outro metal, idolo algum; que se buscacem as casas onde ouvesse sospeita de semelhantes supers-
15 tições; que se não permitissem festas gentilicas nem pregadores bramenes, e que dos mesmos bramenes fossem desterrados de Goa, Baçaim e Dio os que Miguel Vaz julgasse por persiguidores da dilatação da fee; que se dessem os officios publicos assy da fazenda real como os mais aos novos christãos e não aos gentios, que era
20 o que dantes se custumava; nem menos fosse gentio senam christão o interprete das cartas que se escreviam aos governadores da India. Mandava tirar suavemente a idolatria das terras firmes de Salcete de Goa, e que [170v] folgaria que o mesmo governador mandasse chamar os principaes dos moradores dellas e lhes falasse
25 e persuadisse per sy mesmo se fesessem christãos. Libertava aos que o fossem do trabalho de varar e tornar ao mar os navios das armadas reais na Ribeira de Goa e que só o fisessem os gentios. Encomendava-lhe defendesse aos portugueses sob as penas que lhe parecesse que per nenhum caso vendecem escravos gentios e mou-
30 ros, porque estando em nosso poder se fazião christãos e no dos

---

8 levou *risca mó* de cá *L* || 13 metal *risca mó* E *L* || 20 o *R*, os *L* | 20-21 christãos *corr. mó L*

---

[1] Este fragmento foi publicado, em latim e parte em castelhano, com outra conclusão, em *Fabri Mon.* 371. Falta porém o último pedaço, pois que o editor não conheceu o texto de Gonçalves.

[2] Esta importante instrução foi publicada pelo P. Schurhammer, em *Ceylon* 315-45; conserva-se porém incompleta. Gonçalves copia LUCENA (141-43).

[3] Significa aqui ídolos (cf. DI I 66[2]).

mouros logo tomavão a sua seita; que se fesesem e alevantassem igrejas em diversas partes, e que três mil pardaos que se despendiam nas mizquitas dos mouros de Baçaim se lhes nam dessem mais, mas se aplicassem às obras de converçam da fee. Mandava acudir liberalmente de sua fasenda aos pobres da nova christandade de Chale e outros muitos lugares, atalhar a alguns agravos que em Cochim se fasião aos christãos de S. Thomé no contrato e peso da pimenta, e as feitissarias con que os gentios do mesmo reino pesavam o primeiro bar della todos os annos; que rigurosamente defendesse aos capitães da Costa da Pescaria não obrigassem aos christãos paravás a lhes vender a elles por certa taxa [1] suas pescarias, senão livremente a quem mais quisesem; que praticasse com o P. M. Francisco se serviria ao bem da christandade não consentir que pescasse na Costa quem não fosse christão, e que parecendo assy ao Padre o posesse per obra. Encomendava-lhe provesse como el-rey de Cochim não confiscasse as fasendas dos seus vassallos quando se fesessem christãos, antes os favorecesse: e S. A. escrevia também sobre isto ao mesmo rey huma carta particolar; que se não fisessem imagens sagradas per pintores gentios; que se ensinasse a santa doutrina pellas aldeas da ilha de Goa e obrigassem os gentios a se achar presentes.

No que tocava a Manar eram estas as palavras da carta: «O caso d'el-rey de Jafanapatão já o deveis de ter sabido e as cruezas que tem feito naquelles martyres, que mandou matar por se tornarem christãos. E porque Martim Afonso de Sousa lhe mandava dar o castigo que elle merecia, creo que o terá já recebido conforme a calidade do caso, mas se porventura se não fez, o que eu não cuido, encomendo-vos muito e mando-vos que seja tão rigurosamente castigado, que vejam os christãos quanto eu senti o que o dito rey fez e quanto me desapraz delles, por se tornarem christãos, receberem algum dano.

Em Almeyrim a 8 de Março de 1546» [2].

---

11 tara *LR* || 20 per *corr. m6 de* pera *L* || 27 creo *mudou m6 em* crê *L*, crê *R*

---

[1] *Taxa*: Lucena; *tara*: Gonçalves (v. ap. crit.).

[2] Segundo LUCENA 143.

Da qual data se recolhe a brevidade com que S. A. (como também [171r] lho pedia o P. M. Francisco)[1] despachou a Miguel Vaz, que partindo de Cochim em Janeiro de 45 e chegando a Lisboa no estio do mesmo anno, não fez mais detença que emquanto nam
5 tornaram as naos per Março de 46. Mas o que resultou de todas estas diligencias do P. M. Francisco e do vigairo geral, foi que a carta d'El-Rey (segundo se achou[2] per huma cota do secretario que entam era do Estado)[3] foi lida no concelho da India e nelle se respondeo a cada hum dos capitolos de S. A., sem se executarem
10 senão mui poucos e os de menos importancia, não por falta de zelo em Dom Joam de Castro, que o tinha mui grande, acompanhado do valor que todo o mundo sabe, mas ou por entam os tempos nam darem mais de sy, ou pella resistencia dos interesses e respeitos particolares que, como o não tem a Deos, assy o perdem às leys e
15 provisões dos principes, atalhando na presença do rey com arte e manhas as boas e santas pera que não sejam passadas e estabelicidas, e desestimando-as por graves clausulas que tragão na auzencia do mesmo, onde as culpas se encobrem ou escusam facilmente e se r[ed]imem mais levemente as penas.

20 Os iffantes de Ceilam quizera (como diziamos)[4] o mesmo Governador restituir a seus estados, mas, andando sobre isso, morreram elles em Goa ambos dentro num mez[5] con sinaes da herança e posse de melhor reino, porque os deram em tudo de verdadeira christandade, e foram enterrados no habito e casa de
25 S. Francisco[6], a cuja conta estava a pregaçam do Evangelho na sua ilha. Quanto ao castigo d'el-rey de Jafanapatão, o cerco de Dio e as grandes e continuas guerras de Cambaya fiserão que Dom Joam de Castro lho nam desse tam riguroso como desejava, mas nem por isso o perdeo, que a divina justiça, ainda que algumas
30 veses tarda, sempre chega.

---

4 fez *risca m6* cá *L* || 7 se *sobrep. m6 L* || 10 poucas *LR* || 19 redimem] rimem *LR*

---

1 Na carta de 20 de Janeiro a D. João III (EX I 250).
2 LUCENA 143: *acho*, em vez de *se achou*.
3 Pedro de Alcáçova Carneiro (DI I 63).
4 Expressão de LUCENA 143. Cf. supra l. 2, c. 13.
5 Aos 14 de Janeiro de 1546 (DI I 138).
6 Assim o confirma CORREA IV 447.

Memorial que el-rey Dom Joam deu ao Padre Miguel Vaz, vigairo geral da India[1].

Cap. 2.º

Miguel Vaz. Pella confiança que em vós tenho e pola experiencia que de vossas obras e zelo tenho visto em todas as cousas do serviço de Nosso Senhor, e mui principalmente em todas as que tocão a sua fee e conversão dos naturais, das partes da India, ouve por muito seu serviço tornar-vos a mandar a ellas pera nas ditas cousas de conversam e christandade entenderdes e as levardes adiante, de tal maneira que o fruito disso vá cada vez em mayor crecimento; e o modo que me paresse bem que nestas cousas tenhais hé o seguinte.

[171v] Como sabeis o Bispo de Goa há dias que me pede licença pera se vir assi por sua idade como por sua má disposiçam. E avendo respeito a isso e parecendo-me que por estas causas elle teria resam de se vir, ouve por bem de lhe dar a dita licença[2]: e essa foi huma das principaes cousas porque vos quis mandar às ditas partes, vendo quão sós ellas ficarião vindo-ce elle, sem aver quem nellas ficasse e ministrasse as cousas do dito bispado e todas as mais do serviço de N. Senhor. Pelo que lhe escrevo que elle se venha embora, e lhe encomendo que vos queira deixar sua comissam pera no tempo que lá estiverdes ministrardes a jurdisção do dito bispado, e por outra carta que levais lhe notefico como vos mando às ditas partes, a qual lhe vós dareis como chegardes. E enquanto o dito Bispo nellas estiver, e se não embarcar pera se vir, tereis com elle aquele modo que sois obrigado e hé rezam que tenhais, obedesendo em tudo como ey por serto que o fareis, e não fasendo cousa alguma sem primeiro a cumunicardes com elle e per seu concelho a faserdes; porque não seria rezão em

---

7 converçassão *corr. m6 L* | 21 escreveo *corr. m6 L* || 25 Bispado *corr. m6 L*

---

1 Publicado pelo P. Schurhammer, *Ceylon* 293-307, e em DI 1 92-107.

2 O Bispo ficou na Índia, falecendo em Goa a 28 de Fevereiro de 1553 (infra, l. 8, c. 19).

quanto elle nas ditas partes estivesse, sendo prellado dellas, fazer-ce alguma cousa senão per elle, pois a elle compete o governo e administraçam dellas.

Eu mando convosco pera vos ajudar a estas cousas do serviço de N. Senhor e de sua fé dez clerigos da Companhia de Jesus [1], pessoas muito virtuosas e de mui bom exemplo de vida, e para este negocio mui convenientes, antre os quaes vão homens de letras, que serão necessarios pera ensinarem e doutrinarem os convertidos à fé. E além delles mando mais seis frades da Ordem de Sam Francisco [2], da Provincia da Piedade, pessoas assy mesmo de muita vertude e bom exemplo de vida; com os quaes clerigos e frades entendereis nestas cousas da fé e converçam della, ordenando com o parecer de Mestre Francisco, a quem sobre esta materia assy mesmo escrevo [3], aquelles que mais convenientes vos pareserem pera os lugares onde for neceçario os enviardes, repartindo-os por elles como a vós e ao P. Mestre Francisco bem parecer, tendo respeito quais fructificaram mais e farão melhor o que for neceçario de se fazer, porque de cá não posso eu particolarmente dizer-vos o que nisso façais. E ainda que o podera fazer, ouvera por mais serviço de N. Senhor cometê-lo lá a vós ambos, assy pela experiencia que tendes das ditas partes, como pela que eu tenho de confiar em vós e nele, que o provereis e fareis o mais conforme que poder ser ao serviço de N. Senhor. E ao que cumpre em tal caso às pessoas dos ditos clerigos e frades, vos emcomendo muito pera que sejão em tudo tam bem [172r] tratados e favorecidos, como hé rezam que seja feito às pessoas de sua calidade e vida; e assi o escrevo ao Governador e confio que elle o faça como eu delle o espero.

Como chegardes vereis logo o collegio de Sam Paulo da maneira e modo em que está e o exercicio que nelle se fas, se vai avante e como, e per que ordem, pondo nisso toda a que faltar e

---

15 os' *corr. mó de* aos *L* || 17 fructificarem *corr. mó L*

---

1 Veja-se a nota 5 da p. 12.

2 Foram o P. António do Porto, guardião, Fr. João de Goa, Fr. Domingos, Fr. Peregrino, Fr. Diogo e outro que faleceu em Chaul no ano de 1547 (SCHURHAMMER, *Ceylon* 295²).

3 Perdeu-se esta carta, segundo parece (cf. EX II 537 n. 72).

parecer neceçaria assi de pessoas como de qualquer outro regimento, pera que o serviço de N. Senhor creça sempre, fazendo sempre vir muitos moços de toda a terra, de maneira que estê disto bem provido. Pera despesa dos quaes e pera qualquer outra do dito colegio, eu faço mercê de dous mil crusados en cada hum anno pagos nas minhas rendas de Goa aos quarteis do anno, segundo vereis pela provisam que disso levaes [1]. E da maneira que achardes e de tudo o que acerca delle fiserdes, me escrevereis meudamente, requerendo sempre ao Governador que em toda a necessidade delle proveja com muita diligencia; e eu lhe escrevo assi mesmo que o faça.

Dareis as cartas que levais à gente dessa ilha de Goa, assi christãos como gentios, aos quaes de minha parte encomendareis que sejam bons christãos, os já convertidos, e os outros que se converterão; e pera que assi seja, fareis tudo o que possivel for tendo maneira de lho denunciar e pregar, ordenando pera isso, com conselho do Bispo, emquanto lá estiver, e do P. M. Francisco, mestres nos lugares necessarios, fasendo-lhe todo honesto favor. E quando alguma ajuda outra cumprir do Governador, lho requereis com muita efficacia, e eu confio delle que o fará mui inteiramente como en cousa de que levo tanto contentamento por ser de muito serviso de N. Senhor. E o mesmo cuidado tereis das terras firmes, trabalhando como mais sem escandolo que poder ser se tire toda a idolatria dellas, como escrevo ao Governador que se faça [2], pondo logo cruzes nos lugares que bem parecer e onde com muita reverencia poderem estar, e quem ensine quaesquer que já forem convertidos e trabalhe por converter outros.

Ireis com a mais brevidade que poder ser às terras de Baçaim, e parece-me bem levardes comvosco dous clerigos da Companhia de Jesus [3], destes que agora vam, pera ficarem nellas e andarem pelas ditas terras, as quaes lhe vós mostrareis, dando-lhe nisso

---

8-9 escrevereis *R*, escrevareis *L* || 17 Bispado *corr. mó L* [cf. 18, 25] || 26 ensinem *corr. mó L* || 27 trabalhem *corr. mó L*

---

1 Datada de 8 de Março de 1546 e impressa em DI I 108-09.

2 Cf o capítulo anterior.

3 Depois de sua chegada a Goa foram dois franciscanos para Baçaim, sendo seguidos pelos jesuítas em 1549.

toda a ordem necessaria pera que façam serviço a N. Senhor; os quaes de minha parte encarregareis muito ao capitão da dita fortaleza [1] pera que em tudo o que a este caso tocar lhe dê todo o favor e ajuda necessaria. [172v] E quanto a sua mantença o Governador
5 lha ordenará da maneira que ouverem mister e mais a seu contentamento. E porque eu mando faser na dita fortaleza huma igreja, entendereis logo nella e lembrareis ao Governador, e procurareis como se logo faça e se acabe com brevidade. E desta mesma maneira me parece bem pordes outro Padre dos da Companhia de
10 Jesu na fortalesa de Chale pera olhar e doutrinar os christãos que já ali sam convertidos e trabalhar de os acrecentar [2].

Tereis muito cuidado tanto que vier a monção pera Maluco requeiraes ao Governador a embarcaçam pera os Padres que lá ouverem de ir [3], fazendo com elle que lhe dee todo o aviamento
15 assi pera o que lhe for neceçario como pera as suas pessoas, de maneira que por falta de qualquer cousa não deixem de ir; aos quaes dareis lembranças do modo que nestas cousas devem de ter e lhas encomendareis muito, de minha parte, o grande cuidado que também dos christãos e dos que não sam pera que o sejão.

20 Procurareis de saber a ilha do Macaçar como está, e a gente della se está apparelhada pera receber a santa fé catholica, como tenho por informação. E sendo assy, ordenareis as peçoas com parecer do Bispo e de Mestre Francisco que pera lá ajam de ir, as de mais autoridade e confiança e de melhor exemplo que vos
25 parecer, porque em todo o tempo, e principalmente nestes começos, convém que sejam tanto ensinados com isto e mais que com palavras.

Aos christãos de São Thomé, mercadores da pimenta, direis que me desaprouve de serem agravados [4]. E porque ora os mando en todo prover e mui particolarmente encomendar seu bom trata-

---

23 Bispado *corr. mó L* [cf. 18, 25 e 20, 17]

---

1 D. Jerónimo de Noronha (CORREA IV 462).

2 Foi enviado um sacerdote secular. Um pouco mais tarde, já não era preciso fundar ali residência dos Padres (cf. DI I 99 258 265 368 415 417 457 564 598 642).

3 De facto, navegaram da Índia para as Molucas, em Abril de 1547, os Padres João da Beira e Nuno Ribeiro com o Irmão Nicolau Nunes.

4 Leia-se a relação de Miguel Vaz, em DI I 77.

mento ao Governador [1], lhes encomendo que além de sua boa christandade, de que tenho muito contentamento, folguem de me bem servir com aquela fieldade com que sempre o feserão e eu delles confio, pelo que folgarei sempre de lhe fazer mercê. E se algum agravo mais tem, ou receberem, trabalhareis polo saber delles pera me avisardes como na verdade passa e eu os prover como for meu serviço.

Porque sam enformado que en Coulam há muitos destes christãos [2], e outros que também da terra se convertem, visitá-los--eis. E sabereis como sam tratados e se lhe hé feito algum agravo assi no trato como fora delle pera serem providos como for rezam. E a quem quer que na fortaleza estiver os encomendareis muito de minha parte, que em tudo os favoreça e não consinta ser-lhe feita alguma semrezam; e, [173r] fasendo-ce, requerereis ao Governador emenda disso e me escrevereis de tudo o que passa pera nisso prover. Porquanto escrevo a el-rey de Cochim sobre o tomar das fazendas aos que se fasem christãos de seu reino que tal não faça pelo aver por muito desserviço de Deos e meu, trabalhareis com elle que assente e determine de o não fazer mais daqui por diante, de maneira que pello arreceo desta perda não deixem de se converter os que tiverem vontade, e o mesmo fareis com el-rey de Ceilam [3].

Visitareis toda a costa de Choromandel e os christãos della, da maneira que estam e como sam tratados, e o ensino que tem, e me escrevereis tudo o que nisso passa pera o prover se neceçario for; e do que se lá poder prover requerereis ao Governador. Também vereis a casa do apostolo S. Thomé da maneira que está e se serve, e a despocissam da terra, e quejanda hé, pera, se comprir ser doutra maneira provida, que pareça mais serviço de Deos e meu, o fazer pela informaçam que della tiver.

Tereis cuidado de saber a ilha de Socotorá como está provida, e se estam lá os Padres [4] doutrinando os christãos que nella há, da maneira que começarão; e trabalhareis como sempre assi estem, o

---

27 quajenda *corr. m6 L*

---

1 Cf. SCHURHAMMER, *Ceylon* 326-28.
2 Cf. a relação de Miguel Vaz (Dl I 88).
3 Bhuvaneka Bâhu, rei de Cota 1521-51.
4 Havia naquela ilha missionários franciscanos

que por sua virtude e serviço de Deos e meu confio que folgaram sempre de fazer. E tudo o que para isso for necessario, requerereis ao Governador e me escrevereis da maneira que fica.

Procurareis de saber o negocio de Jafanapatão como passou e os christãos se ouverão satisfação da offensa que lhe foi feita [1], e se estam de maneira que não deixem outros de o ser com areceo de lhe fazerem outro tal dano, e de tudo me escrevereis pera o prover como for meu serviço.

Eu escrevo ao Governador que pera as obras da conversão dos lugares de Ceilam e Maluco ordene a despesa com vosso parecer que for necessario [2]. Pera isso encomendareis aos Padres que lá ouverem de ir que pera os pobres da mesma gente da terra ordene[m] alguns ospitaes e os proveja[m] disso o melhor que poderem, e a maneira que nisso teverem e necessidade; e lhe direis que me escrevam se alguma ouver pera prover nisso.

Em todas estas cousas da conversão tereis grande cuidado e diligencia de irem muito bem providas assi como a necessidade requerer, de maneira que por falta ou de pessoas ou de outras cousas que se poderem remediar nam deixe de ir muito avante, requerendo o Governador pera tudo o que comprir, lembrando-lhe de minha parte que folgue de o fazer [173v] muito inteiramente como cousa que ey por mais meu serviço que outra alguma pelo ser muito de Nosso Senhor.

Sabereis de todas as igrejas da costa da India como estão, e se algumas ouver por acabar, ou tão danificadas que tenhão necessidade dalgum repairo, requerereis ao Governador que o mande fazer: e que a isto, como a cousa da honrra de Deos e muito meu serviço, acuda primeiro, mandando-lhe também dar os ornamentos que lhe forem necessarios.

Eu escrevo ao Governador que pellas ilhas de Goa, nas aldeas della, onde ouver christãos, se façam escolas em que se ensine a doutrina christam, e que algumas veses no anno vam alguns pregadores pelas aldeas da dita ilha a fazer suas pregações, e constran-

---

26 dalguma *corr. L*

---

1 Cf. l. 2, c. 13.

2 Quanto à dita instrução (sobre Ceilão) v. SCHURHAMMER, *Ceylon* 309; sobre as Molucas falta o parágrafo no mencionado documento.

jam vir a ellas os gentios que não sam christãos [1]. Tereis cuidado de lhe fazer disto lembrança pera que se faça assi como lho escrevo.

Lhe mando que n'aldea de Neurá-o-Grande [2] se faça huma igreja na qual se gastem quinhentos pardaos, e que seja do orago de São Thomé; e que se já alli for feita, se gastem os ditos quinhentos pardaos em se acabar a igreja de Santa Cruz, que está começada em Calapor [3]. Tereis assi mesmo cuidado de lhe fazer lembrança disso pera se fazer como ordeno que se faça.

Levareis o treslado de huma carta que escrevo a Dom Joam sobre as lembranças que me fisestes, das cousas em que cumpria prover por serviço de N. Senhor, e eu o fis na maneira em que pola dita carta vereis [4]. Falareis logo com o dito Dom Joam e tereis muito cuidado de lhe lembrar e requerer a execução dellas. E posto que aja por mui certo que pera o elle assi fazer não será necessario faser-ce-lhe disso lembrança, todavia cumprirá fazerde-llo assi pellos muitos negocios em que há-de entender; e se vos parecer bem mostrardes-lhe este capitulo, pera elle ver como o fazeis por meu mandado, avê-lo-ei por bem e meu serviço.

Feita em Almeyrim a cinco de Março de 1546.

Como se ouveram os Padres em Goa emquanto o B. P. Francisco andava na christandade da Costa [5].

Cap. 3.º

Escrevemos no capitulo 21 do 3.º livro como se espalhara hum falso [174r] rumor em Goa de ser o P. M. Francisco morto no Cabo de Comorim pellos badagás, com a qual nova se animarão grandemente os Padres à perfeiçam da vida religiosa e desejo do

---

19 Feito *corr. mó L*

---

[1] Tratam desta matéria os pontos 24 e 25 da instrução real para D. João de Castro (v. SCHURHAMMER, *Ceylon* 340-42).

[2] Na parte meridional da ilha de Goa.

[3] Ainda hoje esta igreja, a oeste da ilha goense, se chama assim.

[4] Desta carta conhecem-se apenas vários fragmentos, publicados pelo P. Schurhammer, *Ceylon* 316-45.

[5] LUCENA, l. 6, c. 7. Em vários lugares corrige-o o P. Gonçalves.

martirio seguindo o exemplo de sua cabeça. De maneira que os bons soldados vendo ficar seu capitão morto no campo se arremeção animozamente aos esquadrões inimigos e, entrando por elles, com grande ousadia vingam sua morte com muitas dos contrarios, 5 e finalmente buscão huma fermosa morte dando e recebendo feridas, té que fasem, com os corpos banhados com o propio sangue, companhia ao corpo de seu capitão — sinal do extremado amor que lhe tinhão, não lhes ficando menos rendoza a morte do amado que a vida —: o mesmo aconteceo aos nossos Padres, empregando-se 10 tam deveras com o proximo, como se cada hum deles fora três homens, porque quando avião de tomar algum descanço entravão em mores trabalhos, e quando parecia que devião de andar mais cançados mostravão novas forças.

O fruito foi muito grande na gente portuguesa, fasendo-se 15 restituiçam de muita soma e publicas penitencias; outros fazião largas esmolas; outros trocavão a melicia temporal pela spiritual; outros depois de faserem os Exercicios Spirituaes perseveravão na frequencia do sacramento, donde lhes vinha o esforço pera se exeercitarem nas obras da misericordia e piedade. Bau- 20 tizou-se per meyo do P. M. Gaspar Locu [1], cabeça de bramenes, menistrando-lhe o Bispo o santo bautismo, sendo seu padrinho o Governador da India [2]. Foi o bautismo celebrado e festejado por huma somana na cidade de Goa à vista dos bramenes pera que com seu exemplo se convertessem a nossa santa fé.

25 Andando os nossos no mayor fervor destas alegrias, se acresentarão com as novas da vida do B. P. Francisco, as quaes trouxerão o P. Alonso Cypriano e o Irmão Manoel de Moraes [3], que não forão de menos prazer pera toda a cidade, que se o viram resucitado; e o que dobrou este contentamento foi que entrou o mesmo 30 Padre pouco depois pela barra de Goa [4], onde vinha a hum negocio de cujo bom suceço esperava se fisese na Costa da Pescaria grande christandade. E com os Padres e Irmãos se partio pera

---

29 que'] qual *LR*

---

1 A 21 de Outubro de 1548, ao que parece (cf. DI I 272 325-26 331).
2 Carta do P. Barzeu, Goa 13 de Dezembro de 1548, em DI I 400.
3 Refere-o o mesmo P. Barzeu (DI I 402).
4 Ib.

Cochym onde chegou a trese de Dezembro [1], onde se deteve per espaço de dous mezes pregando, ensinando a doutrina, confessando, servindo aos doentes de noite e de dia com notavel edificação e fruito das almas. Logo os moradores pediram com grande instancia gente de nossa Companhia para aquela cidade. Da missam que della se fez diremos em seu lugar [2].

Taes eram os fervores dos nossos Padres, tal seu exemplo e desejos da perfeição, aos quaez devemos nós também imitar assi neste particolar do proprio [174v] aproveitamento spiritual como no zelo da converssão das almas, e procurar com a divina graça de acrecentar o brasão de nossa sagrada Relegião com feitos heroicos, o que não hé impossivel se de nossa parte fiseremos o que somos obrigados, não nos contentando nem vangloriando dos feitos alheos, mas ajuntando aos que nossos antepassados gloriosamente fiserão os proprios mericimentos, não nos deixando ficar atrás mas caminhando sempre adiante no caminho do divino serviço, imitando aos esparcianos, os quaes custumavão nas mores solemnidades repartir-se em tres coros, o primeiro era dos velhos, o segundo dos mancebos, o terceiro dos meninos e moços de pouca hidade. Indo pois em procissão nesta ordem aos templos, cantavão os primeiros em voz alta e sonora: «Nós outros fomos moços e robustos». Respondião-lhe os mancebos: «Nós outros somos agora mancebos e valentes e o provaremos com obras se quiserdes». Respondião os moços e meninos: «Nós outros também seremos bons e ainda melhores» [3]. De modo que os segundos e terceiros se incitavão não somente a imitar os primeiros mas ainda prometião de se avantejar na vertude e esforço.

No collegio de S. Paulo desde o B. P. Francisco atté o presente cantarão os nossos Padres e Irmãos com voz alta e sonora que a India toda ouvio, Europa e o Novo Mundo, mostrando claramente suas forças e valentia em desarreigar da gentilidade a

---

11 blasão *corr. m6 L* || 22 roubustos *corr. m6 L*

---

1 LUCENA 407. Cf. DI I 417 (carta do P. Gomes, Goa 20 de Dezembro de 1548).

2 L. 7, c. 9.

3 Cf. PERIN, *Onomasticon totius Latinitatis* IV (1920) 642; PAULY-WISSOWA, *Real-Encyclopädie des classischen Altertums: Sparta* 1462-71 e 1515-16.

idolatria e da christandade a vida larga que levavão os portuguezes ao inferno. E quam fortes se mostrarão em vencer as siladas do demonio e em sofrer os trabalhos polla salvação das almas atté derramarem seu sangue polla dilataçam da fé que pregavão! Agora se á-de ver que nós outros, que cantamos no 2.º coro, alevantemos as vozes tão alto como os primeiros Padres, procurando de mostrar com as obras a fortaleza de nossos antepassados em guardar nam somente a ley de Deos, mas em comprir exactamente os votos em que consiste a vida relegioza que professamos, porque, se assi o fiseremos, confio em o Senhor que os de 3.º coro, que sam os que depois de nós hão-de vir à Relegiam, seram melhores e mais exemplares que nós. Porém se nós lhes não deixaremos o devido exemplo de vida que imitem, os que nos succederem seram piores e nós outros seremos dignos de grande reprehensam, pois não somente não sabemos navegar com o vento prospero do bom exemplo e fama de nossos antepassados, senam que daremos principio à perdiçam dos que estam por vir. Pois pera que não lancemos sobre nós tão pesada carga (como hé ser castigados por peccados alheos) lembremo-nos do que diz S. Jieronimo: «Filhos dos santos são não os que moram nas casas dos santos, senão os que vivem como elles viverão» [1]. De maneira que se não seguirmos as pisadas dos Padres que neste santo collegio morarão, pouco lustre e valor nos dará morar nas casas em que elles morarão, profanando as paredes que elles com seu sangue e santidade consagrarão. Porém se caminharmos pelo aspero caminho da vertude per que elles caminharão, e se por exemplo de vida mostrarmos que não viemos à Relegião somente pera pregar aos outros, senão pera salvar [175r] nossas almas desprezaremos os regalos e honrras que perecem, ganharemos nomes de filhos de tão bons pays e seremos dignos de outro mais ilustre titulo, convém a saber, que nos chamem filhos de Deos e que realmente o sejamos [2].

---

2 quam *corr. mó de* quaes *L* || 5 alevantamos *corr. mó L* || 9 em *corr. mó de* com *L* | 10 fiseramos *corr. mó L* || 21-22 seguiramos *corr. mó L* || 27 somente *sobrep. mó, antes m ſ* senam *L* | senão *sobrep. mó, antes m ſ* somente *L* || 30 serem *corr. mó L* | ilustres *corr. mó L*

---

1 Cf. *Comment. in Is.*, l. 18, c. 65: «Tales sunt filii Abraham, qui faciunt opera eius» (MIGNE, PL 24, 675).

2 Cf. 1. Io. 3, 1.

Martirio do P. Antonio Criminal[1].

Cap. 4.º

Historiador ouve que teve pera sy que o homem grande em alguma republica avia de nacer não somente de pays illustres em sangue, mas também de cidade nobilissima, como se a nobresa dependesse do bom sitio, das agoas e ares em que se criam. Melhor contudo sentio o outro, dizendo que pouco ou nada ajudam estas cousas pera a verdadeira nobreza, que consiste no exercicio das vertudes. Nem se deve de acusar Roma de má terra porque produzisse muitos mostros de vicios e homens viciosos, quaes foram os Nerões, os Heliogabalos, os Deoclecianos, mas devem-se condenar esses mesmos, porque nascendo em boa terra, que deu excelentes emperadores, estes com tudo foram deshumanos e viciosos. Assi como não devemos condenar a terra na qual a pranta de boa casta degenera, pois a que hé boa em toda a terra sae semelhante à arvore de que nasceo[2]. O bom em toda a parte conserva a vertude e bondade, o mao em toda o pode ser. Boa patria hé o ceo e contudo nelle se perderão os anjos maos, porque quiserão: e entre os Apostolos, Judas[3], entre os discipolos, Nicolao[4], e com tudo grande louvor se dá ao Santo Job, Tobias, Ezechiel, Daniel, e muitos outros porque entre maos e infieis foram santos, conservando a generosidade da semente de seus antepassados.

Em boa terra nasceo o P. Antonio Criminal e, sendo santo, conservou e aumentou a santidade entre barbaros, infieis, maos e peccadores dando claro testemunho de suas heroicas virtudes e constancia no bem nos areaes e prayas da Pescaria, nas quais liberalmente derramou seu sangue por defensam da fé catholica, offerecendo a Deos a vida como primicias da fecunda arvore de

---

10 muitas mostras *corr. mó L*, muitos mostros *R*

---

1 Lucena l. 7, c. 17.
2 Cf. Mt. 7, 17.
3 Cf. Mt. 10, 4.
4 Cf. Apoc. 2, 6 e 15

martyres (da Companhia de Jesu digo), sendo o primeiro que, em toda ella, assy como na primitiva Igreja S. Estevam, offereceo a sua em testemunho da fé a Christo N. Redemptor e Senhor.

Era o P. Antonio Criminal bem nascido, e criado e natural de Sise [1], lugar de Lombardia vesinho a Parma. Estava na corte de Roma mancebo na frol da idade e nossa Companhia nos principios da sua, quando nella se offereceo a Deos mudando o estado da vida e saindo juntamente de sua patria pera reinos estranhos, porque no anno de corenta e dous o recebeo nosso B. P. Ignacio [2] e no mesmo o mandou logo a Portugal [3]; donde se embarcou pera a India no de corenta e quatro em companhia do P. Pero Lopez [4]; porém arribou ao Reino [5] e no seguinte anno de corenta e sinco se embarcou a segunda vez com os PP. Nicolao Lanci[lo]to e Joam da Beira [6]. Tinha o B. P. Francisco ordenado que todos os que [175v] viessem de Portugal passassem à Costa da Pescaria [7]. Chegando poes a Goa não esperou mais que tempo e navio pera se pôr no Cabo de Comorim [8].

Já quando sahio noviço de Roma era hum espelho de modestia e rara bondade a todos os que o viam. «Eu, diz o P. Ribadeneira [9], bem conheci ao P. Antonio e fui seu companheiro desde Roma té Avinham de França, quando no anno de 1542 sahimos

---

13 Lancito *LR*

---

1 Sissa (v. SCHURHAMMER, *Leben und Briefe Antonio Criminalis,* em *Archivum Historicum S. I.* 5 (1936) 235[17]. Lucena escreve Sisi (526).

2 Fez o P. Criminali os primeiros votos da Companhia a 9 de Abril de 1542 (DI I 351[5]), logo ao entrar.

3 Partiu de Roma para Portugal aos 28 de Abril de 1542 (MI *Epp.* I 207).

4 Era o P. Pedro Lopes de Nogueira, nascido em Vila Real. Entrou em Coimbra aos 25 de Agosto de 1542 e faleceu na mesma cidade a 4 de Abril de 1575 *(Lus. 43 I-II).*

5 Cf. *Epp. Mixtae* I 169 200. O P. Lucena fá-lo erròneamente invernar em Moçambique (527).

6 *Epp. Mixtae* I 265.

7 Por carta, escrita de Malaca aos Padres de Goa, a 16 de Dezembro de 1545 (EX I 308-09). Cf. também DI I 137.

8 Assim o testemunha o P. Lancillotto na carta para S. Inácio de 5 de Nov. de 1546 (DI I 137).

9 *Vida del P. Ignacio,* l. 3, c. 20; cf. LUCENA 527 e *Ribadeneira* I 16-19 *(Confessiones).*

juntos, elle pera Portugal e eu pera Paris. Fui boa testemunha das grandes prendas de singular vertude que nelle conheci, e com verdade posso dizer que bem de vezes comigo mesmo me espantei de sua fervente caridade», porém muito mayor espanto fez depois aos que o conhecerão e conversarão na India. 5

O P. Anrrique Anriques escreveo ao B. P. Ignacio que nunca vira mor desprezo do mundo nem mais perfeita obediencia que a do P. Antonio Criminal [1]. O P. Cypriano louvando-o de muitas vertudes affirma que vio nelle e experimentou num ponto muy subido aquela piedade, prudencia, humildade, honestidade, tempe- 10 rança e todas as mais que a Igreja canta de cada hum dos santos confessores no himno das suas vesporas [2].

Mas sobre tudo hé o testemunho do B. P. Francisco na carta que escreve o N. P. Ignacio, que hé a decima do 2.º livro [3], onde diz assi: «O P. Antonio Criminal anda no Cabo de Comorim com 15 outros seis da Companhia. Crede-me que hé varam santo e parece que nasceo pera cultivar estas terras. Queria eu que mandaceis muitos semelhantes a elle dos quaes lá há grande copia. Elle hé superior do Comorim. Hé grandemente amado assi dos christãos naturaes como dos gentios como dos mouros, nem se pode dizer 20 quão grandemente seja amado dos companheiros».

Não hé de espantar que o B. P. Francisco tal conceito tivece do P. Criminal pela muita semelhança que com elle tinha, a qual hé causa do amor. Sempre deu à larga e fervente oração o melhor tempo da noite, e do dia, o que podia furtar às occupações. Corenta 25 veses ao dia se ajoelhava orando per hum breve espaço de cada huma [4]. Era facil e suave na conversação, a ninguém carregado, a todos edificava e se accommodava, conservando-se na perfeição sem

---

27 uma *corr. mó de* hum *L*

---

1 Segundo LUCENA 527 (cf. a carta do P. H. Henriques de 21 de Nov. de 1549, em DI I 578).

2 LUCENA 527-28 (cf. a relação do P. Cipriano, S. Tomé 3 de Dez. de 1549, sobre a morte do P. Criminali, em DI I 590-94).

3 Cita, como sempre, a segunda edição do P. Tursellinus (1596). É a carta de 14 de Janeiro de 1549 (cf. EX II 29-30).

4 LUCENA 528. Na relação dos missionários da Pescaria de 19 de Junho de 1549 lê-se: «se pôs de giolhos, porque asi ho fazia cada dia vinte e trinta vezes» (DI I 488).

perjuiso da vertude. Era verdadeiro pobre de spirito, anjo na pureza, resignado na obediencia, finalmente nas vertudes semelhantes [!] ao P. Francisco. Três annos e meo foi superior da Costa da Pescaria e Travancor. Todas aquellas setenta legoas de areaes andava a pee
5 e descalço pelo menos huma vez cada mez vizitando as igrejas e lugares dos christãos. A dura terra lhe servia de cama, fazia grande abstinencia [1] e como bom pastor defendia suas ovelhas dos lobos.

Chegando pois a occazião de seu martyrio, foi polla maneira seguinte. O capitam [2] que naquele tempo estava na Costa da Pes-
10 caria fez huma tranqueira em Bedalá [3], que dista do pagode de Remanacor [4] três milhas, o qual lugar está na garganta dhuma ponta que aly faz a terra firme e por esta causa não podião os gentios passar ao idolo tendo-lhe os portugueses tomado o passo pello qual de necessidade avião de ir pera fazerem sua romagem ao
15 pagode, que hé mui venerado e frequentado dos gentios. Vieram por esta causa os badagás a petição [176r] dos bramenes que servião no templo pelejar por muitas vezes com o capitam e portuguezes, os quaes tiveram algumas vitorias dos gentios, não sendo os nossos mais de corenta homens [5]. Tratando pois os gentios de
20 pazes e comcertos com os portuguezes, souberão per suas espias que estavam os nossos desapercebidos de polvora, sem pensamentos de guerra. Senão quando apparecem de subito à vista da tranqueira obra de seis mil badagás [6]. Os nossos a desempararão recolhendo-se aos navios polla não poderem defender, onde os gentios
25 ferirão muitos, dos quaes despois morreram seis [7].

---

20 per *corr. mó de* pera *L* || 22 da] de *L* || 24 onde *sobrep. mó, riscando uma palavra semelhante L*

---

1 LUCENA 529, seguindo as cartas do P. Cipriano (DI I 591) e dos missionários da Pescaria (DI I 486).

2 João Fernandes Correia, como é chamado mais abaixo (cf. DI I 482).

3 Hoje Vêdâlai (cf. o fim deste capítulo).

4 Râmeswaram, templo ainda agora muito famoso.

5 LUCENA 529-30 (cf. também DI I 482 593; neste último lugar o P. Cipriano fala só de 15 portugueses).

6 O P. Cipriano: «hasta V ó VI mil hombres» (DI I 593); os missionários da Pescaria: «sete ou oyto mil homes badeguás» (DI I 482). LUCENA apresenta-os como emissários dos brâmenes do pagode de Trichendur (529).

7 Segundo MAFFEIUS, *Hist.* l. 14 (ad finem); o P. Cipriano refere que feriram seis, dos quais morreram *cinco* (DI I 593).

Os christãos careás e o P. Antonio Criminal estavão em hum lugar algum tanto afastado do sitio donde o capitão tinha o forte [1]. Chegando pois lá a nova do desbarate, era lastima ver fugir huns pera a praya por salvar as proprias vidas nas embarcações que junto estavão, outros pera o lugar a pôr em cobro as molheres e filhos. Muitos corrião sen tino ora a huma parte ora a outra, quem se arremeçava a nado, quem entrava pelo mar pera se embarcar. Vendo pois o Padre as lagrimas, prantos, gritas, queixumes das molheres e das crianças, vai-se ao mar onde o capitam estava (que se chamava Joam Fernandez Correa) representando-lhe a innocencia dos que morressem, o perigo da fee dos que cativacem, a afronta das molheres, o desemparo de todos, a destroição da igreja, o estrago. Nam veo em nada o capitam, porque na verdade nam podia resistir a tão grande corpo de gente, e por isso trabalhava por deter consigo na fusta o P. Antonio Criminal, pois tornando-se pera terra tinha a morte mais certa que a vida e, quando com ella ficasse, duro cativeiro. Assi lho pedião também os christãos da terra, estimando mais a vida do seu Padre que a propria. Mas elle se tornou a terra contra vontade dos portuguezes, pera fazer embarcar os christãos antes que os imigos viessem sobre elles.

Andando nesta ocupação se foi primeiro que tudo à igreja (onde aquela mesma menham dissera missa [2]) a offerecer a Deos a propria vida, a lhe encomendar suas ovelhas e, recolhendo logo a gente toda, fez volta com elles pera o mar fazendo-os embarcar. E vendo que os badagás se vinham chegando, abalou pera elles com rosto alegre e sereno a esperar e receber a morte, cheo das esperanças da inmortalidade e movido do exemplo e doutrina do Senhor que no horto sahio a se offerecer e entregar aos que o buscavam pera a morte, e salvou aos discipolos [3], conformando-se com a doutrina que tinha ensinado, que assi o faria sempre o bom pastor.

---

2 do] de *LR* || 13 podiam *corr. mó L* || 16 tinha *risca* a terra mais *L* | quando *risca* a vida *L* || 24 ellas *corr. L* || 27 doutrina do *R*, doutrinando *L*

---

1 Mais exactamente, como disse acima, huma *tranqueira*. Observa o P. Teixeira, na censura da Vida de S. Inácio, escrita pelo P. Ribadeneira: «ali não avia ameias nem cidade ou fortaleza de pedra em que estivesem, senão huma tranqueira de madeira, que os purtugueses tinhão feita» (MX II 800-01).

2 Relação dos missionários da Pescaria (DI I 484).

3 Cf. Io. 18, 4-9.

Estando já a tiro do primeiro esquadrão poem os joelhos em terra e os olhos nos ceos, as mãos alevantadas com o peito naquela barbara gente. Passou levemente a vamguarda pelo santo Padre levando-lhe o barrete. Seguirão-se outros após estes que ainda o
5 deixarão com a vida. Estava neste tempo hum christam que o servia embarcado com o fato à vista da praya e vio entre os badagás hum que vinha a cavalo, o qual chegando ao Padre pegou delle e lhe tomou algum dinheiro da igreja que levava pera o pôr em salvo. Vinhão na retaguarda muitos gentios. [176v] Adianta-
10 rão-se sinco de cavalo, dos quais hum de huma touca [1], pello odio sem duvida que todos tem ao nome de Christo e pregadores de sua fé, foi o primeiro que meteo a lança pello baço. Derão-no os outros por morto e correrão a lhe despir e levar a loba, mas elle que estava ainda vivo lançou mão ao colar ajudando aos que lha
15 despiam até lha entregar e com ella a camisa já toda banhada em sangue, do muito que da ilharga esquerda como de fonte corria. Alevantou-se assi e caminhou pera a igreja, desejando cair à porta da casa do Senhor, porque o sacrificio de seu corpo fosse conssumado defronte do altar no qual custumava sacrificar.

20 Sentindo o martyr de Christo que os infieis lhe hião no alcance, voltou a elles com a mesma alegria que dantes a lhes dar o peito, quando já vinha feita huma lança de arremeço que lho atreveçou, e logo lhe deram a 3.ª lançada. E com ella se encostou sobre hum lado e os imigos chegarão com grita e festa
25 a lhe cortar a cabeça, a qual levarão e pendurarão por triunfo juntamente com a camisa banhada do proprio sangue no mais alto lugar do pagode de Remanancor [2]: porque tam pouco duvidassemos da coroa e gloria do martyr, como da tençam dos barbaros em lhe tirarem a vida por comprazerem aos bramenes do idolo,
30 per cujo respeito alli vieram a tomar vingança dos portuguezes por empedirem a romagem do pagode e das afrontas que lhe

---

17 Alevantou-se *risca* apoz *L*

---

1 A relação dos missionários acrescenta: «que [se] sospeita ser mouro» (DI I 487).

2 Uma relação dos missionários diz sòmente: «a pendurarão em hum alto» (DI I 488), sem precisar o lugar. Outra afirma: «na fortaleza do capitão» (DI I 484). LUCENA: «a... penduraram por triumfo do mais alto templo do seu Idolo» (532).

tinham feito. Da festa pois com que honrrarão e festejarão a idolatria do demonio offerecendo-lhe a cabeça, manifestamente consta que os infieis lha cortaram per odio e afronta da fee e adoraçam de Christo. Ao sagrado corpo cobriram logo [1] conforme a pressa com pouca area e com muitas lagrimas os christãos careás [2] que ficarão em terra. E pouco depois tornando a desembarcar os portuguezes nunca mais o poderam descobrir [3], parecendo-se nisto com o de Moysés [4], e também no martyrio com o gloriozo apostolo S. Thomé, padroeiro da India, sendo, como elle foi, cruelmente dos imigos alanceado.

Teve o B. P. Francisco novas do martyrio do P. Criminal em Malaca antes de partir pera Japam [5], e como partisse de Cochim no anno de 1549 deixando ainda o P. Criminal com vida, parece que seu martyrio foi em maio do mesmo anno [6].

Dizem os antigos christãos daquela terra que por alguns dias ante que o Padre fosse martyrizado viam a sagrada hostia emsangoentada quando dizia missa [7], sinal manifesto do sangue que avia de verter pola conservação de suas ovelhas na fee catolica, as quaes defendeo quanto pode da boca e furia dos lobos infernaes.

Era o Padre coadjutor spiritual [8]. El-rey Dom Joam mandou pregar na corte seu martyrio e juntamente o fez [177r] a saber ao Summo Pontifice [9], que o festejou com jubilos de alegria. Foi o Padre martyrizado em Bedalá, defronte da igreja e da tranqueira dos portuguezes. Daqui ao pagode de Remanancor há três milhas

---

1 «Dahi a dous dias o enterrou Antonio Correa, sobrinho do capitão» (DI I 484).

2 LUCENA tinha escrito Paravás (532). Com razão por isso o corrige Gonçalves.

3 Do corpo do P. Criminali refere Lancillotto, numa carta para S. Inácio, Coulão, 22 de Dezembro de 1550: «Foi emterrado na areia e despois mandamo-lo buscar pero ho emterarmos na igreija, e nam se achou ategora» (DI II 133).

4 Deut. 34, 6: «Non cognovit homo sepulchrum eius usque in praesentem diem».

5 Esta afirmação não se pode provar pelos documentos coevos (v. EX I 465-66); além disso a opinião do P. Gonçalves é refutada pelo P. Schurhammer (v. EX II 134[37]).

6 No fim do mês de Maio ou talvez em Junho; a relação dos missionários da Pescaria sobre o martírio é datada de 19 de Junho.

7 Cf. a carta do P. Marcos Nunes, Punicale, 24 de Out. de 1955, em DI IV 267-68.

8 Cf. DI I 197.

9 LUCENA 542 e 752.

e delle aos baixos de Chilao duas. De modo que a santa cabeça foi levada do lugar de Bedalá ao pagode, no alto do qual foi dependurada nhuma lança juntamente com a camisa banhada no sangue do gloriozo martyr de Christo.

Da conversão d'el-rey de Tanor [1].

Cap. 5.º

Neste mesmo anno de corenta e nove a vinte e quatro dias do mes de Outubro foi a entrada d'el-rey de Tanor em Goa [2]. Tanor hé huma cidade maritima, cabeça do reino do mesmo nome, na provincia Malavar, oitenta legoas de Goa pera o Cabo, quinze àquem de Calecut e vesinha à fortaleza de Chale, que naquelle tempo era dos portuguezes. Tomou o rey grande amisade com o nosso capitão [3] e vigairo de Chale [4]. Era mancebo brando, bem inclinado e abil per natureza, e se foi de tal maneira affeiçoando a nossas couzas que veyo a desejar e pedir o sagrado bautismo [5]. Seguio-se após isto o que atrás fica escrito dos recados e reposta que ouve entre elle e o governador Dom Joam de Castro sobre a mesma materia. Desesperado pois o rey da presença do Governador ao seu bautismo detriminou-se com parecer dos que o catequizavão e bautizou-se em segredo com o nome de Dom Joam, recebendo o bautismo da mão do vigairo Joam Soares [6]. Foram seus padrinhos Luis Xira Lobo, capitam de Chale, e o veedor da fazenda Cosme Anes, que vindo de Cochim pera Goa acertou de se achar en Tanor, onde também dahy a poucos dias se fez christam a rainha sua molher [7].

---

19 com[1] *risca m6* o *L*

---

1 LUCENA l. 7, cc. 18-19. Cf. as cartas do Bispo de Goa, J. de Albuquerque, do P. A. Gomes e do P. B. Gago em DI I 528-29 536-48 555-59 572-75.

2 Carta do P. Gago de Goa do fim de Outubro de 1549 (DI I 572).

3 Luis Xira Lobo (cf infra).

4 João Soares (cf. infra).

5 Já desde o ano de 1545 (SCHURHAMMER, *Quellen* nn. 1777 1804 1807 1883 1886 1912).

6 Carta do Bispo de Goa, a meados de Outubro de 1549 (DI I 537).

7 Ib. (DI I 541).

Bautisado pedio per suas cartas ao bispo Dom Joam de Albuquerque e ao governador Garcia de Sá hum Padre da nossa Companhia que o instruisse mais de preposito na fee e ley de Christo N. Redemptor [1], ao qual effeito partio de Goa pera Tanor o P. Antonio Gomez, reitor do collegio de S. Paulo [2]. Tratando poes com el-rey o achou tam bramene como dantes, não tendo de christão mais que o nome, e sobre isto estava de guerra com o Samorim e outros principes visinhos. Deteve-se o Padre no Malavar até o Setembro seguinte, custando-lhe caminhar algu[m]as vezes naquelle inverno a mayor parte delle com grandes perigos das gentes d'armas e exercitos per que passava por compor e apazigar entre si os reis, como fez com satisfação de todos [3]. Recolhendo-se a Tanor entendeo de propozito na doutrina d'el-rey Dom Joam, que a tudo se mostrou quam docil [177v] se podia deseyar, aprendendo as orações e rezando com todos os sinaes de verdadeira fee e devação, ouvindo e falando dos misterios da vida de Christo N. Senhor como homem que os entendia e sentia, derramando muitas lagrimas diante da imagem do santissimo crucifixo, enfim às portas fechadas era christão. Tinha contudo escondida sua christandade e a medalha de Christo crucificado debaixo da superstição dos bramenes, com as quaes condições recebeo o sagrado bautismo por não perder o reino, o qual hum seu irmão pretendia.

E porque o P. Antonio Gomes era de contraria opiniam, disendo ser-lhe necessario manifestar-se per christam tirando as insignias de bramene, desejou o rei vir a Goa pera o tratar pessoalmente com o Bispo e outros theologos em presença do Governador da India, ao qual mandou pera isso pedir licença e embarcação per seus embaixadores: alegre nova pera Goa, parecendo-lhe que com sua vinda ficaria o Malavar quieto e confederado com os portuguezes e receberia o sagrado bautismo. Comtudo o governador

---

10 das *R*, dos *L* || 11 exercicios *corr.* m*ó* *L* || 18 santissimo *risca* sacramento *L*

---

[1] A carta do Rei é datada de 28 de Março de 1549 (publ. em DI I 539-40), na qual escrevia: «Folguaria muito que V. S. mandasse hum Padre dos apostolos...».

[2] Em Abril de 1549 (carta do P. Gomes, de fins de Outubro de 1549: DI I 528).

[3] P. Gago na carta de meados de Outubro de 1549 (DI I 555-56).

Jorge Cabral, sendo informado pelo P. Antonio Gomez como o rei ainda corria por bramene entre os seus, duvidou muito se lho aviam de permittir en Goa, parecendo-lhe couza dura receber e tratar na corte da India como a christãos [!] a quem no exterior
5 se tratava e dava por gentio.

Chamou o Governador a concelho os fidalgos da India, ao Bispo e theologos [1]: e a graça foi que a parte mais obrigada a dar seu voto pella manifestaçam e pregaçam da fee votou en favor da dissimulaçam do rei, alegando por ella que também Joseph de
10 Arimathea até à morte de Christo [2], e Gamaliel ainda depois de sua Ascenção [3], foram discipolos escondidos, e que Nicodemus só as noites lhe dava [4], nem aos mesmos apostolos obrigara o Senhor a sahir do cenaculo senão com a vinda do Spiritu Santo [5]. Ajuntavão o exemplo do martir S. Sebastião, o qual no tempo da perci-
15 guiçam trazia sua christandade encuberta debaixo do habito militar, parecendo mais no exterior com os soldados de Diocleciano emperador que com os de Christo: que pois S. Paulo circuncidou a Timoteo depois de bautizado [6], sendo a circuncição insignia do judaismo, pouco hia em trazer ao pescoço o cordam de três linhas [7]
20 por mais que foce diviza do paganismo, se o intento nam era professá-lo, como o trazem pera professar sua infedelidade os bramenes. De modo que assi como S. Paulo se fazia o mesmo com todos, guardando com os judeus a ley, a que nam estava sogeito, e mostrando-se sem ella aos gentios, tendo sempre n'alma a ley divina
25 e christam, assi se podia [178r] consentir a el-rey de Tanor que, retendo a fee no intirior, se acommodasse no exterior aos bramenes e contemporizace com os naires até assegurar seu reino e, segurado elle, sogeitá-lo à ley do Evangelho. Ajuntavam o exemplo do profeta Eliseu, o qual deu licença a Naamam siro para
30 entrar e servir de pagem de encosto a seu rey no templo do idolo

---

10 Gamiliel *LR* || 19 o *corr. mó de* a *L*

---

1 DI I 542 e CORREA IV 689.
2 Mt. 27. 57-58 e Io. 19, 39.
3 Act. 5, 34 e segs.
4 Io. 3, 2 e 7, 50
5 Lc. 24, 49 e Act. 1, 4.
6 Act. 16, 3.
7 Em sânscrito *yajno-pavita*.

Remon quando o adorava, e todavia Naaman professava a ley do verdadeiro Deos [1]. Todos se foram com este parecer, levados mais do zelo e autoridade de quem o dava, que do juizo fundado nas letras. Sahio da mesma junta que partisse logo Joam Lopez [2] com oito fustas bem esquipadas a buscar a Tanor o rei christam.

Tanto que os vassalos d'el-rei souberam a vinda de Joam Lopez, trabalharam por todas as vias de impedir sua embarcação pera Goa, e vendo que suas rezões não bastavam pera el-rey se mudar de openião que tinha, o meterão com boa guarda numa fortaleza de três cercas. Achou ali o rei huma armaçam de veado, atou-a rijamente com huma corda, e porque esta não tinha o comprimento bastante ajuntou-lhe huma touca. Estando pois todos no mais profundo sono, atou o crucifixo no cindi [3] ou guardelha [!] da cabeça. Chega-se ao pee do muro e arremeça tantas vezes as pontas do veado, thé que de huma ficarão prezas e firmes entre as ameas da fortaleza. Sobe pela touca e corda até se pôr em cima e, mudando-as a outra parte, deceo ao baixo da segunda cerca. Da mesma maneira passou a seguinte, mas o muro de fora tinha tanta altura, que ainda depois de se pendurar lhe custou o salto ficar escalavrado numa perna e na cabeça. E nam foi este o mayor trabalho em que se vio, porque sendo ali a terra alagadiça e retalhada de esteiros, ao passar de hum destes esteve o rey afogado. Enfim alcançou hum barco que o poz na capitaina com espanto e alegria de todos os seus que espertarão à salva da nossa artelharia. Em o achando menos, correram à praya enchendo tudo de prantos e lastimas, té que o rei lhe deu vista de sy com promessa de logo se tornar pera o reino.

Chegando pois a Goa foi recebido pelo Governador com toda a nobreza e povo que o esperava no caes. Dom Francisco de Lima, capitam da cidade, lhe offereceo as chaves da cidade à entrada della, e ahi o tomarão os cidadões debaixo do palio, ficando o Governador fora delle, e diante vieram em procissam o cabido, as

---

15 dos veados *corr. L*

---

[1] 4 Reg. 5, 18.

[2] Deve ler-se *Lobo* (cf. DI I 544 e CORREA IV 691). O erro vem de Lucena (537).

[3] *Sendi, xenddi, xendim :* «Carrapicho ou rabicho que trazem os hindus de muitas classes» (DALGADO II 302).

freiguezias, as relegiões com suas cruzes alevantadas, e no couce o Bispo de pontifical com hum crucifixo nas mãos, ao qual o rey en chegando adorou e bejou com mostras de muita devaçam. A gente não cabia pellas janellas e ruas. Duraram as festas dez dias 5 continuos que esteve em Goa [1]. Na propria tarde em que entrou, tratou com o Bispo e Governador a causa principal da [178v] sua vinda, que era nam lhe permetir o P. Antonio Gomez traser entre os seus a fé encuberta. Propôs elle suas rezões diante do Governador, do Bispo, do capitam da cidade, do secretario do Estado, do 10 veedor da fazenda e alguns theologos particolarmente chamados. Pouco foi mester pera virem na petiçam d'el-rey, conformando-se na rezolução do primeiro concelho [2]. O Bispo o crismou numa capela particolar [3] diante das testemunhas que bastavam pera aquelle auto. E assi se tornou pera Tanor levando ricos presen- 15 tes que o Governador e o Bispo lhe fizeram deixando-os cheos de promessas de grandes converções per todo o Malavar, e tam crentes nellas, que ambos abalaram de Goa e forão no mesmo verão a Tanor a colher o fruito que esperavão.

Mas nem o rey deu mostras da propria christandade, nem 20 deu nunca hum passo avante, nem polla dos seus fez mais que mandar (estando já lá o Bispo e Governador) arvorar duas cruzes junto aos seus paços e lançar hum pregam que todos os macuás, que sam os pescadores, se fisesem christãos ou se sahissem do reino, e quanto aos naires e bramenes que lhe faria mercê se, por 25 salvaçam de suas almas, tomassem nossa santa fee. Tudo porém ficou no antigo estado, não faltando quem cuidasse que tudo fora fingimento do rey a fim de ganhar nossa amizade [4], a qual o Governador lhe dera mais barata, comforme ao estillo da India, e concedendo-a a todos os que a pedem.

30 Porém a relegiam christam e o sagrado bautismo nunca se deve dar aos adultos senão por seu justo preço, que hé e foi sempre

---

21 lá *sobrep. mó L*

---

1 Sòmente desde 22 (ou 24) até 26 de Outubro (cf. DI I 543 572; CORREA IV 691-95).

2 Cf. DI I 542-43.

3 Na capela de S. Jerónimo do colégio de S. Paulo (DI I 547-48).

4 Veja-se a nota sobre o caso em DI I 538[15].

crer e juntamente professar a Christo sem mestura nem liga interior nem exterior da falsa doutrina ou adoraçam, porque não pode estar no mesmo lugar a luz com as trevas, nem Christo com Belial [1], nem cabem no mesmo altar a arca do Senhor e o idolo de Dagam [2], nem o pomareiro planta as boas arvores senam depois de arrancar as más [3]: quaes nam eram as cerimonias da ley ao tempo que Jozeph, Gamaliel e Nicodemus corriam com ellas, nem os apostolos e discipolos fizeram cousa que se encontrasse com a ley e fee que professavão. Porém el-rei de Tanor, posto que en secreto fizece autos de christam, comtudo em publico, onde se devera manifestar por tal, se mostrava gentio professando no exterior à vista dos naires e bramenes ser como cada hum delles no falso culto e adoraçam que dava aos idolos. Nem o gloriozo martyr Sam Sebastiam fes no exterior cousa que encontrace a ley de Deos, pois lhe era licito receber soldo debaixo do emperador gentio, trasendo as insignias militares commuas aos gentios e christãos, de modo que o tiracolo, o peito, o morriam, as armas, nam sam insignias de seita ou relegião como era a linha que o rey de Tanor trazia, [179r] ajuntando a esta falsa ceremonia sacrificios gentilicos.

E quanto à circuncisam que S. Paulo administrou a Timotheo, respondem os theologos que, posto que a ley velha já naquelle tempo era morta, comtudo ainda nam matava aos que a recebiam, pois não peccavam em a rreceber nos primeiros corenta annos depois da morte de Christo Senhor Nosso, tendo-lhe respeito por conter em si as promessas da sua vinda ao mundo, figuras e representações dos misterios de sua vida, querendo que até à suficiente promulgaçam do Evangelho se fizecem honrradas exequias e enterramento à ley de Moysés, a qual depois que huma vez foi sepultada não pode ser do christam resuscitada sem manifesto peccado de judaismo.

E quanto a Naamam, siro, tanto que teve conhecimento do verdadeiro Deos, logo lhe veo o remorso da conciencia, preguntando ao santo profeta se podia continuar com seu officio na caza

---

3 Pelial *LR* || 17 sam *risca* as *L* || 31 Namam *corr. mó L*

---

1 2 Cor. 6, 14-15.
2 1 Reg. 5, 3.
3 Ier. 1, 10.

de seu rey, que era servir-lhe de pagem de encosto, ajoelhando-se juntamente com elle quando no templo adorava os idolos; entendendo bem que já os não podia adorar, somente duvidava do serviço que fazia a seu rey no templo, se porventura os que sabiam
5 de sua converçam se escandalizarião vendo-o entrar no templo e servir ao rey idolatra. [Nem] tam escrupoloso fora el-rey de Tanor como Naamam, porque Naamam não adorava o idolo Remmon, porém el-rey de Tanor publicamente adorava os pagodes. E pera que em breve digamos tudo, o que neste caso se responde: Naamam
10 tinha officio indeferente, do qual podia usar bem e mal; mal usara se juntamente com el-rey fisera aquela reverencia exterior ao idolo, mas nam tinha elle semelhante tençam; usava bem de seu officio servindo igualmente a seu senhor de pagem de encosto no templo e fora delle, ficando-lhe este serviço tam licito num lugar como
15 no outro.

Soube o B. P. Francisco em Japam da conversam d'el-rey de Tanor [1]. Em Goa estava elle quando el-rey pedia o santo bautismo e nunca nisso falou ao Governador, porque tinha os olhos da profecia mui compridos. Não se offereceo pera esta empresa
20 vendo quam pouco avia de montar, nem menos declarou seu parecer ao Governador pera o não privar do mericimento que nesta obra podia ter. O fruito que desta converçam se tirou foi conservarem-se os principaes de Tanor em paz e amizade com os portugueses [2].

---

7 Reunon *LR* [cf. 38, 1] || 11 aquela *risca* rezistencia *L*

---

1 Já na Índia (cf. DI I 537; EX II 136).

2 O rei de Tanor pouco depois, em 1551, na «guerra da pimenta», mostrou-se hostil aos portugueses e apostatou da fé fingindo ser cristão no coração (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* nn. 4719 4732 4758 4874 6128).

[*179v*] *Carta do bispo da India em que louva a Companhia e do que neste tempo faziam os Padres no serviço divino* [1].

Cap. 6.º

Vendo peçoas de autoridade o fruito que os Padres com a graça do Senhor colhiam de seus trabalhos, escreveram a el-rey Dom Joam grandes louvores da Companhia, mas por agora baste o testemunho do reverendissimo senhor Dom Joam de Albuquerque, bispo da India, o qual numa carta que escreveo ao P. M. Simão, provincial de Portugal, dada em Cochim a vinte e oito de Novembro de 1550 começava assy:

«As forças das obras que os subditos de V. R. fazem nestas partes orientaes com seu bom exemplo de vida e santa doutrina, assi nas almas dos portuguezes pregando e confeçando, como perigrinando e convertendo per toda a India gentios e mouros, bautizando-os e ensinando-lhes a doutrina christam, e aprendendo pera o poderem milhor fazer as lingoas destas partes, me obrigam a escrever a V. R. como pessoa que o experimento e vejo tudo pellos olhos. Sam estes Padres de sua santa Companhia tam grandes obreiros e tam fielmente ajudam e descarregam tanto aos bispos na obrigaçam e pezo das almas que trazemos às costas, que esperamos elles nos escuzem estar muitos annos em purgatorio. Particularizar as suas obras e dizer per pena o fruito que fazem nas almas, nem eu me atrevo nem o tempo me bastaria. Digo somente que elles foram tochas accendidas nestas partes pera alumiar tão escura noite como a en que ellas estavão: e já por seu meyo muitas das gentes destas barbaras nasções conhecem e adorão hum só Deos vivo, e as três peçoas da Santissima Trindade como o ensina a fee catolica. Per elles hé plantada esta vinha; elles a cavam, podam e grangeam» [2].

---

4 os fruitos *corr. mó L* || 6 aguora *corr. mó L* || 28 a cavam *corr. de* acabam *L*

---

[1] LUCENA l. 9, c. 19.

[2] O texto encontra-se palavra por palavra em LUCENA 751; o original publicou-se em DI II 119-20 122.

O mesmo Bispo e outras peçoas graves escreveram também a el-rey Dom Joam, e tam boas informações lhe deram de nossa Companhia, que ouve S. A. por serviço de Deos e seu, que todos os seus colegios que na India ouvece e pello tempo adiante se
5 fizessem pera criaçam dos novamente convertidos, se entregacem aos Padres com o governo e administraçam do temporal e spiritual [1], passando pera [180r] isso provizões mui bastantes e com clausulas que nos punham en grande obrigaçam, às quaes se remetia na carta que sobre esta materia escreveo a Cosme Anes, veedor
10 da fazenda, feita em Almeirim em Fevereiro de 51 [2].

Grandemente favoreceram sempre nossa Companhia os serenissimos reys de Portugal, entre os quaez el-rey Dom João o terceiro com tam honrrozas palavras nos punha aos proprios hombros as obrigações que tinha de procurar a converçam dos infieis desta
15 parte, que não pretendia menos em suas provizões descarregar-ce a si que fazer-nos mercê a nós. Escreveo também à santidade do papa Julio terceiro de Coimbra em Novembro do presente anno de 50 em que andamos o muito que N. Senhor se servia do B. P. Francisco e de seus companheiros, particularizando o martirio do
20 bem-aventurado P. Antonio Criminal e converçam de el-rey de Tanor e de muitos infieis, pedindo-lhe muito encarecidamente favorescece as couzas destas partes, pera o que inviava a Roma o P. M. Simam de quem se podia milhor enformar [3].

Nem foi o bom Rey menos sollicito da emenda dos custumes
25 e reformações das vidas dos portugueses da India que da converçam dos infieis, procurando mandar peçoas idoneas pera hum e outro, encomendando aos governadores e officiaes de sua fazenda dessem liberalmente o necessario aos ministros do santo Evangelho [4]; e levava particolar gosto de ouvir as boas novas da converçam e

---

14 as *corr. de* os *L*

---

1 Do conselho real (a fins de Fevereiro de 1550, no qual se trataram estes argumentos), v. DI II 21-24 36.

2 Esta carta parece estar perdida. Por documento real de 20 de Fevereiro de 1551, deu João III à Companhia os colégios de Goa e de Baçaím (DI II 189-92).

3 A carta de D. João III, de 10 de Novembro de 1550, foi editada já várias vezes, por ex. em MI *Scripta* I 667-69 (cf. STREIT IV n. 654 e SCHURHAMMER, *Quellen* n. 4535). Cf. LUCENA 752-53.

4 Cf. F. d'ANDRADA, *Chronica del Rey D. João III,* quarta parte, c. 73.

reformação dos custumes, nas quaes os Padres tiveram tam grande parte em todo o tempo e particolarmente neste da absencia do B. P. Francisco.

Neste mesmo anno de sincoenta ouve o P. Reitor de S. Paulo dos gancares da ilha de Chorão hum sitio accommodado, no qual se edificou a igreja de N. Senhora da Graça, propria da Companhia, em que se bautizou toda a gente da ilha e por muitos annos tivemos cuidado della [1].

Mas ouçamos o P. Visitador Alexandre Valignano, o qual com [180v] singular juizo notou o grande cuidado que o serenissimo Rey teve na grande reformaçam e mudança que ouve no Estado da India per meyo dos obreiros que a ella mandou. Diz pois assi o P. Visitador no summario que fez do B. P. Francisco [2]:

«Davam mui particular exemplo de vida os Padres e Irmãos da Companhia que o P. M. Francisco escolhera pera levarem adiante as empresas que elle começara, proceguindo-as con tanto fervor que se via bem serem filhos primogenitos de tal Padre. De sorte que, com sua doutrina e obras, abriam os portuguezes os olhos per toda a India e como que sahiram das trevas à luz: renovaram e mudaram as vidas, apartando o preciozo do vil e estranhando-ce os peccados publicos, de que nenhum caso se fazia dantes assi na materia da honestidade como na de mercancia, onde se deixaram muitas maneiras de contratos e fiseram grandes restituições: frequentavão-se os sacramentos, trocava-ce o pejo que os homens té entam tiverão, de parecer devotos, no que já avia en todos, de ser escandalozos. E como a gente portugueza seja de seu natural bem inclinada, foi com estas ajudas, depoes da graça de Deos N. Senhor, e com a boa ordem e industria dos prelados e de todos os outros relegiozos, en tanto crecimento o credito e reputaçam da vertude, que há muito tempo se tem na India por grande afronta saber-se de hum homem que nam vive em honestidade. E posto que não faltem peccados (pois hé neceçario aver escandolos no mundo [3], que nam dá de si mais que estas más espinhas, como a terra depois da maldiçam [4]), comtudo bem considerada a calidade dos ares, a

---

[1] Cf. DI II 292 605 e VALIGNANO, *Hist.* 184.

[2] Trata-se da *Historia del principio y progresso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales* 182-84.

[3] Cf. Mt. 18, 7.

[4] Cf. Gen. 3, 17-18.

licença e soltura com que nelles viviam antes os homens, nam hé senam digna de grande espanto a modestia e christandade dos soldados e portuguezes na India, porque o respeito que elles guardam e tem às cousas da Igreja, aos prelados, aos religiozos e pessoas
5 ecclesiasticas, a frequencia com que pello discurso do anno continuão os sacramentos da confissam e comunham, a pontualidade com que todos os recebem antes de se embarcarem pera hir d'armada, mais parece sem duvida de homens que vivem em Religiam, que de gente que segue a guerra com tanto valor e esforço como
10 elles o fazem. Na qual mudança, que verdadeiramente foi da dextra do Senhor [1], ainda que, como já disse, trabalharão muito os prelados [181r] e pessoas religiosas, tudo se deve principalmente à sancta memoria dos gloriosos reis Dom Joam o terceiro e Dona Caterina, sua molher, que governando seus reinos com tanto zelo
15 e providencia, derão principio à extirpação das antigas desordens, reformando e ajudando ainda as mesmas Religiões, e pondo e deixando seus vassalos numa nova forma de vida e custumes verdadeiramente christãos. Com os quaes principes de tal maneira se conformou o serenissimo rei Dom Sebastião, seu neto, que tem
20 bem que choror o mundo pello perder tão de repente e na frol da idade. Não menos se devem as graças de todas estas mercês de Deos ao catolico e devotissimo rei e cardeal Dom Anrique, que oje vive [2], assi pello tempo em que teve o governo, como pelo em que possuio o cetro destes Estados, governando-os num e no outro com
25 tanta inteireza e respeito do serviço de Deos e reformaçam das vidas de seus subditos, que igualmente o podem tomar os reis por regra e os prelados por espelho».

---

12 *Deste* e pessoas *m2 L*

---

1 Ps. 76, 11.

2 No texto original de Valignano: *que agora reyna*; indica esta data o tempo em que o Visitador escrevia a sua História.

Da morte do Irmão Luis Mendes e do que passou na Costa [1].

Cap. 7.º

Diz o sancto Job que hum sangue toca outro sangue [2]. E o real profeta David que hum abismo chama outro abismo [3]. O sangue que o bem-aventurado P. Antonio Criminal derramou junto dos baixos de Remanancor tocou ao Irmão Luis Mendes de nossa Companhia pera que liberalmente vertesse o seu pello augmento e defensão da christandade; o abismo da misericordia, de que Deos usou com o primeiro martyr de nossa Companhia, chamou o segundo na mesma Costa da Pescaria.

Avia no reino de Travancor hum gentio poderoso em armas e gente de guerra, o qual com seus soldados servia a el-rey, mas elles de quando em quando se desmandavão roubando os christãos e gentios. Pello que forão fazer queixume ao capitam do naique de Maduré que residia no Cabo de Comorim e, desejando elle castigar semelhantes insultos e roubos, mandou cortar as cabeças a não sei quantos [4] daquelles soldados. Sendo pois seu capitão informado que forão mortos a petiçam dos christãos do Cabo, mandou dar de noite no lugar dos christãos. Entendendo o Irmão Luis Mendes (o qual estava recolhido na igreja) que os badagás erão aly chegados, ao sair per huma das portas travessas foi alanceado pollos inimigos de nossa sancta fee [5].

Era este Irmão de muita virtude e raro exemplo e de profunda humildade, e tinha especial graça pera servir no hospital aos mais desemparados, principalmente aos doentes de chagas, de que todos fogião: o que bem mostrou em Coulão, porque estando elle no colle-

---

24 de³ *corr. m6 de* da *L*

---

1 LUCENA l. 9, c. 20.

2 Os. 4, 2.

3 Ps. 41, 8.

4 Segundo uma relação sobre *os Padres e Irmãos que na Pescaria são mortos,* escrita pelo P. H. Henriques no ano de 1583 «mandou matar a dous ou três delles» (*Goa 38*, f. 300r).

5 Foi morto pelo mês de Dezembro de 1552 (cf. DI II 609).

gio, antes que fosse mandado à Costa, servio per muitos dias a grande numero de doentes [181v] de bexigas que estavão no hospital que nossos Padres tinhão a seu cargo. E estava já tam mortificado em servir e curar os doentes daquella enfermidade, que nunca nelle
5 se enxergou asco algum, antes muita alegria e contentamento [1] que Nosso Senhor lhe dava naquella obra de tanta caridade. Veo o Irmão Luis Mendes do Reino no anno de 1548 na mesma nao em que veo o P.e Mestre Gaspar, e se converteo em seu exemplo; o B. P. Francisco o recebeo em Goa na Companhia [2] depois de fazer no nosso
10 collegio os Exercicios Spirituaes.

Neste mesmo tempo tinha o Padre Anrique Anriques ganhado tanto credito de doutrina nos lugares da Costa, que fazendo grandes diligencias por se encontrar com os mouros e gentios, que entre os seus erão avidos por mais doutos, pera disputar com elles, já lhe
15 fugião per todas aquellas partes, tendo primeiro avido delles muitas vitorias com notavel fruito e alegria dos christãos. Aqui achara o Padre hum jogue de raro entendimento e saber, que per tradição e doutrina doutro gentio tinha noticia da criação do mundo, engano de Eva pella serpente e culpa de Adão, posto que entre
20 outros erros dizia que primeiro que peccassem viverão ambos muitos annos no paraiso e graça virginal. Não fazia este nenhum caso de idolos nem pagodes, mas adorava somente ao verdadeiro Criador do mundo, e estava tam avante na luz dos preceitos e philosophia moral que preguntando-lhe o Padre em varios casos o que era peccado
25 ou não, a todos respondeo tanto ao certo, como o podera fazer entre christãos hum homem prudente. Era exemplar nos custumes e mui dado à contemplação da primeira causa, a qual trazia sempre nos olhos, buscando-a e descobrindo-a em todas as criaturas com tão bons discursos, que fazia muitas envejas ao Padre Anrique Anri-
30 ques. Mas como sem a fee e graça de Christo Nosso Redemptor nada seja perfeito, logo tinha tanta soberba e presumpção de sy mesmo, que alevantando-se e arrebatando o ceo muitos dos idola-

---

14 doutos *corr. de* devotos *L*

---

[1] Tudo até aqui segundo a mencionada relação do P. H. Henriques (*Goa 38*, ff. 299v-300r). Cf. também VALIGNANO, *Hist.* 287-88.

[2] Carta do P. Barzeu, de Goa, 13 de Dezembro de 1548 (DI I 384) e do mesmo Luís Mendes a fins do dito ano (DI I 447-48).

tras cegos e paravás ignorantes, elle ficava sempre de fora em prova de quanto mais longe nos tem de Deos a falta da humildade que a do saber [1]. Dous annos fez o Padre oração porque o Senhor o alumiasse, pedindo per suas cartas à Companhia de Europa que o ajudasse no mesmo requerimento [2]. Ouvio Deos as orações de seus servos. O jogue se converteo com grande aballo de toda a Costa e edifficaçam dos novos christãos e portugueses [3], a quem fazia espanto a brandura, devaçam e lagrimas continuas em que a graça bautismal logo trocou a soberba e arrogancia daquella alma [4].

Da conversão do rey das ilhas de Maldiva e dos nossos que vierão do Reino [5].

Cap. 8.º

[182r] Por este mesmo tempo se converteo el-rey de Maldiva [6], mancebo de atté vinte annos de idade. Foi catequizado no nosso collegio de Cochim [7], o qual vindo-se a valer do governador Garcia de Sá contra os motins e rebelião dos proprios vassalos, que o obrigarão a sahir do reino das suas onze mil ilhas, foi tam ditoso que lhe deu o Senhor livre entrada no reino do ceo mediante o sancto bautismo. Alegrou esta conversão a India toda esperando que apoz a cabeça fossem os membros, e que como não avia mais

17 o *sobrep. mó L*

1 Carta do P. H. Henriques, Vêmbâr, aos 31 de Outubro de 1548 (DI I 291-93).

2 DI I 292.

3 Foi baptizado no dia do Espírito Santo de 1550, chamando-se desde então Manuel Coutinho (DI II 159-60 398).

4 Já no princípio de Novembro de 1552 referem que ele tinha falecido algum tempo antes (DI II 398). Todo este parágrafo foi buscar Gonçalves a Lucena (756-57).

5 LUCENA, l. 9. c. 20 (fim).

6 Chamava-se Hasan este rei, e depois da conversão ficou sendo D. Manuel (DI II 277-78).

7 Pelo P. António de Herédia (cf. carta deste a S. Inácio, Janeiro de 1552, em DI II 292).

de trinta annos [1] que o gentio daquellas ilhas tomara por menos occasião a seita de Mafamede, assi receberia agora nossa sancta fee, tornando os portugueses o rey de posse dellas já feito christão. Mas o fim não respondeo ao principio, que por derradeiro convertido e casado com huma donzela portugueza [2], de muita virtude e nobre sangue, acabou o curso da presente vida velho, pobre e desterrado em Cochim, sem que por sua restituição nem polla conversão de seu reino se fizesse nunca cousa que montasse. E o que ainda deve causar mayor magoa e sentimento, como realmente causou a todos os bons, foi, que andando Dom Francisco seu filho mais velho e principe do reino na era de 1581 em Lisboa requerendo à magestade d'el-rey Dom Felippe, segundo entre os da Castella e o primeiro deste nome dos reis de Portugal, que àquelle tempo tinha sua corte na mesma cidade, sobre os despachos de seu pay e estado, o matarão huma noite às estocadas, tendo já o fato embarcado pera se tornar à India. Este veo a ser o derradeiro auto da tragedia que o mundo, conforme a seu custume, representou nos successos do pay [3]. Agazalhou-se Dom Francisco, por ordem da Magestade Catholica, ao desembarcar da nao na casa de S. Roque da Companhia de Jesu. Soccedeo-lhe no reino Dom Joam seu irmão, o qual falleceo em tempo do viso-rey Aires de Saldanha [4]. Deixou hum filho herdeiro per nome Dom Fellippe e huma filha, os quaes a rainha sua mãy cria em temor e amor de Deos. Morava no anno de 604 e nos seguintes junto à cruz de Sam Paulo, onde el-rey todos os dias ouvia missa e frequentava nossas escolas.

Em Setembro de 1551 vierão do Reino os Padres Belchior Nunes, Gonçalo Rodriguez, Manoel de Moraes [5], o mais velho, e

---

23 amor *corr. de* temor, *ficando o* t *L*

---

1 Eram passados mais de *300* anos (DI II 292[10]).

2 D. Leonor de Ataíde, filha de Heitor de Sousa de Ataíde (DI II 278 286[23]).

3 LUCENA 761.

4 1600-1603.

5 O P. Manuel de Morais sénior nasceu entre 1511 e 1513 em Bragança, entrou na Companhia já sacerdote, aos 29 de Abril de 1545, em Coimbra, chegou à Índia em 1551 e faleceu em Goa no verão de 1553 (EX II 341[1]; GONÇALVES l. 6, c. 19).

Antonio d'Aredea[1]. Vierão também os Irmãos Christovão da Costa[2], Pero d'Almeida[3] e Manoel Teixeira, que em Lisboa foi recebido na Companhia à partida das naos. Vierão mais outros cinco para em Goa serem recebidos, que forão os Irmãos Aleixo Madeira[4], Belchior Dias[5], Francisco Durão, Antonio Dias[6] e Jorge Nunes[7], o qual falleceo na viagem.

Também Nosso Senhor levou pera sy o Padre Paulo do Valle, ao qual o B. P. Francisco custumava chamar homem de muita virtude[8]. Padeceo muito no Cabo de Comorim estando prezo por obra de hum mez com hum grande cepo nos pees, onde os infieis o tratarão de tal maneira, que de puro padecer veyo a morrer depois de solto em Punicale, estando muitos mezes doente, no qual tempo deu grandes mostras de paciencia e humildade[9]. Sabia

---

1 P. António de Herédia, natural de Bragança, onde nasceu entre 1513 e 1519. Entrou na Companhia em Coimbra no mês de Setembro de 1545; de 1553 a 1557 esteve quase sempre em Ormuz, depois trabalhou em Goa, Baçaim e Chaul. Em 1561 voltou para Portugal, onde no ano seguinte foi despedido da Companhia (DI II 7*).

2 P. Cristóvão da Costa, nasceu pelo ano de 1525, entrou na Companhia em Coimbra a 3 de Janeiro de 1550; acabou seus estudos em Goa onde se ordenou de sacerdote; de 1561 a 1572 trabalhou em Malaca, e de 1575 até à morte, em 1581, em Macau (EX II 377[7]).

3 P. Pedro de Almeida, nasceu por 1527, entrou na Companhia em Coimbra a 25 de Março de 1549; ordenado sacerdote em 1558, foi um dos mais zelosos missionários da conversão dos infiéis em Goa e arredores, e mais tarde em Damão e Baçaim, onde faleceu em 1579 (VALIGNANO, *Hist.* 180[8]).

4 Irmão Aleixo Madeira, de nobre e rica família lisboeta, foi, em 1552, enviado ao Cabo de Comorim, onde faleceu nos fins do ano seguinte (VALIGNANO, *Hist.* 181[13], DI II 644).

5 P. Belchior Dias, nasceu pelo ano de 1531, entrou na Companhia em Lisboa em 1551; em 1562 era ordenado sacerdote, e em 1582 despedido da Companhia (VALIGANO, *Hist.* 181[12]).

6 P. António Dias, cristão-novo, acompanhou em 1552 o P. Morais sénior a Ceilão, e em 1554 o P. B. Nunes Barreto à China; era subdiácono em 1566 e mais tarde sacerdote; foi por muitos anos missionário entre os paravás, falecendo em Chaul em 1581 (DI II 521[1]).

7 De Jorge Nunes há pouquíssimas notícias; faleceu cerca de cem léguas antes de chegar a Goa (DI II 647).

8 Refere Xavier ao P. Barzeu, Cochim, 24 de Abril de 1552: «Escrevem-me do Cabo de Comorim que hé morto o P. Paulo, *pessoa de muita perfeição e virtude*» (EX II 437-38).

9 Faleceu a 4 de Março de 1552, de tísica. Escreve dele o P. H. Henriques a 5 de Nov. de 1552: «Tres meses esteve enfermo, em os quais padeceo grandissimas dores e tormentos» (DI II 389).

a lingoa malavar[1] com que muito ajudava aos christãos. A Centuria dos martyres da Companhia o faz martyr[2] por relação [182v] do que escreveo o Padre Antonio de Quadros a seis de Dezembro de mil e quinhentos e cincoenta e cinco[3].

5 *Do cativeiro do P.e Anrique Anriques, do capitão da Costa, portuguezes e paravás, aos quais libertou com seu valor Gil Fernandes de Carvalho.*

Cap. 9.º

Temos por autor do que avemos de escrever o mesmo
10 P.e Anrique Anriques da nossa Companhia que foi hum dos cativos que os rumes[4] tomarão na Costa da Pescaria[5]. O caso passou desta maneira.

Estando Manoel Rodriguez Coutinho por capitão da Costa da Pescaria (que por antam tinha seu assento em Punicale), chegarão
15 àquellas partes alguns rumes em navios de remo, em que vinhão muitos mouros de Calecut, aos quaes se ajuntarão outros de Pataná[6]. Feitos todos num corpo determinarão dar de improviso sobre o capitão e portugueses. Chamava-se o capitão dos rumes

---

1 I. e. tamil (DI II 388).

2 *Centuria Martyrum Societatis Iesu* (Antverpiae 1608) 186, n. VIII.

3 As palavras do P. Quadros sobre o P. Vale são estas: «Foi prezo huma vez dos jintios, os quais o tiverão hum mes en hum tronco, com lhe não darem mais a comer que hum pouco de arôs seco com huma pouca d'agoa» (MX II 962). Em todo este necrológio Gonçalves depende indirectamente de Quadros, directamente porém da citada *Centuria Martyrum S. I.*

4 *Rume:* «Turco, em geral no Oriente» (DALGADO II 264).

5 Esta carta parece ter-se perdido, mas o P. H. Henriques menciona-a escrevendo a S. Inácio a 31 de Dez. de 1555: «Foi elle [o capitão português] com a molher e muytos portugezes e molheres portugezas e eu juntamente todos cativos do senhor da terra e muyto mal tratados, de que há dous anos escrevi largamente a V. P., mas não sey se forão laa as cartas porque ouvi dizer que mui poucas naos daquelle ano chegarão a Portugal» (*Goa 8 1,* f. 82r). Há, porém, outra relação do mesmo Padre escrita depois de 1579 (texto em *Goa 38,* (305r-09r).

6 Kâyalpatanam, ao sul de Punicale (EX I 244*, 228 234).

Irajaly [1], o qual se concertou com Vichuva naique [2], capitão dos badagás, fronteiro a Punicale para que o ajudasse contra os portugueses, o que elle folgou de fazer pollas presas que esperava. Desembarcou a gente inimiga ao primeiro de Mayo [3] pondo a povoação a fogo e ferro sem resistencia dos naturais, que por serem paravás e mais custumados à pescaria do aljofar que ao meneo das armas logo se poserão em fugida. E como os portugueses não fossem tantos que podessem resistir aos barbaros, recolherão-se polla terra dentro o capitão, portugueses e paravás, todos com suas molheres e filhos, e com elle o Padre Anrique Anriques, superior da Costa. Porém o badagá, que estava concertado com os rumes, veo sobre os nossos e os prendeo a todos despojando-os de quanto levavão.

No mesmo dia da prisão e desbarate fez o capitão badagá vir em sua presença e dos cativos hum rume que prometeo por elles cem mil fanões [4], se lhe fossem entregues como inimigos pera os justiçarem ou pello menos resgatarem com dobrado interesse; ajuntava porém o badagá que se os nossos lhe prometessem e com effeito dessem a mesma contia de dinheiro os deixaria ir livres e os não entregaria ao capitão rume. E porque a gente opprimida com mais facilidade promete do que cumpre as promessas, prometeo Manoel Rodriguez Coutinho, capitão dos portuguezes, que também padecia com os companheiros o mesmo cativeiro, cem mil fanões por todos os cativos. Porém vendo que os não podia pagar lho significou dahy a poucos dias, dizendo que estavão roubados.

Os rumes se forão victoriosos pera Calecare [5], onde os foi buscar o valeroso capitão Gil Fernandes de Carvalho, o qual estando em Cochim soube como os imigos tinham passado o Cabo de Comorim e forão dar no arrayal da pescaria, que aquelle anno se fez em Mugel [6], além de Manar, e tinha cativos alguns christãos e que estava determinado de dar sobre os portugueses de Punicale.

---

7 meneo *corr. de* met *L*

---

1 Râjâ 'Alî (cf. *Goa 38*, f. 305r).
2 Vishva(nâtha) Nâyaka.
3 Do ano de 1553.
4 Ou dez mil cruzados (cf. VALIGNANO, *Hist.* 291).
5 Lugar entre Vêdâlai e Vêmbâr (*Mohit*, táb. XVIII).
6 A ilha de Musel, entre Râmeswaram e Kîlakarai.

Falou-lhe o Padre superior da nossa casa de Cochim [1] [183r] pera que fosse socorrer ao capitão da Costa, o que elle aceitou de boa vontade, como também o tinha já feito no cerco de Malaca. E se na feitoria lhe derão o aviamento com presteza sempre chegara a
5 tempo que impedira a desembarcação dos rumes em Punicale; e assi lhe foi necessario armar cinco fustas à sua custa, buscando dinheiro sobre penhores pera fazer paga aos soldados e, doente de huma perna, se embarcou confessado e commungado, e chegou a Punicale cinco dias depois do desbarate. Sabendo que os rumes
10 estavão em Calecare, os foi demandar com grande animo.

Indo pois já à vista dos imigos, huma das nossas fustas que se tinha apartado das outras [2] com o temporal que sobreveo foi forçada pelejar com os rumes que lhe sairão ao encontro, e pelejarão com muito esforço e valor matando a muitos dos contrairos,
15 entre os quaes foi o capitam-mor, porém os nossos forão todos mortos, tirando hum. Vendo Gil Fernandes o desastre daquelle navio, se foi muito triste e desconsolado à Ilha das Lebres por o tempo lhe não dar lugar a pelejar com os rumes. E não sabendo por então da morte do seu capitão, quasi todos os portugueses
20 erão de parecer que não estava em tempo de pelejar com a armada inimiga, por estar victoriosa e com mayor numero de gente e navios bem petrechados: que se devia ir a Negapatão e, quando a moçam desse lugar, voltasse sobre elles com mayor armada. Porém Gil Fernandes insistio que em nenhuma maneira se avia
25 de ir sem demandar os rumes, e pera isto armou huma fusta de carga das que hiam pera Negapatão.

Avia em Periapatão hum maravá [3], o qual estava aggravado do capitam rume por não fazer caso delle, como fez doutros da mesma casta penhorando-os com dadivas pera os ter da sua parte.
30 Teve pois o maravá aviso como o capitão-mor dos rumes era morto na peleja e o mandou dizer a Gil Fernandes de Carvalho, inci-

---

[1] O P. Francisco Pérez, que relatou também estes acontecimentos a S. Inácio em carta escrita de Cochim aos 21 de Janeiro de 1555 (*Goa 8 1*, ff. 74v-75v: DI III 252-53).

[2] Foi o navio de Lourenço Coelho, natural de Tânger (COUTO, *Déc.* VI, l. 10, c. 9; DI III 252-53).

[3] Esta casta habita principalmente nos distritos de Tinnevelly e Maduré (cf. THURSTON, *Castes and tribes of Southern India* V 22-48). Foi entre esta gente que missionou e padeceu martírio S. João de Brito.

tando-o a que viesse pelejar por mar com os rumes e que elle o ajudaria com muita gente por terra dando em Calecare. Foi grande alvitre pera o capitão português e já se prometia a vitoria. E o maravá foi tão cortesão, que mandou hum christão da terra, chamado Francisco de Siqueira, que fosse de sua parte dar reccado aos rumes que estivessem aparelhados, porque avia de ser logo com elles a pés juntos pera provar seu esforço e valentia. Se bem o disse melhor o fez.

De modo que Gil Fernandes por mar e elle por terra, vencerão os inimigos, os quaes depois de saidos de porto com a vela dada e o remo em punho, postos todos em armas com grandes gritas, tornarão a voltar mais depressa do que partirão. Porque a nossa gente levava o santissimo nome de Jesus na boca ferindo os ares com tão suave melodia, que os fez tornar atraz. E desemparando os navios, saltarão em terra e cairão nas mãos do maravá, ao qual também os nossos ajudarão valerosamente tomando satisfação das afrontas passadas. E os mesmos maravás que estavão da parte dos rumes se ajuntarão com os outros a roubar e a matar, ficando os rumes de todo desbaratados e os navios por nossos: que erão doze galeotas e mais de 40 chalatones [1], que tinhão tomado aos christãos; e as casas dos mouros que lhes derão porto forão abrasadas. Mas ainda durava o cativeiro dos portugueses e do P.e Anriques.

Tanto que [183v] Gil Fernandes de Carvalho alcançou a vitoria, mandou huma embaixada ao badagá, em cujo poder estavão os portugueses, pedindo-lhe os mandasse soltar. Porém elle o não quis fazer, pello que Gil Fernandes além de escrever a hum mouro seu amigo alcançasse d'el-rey de Bisnagá a liberdade dos nossos, mandou também fazer crua guerra aos lugares maritimos. E os vassalos atemorizados lhe levarão alguns pelouros de berço e falcão, dizendo o muito que padecião da nossa armada por elle não querer soltar os portugueses. Agastou-se o barbaro grandemente com a mostra dos pelouros e mandou que o cunhado do capitão e três ou quatro portugueses com o Padre Anrique Anriques fossem

---

8 o[1] *sobrep. mó L* || 20 chalatões *corr. mó L*

---

1 *Charatone:* «Barco de mercadoria na Índia meridional» (DALGADO I 263).

todos levados ao caluete [1], que hé como mandar enforcar. Porém os nossos abrandarão sua furia com lhe dizer que nenhuma culpa tinhão na guerra que Gil Fernandes fazia; que se o avia por lhe dizerem que lhe não podião dar os cem mil fanões que lhe prometerão, que trabalharião por lhos dar, e com este recado mandou que os não matassem. Passados dous mezes e meo que estavão cativos veo o recado d'el-rey de Bisnagá pera que os posessem em liberdade e restituissem o que tinhão roubado, e o badagá pedio secretamente ao capitão Manoel Rodriguez Coutinho mil pardaos, os quaes derão com muita liberalidade os christãos da Pescaria [2].

Mas não hé bem passar em silencio os trabalhos do cativeiro. Aos portugueses lançarão ferros, porém o Padre no principio andou solto. Depois o prenderão juntamente com hum moço com huma mesma cadea, da maneira que andão os forçados das galés. Crecendo a cobiça no badagá, estreitou a prizão ao Padre pera que os portugueses lhe prometessem boa quantidade de cruzados. Mandou que lhe lançassem ao pescoço hum colar de ferro e do elo do pé ao pescoço travasse huma cadea de palmo e meo. Postos os nossos em liberdade, chegarão com grande contentamento dos christãos a Tutucurim, onde acharão a Gil Fernandes de Carvalho dando-lhes o parabém da vitoria e todos as devidas graças polla mercê que delle receberão, escrevendo ao viso-rey Dom Afonso de Noronha quam valerosamente se tinha avido naquella empresa, pera que S.S. lho soubesse agradecer e satisfazer, como fez remunerando liberalmente o serviço que a Deos e ao Estado naquella jornada fizera.

---

21 todos *risca* as devidas *L*

---

[1] *Caluete:* «Pau para empalar; suplício do empalamento, na Índia dravídica» (DALGADO I 187).

[2] Couto tem um capítulo inteiro sobre a vitória de Gil Fernandes de Carvalho (*Déc.* VI, l. 10, c. 9). Cf. também VALIGNANO, *Hist.* 289-92.

Vida do P.e Mestre Gaspar [1].

Cap. 10.º

O P.e Gaspar Francisco Barzeu nasceu em Gousa [2], cidade insigne de huma das ilhas de Zelandia, chamada Zuitbeveland. Seu pay se chamava Francisco e sua mãy Inês, gente pobre e popu- 5 lar, a quem o filho emnobreceo com sua sancta vida e doutrina, na qual foi criado. Depois dos principios da gramatica, que aprendeo em sua patria, foi estudar à universidade de Lovaina, metropoly do ducado de Brabancia, na qual estudou artes e a sagrada theologia. Acabado o curso da filosofia, recebeo grao de mestre nella 10 em premio de sua diligencia e saber. De Lovaina foi ter a Portugal [3] tomando porto na insigne cidade Lisboa e, vendo que era estrangeiro e não tinha arrimo nem sostentação, servio a Sebastião de Moraes, thezoureiro-mor do Reino, o qual [184r] era casado com huma senhora filha de Jacome de Olanda [4], que por ser da mesma 15 nasção o favorecia.

Aconteceo-lhe com o amo hum caso de edificação, e foi. Imaginou Sebastião de Morais que o criado cometera certa cousa e, levado da colera, o espancou sendo elle innocente. Sofreo com paciencia Mestre Gaspar as pancadas, e recolhendo o pao com que 20 o amo lhas dera, se foi depois de passada a colera com elle ao thezoureiro-mor (que já neste tempo tinha deixado a ira) e lhe disse: «Eis aqui, senhor, o pao e a vara; se vos parece que eu fiz o que

---

23 eu *risca* não *L*

---

1 LUCENA l. 10, c. 1; TRIGAULT, *Vita Gasparis Barzaei* l. 1, cc. 1-12; o fundamento principal é a carta de Barzeu de 13 de Dezembro de 1548 aos Padres de Coimbra (DI I 382-406).

2 Goes.

3 LUCENA 762, segundo a carta de Barzeu a S. Inácio, Goa 16 de Dezembro de 1551 (DI II 247).

4 Este nome falta no livro impresso de Trigault, mas encontra-se no manuscrito conservado em Bruxelas *(Bibl. Royale 4020 = 5166/67)*. Gonçalves nunca cita a obra de Trigault (impressa em 1610) escrita em Portugal em 1606. O autor passou em 1607 à Índia (cf. E. LAMALLE, *La propagande du P. Nicolas Trigault en faveur des missions de Chine* em *Archivum Historicum S. I.* 9 [1942] 52). Parece-nos ter levado uma cópia para Goa e dela ter tirado Gonçalves muitas informações sobre o P. Barzeu.

não devia, castigai-me, porque não sou eu homem que me queira escusar do castigo que mereço: mas peço-vos que não castigueis os criados quando estiverdes agastado», com que o amo ficou não menos espantado que edificado [1].

5 Servindo pois Gaspar Francisco ao thezoureiro-mor, acompanhava a seu amo quando hia ao paço, no qual se encontrou com o Padre M. Simão Rodriguez, hum dos primeiros companheiros do B. P. Ignacio e que fundou a Provincia de Portugal, a quem el-rey Dom João queria fazer bispo de Coimbra por morte de Dom Jorge 10 d'Almeida [2], mas regeitando elle esta honra não se pode escusar de succeder a Frey João Soares, agostiniano, mestre do principe Dom João, succedendo elle no bispado ao Padre offerecido [3]. Vendo pois M. Gaspar que melhor era servir a Deos que ao mundo e que a Companhia por ser Religião nova lhe armava (pois estando em 15 seus principios e primeiros fervores procedia com grande exemplo), pedio ao P.e Mestre Simão o recebesse, o que elle fez não sabendo que era letrado, avendo que seria bom pera Irmão coadjutor, pois servia a outrem e tinha forças e idade pera servir no ministerio de Marta. Recebido elle em Lisboa, foi fazer o noviciado a Coimbra, 20 não avendo mais de quatro annos que o nosso collegio era fundado. Entrou na primeira provação aos vinte de Abril de 1546 [4], fechando o numero de cento e vinte e sete que avia no collegio.

Mandou o P.e M. Simão aos Irmãos noviços algumas sentenças pera que cada hum dissesse sobre ellas o que Nosso Senhor 25 lhe desse a sentir, porque os avia de visitar polla festa do Natal. Foi, e cada Irmão tinha seu colloquio feito pera apresentar ao menino Jesu. E porque o do P. M. Gaspar hé muito devoto, me pareceo referi-lo neste lugar, e diz desta maneira falando com o P.e Provincial:

30 «Nam vim à Religiam pera ser servido, senão pera servir; nem pera buscar delicias, senão a Jesu Christo crucificado, pera o seguir em santa pobreza, castidade e obediencia, como primeiro prometi. E portanto digo e faço voto que estou apparelhado e me entrego totalmente nas mãos de V. R. pera ser perpetuamente

---

1 TRIGAULT, l. 1, c. 1.

2 Faleceu a 25 de Julho de 1543.

3 Foi nomeado bispo de Coimbra a 22 de Maio de 1545.

4 Assim se lê também no catálogo dos recebidos em Coimbra (*Lus. 43 1*, f. 2v).

coadjutor dos Padres professos da Companhia de Jesu, ou seja pera cozinheiro, ou pera varredor, ou pera comprador, ou pera correo de pé levando as cartas e recados por mar e por terra a qualquer parte do mundo onde for mandado pera mayor gloria divina, ou vá a terra dos christãos ou dos mouros, turcos ou dos gentios ou dos hereges. Também me entrego em nome de Jesu Christo nas mãos de V. R. e a qualquer outro de nossa Companhia pera obedecer e servir aos doentes e em quaesquer officios [184v] assi de casa como de fora; e a quaesquer proximos pera gloria divina sem exceição alguma, aos leprosos, aos apestados, aos doentes de cancer ou de qualquer outro mal por contagioso que seja. Também me offereço pera quaesquer peregrinações a quaesquer terras por mais apartadas que sejão, a India, a Ethiopia, a Guiné, vestido pobremente, padecendo fome, sede, frio e calma, chuivas e neves, e qualquer outra necessidade conforme ao que parecer a V. R. ou a quem estiver em seu lugar. Seguirei o Cordeiro pera onde quer que for [1] com o mesmo passo, armado com o mesmo pensamento. Não desejo ser professo, nem desejo ter vontade pera tal cousa, salva sempre a vontade de Christo Nosso Senhor, e de V. R., se mandar outra cousa. Todas estas cousas prometo diante do Senhor e diante da gloriosa Virgem sua Mãy, e faço voto de as guardar pera sempre o mais perfeitamente que poder, e quero que tenha a mesma força como se fora voto solemne. E portanto peço a todos os Santos do ceo me alcancem de Deos graça e forças pera cumprir tudo isto tam perfeitamente atté à morte, e morte de cruz, como eu desejo; e desta maneira me ponho nas mãos de V. R. como nas de Christo pera que faça e desponha de mym como lhe parecer mayor gloria de Deos, a quem perpetuamente desejo servir» [2].

Estes erão os desejos do bom noviço, o qual se exercitava em todos os officios baixos com grande devação e humildade. Aconceo que o Padre Provincial M. Simão, indo à recreação dos Irmãos, mandou que cada hum dissesse a tentação de que era tentado. O nosso Irmão Gaspar Francisco disse diante de todos que tinha tentação de pregar, o que foi ouvido com riso dos presentes por ser tido por homem ignorante e grosseiro, no qual o demonio

---

[1] Cf. Apoc. 14, 4.
[2] TRIGAULT, l. 1, c. 2.

empregaria mal suas setas. Manda-lhe o P. Provincial que pregue do que lhe occorrer. Tomou num banco por pulpito: elle o fez tão mal e com tão pouca graça, que moveo todos a riso. Parecia que devia bastar a experiencia feita pera o demonio se dar por 5 vencido; mas o Irmão Gaspar Francisco com simplicidade columbina disse numa e outra vez que lhe dava na vontade que avia de ser pregador.

Vendo o Padre M. Simão a candura com que isto dizia o chamou ao cubiculo e lhe perguntou se andara já no estudo. Res- 10 pondeo que lhe faltava pouco pera acabar o curso da sagrada theologia. Pasmou o Padre de sua humildade e, pera que a luz não estivesse escondida, o mandou a continuar a theologia e dando mostras da sua habilidade o fez ordenar antes do Natal, e disse as três missas daquela festa [1] com grande consolação de sua alma não 15 tendo da Companhia mais de oito meses. Continuando o Padre com seus estudos não deixava de se exercitar aos dias sanctos pellos lugares vesinhos a Coimbra, e acabados elles foi no principio do anno de 1548 em missão a Figueiró e a Pedrogão [2], a quem soccedeo na mesma occupação o Padre Luis Gonçalvez da Camara [3] aca- 20 bando de ser reitor de Coimbra. Era o Padre M. Gaspar mui continuo nas pregações, e nem por isso tinha alcançado graça no pregar: e tanto foi isto assi, que chegando a Goa o mandou pregar em nossa igreja o B. P. Francisco Xavier e foi julgado por inepto pera este ministerio [4]. Mas [185r] despois veremos quanto a divina 25 graça se lhe communicou.

Despedindo-se pois dos Padres e Irmãos, se embarcou em huma das três capitainas chamada Sam Pedro. Ensinava a doutrina, dizia todos os dias as ladainhas, servia aos enfermos, buscava-lhes esmolas, fazia de comer no fogão com tanto desprezo de 30 sy mesmo, que o tratavão com descortezia quebrando-lhe humas vezes a panela, outras furtando-lha [5]. Mas sua humildade o fez

---

[1] TRIGAULT, l. 1, c. 3.

[2] Temos uma descrição muito viva dos ministérios do P. Gaspar nestes e noutros lugares, feita por D. Rui de Meneses em Abril de 1548, publ. nas *Epp. Mixtae* I 523-25.

[3] Ib. 525-26.

[4] A frase é demasiado forte; o Padre não satisfez, sendo a sua voz baixa (carta de Barzeu, Goa 13 de Dez. de 1548, em DI I 393). Cf. VALIGNANO, *Hist.* 272.

[5] DI I 383-84.

ser reverenciado e conhecido de todos, e que o ajudassem naquelle sancto ministerio, ficando-lhe tempo pera pregar e confessar e tratar spiritualmente com o proximo, e foi maravilhosa a mudança que causou em toda a nao. Entrou primeiramente em sy o capitão João de Mendonça tomando os Exercicios Spirituaes, dos quaes tirou huma grande caridade pera com os pobres doentes [1], hum novo zelo da justiça e serviço de Deos, huma brandura e suavidade nas obras e palavras, a que todos folgavão obedecer e imitar. Passageiro ouve que, dando de mão às cousas do mundo, entrou na Companhia por seguir o raro exemplo do Padre Mestre Gaspar [2].

Tomou a nao Moçambique com toda a gente sam e salva, o que todos attribuirão à diligencia e cuidado que o Padre teve dos doentes, onde também com seus companheiros ajudou a curar os enfermos que noutra nao vierão. E tomando trinta à sua conta os sostentou té à India [3], e partindo ao primeiro de Agosto, chegarão a Goa aos três de Setembro [4]. Desembarcarão com o Padre Mestre Gaspar muitos homens nobres e outros honrados, que movidos com suas pregações desejavão ser recebidos na Companhia, os quaes o B. P. Francisco recolheo no collegio pera os provar e fazerem os Exercicios Spirituaes, dos quaes hum foi Luis Mendes, ou Luis Gonçalvez, que pouco depois foi morto pellos badagás no Cabo de Comorim [5]. Dos mais não consta se forão recebidos, mas pello menos ficarão melhorados nas vidas e metidos no caminho da salvação.

O P.e Mestre Gaspar começou logo de exercitar seu talento, porque, desembarcando aos quatro de Setembro, pregou aos oito do mesmo [6], e tomou à sua conta ler no collegio de Sam Paulo huma mistura de lições, que não sei quem as ajuntara sem grande zelo de servir de tudo: porque uma era de gramatica, outra da sagrada Escritura, em que declarava os Proverbios, e a terceira do

3 a *sobrep. m6 L*

1 DI 1 386.
2 Luís Mendes (DI 1 384).
3 DI 1 392 e 310.
4 O P. M. Gonçalves refere: «llegamos a 2 ó 3 de Setembre» (DI 1 311), Barzeu: «a 4 de Setiembre» (DI 1 392).
5 Supra, c. 7.
6 DI 1 393.

curso das artes [1]; sendo juntamente ordinario confessor e tão continuo nas pregações pellas igrejas, praças e carceres da cidade, que lhe aconteceo fazer três e quatro no mesmo dia, e nenhuma somana passava em que não pregasse três e quatro vezes [2]. E porquanto
5 a caridade do B. P. Francisco abarcava muito, ordenou o P.e M. Gaspar fosse à fortaleza de Ormuz [3], pera que o fruito da pregação evangelica abrangesse também aos ormuzianos e a muitas nações que naquella fortaleza estavão.

Do que o P. M. Gaspar fez na fortaleza de Ormuz [4].

10 Cap. 11.

Ormuz pera onde partio o P.e Mestre Gaspar em Março [5] de corenta e nove hé a ilha Gerum, situada em altura de vinte e sete graos do norte, a qual, além de ser pequena, hé huma pura mineira de sal e enxofre sem criação de animal vivo, por não produzir o
15 pasto conveniente à sua sostentação, nem somentes pera [185v] as aves, nem fonte ou ribeira alguma doce de que bebão. Quando na mesa falta sal não hé mais necessario pera logo ally vir que roçar a parede da casa. É sobre huma tão geral esterilidade de tudo quanto há mister a vida, e as incomportaveis calmas, que cons-
20 trangem os homens a passar as noites e dias inteiros em banhos de agoa fria nos terrados e eirados [6], que todas as casas tem conforme ao custume da Persia, ajuntando aos banhos moços que perpetuamente estão com abanos fazendo vento aos amos e lançando cantaros de agoa doce, que vem da terra firme, pera que sintão
25 menos calma e quentura com a mudança da nova agoa refrescando os corpos. Ventão em Ormuz duas sortes de vento de qualidades

---

1 DI I 394.
2 DI I 396-98.
3 Cf. EX II 81.
4 LUCENA, l. 10, c. 2.
5 LUCENA 764. Partiu o Padre de Goa pelo dia 7 de Abril de 1549 (cf. DI I 561).
6 Barzeu à Companhia de Jesus, Ormuz, 10 de Dezembro de 1549, em DI I 645.

estranhas, hum muito frio e outro muito quente. Contra o quente se emroupão bem os moradores, e então ficão mais frios, quanto mais emroupados, e faz a agoa fria; o outro, de sua natureza frio, esquenta os corpos e agoa: cousa de que os philosophos com rezão se espantão, à qual nunca acabão de dar tão bastante, que com ella se aquiete o entendimento [1]. Por outra parte a grande sogeição da terra a espantosos tremores [2] bastavão a fazer a cidade inhabitavel, se a cobiça não tivera o mesmo imperio em tornar humas povoadas e despovoar a outras.

Esta engenhosa e poderosa paixam, sendo a ilha Gerum a que dissemos, a fez per artificio huma das mais frutuosas e deliciosas do descuberto, edificando nella a cidade de Ormuz, que hé a chave de todo aquelle estreito do mar Parseo por ficar nhuma ponta da mesma ilha, onde se vem a fazer dous portos a modo de bahias, huma da banda do levante, outra da de poente, os melhores e mais seguros que ally podem ser. E com que a terra ficou escalla de todas as mercadorias assi orientaes e occidentaes, como das da Persia, Armenia e Tartaria [3] que lhe ficão da banda do norte, e pello mesmo respeito hé juntamente a cidade huma praça e feira onde concorrem gentes de quasi todas as nasções e seitas do universo. Cada huma das sortes dos infieis vivia em Ormuz conforme a sua superstição com toda liberdade e celebridade: os mouros festejavão às sestas-feiras ao seu maldito Mafamede, os judeus guardavão os sabbados, os gentios as 2.as-feiras, e os christãos os domingos e dias sanctos [4], os quaes celebravão com pouco apparato e menor devação do que merecião por andarem engolfados em mil vicios e torpezas.

Nem o estranhe alguém, porque estes são de ordinario os homens podres e cegos onde lhes falta o sal e luz da doutrina evangelica, como aqui acontecera, que em muitos annos não se vira em pulpito pregador, e ainda que avia hum vigairo [5] com alguns sacerdotes, tudo o tempo, a abundancia, o occio e interesse

---

[1] VALIGNANO, *Hist.* 276. Os dois ventos se chamão *shâriq* (oriental) e *shamâl* (setentrional). Cf. DI I 617-18.

[2] Carta de Barzeu, no início de Setembro de 1549 (DI I 505) e de 10 de Dezembro de 1549 (DI I 645-46).

[3] Cf. DI II 257.

[4] DI I 647.

[5] Antão de Moura (DI I 660).

tornarão da mesma cor. Donde procedia huma monstruosa soltura de vicios, sacrilegios, feitiçarias, encantamentos, sortes, ceremonias gentilicas e judaicas, incestos, adulterios sem respeito de ley ou fee; de modo que como as mãis fossem humas judias, outras mouras, turcas, parsias, arabias, assi criavão muitas vezes em seus erros os filhos dos christãos e os fazião de seus ritos, não se curando nem dando disso os pays. Estas erão as necessidades spirituaes pera cujo remedio Deos Nosso Senhor levava a Ormuz o Padre M. Gaspar, o qual exercitando-se na nao em que partira da India, como o fizera na viagem de Portugal, pregando, doutrinando, confessando, servindo e ajudando a [186r] todos, não edificou e ganhou somentes aos portugueses, mas converteo e bautizou alguns marinheiros mouros e passageiros e, passando por Mascate, que naquelle tempo era como couto de gente desesperada, sahio em terra, pregou duas vezes, ouvio muitas confissões, remedeou a alguns dos que andavão lançado[s] entre os mouros, e deixou outros no caminho da salvação [1].

Daqui tomarão Ormuz, onde o vigairo com a clerezia o foi buscar à nao e o levou à fortaleza, onde foi bem recebido do capitão della Dom Manoel de Lima, competindo assi elle como o vigairo sobre quem o avia de ter por hospede. Mas o P.e M. Gaspar desfez a contenda aceitando o hospital por morada ordinaria, dando-lhes as graças pello offerecimento [2]. A primeira cousa que fez foi saber do estado em que os moradores estavão e ficou pasmado e sem animo considerando a grande soltura dos vicios que naquella cidade avia. Armando-se poes com orações, disciplinas, abstinencias, cilicios, lagrimas, começou a guerra contra satanás, servindo aos enfermos, visitando os carceres, doutrinando os ignorantes, ajuntando-os todos os dias com a campainha que elle mesmo tangia pella cidade. Nem se poderá crer facilmente quanto acabou com este esquadrão do ceo, a quem se deve o mais e melhor da grande mudança que logo ouve na luz e reputação da fee, desapparecendo os contagiosos vapores e a pestelencial fumaça dos ritos mahometanos, gentilicos e judaicos. Aprenderão com extraordinaria curiosidade as orações e declaraçam dos misterios e mandamentos de nossa santa ley os meninos, os escravos, o povo todo. Trocarão-se

---

1 DI 1 654-55.
2 DI 1 655-56.

as cantigas profanas em prosas devotas; poserão-se premios aos que emendassem as blasfemias e juramentos publicos. Pedia o Padre conta a todos nas praças do que tinhão feito na impresa, remunerava os que o mericião, erão reprehendidos os culpados.

Chegava-se a gente a ouvir ao principio como a huma farça, mas elles ficavão na rede do Senhor bem trocados do que vierão. Dally a poucos dias ouve grande mudança nos custumes: concorrião às igrejas, respeitavão os sacerdotes, frequentavão os sacramentos, não avia casa em que se não cantasse a sancta doutrina, os discipulos da qual já erão differentes porque a acompanhavão pollas ruas os homens e molheres. Enchião-se pella mayor força da calma as igrejas de toda a sorte de gente; prezavão-se de preguntar, de responder, de aprender. Animado com tão prosperos principios o servo do Senhor determinou cometer com a divina graça os exercitos do inferno que naquella cidade estavão alojados nos proprios dias em que nelle o imigo mais se fortificava e festejava, dando à 2.ª feira nos gentios, à sesta nos mouros, ao sabbado nos judeus; deixando o domingo, terça, quarta e quinta pera os sermões e conversação dos portuguezes, pellos quaes avia de começar a reformação dos custumes pera que os demais a não estran[h]assem quando lhes fosse offerecida [1].

Ordenava as pregações contra os peccados que mais predominavão na terra, e o primeiro em que enrestou a lança da divina palavra foi o abominavel vicio da carne, tam monstruoso como a Hidra Lernea de muitas cabeças, as quaes o esforçado Hercules caute-[186v]rizava com fogo pera que não tornassem a nascer. E também fazia lembrança aos que governavão da grande obrigação que tinhão de acudir com presteza a desterrar os escandalos pubricos pera que esta peste não corrompesse aos puros e castos. Parece quis Deos ajudar a tenção do Padre nas ameaças de tão arreigada maldade acudindo no mesmo tempo que lhes elle fazia com espantosos tremores de toda a ilha que por virem em tal conjunção, posto que outras vezes acontecessem, abalaram mais as almas que as casas.

---

13 Animando *corr. m6 L*

---

1 DI I 656 676-677.

Posto que a materia da sensualidade se melhorou com a penitencia e mudança que se podia desejar, todavia ouve dous casos de grande gloria de Deos N. Senhor, e hum em que se vio sua justiça num que era capitão de infanteria e por respeito de seu cargo de mais escandalo, nem estava como casado nos olhos de todos com menos de três mouras, que continuamente trazia consigo; amoestá-lo montava pouco. Não tinha o Padre Mestre Gaspar outro mayor imigo em Ormuz. Chegou-lhe porém a sua hora. Estava em campo com os soldados da companhia tão cego, tam torpe, tão duro, tão escandaloso como sempre, quando subitamente e à vista de todos espirou, e no mesmo ponto o ceo e o ar, té então claros e serenos, desarmarão numa fera tormenta de pedra e vento com tão espantoso estrondo e nuvens tão grossas de pó, que per mea hora se não vião os soldados huns aos outros, dando-se todos por perdidos com o medonho sinal da eterna perdição do abominavel blasfemo, cuja morte acabou de dar fim em toda a cidade aquella má sorte de torpezas [1].

Mas bastavão as mais ordinarias pera fazer a Ormuz como o tinhão feito terra de abominação. Porque o despejo dos infieis nesta parte era o que foi sempre mais insensivel que a furia natural dalguns animaes brutos: donde trazendo os christãos taes vistas diante dos olhos e não avendo quem castigasse, reprehendesse ou estranhasse o que era geral em todos, a pique se hia ao fundo a deliciosa cidade. Deu-lhe porém a mão a divina graça tam poderosamente per meo da continua oraçam, lagrimas, penitencia e sermões de seu servo, que em todos foi geral a reformação. Recolherão-se os mouros e gentios com suas torpezas tendo já dellas pejo. A mudança dos nossos só lhe podera vir da destra do Altissimo [2]. O menos era apartarem-se, casarem-se ou entre sy mesmos, ou dando-lhes maridos com que vivessem sem prejuizo da honestidade. Ouve em satisfação das culpas penitencias e riguroso castigo, que esta gente tomava de sua propria vontade, disciplinando-se muitos publicamente às portas da igreja nos domingos e dias de mor concurso, outros de dia e de noite pellas ruas da cidade pedindo a altas vozes a Deos misericordia e ao povo perdão de seus maos exemplos. Às pregações avia pranto desfeito. As con-

---

[1] DI I 672.
[2] Cf. Ps. 76, 11.

fissões erão tantas que levavão ao Padre os dias e noites inteiras sem ter de ordinario duas horas pera repousar [1] e nem assy podia satisfazer aos penitentes, porque era de maneira, que alguns se fingirão doentes pera o obrigarem a os ir confessar [2].

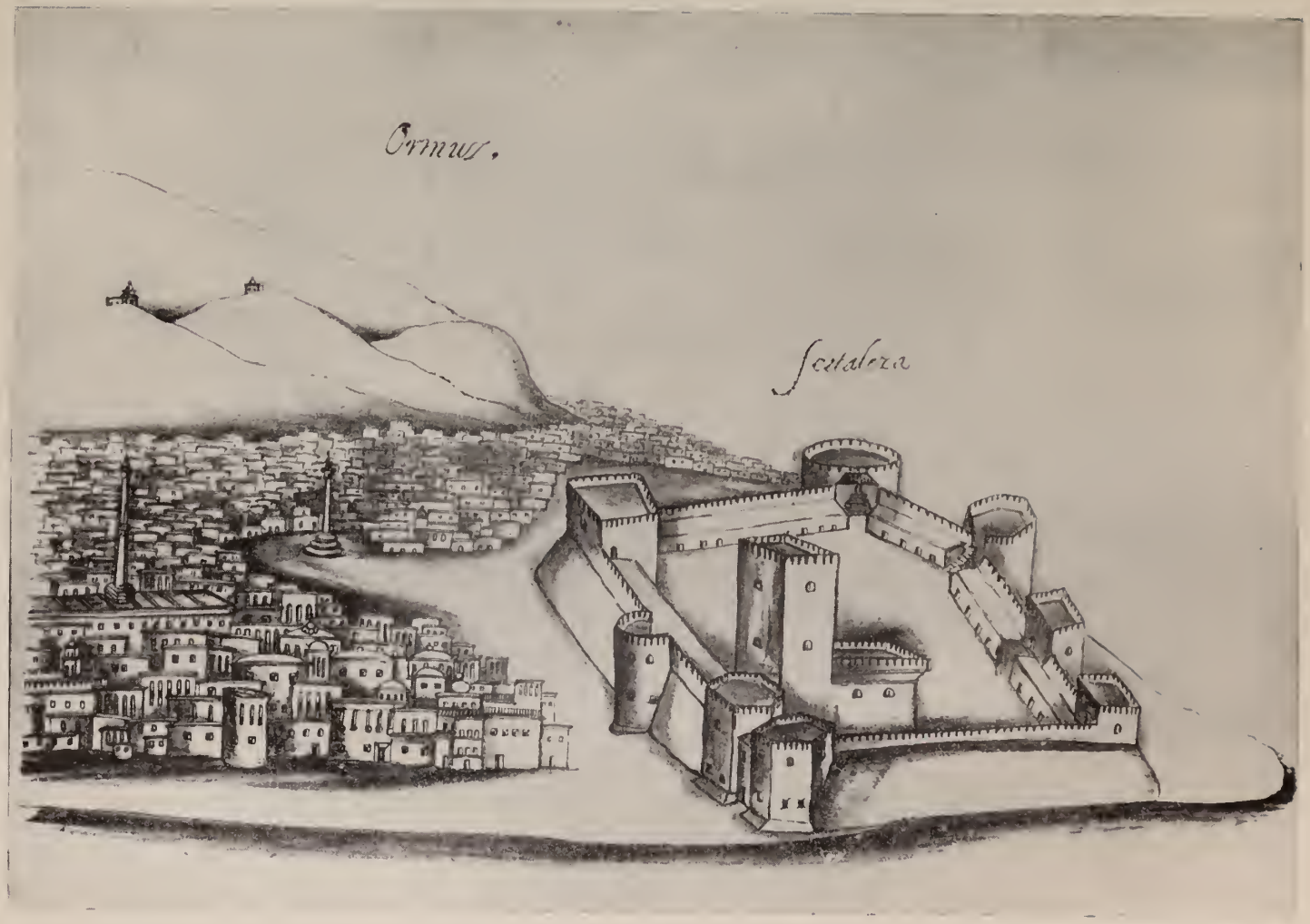
Avia em Ormuz certo ecclesiastico cuja vida era muito escandalosa. Temia-se porém não o viesse a sentir o P.e Mestre Gaspar, ou não cre-[187r]sse se lho dissessem, ou se pejasse de o reprehender quando o cresse, determinou de se fingir grande seu devoto e particular amigo. Não faltava a sermão, buscava-o e conversava-o mui familiarmente; visitava-o com presentes e mimos que o Padre empregava nos enfermos do hospital; convida-o a comer muitas vezes em sua propria casa, não apparecendo por antão os filhos que de suas [3] amigas tinha, tudo o mais o festejava, a baixela, o melhor serviço e mesa provida com grande primor e abundancia, porque só de virtude principalmente, a que per via de seu estado estava obrigado, não tinha o profano sacerdote. Assi passarão ambos alguns dias deixando-se o Padre levar do engano por ver se o podia desenganar com seu bom exemplo. Mas não dando elle fee das obras de edificação como cego, nem como surdo das fraternas e particulares amoestações, ouve-sse o Padre Mestre Gaspar por obrigado a lembrar do pulpito a grande obrigação do estado ecclesiastico na materia da castidade. E posto que o fez com todo o respeito devido às pessoas, bastou vérem que o perdia aos vicios pera os que se tinhão confederado com elles tomarem a causa por propria, principalmente o seu devoto que era cabeça de outros na mesma miseria. O qual esperando logo o Padre na igreja, donde se não sahia senão depois de toda a gente recolhida, e tomando-o com os companheiros em o meyo, assi lhe falou e o ameaçou como se fora hum soldado desaforado. E forão os feros tanto avante, que apenas o deixarão ir em paz depois de se lançar de joelhos e lhes pedir perdão da culpa que não cometera, com tão profunda humildade que ella ao dia seguinte alcançou a vitoria. E foi que achando-se o clerigo com a dissimulação antiga ao sermão que o

---

[1] Quadros na carta de 12 de Dezembro de 1555: «o tempo que... lhe ficava pera dormir era tam pouco que nunca passou de tres oras» (MX II 956-57). O mesmo afirma Fróis em 1552 (DI II 457).

[2] DI I 608 e 659.

[3] Na carta de Barzeu: *duas* (DI I 661).



ORMUZ (cf. CORREA, *Lendas da India* II, pág. 439)

Padre acertou de fazer, quando hum e outro menos o esperavão, então o entrou, penetrou e rendeo a divina graça com tanta efficacia, que não se fartando de chorar emquanto o Padre pregava, veo desfazendo-se em lagrimas a se lançar a seus pees com o rosto per
5 terra logo como se deceo do pulpito, pedindo-lhe publicamente perdão dos enganos, da força, dos escandalos e de toda sua vida passada, que daquella hora por diante foi continente e penitente com boa edificação da cidade e muita gloria de Deos Nosso Senhor [1].

Determinava fugir ao P.e M. Gaspar hum soldado tão velho
10 nos vicios como nas armas, que indo-o ouvir algumas vezes sempre se tornava muy abalado do espirito e veemencia de suas palavras. Mas como o não sofria que o tirassem do fogo onde posto que se abrasava folgava de estar, não lhe ficavão os sermões rendendo mais, que hum vivo tormento e continua guerra com a
15 propria consciencia, da qual escandalizado veo pouco a pouco a cobrar hum tão grande temor ao Padre, que affirmava antes cometeria a mesma morte, que confessar-se ou encontrar-se com elle, avendo muitos annos que trazia a consciencia aggravada sem nunca a descarregar aos pees do confessor. E arreceando que ficando
20 em Ormuz lhe fosse forçado ver o Padre ou deixar-se ver delle por alguma occasião, determinou só por lhe fugir de se embarcar pera a India. Mas em pondo com este pensamento os pees no navio, subitamente (como se o mesmo Deos o mandara prender e deter) o salteou huma febre e doença aguda, acompanhada de hum
25 assombramento e malenconia com que de continuo trazia [187v] presentes as ameaças da ira e justiça divina. Qualquer rumor e estrondo que se ouvisse o trastornava; se acaso desparava hum tiro, já se dava por levado e despedaçado. Dos amigos que entravão pera o visitar e alegrar tremia como se lhe vierão a dar a
30 morte. Mas como a divina bondade pretendia mais curar a alma enferma que castigar o corpo do pobre homem, só lhe deixou tino pera se lembrar e fiar do medico a que fugia dantes, quando sem duvida andava mais malenconico e frenetico, posto que o não parecesse. Grita imfim [!] pello Padre Mestre Gaspar, poem-se em suas

---

23 prender *corr. de* pretender *L*

---

1 DI I 638 e 661-62.

mãos, faz huma confissão bem feita, recebe saude, faz exemplar penitencia, aparta de sy quem lhe era a causa de todo o mal, persevera na edifficaçam e vida christam [1].

Tirou tambem hum grande abuso que avia, de vender armas e munições a mouros e turcos, tornando per meyo das pregações a gente sobre sy; cessou de todo o trato sacrilego e foram reconciliados os que tinhão encorrido na excomunhão da bulla da cea, tendo pera isso authoridade apostolica [2].

Do fruito que o Padre Mestre Gaspar tirou das pregações que fez contra as onzenas e brigas [3].

Cap. 12.

A onzena era em Ormuz outro castello de demonio onde tinha aferrolhados e como encantados em seu serviço grandes e pequenos, porque o geral dos homens vivia com taes voltas, trespassações e invençõis de cambios e recambios [4], que o mesmo Padre não acabava de entender a sutileza delles. Mas o effeito era que com os rendimentos injustos de dez cruzados que hum homem trazia emprestados sostentava todo o anno sua familia, ficando sempre vivo e por seu o mesmo cabedal [5]. Para acudir a este roubo tão publico, além de os perseguir nos mais sermões, fazia o Padre hum particular todos os sabbados em forma de liçam e doutrina dos peccados e partes da avareza, contra a qual disputou com tanta efficacia de rezões, tanta autoridade de sentenças da sagrada Escritura e sanctos Doutores, que esta foi a materia em que os homens mudarão mais a lingoagem e ao que

6-7 reconhecidos *corr. m6 L* || 16 o *entrep. L*

1 DI 1 661.
2 DI 1 662-63.
3 LUCENA, l. 10, c. 3.
4 DI 1 658 (na carta de Barzeu já citada).
5 Ib., mas escreve *dez pardaos.*

parece os coraçõis [1]. Porque dantes, em se alevantando, o primeiro caminho que fazião era ao bazar ou praça, na qual se ajuntavão os nossos em amanhecendo com os mouros e judeus a emprestar verbal [188r] ou mentalmente os ganhos dos emprestimos e dobrar
5 dante-mão os cambios: e dally por diante madrugavão pera a igreja, que se enchia todas as manhãs como ao domingo. Ouvida a missa, tratava-se com grande curiosidade de descobrir as onzenas, estranhar e disputar sobre os casos e enganos della, nem parava a filosofia dos tratantes na boa pratica e discursos: por-
10 que além de cessar de todo o tratado da onzena, forão tantas e tão notaveis as restituições que se fizerão do mal levado, que além do que ouverão os proprios donos christãos, mouros e judeus, só o a que se não acharão certos acredores foi em tanta quantidade, que bastou pera casamento de muitas orfãs e remedio doutras muitas
15 necessidades, como foi empregar-se huma boa parte nas obras e alfayas do hospital e casa de Misericordia [2].

Assinalarão-se nesta parte alguns mercadores ricos, cujo fervor chegou a tanto, que pedião postos de giolhos e derramando muitas lagrimas ao Padre visse seus livros de rezão e conforme ao que
20 achasse a fizesse com grande largueza a toda a pessoa com que tiverão negocio, pondo-lhe pera isso nas mãos a fazenda, que era muita, dinheiro, mercadoria, escravos, naos, casas e ajuntando que cortasse por tudo sem outro respeito mais que o da salvação de suas almas [3]. Com esta tenção, propositos, obra e effeito se con-
25 fessarão e reformarão muitos, e além das restituições do alheo chegou a soma do que se deu do proprio a pobres a muitos mil cruzados [4].

Foi Nosso Senhor também servido de renovar na mesma cidade a paz e concordia christam, pondo-se fim a demandas, ata-
30 lhando-se brigas, esquecendo-se paixões, perdoando-se injurias, reconciliando-se com edificação de todo o povo às portas da igreja os que dantes se buscavão pera se matar. Ouve porém hum official da guerra homem nobre per sangue, mas mal entendido na nobreza, que toda trazia posta na vingança e dureza de condiçam

---

1 Ib.
2 DI 1 658-59.
3 DI 1 659.
4 Barzeu: «passarão de oyto myl pardaos» (ib.).

aggravando a muitos, pello que a todos era aborrecido. Trabalhou muito com este o Padre Mestre Gaspar, mas sempre em vão. Só estava quieta e pacifica a terra emquanto elle era absente; armava-se toda em entrando. E acontecendo assy huma vez entre outras: «Quem me dera (disse o Padre tanto que soube ser o capitão chegado aquella hora são e bem desposto) tocara a poderosa mão de Deos com alguma rija enfermidade a carne a este pera lhe abrandar e curar a alma. Cousa maravilhosa, que ainda bem o não pronunciou, quando huma febre ardente e malina saltou no furioso soldado e o apertou de maneira, que só tratava e pedia a gritos lhe chamassem o P.e M. Gaspar porque não morresse sem confissão. Acudio o Padre, apparelhou-o, confessou-o, rendeo-se e poz-se todo em suas mãos já feito de lobo hum corde[i]rinho. Cessou [188v] a febre e o mal, mostrando tanto no subito com que viera, como na preça com que se despedia, a providencia com que o Senhor a mandara. Toma o Padre pella mão o seu penitente, corre com elle a cidade toda pedindo perdão e offerecendo paz aos amigos, que no mesmo tempo estavão em diversas partes esperando por elle huns com os murrões acesos sobre as escorvas das espingardas, outros com as lanças em punho pera o matarem em prepassando. E foi tanta a graça que Deos Nosso Senhor deu às palavras do Padre e efficacia que poz na sogeição e humildade do rendido, que nenhum ouve que não saisse à rua com os braços abertos recebendo a boa amisade e festejando a conversão e lagrimas daquele a quem antes desejavão beber o sangue [1].

Outro avia semelhante a este nos feros e blasfemias, mas também Deos o derrubou com huma repentina doença. Sabe-o o Padre, quer-se valer da occasião, entra-lhe polla porta por ver se o pode reconciliar com Deos e com o proximo per meo da confissão e charidade christam. Mostra-lhe quam obrigado está a estas duas cousas, os bens e proveitos de cada huma, o perigo da tardança. Movem-se os presentes a lagrimas com a suave pratica que o Padre lhe faz ajudando-se do raro exemplo de Christo Jesu e de seu martyr Santo Estevão, que com o Padre Eterno negocearão o

---

13 todos *corr. m6 L*

---

1 DI 695-96

perdão pera os que lhe davão a morte. Porém o soberbo e obstinado enfermo arde mais na ira que na febre, bradando que lhe tirassem dally aquelle homem, que nem vê-lo queria nem ouvir, e concluindo que nem no ceo quer entrar senão vingado de seus inimigos; nem de Deos o perdão de suas culpas se lhe há-de custar dá-lo aos homens dos aggravos que lhe tinhão feito. As quaes palavras tam impias e escandalosas, respondeo já como ministro da divina justiça o servo do Senhor: «E assi vay? Pois sabei certo que antes d'amanhã ao meo dia aveis de chamar muitas vezes pollo confessor e não vos há-de cudir». Despedio-se com isto. Veo o dia seguinte e provou-o a verdade da professia, porque ainda não chegara a hora assinalada, quando o mesquinho entrou com hum espantoso accidente em artigo de morte gritando por confissão, e que lhe chamassem o P.e Mestre Gaspar; mas não se achou o Padre nem outro sacerdote que o confessasse. De todos foi este sucesso avido por castigo da divina justiça, que, posto que tarda, acode contudo por sua honra e polla de seus servos, gerando nos coraçõis dos fieis descuidados da salvação hum santo temor e amor [1].

Trabalhou muito o Padre Mestre Gaspar por ganhar pera Christo certo português rico e poderoso, porém tirano, malquisto, estragado na vida, sem pensamento da morte e eternidade que depois della se segue. Nem se mostrava somente surdo aos conselhos e lembranças particulares do Padre, mas sospeitando que tratava delle no pulpito quando reprehendia os vicios em geral, declarou-se por seu imigo e perseguidor publico pera fazer sospeita a verdadeira correição de suas culpas. Trabalhou porém muito o pregador pera ganhar esta [189r] alma, humilhando-se diante delle e mostrando-lhe com grande cortesia e reverencia quanto desejava sua conversão. Porém não acudia nem com os humanos comprimentos, com os quaes não custumão faltar os apprimorados a seus inimigos no exterior por não serem avidos por barbaros, posto que no interior conservem por muito tempo o fidagal e cerval odio que lhes tem. Poem-se por elle o Padre Mestre Gaspar em aspera penitencia castigando seu corpo pera sogeitar aquelle rebelde espirito ao Criador, fazendo afervoradas orações por elle, offerecendo juntamente por elle muitos dias ao Padre Eterno o divino sacrif-

---

1 DI I 695.

ficio da missa pera que ouvesse misericordia daquelle obstinado peccador.

Andou nesta sancta demanda huma novena, no cabo da qual estando o fidalgo repousando pera as duas horas depois da mea noite, eis que vê ante si o proprio Padre tão resplandecente que bem parecia cousa do ceo; sobre isso a fragrancia e suavidade do cheiro que trazia consigo tornou a camara hum paraiso. Era juntamente com elle outra figura de grande magestade, que não sei quem representava, se não fosse o proprio anjo do que estava na cama, contra a qual disse: «Que fazes, peccador, que achas ou que temes no Padre M. Gaspar pera delle não aver a cura e remedio de tua alma? Não vês quanta beleza e graça de Deos lhe deu?» Estava esperto e muito em sy o fidalgo. E indo movido do que via e ouvia pera se abraçar com o Padre, achou-se subitamente sem nada nos olhos e nas mãos, e o coração cheo de magoa. Ficou todavia o companheiro que, proseguindo na pratica, o confortou e consolou, dizendo-lhe não cuidasse que lhe fugia o confessor, como lhe elle té então fizera, porque aquella mesma hora estava no hospital fazendo-se prestes pera dizer missa aos enfermos e que ally o acharia em amanhecendo. Assi acabou a visão.

Ainda o Padre não tinha acabado a missa, quando estava esperando hum reccado do amigo que o chamava já com differente humildade. Passara elle o restante da noite em continuas lagrimas de contriçam, propositos de emendar a vida, e com o mesmo desejo e alvoroço de ver aquelle que dantes tanto aborrecia; senão quando, ò P.e Mestre Gaspar, recebe-o com hum pranto desfeito lançando-se a seus pés, e foi tão grande o sentimento, que mais ouve por então de contriçam que de confissão. Mas não tardou muito, apparelhando-se com diligencia, a qual fez geral de toda a sua vida, tomando alguns dias de recolhimento nos quaes tratava somente com o medico spiritual, que de todo se empregava em remediar sua alma. Sahio dos sanctos Exercicios tão mudado, que o não conhecia a gente polla brandura, modestia, sofrimento, zelo da gloria de Deos e todas as mais virtudes christãs, assinalando-se mui especialmente na caridade e esmolas com os pobres, per quem mandou destribuir em poucos dias cinco mil e tantos cruzados [1].

---

[1] Barzeu: «ata cinco myl pardaos» (DI I 694). Toda esta narração é do P. Gaspar (DI I 693-94).

Daqui nasceo aos ormuzianos huma grande liberalidade pera com a Companhia offerecendo de suas fazendas pera fundar hum collegio, o qual o P.e Mestre Gaspar traçava pera corenta religiosos, mas não avia gente pera tanto, nem a terra era apparelhada pera criaçam de religiosos de pouca [189v] idade [1], pello que não teve effeito o sancto intento dos devotos [2].

Doutras obras maravilhosas que Nosso Senhor obrou em Ormuz por meo do Padre Mestre Gaspar [3].

Cap. 13.

Frequentava os sermões do Padre Mestre Gaspar certo homem a quem o diabo trazia emredado avia muitos annos em seus peccados, posto que desejava ver-se livre delles, porém não se atrevia a confessar com o Padre se não fosse quando se ouvesse de embarcar pera a India. Entendeo o confessor o engano com que o diabo levava ao pobre homem e fez tanto com elle que o trouxe a seus pees. Começou-se a confessar, porque não bastavão senão muitos dias pera o poder fazer. Estando já no cabo delles, antes da manhã em que avia de ser absolto, comprindo à mea noite huma das penitencias com que o Padre o hia dispondo, vio entrar grande numero de bestas feras, immundas, negras e medonhas que quasi encherão toda a camara. Chegando-se a elle o apertarão de maneira que ficou frio, assombrado, attonito, todo tremendo da visão e muito mais do que nella se representava e passava dentro na pobre alma, metendo o demonio neste derradeiro assalto todas suas forças pera não perder a presa que o Padre lhe tirava das unhas; trazendo-lhe à memoria a deliciosa vida e brandura em que tinha gastado o tempo, que sem duvida não poderia já viver fora do custumado,

---

4 era *sobrep. m6 L* | 11-12 peccados *risca m6* e *L*

---

1 DI I 619-20 690, II 82.
2 Cf. também DI II 83.
3 LUCENA, l. 10, c. 4.

pollo que não curasse mudar o estado em vida penitente, pois nella não poderia perseverar; que menos mal era continuar com seus appetites, não lhes negando cousa que pedissem, que avendo-os de todo deixado, tornar a elles. Ajuntava o inimigo grande desesperação da misericordia divina, dizendo que não era digno della, pois que tantas vezes a regeitara, offerecendo-lhe o mesmo Deos offendido muitas vezes occasião de poder lançar mão do perdão da clemencia e dignidade do Senhor que tão barato se lhe dava. Tantas emfim forão as imaginações que o diabo lhe representou, que vendo-se o pobre homem grandemente afligido, lansou mão de huma imagem do Senhor e de tal maneira se aferrou com ella pedindo-lhe socorro e ajuda naquella grave tentação, que logo, tanto que bradou pollo santissimo nome de Jesus, desappareceo aquella canalha infernal como o bando de gralhas ao som do mosquete, fazendo ao sair tão espantoso arroido, como se [190r] as casas se deixarão vir abaixo. E no mesmo ponto ficou o penitente em grande paz e serenidade d'alma, na qual passou depois a vida com grandes mostras de vertude e sanctidade [1].

Estava à morte hum filho de certo homem principal, que além das febres de que morria, tinha hum olho que se lhe vazara e apodrecera de todo perdido. Abrirão os medicos mão do enfermo não avendo já remedio na medicina nem esperança em a natureza. Valeo-se a este tempo o pay do Padre Mestre Gaspar, pedio lhe dissesse huma missa à Virgem Nossa Senhora polla vida de seu filho. Assi o fez e no mesmo dia acabando de a dizer e invocar o favor da Rainha dos Anjos, o doente foi de todo livre e sam de febre; e o que causou mayor espanto foi, que caindo-lhe do olho que perdera humas escamas grossas, ficou com elle tam claro e vivo como tinha o outro. O pay foi dar as graças ao P.e Mestre Gaspar pello beneficio recebido, porém elle com modestia e religiosa humildade as deu à Virgem Senhora Nossa, per cujo meo e intercessão viera a saude com a vista ao filho [2]. Este homem se passou ao Reino e morava em Santiago de Cacém, onde o Padre

---

25 e' *sobrep. L*

---

1 DI 1 661.
2 DI 1 694.

Francisco de Gouvea [1], de nossa Companhia, reitor que foi de Evora e provincial da Provincia de Portugal, vio o proprio mancebo que o pay lhe mostrou contando-lhe o milagre que acabamos de referir [2].

5 Não foi menos milagrosa a saude e vida doutro devoto do P.e Mestre Gaspar, por quem também disse missa, estando já o enfermo acabando, mas, ella acabada, assi ficou vivo e sam como se realmente resuscitara [3].

Atormentava o demonio a huma pobre molher n'alma com 10 visões espantosas, e de tal modo no corpo, que a tinha em artigo da morte. Pedia o marido ao Padre que lhe fosse rezar o Evangelho. Mas não podendo ir a sua casa, escreveo nhum papel o principio do evangelho de S. João, dizendo ao marido que lho lançasse ao pescoço. Fê-lo elle assy e, sentindo o demonio a virtude das 15 divinas palavras, se foi, ficando em continente a molher desassombrada n'alma e de todo restituida a sua antiga saude [4].

Com estas obras sobrenaturaes e vida exemplar do P.e Mestre Gaspar se converterão muitos dos nossos portuguezes, não somente a deixar a má vida passada e viver como christãos, mas a desejar 20 a gloriosa coroa do martyrio, ajuntando-se em sua companhia pera que em terra de infieis à sua vista podessem derramar o sangue polla exaltação da fee catholica, desejando de ser religiosos. Serião como atté doze homens que moravão com elle [5], os quaes se exer-

---

5 a *sobrep. mó L*

---

[1] O P. Francisco de Gouveia, natural de Lisboa, moço da Câmara de D. João III, entrou na Companhia em 15 de Fevereiro de 1556, foi Provincial de Portugal de 1594 a 1597, e faleceu em 1638 com 97 anos de idade (F. RODRIGUES, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões,* 2.ª ed., 20, nota 18).

[2] Acrescenta o P. Lucena: «Perguntava-me poucos dias há o P. Francisco de Gouvea..., se me viera este caso á noticia, e dizendo-lhe eu como ja o tinha escrito, elle mo tornou a referir pelos mesmos termos, acrecentando, que pregando averá vinte e cinco annos em Sam Tiago de Cacem achou ali morador o pay do moço..., o qual lhe mostrou o filho, ja mancebo de vinte annos bem feitos, com o olho tam sam e inteiro como o outro» (780).

[3] DI I 694.

[4] DI I 694-95.

[5] Escreve Barzeu a 24 de Novembro de 1550 que «destes são mais de doze homens de muita marqua» (DI II 85).

citavão no hospital servindo aos enfermos e noutras obras de piedade com que toda a cidade muito se edificava. Tal homem ouve que encontrando-o na praça o Padre renegando e blasfemando por lhe acodir mal o jogo, o reprehendeo de tão grande desatino. Tornou subitamente em sy com aquella moestação e se lançou a seus pees protestando de morrer com elle, pedindo-lhe com muitas lagrimas que o não desemparasse; daquella hora [190v] por diante deu as costas ao mundo e fez vida religiosa e sancta [1].

Outro acabando o Padre o sermão que fizera dos louvores da sancta cruz, se arremessou nos olhos de todos a seus pees pedindo-lhe com os seus arrazados em lagrimas o levasse consigo a morrer por Christo entre os infieis, se o não quizesse logo mandar com huma cruz à Persia pera que os barbaros a adorassem ou por ella o martirizassem a elle, e mostrou bem a perseverança na virtude quam solido era este fervor [2].

Outro saindo de ouvir pregação do Padre se despio publicamente na praça dos proprios vestidos ricos e os deu a hum pobre, distribuindo tudo o mais que tinha, de modo que ficando sem casa e sem fazenda, dormia de noite ao pee de huma cruz e gastava os dias em servir nos hospitaes, avido e reputado de todos por homem desassizado, sendo elle de verdade sapientissimo, alumiado e chamado da luz e graça divina a huma muy alta perfeição; arrimando-se também ao Padre com desejos de ir pregar òs mouros e dar a vida por Christo [3].

Abrazavão estes companheiros do Padre a cidade. E foi tão grande o aballo que não somente as crianças andavão de dia e de noite cantando a sancta doutrina, mas também os grandes cantavão pellas ruas as ladainhas, não faltando muitos penitentes, dos quaes sahião de dez em dez disciplinando-se huns pollos arrebaldes, outros pellas ruas dos mouros com tão extraordinario movimento, que até os mesmos infieis levavão consigo; ajuntando-se também os mouros em bandos e andando à roda por fora da cidade repetindo com seus supersticiosos e desentoados clamores: «Deos hé hum só, hum só hé Deos» [4]; não em sentido catolico, mas com a

---

1 Ib.
2 Ib.
3 DI II 84-85.
4 DI II 80-81.

impia e blasfema tenção de Arrio, de cuja seita elles procederão [1]: de modo que andava em Ormuz em campo a fee e religião christam com a cegueira e superstição mahometana. Nem os mouros deixarão de se ajudar como custumão da força e violencia, porque, 5 encontrando-se o tropel da sua matinada com a procissão dos nossos, os apedrejavão.

Mas sempre nos fez mais nojo na paz o exemplo mao dos nossos que na guerra a furia dos imigos. Assi se refinavão em seus sanctos fervores os mercadores de Ormuz com as pedradas 10 dos mouros [2]. Chegando porém à mesma cidade duzentos soldados portuguezes, de tal maneira se alterarão com elles os bons custumes e devação de todo o povo, como se forão gente que entrara de refresco e socorro a Satanás. Ajuntarão-se estes com outros que invernarão na mesma ilha e logo resurgirão as afron- 15 tas, as brigas, os desafios, o jogo e com elle os juramentos e blasfemias. Começa a reinar a carne e a correr a onzena; imfim a gente tornou a arribar à costa do inferno donde tanto os afastara a suave viração da graça divina.

Ardia o P.e Mestre Gaspar em santo zelo contra a soltura 20 militar ordenando suas pregações a desterrar os vicios da soldadesca. Mas quanto nhuma somana fazia, nhuma só hora assolava o imigo por seus ministros. Determinou de se valer do capitão da fortaleza Dom Manoel de Lima pera que degradasse aquella peste, que tanto se tinha apegado na cidade, para que não contaminasse 25 os que ainda della não forão tocados. Porém não podendo ser que o alojamento dos soldados fosse afastado da fortaleza por evitar inconvenientes, converteo-se o Padre [191r] a Deos pedindo-lhe luz e remedio contra o mal que na terra cada dia hia crecendo sem lhe poder valer. Ordenou os sermões do verdadeiro amor e cari- 30 dade dos proximos, declarando que deviamos antepor os bens spirituaes aos temporaes ainda que fosse com perda da fazenda, da molher, dos filhos, da vida, com tanto que os bens da graça que fermoseão e enriquessem nossas almas fiquem em pé com a vitoria sem perder ponto pertencente à salvaçam. E tendo tratado 35 bastantemente esta materia, entrou nhuns afervorados colloquios

---

[1] Isto, como se sabe, não é muito exacto. Gonçalves copia Lucena (782) em todo este capítulo.

[2] DI I 503, II 86.

com Deos, repetindo muitas vezes aquillo do Profeta: «Enchei-lhe, Senhor, os rostos de afronta pera que vos busquem a vós e tratem de vossa honra» [1]; pedindo com muitas lagrimas a Deos que, compadecendo-se das almas dos que com tanta obstinação se perdião a sy e aos outros sem acodir à brandura e suavidade dos remedios, metesse a tenta atté o vivo e cortasse pelo que mais sentião, pera que, tornando sobre sy com este castigo, se posessem às portas de sua salvação. Faziam-se os ouvintes de mil cores ouvindo pregar o Padre, e muito mais atemorizados ficarão quando no fim da pregação o virão encomendar ò povo, que com zelo da verdadeira caridade e muita devação rezassem três vezes o Pater noster e Ave Maria porque Deos Nosso Senhor fizesse mercê de todos aquelles castigos e quaesquer outros males temporaes aos que ouvessem mester pera remedio de suas almas [2].

Disputa que o P.e Mestre Gaspar teve com os infieis e dalgumas conversões [3].

Cap. 14.

Avia na fortaleza de Ormuz sinagoga de judeus, na qual o P. M. Gaspar muitas vezes entrava consentindo os proprios judeus. Tinhão elles dous rabbinos, hum se chamava Salamão, nascido em Castella, outro Joseph, muy versados na sagrada Escritura [4]. Com estes disputou o Padre publicamente. Tratarão-se dous pontos principaes, o primeiro da vinda do Messias, o segundo, qual avia de ser este Mecias [5]. Mostrou o Padre per todos os profetas ser já passado o termo per muitas centenas de annos. Mostrou juntamente com grande evidencia ser Christo Senhor Nosso o verdadeiro Messias profetizado pellos oraculos dos profetas, o qual hé Filho de Deos e verdadeiro Deos, luz e resplandor da gloria, espelho sem magoa, sabedoria eterna, salvador e glorificador das

---

1 Ps. 82, 17.
2 DI I 663-64 666.
3 LUCENA, l. 10, cc. 6-11.
4 Cf. DI I 626-27 677 e II 99.
5 As duas disputas foram impressas em DI I 700-25 e DI II 99-103.

almas, comsubstancial a seu Padre. As obras sobrenaturaes que per sy e per seus apostolos e servos obrou mostram ser elle verdadeiro Deos. O fruito que desta disputa tirou o P. Mestre Gaspar foi acusarem os rabbinos sua ignorancia, engrandecendo as
5 letras do Padre, pretendendo que a esta ventagem e não à da verdade e justiça da no-[191v]ssa causa se atribuisse a vitoria que foi mui conhecida e festejada dos mouros e turcos. Vierão finalmente a confessar ser a fé de Christo Nosso Salvador a verdadeira, e que somente a deixavão de receber por não largarem as fazendas acque-
10 ridas per onzena [1].

Também o Padre tratava às sestas-feiras com os mouros, parsios e arabios, dos quaes era chamado o gram cacis dos christãos e filho de Zacharias [2], pera o compararem ao grande Baptista. Pollo grande respeito que lhe tinhão o levarão com grande acompanha-
15 mento huma vez à mea noite ao curucheo do alcorão, levando muitas tochas acesas que davão vista a toda a cidade, e lhe bejavão huns a mão e outros a roupeta [3]. Convida-os o Padre a publica disputa sobre a sua e a nossa ley. Valeram-se de hum grande philosopho, com o qual o Padre disputou tam altamente, que o
20 mouro ficou vencido e desta vez perdeo elle a molher e huma filha que muito amava, as quaes se converterão polla pregação do Padre a nossa sancta fee, com que ella ficou mui acreditada entre os mouros e turcos. E não podendo o philosopho aparecer, de pura vergonha em Ormuz, se acolheo pera a terra firme na segunda
25 disputa que teve, na qual, conforme ao que ambos ficarão, o mouro se avia de fazer christam se do Padre ficasse vencido, e pello contrario se o parsio alcançasse vitoria lhe avião de entregar a molher e filha. Mas como o philosopho ficasse debaixo, tomou por partido fugir tanto com o corpo, quanto com a palavra, posto que as pren-
30 das de seu amor ficarão pello de Christo, metidas em o numero dos que seguem a verdade da santissima ley que o P. M. Gaspar com tanto fervor de espirito pregava [4].

Muitos do rebanho de Mafamede, feridos com as setas do divino amor, corriam a grande pressa como veados sequiosos à

---

1 DI I 682.
2 DI I 608.
3 DI I 677.
4 DI I 691-92, II 78-80.

clara fonte das agoas baptismais, concorrendo em suas conversões alguns milagres: huns affirmavão que lhes apparecera a Virgem N. Senhora, outros que virão ao mesmo Christo Redemptor nosso; muitos erão de noite chamados com vozes angelicas, representando-se-lhes os bem-aventurados espiritos com resplandor e magestade celestial, e todos erão exhortados a receber o santo baptismo [1]. Entre os convertidos foi huma sobrinha do Xerife de Meca, rey de Arabia e parente de Mafamede, casada com hum grande senhor da Persia que viera a Ormuz por embaixador do Xatamás [2].

Porém nenhuma cousa alvoroçou tanto ao Padre M. Gaspar com[o] o grande aballo que no proprio rey de Ormuz [3] fez a divina inspiração, movido do que alguns lhe relatavão das pregações e disputas do Padre, ao qual mandou chamar e recebeo com grandes honras. Descobre-lhe seu animo, que era desejar de ser christam, mas arreceava o motim do povo, porque dos mouros principaes se não temia pollo grande conceito que tinhão do Padre, e vinte mil mouros tratavão de receber o sancto baptismo. Porém o diabo fazia seu officio por meo de seus ministros cacises e alguns que andavão ao bafo do rey, ao qual querião espantar com o medo da rebilião do reino; porém não fez el-rey caso destas ameaças e mandou apedrejar os falsos sacerdotes, que com brados descompostos estavão às portas do paço pera meterem medo a el-rey [4].

[192r] Porém as lagrimas da mãy forão bastantes pera que el-rey com os vinte mil tornassem atraz, pondo boa guarda pera que o Padre não tivesse entrada com el-rey, do qual o[s] mouros publicarão mil falsidades pera o fazerem malquisto com os de sua seita [5]. Fizerão os mouros grandes penitencias, té chegarem a se cortar com navalhas pera que o falso profeta acodisse por sua ley [6]. Da mesma maneira, porém com mais certas esperanças do divino favor, renovou o P. Mestre Gaspar as procissões da santa doutrina. E porque do alcorão que estava no monte erão os christãos moles-

---

1 Carta de Barzeu, Ormuz, 24 de Novembro de 1550 (DI II 92).

2 DI II 91.

3 Turân Shâh II, rei de Ormuz desde 1541, ainda moço; era filho de Salghar Shâh.

4 DI II 86-87.

5 DI II 256 (carta de Barzeu, 16 Dez. de 1551).

6 DI II 88.

tados, levou huma grande cruz a qual arvorou, apesar dos mouros, no mais alto da torre, com que os mouros ficarão attonitos [1].

E porquanto a furia infernal do alcorão grande não cessava de fazer motins na cidade, mandou o Padre fazer cinco cruzes, as quaes ordenadamente levavão os da santa doutrina e, chegando às portas d'el-rey, se poserão todos de joelhos pedindo a Deos misericordia. Acodio el-rey às vozes penetradoras do ceo. Chama o Padre, espera-o com cortesia no topo da escada, leva-o pera dentro, declara-lhe ter o mesmo coração que antes, mas que era necessario andar com os tempos: que daria ordem pera que a ley do Senhor fosse conhecida e poria cilencio aos mouros e mandaria fechar o alcorão. Tudo cumprio el-rey ao pé da letra [2]. Porém os mouros se determinarão valer de el-rey de Persia, o qual ameaçou ao rey ormuziano e aos portugueses se não deixassem correr as cousas como dantes. Porém não lhe soccedeo como querião polla piedade dos nossos e pella constancia d'el-rey em guardar sua palavra. Determinarão os mouros de combater o capitão da fortaleza [3] com peitas. Deixou-se vencer, convida o Padre a jantar e depois da mesa, querendo meter a pratica, tomou Deos a mão na sua causa, e antes que o Padre lhe respondesse, subitamente o tomou hum accidente de morte no meo da palavra sem fala, sem spirito, sem cor, sem movimento e quasi sem vida nos olhos e braços dos convidados, os quaes todos e o proprio capitão depois de tornar em si mais que todos ouverão o caso por misteriosa demonstração da justiça e ira divina, especialmente vendo-a logo executada nos que sollicitarão o negocio por parte dos mouros, porque huns acabarão em poucos dias de mortes desestradas, a outros sobrevierão casos tam estranhos, que ficarão perdidos pera sempre sem aver mais memoria de nenhum deles [4].

Com este successo tam felice renovarão os portugueses o fervor da devaçam, calarão-se os mouros, foram por diante os bautismos e se estendia por todas aquellas partes o bom nome da doutrina e vida do P. Mestre Gaspar, porque até per dentro do sertam de

---

[1] DI II 87-88.
[2] DI II 88-89.
[3] D. Álvaro de Noronha, filho do vice-rei D. Afonso de Noronha (DI II 90).
[4] DI II 90.

Arabia Felix começou com a fama a fazer fruito. A esta mesma porçam da terra, cuja costa jaz entre os dous cabos Rosalgate e Moçadam [1], chamada dos arabios Hiamam ou Amam [2], onde há quatro cidades antiquissimas povoadas de gente simples e robusta, os quaes movidos pollo que se contava de Ormuz escreverão e mandarão dous embaixadores ao P. Mestre Gaspar pedindo-lhe os visitasse com a luz e pregação do santo Evangelho [3].

Porém não foi possivel passar o P. M. Gaspar aos amonitas, porquanto [192v] tinha expressa obediencia que não saisse da ilha de Ormuz sem licença do B. P. Francisco ou do Reitor de Sam Paulo [4]. Recebeo comtudo grande alegria com a vinda dos embaixadores, os quaes bautizou dando-lhes cartas pera os amonitas significadoras do grande sentimento que tinha de os não poder ir servir e quanto lhes importava pera Deos N. Senhor os alumiar com os rayos de sua divina graça perseverarem em seus desejos [5]. Mas quem conheceo o sentido do Senhor, ou quem foi seu conselheiro? [6] As flores dos campos amonitas se murcharão [7] e não sabemos que té o presente fosse lá quem com o regadio da doutrina evangelica fizesse tornar os amonitas às flores de seus antigos desejos pera que frutificassem fruito de vida eterna.

Mais venturosos forão os jogues que moravão em Ormuz, os quaes faziam muita ventagem aos da India na dissimulada santidade, principalmente nas virtudes tão proprias da perfeição evangelica que floressem nas sagradas Religiões. Estas erão a pobreza e castidade, que tem em mayor estima que tudo, dizendo que ellas sam as que despoem as almas pera ver a Deos, como se teverão noticia das bem-aventuranças: Beati pauperes et beati mundo corde quoniam ipsi Deum videbunt [8]. Erão grandes filosophos e theologos naturaes, empregando a vida na contemplação das perfeições divinas, e parece que tinhão alguma noticia do misterio da

---

[1] O cabo de Musandam está perto de Ormuz, o de Rosalgate (râs el-Hadd) ao oriente de Mascate (*Mohit,* táb. XI-XII).

[2] Omân.

[3] DI II 92.

[4] DI II 92-93.

[5] Ib.

[6] Rom. II, 34.

[7] Cf. Nah. I, 4.

[8] Mt. 5, 3 e 8.

Santissima Trindade [1]; adoravão porém, como gentios que eram, os pagodes. Recolhião-se fora da cidade em pobres choupanas, donde sahião somente a pedir esmola e a pregar pellas ruas, cubertos de cinza, da morte e das grandezas de Deos. Tangiam de noite à meditação e na madrugada ao falso culto dos idolos [2].

Gostarão os jogues do P. M. Gaspar e também elle deu mostras de os ver tão desprezadores do mundo. Contavão-lhe que polla terra dentro avia grande multidam de ordens e numero de mosteiros de homens e molheres. Hia pois o P. Mestre Gaspar as segundas-feiras tratar com elles de sua conversão, e remeterão-se ao prelado que naquelle tempo era ido a visitar os mosteiros de Arabia, dizendo que farião o que elle fizesse. Era este jogue tam assinalado na aspereza da vida e tido em tanta reputaçam de santidade, que o proprio rey de Ormuz bebia por reliquias a agoa em que lavava os pees [3]. Tornou de Arabia, visitou o P.e M. Gaspar e em poucos dias ficarão ambos particulares amigos. E era toda a conversaçam da nobreza e fermosura das virtudes, especialmente da castidade que elles mais encarecem, polla qual o Padre o levou pouco a pouco à consideraçam da excellencia da fee, a cuja inteireza chamou Santo Ambrosio verdadeira castidade e pureza virginal das almas, sem a qual nem a vertude da castidade nem outra alguma das que fazem o homem bem-aventurado sam nas almas mais que sombra sem luz e figuras sem vida, sendo per outra parte impossivel faltar à torpeza dos vicios onde reina a idolatria [4].

Pedio o gentio trinta dias de espasso pera se resolver com Deos se faria mudança no que delle cria. Approvou-lhe o Padre o conselho ajuntando que avia de tomar cada dia huma disciplina pedindo a Deos luz pera o servir e agradar na ley em que os homens se salvão. Acceitou o partido e não passarão muitas noites que estando o jogue esperto nhuma dellas ouvio huma grande

---

30 nhuma] nenhuma *L*, em huma *R*

---

1 DI I 684, II 254 (trimûrti: Brahma, Vishnu, Shiva).

2 DI I 685.

3 Cf. DI II 82 254 624.

4 Encontramos este conceito de S. Ambrósio na forma seguinte: «Adulteri sunt omnes qui adulterare cupiunt fidei et sapientiae veritatem» (*Expos. in Lc.*, l. 8, c 9 = MIGNE, PL 15, 1858).

voz que lhe dizia: [193r] «Que fazes, porque não tomas o caminho que te mostrão? Não há outro que vá dereito e certo a salvaçam senão a ley dos christãos». E logo se lhe representou aos olhos d'alma todo o apparato com que nas igrejas cathedrais se custuma fazer prestes pera hum solemne pontifical, como se Deos pretendera alvoroçá-lo pera o sagrado bautismo. Nem o ditoso jogue o entendeo doutra maneira, porque vinda a manhã, sem querer falar a el-rey que o esperava, foi em busca do P. M. Gaspar que o bautizou com nome de Paulo [1], ao qual seguiram muitos dos discipulos e outros gentios com grande alegria da christandade. Em lugar dos pagodes que derrubarão, arvorarão o real estandarte da cruz, e o lugar foi dedicado à Rainha dos Anjos. Desejou Paulo de ir a Roma pera ver a magestade da Igreja e beijar o pé ao Papa e com esta tenção o levou consigo pera o Reino Dom Manoel de Lima [2] que foi bem recebido d'el-rei Dom João, porém foi Nosso Senhor servido chamá-lo primeiro pera a gloria, onde piamente podemos crer está gozando de Deos N. Senhor [3].

Do martyrio de Joam de Colonia e viagem do Padre Mestre Gaspar pera Goa [4].

Cap. 15.

De tal maneira se occupava em Ormuz o P. M. Gaspar em ajudar spiritualmente aos portugueses, que se não esquecia de ajudar também aos estrangeiros que nalgum tempo foram domesticos da fee, a qual em terras estranhas desempararão apartando-se do gremio da santa madre Igreja romana, os quaes elle pretendeo

8 o' *rep L* || 9 de *risca mó* S. *L*

1 DI II 81-82.

2 DI II 94. Chegou a Portugal no verão de 1551 (ib. 94[132]).

3 LUCENA 824. Paulo de Santa Fé, como este yogui se chamou depois de cristão, voltou em 1554 para a Índia e ajudou em 1555 ao P. Herédia em Ormuz (DI II 623[7]).

4 LUCENA, l. 10, c. 5; TRIGAULT, l. 2, c. 11; l. 3, cc. 3-4.

reduzir com suas pregações e cartas a nossa santa fee catholica. A hum dos quaes, quando andava ordenando com o Padre a fugida de entre os infieis, cahio a ditosa sorte do martyrio, que elle recebeo gloriosamente.

5 Chamava-se Joam, nacera em Colonia Agripina na baixa Alemanha [1], e posto que de pais bem ricos, os successos e casos, de que ninguém está izento, o levarão pelo mundo e poserão em estado, que avia dez annos servia de bombardeiro e mestre de refinar polvora numa fortaleza de turcos na villa de Catifa [2], que hé no mari-
10 timo da Arabia fronteira da ilha Baharem, cento e dez legoas da de Ormuz pera dentro da enseada; e o que peor era, que se circuncidara e fingira em tudo da abominavel superstição. Mas chegando a Catifa a fama do que se passava em Ormuz, e ouvindo Joam quanto se contava do fervor e espirito do P. M. Gaspar, logo
15 determinou, visitado e movido de hum efficaz e novo abalo da divina graça, de se tornar per seu meo à profissam da fee catholica e serviço de Christo. E porque o negocio nam era pera fiar de terceiro, fez tinta do pó da polvora com que escreveo huma mesma carta em três lingoas differentes, latina, francesa e fra-
20 menga [3], não sabendo que as entendia o Padre todas três, e pretendendo ser entendido numa quando o não fosse nas outras. O que tratava era lhe [193v] ouvesse salvo-conduto dos portuguezes e o segurasse que acharia entre elles vida e reconciliação e perdão na santa madre Igreja, e que logo se passaria a Ormuz
25 pera fazer penitencia de seus peccados, que era quanto já deste mundo queria e desejava. Grandemente se alegrou e consolou o Padre com esta carta, à qual respondeo com toda a brevidade e segredo, que viesse sobre sua palavra seguro e contente, porque os portuguezes o agasalharião e estimariam muito, e na brandura
30 e maternal amor da Igreja Santa acharia a misericordia e suavidade com que sempre recebeo e tratou aos filhos fugitivos e prodigos, se tornavão bem arrependidos.

---

18 de *corr mó de* do *L*

---

1 DI II 260.
2 al-Katîf, no Golfo Pérsico, da parte da Arábia.
3 DI II 260.

Não sabemos se foi desastre ou treiçam do portador desta reposta, o certo hé que ella veo à mão do capitam turco de Catifa e o barbaro por ella em noticia do que Joam tratava. Fá-lo vir ante sy, pergunta-lhe em que ley vive, se na de Christo, se na de Mafamede? Responde com grande esforço de coração e alegria de rosto: que não há outra fee nem outra ley onde os homens se possam salvar que a dos christãos, que nella vive, por ella está offerecido a padecer todos os tormentos e a mesma morte; e que a Mafamede tem por torpissimo enganador das gentes e por condenados a eterna perdiçam a todos os que o seguem; e que de nenhuma cousa tem mais pezar que de se fingir hum delles per algum tempo.

Entra hum diabolico furor nos barbaros, provam toda a sorte de crueldade no soldado de Christo, rasgam-lhe devagar as carnes per muitas partes, talhão e cortam nelle como em rês de sacrificio, perseverando sempre com o sancto nome de Jesu na boca, cuja fee tinha na alma, té lhe entregar nas mãos o espirito mais bello e puro que as estrellas pello preço do sangue do Senhor e lavatorio do proprio. A cabeça arvorarão os imigos na ponta de huma lança sobre as ameas da fortaleza. Mas não tardou muito a divina justiça, nem aos infieis com o merecido castigo, nem ao martyr com a honra e primeira gloria de suas vitorias [1].

Chegou pouco depois a Ormuz huma armada de portugueses, capitam Dom Antonio de Noronha [2], que vinha varejando os lugares dos turcos pella costa de Arabia com até dous mil soldados, boa gente de guerra e que fazia differente conta da consciencia que os de Monajam [3]. Nenhum ouve que não procurasse de partir daly confessado e, acontecendo estarem na mesma conjunção enfermos os sacerdotes que avia na terra, todos a hum os confessou o P. M. Gaspar, que fora trabalho incomportavel a quem não tevera nelle tanto gosto. E logo pondo as proas em Baharem, derão de subito em Catifa tam felicemente, que o mesmo foi chegarem, entrarem, vencerem. No saco da villa e fortaleza foi achada num escritorio do capitam turco a carta que o P. Mestre Gaspar escrevia ao

---

[1] Ib.

[2] D. Antão de Noronha (cf. DI II 647). O erro deve-se a Lucena (789).

[3] Manudjan (Manajão), fortaleza na Pérsia meridional. Os soldados, que lá foram enviados em 1549, mostraram muito mau carácter (cf. DI I 615-17 667). Deles trata também Lucena (784-87).

santo martyr Joam; e, tirando por ella, os portugueses souberão dos que ficarão vivos tudo o que acima escrevemos. Tiraram emtam do muro com toda a reverencia a sagrada cabeça, trazem-na já por reliquia consigo a Ormuz; recebe-a e leva com
5 nobre acompanhamento [194r] e boa musica de salmos e hymnos pella cidade o P. M. Gaspar, mais a triunfar que a enterrar [1].

Vendo o B. P. Francisco que a conversão procedia com grande gloria de Deos em Jappam, onde estava, escreveo aos PP. Mestre Gaspar, Baltezar Gago, e ao Irmão Diogo Carvalho, de Cangoxima,
10 a cinco de Novembro de 1549, que se embarcassem pera Jappam, o que lhes mandou em vertude da santa obediencia, achando-se elles comtudo com disposiçam pera fazer a jornada [2]. Quando esta carta chegou a Ormuz, onde estava o P. Mestre Gaspar, acabava elle o seu trienio [3]. Não se pode facilmente crer a grande
15 alegria que com ella recebeo vendo seus desejos compridos, pello que, ordenando suas cousas, se embarcou na armada de Dom Antonio de Noronha, sobrinho do viso-rey Dom Afonso de Noronha [4], o qual vinha victorioso dos rumes desapossando-os à força d'armas de Catifa. Mas não foi tam facil sua embarcação, porque
20 sabendo os da cidade como se queria ir pera a India o sentirão grandemente e por todas as vias procurarão impedir sua viagem [5]; mas elle se ouve de maneira com os devotos e amigos, que fazendo embarcar primeiro três companheiros dos que lá recebera [6] e os ornamentos que lhe tinhão dado de esmola pera os levar a Jap-
25 pam, deixou encomendada a casa a dous discipulos pera que a guardassem. Estes eram Alvaro Mendes [7] e Francisco da Sertam [8],

---

9 Cangoxina *LR* || 22 se *soprep. mó L* || 25 a³ *sobrep. mó L*

---

1 DI II 260.

2 EX II 215.

3 DI II 239-40 242 289.

4 D. Antão de Noronha (DI II 332). Cf. nota 2 da pág. anterior.

5 DI II 257-58 269.

6 André Fernandes, Álvaro Mendes e talvez um terceiro desconhecido, pois Barzeu fala só de dois (DI II 273), mas Fróis de três (DI II 459).

7 Este navegou com o P. Gaspar para Goa, voltando porém em 1552 para Ormuz (DI II 451).

8 Dele nada se sabe.

os quaes perseverando em seus santos exercicios as entregarão ao P. Mestre Gonçalo Rodriguez a quem ajudarão por não levar companheiro, parecendo a quem o mandou de Goa que ainda tomaria em Ormuz ao P. M. Gaspar, o qual comtudo era já embarcado [1].

Na viagem foi o mesmo que fora na de Portugal pera a India, a qual por durar de meado Setembro atté meado Novembro de 1551 teve occasião de exercitar a charidade com os da armada. Pregava aos domingos e dias sanctos e os navios de remo se chegavam à capitaina pera ouvir pregaçam; e todas as vezes que tomavão terra logo os soldados faziam ramadas pera ouvirem pregação. Chegando a Mascate se detiverão dous dias, nos quaes também pregou e fez que muitos deixassem os odios que tinhão, e outros deixarão as occasiões de peccados carnaes, e pera que ellas não tornassem ao arrevessado as casava logo. O mesmo fez em Dio onde pregou duas vezes. Chegando defronte de Baçaim se desembarcou no catur do general [2] e visitou o P.e Belchior Gonçalvez e também aqui pregou duas vezes. E tomando ao Irmão Luis Froes por companheiro passou a Salsete e visitou ao P.e Frei Antonio [3] e praticou aos novamente convertidos que o receberão com palmas nas mãos. Com a mesma festa foi recebido em Taná, onde pregou, e daqui se embarcou pera Chaul onde já a nossa armada avia chegado. Chegou também o Padre vespora de Todos os Santos [4]. Andavão todos mui occupados no apparelho da festa do dia seguinte, a qual avião de celebrar com touros e jogo de canas, mas tanto que virão o Padre se forão a elle pedindo que pregasse. Fizerão huma ramada no rocio de Sam Sebastiam onde lhes pregou; e os Irmãos [194v] da Misericordia o levarão a sua igreja já sobre a tarde e foram tantas as lagrimas e bofetadas que derão em sy, que parecia sesta-feira da somana santa. O Padre vigairo offereceo a igreja ao P. Mestre Gaspar e dote pera fundar huma casa

14 causava *corr. mó L* || 21 a *sobrep. mó L* || 26 ramada] armada *LR*

1 Cf. DI II 203 332.

2 O *capitão-mor* D. Antão de Noronha. *General* é a tradução de *classis praefectus* (TRIGAULT, Index).

3 DI II 271.

4 DI II 263 460.

da Companhia, e logo quatrocentos pardaos pera dar principio ao edifficio, mas como ainda eramos poucos pareceo melhor fundar primeiro bem as casas que tinhamos aceitadas que tomar novas residencias não avendo gente pera ellas [1].

5 Antes que nos apartemos de Ormuz será bem que digamos em que anno se largou a residencia que o Padre Mestre Gaspar nesta fortaleza fundou e que superiores ouve nella. Largou o Padre Provincial Antonio de Quadros esta residencia no anno de 1567, avendo-se dado a ella principio em Mayo [2] de 1549. A causa 10 de se deixar foi porque a terra hé doentia e de ordinario os nossos estavão nella doentes e morreram muitos em respeito dos poucos que eram, onde somente nos três annos do P. M. Gaspar fallecerão cinco [3]; e também porque não respondia o fruito ao trabalho que os Padres punham em cultivar as almas, como N. R. P. Geral Fran- 15 cisco de Borgia diz na instruçam que mandou ao P.e Gonçalo Alvares, quando no anno de 1568 partio de Portugal por visitador da India [4]. Soccederam aos nossos os Padres de Sam Domingos, os quaes também deixarão a residencia aos Padres de Santo Agostinho.

O primeiro superior que da Companhia ouve na residencia 20 de Ormuz foi o P.e Mestre Gaspar; o 2.º, o Padre M. Gonçallo Rodriguez [5]; o 3.º, o P.e Antonio de Aredea [6]; o 4.º, o P.e Ayres Brandam [7]; outro foi o P.e Joam de Mesquita [8]. Partiram no anno

---

11 morrerem *L* || 12 que *sobrep. m6 L*

---

1 Da viagem do P. Barzeu de Ormuz a Goa veja-se DI II 257-58 262-65 269-72 459-60.

2 Mais exactamente em Junho.

3 DI II 456 (Fróis, 1 de Dez. de 1552).

4 Instrução de 10 de Janeiro de 1567: «Vea el visitador con el provincial, si conviene sacarse de Ormuz los que ay están con tanto peligro, aviendo muerto tantos, y no siendo el fructo spiritual que se saca igual al daño que se siente» (*S. F. Borgia,* IV 386). Cf. ib. 532.

5 Desde o outono de 1551 até ao fim de 1552.

6 1553-57.

7 Desde fins do ano de 1558 até à primavera de 1560, um ano e meio (*Ulyssip. 2,* f. 221v). No ano de 1564 estava lá o P. Vicente Tonda, do qual trata Gonçalves no l. 9, c. 24.

8 Foi superior no ano de 1565 (*Goa 24 I,* f. 40r). Nasceu o P. João de Mesquita pelos anos 1526 a 1529 em Moncorvo (Bragança), entrou na Compa-

de 1567 duas naos de Ormuz, huma foi tomada dos malavares, outra em que vinha o Padre Pedro de Toar [1] com seu companheiro chegou a salvamento. Parece que o P.e Toar foi o derradeiro superior desta residencia, a qual no principio esteve na casa que foi dos jogues fora da cidade no meyo do monte, e depois se passou pera a cidade pera se poderem melhor ajudar os moradores dos ministerios da Companhia.

Das occupações do P. Mestre Gaspar emquanto governou o collegio de Sam Paulo [2].

Cap. 16.

Tanto que o P. M. Gaspar chegou a Goa renovou com grande fervor o ensino da doutrina christam tangendo elle mesmo a campainha pella cidade, e pregava treze e quatorze vezes na somana em diversas partes [3]. Em Sam Paulo elle mesmo dizia a missa e no meyo della pregava e, acabada a pregaçam, continuava com o divino sacrificio [4]. Mandou o Papa Julio 3.º [195r] hum jubileu expedido em Roma no anno de 1551 a petiçam de nosso P.e Santo Ignacio [5], o qual ganharão não somente os da cidade de Goa e da ilha, mas também concorrerão de Cochim, Cranganor, Cananor e das fortalezas do Norte muitos portugueses pera gosarem das indulgencias

18 mas *na margem L*

nhia em Coimbra a 10 de Junho de 1549, ordenado sacerdote embarcou para a Índia em 1556. Trabalhou em Diu, na Pescaria, em Ormuz, Malaca, Goa, Salsete. Faleceu em Goa no ano de 1586 (VALIGNANO, *Hist.* 352[1]; infra, l. 8, c. 11).

1 O P. Pedro de Tovar nasceu pelo ano de 1525, entrou na Companhia em Goa por meados de 1557; ordenado sacerdote, foi em 1561 para a Cafraria; voltou à Índia, trabalhando em várias casas (Goa, Cochim, Taná). Faleceu em Goa em 1575, sendo procurador da Província (VALIGNANO, *Hist.* 405[6]).

2 TRIGAULT, l. 3, cc. 6-10.

3 Cf. a carta de Fróis de 1 de Dez. de 1552: DI II 470 e 474.

4 Cf. DI II 272.

5 A carta respectiva de S. Inácio é datada de 7 de Julho de *1550* (DI II 42-44)

e graças que o Santo Padre concedia [1]. O fruito foi muito grande e tal que na India té aquelle tempo se não tinha visto outro semelhante. Encontrou-se em Goa o P. M. Gaspar com o B. P. Francisco, de cuja mão recebeu o governo da India em Março de 1552 [2], quando
5 o santo Padre se embarcou pera China.

A primeira cousa que o P. Mestre Gaspar fez depois que vio superior dos nossos foi recolher-se por espaço de oito dias a tomar os Exercicios Spirituaes, dando methodo aos que novamente sam eleitos pera mandar a outros façam o mesmo [3], como muitos fazem,
10 porque daqui como de fonte lhes há-de vir o socorro, favor e ajuda pera fazerem bem seu officio. O fruito que de tam santas meditações tirou foi huma profunda humildade pera com todos, donde lhe naceo o desprezo de sy mesmo, parecendo-lhe que não era pera governar a outros, e tantos estremos fez pera se livrar desta carga,
15 quantos os ambiciosos fazem por serem prelados e pastores, não tendo elles muitas vezes partes pera semelhantes cargos. Pello que escreveo ao P. Mestre Symão, provincial de Portugal, que lhe alcançasse de B. P. Ignacio licença pera ir ao Preste [4] e, se lha ouvesse, lhe prometia cincoenta missas [5]; escreveo ao mesmo
20 B. Padre, o qual em huma do anno 1554 responde que, se o mesmo

---

[1] DI II 471.

[2] As cartas patentes de S. Francisco Xavier foram escritas a 6 de Abril de 1552 (EX II 338).

[3] Fróis escreveu: «Pasados 8 dias dipois da Pascoa, recolheran-se nos Exercisios 8 ou dez Irmãos, e a todos os dava o P.e Mestre Gaspar» (DI II 462). A interpretação de Gonçalves vem de TRIGAULT, l. 3, c. 7: «Itaque mox a discessu Xaverii priusquam ad alios iuvandos aggrederetur, sui primum ipsius, a quo in ceteros, velut e capite in membra, bona omnia oportebat derivari, curam gessit. Nam extemplo se in cubiculum abdens, aptis Societatis nostrae commentationibus operam dedit; ac tum quidem in ipso meditationis igne reor omnia ista esse cusa, quae toto deinde tempore, ad proximi salutem admiranda per eum Deus perfecit».

[4] Tratam deste assunto as cartas do P. Barzeu ao P. D. Leão Henriques de 27 de Dezembro de 1552, e ao P. Inácio de 12 de Janeiro de 1553 (DI II 552 600).

[5] Pediu o Padre 50 missas em outra ocasião, como ele refere na carta de 10 Dezembro de 1549: «Eu mandey hum Testamento Novo com tod'a vida de Christo debuxada em letra gurzi... Mandai-me dizer cincoemta missas, porque tenho muita necessidade, asy por quem me deo este livro, como por my mais» (DI I 498). Trigault assim refere o caso: «Ea de re ad B. Ignatium et P. Simonem litteras dedit, quinquaginta Missas huic pollicitus, si voti fieret compos» (l. 3, c. 7, pág. 252).

anno el-rey Dom Joam não mandasse o Patriarca a Ethyopia, podesse ir, porém que seu parecer era que ficasse antes em Goa [1]. Escreveo também ao P.e Luis Gonçalvez de Camara [2], a el-rey Dom Joam [3] e ao rey de Abassia pera que per suas cartas o pedisse ao de Portugal [4]. Mas nem sempre os santos alcanção o que desejam, como nem o P.e Mestre Gaspar alcançou a missam de Ethiopia, na qual desejava acabar a vida por martyrio [5], porém aceita Deos Nosso Senhor os bons desejos e os apremia com liberalidade, e se a coroa do martyrio falta a quem a busca pera glorificar a Deos, não falta a seus merecimentos o premio a elles devido.

Armado destas armas o P.e Mestre Gaspar e cortada quanto em si era a cabeça do gigante ambicioso das honras humanas, começou também armar os subditos com as mesmas armas. Deu principio à nova milicia do espirito passada[s] as oitavas de Pascoa, e todos successivamente fizeram os Exercicios Spirituaes [6], em que gastaram o tempo té a festa de Ascençam do Senhor, a qual celebrarão todos com grande gozo de suas almas, fazendo confissõis geraes, renovando os antigos seus votos e os noviços votando, ou por sua devaçam, ou pera serem admitidos acabado o noviciado na Companhia. E porque o dia era tam celebre, alevantaram-se a três horas e praticou o P.e Mestre Gaspar duas horas sobre a materia dos votos, e no fim da missa recebeo os votos dos Padres e Irmãos [7]. No inverno fez recolher os Irmãos noviços. Do Irmão Francisco Rodriguez sabemos que esteve nelles corenta

14 passada *LR* || 16 em *corr. m6 de* e | gastarem *LR*

1 Carta de 24 de Dezembro de *1553* (publ. em MI *Epp.* VI 88). Cf. TRIGAULT l. c.

2 Conserva-se uma carta de Barzeu para o P. Gonçalves (extracto), mas não trata da Abissínia (DI II 613-17).

3 O mesmo se diga da carta de Barzeu para D. João III (DI II 605-12).

4 Escrita a D. Cláudio, rei de Abissínia, a 9 de Outubro de 1552, publicada por BECCARI X 35-36.

5 Várias vezes expõe Barzeu desejos do martírio (cf. DI I 673 682-86, II 259).

6 Cf. nota 3 da pág. 91.

7 DI II 462.

dias [1]. A casa era terrea e por estar junto da horta sogeita a cobras, das quaes, como desse conta, foi-lhe respondido que não eram aquellas as cobras que faziam mal ao espirito [2]. [195v] As mortificações eram continuas assy em casa como fora della. Dizia
5 cada hum suas faltas pera seu mayor proveito spiritual. Também deu o Padre ordem pera que um secular lesse aos nossos a lingoa latina [3].

Com os collegiais de Santa Fee e mininos que na mesma casa estavão se occupou o Padre Mestre Gaspar com muito fruito. Primeiramente, como todos pousassem juntos nas mesmas casas, assy
10 os catecumenos como os novamente convertidos e os filhos dos portugueses, edificou com parecer do Viso-Rey e do Bispo hum collegio junto do primeiro, no qual se recolhessem os filhos dos portuguezes e alguns canarins e doutras nações, de habilidade e esperança pera poderem estudar e serem clerigos pera ajudarem a
15 seus naturais, e chegarem por todos a setenta e dous à honra dos discipulos do Senhor [4], como noutro lugar dissemos [5]; e na primeira habitaçam ficaram os mininos de pouco convertidos, que chegavão a trezentos [6], òs quaes ensinavão a ler e escrever, e como erão grandes lhes davam officio e modo de viver conve-
20 niente.

Ordenou o Padre Mestre Gaspar algumas procissões na somana com os seus meninos. Tanto que chegavão às igrejas subia-se hum delles em lugar alto e pregava algum passo da paixam, com que movia o povo a lagrimas, e daqui os acompanhavão
25 as confrarias e muita gente té Sam Paulo. Os meninos da cidade, movidos de verem os collegiaes vestidos de branco, importunavão as mãys pedindo-lhes lobas [7], nas quaes se vestiam e acompanhavão os outros, como depois ainda fizerão nas procissões das sestas-feiras de Quaresma, as quaes tiverão origem das que fazia o P. Mestre Gas-

---

1 Tal apelido não se encontra entre os noviços do P. Barzeau (v. DI II 465 620). Seria Francisco Godinho ou, provàvelmente, Onofre Rodrigues (do Caso) (DI II 620).

2 Notícias particulares de Gonçalves.

3 Pedro Lopes (TRIGAULT, l. 3, c. 8; DI II 463-64 590).

4 DI II 593-95.

5 L. 2, c. 6.

6 TRIGAULT, l. 3, c. 9. Trata-se na maior parte de meninos pobres que habitavam na cidade (cf. DI II 468-69).

7 Cf. DI II 469.

par. Hum vezinho português, desprezando o que diram, se fez como capitam dos meninos indo com sua loba branca, e quando faltava companheiro aos Padres os acompanhava [1]. Também os collegiais aos dias santos discorrião polla cidade pera emendar os juramentos, e acontecia que humas vezes levavão em premio bofetadas, outras boas palavras, e tal ouve que, edeficando-se do menino, meteo a mam na aljebeira e lha deu chea de pardaos [2]. Polla candura e innocencia doutros se convertiam as que eram occasiam aos fracos de se renderem ao peccado.

Nam foi menor o fruito que o P. Mestre Gaspar colheo com os portugueses. Avia na cidade de Goa hum homem tam desenfreado na vida, que se não deixava penetrar da palavra divina nem das amoestações do Padre, atté que o peccador se concertou com o medico das almas que se lhe desse vinte cruzados deixaria o mao estado em que estava. Aceitou o Padre o partido, pedio-os de porta em porta e dando-lhos o tirou do pego das graves culpas em que andava afogado [3].

Avia outro na mesma cidade mais descuidado na salvação, apoz quem o Padre andava pera que a seus pees vomitasse a peçonha com que sua miseravel alma est[av]a inficionada, mas tam suavemente o trazia a infernal aspide encantado, que de nenhuma maneira dava orelhas às sabias palavras do divino encantador. Pregando [196r] pois hum dia em nossa igreja, disse ao companheiro, acabada a pregação, que de sua parte rogasse àquelle homem, que presente estivera, que lhe desse huma palavra na sancristia. A ave fugitiva ao reclamo [anuiu]. Pede-lhe o Padre muito que se confesse. Respondeo como tinha de custume zom-

---

13 das *corr. de* dos *L* || 20 sua *R*, seu *L*

---

1 DI II 468.

2 Escreveu, porém, Fróis que «a hum delles dava hum fidalguo huma mam chea de pardaos estando juguando, porque o deixasse, sendo hum dos mais peequeninos, e respondeo que ouro nem prata nam o avia de abater pera que deyxase de reprender as ofensas do Senhor, que via cometer» (DI II 466). TRIGAULT, l. 3, c 9, pág. 263-64, dá bem a ideia de Fróis.

3 DI II 474-75, onde Fróis escreve *vinte pardaos* (como também TRIGAULT, l. 3, c. 10).

bando do que pedia, mas apertando o medico com o frenetico se resolveo a o deixar ir pera casa sem que se confessasse. Obedeceo, começou a confissão mais por força que por vontade. O confessor animava o penitente a que não tivesse pejo de confessar os peccados que com tanto despejo, desprezo e esquecimento da divina justiça cometera. Passado este primeiro trago, que foi o mais difficultoso, o mandou pera casa sem absolviçam, pera que, cuidando melhor em seus peccados, a recebesse. Fê-llo assy, e também a 3.ª vez, e antam lhe deu o benefficio da absolviçam com a devida penitencia das culpas cometidas. Embarca-se dahy a poucos dias o penitente numa nao, a qual encontrando com outra inimiga, morreo na briga com grandes esperanças de salvaçam, a qual parece Deos tinha revelado ao Padre e por isso fez tanto por converter aquella alma [1].

Também sua caridade se estendeo às molheres perdidas, e posto que no principio parecia que perdia o tempo e trabalho que punha em as converter de seus peccados a Deos, comtudo tanto fez, até que, ajudado da divina graça, tirou cento da torpe vida, casando humas e pondo a outras em casas honradas. E pera que não tornassem ao vomito por falta da sostentação necessaria, lhes procurava bastante remedio; e pera que se conservassem no bem começado as fazia continuar com as pregações e frequencia dos sacramentos da confissam e sagrada Comunhão [2].

Imitavão os subditos ao prelado. O Irmão porteiro antes de dar esmola aos pobres lhes ensinava a doutrina [3]; e o Irmão Antonio Fernandes era tam zeloso da conversam dos infieis a nossa sancta fee catholica, que com grande fervor pregou a hum magote de gentios que achou, e favoreceo Deos Nosso Senhor tanto seus desejos, que de huma vez converteo cento [4]. Donde veo o custume de nossos Irmãos irem aos domingos e dias sanctos a buscar catecumenos, exhortando e convidando os gentios e mais infieis a entrar na Igreja de Christo, fora da qual não há salvaçam [5].

---

1 TRIGAULT, l. 3, c. 10 (cf. a carta de Quadros de 1555, em MX II 957).

2 DI II 471-72 474.

3 DI II 469.

4 TRIGAULT (l. 3, c. 10, pág. 270) e Fróis (DI II 485) dão o número de *40*.

5 Sobre a famosa frase *extra Ecclesiam nulla salus* pode-se consultar *Lexikon für Theologie und Kirche* I 276-78.

Doutras obras pias em que o P.e Mestre Gaspar se exercitou em Goa [1].

Cap. 17.

Quando a candea se quer apagar dá mayor lume e as cousas naturaes tanto mais depressa se movem, quanto mais chegadas estam ao seu cen-[196v]tro. Da mesma maneira vendo o P. Mestre Gaspar que o fim da vida presente se chegava, com passos apressados se empregou muito de proposito com os da cidade communicando-lhes com grande fervor a luz que Deos em sua alma tinha depositada, mostrando-lhes o caminho pello qual podessem caminhar sem tropeço pera a gloria. E como boa parte disto consistia nos sermões, os foi ordenando contra os vicios com tanta prudencia e zelo, que o fruito que delles colhia respondia ao trabalho, industria e desejo que tinha de aproveitar a todos; e como no inverno pregasse muitas vezes e fosse nas pregações algum tanto comprido, determinou de as encurtar e pregar menos vezes. Deu elle conta desta determinação a primeira vez que pregou, dando por causa as grandes chuvas que avia e o apartamento dos ouvintes por morarem afastados do nosso collegio, que estava no cabo da cidade. Mas a devaçam dos ouvintes não tomou bem querer o pregador variar o estylo que té antão levara com elles, pello que o provedor da Misericordia [2] se alevantou e pedio em nome do auditorio que os não desconsolasse, pois Deos lhe dava vontade e desejo de o ouvir e, condecendendo com elle, ficarão todos mui satisfeitos sabendo que o pasto spiritual seria copiosamente ministrado [3].

Huma das cousas que gravemente estranhou foi o descuido qúe os homens casados tinhão de fazerem vir as molheres e filhas à igreja. Aproveitou o aviso e continuarão dahy por diante, mas davão as donzelas em tanta vaidade nos afeites e descompostas com posturas, que parecião semelhantes às filhas de Jerusalém, as quaes o real profeta comparou aos idolos dos gentios [4]. Já pezava em

---

1 TRIGAULT, l. 3, cc. 11-13.
2 António Velho (v. DI II 479[123]).
3 DI II 479.
4 Ps. 143, 12.

parte ao P. Mestre Gaspar terem suas palavras obrado tanto na gente encerrada que sahissem fora e apparecessem nas igrejas, mais occasionadas a offensas de Deos por rezão dos que nellas incautamente punhão os olhos. Porém daqui tomou o Padre nova materia
5 pera reprehender as demasias nos vestidos e atavios superfluos de suas pessoas, não lhe faltando passos da Sagrada Escritura e dos doutores sanctos pera dar d'avesso com o gigante da vaidade molheril em terra. Tornarão-se ellas a recolher e contin[u]avão com a igreja com modestia christam; e matrona ouve que nunca mais se
10 afeitou, dando de mão às joyas, e outras usavão de tanta liberalidade em destrebuir seus bens, que foi necessario ir-lhes à mão [1].

Por este mesmo tempo veo ao viso-rey Dom Afonso de Noronha hum embaixador d'el-rey de Ceilam per nome Pandita [2], o qual ouvindo a fama do Padre Mestre Gaspar desejou muito de o ouvir;
15 declarou ao Viso-Rey seus desejos. Elle pedio ao Padre que a dominga seguinte quizesse pregar na igreja cathedral. Estando elle pregando, senão quando entra o embaixador. Explicava o Padre aquelle passo do Exodo dito a Moysés, quando calçado quis entrar no lugar com os divinos resplendores illustrado: «Descalçai os
20 çapatos, porque o lugar em que estais hé santo» [3]. Entendia o chingala [4] a lingoa portuguesa e, parecendo-lhe que o pregador falava com elle, se poz em ordem de tirar os çapatos, não estranhando a lingoagem do pregador, cuidando [197r] que guardavão os christãos nas igrejas o custume que os gentios indianos [5] tem no entrar
25 dos templos descalçando-se ao entrar delles. Mas disserão-lhe os portugueses que bem podia entrar calçado. Ouvio a pregação e foi ella com tanto espirito pregada e ouvida, que o embaixador ficou rendido ao suave jugo de Christo, a quem o Padre baptizou com nome de Dom Antonio [6] com grande alegria do Vizo-Rey e de toda

---

1 DI II 471-73.

2 Refere Fróis, que «a esta cidade [de Goa] veo hum mouro com huma embayxada do Dialcão ao Viso-Rey» (DI II 473). Lucena confunde-o com o Pandita D. Afonso de Noronha, embaixador de el-rei de Ceilão (DI II 523). TRIGAULT: «Venerat per eos dies Ceilani Regis Idalcani legatus, Pandita dictus» (l. 3, c. 11).

3 Ex. 3, 5.

4 Singalês; veja-se a nota 2.

5 O embaixador era «*mouro*» (DI II 474).

6 Continua a confusão com D. *Afonso* de Noronha (cf. nota 2). O engano resulta de TRIGAULT l. c.

a cidade [1]. E quando tornou com a reposta da embaixada a seu rey [2] pedio ao Padre Mestre Gaspar algum de nossa Companhia, que com elle fosse pera saber dar rezão da ley que tomara e ser instrumento pera muitos se converterem a nossa sancta fee. Deu-lhe o Padre Manoel de Moraes, o qual fez grandes serviços a Deos Nosso Senhor em Ceilam, atté que, adoecendo gravemente, se tornou pera Goa onde poucos dias depois acabou em paz no mez de Julho [3]. Outra enformação diz que os moradores de Ceilão o pedirão. Bem pode ser e que com o mesmo satisfizesse o P. Mestre Gaspar ao embaixador e aos de Columbo [4].

Avia o Padre Mestre Gaspar instituido no anno de 1548 em louvor das onze mil Virgens huma confraria [5], mas com sua ida a Ormuz se resfriou o fervor dos confrades. Vendo-se pois em tempo pera a renovar, determinou instituir huma solemne irmandade, e pera sair com ella a mayor gloria de Deos e das Virgens publicou a festa o domingo antes de Sancta Ursula [6], e dous dias antes do dia de seu martyrio [7] se armou a igreja e se mostrou a santa cabeça de huma das santas virgens ao povo, o qual concorreo com grande devaçam a venerar as sanctas reliquias por todos os dous dias, e dizem que passarião de doze mil almas as que visitaram a sancta

---

1 O Irmão António Dias dá-nos mais particulares deste Pandita e do seu baptismo (DI II 523).

2 Dharmapala, rei de Cota 1551-97 (como cristão D. João), sucessor de Bhuvaneka Bâhu.

3 Segundo outros autores faleceu no mês de Abril ou Agosto (VALIGNANO, *Hist.* 295[1]).

4 Comunica-nos o mesmo P. Morais o motivo de sua viagem a Ceilão na carta de 28 de Novembro de 1552: «A principal cousa a que sou enviado a esta ilha, hé pera fazer o rey della christão e, depois disto, por amor dos portugueses, que estam aqui muitos, os quoaes... andavam muy desobedientes a Deus e às justiças» (DI II 429; cf. ib. 523-27).

5 Não há rasto nos documentos coevos do que afirma Gonçalves, antes o Irmão Fróis o exclui escrevendo: «O P.e Mestre Guaspar, antes de sua partida pera Ormuz,... deseyou muito, pelos milagres que Deus Noso Senhor tinha obrado por esta sancta cabeça das onze mil Virgens, de lhe ordenar alguma cousa com que foce mui venerada, e porque a brevidade de tenpo nam lhe deu pera iso luguar, aguora [em 1552] o pôs em efecto» (DI II 475). Cf. DI II 598 e TRIGAULT, l. 3, c. 12.

6 Segundo Fróis pregou o P. Barzeu «vespora dos apostolos Sam Pedro e São Paulo» (DI II 476; cf. ib. 598).

7 Devia ser 29 e 30 de Junho.

cabeça [1]. Vindo o dia da festa [2] pregou o Padre dos louvores das sanctas virgens com tam grande spiritu e fervor, que logo obra de quinhentas almas se assentarão por Irmãos da irmandade de Santa Ursula. O primeiro que se escreveo por Irmão foi o viso-rey
5 Dom Afonso de Noronha, o qual deu huma boa esmola com que se fez a custodia de prata pera a sancta cabeça; também os Irmãos derão suas esmolas. E dentro de poucos dias chegarão a dous mil [3], dos quaes o Padre escolheo setenta e dous à honra dos setenta e dous discipulos de Christo Nosso Senhor, os quaes tinhão cuidado
10 de saber os peccados publicos da cidade, e também as necessidades que padecião os pobres, o que era facil de fazer porque em cada rua ou bairro morava algum dos setenta [197v] e dous [4]; os quaes depois de feitas as devidas diligencias davão ao Padre Mestre Gaspar as cousas que tinhão necessidade de serem por elle remediadas,
15 às quaes elle com toda prudencia dava o remedio conveniente. Acodirão logo os Irmãos da Misericordia com embargos parecendo-lhes que o Padre divirtia as esmolas pera a nova irmandade, mas como elle fosse tam grande discipulo daquelle Senhor de quem o sancto profeta Isayas canta ser elle Principe de paz [5], que os anjos prega-
20 rão em seu nascimento e o mesmo Senhor pregou ao mundo e deixou aos de sua familia, não quiz o Padre Mestre Gaspar perturbar a união que tanto em todos desejava. Pello que tirou os officios, encomendando a todos os Irmãos que quem soubesse alguma fraqueza do parente, do amigo, do vezinho que lhe desse conta della
25 pera que sem estrondo lhe posesse o remedio. Ficarão os Irmãos da Misericordia com tão bom talho satisfeitos, e muito mais com os das esmolas e legados que o Padre lhes fazia deixar pera ajuda da provisão que avião de fazer aos pobres [6].

Foi tam grande o fruito que por este tempo se colheo na
30 cidade de Goa, que já se não sabia de odio nem desavença entre pessoas christãs, avendo disto tanto naquella ilha e cidade, que em espaço de seis mezes passarão de mil e quinhentas as pazes e con-

---

1 DI II 476.

2 A festa de S. Úrsula e de suas companheiras celebra-se a 21 de Outubro (cf. DI II 476.

3 Ib.

4 Cf. DI II 477.

5 Is. 9, 6.

6 DI II 476-77.

certos que só por meo dos nossos se fizerão. E teve graça nesta parte o queixume que hum escrivão do judicial fez naquelle tempo ao P. Mestre Gaspar em casa e presença do ouvidor geral [1], dizendo que sendo elles dantes quatro companheiros do mesmo officio, a todos sobejava a custura pollas muitas demandas e brigas de Goa, mas que os Padres de Sam Paulo os tinhão destruido, de sorte que, com não serem já mais que dous, estavão ociosos e determinados, se as cousas se não melhoravão, a buscar outra vida [2]. Vulgarmente dizião os homens que os Padres de Sam Paulo lançavão os demonios [3]. Não me consta que os lançassem dos corpos, mas cousa certa hé que os faziam deixar suas antigas moradas. Homem ouve que sendo de oitenta annos se não tinha confessado [4]. Alguns milagres obrou Nosso Senhor por intercessão das bem-aventuradas Virgens que per descuido se não apontaram [5].

Até este tempo não estava o Santissimo Sacramento na igreja de Sam Paulo por ser o lugar menos povoado, mas julgou o Padre Mestre Gaspar que bastavam os collegiaes que havia das portas adentro pera com seguridade e reverencia podia estar o Senhor no altar-mor. Buscou esmolas e mandou lavrar hum fermoso sacrario à maneira de torre rodeado dos sanctos apostolos, [198r] e na porta estavam dous querubins olhando hum para outro à maneira dos que estavam na sancta sanctorum [6], representando, com semelhante postura, o espanto que os gloriosos e bem-aventurados espiritos tem considerando a divindade escondida debaixo das species sacramentaes, donde nos vem o socorro, ajuda e favor contra nossos inimigos. Da torre de David estavam dependurados mil escudos, e na mesma todos os generos de armas offensivas e deffensivas com

---

26 escudos *R*, escurdos *L*

---

1 André de Mendanha (BOTELHO, *Cartas* 40).

2 DI II 477-78.

3 DI II 479.

4 Refere Fróis: «Outro homem velho confeçou em Masquate, que avia 80 anos que se não confeçava» (DI II 475).

5 Escreve Fróis: «Na instituição da irmandade fez loguo Deus Noso Senhor pola sua Serva 4 ou 5 milagres mui evidentes, que nam conto por mais brevidade, porque o Irmão [André Fernandes] os poderá contar» (DI II 478).

6 Ex. 25, 18-20.

que se armavão os esforçados do povo israelitico [1]: e da torre que no altar estava se armavão não somente os victoriosos custumados de alcançar vitorias dos inimigos spirituais, mas também os fracos pera resistirem aos assaltos do diabo, do mundo e da carne [2].

5 Não faltaram ao Padre Mestre Gaspar trabalhos, enfadamentos e molestias causadas dalguns ecclesiasticos por fazer com tanto cuidado e diligencia seu officio. Diziam que o jubileu que o B. Padre Ignacio alcançou do Sancto Padre pera se publicar na cidade de Goa não era valioso porquanto nam trazia sello pendente. Mas o povo 10 e os grandes tinham tam grande conceito da santidade e letras do Padre Mestre Gaspar que não fizerão caso do que diziam os pregadores, ajuntando que mais queriam errar com o Padre Mestre Gaspar (estando certos que nam seriam delle enganados) que acertar com todos os outros [3], os quaes passarão mais avante estranhando 15 a penitencia que publicamente se fazia nas sestas-feiras da Quaresma [4], dizendo que era demasiada e que nascia de zelo indescreto. Nem approvavão porem-se os meninos de Sancta Fee nos degraos das igrejas a contar e referir os passos da sagrada paixão do Senhor, dizendo que não era cousa conveniente que misterios 20 tam altos fossem evangelizados por meninos [5], esquecidos estes bons Padres do que diz o real profeta, que Deos Nosso Senhor foi grandemente servido que as crianças de leite, que não sabiam falar, o louvassem [6]. Porém o Padre Mestre Gaspar fazendo-se mudo e surdo nam respondia a cousas semelhantes, nem por isso deixou 25 de continuar com seus sanctos exercicios, e muito de coraçam lhe pezava de aver ecclesiastico que por alguma via contradissesse as cousas que por officio e obrigaçam devião ensinar, quanto mais publicamente estranhar e contradizer com escandolo de todos.

---

1 forçados *corr.mó L*

---

1 Cant. 4, 4.
2 DI II 461-62.
3 DI II 470-71 597 (Barzeu a 12 de Janeiro de 1553).
4 DI II 480-33 e VALIGNANO, *Hist.* 283-84.
5 Cf. DI II 471 466.
6 Ps. 8, 3.

[*198v*] *Da morte do P. M. Gaspar* [1].

Cap. 18.

Estando o emperador Vespasiano doente não se queria deitar na cama por mais que os medicos lhe aconselhavão que o fizesse, dizendo que o capitão avia de morrer em pé [2]. O mesmo aconteceo ao Padre Mestre Gaspar, o qual em pé andava morrendo e padecendo graves dores de estamago, as quaes sofria com grande paciencia, imitando nesta parte ao bem-aventurado S. Gregorio papa [3]. E quando nos dias de peixe por sua indespocissão comia ovos escalfados, era tão mortificado que tinha por mal empregado de os temperar com açucar [4]. O trabalho comtudo era continuo e muito desigual às forças do fraco e debilitado corpo. Pregava elle na sé cada quinze dias alternando-se com o P.e Frey Francisco de Macedo [5], da ordem dos pregadores, com grandes concursos, achando-se sempre o Viso-Rey presente.

Pregando pois o P. M. Gaspar nos primeiros dias de Outubro na igreja cathedral sobre a parabola do rey que esteve à conta com seus vassalos [6], lhe deu hum grande accidente no mesmo pulpito, causado da grande fraqueza que tinha, e se deixou cair sobre elle. E tornando em sy, depois de algum espasso, querendo continuar com a pregação, não pode ir por diante e, pedindo licença e perdão aos ouvintes, por não estar pera mais. Decendo do pulpito se vio ainda mais sua grande fraqueza, pello que os devotos o que-

---

1 TRIGAULT, l. 3, cc. 14-15.

2 «imperatorem stantem mori oportere» (STRABO, *Vespasianus* 24).

3 *Hom. in Evang.*, l. 2, hom. 21, n. 1 (MIGNE, PL 76, 1169).

4 DI II 485.

5 Cf DI II 596 e MX II 921. Chegara o Padre Macedo a Goa em 1548 com o P. Bermúdez.

6 Evangelho da 21 dominga p. Pent. (Mt. 18, 23-35); porém o evangelho foi o das núpcias reais (Mt. 22, 1-14) da dominga *19* p. Pent. (no ano de 1553 a 1 de Outubro), cujo verso inicial (Mt. 22, 2) é o mesmo que o do evangelho da dominga 21 (Mt. 18, 23). O Irmão Brandão cita só este versículo (MX II 921), sem precisar a perícope. Trigault indica o dia 6 de Outubro no qual se deu o ataque da doença (l. 3, c. 14), data errada.

rião mandar nhum palanquim pera o collegio, mas nem isto permittio considerando que o Redemptor do mundo fora polla rua da amargura muito mais debilitado e fraco, e deste modo se foi pouco a pouco a pé pera Sam Paulo [1]. E foi o mal cada vez crecendo sem
5 que os medicos lhe podessem dar remedio, pello que desconfiado de sua vida foi avisado do perigo em que estava. Tomou elle o aviso com grande alegria e se apparelhou de proposito pera que o Rey da gloria o não alcançasse no tomar das contas da vida passada [2].

10 Tanto que o Padre adoeceo mandou chamar a Baçaim o P.e Belchior Nunes [3] pera que lhe cerrasse os olhos e o ajudasse a bem morrer [4], porém primeiro elle foi pera o ceu que o Padre chegasse a Goa. A gente que queria visitar o Padre na doença era muita, mas elle não consentia ser visitado senão do viso-rey
15 Dom Afonso e dos religiosos com a brevidade possivel. Os demais amigos e devotos o saudavão da porta e com as lagrimas nos olhos mostravão bem o sentimento que tinhão [199r] de perderem tal amigo e Padre spiritual, que por bem de suas almas tinha em tam pouco tempo chegado ao fim da vida. E finalmente aos desoito de
20 Outubro, huma sesta-feira sobre à tarde, dia do evangelista S. Lucas do anno 1553, deu sua bemdita alma ao Senhor [5] que a criou e resgatou com seu precioso sangue, depois de receber com grande devação os sacramentos da penitencia, Eucharistia e da extrema-unção.

25 Ao dia seguinte na madrugada da manhã se dobrou o sino por elle, e logo os vezinhos sospeitarão o que podia ser e com grande pressa acodirão ao collegio e, certificados de sua morte, forão publicando polla cidade que o Padre Mestre Gaspar passara da vida presente. E subitamente ouve tam grande concurso que

---

10 o³ *corr. de* a *L* || 11 Nunes] Gonçalves *RL* || 20 Otubro *corr. mó L*

---

1 Carta do Irmão António Dias, Goa 22 de Nov. de 1554, em MX II 810, e de Aires Brandão, 23 de Dez. 1554, ib. 921-22.

2 VALIGNANO, *Hist.* 282 e MX II 922.

3 O texto tem por engano *Gonçalves* (v. ap. crít.); também TRIGAULT, l. 3, c. 14.

4 MX II 922.

5 Ib.

logo a igreja e as crastas se encherão de toda a sorte de gente, e assi lamentavão sua morte, como se a cada hum delles morrera o pay ou filho ou irmão. E tanto que o corpo appareceo na igreja acompanhado dos nossos e dos religiosos de S. Domingos e Sam Francisco, indo os meninos do collegio de Sancta Fee diante com a cruz alevantada, se renovou o pranto semelhante ao que fizerão as filhas de Jerusalém quando virão a seu Rey coroado de espinhos com o pesado madeiro instrumento de sua morte [1]. E carregarão tanto sobre os Padres que fazião o officio, que arreceavão que o quisessem levar, porém posto elle em lugar alto à vista do povo se aquietarão ao tomulto, mas não das lagrimas que não podiam reter assi os que estavão das grades pera fora, como os que dentro dellas cantavão os psalmos impedindo os suluços a voz e a dearticulação dos versos. Vendo hum dos Padres dominicanos, bom pregador, o auditorio, movido esteve pera subir ao pulpito e pregar de repente os louvores do Padre Mestre Gaspar, mas estava elle também tam banhado nas proprias lagrimas, que se não atreveo a pregar como desejava. Finalmente foi o sancto corpo sepultado na capella-mor com bem de trabalho pella devação que o povo tinha de nelle tocar os rosairos ou aver de seus vestidos alguma reliquia [2].

Viveo na Companhia sete annos e quasi seis meses, dos quaes viveo na India cinco annos e mez meo, no qual tempo fez vida de varam apostolico e em poucos annos abarcou muitos tempos [3], e nos deixou raro e singular exemplo de hum pregador evangelico perfeito e consumado em todas as vertudes. Duas columnas fermoseavam as portas do templo de Salamão [4], outras duas, significadas naquellas, illustrarão e fermosearão a igreja oriental, que foram o B. P. Francisco de Xavier e o Padre M. Gaspar, como facilmente os que lerem esta nossa Hystoria poderão colher do que nella escrevemos. Quanto ao seu corpo, desejou muito o Padre

---

17 elle *risca* elle *L*

---

1 Lc. 23, 27.
2 MX II 922-23.
3 Cf. Sap. 4, 13.
4 Cf. 3 Reg. 7, 15.

Provincial Manoel da Veiga [1] de o achar e por esta causa mandou fazer diligencia no lugar em que parecia fora sepultado, movido pello que pessoas antigas lhe dizião, e nam pode achar [199v] mais que hum pedaço da cabeça que no collegio de Sam Paulo se guarda como reliquia de muita estima, porém fora do sacrario em que estam as sanctas reliquias por não ser canonizado ou beatificado [2].

O que Deos Nosso Senhor por elle obrou na fortaleza de Ormuz elle mesmo foi que o escreveo a Portugal tudo o que fez, porque assi o tinha ordenado o B. P. Francisco de Xavier a todos pera que em Europa soubessem o que o Nosso Senhor obrava por elles [3], porém com tal artificio que com grande humildade encobria ser elle o instrumento dos milagres que Deos Nosso Senhor por elle obrou [4]. De suas cousas escreveram muitos Padres daquelle tempo a Roma e a Portugal, os quaes dão bom testemunho de suas virtudes e das quaes apontarei com brevidade algumas das principaes com que mais glorificou a Deos Nosso Senhor e edificou aos que desejavão imitar sua sancta vida.

Huma das virtudes em que muito floresceo o Padre Mestre Gaspar foi a humildade e desprezo de si mesmo, e daqui lhe nascia a grande confiança que tinha em Deos e desconfiando de sy mesmo. Quanto mais profundas raizes lanção as arvores, com tanto mayor firmeza sobem ao alto, as quaes não temem os impetuosos ventos; e quanto os aliceces [!] são mais fundos, tanto mais seguro se alevanta o edifficio. Estava o Padre Mestre Gaspar bem fundado na pedra firme da humildade e por esta rezam esteve constante e firme contra as graves contrariadades que teve em muitas cousas de serviço de Deos. No relatar do que Nosso Senhor

---

25 da *corr. mó de* de *L*

---

1 1602-05.

2 A Província belga no ano de 1607 deu alguns passos para a beatificação do P. Gaspar, aprovados em 1608 pela Cúria da Companhia, mas não obtiveram resultado (cf. DI I 51*).

3 EX II 92 (Abril 1549) e DI I 641.

4 Escreveu por ex. de si nesta forma: «Tenho sabido que hum Padre da nosa Companhia, o qual não queiro nomear» (DI I 693), ou «Este mesmo Padre» e «Este Padre», «E ymdo este Padre», etc. (ib. 694-95), narrando depois feitos extraordinários dele próprio.

por elle obrava mostra sua grande humildade, chamando-se humas vezes servo sem proveito [1], outras escravo da Companhia de Jesus [2], outras engrandecendo o beneficio da vocação à religiam se conta entre os mayores peccadores do mundo [3], e se tinha por indigno de ser chamado à companhia de tantos anjos, quantos erão os religiosos que nas vertudes tinha por mestres [4]. Escrevendo ao Padre Diogo Mirão, Provincial de Portugal, diz desta maneira: «Ainda estou com mediocres forças, posto que sou hum bicho de tam vil e baixa materia e tal, que, se os meus peccados não forão, obrara Deos Nosso Senhor por mim grandes cousas, mas não digo mais nesta parte por todos me conhecerem por quem sou. Pello que V. R. não deixe de me encomendar ao Senhor pera que eu cesse de com meus peccados offender a sua divina Magestade e deixe de me castigar conforme ao que minhas culpas merecem» [5]. Outras vezes diz que por suas maldades não mereceo ir a Jappam [6], outras vezes que tam longe está de fazer fruito nas almas que o empedia [7], e que se alguns delles escrevessem o contrario que não lhe desse credito como a homens que lhe não querião mal [8]. Cousa proluxa seria querer referir quanto nesta parte acho escrito, mas bastem estas poucas cousas [200r] pera dellas se conhecer, como dizem, o liam polla unha [9].

O grande zelo que tinha das almas não se pode facilmente escrever. Daqui vinha o continuo trabalho de pregar, de confessar, de visitar os carceres, os lazaros, os desejos da missão do Preste, de Jappão, dos amonitas e da China, de modo que todo o

---

12 me *na margem L*

---

1 «Inutilis frater» (DI II 94). Cf. TRIGAULT, l. 3, c. 15, pág. 294.

2 Cf. DI II 596.

3 Acaba a carta de 1 de Dezembro de 1549: «Orate pro me, indigno e misero peccatore» (DI I 637). Cf. ib. 698, II 76.

4 Cf DI I 613-14 666.

5 Carta escrita em Goa a 30 de Novembro de 1552 (publ. em DI II 440). Gonçalves traduz de TRIGAULT, l 3. c. 15, pág. 296.

6 TRIGAULT, l c.; cf. DI II 601.

7 Cf DI II 87 e TRIGAULT, l. c.

8 TRIGAULT, l. c.

9 Famoso adágio da antiguidade greco-romana: *ex ungue leonem*.

mundo parecia pequeno per seus grandes desejos; nem Alexandre Magno os teve mayores de conquistar o mundo todo, do que o Padre Mestre Gaspar teve de o meter debaixo do suave jugo de Christo. Bem se confirma esta verdade com aquelle seu voto que em Coimbra fez e deu por escrito ao Padre M. Symão, no qual se offerecia a viver entre qualquer sorte de gente por barbara que fosse pera ver se com seu trabalho o podia trazer ao conhecimento do verdadeiro Deos [1]. O mesmo zelo mostra o muito que fez polla conversam dalguns insignes peccadores offerecendo-se a manifesto risco da vida, o qual foi quando depois de pregar huma vez em Ormuz o maltratarão os clerigos por elle na pregação reprehender em geral os peccados [2]. Mostram seu grande zelo os desejos que teve de fundar três casas da Companhia nas fortalezas de Chale, Chaul, Ormuz, a quem o governador Jorge Cabral per huma sua concedeo quinhentos pardaos da fazenda d'El-Rey pera ajuda da fabrica do collegio que o Padre tentava fazer em Ormuz [3]; também mandou que entrando alguns soldados na Companhia lhe fossem dados todos os quarteis vencidos pera o mesmo efeito [4]. Estas residencias queria fazer pera que nellas ouvesse tantos obreiros, que podessem acodir à conservação da christandade e conversão dos infieis a nossa sancta fee.

*

* *

Assi como depois da vida e feitos heroicos do B. P. Francisco tratamos do que fizerão nossos Padres e Irmãos emquanto elle foi superior e provincial da India, da mesma maneira me pareceo também neste lugar referir as cousas que acontecerão nesta Provincia emquanto o P. Mestre Gaspar a governou.

---

16 fabrica *R*, frabrica *L*

---

1 Supra, c. 10.

2 DI I 638 661-62.

3 Carta de Cabral para o P. Barzeu, Goa 24 de Março de 1550 (DI II 27-28). Cf. ib. 84.

4 DI II 27 84.

Das mortes do Irmão Adam Francisco, dos Padres Nuno Ribeiro, Manoel de Morais e do Irmão Aleixo Madeira.

Cap. 19.

Veo o Irmão Adam Francisco do Reino na terceira missão, que foi no [200v] anno de 1546, e assi como nosso pay Adão foi o primeiro homem do mundo que povoou a terra, assi o Irmão Adam Francisco foi o primeiro da Companhia que, deixando o Cabo de Comorim, onde se occupava com os christãos, voou como se pode crer pera as moradas eternas do ceo no anno de 1549 [1], do qual o B. P. Francisco escreve desta maneira na undecima carta do 2.º livro: «Pareceo a Deos Nosso Senhor levar pera sy da presente vida ao dulcissimo Irmão nosso Adam Francisco pera lhe dar o premio dos muitos e grandes trabalhos que por seu amor padeceo. Sua morte respondeo à sancta vida que fez, a qual como outros me disserão e eu também vy, floreceo em sanctidade. Foi verdadeiramente varam pio e de grande fervor em trazer os gentios a Christo Nosso Senhor, e pera dizer o que sinto mais me encomendo eu a elle do que eu o encomendo a Deos, porque tenho pera mim que já goza de bem-aventurança pera a qual foi criado» [2].

No mesmo ano de 1549 [3] falleceo o P.e Nuno Ribeiro que veo do Reino no anno de 1546, o qual em breve tempo consumou o curso da vida presente e o da perfeição com coroa de martyrio: porque sendo enviado pello B. P. Francisco Xavier de Malaca às ilhas de Amboino [4], falleceo de peçonha que os mouros lhe derão no anno de 1549, tendo-lhe já dantes posto fogo à casa onde se recolhia pera o queimarem vivo [5]. Foi hum varão dos que naquellas partes deixarão de sy mais suave e santa memoria na pacien-

---

1 Faleceu em Janeiro de 1549 (EX II 78-79).

2 TURSELLINUS, *Epp.* (1596) 82.

3 Aos 22 de Agosto (DI II 107).

4 Cf. EX I 340-41 387 e DI II 117. Substituiu o P. Mansilhas que ficou na Índia.

5 Carta do P. Pérez, Malaca 28 de Nov. de 1550, em DI II 118.

cia dos trabalhos, zelo das almas e fervor da caridade. Algumas vezes lhe aconteceo, o que huma a Sam Martinho, partir liberalmente dos proprios vestidos com os pobres christãos ficando sem elles, sendo-lhe necessario servir-se de dia por capa da propria manta com que se cobria de noite [1]. Em suas viagens per mar e peregrinações per terra não teve de que aver enveja aos perigos e trabalhos dos companheiros. E já mui gastado de peçonha, que avia dias lavrava, faltando-lhe as forças pera visitar os christãos (como se conta que o fazia na sua derradeira idade o dicipulo a quem amava Jesus), assi elle se mandava levar lançado sobre hum lençol a hombros de homens, porque doutra maneira não podia ser, e assi corria todos os lugares pellas igrejas e casa[s] dos particulares doutrinando-os e consolando-os, té que no meyo destas obras tam sanctas e tam proprias suas espirou com nome de sancto e opiniam de martyr [2]. E com muita rezão conforme ao estilo da sancta madre Igreja, a qual não somente escreve no catalogo dos sanctos martyres os que derramarão seu sangue por causa da fé catholica, mas também aos sanctos que de qualquer maneira morrem polla defensão da verdade, como se vê em S. Joam, papa e martyr, a quem Theodorico, rey arriano, lançou no carcere onde morreo de pura fome e fedor do carcere [3]; [201r] e S. Sylverio morreo no desterro por mandado da emperatriz, que pera executar seu impio mandado usou do braço de Bellisario [4]; e S. Marcello papa resistindo ao tyrano Macxencio acabou nhuma estrebaria na qual tinha cuidado de brutos animaes [5]; e finalmente S. Felix repousando em o Senhor com grande paz depois de aver padecido muitos trabalhos polla dilataçam de nossa sancta fee [6], foi posto na lista dos bem-aventurados martyres, verificando-se em todos estes sanctos martyres a doutrina de Santo Agostinho: «Non ex passione certa est iustitia, sed ex iustitia passio gloriosa est» [7]. Pello que

---

1 Cf. DI II 108 118.

2 Segundo o *Commentarius* do P. Manuel da Costa, aqui muito erradamente traduzido pelo P. Maffei (cf. o protesto daquele em VALIGNANO, *Hist.* 487-88).

3 A sua festa celebra-se a 27 de Maio.

4 Festa a 20 de Junho.

5 Festa a 16 do mesmo mês.

6 Festa a 30 de Maio.

7 Cf. *De serm. Domini in monte*, l. I, c. (MIGNE, PL 34, 1236).

ninguém estranhe de contaremos ao Padre Nuno Ribeiro entre os sanctos martyres, pois nam lhe faltou a causa do martyrio nem a pena, que foi uma peçonha lenta que lhe tirou a vida corporal, sendo-lhe occasiam de salvaçam eterna com a desejada aureola de martyrio.

O Padre Manoel de Moraes veo do Reino no anno de 1551 e falleceo em Goa no mez de Julho [1] de 1553, o qual era de tanta virtude e autoridade que veo por superior dos nossos que com elle vierão de Portugal [2]. E o B. P. Francisco quando partio pera a China o deixou nomeado no primeiro lugar pera superior, em caso que o Padre Mestre Gaspar fallecesse, antepondo-o ao Padre Mestre Belchior Nunes, irmão do reverendissimo patriarca de Ethiopia Dom Joam Nunes Barreto [3]. A occasiam de sua morte foi a missam que fez à ilha de Ceilam, na qual esteve por algum tempo fazendo grandes serviços a Deos com os portugueses e naturaes da terra. E porque as febres o sobresaltarão lhe foi necessario tornar para Goa, donde fora mandado pello Padre Mestre Gaspar. Chegou tam doente e fraco, que dentro de poucos dias achando-se rodeado dos Padres e Irmãos que muito amava, entrou no artigo da morte com grande alegria, acabando com o sanctissimo nome de Jesus na boca e no coração, precedendo o sacramento da extrema-unção, depois de recebidos os da penitencia e sagrada Comunhão; com os quaes armado entrou na derradeira luta que nesta vida os homens custumão ter e, alcançada a vitoria dos imigos, foi receber o premio, como se pode crer de sua santa vida, da mão daquelle Senhor que o não sabe negar aos que valerosamente combatem polla virtude atté o fim da vida com certas esperanças da eterna [4].

Ao Irmão Aleixo Madeira levou Nosso Senhor pera sy no mesmo anno de 1553, tendo vindo do Reino no de 1551 pera ser noviço na India. Era fervente nas cousas divinas e de notavel devação e confiança em Deos. Persuadindo elle huma vez em Baticala [5] a certos gentios [201v] que se fizessem christãos, acertaram outros de passar ao mesmo tempo com hum defunto, que

---

1 Veja-se a nota 3, c. 17, pág. 98 deste livro.
2 DI II 242.
3 EX II 341.
4 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 295.
5 Hoje Bhatkal, porto entre Onor e Mangalor (*Mohit,* táb. XIV).

todos ouverão por boa occasião pera se verem livres da efficacia com que o Irmão lhes pregava, dizendo que resuscitasse elle primeiro aquelle morto e que antão crerião e fariam quanto lhes mandasse. Erão feros que o demonio fazia por abafar e afrontar a fee. Aos quaes o Irmão Aleixo Madeira, que a tinha mui viva e afervorada, respondeo logo prompta e facilmente, dizendo: «Eu resuscitarei o defunto em nome e virtude de Jesu Christo se prometerdes de vos fazer christãos vendo-o resuscitado; e sou contente se eu não resuscitar que me corteis a cabeça». E dizendo isto faz parar o esquife com tal determinação que meteo medo aos que o desafi[a]rão. Está toda a gente a ver, ficão os mouros suspensos, olhão pera os outros, mostrão-se perplexos; crece o animo e confiança ao Irmão, aperta que estém pello que prometerão. Dá-se o demonio por vencido, e o que dantes os fizera tão ousados por ver se podia acovardar o servo do Senhor, agora pollos nam perder a elles fá-los considerados. Ajuntão-se àparte e depois de se aconselharem sobre o caso decem da aposta com a mesma pressa com que a fizerão, não vendo os cegos a sentença que já davão polla verdade de nossa santa fee, e que não era menos gloria de Christo crerem elles e por isso temerem que podia seu santissimo nome resuscitar os mortos, que crerem nelle depois de os ver resuscitados. Soube o superior o que passara e, perguntando ao Irmão que determinava fazer se os infieis estiverão pollo partido, respondeo que sem duvida resuscitara o defunto, e isto com tanta singeleza, que o superior ficou mui edificado da fee de suas palavras [1].

Neste mesmo anno vierão do Reino o Padre Baltazar Dias, o P.e Urbano, que vinha por reitor de Sam Paulo e falleceo na viagem [2], e o Irmão Aleixo Dias [3], o qual falleceo em Ormuz na guerra

---

1 Fróis, 1º de Dez. de 1552, conta esta história (DI II 491), sem precisar o nome do Irmão; segundo Valignano foi o Irmão Madeira (*Hist.* 181-82), segundo Polanco o Irmão António Fernandes (*Chron.* II 780).

2 O P. Urbano Fernandes nasceu em Lisboa, ou segundo outros, em Santarém, entrou na Companhia em Coimbra a 27 de Abril de 1545, onde foi depois mestre de noviços e reitor; de 1550 a 1551 governou a Província como vice-provincial; faleceu a 8 de Maio de 1553 (VALIGNANO, *Hist.* 295-96; F. RODRIGUES, *Hist.* I/2, 190-91).

3 O P. Aleixo Dias nasceu em Portugal pelo ano de 1531, entrou a 15 de Fevereiro de 1547, em Coimbra, e em 1558 trabalha já como sacerdote em Ormuz, vindo a falecer no ano seguinte, provàvelmente na expedição contra Bahrein (VALIGNANO, *Hist.* 296[8]; *Lus. 43 1,* f. 3r; *Ulyssip. 2,* f. 208r).

que se fez contra os turcos, indo na armada por enfermeiro, onde também falleceo outro Irmão do mesmo tempo [1].

Considerando N. B. P. Ignacio a grande obrigação que a Companhia tinha ao serenissimo rey Dom Joam e quam necessaria era sua vida pera o bem da Christandade destas partes, escreveo ao B. P. Francisco que ordenasse com que os Padres o encomendassem a Deos na missa, como também o faziam todos os mais Padres de Europa [2]. Neste mesmo anno de 1553 veo o P. Jeronimo Nadal por commissario de Espanha e da India [3]. Em Roma estavão os Padres M. Symão, Luis Gonçalvez e Belchior Carneiro.

Neste mesmo anno mandou N. Padre aquella celebre carta da obediencia escrita à Provincia de Portugal, a qual todos os meses [202r] se lê no refeitorio [4]. Nós a temos na India como huma grande reliquia, como também muitas outras que se guardão na secretaria, das quaes falta em muitas o sinal do B. Padre, que muitos por sua devaçam pedirão aos Padres Provinciaes, de que usam como de sancta reliquia.

Quanto às cousas de Jappam, chegarão lá os companheiros que o B. P. Francisco mandou de Malaca o anno atraz de 1552 [5] e desembarcarão a catorze de Agosto de 1553 [6], os quaes forão bem recebidos d'el-rey de Bungo, ao qual derão a embaixada e presente [7] do viso-rey Dom Afonso de Noronha pera que favorecesse os Padres na promulgaçam do sancto Evangelho, o que elle veo a

---

1 Tristão de Araújo, o qual nasceu pelo ano de 1536, e entrou na Companhia em Goa em 1556 ou 1557 (DI IV 181[36]).

2 Carta de 14 de Junho de 1553, publ. em MI *Epp.* V 125-26.

3 O P. Jerónimo Nadal, natural de Palma de Maiorca, nasceu no ano de 1507, entrou na Companhia em Roma no ano de 1545, onde faleceu em 1580. A 10 de Abril de 1553 foi nomeado por S. Inácio comissário da Companhia para Espanha e Portugal (EX I 73*[1], MI *Epp.* V 7-8). Como visitador de muitas Províncias e promulgador das Constituições influiu muitíssimo no espírito da Companhia do seu tempo, e até a própria Índia lhe sentiu a acção.

4 É a carta de S. Inácio de 26 de Março de 1553, publ. em MI *Epp.* IV 669-81. O original português, de que fala Gonçalves, foi enviado por 1762 de Goa para a capital portuguesa onde se conserva na Biblioteca Nacional, *Colecção Pombalina,* n. 745, f. 47 (cf. EX I 180*-83*).

5 O P. Baltasar Gago com os Irmãos Pedro de Alcáçova e Duarte da Silva (carta de Alcáçova, de 1554, nas *Cartas de Japão* 1570, f. 63r).

6 Ib.

7 «uma coura de laminas e outras peças» (ib., f. 63v).

fazer pello tempo adiante com tanto fervor e devaçam, como se fora christam, dando logo licença pera poderem pregar livremente a ley de Deos.

Logo o demonio veo com seus custumados estorvos ao bem
5 e salvaçam das almas, fazendo que três grandes senhores [1] se amotinassem procurando de matar a el-rey. O Padre Baltazar Gago e o Irmão Joam Fernandes se virão em grande aperto por causa da treição que se armava, e por conselho dos christãos poserão o fato da igreja em cobro, porque os alevantados avião de queimar e
10 saquear a cidade. Porém em breve forão os tredores destruidos; o filho de hum delles não sabendo onde se acolhia se recolheo na igreja, a qual lhe valeo posto que não fosse christão [2]. Poserão logo fogo às casas dos alevantados e lavrou tanto, que queimou mais de trezentas; entre as quaes também aquella em que estava
15 o fato dos Padres ouvera de arder, por estar no meyo das queimadas, se Deos Nosso Senhor a não guardara. Apoz estes trabalhos vierão logo outros, que os bonzos vendo-se vencidos nas disputas que tinhão com o Padre lhe alevantarão, como em semelhantes casos custumão fazer sem escrupulo de consciencia.

20 Mas não forão os bonzos bastantes pera esfriar o fervor dos novamente convertidos, porque hum christão o teve tam grande que em todas as casas de sua rua pegou de tal maneira o fogo, que nenhuma ficou em que se não convertessem alguns a nossa sancta fee. De hum lugar vezinho veo hum christão pedir ao
25 Padre [3] fosse lá onde bautizou trinta pessoas. Noutro lugar se fizerão também muitos christãos, entre os quaes hum cego [4] com a vista d'alma alcançou também a do corpo. Huma moça christam sarou milagrosamente. Em os christãos de Iamanguchi avia tanto fervor e devaçam, que parecião religiosos: onde quer que se acha-

---

[1] Segundo Alcáçova, chamavam-se Fatorindono [Hatoridono], Hichimandono [Ichimadadono] e Enuacatandono [Nukatadona] (ib., 67r). Cf. Fróis, *Die Geschichte Japans* 32.

[2] Sobre ele acrescenta Alcáçova: «Se acolhia à Igreja.... e rogou ao Padre que o metesse em alguma arca, porque o querião matar, e o Padre lhe disse que se metesse debayxo de hum catre até o outro dia, em que buscaria algum remedio» (ib, f. 67v).

[3] Mais explìcitamente Alcáçova: «Hum christão honrado pedio ao Padre quisesse yr a sua casa, que está huma legoa desta cidade» (ib., f. 69r-v).

[4] Alcáçova acrescenta: «moço de treze annos» (ib., f. 69v).

vão não se corrião de falar de Deos, quebravão os idolos que achavão em casa dos gentios diante dos mesmos idolatras. E porque os bonzos dizião que se fazião christãos por não darem esmolas aos pagodes, poserão huma caixa à porta da igreja na qual lançavão as esmolas que [202v] depois repartião pellos pobres aos quaes também davão de comer cada mez huma vez.

A este fervor ajudavão as muitas maravilhas que Nosso Senhor obrava polla agoa do sancto bautismo em os que a bebião com a fee e devaçam: os febrecitantes saravão das febres e as molheres pejadas parião sem difficuldade. Hum christão tolhido de todo o corpo veo a perder a fala [1], a qual recuperou e se alevantou são bebendo da mesma agoa. O mesmo aconteceo a outro tolhido de todo o corpo. Hum christão que tinha grandes febres alcançou perfeita saude mandando-lhe o Padre que se benzesse invocando a Sanctissima Trindade. Elle, como fraco na fee, foi de caminho dar as graças ao pagode, porém logo recahio e, benzendo-se, recuperou a saude. Indo hum criado do caçador d'el-rey a passear hum falcam de muita estima, soltando-o não tornou, pello que o mancebo se absentou. Sua mãy pedio com lagrimas remedio ao Padre pera o falcam tornar à mão. O Padre a consolou, dizendo que se encomendasse a Deos; elle também fez o mesmo. E ao dia seguinte, saindo o Padre da casa, vio voar o falcam sobre ella. Mandou antão dizer ao caçador que o fosse recolher, com que o mancebo, que era christam, tornou pera a cidade dando graças a Deos polla mercê recebida. Este mesmo christam tinha huma criada gentia, a qual o diabo em figura de raposa [2] todas as noites tirava fora da casa sem lhe poderem resistir; depois que recebeo o sagrado bautismo nunca mais foi molestada do espirito maligno [3].

---

3 não darem *corr. mó de* mandarem *L* || 8 os *sobrep mó L*

---

1 Diz Alcáçova: «Hum christão estando tolhido de todo o corpo, dous ou tres meses, fizerão-lhe os parentes tantas feitiçarias, segundo custumão, que veio a perder a fala» (ib., f. 73r-v).

2 Sobre o medo supersticioso e obsessão que os japoneses tem da raposa (Kitsune-tsuki) v. F. RUMPF, *Japan-Handbuch* (Berlin 1941) 149-50.

3 O parágrafo deste capítulo sobre o Japão foi tomado da carta já mencionada do Irmão Alcáçova, de 1554, publ. nas *Cartas de Japão* 1570, ff 63r-74r; cf. também FRÓIS, *Die Geschichte Japans* 29-33).

Da armada que Bernardim de Sousa mandou contra o Tolo, do castigo que Deos lhe deu, e como se reduzio à fee e serviço d'el-rei de Portugal[1].

Cap. 20.

5 Florecia a christandade de Maluco no ano de 1553, principalmente na ilha de Moro. Eram os lugares de christãos em diversas partes espalhados vinte e nove, e o numero dos fieis trinta e cinco mil[2], dos quaes já se confessavão muitos. Guardavão as festas e castidade conjugal da lei evangelica, e todos bem instruidos e 10 constantes na fee, não somente em tempo de paz, mas também sendo perseguidos pellos reis mouros de Geilolo, de Ternate, de Tidore, de Bacham, tão barbaros e crueis [203r] tiranos contra a christandade, que os chama o sancto martir Affonso de Crasto os Decios, os Dioclesianos, os Maximinos, os Licinios do Moro, e 15 com muita rezão, porque não fizerão aquelles em sua proporção na Batechina menos que estes nas provincias do imperio romano por apagar de todo a fee e nome de Jesu Christo. A muitos dos christãos naturais do Moro atormentarão e matarão só porque não deixavão de ser christãos. E que mor constancia que a do marti- 20 rio? Bem empregados trabalhos ainda quando não tiverão outro premio que criar a Christo martires no Moro; mas aos que os tiranos por seus proprios respeitos deixavão com a vida a todos confiscavão a fazenda. Já se algum infiel de novo recebia o santo baptismo, além de todas estas penas, era logo vendido em almoeda

---

12 *Desde* tiranos *mi L*

---

1 As fontes principais deste capítulo são as cartas dos PP. João de Beira e Afonso de Castro, escritas no princípio de Fevereiro de 1553 (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* nn. 6002 6005-06), e as dos Irmãos Fróis, em 1556, e M. Gomes, em 1563.

2 Na carta do P. Castro, Ternate, 7 de Fev. de 1553, lê-se que havia no continente, em Morotia, 8 lugares cristãos, na grande ilha de Morotai 18, na pequena [Rau] três, ao todo cerca de 35.000 baptizados (SCHURHAMMER, *Quellen* n. 6006).

por escravo e cativo dos tirannos. E comtudo não faltavão alguns que recebessem a fee e muitos mais ouvera se neste tempo podera andar entre elles quem ao menos secretamente lhes pregara e os animara à gloria do martirio, como noutro tempo fazia o gloriozo martir São Sebastião, e como dizia e desejava fazer o P. Affonso de Crasto com o desejo da coroa que pouco depois recebeo. Mas foram tantas e tão travadas as guerras em todas aquellas ilhas, que per espaço de cinco annos não foi possivel passarem os nossos da ilha de Ternate, onde rezidiam, às ilhas do Moro, na qual os christãos derão boa prova de sua constancia.

Não se pode dizer a devação e fervor da fee com que recebião os Padres quando depois da guerra acabada os vizitavão. Acodião de todos os lugares à praya chorando de prazer, davão com as mãos alevantadas ao ceo graças a Deos. Estivemos, dizia hum delles per nome Dom Jorge [1], sem vós atté agora como os Padres no limbo antes da vinda do Senhor. Traziam-lhes as crianças pera as bautizarem, que só no primeiro lugar serião até cento e cincoenta [2], dizendo que lhes não offerecião outros prezentes por saberem mui bem quanto mais os agradava a innocencia daquelles mininos que todas as riquezas do mundo, pois pollos salvar passavão tantos trabalhos. Convidavão os mouros que se achassem prezentes aos baptismos. Diziam-lhes que comparassem o fervor e alegria dos catecumenos, a devação e reverencia e santidade com que os Padres celebravão este sacramento com as superstições, torpeza e força do seu Alcoram, com a cubiça e carne e sangue dos cacises, que quam divinas erão as nossas cousas, tão evidente ficava sendo o engano e maldade das suas [3].

Mas já hé tempo de contar aquelle notavel caso que aconteceo este anno de cincoenta e três na povoaçam de Tolo [4], que hé huma das principais da Batechina de Moro, forte per arte e per sitio. Os campos de que vivem os moradores são fertilissimos de

---

30 que *corr. mó de* quem *L*

---

1 Segundo a carta de Manuel Gomes, Amboino, 20 de Maio de 1563, em *Ulyssip. 2*, f. 566r.

2 Foram, segundo a carta citada, umas 115 crianças, cujo número cresceu com outros baptismos (l. c.)

3 Segundo a dita carta, l. c., fizeram-se estes baptismos no ano de 1562.

4 A nordeste de Halmahera, no distrito de Galela.

seus arrozes e sagures[1]; a gente a menos barbara e que juntamente com a fee tomou a devação e serviço d'El-Rey de Portugal, amigos dos amigos e imigos dos imigos. Aqui se alevantou e daqui sahio o fogo da perseguição do rey mouro de Geilolo, que
5 com odio igual do nome christam e português mais que outro nenhum tirano daquellas partes se assinalou em toda a sorte de crueldade contra a pobre [203v] gente. Entrara elle primeiro na terra como hospede com capa de boa vezinhança e amizade, depois fazendo-se valler e temer como senhor fez que os christãos apos-
10 tatassem da fee e rebelassem contra os portuguezes, tomando-lhes primeiro as armas e metendo a fogo e a ferro todos os que tinhão a voz da nossa amizade e da christandade. Muitos morrerão valerozamente como bons amigos e milhores christãos, porém vendo os mais fracos as crueldades e tirannias que com os mortos se
15 exercitarão, renderão-se à vontade do tirano negando de commum consentimento a fee divina e fidelidade hummana. Então o spirito immundo, que pello B. P. Francisco e seus companheiros fora daquelas ilhas desterrado, tornou com outros peores spiritos a sua antiga morada[2] embrenhando-se nos espessos matos da idolatria,
20 e de tal maneira incitou aos arrenegados, que em vingança de averem seguido a bandeira de Christo desarvorarão as cruzes, queimando-as juntamente com as igrejas e sagradas imagens, erguendo de novo templos e altares nos quaes pozerão as abominações de seus idolos, com que ficarão tão oufanos que, prome-
25 tendo-se toda boa ventura na paz e na guerra pellos averem restituidos a seu primeiro estado, que logo apregoarão crua guerra contra os portuguezes, aliando-se com o rey mouro de Geilolo, que era o mor inimigo que tinhamos. Mas Deos não dormia emquanto os perfidos e desleaes a sua ley asacalavão as armas contra o ceo
30 e a terra.

Hum de três castigos offereceo Deos antigamente a el-rey David pera que delles escolhesse qual quizesse, convém a saber, fome, peste ou guerra[3]. Porém todas estas três cousas juntas mandou sobre os moradores do Tolo. Primeiramente os campos
35 se esterelizaram de tal maneira, que nem com a semente acodião

---

1 LUCENA 253. *Sagueiros* é a forma comum.
2 Cf. Mt. 12, 43-45.
3 Cf. 2 Reg. 24, 12-13.

aos semeadores, e o que mais hé, os arrozes e mantimentos que tinhão guardados do anno atraz, quando delles se quizerão valler acharão podres e comidos da praga, que também se estendeo às agoas, porque sendo dantes sadias e saborozas, subitamente se tornarão carregadas, salobras e doentias. Secarão os sagures, corromperão-se os ares, morriam muitos à pura fome, ardia em todos a peste. Mas estavão os mizeraveis tão cegos que não conhecião serem estes malles em penna e castigo de averem apostatado da fee divina e hummana, antes multiplicando peccados sobre peccados, e ajuntando desatinos a desatinos, parecendo-lhes que os portuguezes lhes avião de pedir conta dos malles cometidos, fortificarão-se contra o cerco fazendo baluartes, cavas, valos, tranqueiras, tomando e segurando melhor os passos das entradas; e não se dando de todo por fortificados com toda sua industria e sitio do lugar sobre hum alto monte, semearão a faldra delle de estrepes de pao-ferro tão metidos e firmes na terrra, como se nella tiverão lançado raizes, com as pontas pera fora de palmo e meo mui agudas e tão bastas, que ainda em tempo de paz poderia hum homem com difficuldade escapar de ficar nelles encravado. Ouverão também do tirano de Geilolo socorro de gente e munições pera offenderem aos agressores. [204r]

Ordenadas deste modo suas cousas, ordenou também Bernardim de Sousa [1] capitão de Ternate huma armada de bom numero de gente da terra com trinta portuguezes. Chegados à vista do Tolo [2], primeiro que posessem a proa em terra mandou o capitão dizer aos alevantados que erão ally vindos com aquella armada mais com zello e desejo de os salvar que de os castigar, que em sua mão punhão a paz e a guerra. Mas forão tão descortezes os apostatas que responderão com feros e blasfemias. «Dizei (respondiam) a esses mercadores estrangeiros que nos basta o que temos visto de seus enganos e tiranias, que se vão pera suas terras e nos deixem a nós as nossas: porque nenhuma outra paz nem amizade

---

[1] Bernardim de Sousa, filho de Henrique de Sousa, navegou em 1537 para a Índia, onde em 1545 ocupou Catifa no Golfo Pérsico. Foi capitão de Ternate de 1546-49 e de 1550-52; no segundo período venceu Gilolo. Faleceu, em 1557 sendo capitão de Ormuz (EX I 342[11]).

[2] No ano de 1551. É de notar que Gonçalves não repete o erro de Teixeira (MX II 867-68) e de VALIGNANO, *Hist.* 105, os quais introduziram Xavier nos feitos de Tolo.

queremos com elles, tudo o mais há-de ser guerra a fogo e a sangue, pera a qual temos armas, artelharia e gente mais e melhor que a sua. E quanto a tornarmos a ser christãos, que só nos peza do tempo que o fomos e nos termos alguma hora conformado e parecido nisso com elles».

Escaçamente acabavão de fallar quando a ira do Senhor deceo sobre elles com tão evidentes demonstrações, que té os cegos virão como Deos tomava a vamguarda e dianteira naquella empreza. Estava o sol no meyo dia claro e sereno, subitamente assy lhes negou a luz, como se elle mesmo a perdera ficando todos em escura noite. Abrio-se nisto com espantozo estrondo o mais alto cume de huma montanha vezinha, lançando das entranhas do inferno ao principio nuvens anoveladas de fummo e fogo azulado e medonho, e logo apoz elle huns trovões que assombravão a gente. Arremessou contra a povoação muita soma de pedras abrazadas com tanto impeto e de tão notavel grandeza, que em pouco tempo arrazou os baluartes e derrubou os muros, e poz por terra as cazas assi dos pagodes como dos moradores, sem ficar em pee mais que huma só pobre cazinha em que se agazalhavão os Padres de nossa Companhia o tempo que aly rezidiam. O rescaldo do incendio sahio com tanta furia, que subindo primeiro mui alto e espalhando-se no ar por hum grande espaço à roda quando depois vinha a decer representava tanto ao natural os chuveiros que consigo trazem as cerrações, que chuveo cinza em tanta quantidade que, allém de cobrir e entulhar o campo dos estrepes, da maneira que sem perigo se podia correr e saltar por cima delles, enterrava no mato os porcos vivos, carregava no ar as aves de modo que cahiam em terra e as tomavão às mãos; alagava as embarcações no mar. A isto sobreveo hum tremor de toda a terra que arrancava as arvores e derrubava a gente sem se poderem alevantar nem ter em pé. E pera que nenhum dos quatro elementos faltassem nesta vingança dos alevantados contra o ceo, o lago [1] que avia não mui longe da cidade de tal sorte creceo e trasbordou por cima da terra que cobrio e alagou os campos matando e [204 v] levando grande numero de homens e animaes.

Durou a furia do incendio e tormenta três dias e três noites continuas, no qual tempo os nossos retirando-se com os navios

---

[1] O lago Galela (cfr. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 6002; REBELLO 199).

estiverão a la mira vendo pelejar a Deos. Mas dando-lhe o Senhor também lugar pera fazer a sua, apagado o fogo e restituido o tempo à natural serenidade, desembarcarão e passearão tudo sem alguma resistencia, que mais ouve que fazer em ajuntar e segurar os que escapando da ira divina se meterão pollos matos, que em os trazer depois de juntos à obediencia da ley de Christo e sogeição da coroa de Portugal. Os portuguezes dadas primeiro as graças a Deos Nosso Senhor por tão milagroza vitoria, achando-se com as forças daquella armada inteiras, determinarão de as empregar em destruir o rey mouro de Geilolo. Acharão-no numa ilha sete legoas de Ternate bem provido de gente e armas, recolhido na sua fortaleza. Mas a maldade a tudo enfraquece. Entrarão e ganharão os nossos a fortaleza, tomarão vivo ao tirano, o qual, não podendo sofrer tão grande afronta, se valeo da peçonha sendo algoz de si mesmo [1], cuja morte foi a vida, paz e felicidade de todo Moro.

Passou logo de Maluco lá o P.e Joam da Beira, recebendo-o assy os de Tolo como todos os mais com lastimas e lagrimas por cauza da fraqueza e obstinação passada. Aos quaes elle também recebeo com entranhas de amor, animando-os à verdadeira penitencia, prometendo-lhes por ella o perdão das culpas, a qual elles fizerão com grande sentimento e satisfaçam do Padre, confessando-os e reconciliando-os com Christo e com a santa madre Igreja sua spoza. Com a qual mudança a ouve geralmente em bem per toda a terra. Logo cessou a esterilidade, as agoas recobrarão a doçura antiga, temperarão-se os ares e trouxe o sol nas penas de suas azas a saude, a prosperidade e alegria. Os ratos, que em todo o tempo da apostasia destruião os campos, exorcizados com a agoa benta subitamente os deixarão livres fogindo pera as terras dos infieis. Entendendo elles o castigo de sua infedilidade, todos se abalarão a receber o sancto baptismo com tanto fervor, que não bastando o P.e Joam da Beira, nem os que andavão em Maluco a tão copioza messe, foi buscar à India novos companheiros [2]: tantos forão os bens que Deos tirou dos malles de Tolo, que só porque o elle pode fazer, há muitas vezes por mais gloria sua permiti-los que impedi-los.

---

1 Frôis, Malaca, 19 de Nov. de 1556 (cf. DI III 548-49).

2 Estava em Cochim em Fevereiro de 1553 (veja-se a nota 1 da pág. 115).

Abre-se a patente das successões [205r] por morte do P. Mestre Gaspar a quem succede o P. Mestre Belchior Nunes [1].

Cap. 21.

5 Passando da prezente vida o P. Vice-Provincial Mestre Gaspar a dezoito de Outubro de 1553, e dado seu corpo à sepultura se abrio a patente que o B. P. M. Francisco, provincial da India, fez a seis de Abril de 1552 estando de caminho pera a China [2], na qual nomeava no primeiro lugar o P. Manoel de Moraes pera soceder ao 10 P. M. Gaspar em caso que Nosso Senhor o levasse pera sy e nam ouvesse nomeação de novo Provincial mandada por nosso Padre S. Ignacio. Porém como quer que o P. Moraes já fosse morto no mês de Julho, soccedeo no governo da India o P. M. Belchior Nunes superior da residencia de Baçaim ficando governando o collegio de 15 Goa o P. Micer Paulo conforme a determinação do B. P. Francisco [3]. Mandarão logo recado ao P. Vice-Provincial, que já tinha feito profissão de quatro votos no anno atraz de 1552 [4].

Tanto que o novo superior se vio com esta carga às costas começou de governar a Provincia com não menor cuidado que pru- 20 dencia. Proveo logo a Baçaim de superior [5] e se embarcou pera vizitar as cazas do Sul. Visitado que foi o collegio de Cochim passou a Coulão, onde soube do gloriozo transito do B. P. Francisco [6] e logo fez volta pera Goa com determinação de passar no anno de 1554 a Jappão pera vizitar os Padres e a christandade. 25 E dando conta ao viso-rey Dom Affonso de Noronha de seu intento,

---

1 O fundamento deste capítulo está nas cartas do Irmão Aires Brandão, Goa 23 de Dezembro de 1554, e do P. Mestre B. Nunes Barreto de 1554 e 1555.

2 Ainda estava então em Goa (cf. EX II 341-42), mas já prestes para a viagem.

3 Brandão, em MX II 923, e Nunes *ib.* II 756.

4 O P. B. Nunes Barreto fez a profissão sòmente a 21 de Setembro de 1557 (DI III 780).

5 P. Gonçalo Rodrigues (cf. POLANCO, *Chron.* III 484).

6 Diz Brandão: «Ahi soube de huma nao, que vinha de Peguu, como era falecido» (MX II 934). Cf. também MX II 749.

approvou sua ida [1], porquanto no dia em que o corpo do B. P. Francisco chegou a Goa recebeo huma carta d'el-rey de Bungo, portador Antonio Ferreira, pedindo mandasse a Jappão o B. P. Francisco, e por já ser morto desejava que fosse em seu lugar o P. Mestre Belchior Nunes [2], e lhe mandou dar com grande liberalidade tudo o que lhe fosse necessario pera fazer esta jornada.

E deixando por superior do collegio de São Paulo o P. Balthazar Dias nomeou por companheiros da missão o P. Gaspar Vilela e os Irmãos Luis Froes, Antonio Dias, Estevão de Goes [3] e Belchior Dias, e quatro mininos orfãos que tinha[m] vindo do Reino com o P. Balthazar Dias pera ajudar a officiar as missas cantadas [4]. Também se offereceo hum secular per nome Fernão Mendez Pinto [5], que foi por embaixador do Viso-Rey ao Iacata [6] de Bungo. Despedido pois do Vizo-Rrey, Bispo, Padres e amigos, se embarcou em Abril de 1554 com seus companheiros pera Jappão. Na viagem que fizerão té Malaca que foi trabalhoza e vagaroza padecerão todos bem de trabalhos, fomes e sedes, começando de tomar a salva das flores que a sanctissima arvore da cruz produz aos mais amados do Senhor. Occupavão-se os Padres em pregar confessar, dizião as ladainhas e missas cantadas pera consolação

1-5 porquanto — Nunes *na margem m6 L* || 13 Pinto *na margem L*

1 B. Nunes Barreto, em MX II 765

2 Cf. FRÓIS, *Die Geschichte Japans* 46.

3 O P. Estêvão de Góis nasceu pelo ano de 1526 em Moura (Évora), entrou na Companhia na Índia no mês de Fevereiro de 1554, foi destinado à missão japonesa, mas ficou em Cantão para aprender a língua da China, voltou pouco depois para a Índia, onde desde fins de 1558 o encontramos ocupado na Pescaria, onde foi também superior. Veio a falecer nessa missão em 1588 (*Goa 24 I; Ulyssip. 2,* 133v; *Hist. Soc. 42*, f. 27v); DI III 841.

4 Fala o mesmo P. Nunes de cinco meninos (MX II 767); dois deles — Guilherme Pereira e Regueira — chegaram à Índia em 1551 (DI II 199, MX II 767), os três outros — Rui Pereira, Manuel e Gaspar — foram, segundo parece, recebidos em Goa (cf. MX II 767).

5 Fernão Mendes Pinto entrou na Companhia em Goa no mês de Abril de 1554, vindo a sair no Japão quando lá estava com o P. Nunes Barreto; em 1558 voltou para Portugal, onde faleceu no ano de 1580. É o famoso autor da *Peregrinaçam* (cf. EX I 190*, MX II 765-67, 931-35).

6 *Jacata, iacata:* «Rei feudatário no antigo Japão. Do japonés *yakata* = *palácio, residência dum nobre*» (DALGADO I 473).

dos passageiros; todos os dias avia doutrina e liçam dos Actos Apostolicos pera se animarem a sofrer com paciencia os grandes trabalhos que nesta viagem passarão [1].

[205v] Chegarão porém tão tarde a Malaca que não foi possivel passar aquelle anno a Jappam, ordenando Deos Nosso Senhor sua ficada pera bem de muitos. Pediam esmola de porta em porta e a repartião pollos pobres dos hospitais, da gente portugueza e da terra, procurando cada hum de buscar a hummildade e paciencia que se requere pera servir aos enfermos vencendo as opiniões que a carne tem em sofrer o nojo e asco dos enfermos; e depois pediam outra vez esmola pera sustentação da propria vida [2].

Pregava o P. Vice-Provincial aos domingos pola manhã os evangelhos correntes pello anno, às tardes declarava os mandamentos da ley de Deos. Às quartas-feiras pregava na Mizericordia declarando as obras em que os Irmãos se devem occupar com o proximo, conformando-se com o nome da Santa Caza e com as obrigações dos que nella servem. E porque havia pouco conhecimento das cousas de nossa santa fee polla muita communicação que tem com os infieis, declarou os artigos da fee com rezões naturais e comparações accommodadas aos ouvintes. Às sestas-feiras à tarde pregava na nossa igreja sobre os sete psalmos penitenciais, pezando a materia que nelles se tocão nas balanças da morte e paixão de Christo, Redemptor nosso, avendo sempre muitos diciplinantes e no auditorio lagrimas e mostras de contrição. Alguns fizerão grande mudança com os Exercicios Spirituaes. Os meninos da santa doutrina também por sua parte ajudavão o Padre no que lhe cabia, reprehendendo os pais e mãis dos juramentos e ensinando as orações aos escravos de suas cazas. Os meninos orfãos que levava pera Jappam solennizavam na sé as festas com canto d'orgão, cousa não custumada em Malaca [3].

---

18 de *corr. mó de* da *L*

---

1 Carta do P. B. Nunes, Malaca 3 de Dezembro de 1554 (*Cartas ae Japão* 1570, f. 85r).

2 Ib., ff. 85r-86r).

3 Ib., ff. 86r-87r.

Partio o Padre de Malaca ao primeiro de Abril de 1555 [1] deixando grandes saudades nos moradores daquella fortaleza. Daqui mandou pera Maluco ao P. Antonio Vaz [2] e deixou na mesma cidade o Irmão Luis Froes [3] para que olhasse polla caza, ensinasse a doutrina, fizesse praticas spirituaes e amizades, visitasse se servisse os prezos e os enfermos dos hospitais. E posto que os portuguezes lhe diziam os muitos trabalhos que em Jappão padeciam os Padres, hiam contudo todos tão animados a padecê-los que em nome de todos diz assi na carta que escreveo aos Padres da India:

«Com tudo bemdita seja a increavel Bondade que a todos nos dá mui inteira vontade de antes padecer fome, sede e tribulações de Jappam que as do inferno, desejando de tomar os golpes que nossos imigos cada dia atirão aos escudos de nossos corpos, pera que, recebendo elles as tribulações e setas, não possam penetrar a alma, a qual se faz mais forte com as aflições e trabalho do corpo. E ajuntando a fome e a sede e falsos testemunhos que o corpo padece com o fel e vinagre, cravos, espinhos e vituperios de Christo Nosso Senhor, aprende-se [206r] a gloriar em a crus, e na fome se farta, e na sede se embebeda, e nas injurias e deshonras se gloria, vendo que o modo pera ganhar a alma hé perdê-la; e assi na morte acha a vida, e nos trabalhos descanso, e nos opprobrios honra, na crus gloria, nos falsos testemunhos prova de sua boa consciencia, em as tristezas alegria, em as escuridades luz» [4].

Despedidos poes os Padres de Malaca numa caravela d'El-Rey que o capitão Dom Antonio de Noronha, filho do viso-rei D. Garcia de Noronha, lhes mandou apparelhar pera os levar a Jappão, se virão em muitos perigos, dos quaes foi o primeiro que

---

14 tirão *corr. mó L* || 16 flições *corr. mó L* || 22 descanso *risca* e nos trabalhos *L* || 26-27 filho — Noronha *na margem mó L*

---

1 Carta de M. Belchior Nunes, Cantão 23 de Novembro de 1555, nas *Cartas de Japão* 1570, f. 91r.

2 Já a 2 de Fevereiro de 1555 escreveu de Ternate o P. Vaz uma carta ao reitor de Goa (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 6080).

3 Com Fróis devia ficar em Malaca também o menino órfão Manuel (Fróis, Malaca, 1.º de Dezembro de 1555, nos *Diversi Avisi* I, f. 274v; DI III 314-15).

4 Carta para os Irmãos da Companhia, Malaca 3 de Dezembro de 1554: *Cartas de Japão* 1570, ff 88v-89r.

doze legoas de Malaca sobreveo hum tempo tão forte, que rompeo as vellas e, se as não rasgara, metera a caravela no fundo. O segundo foi, chegando ao estreito de Cincapura deu em seco sobre huma pedra em terra de imigos. Neste passo se virão turbados entre o medo e a esperança, mas dando-se todos por perdidos rogarão ao P. M. Belchior que fosse numa manchua apoz um galeão que pouco antes por elles avia passado pera que socorresse a caravela e salvasse os que nella hião com as fazendas. Embarcou-se o Padre com dous Irmãos e junto da noite virão cincoenta parós que com o remo em punho demandavam a manchua, os quaes chegarão tão perto della que com a grita os meterão em confuzão e quazi que os hião abalroando; e foi necessario que todos tomassem espingardas com os murrões nas serpes acezos pera fazer corpo, gesto e rosto aos imigos, que erão mouros que desejavão beber o sangue aos portuguezes. As espingardas por todas erão três, e o Padre acendia também murrão pera representar o quarto espingardeiro. Mas quis N. Senhor que apertando os do balão o remo à vista do galeão, que os favoreceo, escapassem dos que lhe hião dando caça. O capitão mandou logo o batel grande pera que desalivasse a caravela, e foi de tanto momento esta ajuda, que a caravela nadou escapando dos arrecifes sobre os quais avia encalhado.

O terceiro perigo em que se viram foi que chegando à ilha Politimam [1] mandarão fazer agoada, na qual estavam os da terra emboscados pera dar nelles, mas forão sentidos e deste modo escaparão das frechas ervadas com que os da emboscada os determinavão frechar. Na mesma ilha fogirão cinco marinheiros mouros dos mais necessarios pera o governo da caravela, ficando quazi anhota sem elles. Foram depois disto aportar a Patane [2] que estava alevantado contra os portuguezes, porquanto o galeão que socorreo a caravela tinha metido no fundo com a gente toda hum junco do capitão daquella ilha. Indo a terra dous Irmãos a fazer matalotagem se virão em grande perigo.

No principio de Mayo partirão de Patane mui alegres com esperanças de ferrar as ilhas de Jappam dia do nascimento de São

---

[1] Pulo Timoan, entre Singapura e Pahang, na costa oriental de Johore (cf. *Mohit*, táb. XXVI).

[2] Patane, porto na costa oriental da península de Malaca (cf. *Mohit*, táb. XXIV).

João Baptista [1], senão quando no meyo do golfão de Paulo Condor [2] sobreveo huma tão grande tempestade, que se abrio o navio com os grandes balanços que dava, e por hum bordo e outro entrou tantas vezes o mar, que dando de dia e de noite à bomba se não podia esgotar. Pello que foi necessario arribar, na [206v] qual arribada acharão tanto vento por proa, que poserão nella corenta ou sincoenta dias, despois dos quaes chegarão a Polotimam. Três dias depois de tomarem porto chegarão a elle duas naos portuguezas, as quaes hião pera a China. Os capitães dos quais persuadirão ao P. M. Belchior se passase da caravela a huma de suas naos, vistos os grandes perigos que tinhão passado e avião de passar no mesmo navio tão mal marinhado, e que por tantas partes era entrado do mar.

Rendeo-se o Padre aos rogos dos amigos, e passando-se com os companheiros ao galeão de Francisco Toscano, se virão mais chegados à morte que nunca, porque vindo huma grande trovoada e sendo o porto muito alcantilado e de pedra caçou o galeão, que era muito grande, e fazendo grande escuro foi sobre a caravela e encontrando-se com ella a ouvera de meter no fundo. De maneira que não ouve outro remedio senão largar a amarra da caravela ao galeão, e deitando outra ao mar foi descahir sobre outro navio, o qual passando perigo, por ser a caravela mais forte que elle, lhe cortou a amarra e foi a caravela cair sobre huns penedos, e surgio com huma fatexa tam pequena, que claramente se vio no mayor perigo de todos os passados aver sido mais clemencia de Deos Nosso Senhor de que uzou com seus servos que remedio hummano. Passados poez ao galeam tão apurados com os trabalhos como o ouro na fragoa forão ter a Sancham meyado Julho. Também na viagem foram provados, porque passarão polla fieira por três braças e mea d'agoa, sendo o fundo tão cheo de penedos e o vento tão esperto, que a tocar o galeam se fizera em mil pedaços [3].

---

1 golfão *corr. mó de* gol *L* || 29 feeira *corr. mó L*

---

1 A 24 de Junho.

2 Pulo Condor, ilhas a sueste de Camboja (*Mohit*, táb. XXIX).

3 Toda esta viagem foi descrita pelo mesmo Padre na mencionada carta de 23 de Novembro de 1555 (*Cartas de Japão* 1570, ff. 90v-95v).

Aos dous de Janeiro de 1554 passou desta vida o principe Dom João, e aos vinte do mesmo nasceo el-rey Dom Sebastião, seu filho, mitigando Deos Nosso Senhor o grande sentimento que o serenissimo rey Dom João seu avô teve da morte do principe seu filho. Foi grande o contentamento e alegria de todo o Reino com o nascimento do desejado herdeiro; assi respondera o fim ao ditoso principio. A princesa Dona Joana, sua mãy e filha do emperador Carlos quinto, tornou depois do falecimento de seu marido pera Castella.

Da constancia dos christãos malavares, da morte d'hum Padre na ilha de Amboino, e da chegada do P. Vice-Provincial a Jappam.

Cap. 22.

Avia no ando de 1554 nas duas costas da Pescaria e Travancor e partes do Malavar cento e vinte e quatro mil christãos [1], a muitos dos quaes o Spirito Santo armou de fortaleza sobrenatural pera padecer polla confissão da santa fee catholica muitos e graves tormentos. Tomarão os turcos huma nao junto da enseada da Persia este anno de cincoenta e quatro, na qual, além dos portuguezes que nella hiam, avia também trinta e seis moços malavares, que não passavão os mais velhos de dezasete annos de idade, e daqui para baixo avia [207r] de nove, doze, quinze annos. Trabalharão grandemente os turcos pera que estes mininos deixassem a religiam christam que professavão e seguissem a maldita seita de Mafamede que elles abraçavão, e pera os trazerem ao que desejavão os tratavão com mimos e afagos, prometendo-lhes liberdade e com ella tudo o que a carne deseja.

Mas em balde trabalhavão os mahometanos de afastar de Christo Jesus aquelles que pollo sagrado baptismo forão regenerados e de tal maneira aferrados com o Salvador do mundo, que por

---

[1] Segundo refere Aires Brandão existiam lá nessa altura 125.000 cristãos (MX II 939 L; DI III 186); de facto, não deviam passar muito de 50.000.

elle aceitarião antes mil mortes que, apostatando, receber em premio da maldade o mundo todo.

Vendo poes os barbaros a constancia dos soldados de Christo, deixada a fingida clemencia, se vestirão da crueldade ameaçando-os com duros tormentos e cativeiro infame, quando da vida lhes fizessem mercê, pera ver se com estes feros podiam acabar com elles o que com palavras brandas e amorozas não poderão. Mas não lhes saindo o lanço desejado, os açoutarão não como a meninos, mas como a valerozos e esforçados cavaleiros de Christo, que com grande animo por seu amor padeciam os açoutes que cruelmente lhes davão; e não contentes com esta deshummanidade, acrecentarão pingos tam grossos que lhes crestavão as carnes. E pera mayor magoa sua tomarão os turcos a hum delles e contra sua vontade forçozamente o fanarão, dizendo que já era mouro. Porém o minino bradava dizendo que somente o corpo padecera a injusta violencia, ficando contra sua vontade assinalado no exterior como turco, porém que não fora bastante aquelle ferrete pelo qual os mouros se differenção dos christãos pera apagar o sinal de Christo que no sancto baptismo como ovelha sua recebera, pollo qual era recebido e conhecido por hum dos que são contados no rebanho do grão Pastor [1]: pello que se desenganassem, pois assy como té aly tinha padecido afrontas, vituperios, açoutes e pingos, assy também estava com a divina graça apparelhado pera sofrer a morte pela fee e ley de Jesu Christo que professava [2].

Em Amboino faleceo hum Padre cujo nome está escrito no livro da vida [3], o qual foi por muitas vezes espancado e maltratado dos mouros, e se afogou indo por mar a fazer hum baptismo virando-se a embarcação. O companheiro [4] com grande difficuldade e perigo da vida escapou a nado, e primeiro que tomasse terra encontrou hum penedo no meyo do mar, no qual resfolegou do trabalho passado e depois se foi pera a terra nadando, porém che-

---

1 Cf. Io. 10, 14-16.

2 Relação de Quadros, 6 de Dezembro de 1555 (MX II 965; DI III 349).

3 Foi o Irmão António Fernandes; entrou em Goa na Companhia no ano de 1552, foi enviado às Molucas em 1553, mas morreu afogado a 12 de Março de 1554, navegando de Amboino para a ilha do Buru (cf. POLANCO, *Chron.* IV, 668-70).

4 O candidato Vicente Pereira (ib., 669; cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 6047).

gou tão fraco que não podendo caminhar andava de gatinhas. Indo desta maneira encontrou no cabo de três dias no meyo das brenhas hum homem do mato feroz e cruel per natureza, mas vendo-o tão mal tratado teve delle compaixão e o levou às costas a hum lugar de christãos, onde foi recebido com grande amor e charidade derramando muitas lagrimas pella morte de seu pastor e polla estrema necessidade em que viam o companheiro, ao qual vestirão e socorrerão conforme a sua possibilidade [1].

Tornando à viagem do P. Vice-Provincial M. Belchior a quem deixamos [207v] com seus companheiros na ilha de Sancham às portas da China, escreve por merecimentos do B. P. Francisco na cidade de Cantão té aquelle tempo mui difficultosa em dar semelhante licença aos estrangeiros, na qual esteve por duas vezes no anno de 1555, em que entramos; de cada ves hum mez [2]. Da primeira vez foi pera ver se podia livrar de cativeiro a três portuguezes e alguns christãos da terra. A prizam era mui dura e aspera, porque estavão com as mãos metidas em cepos com taboas encaixadas nos pescoços com letras que manifestavão seus crimes e cada hum tinha sua cadea de ferro nos pés. O cazo era de morte, porque estando a China de guerra com os portuguezes, se davam à costa os matavão ou levavão prezos por cossairos. Levava pera resgate dos cativos hum pouco de ambre cru, que avia seis annos el-rey da China [3] o buscava com grandes promessas a quem o levasse a seu reino, porque tem pera sy que prolonga a vida. Da segunda vez foi o P.e Vice-Provincial sobre os mesmos prezos levando mil e quinhentos pardaos pera os resgatar. «Eu entrei, diz o Padre, por espia a dar novas da terra de promissão, e posto que achasse nella gigantes, digo com Josué e Caleph [4] que, se o todo-poderoso Deos a quem servimos nos ajudar, entraremos nas cidades muradas e venceremos os gigantes» [5].

---

20 de *corr. m6 de* da *L*

---

1 POLANCO, *Chron.* IV 669-70.

2 Carta de 23 de Novembro de 1555 (*Cartas de Japão* 1570, ff. 95v-96r, 101v).

3 Chia Ching, da dinastia Ming, emperador desde 1521-1522 até 1566.

4 Num. 13, 29.

5 *Cartas de Japão* 1570, f. 102r.

Estando o Padre na China, lhe escreveo el-rey de Firando que fosse a seu reino porque lhe faria os mesmos gazalhados e favores que fizera ao P. M. Francisco e aos christãos por seu respeito.

Estando o P. Vice-Provincial na ilha de Lampacam [1] teve novas da India de como o viso-rey Dom Pedro Mascharenhas viera do Reino em septembro de 1554. Nesta ilha invernarão os portuguezes com suas naos, que por todos seriam trezentos; invernou também com elles o P. M. Belchior com seus companheiros. Fizerão igreja e cazas de palha e terra, porquanto a ilha era despovoada, onde de dez de [2] Dezembro de 1555 atté Junho de sincoenta e seis tiverão missa e pregação todos os domingos e dias sanctos, e todos os dias se fazia a doutrina aos escravos. O fruito que se fez nas almas foi de grande serviço de Deos. Muitos se confessarão que por largos annos o não tinhão feito, muitos restituirão o alheo, muitos deixarão as amigas e outros se cazarão com ellas. Os officios da somana sancta se fizerão em canto d'orgão. O Senhor foi enserrado mui ricamente. Pregou-se o mandato e paixão com muita devação e lagrimas. Ao sabbado santo ouve pregação sobre a sepultura do Senhor, e depois se achou a aleluya tão solennemente, que diziam os homens que lhe parecia que naquella hora virão a Christo resuscitado. Na madrugada da Resurreição ouve procissão por ruas de ramos mui frescos, e os portuguezes confessados e comungados, indo a bandeira real diante e grande suiça de espingardeiros, outros [208r] com ramos e flores, e o que melhor era, todos com devação. Por duas ou três vezes recrecerão alguns bandos e discordias entre os capitães das naos, chegando a se pôr em armas, porém foi Nosso Senhor servido de os pôr em paz por meyo do P. Vice-Provincial, o qual ouve de esmola mil e quinhentos cruzados, com os quaes resgatou alguns portuguezes que os chiins injustamente tinham cativos, dando-lhes mui aspero e cruel cativeiro [3].

---

4 Lampacam *R*, Lampaçam *L* || 9 de *corr. m6 de* da *L* || 12 faziam *corr. m6 L*

---

1 Gonçalves e a carta do P. B. Nunes, Cochim a 10 de Janeiro de 1558, têm Lampaçam ou Lampação (ib., f. 135v).

2 *desne: Cartas de Japão* 1570, f. 136r; *desde: Cartas de Japão* 1598, f. 47v.

3 *Cartas de Japão* 1570, ff. 136r-37v.

Em Junho de 1556 partio o P. Vice-Provincial da ilha de Lampacam pera Jappam com seus companheiros. Na viagem passarão hum grande perigo entre dous ilheos, indo-se o navio roçando com os cachopos, e não podendo ferrar Bungo, forão ter a huma colheita dos alevantados contra o mesmo rey de Bungo. Os da terra lhes derão por novas que Bungo era destruido, os Padres mortos e o rey que os favorecia fugido. Atemorizados com estas novas arribarão a Bungo com muito trabalho, onde acharão os Padres e Irmãos, abraçando-se todos com grande consolação e alegria spiritual. Aly estava o P. Cosme de Torres, o P. Balthazar Gago e os Irmãos João Fernandez, Duarte da Silva e Luis d'Almeida [1].

Sete annos avia que o P. Torres estava em Iamagochi, onde tinha feito passante de dous mil christãos, no qual tempo foi grandemente perseguido e por isso estava elle bem crucificado ao mundo e o mundo a elle [2]. Das muitas lagrimas que chorava perdera boa parte da vista, tão custumado aos enxabidos comeres de Jappam que os nossos lhe fazião mal, parecia hum dos antigos Padres do Egipto. Sentio grandemente ver com seus olhos arder em espaço de três horas a cidade de Iamagochi, a igreja e as cazas que pouco avia com grande trabalho tinha edifficado, não salvando mais que os ornamentos, que nhum sotam escaparão do incendio. Porém o que sobretudo mais pena lhe deu foi ver os christãos espalhados, huns per todo Jappam, outros mortos na guerra e todos com as fazendas queimadas. Dizia o P. Cosme de Torres com as lagrimas nos olhos que em cem annos não tornaria aquella cidade ao que fora, a qual na grandeza seria como Lisboa [3]. Querendo-se o Padre valer do rey, que com grão pressa se acolhia a huma serra, porque os alevantados o querião matar, lhe respondeo que mal o podia socorrer quem fogia de seus inimigos. Pello que tomando o conselho do Evangelho que diz: «se vos perseguirem numa cidade

---

2 Lampaçam *L*, Lampacão *R* || 22 nhum *corr. de* nenhum *L* || 30 o *sobrep. m6 L*

---

1 Ib., ff. 138v-40r.
2 Cf. Gal. 6, 14 (*Cartas*, f. 141r).
3 *Cartas de Japão* 1570, f. 141v.

fugy pera outra» [1], se foi pera Bungo com seu companheiro, o Irmão João Fernandez.

Também el-rey de Bungo tinha seus trabalhos, porque temendo-se dalguns senhores seus vassalos deu huma noite nelles e destruio treze tonos principaes; morrerão de parte a parte sete mil homens. Arreceando-se el-rey que por esta [208v] causa ouvesse guerra, assegurou sua pessoa e familia numa impenetravel serra sete legoas de Bungo. E porque a terra ficou inquieta, foi necessario que os Padres imitassem não somente as pombas na simplicidade, mas também as serpentes na prudencia [2] metendo alguns christãos em casa que aos quartos a vigiavão. Andavão os Padres no meyo de tantas tribulações tam consolados e unidos por verdadeira charidade, e sentiam tão altamente de Deos, que tinham grandes aborrecimentos a si mesmos, e tam mortificados que a nenhuma cousa deste mundo mostravão affeição. Tinham perfeita obediencia e pobreza, grande desprezo da vida, constante fortaleza nos perigos, celestial conçolaçam nos trabalhos e lagrimas continuas de devaçam [3].

Adoeceo o P. M. Belchior com os comeres e camas da terra, as quaes são dormir em huma esteira com hum pao à cabeceira, e comer arroz sem cousa que lhe dee sabor. As febres e frios quotidianos lhe durarão três mezes, pello que lhe foi necessario embarcar-se pera a India por rezão de seu officio, posto que convalecente e fraco. De Jappam pera a China teve huma grande tempestade que durou cinco dias, e tomou Cochim a salvamento [4]. O grande zello que o Padre tinha à christandade de Jappão o levou àquellas partes, seguindo neste particular o exemplo do B. P. Francisco, porém depois se ordenou que os provinciais não fossem fora da India, porquanto sua assistencia hé nella muito necessaria pera bem de toda a Provincia.

Neste mesmo anno de 1555 passou da prezente vida o infante Dom Luis, duque de Beja e condestavel do Reino. Não casou; achou-se com o emperador Carlos quinto, seu cunhado, na tomada de Goleta [5]. Foi filho d'el-rey Dom Manoel e irmão d'el-rey

---

1 Mt. 10, 23 (*Cartas de Japão* 1570, f 143r).
2 Mt. 10, 16 (*Cartas de Japão* 1570, f. 143v).
3 *Cartas de Japão* 1570, ff. 140r-44r.
4 Ib., ff. 146v-47r.
5 No ano de 1535.

Dom Joam terceiro deste nome, a quem elle determinava mandar à India com sessenta vellas groças [1]. Foi muito devoto de nossa Companhia [2] e se moveo tão grandemente com a communicação e raro exemplo de vida do P. Francisco de Borgia, que determinou
5 entrar na Companhia, mas por sua idade e pouca saude e outros justos respeitos pareceo ao B. P. Ignacio e ao P. Francisco que o Infante podia fazer mayor serviço a Nosso Senhor estando em sua caza, dando o exemplo que dava a todo o Reino [3]. Vendeo a baixela e rica tapeçaria e joyas pera pagar suas dividas, vivendo
10 sem fausto e familia e apparato da caza real. Fez os votos de castidade e pobreza conforme a seu estado, e de obediencia perpetua aos mandamentos divinos. Persuadio ao iffante Dom Anrique seu irmão que fosse muito devoto da Companhia e que fundasse em Evora o collegio que [209r] lhe fundou. Faleceo de corenta e
15 nove annos e nove mezes [4] e foi sepultado no real mosteiro de Belém [5].

No mesmo anno passou desta vida o papa Julio 3.º aos vinte de Março, avendo governado cinco annos. Soccedeu-lhe o cardeal Marcello Cervino, de nasção toscano, varão santissimo e muito
20 devoto de N. P. S. Ignacio. O cardeal Roberto Belarmino era sobrinho do Papa, a quem Nosso Senhor levou ao primeiro de Mayo. Por sua morte foi criado summo pontifice o illustrissimo cardeal Joam Pedro Garrafa, napolitano, aos vinte do mesmo. Era deam do sagrado consistorio e se chamou Paulo 4.º, que também
25 foi devotissimo de nossa sagrada Religião.

---

1 Sabe-se, por uma carta de Cosme Anes de 30 de Dezembro de 1548, que a vinda de D. João III ou de seu irmão (D. Luís) era considerada como único meio de salvar a Índia (SCHURHAMMER, *Quellen* n. 4105a). Cf. COUTO, *Déc.* VII, l.3, c. 6 e DI III 358.

2 Cf. F. RODRIGUES, *Hist.* I/1, 609-10.

3 Cf. POLANCO, *Chron.* III 355.

4 A 27 de Novembro de 1555. Fez-se o funeral pelo Infante na Sé de Goa com pregação do P. D. Gonçalo da Silveira em Setembro de 1556 (Aires Brandão, 19 de Nov. de 1556: DI III 580; III cf. POLANCO, *Chron.* VI 782).

5 Repete quase o mesmo FRANCO, *Synopsis* 45-46.

Vay o P. Mestre Gonçalo Rodriguez a Ethiopia.

Cap. 23.

Posto que noutro lugar trato de Dom Pedro Mascharenhas [1], comtudo neste me pareceo também tratar delle pello muito que a Companhia de Jesus lhe deve. Na armada do Viso-Rey vierão os Padres Francisco Vieira, Diogo de Soveral [2] e o Irmão Antonio Alvares [3]. O P. Supperior deu os Exercicios e meditações de N. P. S. Ignacio a dous fidalgos com tão grande aproveitamento spiritual de suas almas, que hum delles se fez frade ficando o outro melhorado na vida. Tinha o viso-rei Dom Affonso de Noronha mandado a Dom Fernando seu filho com huma groça armada contra Peribeque, capitão do Gram-Turco que saqueou Urmus [4]. E tornando Dom Fernando vitoriozo, já em tempo do viso-rey Dom Pedro Mascharenhas, lhe deu conta que allém das oito gallés que tomara aos turcos, se tinha[m] acolhido quinze que não ouzando de tornar a Meca se foram meter em Surrate, onde Cindiscan, senhor daquella fortaleza, recebeo os turcos e tomou debaixo de sua protecção. Ouvindo o novo Viso-Rey esta nova, nomeou por

3 tratei *corr. m6 L*

1 L. 1, c. 5.

2 O P. Diogo do Soveral nasceu pelo ano de 1523 em Lamego, entrou na Companhia em Coimbra a 11 de Julho de 1546; em 1548 estava no Congo ensinando meninos; voltou a Portugal onde foi ordenado sacerdote; chegou à Índia em 1554, ocupando-se por dois decénios na Pescaria; em 1558 esteve algum tempo cativo. Faleceu num naufrágio a 31 de Dezembro de 1585 (POLANCO, *Chron.* I 331; VALIGNANO, *Hist.* 297[17]).

3 Irmão António Álvares, natural da ilha da Madeira, entrou na Companhia em Coimbra a 4 de Julho de 1546, onde estudou filosofia. Faleceu nos primeiros meses de 1554 depois de uma doença de vários anos. Embarcara para a Índia em 25 de Março de 1553, mas arribou a Lisboa a 23 de Junho do mesmo ano (*Lus. 43 I-II; Litt. Quadr.* II 445 82 684-85).

4 Pirebeque (Pîr Beg, Barbanegra) atacou no verão de 1552 Ormuz, sem poder conquistar a ilha. No ano seguinte ou em 1554 foi justificado no Cairo (cf. DI II 50).

capitão-mor da armada, que logo mandou fazer, a Fernão Martins Freire, sobrinho seu, o qual partio a dez de Outubro de 1554 com trinta navios de remo e dous galeões com munições e mantimentos. Chegando pois a nossa armada a Surrate achou na barra os
5 capitães de Baçaim [1] e Chaul [2], cada hum com dez navios armados pera que os turcos se não podessem acolher. Mandou logo o capitam-mor dizer a Carecem, capitam da fortaleza e genro de Coge Sofar, que lhe entregasse logo os turcos e as gallés, porém depois de varios recados de parte a parte se concertarão os dous capitães
10 que as quinze [209v] gallés fossem serradas cada huma por seis partes ao travez pera que não podessem fazer mais viagem alguma [3].

Tentou o viso-rey Dom Pedro Mascharenhas com aprovaçam da cidade de lançar e desterrar da ilha de Goa os ritos e ceremonias gentilicas, e favoreceo muito aos novamente convertidos. E a
15 esta conta meteo de posse ao Miale da fortaleza de Pondá pera que daly fosse comquistando o Concam, ficando por esta via campo aos ministros do sancto Evangelho pera converter os infieis a nossa sancta fee [4]. Elle partio a ilha de Goa pellos religiozos de São Domingos e da Companhia de Jesus, caindo aos Padres pregadores
20 aquella parte da ilha que está além de hum braço de mar que chega té Moulá de preamar e descarrega suas agoas no rio de Goa a Velha polla foz de Nossa Senhora de Nazareth té Pangim, ficando a outra parte da ilha que confina com a terra firme e vai dando volta pellos passos Daugim, Sam Brás, Benestarim, Agaçaim, Cho-
25 ram e Divar aos Padres da Companhia [5].

Quando o Viso-Rey partio do Reino tratava el-rey Dom Joam de mandar com authoridade do Summo Pontifice Patriarcha ao reino de Ethiopia [6], e com tanto calor que prudentemente conjecturou o Viso-Rey que no tempo de seu governo se avia de concluir
30 de todo este negocio. E porquanto El-Rey tinha feito eleiçam de

---

1 Francisco de Sá dos Óculos (COUTO, *Déc.* 7, l.1, c. 4).

2 João de Mendoça Cação (ib.).

3 Segundo COUTO l. c.

4 Cf. COUTO, *Déc.* VII, l.1, c. 11.

5 O P. Quadros, na carta de 6 de Dezembro de 1555, diz que a ilha de Goa foi repartida em *três* partes, entrando na obra da conversão também os Franciscanos (MX II 966; DI III 350-51).

6 Cf. a carta de D. João III a S. Inácio, de 28 de Fevereiro de 1554 em MI *Epp.* VI 101-03.

pessoas de muita authoridade, virtude e letras, não lhe pareceo cousa conveniente que vindo ellas no prezente anno do Reino aventurá-las a jornada tão difficultosa sem primeiro tomar o pulso às cousas de Ethiopia. Pello que consultando esta sua traça com os fidalgos do seu conselho e pessoas religiozas, se concluio que fosse hum Padre da Companhia de Jesus a espiar a terra do Abexim pera tomar falla do rey (ao qual commumente chamão Preste Joam, ou Preciozo Joam) e dos grandes do reino, ecclesiasticos e seculares [1].

Era neste tempo reitor do collegio de Sam Paulo o P. Balthazar Dias, o qual nomeou pera esta missão o P. M. Gonçalo Rodriguez, varam de raro exemplo e letras. Deu-lhe por companheiro o Irmão Fulgencio Freire [2], que antes de ser religiozo tinha bem servido a El-Rey nas partes da India, e muito melhor a Deos Nosso Senhor depois de entrar na Companhia. Levarão huma carta em nome d'el-rey Dom João pera el-rey do Abexim [3], e outra do Viso-Rey da India [4] certificando-o da embaixada ser verdadeira e não fingida. Partirão em Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e sinco em duas fustas bem esquipadas, das quaes era capitão Diogo Dias [5].

Chegarão em trinta dias ao porto de Arquiquo [6], sogeito [210r] naquelle tempo ao Preste Joam, donde forão levados à corte d'el-rey Claudio. Dous dias depois de chegados lhes foi dada audiencia e

---

1 Carta de D. P. Mascarenhas ao P. Mirón, Goa 7 de Janeiro de 1555 (BECCARI X 44-45).

2 O Irmão Fulgêncio Freire nasceu entre 1512 e 1514, foi alcaide-mor em Diu, entrou na Companhia em Baçaím em Agosto de 1552; feito cativo em 1560, e depois conduzido ao Cairo, foi ali encontrado em 1561 pelo P. João Baptista Romano; mais tarde resgatado pelo Embaixador português junto da Santa Sé, passou a Roma e a Portugal, servindo em Lisboa os empestados do ano 1569. Faleceu em 1571 no mar, de volta à Índia (VALIGNANO, *Hist.*, 324[47] 406-07).

3 Mencionada numa carta de Diogo Dias (BECCARI X 90) e em outra do Vice-Rei (v. a nota seguinte); parece que o texto não se conserva hoje.

4 Datada de Goa primeiro de Fevereiro de 1555 e impressa por BECCARI X 46-47.

5 Este Diogo Dias, cavaleiro fidalgo da casa de el-rei, já anteriormente estivera na Etiópia. Depois de uma viagem a Portugal em 1553, voltou com D. Pedro Mascarenhas para a Índia, e nela foi escolhido pelo mesmo Vice-Rei para a dita missão (BECCARI X 68 90).

6 Arkiko no continente, a sueste de Massaua (cf. *Mohit*, táb. IXb). A viagem da Índia à Etiópia descreveu-a o P. Gonçalo Rodrigues numa carta de Arkiko, 12 de Março de 1555 (publ. por BECCARI X 48-51).

foi publicamente lida a carta d'el-rey Dom Joam, a qual em summa continha como el-rey David, seu pay, pedira Patriarcha e bispos catholicos; que lhe pedia muito, pois eram irmãos em armas e de antiga christandade, a renovasse em seus vassalos per meyo dos ministros que o Papa mandava a instancia d'el-rey seu pay já defuncto. Porém el-rey Claudio respondeo por antre dentes não sabendo que dissese, lançando a culpa ao secretario d'el-rey David seu pay por escrever semelhantes cartas a el-rey de Portugal [1], cuja amizade queria e desejava, salva sempre comtudo a religião de seus antepassados, a qual por nenhum modo deixaria.

Vendo o Padre sua resulução determinou de ver se o podia tirar dos erros em que estava dando-lhe pera isto muitas rezões, com as quaes posto que ficava convencido não se deixava comtudo render, mas remeteo o Padre a seus sacerdotes e religiozos pera que lhe respondessem. Com elles teve muitas disputas em particular e em presença d'el-rey e da corte, e posto que não sabião responder por sua grande ignorancia aos efficazes argumentos com que os apertava, comtudo mais quizerão perseverar em suas heregias confessando o pouco que sabião que receber a luz da verdade; a qual alguns poucos abraçarão reconciliando-se com a Igreja Romana e reconhecendo ao Papa por supremo pastor de todos os christãos. Considerando o P. M. Gonçalo o pouco fruito que de seus trabalhos tirava, escreveo hum livro no qual refutava doutamente os erros daquelles scismaticos, e fazendo muitos treslados na lingoa da terra deu hum a el-rey, espalhando os outros pollo reino com que converteo alguns [2].

Tinha chegado à corte pouco antes hum bispo mandado do patriarcha alexandrino pera dar ordens. Mandou-lhe el-rey que respondesse ao livro e disputasse com o P.e Gonçalo Rodriguez, mas como elle fosse ignorante e mal visto no dereito divino e hummano, respondeo que não viera de Alexandria pera communicar com hereges nem disputar com elles, pois isso era em poer duvida

---

24 seismaticos *LR*

---

[1] Cf. a carta do patriarca Nunes Barreto, Goa 1 de Dezembro de 1556: Beccari x 70.

[2] Ib. x 69.

a religiam dos mayores e que S. A. fizera muito mal em aceitar o livro da mão daquelle herege estrangeiro e que Deos o avia de castigar, nem ouvera de consentir que se divulgasse. Vendo poes os ecclesiasticos que por esta via se podião reduzir muitos e negar a obediencia ao patriarcha alexandrino, e que se podiam afastar de sua perversa doutrina e negar as esmolas que lhes custumavão fazer, persuadirão a el-rey que em todo caso lan-[210v]çasse o Padre fora do reino como perjudicial à fee de seus antepassados; e que a reposta de sua embaixada fosse a mesma que S. A. lhe tinha dado, que não fossem lá o patriarcha, bispos nem portuguezes [1]: ajuntando que se tam poucos (não avião muitos annos) tinhão em favor do mesmo reino alcançado tão grandes vitorias dos mouros [2], que era muito de recear que vindo outros de refresco, ajuntando-se com os vencedores de tantas batalhas, se alevantassem com o reino fazendo-o tributario à coroa de Portugal, sentindo-se já naquelle tempo o Preste Joam que el-rey de Portugal se entitulasse «senhor da navegação, comercio e conquista de Arabia, Persia e da India».

Ficou el-rey Claudio tam atemorizado desta pratica dos frades abexins, que mandou ao P. M. Gonçalo que se tornasse pera a India, e que o patriarcha, bispos, embaixador e portuguezes escusassem a jornada de Ethiopia, porque nem a elles nem à fee que professavão avia de receber em seu reino. Converteo antam o Padre todo seu cuidado em sacramentar os portuguezes da armada do governador Dom Estevão da Gama, a seus filhos e gente de seu serviço remedeando muitas cousas mal feitas em que tinhão cahido polla communicação que entre elles e os abexins scismaticos avia. Mandou el-rey Claudio dar ao P. M. Gonçalo dez onças de ouro pera o caminho, as quaes elle não aceitou, dando-lhe comtudo as devidas graças pella mercê [3].

---

27 seismaticos *LR*

---

1 Cf. também POLANCO, *Chron.* v 703-04.

2 Em 1541 navegou D. Cristóvam da Gama acompanhado de 400 homens escolhidos para Etiópia, onde venceu o Turco em várias batalhas (cf. BECCARI x 19-20; SCHURHAMMER, *Quellen*, nn. 1305 1330-31).

3 POLANCO, *Chron.* v 704.

Estava neste tempo no Abexim Dom Joam Bermudes [1], patriarcha que se dizia ser de Ethiopia, o qual na relação que deu a el-rey Dom Sebastião, impressa em Lisboa no anno de 1565, falando do P. M. Gonçalo diz assy no capitolo cincoenta e cinco: «Foi tãobem ally [2] (a Barua) hum Padre da Companhia de Jesu, chamado M. Gonçalo, com seu companheiro, que hiam da India a saber de mym e dos portuguezes [3], e do estado daquella gente do Preste Joam, o qual, depois que o enformei do que passava, foi-se à corte d'el-rey assi pera vizitar os portuguezes que lá estavão, como também pera apalpar o fruito que se podia fazer naquella terra aserca da fee e religiam. E achou tão pouca desposição pera isso, que veo de lá bem descontente e quazi fugindo da morte que se lhe aparelhava, porquanto teve algumas praticas e disputas com os letrados e bispos daquella terra e os convenceo, pello que ordenavão de o matar se se não acolhera» [4]. Até aqui Dom Joam Bermudes, o qual estando em Barua esperando [211r] passagem pera a India, foi ter ao porto de Maçuá Antonio Peixoto com duas fustas, de que era capitão, com o qual se embarcarão Dom Joam, o P. M. Gonçalo com seu companheiro e dez portuguezes. Vindo navegando se alevantou huma tempestade junto de Zeila [5] que virou o navio em que o Padre hia [6]. Encomendarão-se com grande devação à Virgem Senhora Nossa e milagrozamente se

5 Braua *corr. mó L* || 16 Barmudes *corr. mó L* || 19 e *sobrep.*, *antes* com *L*

1 João Bermudes, português, navegou para a Índia em 1515, acompanhou em 1520 Rui de Lima e Francisco Álvares à Etiópia como cirurgião, voltou em 1536 à Europa e em 1539 regressou à Índia e em 1541 à Etiópia, onde foi reconhecido como patriarca por Cláudio e também pela maior parte dos portugueses, se bem que alguns duvidassem sempre, e com razão, pois de facto não era verdadeiro patriarca. Em 1556 estava de novo em Goa, donde voltou a Portugal em 1559. Veio a falecer em Lisboa a 30 de Março de 1570 (Cf. BECCARI XV 63; F. RODRIGUES, *Mestre João Bermudes* [Sociedade Portuguesa de estudos históricos: Separata do n.º 30 da «Revista de História»]).

2 Acrescenta Bermudes (v. nota 4): ter comigo.

3 Bermudes: dos outros portugueses.

4 *Breve relação da embaixada que o Patriarcha D. João Bermudes trouxe do Imperador da Ethiopia,* conforme à edição de 1565, c. 55 (Lisboa 1875) 121-22.

5 Zeila, hoje na Somália britânica não longe de Djibuti.

6 Cf. BERMUDES, *Breve relação* c. 56; POLANCO, *Chron.* V 707.

tornou a fusta a endereitar, e chegando a Goa offerecerão à Senhora hum painel no qual estava o caso pintado [1].

Tomarão a barra de Goa no mês de Setembro de 1556 governando já a India Francisco Barreto [2], que recebeo a todos com muito gazalhado e mandou aposentar a Dom Joam Bermudes no collegio de São Paulo, onde esteve atté se embarcar pera o Reino [3]; e se deixou ficar na ilha de Sancta Ilena o anno de 1557, té que no seguinte se tornou a embarcar pera o Reino [4]. El-Rey Dom Sebastião o favoreceo e deu bastante renda pera sua sustentação, té que Nosso Senhor o levou pera sy na cidade de Lisboa [5] e morava em São Sebastião da Pedreira.

Da missam que veo pera Ethiopia e do naufragio da nao Conceição.

Cap. 24.

Estando o corpo do viso-rey Dom Pedro na capella-mor de São Francisco de Goa à vista da sepultura se abrio o alvará das successões e sahio por governador Francisco Barreto em Junho de 1555 [6]. Partirão no mesmo anno do Reino pera a missam de Ethiopia os PP. Antonio de Quadros (que vinha pera ser provincial do Preste), Belchior Carneiro, elleito bispo de Nissea, Manoel Fernandez [7], Micer Joam [8], framengo, Migel

5 Barmudes *corr. m6 L*

1 POLANCO, *Chron.* V 707.

2 Foi governador de 1555 a 1558.

3 Segundo Bermudes um «espaço de nove ou dez meses» (l. c.).

4 Chegou a Lisboa no mês de Agosto de *1559* (c. 57).

5 Aos 30 de Março de 1570.

6 Cf. COUTO, *Déc.* 7, l. 2, c. 1; diz, porém, este autor que o corpo de D. Pedro estava na capela-mor da Sé de Goa e que o chanceler mandou trazer o cofre das sucessões, que estava em S. Francisco.

7 O P. Manuel Fernandes era de Olivença (então território português), entrou na Companhia em Coimbra a 9 de Setembro de 1553, navegou para a Índia em 1555 e em 1557 para a Etiópia, onde, por morte do patriarca Oviedo, foi o principal esteio da missão. Faleceu em Fremoná a 25 de Dezembro de 1582 (VALIGNANO, *Hist.* 310[9]).

8 P. João Tomé Boukyau (Mestre João), natural de Trazegnies (Hainaut, Bélgica), entrou na Companhia pelo ano de 1553. No ano seguinte encontramo-lo

Calataud [1], catalão, e Jeronimo de Cuenca [2]; e os Irmãos Joam Gonçalvez [3], Bertholameu Carrilho [4], Francisco Lopez [5], Gonçalo Cardoso [6], Antonio Fernandez [7], e Joam de Bustamante [8], dos quaes el-rey Dom Joam faz menção na carta que escreveo ao
5 P. M. Belchior Nunes, a qual hé a seguinte.

«Padre Provincial. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Soube como Nosso Senhor se ouve por servido de levar pera sy o P. M.

---

em Roma. Na Índia foi confessor muito estimado. Faleceu em Baçaím no mês de Fevereiro de 1568 (VALIGNANO, *Hist.* 310[10]).

1 Miguel Barul (assim é geralmente chamado este Padre), foi de Valência (Espanha); apresentou-se no ano de 1552 em Roma como candidato da Companhia e foi por algum tempo ocupado no colégio de Perugia. Na Índia dedicou-se à missão da Pescaria, na qual faleceu a 26 de Novembro de 1558 (VALIGNANO, *Hist* 310[11]).

2 P. Jerónimo de Cuenca (na Índia chamado também Vaz de Cuenca ou só Vaz), nasceu em Fevereiro de 1524 em Medina del Campo, onde entrou na Companhia no outono de 1551. Na Índia trabalhou em Goa e Baçaím, e mais tarde como superior em Manar e S. Tomé. Faleceu na Pescaria em 1588 (VALIGNANO, *Hist.* 311[12]).

3 Irmão João Gonçalves, nasceu entre 1523 e 1529, depois de viver por algum tempo como frade em Lisboa, entrou na Companhia e navegou para o Oriente em 1556. Lá, foi muito estimado como relojoeiro, ferreiro, mecânico e tipógrafo (fazendo também letras «malabáricas»). Faleceu em 1578 (VALIGNANO, *Hist.* 311[14]).

4 Irmão Bartolomeu Carrilho, filho de Pedro Álvares e de Leonor Mendes, nasceu pelos anos 1527 a 1529 em Castelo-Branco, entrou na Companhia em Coimbra em Fevereiro de 1554, chegou à Índia em 1556, falecendo em Punicale a 7 de Abril de 1560 (VALIGNANO, *Hist.* 326[6]).

5 P. Francisco Lopes, natural da Vila de Fronteira, onde nasceu pelos anos 1513 a 1517, entrou na Companhia pouco antes de partir para o Oriente em 1556, passou em 1557 à Etiópia, onde perseverou até à morte, Maio de 1597 (VALIGNANO, *Hist.* 326[4]).

6 P. Gonçalo Cardoso, português, entrou na Companhia em Coimbra em 1554, chegou a Goa em 1556 e em 1557 à Etiópia, onde foi assassinado por ladrões a 22 de Maio de 1574 quando ia a Dambea em ministérios (VALIGNANO, *Hist.* 326[5]).

7 P. António Fernandes, nasceu em Braga entre 1532 e 1534, navegou em 1556 para a Índia, como candidato da Companhia, e depois, em 1557, para a Etiópia, onde em 1593 faleceu em Fremoná (VALIGNANO, *Hist.* 327[9]).

8 P. João de Bustamente (desde 1563 aparece com o nome de Rodrigues) nasceu pelos anos de 1536 a 1540 em Valenzuela (Córdova), entrou no mês de Julho de 1555, em Coimbra, chegou em 1556 a Goa, onde instalou a tipografia. Ordenado sacerdote em 1564, faleceu a 23 de Agosto de 1588 no colégio de S. Paulo (VALIGNANO, *Hist.* 326[8]).

Francisco, de que muito me desaprouve polla falta que huma tal pessoa deve fazer em toda a parte, mormente nessas onde por seu meyo o nome de Nosso Senhor era dilatado em tantas partes. Mas como o que elle faz e ordena hé o milhor devemos de conformar nossa vontade com a sua. Também me desaprove [211v] muito do falecimento do P. M. Gaspar polla boa mostra que de sy tinha dado: chamá-los-hia Nosso Senhor a ambos pera lhes dar o verdadeiro premio e galardão de suas obras, pois a ninguém deixa sem elle. Este anno, como o P. Miram vos escreverá vam doze Padres, dous delles pera lerem latim no collegio de São Paulo de Goa e se principiarem as escolas da maneira que estão neste Reino, os outros dez pera estarem na India atté o anno que vem para irem com os mais Padres que de quá hão-de ir ao Preste na maneira que tenho ordenado. E em companhia dos Padres que hão-de ir ao Preste, pera o anno que vem iram os Padres que parecerem necessarios pera ficarem na India, os quaes deixarão de ir agora porque, pois estes dez aviam de estar na India até elles de quá irem, parece que bastavão. Encomendo-vos muito que sempre me escrevais tudo o que vos parecer que cumpre pera Nosso Senhor ser melhor servido, porque com isso recebo muito contentamento». Atee aqui a carta d'El-Rey [1].

Era neste tempo reitor de Sam Paulo o P. Balthazar Dias, o qual vendo-se com tanta e boa gente, e que o P. Vice-Provincial M. Belchior estava na ilha de Lampacam pera passar a Jappam, e que a Provincia crecia em numero de religiozos que de muitas partes eram pedidos, consultou com os Padres se era bem eleger provincial que governasse a Provincia da India? Resolveram que sy, pello que escreveo o Reitor de Sam Paulo aos superiores do Norte e Sul que viessem a Goa pera elegerem provincial. Juntos os Padres no collegio de Sam Paulo elegeram, conforme a bula do papa Paulo 3.º, que começa Licet debitum [2], con grande concordia o P. Antonio de Quadros [3].

---

24 Lampaçam *L*, Lamcapam *R*

---

1 Esta carta foi escrita, provàvelmente, em Março de 1555.

2 Segundo a dita bula do ano 1549, podiam os membros da Província de Goa livre e lìcitamente, no caso da morte do P. Provincial, escolher substituto, enquanto o P. Geral não mandasse outro (MI *Const.* I 368).

3 Foi eleito, depois de alguma resistência sua, ao primeiro de Janeiro de 1556 (cf. POLANCO, *Chron.* V 664-67).

Proveo logo o novo Provincial as rezidencias dos obreiros necessarios. Mandou pera a Costa da Pescaria o P. Diogo de Soveral e o Irmão Francisco Durão; pera Coulão o Irmão Luis de Gouvea [1], e pera Malaca o Padre Balthazar Dias. Fundou como
5 El-Rey mandava os estudos em Goa com três classes de latinidade, curso, casos e theologia. O P.e Bispo elleito leo a liçam dos cazos, o P. Provincial Antonio de Quadros foi o primeiro que leo as artes e depois theologia, o Irmão Joseph Ribeiro [2] leo a primeira, o P. Migel catalam [3] a 2.ª, o Irmão Marcos Nunes [4] a terceira.
10 Antes que ouvesse mestres da Companhia no collegio de Sam Paulo ensinava das portas adentro hum secular per nome Antonio Lopes [5] que lia gramatica aos Irmãos.

Além dos Padres e Irmãos nomeados vierão mais três da Provincia de Castella, os quaes se embarcaram na nao Conceição,
15 cujo capitam era Francisco Nobre. Chegou a frota das naos da Carreira (capitam-mor [212r] Dom Leonardo de Sousa) a salvamento a Moçambique. Partidas as naos deste porto se apartou a Conceição das outras [6] e, vindo pera a India, se perdeo huma noite

---

1 Irmão Luís de Gouveia, nasceu pelo ano de 1526, entrou na Companhia na Índia por 1553; ocupou-se muitos anos (até cerca de 1572) em Coulão, em 1575 era procurador e mestre-escola em Cochim, onde faleceu a 18 de Fevereiro de 1584 (VALIGNANO, *Hist.* 316[31]).

2 Miguel Barul (v. a nota 1, p. 141).

3 P. José Duarte Ribeiro, nasceu entre 1529 e 1531, entrou na Companhia em Coimbra ao 1 de Maio de 1551, chegou a Goa em 1555, onde por muitos anos foi mestre de gramática. Ordenado sacerdote em 1556, foi nomeado em 1561 mestre de noviços; sendo mandado em 1563 completar os estudos de teologia, faleceu logo no ano seguinte em Cochim (VALIGNANO, *Hist.* 311[15]).

4 P. Marcos Nunes, nasceu em 1537 no lugar principal da ilha da Madeira, entrou em Coimbra a 28 de Janeiro de 1546, chegou a Goa em 1555, onde foi ordenado no ano seguinte. Era bom latinista e o melhor poeta entre os membros da Companhia na Índia de então. Voltou a Portugal em 1560, donde em 1562 passou a Mazagão (África). No ano seguinte foi despedido da Companhia (*Lus. 43; Ulyssip. 1*, f. 256 v; *Goa 31*, 108r; *Epp. Nadal* I 557 689 705; *Lainii Mon.* V 220, VII 512 675, DI III 856, IV 908).

5 Chamava-se *Pedro* Lopes. Dele escreveu Fróis e Barzeu nos anos 1552-53, e Aires Brandão nos fins de 1554 (cf. DI II 463-64 590, III 189, MX II 941).

6 Separara-se já nas Canárias, como escreve Manuel Rangel, o qual se salvou do naufrágio da nau Conceição e compôs uma Relação sobre a viagem infeliz, publicada por B. Gomes de Brito, *História trágico-marítima* (nova edição de 1904). Ao mesmo infortúnio se referem também VALIGNANO, *Hist.* 311-13, COUTO, *Déc.* VII, l. 2; c. 7; l. 3, c. 2, e várias cartas coevas de Jesuítas.

nos baixos de Pero dos Banhos [1], quinhentas legoas de Goa [2], que são humas coroas de area, as quaes o mar quazi cobre de agoas vivas. Nestas encalhou a nao pera sempre estando o mar quieto. Salvarão-se trezentos homens numa ilheta que junto está, deserta e falta de mantimentos. Salvarão algum biscouto molhado, alguma carne podre e hum pouco de vinho, e se logo se nam buscasse remedio prestes padecerião todos cruel fome. Pello que o capitam com trinta companheiros, levando consigo o piloto [3] e muitos marinheiros, se embarcou logo no batel e, fazendo-se à vela, chegou à barra de Goa [4] com grande espanto de todos. Imitarão obra de cincoenta homens o capitam, que também se embarcarão nhuma embarcação que fizerão dos pedaços da nao [5]. Ficarão obra de duzentas almas na ilheta esperando por socorro de Goa. Com esta gente se deixarão ficar os três de nossa Companhia, dous delles erão sacerdotes, hum se chamava André Gonzalez [6], natural de Medina del Campo, o outro Pascoal [7], o 3.º era Irmam, chamava-se Afonso Lopes [8], navarro de naçam, que avia de ler em Goa o curso das artes.

Offerecerão-se os capitães pera levar os Padres à India, porém vendo elles que ficavam duzentas almas sem confessor, quizerão antes morrer em sua companhia, se porventura ally acabassem,

---

12 nhuma embarcação *na margem mó L* || 16 del *corr. mó de* de *L*

---

1 A 6 graus e um terço Norte.

2 De facto, uns mil quilómetros. *Quinhentas léguas* seriam 3.000 quilómetros (cf. a carta de Quadros, 6 de Dez. de 1555: MX II 969, DI III 354).

3 Afonso Pires (Manuel Rangel, p. 7).

4 Aos 28 de Setembro de 1555 (Cuenca, Baçaím 12 de Nov. de 1555: DI III 293). Foram uns vinte que se salvaram nesta ocasião.

5 Este grupo atingiu Goa a 1 de Dezembro de 1555 ou pouco antes (carta de Manuel Fernandes, 4 de Dez. de 1555: DI III 327).

6 P. André Gonzalez, nasceu pelo ano 1526, entrou em 1550 ou 1551 em Medina, estudou filosofia e teologia. Começou a sua viagem para o Oriente em Ávila (VALIGNANO, *Hist.* 311 17).

7 P. Gonçalo Pascual, catalão, ocupava-se na educação de órfãos. Estava na primavera de 1554 em Évora e foi ordenado antes de partir para a Índia (ib.).

8 O Irmão López nasceu pelo ano de 1529, entrou no outono de 1552 em Espanha, ajudou em 1553 a fundação do colégio de Córdova. De Alcalá passou a Portugal e ao Oriente. Devia ser o conselheiro teológico de Oviedo (VALIGNANO, *Hist.* 312 18).

que deixando-os em sumo desemparo conservar as vidas embarcando-se pera Goa. Não foi comtudo este offerecimento dos capitães de todo puro do proprio interece, porque se os querião levar era pera que em cazo que se vissem em perigo de morte tivessem
5 confessor que naquella hora os absolvesse de seus peccados. Vendo os Padres seu offerecimento lhe pedirão com toda a cortezia e comedimento quizessem levar em sua companhia o Irmão Affonso Lopes, porquanto havia de ler o curso da filosophia e que não havia na India que[m] o podesse ler; porém elles forão tão desummanos que,
10 esquecidos da mizericordia e clemencia tão propria da nasçam portugueza, responderão que não tinham necessidade do Irmão, senão dos Padres, pello que também este bom Irmão acompanhou os dous que ficavão [1].

O governador Francisco Barreto mandou logo fazer prestes
15 duas galeotas, nas quaes se embarcarão o capitam Francisco Nobre, que fora buscar socorro pera os irem buscar e trazer a Goa [2]. Porém o trabalho foi de balde, porque quanto menor era a ilha que tão longe estava, tanto mais difficultosa foi de achar, e finalmente se tornarão a Goa com grande tristeza, sentindo assy o
20 Governador como a cidade a perda de tanta gente portugueza, da qual se salvarão alguns poucos, e foi por esta maneira.

Os duzentos que [212v] ficarão na ilheta [3] fizerão huma embarcação, na qual se embarcarão com muito pouco provimento. Era cousa de grande lastima ver deminuir-se a gente pouco a pouco à
25 pura fome, e lançar todos os dias homens mortos ao mar pera serem comidos dos peixes; porém morrião confessados e animados naquella derradeira hora pellos Padres a bem morrer. Finalmente foram dar numa ilheta deserta levados mais das correntes das agoas que do piloto e marinheiros, que já de pura fraqueza não podião governar
30 o leme. Neste ilheo fizerão assy os três da Companhia, como quazi todos os mais, a ossada morrendo fora de sua patria sem aver ally

---

6 com toda a *sobrep. m6 L*

---

1 Quadros, 6 de Dez. de 1555 (MX II 969, DI III 354).

2 Saíram de Goa a 29 de Outubro (Cuenca na carta citada).

3 Afirma Manuel Rangel que, depois da partida de D. Álvaro de Ataíde com os seus, «logo a primeira couza que fizemos foi sabermos quantos ficámos em terra, e achámos ser cento e sessenta e seis pessoas» (pág. 27).

parente que lhes fechasse os olhos que tantas lagrimas tinhão derramadas. Mas, como hé de crer, daqui passarão ao ceo servindo-lhes os trabalhos padecidos com paciencia de purgatorio, deixando os Padres da Companhia sempiterna memoria da excelente charidade que tiverão com os proximos dando as vidas por elles, deixando-nos juntamente singular exemplo do que em semelhantes naufragios avemos de fazer. Alguns poucos, que forão mais venturozos, tornarão a cometer a viagem, que derão relaçam das ultimas mizerias a que chegarão os companheiros de sua perdiçam [1]. Hum destes contava depois ao P. Manoel Teixeira que vira nesta ilha ir hum dos Padres apoz hum caranguejo, porém tão fraco que antes de alcançar cahira no chão de fraqueza quazi morto [2] e que as derradeiras palavras que lhe ouvira dizer forão: «Válgame el Señor Dios y la Virgem María, que me muero de hambre», e com ellas na bocca (e sem duvida também no coração) dera sua alma ao Senhor que a criou.

Sabendo o B. P. Francisco como em Portugal se tratava de mandar Patriarcha a Ethiopia com doze religiozos da Companhia, disse a hum Padre com spirito profetico: «Deixai-os vir, que desta feita ficará a India provida». E assy foi, como depois diremos. E pera complemento do que disse vierão o anno seguinte de 1556 o reverendissimo senhor Dom Joam Nunes Barreto [3], patriarcha de Ethiopia, e Dom André de Oviedo [4], bispo de Hierapoli, seu coadjutor e futuro successor, e o Padre Dom Gonçalo da Silveira [5], pro-

---

1 Um destes foi Manuel Rangel; segundo ele chegaram estes sobreviventes à Índia em Janeiro de 1557 (46), segundo G. Soeiro já aos 27 de Nov. de 1556 (DI III 602).

2 Foi este Padre, segundo uma carta de Gaspar Soeiro de fins de 1556, o P. González (DI III 605).

3 O Patriarca D. João Nunes Barreto era natural do Porto, estudou em Salamanca, entrou na Companhia a 11 de Novembro de 1544, em Coimbra, foi em 1548 com o P. Gonçalves da Câmara a Tetuão para aliviar os cativos. Faleceu a 22 de Dezembro de 1562, em Goa (VALIGNANO, *Hist.* 303[35]; GONÇALVES, l. 7, cc. 10-11).

4 O P. D. André de Oviedo nasceu pelo ano de 1518 em Illescas (Toledo), estudou filosofia em Alcalá, entrou em 1541 em Roma. Em 1557 navegou para a Etiópia, onde faleceu em 1577, sendo o segundo patriarca (VALIGNANO, *Hist.* 303[36]; GONÇALVES, l. 7, c. 25).

5 O P. D. Gonçalo da Silveira nasceu duma família distintíssima pelo ano de 1521; entrou na Companhia em Coimbra a 9 de Junho de 1543. Foi Provincial da Índia de 1556 a 1559. Em 1560 partiu para Moçambique a fundar a mis-

vincial da India, o P. Francisco Rodriguez [1], reitor de Sam Paulo, e os PP. Joam de Misquita e Lourenço Gualdames [2]. O P. Antonio de Quadros entregou logo o governo da Provincia ao novo Provincial ficando elle continuando com a liçam das artes. O P. Dom
5 Gonçalo visitou logo as cazas do Norte e depois as do Sul.

[213r] Neste mesmo anno falleceo em Coulão o P. Nicolao Lanciloto [3], primeiro reitor que foi de Sam Paulo, e o primeiro que fundou a caza e seminario das costas de Travancor e Pescaria, e dos primeiros companheiros que de Roma vierão ao B. P. Fran-
10 cisco. Era religiozo de grande virtude. Fez na India os votos de coadjutor spiritual. E sendo sempre enfermo, tinha à sua conta os christãos da Costa de Travancor té o Cabo de Comorim, que são vinte e cinco legoas de terra [4]. E porquanto o coração lhe não sofria estar por rezão da doença recolhido em parte onde os chris-
15 tãos o não podessem ver, fez sua habitação junto da portaria, pera que de cama onde estava despachasse os que o buscassem.

Neste mesmo ano [5] levou Nosso Senhor também pera sy o P.e Francisco Anriques. Tinha grande zello da salvação das almas, junto com muita virtude e prudencia. Andou alguns annos na
20 christandade de Travancor, onde o B. P. Francisco lhe escreveo per vezes. Foi dos primeiros que do Reino lhe vierão [6]. Foi sup-

---

são de Inhambane, depois para o Monomotapa, onde foi martirizado aos 15 de Março de 1561 (VALIGNANO, *Hist.* 302[34]; GONÇALVES, l. 8, cc. 13-17; B. LEITE, *D. Gonçalo da Silveira,* Lisboa 1946).

1 P. Francisco Rodrigues, natural de Odemira (Beja), onde nasceu em 1515, entrou na Companhia em Coimbra a 7 de Abril de 1548. Foi um dos mais activos e zelosos Padres da Província de Goa. Faleceu em Goa a 17 de Setembro de 1573, sendo Vice-Provincial (VALIGNANO, *Hist.* 327[14]).

2 P. Galdames (André ou Francisco), nasceu em Jerez de la Frontera em 1517; foi por algum tempo frade e entrou na Companhia em Coimbra a 24 de Setembro de 1555. Em 1557 partiu de Goa com Oviedo à volta de Etiópia, onde em Agosto de 1562 foi assassinado perto de Massaua, sucumbindo à tentação de querer voltar para a Índia (VALIGNANO, *Hist.* 326[3]; GONÇALVES, l. 7, c. 27; BECCARI X 155).

3 Faleceu o Padre N. Lancillotto a 7 de Abril de 1558 (DI IV 180), segundo Lucena já em 1555 (l. 6, c. 10, pág. 415), e segundo Valignano em 1556 (*Hist.* 333).

4 Cf. também o necrológio de VALIGNANO, *Hist.* 333-34.

5 Em 1557.

6 Chegou à India em 1546.

perior da rezidencia de Cochim [1] e de Taná, onde trabalhou muito por converter os infieis a nossa santa fee.

Os baptismos foram poucos, os que se fizerão de Septembro té a fim do anno foram de corenta duas almas [2].

Nosso Padre Santo Ignacio passou da prezente vida ao derradeiro de Julho de 1556 sendo de sessenta e cinco de idade. Governou a Companhia depois de confirmada dezaseis annos, a qual deixou bem fundada em diversas partes de Europa, Asia, Brazil. Teve particular devação às missões da India, encomendando muito a seus successores que as favoreção com obreiros, e concede pera este fim que possa o preposito geral dispensar nas Constituições [3], e faz particular assistente da India que procure por suas cousas [4]. Fizerão-lhe seus filhos no collegio de São Paulo exequias solennes [5], posto que muitos, por rezam de sua sancta vida, tinhão pera sy que se avião de encomendar a elle como a sancto, e não rogar a Deos por sua bem-aventurada alma que já gozava da divina essencia.

Dá-me seu gloriozo transito occazião de tratar dos louvores de nosso Sancto P. Ignacio, dos quais no livro seguinte determino com a graça divina tratar. E será huma offerta (que eu posto que pobre) em nome destas provincias orientaes que lhe offereço, deixando aos que forem [213v] mais ricos de cabedal de erudiçam e letras pera fazerem em seu louvor diversos e varios panegericos, nos quaes mostrem sua oratoria e poesia, pois não falta campo pello qual possão descorrer nos louvores de nosso glorioso P. S. Ignacio.

---

1 Cf. DI I 52*107.

2 Segundo a carta ânua de 1560, houve no ano de 1556 em S. Paulo apenas 42 baptismos (cf. VALIGNANO, *Hist.* 349[15], DI IV 687).

3 Parte VII, c. 2 CD (MI *Const.* II 575 579).

4 Parte IX, c. 6, n. 10 (MI *Const* II 709).

5 As exéquias foram feitas aos 16 e 17 de Novembro de 1557, e descreveu-as pormenorizadamente Fróis na sua carta de 12 de Dezembro de 1557 (DI III 746-49).

14r[2] LIVRO SEPTIMO

Do que fizeram na India Oriental os religiozos da Companhia de Jesus

Do que disserão pessoas de authoridade em louvor de N. P. Sancto Ignacio.

Cap. 1.º

Custumão os doutores desta nossa idade, benemeritos dos sanctos antigos, na impressão de suas obras recolher de graves escriptores os elogios e sentenças que redundão em seus louvores, e as poem como pedras preciozas no frontispicio de seus livros, pera que, quando os leremos, concebamos altamente de sua doutrina e santidade e, affeiçoados a ella, os imitemos na vida e nos aproveitemos do que nos deixarão escrito. Desta maneira ajuntei o que alguns doutores disserão de N. P. S. Ignacio e da Companhia de Jesus per elle fundada, para que todos entendão a grande estima e reputação em que devem ter nossa sagrada Religiam e a seu fundador. E para que procedamos com clareza e destinção repartiremos em dous capitolos os louvores de Sancto Ignacio e da Companhia.

O P. M. Joam de Avila, pregador apostolico no reino de Andaluzia, bem conhecido nella e em toda a Hespanha por sua excellente virtude, letras e prudencia, quando soube que Deos tinha mandado ao mundo ao B. Ignacio e a seus companheiros, entendendo seu Instituto e intento, disse que isto era o que elle buscava tantos annos avia com grande desejo, mas que nam sabia por onde avia de caminhar: que lhe avia acontecido o que acontece a hum menino, que está ao pee de algum monte e deseja com

todas suas forças levar ao cume delle algum grande pezo, mas não pode por suas poucas forças, e depois vindo hum gigante arrebata a carga que o menino não pode levar ao posto que desejava e com muita facilidade a poem onde quer; fazendo-se com esta comparação por sua grande humildade pequeno e ao B. P. Ignacio gigante [1].

O Padre Frei Luis de Granada diz que lendo o quinto livro de sua vida [2] se maravilhou das heroicas e admiraveis virtudes daquelle novo espelho de virtude e prudencia que Deos em nossos tempos mandou ao mundo pera saude de infinitas almas [3]. Noutra parte diz do livro de sua vida: «O fruito delle seja [4] que o P. Ignacio nam morreo senão que está tão vivo retrato de virtudes como se estivera entre nós outros. Ahy o tem sempre vivo seus filhos para ver nelle nam a [214 v] carne e o sangue, senão seu spirito e vida e exemplos de virtudes» [5]. E fallando de seus milagres conclue a carta desta maneira: «Os milagres que Vossa Paternidade no fim refere sam pera mim tanto mais admiraveis que os outros, quanto hé de mayor fruito a mudança das almas que a dos corpos. S. Bernardo refere na vida de Sam Malaquias que este Sancto resuscitou hum morto, e depois diz que mudou o coração de huma molher brava, e este 2.º tem por mayor milagre que o primeiro [6]: e taes são os milagres deste santo varão, que são as mudanças dos corações e vidas que elle e seus filhos tem feito em todas as partes do mundo. E que mayor milagre que aver Deos tomado hum homem sem letras [7] e tam perseguido do mundo por instrumento pera fundar huma Ordem de que tanto fruito se há seguido e que em tão breve tempo se há estendido tanto por todas as nações do mundo?» [8].

---

1 RIBADENEIRA, *Vida del P. Ignacio,* l. 4, c. 17 (fim), ed. de 1586, p. 327.

2 Fala da obra já citada do P. Ribadeneira. O livro quinto trata das virtudes do Santo.

3 Carta do P. Frei Luís de Granada para o P. Ribadeneira, Lisboa a 23 de Junho de 1584, impressa ao princípio da Vida de S. Inácio (ed. Madrid 1586).

4 Diz o texto espanhol *será*.

5 Extracto de outra carta do mesmo Fr. Luís de Granada, de Lisboa 28 de Julho [de 1584], impressa depois da primeira.

6 «Ego istud superiori suscitatae miraculo mortuae censeo praeferendum» (c. 25 = MIGNE, PL 182, 1104).

7 No texto castelhano: «a un soldado desgarrado y sin letras».

8 É a segunda parte (fim) da dita carta.

O muito religiozo e santo varão Frei Luis de Montoya, religiozo da sagrada Ordem de Sancto Agostinho, confessou por vezes a N. B. Padre no tempo em que se exercitava em todo o genero de virtude e mortificação [1]. O P. Francisco Rodriguez, da nossa
5 Companhia, reitor que foi do collegio de Sam Paulo de Goa e provincial da India, praticando hum dia com o P. Montoya lhe pedio instantemente lhe dissese Sua Paternidade o apparelho que tinha pera dizer missa. Com difficuldade lhe respondeo a esta pergunta, à qual comtudo satisfez, dizendo que, quando se achava frio, bas-
10 tava pera se inflamar no amor e desejos de tratar tão alto misterio, trazer à memoria a grande devação, reverencia e apparelho com que o S. P. Ignacio se punha pera celebrar tão alto sacrifficio. Consideração na verdade dignissima pera ser trazida diante dos olhos d'alma, com a qual seus filhos se inflamem, animem e
15 disponham pera offerecer à Sanctissima Trindade o tremendo e vivifico sacrifficio que tantas vezes offerecemos.

Não deixarei de pôr aqui o capitolo da que escreveo Joam da Veiga sendo viso-rey de Sicilia, o qual sendo embaixador na corte romana do emperador Carlos quinto teve estreita amizade com o
20 B. P. Ignacio. Certeficado poes de seu gloriozo transito, falando com o P. Diogo Laines sendo vigairo geral da Companhia escreve desta maneira: «A N. Senhor sejão dadas infinitas graças por aver recolhido a este seu servo pera sy em tempo que julgou ser mais oportuno, deixando quá tantos tropheos de sua santidade e bon-
25 dade que os não gastará o tempo, nem o ar, nem a agoa, como outros que vemos já desfeitos, que forão edifficados por vamgloria e ambição do mundo. E considero eu o triumpho com que deve aver sido recebido no ceo e honrado quem diante de sy leva tantas victorias e batalhas vencidas contra gentes tão estranhas e bar-
30 baras, e apartadas de toda a noticia da luz e religião, senão aquella que lhes foi allumiada [215r] e aberta por este bem-aventurado e sancto capitão e por seus soldados! E quam justamente se pode pôr no ceo seu estandarte com o de Sam Domingos e Sam Francisco, e outros Sanctos aos quaes Deos deu graça pera que alcan-

---

[1] Parece equívoco. Confessou-se o P. Fr. Luís de Montoya em Roma com o P. Inácio no ano de 1551 (quando foi ao capítulo geral de sua Ordem em Bolonha), como ele próprio afirma na carta de 8 de Fevereiro de 1552 escrita de Coimbra a S. Inâcio (publ. em *Epp. Mixtae* II 672-73). O mesmo se lê no *Memorial* do P. Gonçalves da Câmara (MI *Fontes narr.* I 644-46).

çassem vitoria das tentações e miserias deste mundo e livrassem tantas almas do inferno! E quam sem enveja será esta gloria e triumpho da gloria dos outros santos varões, e quam differentes dos triumphos e gloria deste mundo, cheas de tanta miseria e enveja, com tanto danno e corrupção da republica! [1]» 5

El-rey de Portugal Dom João 3.º encomendou muito ao P. Luis Gonçalvez da Camara indo a Roma que notasse bem as cousas de N. B. P. Ignacio e lhas escrevesse mui particularmente e com ellas seu parecer [2]. Fê-llo elle assy e, depois de muito exame, escreveo a El-Rey que o pedaço de tempo que attentamente estava olhando 10 pera o B. Padre era de grandissimo proveito pera sua alma, porque somente com sua postura e aspecto o encendia e abrasava notavelmente no amor de Deos [3]. E o B. P. Francisco Xavier pera mostrar a grande devação e reverencia que lhe tinha, muitas vezes lhe escrevia as cartas posto de joelhos [4] e trazia o seu sinal ao pescoço 15 juntamente os votos de sua profissão [5].

Nam hé bem que passemos em silencio a devação do reverendissimo Dom João Baptista Cardona, bispo de Vich, o qual mandou pôr huma piramida de pedra em Manresa com huma letra latina, a qual convertida em nossa lingoa portuguesa hé a seguinte: 20

«Em Manresa junto da igreja de Santa Luzia, que primeiro foi hospital de pobres, no qual Ignacio, fundador da Companhia de Jesus, começou a fazer penitencia. A Ignacio de Loyola, filho de Beltram, da provincia de Guipuzcoa, fundador dos clerigos da Companhia de Jesus, o qual sendo de idade de 30 annos no castello de 25 Pamplona pelejou valerosamente contra os franceses por defensão de sua patria; e avendo recebido algumas feridas mortaes e sarado dellas por singular benefficio de Deos, inflamado em desejo de visitar os lugares sagrados de Hierusalém se poz ao caminho, fazendo voto de castidade e deixadas as armas, que como soldado 30 tinha trazido, e dependurando-as no templo de N. Senhora de

---

24 Beltiam *LR*

---

1 RIBADENEIRA, l. 4, c. 17. O texto da carta original, datada de Trapani, 27 de Dezembro de 1556, foi editada em *Lainii Mon.* I 654.

2 RIBADENEIRA, l. 4, c. 17: cf. também MI *Fontes narr.* I 508.

3 RIBADENEIRA l. c.

4 As cartas de 12 e 14 de Janeiro de 1549 (EX II 16 27).

5 Carta de Fróis, Goa 19 de Nov. de 1559 (cf. EX II 578, DI IV 408).

Monserrate, vestido de burel e cilicio e quasi nu, começou neste lugar a chorar os peccados de sua vida passada, e com jejuns, lagrimas e orações, como novo soldado de Christo, a tomar vingança de sy mesmo. Pera memoria de huma cousa tão grande e gloria de Deos e honra e resplandor de sua Companhia, Joam Baptista Cardona, valenciano, bispo de Vich e eleito de Tortosa, polla devação grande que tem à santidade do dito Padre e de sua Religiam fez pôr esta pedra, como a varão piissimo [215v] e a quem tanto deve toda a republica christam, sendo summo pontifice Sixto 5.º e rey de Hespanha o catholico e maximo rey Phelippe segundo deste nome» [1].

Nem foi menor a devação e piedade de hum abbade do sancto mosteiro da Virgem de Monserrate, o qual por nosso B. Padre aver estado ally huma noite em oração diante da Senhora sahio daquelle lugar com resoluçam pera servir a Deos todo o tempo de sua vida, mandou entalhar numa grande pedra o letreiro [2] seguinte, que embebeo na parede da igreja:

B. Ignatius a Layola
Hic multa prece fletuque
Deo se Virginique devovit.
Hic tanquam armis spiritualibus
sacco se induens pernoctavit
Hinc ad fundandam Societatem prodiit.
Anno millessimo quingentesimo vigesimo primo [3].

Concluamos este capitulo com o que escreverão autores de diversas nasções assy da Companhia como do B. P. Ignacio. O Cardeal Gabriel Palioto, bispo de Bolonha, lhe chama lumieira da Igreja [4], e diz que Deos o moveo a fundar a Companhia pera esforçar e fortificar mais a disciplina ecclesiastica. O P. Frey Lourenço

---

1 Desta pirâmide (levantada pelo ano de 1587) e do texto da inscrição veja-se MI *Scripta* II 270-72 1031.

2 Foi o abade Lourenço Nieto que, em 1603, mandou pôr a pedra comemorativa (MI *Scripta* II 932 [2]).

3 Devia ser *secundo*, como traz outro texto (MI *Scripta* II 932 [2], onde há algumas variantes mais, como *Loyola* e *muniens* em lugar de *induens*).

4 Cf. MI *Scripta* II 855.

Surio [1], alemão, e Joam Molano, framengo, lhe chamão beatissimo [2]. Genebrardo [3], francês, diz que Deos o mandou contra Luthero. O Doutor Sandero, ingrês, lhe chama varão de Deos e movido do Senhor pera fazer a obra que fez [4]. O Cardeal Thomás Bozeo lhe chama varão clarissimo polla santidade da vida [5]. Paulo Morigia [6] e Angelo de Paz [7], e Manbrino Roseo [8], todos autores italianos, escrevem e louvão a vida deste bem-aventurado Padre. O mesmo fazem Gonçalo Ilhescas [9], Mestre Alonso de Vilhegas [10] e Estevão Garibay [11], historiadores hespanhoes de nosso tempo; escrevem delle e lhe chamão bemdito, bem-aventurado e santo. O Doutor Diogo de Paiva, português, lhe chama illustre exemplo de santidade e varão admiravel e dado ao mundo por particular benefficio do ceo [12]. Porém hum dos primeiros que louvarão ao B. P. Ignacio foi o R. P. Frey Luis Estrada, religioso de Sam Bernardo, na carta que escreveo aos Padres de Simancas a doze de Fevereiro de 1557, a qual anda impressa [13]. Muitos outros doctores deixo de a-[216r]legar por não ser comprido e porque bastão os trazidos pera que entenda o mundo em que reputação e conta deva ter ao B. P. Ignacio e a Companhia de Jesu por elle fundada.

---

1 *Commentarius brevis rerum in orbe gestarum ab anno MD usque in annum MDLXVIII* (Coloniae 1568). De S. Inácio trata nas págs. 269-71.

2 Na obra *Martyrologium Usuardi,* pridie kal. Augusti, f. 127 (MI *Scripta* II 1012).

3 Gilbertus Genebrardus O. S. B., famoso mestre de Paris, autor de muitas obras († 1597).

4 Nicolao Sanderus *De schismate anglicano*, f. 203 (MI *Scripta* II 1012).

5 *De signis Ecclesiae*, I, l. 5, c. 3, f. 168 (MI *Scripta* II 1012).

6 Paulo Moriggia, Ord. Iesuatarum, italiano, autor profícuo do século XVI.

7 Angelus del Pas, O. F. M., de Perpinhão (1596).

8 Mambrino Roseo, da Fabiano, morto cerca de 1584, escreveu entre outras obras *Delle historie del mondo.*

9 2 par. Histor. Pontific., *in vita Pauli III*, f. 244 (MI *Scripta* II 1012).

10 Cf. *Vita Christi et Sanctorum*, f. 152 (MI *Scripta* II 1992).

11 *Compendium Hist. Hispaniarum*, par. 3, l. 30, c. 5, f. 597 (l. c.).

12 *Orthodoxarum Explicationum liber I,* f. 16 (MI *Scripta* II 1012).

13 Em italiano, como refere ORLANDINUS, *Hist. Soc. I*, l. 16, n. 126 e segs., e de novo MI *Scripta* II 42-70.

Do que graves autores escreverão em louvor da Companhia de Jesu.

Cap. 2.º

O primeiro autor que de nossa sagrada Religiam escreveo, 5 muito tempo antes que ella viesse ao mundo, foi o abbade Joaquim [1], varão sanctissimo e doutissimo, o qual floreceo pellos annos do Senhor 1200 [2], e teve dom de professia conforme a Platina na vida do papa Julio 3.º [3], o qual assi como abertamente profetizou das sagradas religiões de Sam Francisco e Sam Domingos, assy 10 também falou com spirito profetico da Companhia de Jesus, conforme a interpretação de graves autores.

O doutissimo Thomás Stapletono no seu Promptuario moral [4] sobre a dominga infra octavas Natalis Domini, no primeiro ponto diz desta maneira:

15 «Quare santissimum et saluberrimum est illud hodie Societatis Iesu institutum, quae meditatione huiusmodi suos quotidie per horam integram exercet, eamque matutinam ut minime mirandum sit si vel hoc solo nomine et exercitio quotidiano tam excellenti verum de illa Societate sit quod ante quadringentos annos de 20 ea scripsisse videtur Ioaquimus Abbas his verbis: 'Insurget una nova religio sanctissima, que erit libera et spiritualis, in qua romani pontifices potiti pace Ecclesiae se continebunt. Quam religionem et ordinem Deus super omnes alias diliget, quia perfectio illius vincet omnes alias aliorum ordinum'. Haec ille» [4].

---

12 moral] mocal *LR*

---

1 Foi famosíssimo abade de Celico (Calábria), onde nasceu pelo ano de 1132. Os seus escritos proféticos tiveram muito vasta difusão, especialmente entre os Franciscanos espirituais. É venerado como Beato.

2 Faleceu em 1202 no convento de Fiore (Calábria), por ele fundado.

3 Platina morreu em 1484, mas um de seus continuadores compôs uma breve vida do papa Júlio III. Na edição de Colónia de 1600 não encontrámos a citação mencionada.

4 Publicou Stapleton, inglês, o *Promptuarium morale* em 1591. O Autor faleceu em 1598 na cidade de Lovaina.

O mesmo Abbade escrevendo sobre o apocalipse fol. 83 diz desta maneira: «Erit quidam ordo designatus in Iesu, qui clarebit sexto tempore Ecclesiae, id est in fine mundi, qui erit prae caeteris spiritualis, praeclarus et Deo amabilis». E nas folhas 98 diz: «Deus diliget istum ultimum ordinem quemadmodum Iacob Patriarcha Beniaminum filium suum eo quod in senectute genuerit eum »[1]. E nas folhas 175 explicando aquellas palavras de São Joam «et vidi et ecce nubem candidam»[2], diz assy: «Arbitramur tamen in eo quod visus est sedere super nubem candidam significari quemdam ordinem iustorum, cui datum sit perfecte imitari vitam Filii Hominis et habere linguam eruditam ad evangelizandum et colligendum in aream Domini ultimam missionem. Qui dicuntur sedere super [216v] nubem propter contemplationem, et hic erit ordo perfectorum virorum, servantium vitam Christi et apostolorum».

E o mesmo Abbade escrevendo sobre Jeremias, cap. 1.º, diz assy: «Revelandi sunt in Ecclesia doctores praedicatoresque fideles, qui terrena ac carnalia corda omni plaga percutiant ac erectis et tumidis magisteriis silentium studiis suis imponant, et bene filius Melchiae[3] Hieremias discribitur, quia ordo ille futurus ad obedientiam Summi Pontificis dirigitur». E o mesmo abbade Joaquim escrevendo sobre o Apocalipse, textu 9.º, diz assy às folhas 83: «Designatur, ut iam diximus in sexto mense sextum Ecclesiae tempus, in quo oportebat concipere spiritualem Ecclesiam, haud dubium quod novum quemdam spiritualem intellectum, sive etiam promissionis filios et prolem prae caeteris spiritualem, hoc est ipsum ordinem quem designat Iesus, qui videlicet ordo prae multis aliis qui precesserunt eum, amabilis et praeclarus, infra limitem quidem secundi status, initiandus est, hoc est in tempore sexto. Si tamen usque adhuc non enim est in aliquibus initiatus, quod tamen mihi adhuc non constat, quia initia semper obscura et contemptibilia sunt, multiplicandus vero et dilatandus in tertio illo statu saeculi, qui in tempore novissimo futurus est».

---

5 istum] estum *LR* || 14 vitorum *LR*

---

1 Gen. 44, 20,
2 Apoc. 14, 14.
3 Era filho de *Helcias* (Ier. 1, 1).

Alguns destes lugares traz o P.e Joam Osorio da nossa Companhia no tomo 4.º [1] na pregação que faz de N. B. P. Ignacio, e o Doutor Brás Viegas da mesma Religiam sobre o Apocalipse [2]. Confesso que também estas profecias do abbade Joaquim se podem
5 applicar às outras religiões, mas parece que mais propriamente se applicam à Companhia de Jesu.

Também pessoas graves e doutas entendem hum lugar de S. Vicente [3] no tratado da vida spiritual pera o fim, onde amoesta que se deve considerar o estado futuro na fim do mundo de certos
10 varões ecclesiasticos, pobres e mansos, que se ham-de unir com ardentissima charidade, que nenhuma outra cousa ham-de cudar ou de falar nisi solum Iesum [4], que somente hão-de contemplar a superna gloria de Deos e dos bem-aventurados, que sempre hão-de esperar a morte por amor de Deos.

15 Sarram [5], doutor complutense, escritor grave de nossos tempos, que commentou o Levitico, o propheta Ezequiel e o Apocalipse, louva estremadamente a Companhia, escrevendo sobre o oitavo capitulo do Apocalipse: «Nunc aut[em] (diz elle) quia suae Ecclesiae prospicere nunquam desinit (cilicet Deus), quando tanta
20 hereticorum rabies viget et Ecclesiam suam catholicam infestat, tanta vitiorum immanitas furiit, tanquam aquilam oculis divinae sapientiae divina misteria acutius videntem praedicatione, contemplatione et absolutione vitae altius per mediam Ecclesiam volantem [217r] ordinem Societatis Iesu suae sponsae donavit Dominus».
25 E hum pouco abaixo: «Etenim haec aquila ingenti voce et clamore

---

15 complutense *R*, complutemse *L* || 25 voce] vore *LR* [cf. 155, 12]

---

1 Publicou cinco volumes de pregações, deixando ainda um sexto para a imprensa ao falecer em 1594.

2 Brás Viegas, de Évora, entrou na Companhia nesta cidade em Março de 1569 aos quinze anos. Escreveu *Commentarii exegetici in Apocalypsim Ioannis Apostoli,* obra muito estimada a seu tempo e muito consultada pelos pregadores (RIBADENEIRA, *Illustrium Scriptorum S. I. Catalogus* [1608] 39; BARBOSA MACHADO, I, 539-40).

3 S. Vicente Ferrer O. P., escreveu *Tractatus de vita spirituali,* chamado também *De interiore homine;* foi muitas vezes impresso a partir de 1493.

4 Cf. Mt. 17, 8.

5 Pedro Serrano publicou em Alcalá em 1563 o comentário *in Apoc.,* abaixo citado. Faleceu em 1578 (cf. HURTER, *Nomenclator* III 75).

atque doctrina pro suggestis dicendo, admonitionibus, exhortationibus mundum perterrefacit». E mais abaixo: «Utinam semper in suam Ecclesiam mittat Dominus huiusmodi aquilas».

O doutor Joam Federico Lumnio [1] no livro 2.º de Extremo Iudicio et Indorum [2] vocatione cap. 6.º explicando aquellas palavras do profeta Esayas 18 «Ite angeli veloces ad gentem convulsam [3]» etc. diz que a fim do mundo está à porta porquanto o Evangelho se pregou a toda a nação. Diz também que estes anjos veloces e ligeiros, os quaes Deos manda, que sam os Padres da Companhia de Jesu, os quaes penetrarão atté as ultimas partes de Africa e atté os terminos do mundo. «Dicuntur, diz elle, angeli id est nuntii, eo quod maximarum rerum legatione funguntur; veloces autem sunt quia et devotione et spiritu alacres per vastissimi maris pericula in alium amplissimum orbem convolarunt». Dos quaes também explica o lugar do propheta Ezayas cap. 6.º: «Qui sunt isti qui ut nubes volant et quasi columbae ad fenestras suas? [4] Nubes vocat propter celerem obedientiam et propter afluentiam verbi Dei in praedicatione et propter contemplationem qua in alta elevantur; columbas vero, quia a felis acerbitate caret haec pacifica Societas Iesu, quo nihil mirabilius».

O P.e Joam Osorio no 1.º sermão que faz do nosso B. P. Ignacio explicando aquellas palavras do cap. 9.º do Apocalipse: Quintus Angelus tuba cecinit [5] ettc., diz que pollos quatro Anjos antes deste nomeados se entendem as quatro religiões mendicantes de Sam Francisco, de Sam Domingos, de Sancto Agostinho e do Carmo, conforme a exposição de S. Thomás neste lugar [6], o qual entende por estes quatro Anjos quatro ordens de pregadores, que sam das quatro religiões mendicantes; pello 5.º entende outra ordem de pregadores que Deos avia de mandar ao mundo, porque assy

---

12 auntem *LR* || 15 isti *corr. mó de* esti

---

1 Chama-se este autor Lummius (van Lummen), do lugar onde nasceu em 1533 (Bélgica). Faleceu em Antuérpia em 1602 (HURTER, *Nomenclator,* III 617-18).

2 Leia-se *iudaeorum.*

3 Is. 18, 2.

4 Is. *60*, 8.

5 Apoc. 9, 1.

6 Trata-se, segundo parece, de uma obra espúria de S. Tomás.

como mandou as quatro religiões em tempos que se alevantarão novos hereges, assy mandou a Companhia de Jesus em tempo que reinava a impia heregia de Luthero, pera que se posesse em campo contra elle e contra seus discipolos.

5 Insigne hé o lugar do profeta Esayas, cap. 66: «Et ponam in eis signum et mittam ex eis qui salvati fuerint ad gentes in mare, in Africam, et Lidiam ten[d]entes sagittam, in Italiam et Graetiam, ad insulas longe, ad eos qui non audierunt de me et non viderunt gloriam meam» [1]. Quem não vê competir esta profecia aos Padres 10 da Companhia de Jesus, os quaes chegarão a Manamotapa, à India, a Maluco, à China, a Jappão, às Philipinas, [217v] ao Peru, a Nova Hespanha [2], os quaes antes da navegação dos castelhanos e portugueses não tinhão conhecimento do verdadeiro Deus, nem do[s] sacrosantos misterios de seu Filho encarnado? Por elles e per 15 outros pregadores evangelicos ficarão ilustrados com o lume da fee os que estavão rodeados das trevas da morte.

O doutissimo Frey Luis de Leam escrevendo sobre o propheta Abdias comenta muito de spaço o cap. 18 do propheta Esayas, que começa: «Vae terrae cimbalo alarum, quae est trans 20 flumina Ethiopiae, quae mittit in mare legatos, et in vasis papiri super aquas. Ite angeli veloces ad gentem convulsam et dilaceratam, ad populum terribilem» ettc. O qual capitolo entende ad literam dos hespanhoes, castelhanos e portugueses, com os quaes fala neste sentido: Coitada da terra abundante de muitas naos, 25 a qual navega além dos rios de Ethiopia, a qual manda seus embaixadores ao mar navegando sobre as agoas em naos de papel. Eu vos tomo, ó portugueses, ó castelhanos, por meus embaixadores pera que com vossas armadas descorrais pello immenso mar occeano com toda a presteza e velocidade em busca da gente do 30 Novo Mundo, das Philippinas, dos jappões e outras gentes totalmente apartadas de Europa e não conhecidas dos europenses. Hé gente terribel, espantosa na guerra, pera a qual se pintão com sangue hummano, desejosos de beber o de seus inimigos e de suas carnes fazer banquetes saborosos. Chama o profeta metha-

---

20 quae mittit *na margem m6 L* || 33 desejos *corr. m6 L*

---

1 Is. 66, 19.
2 Hoje México.

phoricamente às naos sino de azas [1] polla semelhança que a quilha da nao tem com o sino, estreita numa parte e larga na outra; dá-lhe velas que sam as azas; diz que eram de papel porquanto as embarcações do rio Nilo se faziam de junco grosso betumado, e per este modo de embarcações significou as naos dos hespanhoes. Porém com muita mayor rezão se pode esta profecia accomodar aos pregadores evangelicos, e particularmente aos da Companhia de Jesu, os quaes, como diz o papa Julio 3.º, mandou Deos ao mundo ad fidei defensionem, como se vê nas partes septemtrionaez; et propagationem, como se vê nas Indias, et profectum animarum in vita et doctrina christiana [2], como se vee em toda a Christandade.

Nam hé menos celebre o lugar do propheta Abdias: «Et ascendent salvatores in montem Sion» [3]. Que os salvadores hão-de subir ao monte de Siam. Jesus quer dizer salvador, iesuitae salvos: assy nos chamam nas partes de França e Alemanha. Quer dizer o santo propheta que os Padres da Companhia subirão ao monte da Igreja militante, significada por Siom, e serão tomados por instrumentos e cooperadores de Christo na salvação das almas. Mas há-se de notar o que doutamente advertio Francisco Georgio veneto no tomo 4.º de seus Problemas na 6.ª questam [4]. Diz [218r] este doutor que nesta vida nos chamamos christãos, porém no ceo serem[os] chamados de Jesu. Emquanto christãos estamos obrigados a pelejar e lutar com o inimigo, que por isso quando somos bautizados nos poem os santos oleos pera que o inimigo não tenha por onde pegar e nós fiquemos com mayor esforço pera alcançar a vitoria, porém no ceo cessará a luta e a peleja com o inimigo, no qual seguros já da salvação propria gosaremos com o Salvador de nossas almas do premio que alcançamos nesta vida pelejando valerosamente. Os da Companhia de Jesu temos duas obrigações, a primeira como chris-

10 11 profectum] perfectum *LR* || 19 há-se *corr. mó de* há *L*

1 Cf. Sap. 5, 11.

2 Na bula *Exposcit debitum* de 21 de Julho de 1550; semelhantes palavras usara já Paulo III em 1540 na bula *Regimini militantis* (cf. MI *Const.* I 376).

3 Abd. 1, 21.

4 Cf. *Francisci Georgii, Veneti, Minoritani, in Scripturam Sacram Problemata,* tom. IV (Venetiis 1536), sec. VI: *De Christo iudice.*

tãos, a 2.ª como religiosos de Jesu: a primeira nos obriga a pelejar contra as paixões proprias e contra o inimigo, a 2.ª nos obriga a viver de tal maneira que na terra imitemos os bem-aventurados, e de tal maneira procuremos a salvação das almas, 5 que nos não esqueçamos da propria, a qual sempre vá diante pera que sejamos dignos instrumentos da conversão e salvação das almas.

A Madre Teresa de Jesus, reformadora dos religiosos descalços de Nossa Senhora do Carmo, aos cap. 39 de sua Vida diz desta 10 maneira: «Estando eu num collegio da Companhia de Jesus e estando commungando os Irmãos daquella casa, vi hum paleo muito rico sobre suas cabeças. Isto vy duas vezes; não no via quando outras pessoas commungavão» [1]. E no cap. 38 diz que estando noutro collegio da Companhia ouvindo missa vio subir 15 ao ceo com muita gloria hum Irmão nosso que aquella noite na mesma casa faleceo [2]. Diz tambem no mesmo capitulo que ouvindo a missa de hum nosso reitor [3] vio a Christo crucificado quando alevantava a hostia em sinal de hum grande trabalho em que se vio muito perseguido e afligido, e o Senhor disse a sua esposa lhe 20 dissese de sua parte que folgava muito do que por elle avia padecido, e que se aparelhasse pera sofrer muitos outros trabalhos. Também me pareceo referir neste lugar por testemunho que de nossa Companhia deu o reverendissimo Frei Francisco Romeo, geral da Ordem dos pregadores, no ano de 1548, o qual escre- 25 vendo a seus religiosos diz desta maneira: «Aveis de saber como nestes mizeraveis tempos em que a Religiam christam hé combatida das armas dos hereges e maltratada dos perversos custumes dos maos christãos, nos mandou a mizericordia de Deos, como gente do socorro, huma nova Religiam de clerigos regulares, cha-

---

8 Teresa *R*, Tareja *L*

---

1 São as últimas palavras do dito capítulo Trata-se do colégio de S. Gil de Ávila, como explica o P. SILVÉRIO DE SANTA TERESA, C. D., *Obras de S.ta Teresa de Jesús* I (Burgos 1915) 357.

2 Alonso de Henao, falecido a 11 de Abril de 1557 em Ávila *(Obras de S.ta Teresa* I 342[1]; *Litt. Quadr.* V 192).

3 Segundo alguns Graciano ou Maria de S. José, segundo o P. Silvério talvez o P. Gaspar de Salazar (o. c., I 357).

mada a Companhia de Jesus, a qual aprovou e confirmou nosso santissimo em Christo Padre e Senhor, o Papa Paulo 3.º, movido dos grandes fruitos que esta Religiam faz na Igreja com seus sermões e lições publicas, com exhortar os fieis à virtude, com ouvir as confissões e com outros sagrados exercicios, e com o exemplo da santa vida, do qual vos quiz avizar» ettc. [1].

Ajuntemos ao que está dito o testemunho do R.do P.e Frey Manuel da [218v] Conceição [2], da Ordem dos heremitas de Sancto Agostinho, no prologo que faz sobre os sermões de seu tio, o Doutor Diogo de Paiva d'Andrade [3], que se achou no sagrado Concilio Tridentino por theologo d'el-rey Dom Sebastião, onde teve grande amizade com os Padres Diogo Laines e Affonso Salmeirão, theologo de Sua Santidade. Diz pois o P.e Frei Manuel desta maneira: «Durante o Concilio veo ali ter hum livro de hum herege, per nome Martinho Kemnicio [4], contra huma censura que a universidade de Colonia mandou fazer pollos Padres da Companhia de Jesus que naquella cidade rezidem sobre hum catequismo que hum João Monemio, mestre dos meninos, tinha composto pera os ensinar, cheo de muitas heregias [5]. E Kemnicio tomou por intento primeiro que tudo desacreditar o sancto Instituto da mui sancta Companhia de Jesus (à qual os hereges do nosso tempo tem odio capital polla guerra que em todo o mundo lhe fazem), e depois começou impugnar as verdades catholicas que nas censuras se manifestavão. Chegando este livro a Trento pedio o embaixador Dom Fernão Martins Mascharenhas ao Senhor Diogo de Paiva quizesse acudir polla honra da fee e da Companhia de Jesus, pois sabia quanto gosto nisso dava a el-rey Dom Sebastião, que pollos Padres della era ensinado, o que elle fez com hum livro. Intitu-

---

1 RIBADENEIRA, *Vida del P. Ignacio*, l. 3, c. 17. A carta é de 10 de Outubro de 1548 (cf. também MI *Epp.* II 330).

2 P. Fr. Manuel da Conceição, natural de Lisboa, ali professou em 1563. Em 1592 foi eleito Provincial. Veio a falecer em 1624 também em Lisboa (BARBOSA MACHADO III 221-22).

3 Cf. BARBOSA MACHADO III 222.

4 O livro de Kemnitz é intitulado: *Theologiae Iesuitarum praecipua capita*, Lipsia 1562 (cf. BRAUNSBERGER, *B. P. Canisii Epistulae et Acta* III [Friburgi Br. 1901], 481[6]).

5 Trata-se do Catechismus de João Monhemius (Monheim), publicado em 1560, contra o qual os Padres escreveram a *Censura Coloniensis* (v. BRAUNSBERGER II [Friburgi Br. 1898] 621.

lou Orthodoxarum explicationum, no qual primeiro que tudo trata da instituição da sancta religiam da Companhia de Jesus e do proveito que fazem os Padres della na Igreja catholica por todo mundo ettc. [1].

5 Gaspar Barreiros faz também menção onorifica de nossa sagrada Religiam, porque no prologo da sua Ophira [2] a el-rey Dom Sebastião lhe chama nova e amplissima Ordem da sancta Companhia. E no fim da discripção de Italia na sua Chorografia [3] diz desta maneira: «A Ordem da Companhia de Jesus, de 10 que toda Italia e Hespanha, e algumas partes de França e muitas de Alemanha estão já povoadas, e debaixo da doutrina da qual as terras orientaes da India e algumas novas occidentaes vivem, em Italia começou e de Roma, onde se fundou a primeira casa, estendeo os seus ramos té as ultimas partes do Oriente e Occidente». 15 Este autor hé português, varão douto, sobrinho do ilustre historiador Joam de Barros [4]. Foi conego de Evora e por mandado do Iffante Dom Anrique foi a Roma no anno de 1546, onde escreveo como consta do prologo dedicado ao mesmo Cardeal Ifante [5].

Outro testemunho seja o de Belchior Estacio do Amaral, 20 escriptor diligentissimo das batalhas e successos do galeão Santiago e da nao Chagas [6], o qual no capitulo 5.º provando douta-

---

1 Orthadoxarum *LR* || 7 da] de *LR* || 14 té *corr. mó de* tem *L*

---

1 *Orthodoxarum explicationum libri X. Primus est de Origine Societatis Iesu.* Coloniae 1564 (Barbosa Machado I 669). Saíu também o primeiro livro separadamente em Lovaina no ano de 1565 e apareceu traduzido em francês (ib.).

2 *Commentarius de Ophyra Regione apud divinam scripturam commemorata, unde Salomoni Iudaeorum regi inclyto, ingens auri, argenti, gemmarum, eboris aliarumque rerum copia apportabatur.* Conimbricae 1561 (cf. Anselmo, n. 82; Barbosa Machado II 308).

3 *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho, que fez Gaspar Barreiros o anno de 1546 começando na cidade de Badajoz em Castella te a de Milam em Italia.* Evora 1561 (Anselmo n. 80; Barbosa Machado II 307).

4 A mãe de Barreiros chamava-se Maria de Barros e era irmã do historiador das Décadas (Barbosa Machado II 306)

5 Dele refere Barbosa Machado II 306-09.

6 O título da obra de Belchior Estaço do Amaral é: *Tratado das batalhas e sucessos do Galião São-Tiago com os Olandezes na Ilha de Santa Elena, e da Náo Chagas com os Inglezes entre as Ilhas dos Assores, ambas Capitanias da*

mente que a navegação de Guiné, Brasil e do Oriente pertence à coroa de Portugal, diz assy: «E se querem mais prova desta verdade vejam o triumpho da santa Igreja em todo Oriente com tanto fruito e gloria do nosso Redemptor, como lá tem feito o sagrado Evangelho semeado pellos filhos dos gloriosos São Francisco, São Domingos, Sancto Agostinho e outros religiosos [219r] que passarão àquellas terras remotas, onde muitos derramarão o sangue recebendo coroa de martirio e gloria pella sancta fee catholica. Tem também triumphado muito a sancta Igreja no Oriente depois que a elle passarão os Padres da Companhia de Jesus, verdadeiros obreiros desta sagrada seara e apostolos de seu sancto nome e Evangelho, que com sua sancta doctrina tem feito pasmar os enfernos, com a grande conversão de infinitos milhares de almas que com sua pregação reconhecem pello mundo o santissimo nome de Jesus, e recebem pella sua mão o sancto baptismo não somente no Oriente té o Jappão e [1] té a China, mas na Ethiopia, em a grande provincia do Brazil, antre o mais barbaro gentio do mundo. Pode tanto a doctrina da Companhia de Jesus, que não só vão reduzindo aquella bruta gentilidade à santa fee catholica, mas à policia hummana que antre elles não avia» [2].

Louvores que os summos pontifices disserão da Companhia de Jesus e dos favores que lhe fizerão.

Cap. 3.º

Os maiores louvores que podemos dar à Companhia de Jesus sam os que em poucas regras os summos pontifices custumão cifrar nas bullas da confirmação e previlegios de nossa sagrada religiam, dos quaes o primeiro seja o papa Paulo 3.º no Breve que passou

13 os *corr. mó de* aos *L* | enfermos *LR*, infernos *Estaço do Amaral* || 16 té[1] e [2] *corr. mó de* tem *L*

Carreira da India, e da causa e desastres porque em vinte annos se perderão 38 Náos della. Lisboa 1602 (Barbosa Machado I 481). Foi impressa também na *História trágico-marítima* de Gomes de Brito (e de novo em 1905 na *Bibliotheca de Classicos Portuguezes*).

1 Falta *té o Jappão e* na edição de 1905, p. 29.

2 Cf. *História trágico-marítima*, ed. cit., p. 29.

no anno de 1545, onde diz desta maneira: «Attendentes igitur ad fructus uberes quos in domo Domini hactenus produxistis et producere non desinitis vestra religione, integritate, sciencia, doctrina, moribus, experiencia» [1] ettc. Nas quaes palavras louva
5 aos primeiros Padres dos copiosos fruitos que produzirão e produzião na casa do Senhor com sua religiam, inteireza, sciencia, doctrina, custumes, esperiencia.

O papa Pio 4.º imitando a seu predecessor Julio 3.º, de quem no capitulo passado escrevemos, favoreceo grandemente a Compa-
10 nhia, sendo o primeiro Papa que deu esmola ordinaria ao collegio Romano [2], e fez com a Marquesa do Vale [3], sobrinha do papa Paulo 4.º, que desse huma ilha de casas ao nosso collegio [4], vivendo athé aquelle tempo em casas de aluguer. E não somente per obras, mas também per scripto digno de eterna memoria louvou a Compa-
15 nhia na Bulla de sua confirmação, passada no anno de 1561, onde diz desta maneira: «Nos qui inter servos Christi pacem et tranquillitatem intimis desideramus affectibus, attendentes quantum dicta vestra Societas in Ecclesia Dei hactenus fructum attulerit, et quantum in futurum Deo dante, sit allatura: et propterea vos
20 prae ceteris aliis religiosis maioribus favoribus et gratiis fore merito prosequendos» [5] ettc. Escreveo também em favor nosso ao catholico rey de Espanha Dom Phelippe o 2.º deste nome e [219v] falando dos nossos Padres escreve deste modo: «Porque estes Padres ainda que forão chamados às nove do dia e mandados a
25 cultivar a vinha do Senhor com os derradeiros [6], começarão de trabalhar com tanto cuidado, que não somente arrancarão as espinhas e ervas que a afogavão, mas também a dilatarão e propagarão noutras partes. Parece cousa incrivel o progresso desta Religiam, quanto se estendeo em breve tempo, o fruito que fez na
30 Igreja de Deos, os collegios que com a graça do Senhor fundou em diversas provincias com grande proveito e benefficio das nas-

---

4 moribus *risca* et *L* || 20 faoribus *corr. m6 L*

---

1 Breve *Cum inter cunctas* de 3 de Junho de 1545 (MI *Const.* I 167).
2 *Lainii Mon.* VI 135 (ano de 1561).
3 Vitória Tolfia.
4 No ano de 1560 (cf. *Lainii Mon.* IV 695).
5 No Breve de 13 de Abril de 1561 (*Institutum Societatis Iesu* I 32).
6 Cf. Mt. 20, 5.

ções e terras onde forão fundados, porque polla boa diligencia desses Padres se sustenta numas partes a fee catholica, noutras se reprime a peste das heregias, noutras os gentios e idolatras, deixando o cculto [!] de falsos deoses, se convertem ao conhecimento e verdadeiro culto de Deos vivo e verdadeiro. Pollo que se vê que o Senhor alevantou a esta nova Religiam em nossos tempos tão trabalhosos e calamitosos pera a Igreja e a pôs por baluarte contra os ministros de Satanás que a persegue[m] e aflige[m], assy estes poderosos alumiem com a luz da verdade; e quanto elles com sua má vida e peor doctrina destruem, tanto estes Padres com seus sanctos exemplos e doutrina catholica ediffiquem. Desta Ordem temos nesta cidade hum collegio mui copioso, que hé como siminario dos outros collegios que em Italia e fora della, em Alemanha e França, se estabelecerão e fundarão, e deste seminario saem escolhidos e valerosos ministros, os quaes esta santa cadeira manda a outras provincias como generosas e fructuosas plantas pera que se plantem noutros jardins da sancta Igreja, porque vemos por experiencia que, parte com a pia e cuidadosa instituição e ensinança dos moços, parte com a pregação e doctrina, parte com a administração e uso dos sacramentos, obrando o Senhor com elles, procedem os fructos que ella neste tempo há mister. E estes Padres não fogem nenhum trabalho que se lhes offereça polla honra de Deos e serviço desta cadeira. Vam e navegão a todas as nações e a todos os lugares onde sam mandados, ainda que sejão de herejes e de infieis e apartados da fee, às mais remotas provincias da India sem nenhum temor nem espanto, porque vão arrimados no favor daquelle Senhor por cujo amor elles o fazem. De maneira que devemos muito a este collegio que tam bem se emprega em defender e amplificar a religiam catholica, pois estam sempre tão aparelhados os que nella se crião pera qualquer empresa que se offerece de Christo Nosso Senhor e desta sua cadeira apostolica» [1].

Alevantando-se em Roma huma grande tempestade contra a Companhia, acodio o papa Pio 4.º com grande diligencia por ella

---

14 estabalecerão *LR* | 14-15 siminario *corr. mó L* || 26 espanto *depois de corr. L*

---

[1] Cf. SACCHINUS, *Hist. Soc.* II, l. 5, n. 158. O documento é de 24 de Novembro de 1561 (*Lainii Mon.* VI 172 187).

cometendo o negocio aos cardeaes deputados pera a reformação [220 r] de Roma (que erão varões de grandes virtudes e letras), os quaes não acharão ser verdade o que contra nós nossos calumniadores falsamente tinhão alevantado, e Sua Sanctidade privou
5 da renda e officio a certa pessoa que fora cabeça e autor das infamias que se divulgarão por Roma, por Italia e Alemanha [1]. E para que a fama e falso rumor não fizesse nojo aos Padres de Alemanha, escreveo Sua Santidade ao emperador Maximiliano referindo-lhe o que se avia dito em Roma contra a Companhia, e como achara
10 ser ella innocente e muito livre do que seus emulos contra toda verdade lhe impunhão. Pello que encomendava muito a Sua Magestade defendesse nossas cousas com sua authoridade e reprimisse os maldisentes, para que os Padres que em seu imperio residiam podessem entender com liberdade na redução dos hereges a nossa
15 sancta fee catholica [2]. O mesmo Papa foi o que nos encarregou do seminario e convictores que em Roma estudam e frequentam nossas escolas [3].

Não sei como me fui descuidando do papa Paulo 4.º, chamado antes de sua assumpção Joam Pedro Carrafa, arcebispo que foi de
20 Chete, o qual renunciando o arcebispado deu principio à Religiam que vulgarmente se chama dos teatinos, dos quais por seremos muito semelhantes no trajo nos vierão também a chamar nalgumas provincias e reinos teatinos [4]. Foi Sua Santidade muito devoto da nossa sagrada Religiam e particularmente do P.e Diogo Laines por
25 sua grande authoridade, virtude e letras, ao qual quis fazer cardeal polla grande estima que tinha de sua santidade e doutrina, a qual dignidade elle com todas suas forças recusou e alcançou o despacho de sua petição [5]. Alegrou-se grandemente Sua Sanctidade quando soube que o P.e Diogo Laines fora eleito preposito geral
30 da Companhia de Jesus, e quando o novo geral com os Padres da

---

1 Esta perseguição contra a Companhia em Roma, foi segundo parece, em 1564 (cf. SACCHINUS, *Hist. Soc.* II, 1.8, n. 32).

2 O Breve do Papa data de 30 de Setembro de 1564 (cf. *Lainii Mon.* VIII 257).

3 Foi fundado em 1564 (*Lainii Mon.* VIII 145-46 150 161; *Polanci Compl.* I 445-46).

4 Assim p. ex. às vezes S. Teresa.

5 Conservam-se três cartas do P. Laínez de 19 de Dezembro de 1555 (a S. Inácio, ao Cardeal Truchsess e a um anónimo), nas quais se opõe à dignidade cardinalícia (*Lainii Mon.* I 281-84).

Congregação forão beijar o pee a Sua Santidade lhes fez huma pratica não menos grave que paternal, dando a todos os perabéns da boa eleição que tinham feito. Entre outras cousas falou Sua Santidade desta maneira: «Claramente se vê que esta vossa bem-aventurada Companhia está fundada não sobre area, nem sobre terra movediça, senão sobre pedra firme e estavel [1], sobre aquella pedra angular que hé Christo Nosso Redemptor» [2]. E virando-se pera N. R. P. Geral lhe disse: «Sobre vós, filho charissimo, cayo a sorte de Preposito Geral desta bem-aventurada Companhia, a qual começando de pequenos e baixos principios, como todas as demais cousas de Deos, padeceo muitas perseguições e com ellas trouxe maravilhosos proveitos à santa Igreja». E no fim de seu largo arrezoamento confirmou a nova eleição e também todas as graças e previlegios que seus antecessores avião concedido à Companhia, e de novo estava apparelhado pera lhe conceder todas as graças e [220 v] favores necessarios pera a conservação, progresso e agmento da Companhia [3].

Que direi das extraordinarias graças e mercês que a santidade do papa Pio 5.º fez a esta minima Companhia de Jesus? Elle a fez e declarou por huma das religiões mendicantes e a fez participante de todos os previlegios concedidos pellos summos pontifices a todas ellas [4]. E quão altamente sentisse de nossas cousas mostrou elle bem na Bulla que passou em nosso favor no anno de 1568 [5], onde diz desta maneira: «Innumerabiles fructus quos benedicente Domino christiano orbi Societas Iesu viros literarum praecipue sacrarum scientia, religione, vita exemplari morumque sanctimonia perspicuos, multorum religiosissimos praeceptores ac verbi divini etiam apud longinquas et barbaras illas nationes quae Deum penitus non noverant optimos praedicatores [6] producendo felicissime hactenus attulit et adhuc solicitis studiis afferre non desistit» [7] ettc.

---

1 Cf. Mt. 7, 24-27.

2 Cf. Eph. 2, 20.

3 Numa carta de 16 de Julho de 1558 para o P. O. Manareo, Polanco expõe a substância do que refere Gonçalves (*Lainii Mon.* III 398-99); este, porém, não fala dos incómodos notáveis causados pelo Papa à Companhia.

4 No Breve *Dum indefessae* de 7 de Julho de 1571 (*Institutum Societatis Iesu* I 46-49.

5 No Breve *Innumerabiles fructus* de 29 de Abril de 1568 (ib., I 42-43).

6 Ajunta o Breve: *et interpretes* (o. c., 42).

7 L. c.

Era tão grande o conceito que S. Santidade tinha da Companhia, que avendo em Roma três penitencearias, nas quaes residiam varões de grande doctrina, que de todas as nasções os papas escolhião pera ouvirem de confissão os penitentes que de varias partes da Christandade vão visitar as sete igrejas e outros lugares pios consagrados com sangue de martires e resolverem os casos intricados e difficultosos que trazem, determinou Sua Santidade tirar dos três collegios os penitenciarios seculares e meter em seu lugar religiosos, como fez entregando a Penitenciaria de São João Lateranense aos religiosos do seraphico P. São Francisco, e de Santa Maria Mayor aos de Sam Domingos, porém a de Sam Pedro (que sem controversia hé a de mayor concurso e authoridade) entregou aos Padres da Companhia de Jesus, que foi particular mercê e benefficio que nos fez [1]; como também o seguinte, que foi tomar da nossa sagrada Religião pregador do sacro Palacio, no qual tem por ouvintes o Summo Pontifice, o Collegio ilustrissimo dos cardeaes e finalmente toda a corte romana. O primeiro que de nossa Companhia exercitou este officio foi o P. Benedicto Palmio [2], italiano. O 2.º o P. Affonso Salmeirão [3], hum dos primeiros dez fundadores da Companhia e theologo do Papa no sagrado Concilio Tridentino. O 3.º o P.e Doutor Francisco Toledo [4], que durou neste cargo até o anno de 1594, no qual recebeo as insignias de cardeal per mandado expresso do papa Clemente 8.º [5].

Outro insigne benefficio que fez à Companhia foi dar por companheiro da embaixada que mandou por seu sobrinho, o cardeal Alexandrino [6], nosso R. P. Geral Francisco de Borgia ao christianis-

---

1 No ano de 1570 (*S. F. Borgia* V 356-57 372-73).

2 Pregou p. ex. na Quaresma do ano de 1568 (*S. F. Borgia* IV 576-77). Nasceu o Padre em Parma em 1525, entrou na Companhia em Roma no ano de 1546. De 1561 a 1581 foi assistente de Itália. Faleceu a 14 de Novembro de 1598 em Ferrara (cf. MI *Epp.* I 445-46; POLANCO, *Chron.* I 169).

3 O P. Afonso de Salmerón nasceu em Toledo no ano de 1515, juntou-se a Inácio em Paris no ano de 1533; faleceu em Nápoles a 13 de Fevereiro de 1585. Pregou a Quaresma do ano de 1569 em S. Pedro (EX I 19^5; *Epp. Salmeron.* I, p. XVII).

4 O Cardeal Francisco de Toledo nasceu em Córdova no ano de 1532, entrou em 1558 e faleceu a 14 de Setembro de 1596 (EX II 559^2).

5 Sobre a elevação do P. Toledo ao cardinalado veja-se A. ASTRÁIN, *Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España* III (Madrid) 590-92.

6 Miguel Bonello.

simo rey de França [1], ao catholico rey de Espanha Dom Felippe 2.º e ao serenissimo rey de Portugal Dom Sebastião, pera que com sua authoridade tivesse a embaixada o soccesso que S. Santidade desejava [2].

[221r] Mas o que mais se estendeo nos louvores e favores da Companhia de Jesus foi o papa Gregorio decimo tertio, verdadeiramente pay de nossa Companhia e que pera toda ella concedeo entre bullas e breves apostolicos vinte e dous, e pera as Indias quinze. Cousa proluxa seria querer eu neste lugar referir todos os louvores que Sua Santidade nos dá em suas letras, porém apontarei somente aquelles que mais fizerem a nosso caso. Na Bula que passou no anno de 1576, e começa Salvatoris Domini nostri Iesu Christi [3], diz desta maneira:

«Sane, ut accepimus, licet dilecti filii presbiteri venerabilis Societatis Iesu in vinea Domini tanquam fructiferi palmites in toto fere orbe in continendis in via mandatorum Christi fidelibus, infirmis in fide consolidandis aegrotisque sanandis, confractis alligandis et abiectis reducendis ovibusque dispersis et lupis vespertinis leonumque famelicis catulis in devorationem expositis, reclamandis et defendendis, quam etiam iis quae extra ovile Christi sacrosanctique imperii nostri tutelam sub ignorantiae iugo in obscuris et tenebricosis locis ac desertis per montuosas ac difficiles vias aberrant convertendis; et ad nationes catholica religione imbutas et ad immanes barbarasque divini cultus politicique ornatus ignaras gentes ferino potius quam humano more viventes sese extendentes, opimum et uberrimum fructum attulerint et in dies maiori cum solicitudine aferre, zizania extirpare, bonum semen renovare, plantare, terrasque incultas evangelico sulco ac ecclesiasticae disciplinae vomere eradicare [4] non cessent. Ac dudum propter ipsius Societatis tam utiles tamque necessarias functiones quae tam in domibus per frequentem paenitenciae et Eucharistiae sacramentorum

29 eraderare *corr. m6 L*

1 Carlos IX (1560-1574).

2 Desta embaixada tratam entre outros *S. F. Borgia* V 581-85 e O. Karrer, *Der heilige Franz von Borja* (Freiburg i. Br. 1921) 409-23.

3 É o Breve de 30 de Outubro de 1576, publicado em *Institutum Societatis Iesu* I 63-67.

4 No texto do Breve: *eruderare* (o. c., 64).

administrationem et ad eorum frequentationem sectandam exhortationem praedicationemque et spiritualia exercitia ac alia verbi Dei ministeria tum in colegiis per lectiones tam bonarum litterarum quam philosophiae etiam et theologiae ad iuventutem bonis
5 moribus et litteris imbue[n]dam ex ipsius Societatis primaeva instituti erectione ac divina vocatione, magno Dei beneficio et ecclesiae spirituali emolumento exercet» [1] ettc.

O mesmo Summo Pontifice na eleição de N. R. P. Geral Everardo Mercuriano estando na quinta de Frascate mandou per duas
10 vezes ao seu capelão que dissese missa do Spiritu Sancto polla elleição do Preposito Geral. O mesmo Pontifice quando N. R. P. Geral Claudio Aquaviva juntamente com os Padres da Congregação foi beijar o pee a Sua Santidade fez huma pratica em louvor da Companhia. Entre outras cousas disse desta maneira: «Esta
15 vossa Ordem verdadeiramente santa já está espalhada pello mundo, e em todos os lugares tendes collegios e casas. Vós governaes os reinos e as provincias e todo o mundo, e em summa quazi que não há agora outra cousa melhor que esta vossa santa Ordem, a qual [221v] Deos instituyo contra as heregias e quasi que começou
20 no mesmo tempo no qual estes hereges modernos começarão de espalhar seus erros. Polla qual rezam releva muito pera o aproveitamento dos principes e dos povos (e nós na verdade assi o desejamos) que cada dia se vá aumentando e creça, e principalmente seja a Companhia bem provida de bons superiores e offi-
25 ciais» [2]. Não me detenho mais em referir os louvores e favores que S. Santidade fez à Companhia por requererem tratado per sy, e nós no discurso da Historia com o favor divino faremos.

O Sanctissimo Padre Gregorio decimo quarto na sua Constituição [3], na qual confirma o Instituto da Companhia, diz desta
30 maneira: «Inter haec autem quem locum obtineant religiosi ordines, praesertim vero qui proximorum utilitati deserviunt non obscure perspicimus cum et superiora tempora et praesentia diligenter attendimus. In his vero religio Societatis Iesu quam novissimis hisce diebus divina providentia excitavit adeo strenue laboravit ac
35 sine intermissione laborat ut illius vel turbationem et infirmitatem

---

1 L. c.

2 Cf. SACCHINUS-POSSINUS, *Hist. Soc.* v, l. 1, n. 13.

3 A qual começa *Ecclesiae Catholicae* de 28 de Junho de 1591 *(Institutum Societatis Iesu* I 118-25).

ad commune Ecclesiae damnum vel pacem atque integritatem ad eius utilitatem maxime pertinere putemus» [1] ettc.

Também o Sanctissimo P.e Clemente octavo teve grande conceito de nossa minima Companhia: e posto que ella com todas as forças foge das dignidades, comtudo attentando elle pera os merecimentos dos reverendos Padres Francisco Toledo e Roberto Belarmino os fez cardeaes da Santa Igreja Romana, com que na verdade honrou nossa Religiam, posto que Sua Santidade nos privou de tão grandes letrados, como suas obras a todo o mundo mostrão.

Favoreceo Sua Santidade muito o ensino da doutrina christam mandando ao P.e Roberto Belarmino que fizesse hum livro accomodado pera este sancto ministerio [2], o qual Sua Santidade authorizou assistindo na igreja da Companhia de Jesus quando o dito Padre a ensinava, e fazia mercê de honrar os que melhor respondião, de modo que em seu tempo floreceo a sancta doutrina no Estado da Igreja Romana.

E na carta que Sua Sanctidade escreveo em vinte e quatro de Fevereiro de 1601 a el-rey da Persia, louvando os Padres da Companhia de Jesu diz desta maneira: «Sunt autem in Oriente presbiteri et operarii Christi fideles ac strenui filii nostri in Christo dilecti ex ea Societate quae a dulcissimo Iesu nomine nuncupatur, quae sub nostra et huius sanctae apostolicae sedis peculiari tutela Deo militat et in remotissimis etiam Orientis indorumque regionibus victricem Christi crucem fixit et semen evangelii in salutem credentium disseminavit et Deo auxiliante disseminare studet, nullis parcens laboribus ut verbo salutaris doctrinae et vitae integerrimae exemplo denique divino baptismi lavacro et celestibus sacramentis animas Christo [222r] lucrifaciat quemadmodum tibi non inauditum neque omnino ignotum esse arbitramur» [3].

Também recebemos grande favor num dia santo, que o Papa foi ouvir missa a nossa igreja e, detendo-se com os Padres atté horas de jantar, ouvindo tanger a campainha pera irem à mesa se foi com elles e jantou no refeitorio não tendo outras iguarias que as da communidade; e no tempo da segunda mesa entrou outra

---

1 O. c, I 119.

2 Pelo Breve *Pastoralis* de 15 de Julho de 1598 foi prescrito o uso da *Doctrina christiana* de Bellarmino.

3 Cf. IUVENCIUS, *Hist. Soc.* V, l. 17, n. 24, onde o autor trata desta nova missão.

vez no refeitorio pera ver se avia differente pasto do que se apresentara na primeira meza. O que tudo fez Sua Santidade pera experimentar se era verdade o que nossos emulos lhe tinhão dito da Companhia. Mas certeficado elle do que na verdade passava e
5 que tomara os Padres de improviso, pouco antes da Coresma, louvou a parcimonia, a temperança e modestia da mesa, ajuntando que bem podiam dar mais iguarias naquelle tempo pera que os Padres tomassem forças pera o jejum quadragessimal. Também Sua Santidade nos fez mercê de dar principio à beatificação de
10 N. S. P. Ignacio [1], pello que lhe damos graças immortais.

Não foram menores as mercês que recebemos da santidade do papa Paulo V.º, o qual na Bulla da confirmação de nossos previlegios [2] começa desta maneira: «Quantum religio Societatis Iesu in Ecclesia ad fidei, pietatis et religionis augmentum profecerit et
15 in dies magis proficiat, nos ipsi scimus et christiana respublica novit universa» [3] ettc. Além do grande favor que Sua Santidade nos fez em confirmar o Instituto da Companhia, nos fez também outro muito grande, que foi beatificar a N. S. P. Ignacio [4], dando licença pera que na nossa igreja de Roma, onde está seu sancto
20 corpo, possam não somente os da Companhia, mas também todos os mais sacerdotes dizer missa do Sancto em seu dia, e nas outras partes somente nossos Padres possão dizer missa, rezando todos no mesmo dia de communi confessoris non pontificis [5].

Da contradiçam que a Companhia teve
25 *por se chamar Companhia de Jesus.*

Cap. 4.º

Porém o mayor louvor que nossa sagrada Religiam tem, hé chamar-se da Companhia de Jesus, posto que em diversas provincias e reinos lhe chamão alguns Companhia do nome Jesus. Deste

---

1 Remeteu a causa da beatificação à Congregação dos Ritos (cf. MI *Scripta* II, pp. V-VI).

2 É de 4 de Setembro de 1606.

3 Cf. *Institutum Societatis Iesu* I 131.

4 O Breve da beatificação é datado de 3 de Dezembro de 1609 (texto em MI *Scripta* II 954-56.)

5 MI *Scripta* II 955.

modo falarão ainda os nossos Padres em França, e nos sobreescritos das cartas diziam: ao Padre foam da Companhia do nome de Jesus; e nos livros que imprimirão na provincia de Aquitanea usavão do mesmo titulo, do qual também per muitas vezes usou em suas cartas o B P. Francisco de Xavier [1]. E os primeiros Padres 5 na petição que derão ao papa Paulo 3.º pera confirmar a Companhia derão occasião a este modo de falar, porque tratando da Companhia dizem: «Quam Iesu nomine insigniri cupimus» [2]. E o papa Pio 4.º [222v] falando dos nossos diz: «Qui sicut nomen sociorum Iesu assumpserunt» [3]. E o papa Gregorio decimo tertio diz assy: «Praesertim sub sacratissimi nominis Iesu» [4]. 10

Em Portugal nos chamão apostolos [5], na India os Padres de Sam Paulo e no Compromisso os Padres da ordem apostolica de Jesus [6]. Noutras partes nos chamão igniguistas ou ignacianos, noutras teatinos, porém a Sancta Sé Apostolica e o sagrado Concilio Tridentino [7] emnobrecerão a Companhia com o santissimo 15 nome de Jesu, pera animar aos que debaixo de sua bandeira militamos. E comtudo não faltarão muitos que contradicessem este glorioso titulo, parte dos quais sam hereges e parte catholicos. Contra os primeiros escreveo o Doutor Diogo de Paiva [8], português, Stanislao Rescio [9] na sua Spongia contra hum polono, e o P.e Edmundo Augerio nas Epistolas que escreveo contra Pedro 20 Vireto [10], o P. Jacobo Grethero, alemão, na refutação da historia

---

8 nomini *LR* || 13 Compromisso *R*, Comprimisso *L*

---

1 Por ex. na carta de 20 de Janeiro de 1548 para os Padres de Roma (EX I 396).

2 Na *Formula Instituti* (Agosto de 1539), publ. em MI *Const.* I 16.

3 No Breve *Etsi ex debito* de 13 de Abril de 1561 (*Institutum Societatis Iesu* I 31).

4 No Breve *Pastoralis officii* de 1 de Janeiro de 1578 (o. c., I 71).

5 Cf. F. RODRIGUES, *Hist.* I/1, 245 383.

6 No Compromisso de 27 de Junho de 1546 (DI I 117 118).

7 Sessio 25, c. 16.

8 *De Societatis Iesu origine libellus contra Kemnicii cuiusdam petulantem audaciam* (BARBOSA MACHADO I 669).

9 Sobre o cónego warmiense Rescius († 1598), autor de várias obras, veja-se *Hurter, Nomenclator* III 214.

10 *Response a une epistre liminaire de Pierre Viret, ministre des reformez de Lyon...* Lyon 1565 (cf. SOMMERVOGEL I 636).

da ordem dos jesuitas e na apologia pro vita B. Patris Ignatii [1]. Aos catholicos mal informados do nosso Instituto responderão os Padres da primitiva Companhia, e nós também agora responderemos com o favor divino.

5 E primeiramente tragamos à memoria como Jesus, Deos e Senhor Nosso, teve contradição emquanto andou entre os homens e depois que subio ao ceo, pera que se comprisse a profecia do justo Semeam quando delle disse à Virgem sua Mãy: «Ecce positus est hic in ruinam et in resurrectionem multorum in Israel et in 10 signum cui contradicetur» [2]; mas emfim alcançou victoria de todos seus inimigos: «Donec ponam inimicos tuos scabelum pedum tuorum» [3]. E Sam João diz: «Vicit Leo de tribu Iuda» [4]. O Padre Eterno lhe meteo debaixo dos pés a todos aquelles que forão contrairos à sua gloria, nome e fama. E assy como todos os animaes 15 diante do leam victorioso ficão medrosos e acanhados, assy diante do Leam do tribu de Judá (que a ninguém teme), ficarão attonitos e pasmados vendo suas vitorias e triumphos.

«Oleum efusum nomen tuum» [5]. Oleo derramado chamou a Sposa nos Cantares ao santissimo nome de Jesu. Oleo neste lugar 20 pode significar unguento cheiroso, semelhante àquelle que foi derramado sobre a cabeça do summo sacerdote Aaron, e ao que a Sancta Magdalena derramou sobre Christo Senhor Nosso, quando quebrando o alabastro [6] transcendeo a casa onde estava com a fragancia, suavidade e cheiro daquella confeição tão perfeita. Pode 25 também o oleo significar o que vulgarmente arde nas alampadas diante dos sagrados altares, propriedades e condições, ao qual também pertence, assy como as outras, ao santissimo nome de Jesus: estas são nadar sobre todos os liquores, sustentar o fogo, fortificar os nervos, aclarar o elemento da agoa. Hé logo pois o

---

26 ao *sobrep. mó, risca* do *L*

---

1 IACOBUS GRETSER, *Historia Ordinis Iesuitici*... Ingolstadii 1594 e *Libri quinque Apologetici, pro vita Ignatii Loiolae,* várias edições desde 1599 (cf. SOMMERVOGEL III 1756 1762 1765 1770).

2 Lc. 2, 34.

3 Ps. 109, 1.

4 Apoc. 5, 5.

5 Cant. 1, 2.

6 Mc. 14, 3.

sanctissimo nome de Jesus semelhante ao cheiroso unguento, ao qual acodem as almas fieis, e as mais prezadas em sua primeira idade [223r] o amão afervoradamente, nem se podem esconder seus effeitos por mais que os queirão encobrir. Nada sobre todos os outros nomes que as sagradas Scrituras dão a Christo Nosso Senhor, presando-se mais delle, que delle chamaremos Deos de Abrahão, de Isac, de Jacob [1], Pay do seculo que está por vir, Principe da paz [2] e outros semelhantes. Hé pasto do amor divino que nas almas arde, alumia o entendimento, fortalece a vontade e finalmente todas as prosperidades divinas que estão espalhadas por diversos nomes se enserrão no sanctissimo nome de Jesu, com o qual os summos Pontifices romanos honrarão nossa minima Companhia de Jesus.

E por mais que seus emulos a contradigão, dizendo que lhe não estaa bem tomar este nome, comtudo emquanto ella durar conservará o titulo que de seu primeiro Pay erdou, perpetuando com a graça divina, quanto em sy for, accomodando-se e ajuntando-se a seu primeiro fundador. E assy como Deos Nosso Senhor disse do templo de Salamão que escolheo aquelle lugar e o santificou pera que nelle estivesse seu nome pera sempre, e seus olhos e seu coração permanecessem no mesmo lugar por todos os dias [3], da mesma maneira confio na divina misericordia que porá seus olhos nesta sua minima Companhia e nella perpetuará o santissimo nome de Jesu pera mayor gloria sua.

Daquelle insigne estatuario Fidias conta Sancto Epiphanio no segundo livro do primeiro tomo [4] que desejando eternisar seu nome da maneira que podia, que não somente fez perfeitissimamente a estatua de Pisa, a qual era de marfim, mas que também lhe lançou o oleo no concavo da base em que os pés estavão, com o qual sua obra e nome se conservasse [5]. São as religiões fermosissimas estatuas que sairão da mão de Deos, huma dellas hé a

---

17 quando *corr. mó L* || 27 da *corr. de* de *L*

---

1 Ex. 3, 6.
2 Is. 9, 6.
3 Cf. 3 Reg. 8, 29.
4 *Adv. Haer.* (MIGNE, PG 41, 1099).
5 «Olympici Iovis simulacrum».

Companhia de Jesus, a qual com seu nome significado no oleo derramado quis eternisar.

Do mesmo estatuario conta Aristoteles no livro «De mundo», capite septimo, que fez huma estatua de Minerva com tal artificio, que pondo sua propria imagem de relevo no escudo de Minerva, ninguém a podia tirar sem que a estatua se desfizesse [1]. Tão grande era a união que o escudo, que a imagem de Fidias, que a estatua de Minerva tinha[m] entre sy, que parece que todo o artifficio estribava na imagem do escudo. Deos nosso Senhor estatuario insigne fez a estatua da Companhia armando-a com o escudo do sanctissimo nome de Jesus (que por esta causa usa nossa Religiam do sanctissimo nome como de armas proprias pera authorizar seus escritos), de modo que Jesus hé a chave da qual depende a Companhia, pois assi como o que quisesse tirar a imagem do escudo de Minerva desfazia toda a estatua, assy o que bulir com o santissimo nome de Jesus, que dá o ser e lustre a nossa Religiam, a desfaz e quanto em sy hé a reprova e sente mal das bulas apostolicas e do Concilio Tridentino que lhe derão este suave nome por herança.

E assy como o Padre Eterno deu a seu Unigenito Filho encarnado, estando no talamo virginal, o santissimo nome [223v] de Jesus [2], o qual Pilatos mandou pôr no titulo da crus [3], e por mais que os judeus lhe rogarão que mandasse tirar o titulo nunca o quis mandar tirar, inspirado nesta parte pello Spirito Sancto, dizendo: «quod scripsi, scripsi» [4] pera que se comprisse o titulo do psalmo: «Ne corrumpas tituli inscriptionem» [5], da mesma maneira contradizendo muitos o glorioso appelido da Companhia de Jesus, nunca Deos consentio que se tirasse ou corrompesse, como se dissesse: o que escrevi, escrito seja e permaneça, porque nisto quero ter palavra de rey que nam muda o que faz.

---

3 De *corr. mó de* Do *L* || 11 cousa *corr. mó L*

---

1 «Fama est etiam, Phidiam statuarium, quum Minervam illam quae est in arce, coagmentaret, in medio eius scuto faciem suam expressisse oculosque fallenti artificio ita devinxisse simulacro, eximere inde ut ipsam si quis cuperet, necessario etiam totum dissolveret atque conturbaret» (cap. 6, [ed. Didot, Paris 1887] III 639-40).

2 Mt. 1, 21.

3 Mt. 27, 37.

4 Io. 19, 22.

5 Cf. Ps. 74, 1.

Quem curiosamente quiser saber as causas pollas quaes os theologos da Universidade de Paris se moverão a fazer hum decreto contra a Companhia, lea ao P.e Ribadaneira no quarto livro da vida do B. P. Ignacio, aos onze capitulos [1]; mas o que por agora nos convém, conformando-me com o titulo no principio deste capitulo proposto, hé responder ao primeiro artigo daquelle decreto, o qual diz desta maneira: «Haec nova Societas insolitam nominis Iesu appelationem sibi vendicat». E Cano no livro 4 De locis theologicis, cap. 2.º in principio, morde na Companhia com estas palavras: «Societas, cum Christi Ecclesia sit, qui titulum sibi illum arrogant, hi videant an haereticorum more penes se Ecclesiam existere mentiantur» [2]. Mais grave censura por certo que a primeira. Mas respondo a todos os impugnadores do santissimo nome, que foi dado à Companhia polla See Apostolica e aprovado pollo sagrado Concilio Tridentino.

Nem se chama Companhia de Jesu porque os religiosos della se queirão chamar companheiros de Jesu, mas assy como as companhias dos soldados na milicia tomão por divisa e appelido as divisas e appelidos de seus capitães, assy quizemos tomar o nome, com authoridade da See Apostolica, daquelle Capitam ao qual desejamos imitar. Nem hé muito desusado o appelido de Jesu, porque em Italia há religiosos que se chamão jesuatos [3], que hé o mesmo que jesuitas. E no reino de Portugal hé bem celebre o convento de Tomar, cujos religiosos tem o appelido de Christo: outros da Santissima Trindade, outros do Spirito Sancto, outros da Virgem N. Senhora, e os religiosos tomão os mesmos appelidos. Nam há logo pera que estranhar que nos chamemos da Companhia de Jesu. E mais se deve attribuir a hummildade e prudencia de nosso fundador querer herdar a sua Religião appelido de Jesu, que de Ignacio, ensinando com esta humildade tam prudente a seus filhos que posessem antes os olhos no Criador que na criatura, no

---

22 jejuatos *LR* | hé *sobrep. mó, antes* a *L* || 27 estranhar *risca* pera *L*

---

1 Este capítulo é intitulado: *Del decreto que en París hizo contra la Compañía el Colegio de Sorbona.*

2 Cf. *Melchioris Cani opera* (Patavii 1734) 112.

3 A Ordem dos Jesuatas, fundada pelo B. João Colombini, em Sena pelo ano 1360, foi suprimida em 1668 pelo papa Clemente IX.

Senhor que no servo. Finalmente com este santissimo nome se fecham as portas a contenções de zelo indescreto querendo cada religioso de diverso Instituto antepor sua Religião à outra. Sommetemo-nos a todas como a mais antigas, não queremos con-
5 tender do nome nem dos merecimentos dos fundadores, porque isto pertence a Christo Senhor Nosso, ao qual, [224 r] emquanto homem, o Padre Eterno cometeo poder julgar a todos [1].

Mas hé de notar que o B. P. Ignacio de Loyola quis imitar ao santo bispo e martir Ignacio, o qual trazia em seu coração
10 estampado o nome de Jesus com letras de ouro [2]. E na carta que escreve aos christãos de Efezo (que hé a quatorzena na ordem de suas epistolas) se chama mínimo [3]: e N. B. Padre amou tanto a Jesus que o tomou por autor de sua Religião, e lhe deu titulo de minima Companhia de Jesu [4]. Cousa sabida hé como na primitiva
15 Igreja em Antioquia se chamavão os christãos Jesuos, como diz S. Epifanio, haeresi 29 [5], porquanto erão discipolos e seguidores da ley de Jesu, o qual nome interpretão os hebreus salvador ou medico. S. Dionisio Areopagita, De Ecclesiastica Hierarchia, c. 6 [6], e Filo judeu no livro da Vida Contemplativa, lhes chamam
20 therapeutas [7]; Eusebio no 2.º livro da Historia Ecclesiastica, cap. 17, refere a sentença de Filo e, dando a causa do appelido, diz que os christãos se chamavam medicos [8], porque à maneira de medicos livravam as almas dos que a elles vinhão das paixões dos peccados e os curavão e saravão dellas, ou porque adoravão a Deos
25 como se devia adorar sem mestura de superstiçam alguma.

Foi logo providencia divina que a Companhia tenha por sobrenome titulo de medico e salvador, pera que entendamos os

---

18 De *corr. m6 de* Da *L*

---

1 Cf. Io. 5, 22.

2 «Hoc nomen [Iesu] cordi meo inscriptum habeo» (cf. *Acta Sanctorum,* Febr. vol. I [Venetiis 1735] 14).

3 «Ego quidem minimus Ignatius» (epistola interpolata; cf. MIGNE, PG 5, 746).

4 Nas Constituições, *Ex. Gen.,* c. 2, n. 1 (MI *Const.* II 4-5).

5 Iessaei, (MIGNE, PG 41, 390).

6 MIGNE, PG 3, 531.

7 *De Vita Contemplativa* 1, 10 (ed. L. Cohn — S. Reiter [Berolini 1905] 46), mas é citação dé Eusébio (v. a nota seguinte).

8 Cf. MIGNE, PG 20, 175-78.

que somos deste Instituto que temos por officio curar as almas e ajudá-las a salvar, e desta maneira serão os bem-aventurados da Companhia de Jesu porquanto por elle serão salvos e colocados em porto da salvação. E os da Companhia deste Senhor podemos nesta vida também dizer que somos por dous titulos da Compa- 5 nhia de Jesu, o primeiro emquanto fieis, o 2.º, mais em particular, emquanto religiosos desta sua Religião; e nestes dous sentidos podemos entender ao apostolo Sam Paulo, 1.ª ad Cori. 1.º: «Fidelis Deus, per quem vocati estis in Societatem Filii eius Iesu Christi» [1]. Concluamos este discurso com a determinação e decreto do san- 10 tissimo senhor nosso Gregorio decimo quarto na Constituição que passou no anno do Senhor 1591 aos 30 de Agosto no primeiro anno de seu pontificado, na qual diz assy: «Quo vero ad reliqua quae in controversiam vocata erant, sic statuimus: nomen Societatis Iesu, quo laudabilis hic ordo nascens a Sede Apostolica 15 nominatus est et hactenus insignitus, perpetuis futuris temporibus in ea retinendum esse» [2].

Não faltão nesta minima Companhia defensores do santissimo nome de Jesu que aguardem com toda vigilancia e defendam com grande fortaleza, e muito melhor de que os sessenta esforçados de 20 Israel guardavão o leito e camara d'el-rey Salamão, os quaes estavão armados com espadas e as meneavão com destreza «propter timores nocturnos» [3], por amor dos temores da noite, que sam os hereges que de noite e às escuras semeão sua zizania na seara do bom Lavrador no tempo em que os seus dormem com descuido [4]. 25 Porém contra os hereges mandou Deus [224v] Nosso Senhor a Companhia ao mundo, a qual mediante seus filhos os refrea e açama tapando-lhes a boca e convertendo-se muitos com suas disputas e doutrina. Em duas classes ou esquadrões principais se dividem os defensores do sanctissimo nome, sua ley e doctrina, scolasticos 30 e moraes. Os primeiros examinão as proposições com grande sutileza de ingenho, os segundos as poem na pratica contra os herejes,

---

16 perpetius *LR* || 27 acama *R*

---

1 1 Cor. 1, 9.

2 Na Constituição *Ecclesiae Catholicae* de *28 de Junho* de 1591 *(Institutum Societatis Iesu* I 122).

3 Cant. 3, 7-8.

4 Mt. 13, 25.

acompanhando-as de varia lição e erudiçam dos antigos doutores que escreverão sobre as sagradas Escrituras, das quaes como de fontes tiram os argumentos com que vencem e convencem os imigos de nossa sancta fee. Cheos estam os livros dos nossos dou-
5 tores destas divinas armas. Lean-se os Bellarminos, os Valenças [1], os Costeros [2], os Soares, os Toledos, os Pereiras [3], e Barradas [4], e finalmente o catalogo de nossos scriptores que imprimirão suas obras té o anno de 1602, que passam de cento e corenta [5].

Martires da Companhia de Jesu da India.

10 Cap. 5.º

Huma das cousas que muito authorisa as sagradas religiões hé aver nellas religiosos que derramassem o sangue polla defensão da fee catholica, pois que neste acto tam heroico imitão ao Salvador do mundo, o qual com tanta liberalidade derramou seu precioso
15 sangue por salvar seu povo. E já que os da Companhia militam debaixo daquelle santissimo nome [6], o qual foi posto ao filho de Deos quando derramou seu sangue, em principio do muito que no monte Calvario avia de derramar no qual também Pilatos mandou que sobre sua cabeça lhe posesem o mesmo nome de Jesus [7], bem hé que nossa
20 Religiam acompanhe o appelido de que tanto se gloria com o sangue de seus filhos pera que se pareça com o mesmo Senhor, o qual por sua divina misericordia e bondade deu fortaleza a muitos servos seus pera que por seu amor padessessem martirio. Estes quero agora referir pera que todos nos ajudem a dar graças e louvores a

---

17 do *corr. mó de* de *L*

---

1 Gregório de Valência.

2 Francisco Coster.

3 Bento Pereira.

4 Sebastião Barradas.

5 Alude à obra do P. P. Ribadaneira, *Illustrium scriptorum religionis Societatis Iesu Catalogus,* impresso em Antuérpia no ano de 1608.

6 Cf. as palavras da bula *Regimini militantis:* «Quicumque in Societate nostra, quam Iesu nomine insigniri cupimus, vult sub crucis vexillo Deo militare» (MI *Const.* I 26).

7 Cf. Io. 19, 19.

Deos Nosso Senhor por tam grande e assinalada mercê, a qual conheceo o Santissimo Padre Pio 5.º nas letras apostolicas nas quaes declara a Companhia por religiam mendicante por estas palavras: «Ac eorum aliquos ita Domini amor perstrinxerit ut etiam proprii sanguinis prodigi ut verbum Dei inibi efficacius plantarent martyrio voluntario se supposuerint» [1]. Mas vejamos quaes são estes esforçados cavaleiros de Christo.

O primeiro martir que ouve na Provincia e em toda a Companhia foi o bem-aventurado P.e Antonio Criminal, natural de Sise, lugar da fresca Lombardia, vesinho à nobre cidade de Parma. Veo, recebido de Roma, na era de 1545, e na de 1549, sendo superior dos nossos que se ocupavão na christandade [225 r] da Costa da Pescaria, padeceo polla defensão dos christãos e exaltaçam da nossa sancta fee catholica gloriosa morte, a qual lhe derão os badagás levados pellos bramenes do pagode de Ramanancor, porquanto os portugueses impediam a romagem dos gentios ao supersticioso templo. Foi alanceado e, depois de lhe cortarem a cabeça, foi arvorada no alto do pagode, contra o qual o bem-aventurado martir de Christo Criminal andava mui criminoso por ser occasião de muitas almas se condenarem eternamente [2]. Nunca na Pescaria do aljofar se tinha até aquelle tempo pescada tão fermosa pedra; que digo eu pedra preciosa? carbunculo ou rubim com seu proprio sangue rubricado.

O segundo que nos espinhosos areaes da Costa da Pescaria offereceo com grande liberalidade o sangue e vida polla christandade, no anno de 1550 [3], foi o nosso charissimo Irmão Luiz Mendez, de naçam português, o qual foi morto pellos badagás ao sair da igreja, a qual impetuosamente cometerão [4]. Sua profunda hummildade o fez digno de tal morte, a qual, conforme a doutrina de S. Bernardo, nos faz idoneos pera o martirio. «Não são, diz elle, os soberbos ou arrogantes idoneos pera o martirio, senão os humildes que não sabem presumir de sy» [5].

---

1 No Breve *Dum indefessae* de 7 de Julho de 1571 (*Institutum Societatis Iesu* I 46-47).

2 Gonçalves trata amplamente da vida e morte do P. Criminale no l. 6, c. 4.

3 Faleceu pelo mês de Dezembro de 1552 (cf. DI II 603).

4 Da sua morte fala também Gonçalves no l. 6, c. 7.

5 «Et qnoniam non superbi vel arrogantes, sed hnmiles potius, qni de se praesnmere nesciunt, martyrio idonei sunt...» (*Sermones in Cantica,* sermo 47, n. 7 = MIGNE, PL 183, 1010-11).

O terceiro foi o P.e Nuno Ribeiro, português, a quem os mouros das ilhas de Amboino no anno de 1549 matarão com peçonha lenta e vagarosa, e por veses tentarão antes disso tirar-lhe a vida por ser contrario à maldita seita de Mafamede. Era de grande
5 charidade pera os pobres [1].

Passemos dos cheirosos bosques de Amboino aos odoriferos jardins de Maluco, nos quaes acharemos hum craveiro de mayor estima que todos os que o sol cria nas ilhas do cravo. Este foi o bem-aventurado martir o P.e Affonso de Crasto, natural de Lisboa,
10 o qual no anno de 1558, avendo nove anos que se occupava na christandade de Maluco, alcançou gloriosa coroa de martirio. Poserão-lhe no pescoço hum cepo forcado que muito o atormentava, e desta maneira esteve cinco dias ao sol e ao sereno da noite. Não contentes os infieis com este mao tratamento o açoutarão per três
15 vezes cruelmente pera que deixasse a fee, e depois de vinte dias foi martirizado, dando-lhe hum mouro tão grande cutilada pollas costas que o escalou, e outro mouro lhe levou de hum golpe a cabeça fora dos hombros [2].

Se a barbara crueldade dos mouros de Maluco se mostrou
20 ferós com o santo P.e Affonso de Crasto, não se mostrarão inferiores na tirannia e crueldade os mouros que andavão na corte d'el-rei de Manamotapa contra o bem-aventurado P.e Dom Gonçalo da Sylveira, o qual padeceo gloriosa morte polla promulgação do sancto Evangelho aos quinze de Março de 1561, que foi no
25 sabbado depois de Lazaro. Sua morte foi grangeada pellos mouros que falsamente me-[225v]terão em cabeça ao pobre rey que o P. Dom Gonçalo era grande feiticeiro e mandado pellos portugueses pera que com seus feitiços lhes desse entrada no reino. Deu o mal-considerado rei ouvidos às falsas calunnias dos perfidos mou-
30 ros e logo cometeo a execução do martirio a hum negro principal chamado Mocrumes, o qual entrou de noite em casa do Padre acompanhado de oito cafres, e se pôs logo sobre o peito da gloriosa victima, e quatro cafres o tomarão pellos pés e braços e o

---

12 forçado *corr. m6 L*

---

1 Cf. também Gonçalves, l. 6, c. 19.

2 Variam as circunstâncias da morte segundo os autores (v. por ex. Valignano, *Hist.* 365-66). Cf. também Gonçalves, l. 8, c. 5.

alevantarão no ar. Estando elle nesta postura lhe lançarão os outros huma corda ao pescoço, com a qual o afogarão e lançarão seu sancto corpo no rio chamado Mutate, e nunca mais appareceo, mas o divino poder o tem depositado no thesouro de sua omnipotencia pera que no dia do juizo resuscite glorioso sem lhe faltar cabello de sua cabeça [1].

Vamos à India e na costa do Malavar acharemos o capitão Luis de Mello pelejando valerosamente com quinze galeotas de mouros no mez de Novembro de 1567. Embarcarão-se em Cochim com elle [2] o P.e Francisco Lopes e os Irmãos Joam Carvalho [3] e Manoel Lobo [4]. Porém soccedeo no meyo da peleja um caso mais por descuido nosso que por esforço dos inimigos, e foi que se ateou o fogo na polvora sem nunca se poder apagar, pello que assy os passageiros como os nossos se lançarão no mar por escapar do incendio. Acodirão os malavares a cativar e matar os que lutavam com as ondas. Os dous Irmãos desaparecerão. O Padre foi recolhido pellos mouros sendo conhecido polla coroa por sacerdote, o qual desejarão grandemente de fazer de sua maldita seita. Mas perseverando na confissão da fee, louvores do Salvador do mundo, e reprehendendo os mahometanos por se deixarem levar dos enganos do falso propheta, foi morto às cutiladas e crisadas dando com ellas fim à vida presente pera gosar dos eternos contentamentos.

Façamos volta do Malavar à peninsula de Salsete, continuada com a terra firme, sogeita ao Idalxá que senhorea as terras vesinhas a Goa. Na aldea de Cucolim [5] veremos sinco martires da

---

[1] O martírio do P. Silveira é contado longamente por Gonçalves no l. 8, c. 16.

[2] Afirma o P. B. Nunes Barreto numa carta de Cochim, 22 de Janeiro de 1569, que se embarcaram «no fim de Outubro» de *1568 (Goa 8 III*, f. 670v). Na mesma carta relata as particularidades do infortúnio dos nossos.

[3] O Irmão João Carvalho nasceu pelo ano de 1538, entrou na Companhia em Goa por meados de 1557. Ocupou-se quase sempre nos colégios de Goa e Baçaím.

[4] O Irmão Manuel Lobo (coadjutor) era natural de Évora, onde nasceu pelos anos de 1536 a 1538, entrou a 25 de Dezembro de 1557, navegou para a Índia em 1562, permanecendo em Goa e Cochim (cf. *Goa 24; Responsa ad Nadal* II, f. 27).

[5] Cuncolim, situado na estrada principal entre Margão e Bally, e mais perto deste último.

nossa Companhia, os quaes os gentios matarão aos quinze de Julho de 1583 em odio da fee, e porquanto os Padres da Companhia de Jesu tinhão derrubado alguns pagodes naquella aldea rebelde ao Estado, e porquanto de novo querião alevantar igrejas e cruses
5 nas aldeas que estão allém do rio de Sal. Os Padres erão estes: Rodolfo Aquaviva, superior dos nossos, Affonso Pacheco, Antonio Francisco, Pero Berna, e o Irmão Francisco Aranha [1]. O P.e Aquaviva recebeo quatro cutiladas mui grandes e huma frechada mui penetrante nos peitos. O segundo que os barbaros ferirão foi o
10 Irmão Francisco Aranha, o qual deixarão por morto e, advertindo depois que ainda estava vivo, o levarão diante do pagode e não querendo sacrificar o asetearão e matarão. O terceiro foi o Padre Berna, ao qual derão duas cu-[226r]tiladas e vazarão hum dos olhos com huma zargunchada. O 4.º foi o P.e Affonso Pacheco, ao
15 qual derão huma lançada pellos peitos e o degolarão. O derradeiro que padeceo foi o P.e Antonio Francisco, derão-lhe huma cutilada na cabeça e outras feridas que lhe tirarão a vida, verificando-se em todos estes sanctos martires a doutrina de Sancto Agostinho: Non ex passione certa est iustitia, sed ex iustitia
20 passio gloriosa est [2].

Demos huma chegada ao Mar Vermelho e nelle acharemos em hum de seus portos o P.e Francisco Jorge [3], maronita, o qual sendo mandado pello P.e Francisco Cabral, provincial da India, a socorrer os catholicos do Preste Joam, foi malsinado diante do
25 capitão turco por hum falso irmão abexim que levava por criado e por lingoa pera passar ao sertam de Ethiopia. Sendo pois o Padre descuberto por christão, trabalhou quanto pode o capitão de Mas-

---

19 ex[1] *corr. de* eis *L*

---

1 Sobre estes cinco Mártires, hoje venerados como Beatos, podem-se consultar *Centuria Martyrum S. I.* 195-97; A. VALIGNANO, *Epistola de quinque e Societate Iesu pro Christi fide occisis in India Orientali* (cf. STREIT IV n. 1024). Sobre eles fez o P. Gonçalves particulares investigações (v. apêndice 2).

2 Cf. *Contra litt. Petiliani,* l. 2, c. 84 (MIGNE, PL 43, 517).

3 P. Abraham de Georgiis (aliás Francisco Jorge), de Alepo, entrou na Companhia em Roma aos 19 anos no mês de Dezembro de 1582; ensinou em Coimbra grego e hebraico; foi ordenado sacerdote em 1591, e no ano seguinte navegou para a Índia. Foi martirizado a 3 de Março de 1595 (cf. *Centuria Martyrum S. I.* 199; FRANCO, *Synopsis* 157; BECCARI X 374[1]).

suá, chamado Xafer, pollo fazer de sua maldita seita, e fazendo-lhe perguntas se era christão respondeo que sy, e que era natural de Alepo. O capitão lhe offereceo licença pera ir pera onde quizesse com sua fazenda, comtanto que se fizesse mouro. Mas rezistindo o Padre valerosamente a tam malvado conselho, lhe mandou cortar a cabeça, e desta maneira alcançou a gloriosa coroa de martirio no anno de 1595.

Também as ilhas de Japão nos derão três martires à Companhia, os quaes Taicosama [1] mandou crucificar em Naganssaqui no anno de 1597, e todos três erão japões. O primeiro se chamava Mica Paulo [2], antigo na Companhia e na pregação do sancto Evangelho; os outros se chamavão Joam [3] e Diogo [4], ambos noviços e recebidos na Companhia, da terra, na hora da morte, depois da qual forão recebidos na gloriosa Companhia do ceo; no qual, juntamente com seis religiosos de Sam Francisco e muitos japões, tomarão posse da bem-aventurança em premio do sangue que polla exaltação de nossa sancta fee derramarão [5].

Façamos volta de Japão à India e nella acharemos o nosso charissimo Irmão Vicente Alvres [6], o qual vindo de Baçaim pera Goa a dar principio ao curso da theologia, depois de ter dado fim à leitura das letras hummanas, foi tomado pollos onores [7] junta-

---

1 pollo — seita *na margem mó L* || 7 1595 *na margem L* || 18 acharemos *risca mó* que *L* || 21 hummanas *risca mó* e *L*

---

1 *Taicosama:* «Primeiro ministro ou regente do Micado», i. e. *taikô* (grande príncipe) e *sama* (senhor) (DALGADO II 337-38). O Taicosama de Gonçalves é Hideyoshi.

2 Paulo Miki tinha 33 anos de idade e 11 de Companhia quando foi martirizado *(Centuria Martyrum S. I.* 199).

3 João de Gotô tinha 19 anos (ib.).

4 Diogo Kisai contava 64 anos e era catequista.

5 Todos estes Mártires, 3 da Companhia, 6 Franciscanos e 17 japoneses seglares foram crucificados pela Fé a 5 de Fevereiro de 1597, e são hoje venerados como Santos, celebrando-se a festa no próprio dia do martírio.

6 Irmão Vicente Alvres, nasceu pelos anos 1578/79 em Ferreira (Beja), entrou na Companhia pelo ano de 1595, passou à Índia em 1599. Antes do martírio em 1606, estudara artes e ensinara durante 3 anos humanidades (*Lus. 44 I, Goa 24 I*).

7 Gente de Onor (Honâvar), cidade e porto de Canara, a meio caminho entre Goa e Cananor (cf. *Mohît*, táb. XIII e XIV).

mente com outros portugueses aos quinze dias d'Abril de 1606 aos ilheos de Chaul, e aos dezoito do mesmo foi sacrificado a Mafamede na festa de seu nascimento no rio de Coltorá [1] perto da cidade Dabul. O sacrifficio foi feito de noite, porque, sendo o Irmão levado à proa do navio, foi degolado a petiçam dos mouros de Coltorá, parecendo-lhes que a festa ficaria mais celebrada se por sua causa se derramasse sangue christão.

Duas cousas me pareceo advertir neste lugar acerca dos sanctos [226v] martires do Brasil, das quaes tive certa relação nestas partes da India, pera que glorifiquemos a Deos N. Senhor em suas maravilhas. Ambas ellas acontecerão no anno de 1570 indo por superior dos nossos o bem-aventurado martir Dom Ignacio d'Azevedo [2], provincial do Brazil.

Entre os estudantes que na Universidade de Salamanca recebeo o sancto martir pera a sua missão, hum delles foi Francisco Peres de Godoy [3], canonista, o qual foi lançado vivo ao mar, e naquela hora animava muito aos companheiros pera que, posto de parte todo o temor hummano, sofressem animosamente a perda da vida presente pera alcançarem a que sempre dura. Neste ditoso Irmão se vio bem a divina predestinação, porque sendo despedido da Companhia por encobrir a belida que tinha num olho, o tornou contudo a receber o P.e Ignacio d'Azevedo movido com particular inspiração de Deos, pera que o que sem culpa sua fora lançado no Noviciado, alcançasse por merecimentos de Christo Senhor Nosso a coroa do martirio.

A 2.ª cousa que advirto seja que não ficarão sem castigo os ministros immediatos da crueldade que os hereges exercitaram nos bem-aventurados martires do Brasil. Achou-se presente a seu martirio Simão Cabreira, morador na villa de Taná, o qual indo no

---

1 O lugar Coulter encontra-se ao norte de Dabul.

2 B. Inácio de Azevedo, nasceu no Porto pelo ano de 1527, entrou na Companhia em Coimbra a 28 de Dezembro de 1548. Depois de exercer em Portugal vários cargos de confiança e de fundar o colégio de Braga, foi nomeado Visitador da Província do Brasil em 1566 por S. Fr. de Borja. Vindo a Portugal e Roma a dar conta de sua missão e sendo eleito Provincial da mesma Província para lá voltou, mas junto das Canárias foi martirizado com mais 39 companheiros a 15 de Julho de 1570 (cf. MANUEL G. DA COSTA, *Inácio de Azevedo*, Braga, 1946, S. LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 242-66).

3 Francisco Pérez Godoy, era bacharel em cânones, noviço de poucos meses e de 30 anos de idade.

mesmo anno pera a ilha da Madeira fora tomado dos mesmos cossairos que tomarão ao bem-aventurado P.e Dom Ignacio d'Azevedo. E contou em Goa aos Padres da Companhia de Jesu, como testemunha de vista, que os quatro soldados hereges que se occupavão no desbummano ministerio, executando o mandado de seu capitão, ficarão logo cegos [1] em premio, ou pera melhor dizer, em castigo de sua barbara fereza, e nunca mais foram dignos de ver a clara luz do sol por tirarem injustamente as vidas aos que eram dignissimos de viver pera bem de muitos.

Mostrou-se Deos Nosso Senhor tão glorioso no martirio do bem-aventurado P.e Anrique Guarnete [2], o qual elle padeceo com grande animo no reino de Inglaterra no anno de 1607, que pareceria descuido meu não dar aos fieis deste Oriente noticia do grande milagre que depois de sua gloriosa morte aconteceo. Tomou certo catholico [3] huma das palhas banhada com seu sangue, no meo da qual vio miraculosamente pintada muito ao natural a imagem do [227 r] sancto martir. O embaixador de Espanha que estava em Londres a vio e dava por ella quinhentos crusados, porém não na pode alcançar pollo grande amor que lhe tinha o catholico. O que mais espanta hé ver a dita imagem pintada na propria espiga, que logo parece obra da divina omnipotencia, à qual todo o saber e arte hummana nam pode chegar. E debaixo do miraculoso vulto estava também pintado hum querubim, querendo Deos mostrar aos hereges quão falsamente alevantarão ao sancto martir que não era casto, acudindo por sua innocencia, dando sinal manifesto de sua pureza angelica. Os catholicos imprimirão a imagem na espiga muito ao natural, a qual eu vy per veses na India.

Todos estes bem-aventurados martires nos estam animando ao martirio, quia «sanguis sanguinem tangit» [4], hum sangue derra-

---

14 Tomando *corr. m6 L*

---

1 Cf. FRANCO, *Imagem... de Coimbra,* II, 125.

2 O B. Henrique Garnet nasceu em Nottingham no anno de 1555, entrou a 11 de Setembro de 1575, acabou a vida como mártir a 3 de Maio de 1606 em Londres.

3 João Wilkinson. Desde a publicação das Cartas Anuas de 1607, onde vem contada, foi a história dessa espiga repetida muitas vezes, com algumas variantes, especialmente nas vidas do P. Garnet.

4 Os. 4, 2.

mado chama por outro. E como diz São Leam papa: «Preciosa ergo in conspectu Domini mors sanctorum eius [1], nec ullo crudelitatis genere destrui potest sacramento crucis fundata religio: non minuitur persecutionibus Ecclesia, sed augetur, et semper Dominicus ager segete ditiore vestitur, dum grana, quae singula cadunt, multiplicata nascuntur» [2].

Com os exemplos dos sanctos martires e consideração de Sam Leam custumão os Padres e Irmãos de nossa Companhia animar-se pera que mereção gloriosas coroas de martirio, pondo principalmente os olhos em Christo Jesu, capitam dos martires, do qual nos vem o esforço e constancia pera padecer por seu amor, e do qual como da torre de David estam mil escudos dependurados [3], com os quais armados possamos rebater os golpes do imigo. Tragamos, charissimos Padres e Irmãos, à memoria as palavras do propheta Esayas: «Attendite ad petram unde excisi estis, et ad cavernam laci, de qua precisi estis» [4]. Esta pedra hé Christo Senhor Nosso, a caverna hé seu sagrado lado, o qual à maneira de lago trasbordou agoa e sangue [5]. Todos finalmente, como diz o Apostolo: «Per patientiam curramus ad propositum nobis certamen, aspicientes in auctorem fidei et consumatorem Iesum, qui proposito sibi gaudio sustinuit crucem confusione comtempta» [6].

Da ilha de Salsete do Norte.

Cap. 6.º

Já me parece tempo de dar huma vista juntamente com o P. Provincial Dom Gonçalo da Silveira às casas que em seu tempo tinhamos nas partes do Norte [7], que erão somente a de Baçaim e Taná, porém nós daremos juntamente relaçam das cou-

---

1 Ps. 115, 15.

2 *S. Leonis Magni sermones,* sermo 82, c. 6 = MIGNE, PL 54, 426.

3 Cant. 4, 4.

4 Is. 51, 1.

5 Cf. Io. 19, 34.

6 Hebr. 12, 1-2.

7 Em Novembro de 1556 foi o P. Silveira, Provincial, a Baçaím com a armada do Governador (cf. COUTO, *Déc.* VII, l. 3, c. 8).

sas que em diversos tempos nellas acontecerão. A cidade de Baçaim [227v] e villa de Taná estam nas terras de Cambaya, e Taná na ilha de Salsete sogeita a Baçaim. Estas terras deu Soltam Badur a el-rey de Portugal no tempo do governador Nuno da Cunha [1] com certas condições que abaixo veremos. A ilha de Salsete tem algumas cousas notaveis, principalmentre três casas de pagodes; o de menos importancia hé hum que os religiosos de Sam Francisco tem, do qual fizerão igreja. Está debaixo da terra aberto ao picam na viva rocha; está n'aldeia de Manapasser [2]. A invocação hé do Spirito Sancto.

O segundo se chama do Canarim [3], o terceiro de Maljaz [4]; ambos de obra tam prima e notavel, que se podem comparar com as mais notaveis dos romanos [5]; ambos estão debaixo da terra lavrados na rocha viva, e o que se chama do Canarim, situado no alto da serra, hé tão grande que se pode comparar em Portugal com huma villa de 400 vesinhos. Tem este monte huma grande casa de pagode feita e talhada dentro na pedra, onde depois edifficarão os frades de Sam Francisco huma igreja à honra do arcanjo Sam Mig[u]el. No caminho se acham muitos pagodes de pedra, e subindo mais acima tem outras cazas feitas de pedra, em suas camaras aposentos e retretes; e subindo mais acima tem outra ordem de cubiculos abertos ao picam na viva rocha, e no meyo hum grande tanque ou cisterna que no inverno recolhe muita agoa. Mais acima vai outra ordem de casas polla mesma maneira feitas, e serão por todas trezentas, nas quaes estão muitos idolos esculpidos nas paredes que fazem aquelles aposentos muito mal assombrados junta à escuridade que sempre tem. Os religiosos desempararão aquelle lugar por ser muito frio, do qual as [a]belhas tomarão posse, e aos que ally vam assinalão no rosto, se delles sam

---

3 Taná *depois de corr. L* || 6 cousas *sobrep. m6 L*

---

1 O contrato entre o rei Bahâdur e Nuno da Cunha é datado de Baçaím 23 de Dezembro de 1534 (SCHURHAMMER, *Quellen* n. 172).

2 Hoje Mandapeshvar (cf. COUTO, *Déc.* VII, l. 3, c. 10).

3 Kanheri (consulte-se COUTO, l. c.).

4 Malajassa na aldeia Âmbivli (Karjat). Cí. a descrição em *Gazetteer of the Bombay Presidency,* XIV, *Thâna,* 9.

5 Frase que aparece repetidas vezes na boca dos missionários do século XVI.

assanhadas e, no tal caso, dizem os gentios que seus deozes os castigão.

O outro pagode de Maljaz (donde vem as celebres mangas produzidas da mangueira que junto deste pagode está) hé huma casa muito grande armada com varios idolos, que todos em suas paredes estão abertos ao escopro. Hé tão mal assombrado este edifficio que se arrepiam as carnes aos que nella entrão.

Outro pagode mais curioso está na ilha chamada Pury, e nós chamamos vulgarmente a Ilha Alifante [1]. Está nella huma serra e no mais alto della huma casa debaixo da terra lavrada na pedra viva. Hé tam grande como hum mosteiro, e dentro tem patios e cisternas de muita e boa agoa, e pollas paredes há grandes figuras de alifantes, leões, tigres, amazonas e varios monstros. Porém o que antigamente servia ao diabo, serve oje de habitação ao gado que na ilheta anda repastando. Nesta mesma ilha de Salsete está hum braço de mar, chamado o Rio das Cabras [2], entre Baçaim [228 r] e Bandorá, o qual se vai meter no rio de Manapasser, mais celebre por rezam do miseravel naufragio que nelle fez a capitaina Santiago, na qual veyo do Reino o governador Martim Affonso de Sousa [3], que por elle ter cousa em sy que o faça digno de memoria.

Quanto à residencia que a Companhia tem na villa de Taná, cuja invocação hé da Madre de Deos, tem bastante renda pera sustentar dose religiosos, a mayor parte da qual derão pessoas devotas. O P. Visitador Nicolao Pimenta deu titulo de collegio incoado a esta casa, a qual dahy por diante deixou de ser sogeita ao reitor de Baçaim, ficando o supperior de Taná com titulo de reitor [4], ao qual obedecem os Padres vigairos da ilha de Salsete, que sam o de Bandorá, da Santissima Trindade, de Sam João, de Corlem e Poncer. Em Bandorá sobre a barra temos huma ermida

---

21 Quando *LR*

---

1 Ghârâpurî ou simplesmente Purî ou Elephanta, ilha na baía de Bombaim (cf. YULE-BURNELL 341; COUTO, *Déc.* VII, l. 3, cap. 11).

2 Hoje chamado *Manori Greek.*

3 Conta Xavier este naufrágio na carta de 20 de Setembro de 1542 dirigida para Roma (EX I 125). Ele próprio tinha feito viagem nesta capitânia até Moçambique. Cf. também CORREA IV 249.

4 Taná figura até o ano de 1600 nos catálogos goanos como casa ou residência, em 1605 já como colégio.

de N. Senhora, e na praya outra do apostolo Sancto André; na primeira se diz missa aos sabbados, na segunda, no tempo da pescaria, nos dias de guarda pera que assy os pescadores como regatões ouçam missa. Na mesma ilha tem os religiosos de Sam Francisco huma boa christandade com muitas parroquias; também tem outras no termo de Baçaim, e assy elles como os Padres da Companhia cultivão com grande diligencia os christãos que tem à sua conta, procurando juntamente que os infieis, deixada sua cegueira, se convertam a nossa sancta fee. As igrejas dos Padres de Sam Francisco sam estas: Nossa Senhora das Candeas, o Espirito Santo, com o colegio dos estudantes em Manapasser, Nossa Senhora da Assumpção, São Thomé, Sam Brás, os Reis Magos. Também tem igrejas em Maym, defronte de Bandorá, em Bombaim, em Mazagan, em Turumba, em Caranja. No termo de Baçaim a Madre de Deos, São João Baptista, o Monte Calvario, o Spirito Sancto; em Agaçaim tem huma rezidencia. Os religiosos de Sam Domingos, Nossa Senhora dos Remedios, e os de Sancto Agostinho Nossa Senhora das Mercês.

Esta ilha polla parte de Taná está mui vesinha à terra dos mouros, e de maré vazia se passa de huma parte à outra, pello que se fizerão no meyo do rio dous fortes e no sitio do nosso collegio está outro, e junto do passo mais estreito está huma grande tranqueira de pedra e cal. Toda esta fortaleza foi necessaria, porquanto a villa de Taná hé a chave de toda a ilha. Os malavares, que per duas vezes lhe fizerão guerra, derão occasião a se fortalecer esta villa contra os da terra firme e cossairos que entrão pollo rio de Bombaim. Contra os do mar largo temos em Bandorá hum bom forte com artelharia e duas atalayas ou torres, donde se vigiam no verão dando sinal aos do forte. Taná dista de Baçaim quatro legoas, hé sogeita ao capitam de Baçaim.

[228v] No tempo em que o P. Mestre Gonçalo Rodriguez era supperior de Taná veo ally ter com elle das partes mais remotas da terra firme hum velho honrado que na idade mostrava muitos annos, cujos couros mais pareciam huma vestidura de pelles de camello que naturais, assy os tinha emrugados e asperos a velhice, os ossos mirrados, a carne consumida, as forças acabadas, que só lhe ficava o spirito pera vir do interior da gentilidade a pedir o sancto baptismo. Praticarão-lhe logo como chegou os artigos da

---

3 pescaria *risca m6* que *L* || 12 da *corr. m6 de* de *L*

fee, os mandamentos e orações necessarias, mas elle ao dia seguinte instava que o fizessem christão. «Sy farei (diz o Padre) se de verdade crerdes em Jesu Christo». «E quem hé Jesu Christo, respondeo o ditoso velho, pera que crea nelle?» Levou-o entam o Padre
5 diante de hum retavolo onde estava a Virgem com o minino Jesu nos braços e, declarando-lhe o misterio da encarnação, disse-lhe que aquella era a sancta imagem de Jesu Christo, a qual elle cheo de celestial alegria não acabava de abraçar e beijar com tanta devoção e respeito que o causava em todos os presentes. Na
10 mesma tarde recebeo o baptismo e na manhã do dia seguinte entrou sua alma no ceo (como se pode crer) banhada da graça baptismal [1].

Era custume em Taná venderem os pais gentios seus filhos [2] aos mouros por seus escravos e de Mafamede. Destas comprou
15 muitas o P. M. Gonçalo só pera as pôr pello sagrado baptismo na liberdade de Deos, e aconteceo entre outras a duas, pellas quaes juntas o Padre deu três tangas e meya, que sam da nossa moeda duzentos e dez rês, irem-se das mãos do sacerdote que as baptisava pera o paraizo [3].

20 Huma legoa de Taná achou o mesmo Padre M. Gonçalo hum sumptuoso pagode bem lavrado, onde os gentios adorarão a sua falsa e monstruosa trindade na figura de hum corpo hummano com três rostos [4]. Era o sitio do templo entre huns valles de grande arvoredo, com três fontes ao redor e outros tantos tanques de muita
25 agoa, que antigamente servião dos sacrifficios e sup[e]rsticiosos lavatorios da idolatria por ser aquella casa frequentada dos infieis. Ouve o P. Mestre Gonçalo do governador Francisco Barreto [5] huma aldea chamada Raoobalem [6], na qual fundou huma nova povoaçam de quinhentos christãos lavradores; accomodou e mudou o pagode
30 da falsa trindade no anno de 1558 em igreja da invocação da Santissima Trindade. Foi por misericordia do Senhor em grande cre-

---

14 Destas *mudou mó em* Destes *L*, Destas *R*

---

1 Cf. a carta do P. G. Rodrigues, 5 de Set. de 1558, em DI IV 99.
2 I. é, crianças, pois continua na frase seguinte: *Destas comprou muitas.*
3 Carta do P. Teixeira, Baçaím 1 de Dezembro de 1561 (*Goa 8 11*, f. 270r).
4 A *tri-mûrti* (ou três rôstos).
5 Governador 1555 a 1558.
6 Esta aldeia parece que já não existe.

cimento o fruito que se colheo em Taná e Baçaim, passando de novecentas almas as que em pouco tempo receberão o sagrado baptismo. Entre elles se baptisou hum mancebo bramene que, sendo de dezasete annos, sabia ler e escrever em três lingoas diversas, e tanto que se baptizou aprendeo a ler e escrever na lingoa portugueza em espaço de hum mez.

Avia nesta christandade hum [229r] collegio pera a criação e doutrina de duzentos moços [1], a cada hum se dava seu officio conforme a inclinação que tinha. O trajo destes moços erão lobas compridas de bertangil [2] vermelho, com as quaes ouvião missa e cantavão logo a doutrina, depois da qual ficavão todos no trajo da terra acodindo cada hum a sua occupação.

E porque os novamente convertidos eram pouco industriosos, tinha o Padre boes pera lavrar as terras com todo o mais necessario pera a cultivação dellas; tinham criação de gado, e o leite se repartia pellos meninos do lugar. Nam faltava entre os nossos quem com grande charidade curasse os doentes. Avia também huma grande horta com arvores fructiferas pera o commum uso dos moradores, como também o era a renda da dita aldea. Mas a igreja se mudou pello tempo adiante do lugar em que estava, por ser doentio, pera outro mais acima lavado dos ventos, posto que também seja doentio no tempo da messe [3].

Vendo o diabo o fruito que se colhia desta nova christandade, trabalhou pollo empedir com doenças e visões monstruosas, nas quaes apparecia aos novamente convertidos. Entrava também nelles e não se queria ir ainda que sobre os endemoinhados se invocasse o santissimo nome de Jesu e lançassem agoa benta, atté que com açoutes o lançavão, sentindo-se agravado com taes exorcismos, porque sendo elle soberbo não sofre bem semelhante castigo. Dizia o P. M. Gonçalo que levava mais gosto em catequizar esta rude gente, que de pregar em grandes auditorios.

A igreja nova de Bandorá [4] mandou fazer o P. Provincial

---

1 Em fins de 1560 contava este colégio cerca de 130 meninos, como refere o P. Bravo na carta de 20 de Novembro de 1560 (DI IV 713).

2 *Bertangil:* «Tecido de algodão... que antigamente se exportava de Cambaia para a África Oriental» (DALGADO I 120).

3 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 367-68.

4 Bandra, na parte meridional de Salsete do Norte, tem hoje 4 freguesias (*Catholic Directory* 1948, 159-60).

Nuno Rodriguez [1]. Serve de freguesia e no altar-mor se guarda o Sanctissimo Sacramento com a decencia devida, onde ordinariamente residem cinco religiosos da Companhia; a igreja hé a mayor e mais bem lavrada de todo Salsete. Tem duas irmandades, huma
5 da Virgem Senhora Nossa, cuja festa se faz dia da Purificação da Virgem. Usam os Irmãos habitos brancos. A segunda irmandade hé de Jesus; trazem os Irmãos habitos de cor verde. Os pescadores também tem sua irmandade debaixo da invocação do apostolo Sancto André; usam de habitos azuis. Concedeo o sancto
10 padre Clemente 8.º aos vinte e quatro de Setembro de 1601 vinte annos de indulgencia e outras tantas corentenas aos que confessados e commungados visitarem quinta-feira da Somana Santa, des que nasce o sol atté que se ponha ao dia seguinte, as ermidas de Nossa Senhora, de Santo André e a Crus da Coloaria [2]. Tem
15 allém destas indulgencias a igreja de Sancta Anna quatro jubileus no anno. Beatris de Noronha, mãy do nosso P. Antonio Garcia [3], foi insigne bemfeitora desta igreja, a qual tem cento e cincoenta pardaos de renda. O sepulchro da Somana Sancta pode competir com os bons das fortalezas do Norte. A procissão das [229 v]
20 Endoenças hé muito devota, na qual se custumão disciplinar passante de tresentas pessoas. A procissão da Ressurreição do Senhor hé sollenne, na qual entrão as invenções que custumão sair na procissão do Corpo de Deos, porque se ordenou que estas duas festas fossem celebradas no mesmo dia [4], não faltando muitas

---

19 da fortaleza *corr. m6 L*

---

1 Foi Provincial nos anos de 1597 a 1602.

2 *Coloaria* (ant.): «Inscrição dos agricultores duma aldeia, obrigados ao serviço no Concão» (DALGADO I 298).

3 P. António Garcia, Sénior, natural de Baçaím, onde nasceu por 1554; entrou na Companhia em 1570, foi ordenado sacerdote em 1580. Foi procurador de várias casas e ao menos 12 anos Superior em Bandorá. Faleceu em Baçaím a 8 de Dezembro de 1612 (*Goa 24 1-11, Goa 27*).

Havia na Índia outro P. António Garcia, que era de Montemor-o-Novo, onde nasceu pelo ano de 1573; entrou na Companhia em fins de 1598. Esteve muitos anos na cristandade de Baçaím. Ainda vivia em 1627 (*Goa 24 11, Goa 25* e *27*).

4 Caindo na costa ocidental a festa do Corpo de Deus no tempo das chuvas, tinham os Bispos faculdade de a transferir para a época mais favorável (cf. DI I 302[6]).

arvores, bombas e varias sortes de fogo artificial que fazem a festa mais alegre. Custumão de concorrer a estas festas não somente os christãos da terra, mas também os portugueses com suas molheres e filhos das ilhas de Caranja, Bombaim, Maim, Bandorá e Salsete. O collegio de Taná tem cinco jubileus, dia de Jesus, quinta-feira in Caena Domini, dia da Ascenção do Senhor, nas festas dos apostolos Sam Pedro e Sam Paulo, e das onze mil Virgens.

Casos notaveis que acontecerão na ilha de Salsete do Norte.

Cap. 7.º

No livro septimo da Chronica de Sam Francisco [1], cap. 35, se faz menção de quatro religiosos da Ordem dos menores que forão martirizados defronte de Taná no anno do Senhor 1320, cujo martirio escreveo o Padre Frey Jordam da Ordem dos pregadores [2], o qual também derramou seu sangue polla pregação do sagrado Evangelho. Os nomes dos frades menores são: Frei Thomás de Tolentino, Frei Jacome de Padua, sacerdotes, Frei Demetrio [3] e Frei Pedro [4], Irmãos leigos. Os quaes no anno do Senhor 1320 passarão ao reino da Persia com desejo de converter os infieis à sanctissima ley de Christo Senhor Nosso, porém como os infieis serrassem as orelhas à verdade demandarão a ilha de Ormuz, na qual se embarcarão pera Choramandel. Mas, sendo-lhe os ventos contrarios, forão tomar a enseada de Bombaim, que está entre Chaul e Taná, pera onde forão tanto que se desembarcarão, e se recolherão em casa de hum herege nestoriano. E finalmente forão estes bem-aventurados Padres martirizados por se não quererem

22 Charamandel *corr. mó L*

1 Escrita pelo P. Frei Marcos de Lisboa (cf. João dos Santos, *Ethiopia Oriental* II 77; esta obra é o fundamento de Gonçalves sobre os mártires de Taná).

2 Esta relação sobre o martírio é datada de 29 de Maio de 1321 (cf. Streit IV n. 132).

3 Era da Arménia.

4 De Sena (Itália).

fazer mouros, os quaes estiverão catorze dias no lugar de seu martirio por enterrar, aos quaes o P.e Frei Jordão deu sepultura em Colva [1], defronte de Taná. E pouco tempo depois foi também o mesmo Padre martirizado pellos mouros por não querer deixar
5 de pregar contra a maldita seita de Mafamede, cuja morte grandemente sentirão os gentios da ilha de Salsete, aos quaes elle edifficava com sua religiosa e sancta vida. Pollo qual respeito lhe fizerão huma imagem [230 r] de pao evo [2] de feitio muito primo. Era de comprimento de hum palmo, tirada pollo natural do sancto
10 martir Frei Jordão, vestido com seu habito, com as mãos debaixo do escapulario, e o capello posto atté o meyo da cabeça. E poserão esta imagem entre seus pagodes, como antigamente fez o emperador Tiberio pondo a imagem do Salvador do mundo entre os deoses que adorava [3]. O pagode em que a sancta imagem foi posta
15 pollo tempo adiante aruinou, ficando a imagem do martir Frey Jordam sepultada nas ruinas do templo. Soccedeo depois que hum fidalgo per nome Antonio de Sousa [4], por alcunha o Langará, querendo fazer humas casas no lugar do pagode, mandou cavar e alimpar o vão da casa e, indo cavando, derão com a imagem de
20 Frei Jordão tam fermosa, lisa e limpa, como se naquella hora fora enterrada, avendo muitos annos que aly estava. Estimou grandemente Antonio de Sousa a imagem por entender dos gentios mais antigos daquella aldea que avia tradiçam que hum frade de Sam Domingos pregara naquella ilha. Dona Maria Pereira, sua
25 molher, matrona de grande devação e piedade, recolheo a imagem e com reverencia a depositou entre as peças que mais estimava, indo alguns annos depois à villa de Taná o P. Frey Aleixo de Setuval [5], prior que antam era do convento de Sam Domingos em Chaul, alcançou daquella senhora a imagem, a qual elle levou pera
30 o convento onde a teve sempre em muita estima e veneração.

15-16 Jordam] Joam *L*, João *também R*

---

1 Kâlva.

2 Cf. SANTOS II, l. 1, c. 17, p. 83. Dalgado opina que se poderia tratar de *helû*, nome de *Vangueria spinosa* (cf. I 383).

3 Cf. *Pauli Orosii Historiarum adv. Paganos* VII, 4, 5-6.

4 Segundo SANTOS II 82.

5 Cf. SANTOS II 83. Foi Fr. Aleixo do convento de Azeitão, perto de Setúbal. Na ilha de Goa administrou por três anos, com grande zelo, a freguesia de Morombi-o-Grande (CACEGAS-SOUSA IV, 313 = IV, l. 4, c. 6).

Neste lugar me pareceo referir outro caso muito semelhante ao passado pera que Deus Nosso Senhor seja glorificado em suas criaturas pellas obras maravilhosas que nellas obra. O caso passou desta maneira. Indo no anno de 1611 Miguel de Almeida, cidadão de Goa, ao Bangel, que hé no Malavar junto de Mangalor, travou amizade com o regulo do Banguel, e chegou a tanto que lhe deu mostras do seu thesouro, com menos perigo porém do que teve el-rey Ezequias mostrando o seu aos embaixadores de Berodac [1], rey de Babilonia, no qual tinha huma cruz feita de pao d'oliveira bem lavrada e chea de reliquias dos lugares da Terra Santa. Será de palmo e meyo com seu pee de pao preto, que peza arrezoadamente. Fez-lhe Miguel d'Almeida a devida reverencia como a instrumento de nossa redempção, e a pedio com instancia ao regulo, que finalmente lha deu por algumas peças que valerião passante de cem pardaos. Contava o regulo que avia corenta annos que seu antecessor posera a sancta cruz no thezouro, e foi por esta occasião.

Foram os pescadores sobre a tarde lançar as redes no mar, e quando ao dia seguinte as alevantarão, acharão nellas a sancta crus sem tomarem pescado algum, porque na verdade bastava-lhes [230v] o lanço que fizerão se entenderão bem o preço e valor de sua pescaria. Guardarão por antão o penhor da salvação pollo interece que dalgum christão esperavão, porém com menos respeito do que a cousa achada merecia. Senão quando no mesmo dia, vendo os pescadores ferver o mar no proprio lugar em que pescarão a sancta crus, conjecturarão que era cardume de peixe. Embarcarão-se e lançando as redes fizerão copiosa pescaria carregando a embarcação de varias sortes de pescado em premio da invenção do sagrado estandarte, pois que, por serem infieis, não participavão do suave fruito da arvore da vida. Entenderão os gentios que avia na bandeira de Christo Senhor Nosso algum misterio escondido, pello que a levarão ao senhor da terra que a estimou e como peça de muita estima, posto que sem conhecimento da verdade, a depositou entre as cousas que mais estimava. Eu vy a sancta crus, tive na mão e lhe fiz a devida reverencia.

---

32 a' *sobrep. mó L*

---

1 Cf. 4 Reg. 20, 13-18.

Parece que, perdendo-se naquella paragem algum navio de chatins, deixou aly a memoria da cruz de Christo e da que padecerão os naufragantes perdendo as fazendas e pode ser que também as vidas. Mais ditoso por certo foi o lanço que fizerão os pescadores, 5 que o lanço que os mancebos jonios comprarão aos pescadores milesios com o qual pescarão huma trempe de ouro, que por mandado do oraculo delfico foi dada a Thales milesio por ser o mais sabio filosopho de seu tempo [1]. Merece Miguel d'Almeida muito louvor por resgatar das mãos do infiel o real estandarte da crus, semelhante 10 em parte ao emperador Heraclio, o qual libertou o sancto lenho do poder d'el-rey de Persia, que o teve catorze annos represado [2].

Nas mesmas terras de Salsete aconteceo poucos annos há o caso seguinte. Avendo duvida entre os vazadares [3], os senhores das aldeas Magatana [4] e Ponser [5] acerca dos limites por onde partião, 15 vierão-se a comprometer num matare [6] da aldea Magatana, o qual jurou falso (cousa muito ordinaria entre esta gente da terra) dando ao senhor de Magatana o que não era seu. Porém não ficou o mataré sem castigo, porque assy elle como os de sua caza, que erão 22 pessoas, morrerão dentro de pouco tempo, não avendo peste 20 nem doença ordinaria na terra, cousa mui notada de todos, porém não para que o vazadar de Magatana tornasse o seu a seu dono.

Aconteceu em Taná sendo reitor do nosso collegio o P. Antonio Varajão [7] e provincial o P.e Manoel da Veiga, pollos annos do

---

23 Varejão *corr. m6 L*

---

1 Cf. VALERIUS MAXIMUS 4, 1, ext. 7.

2 Cf. o ofício da exaltação da S. Cruz, 14 de Setembro, lições IV e V.

3 *Vazadar* (ant.): «Proprietário, no 'Norte', Índia. Do mar. *varsedâr*» (DALGADO II 407).

4 Hoje Mâgathan.

5 Poinsar (aliás Poinsur), ao sul de Borivli.

6 *Mhâtâra* (em Sânscrito *mahattar*) ou ancião, que devia distribuir o rendimento entre os membros da associação rural (*Gazetteer of the Bombay Presidency,* vol. XIII/2, *Thâna,* 552).

7 P. António Varajão, nasceu pelo ano de 1564 em Freixo de Espada à Cinta (Bragança), entrou em Julho de 1584, acabou nos anos seguintes os estudos humanísticos em S. Antão de Lisboa, navegou em 1592 para o Oriente, onde foi professor de teologia e de casos em Goa, padre espiritual em Baçaím, um ano e meio reitor em Taná e em 1609 e 1610 também em S. Paulo de Goa. Faleceu a 3 de Maio de 1611 em Sena (Moçambique) *(Lus. 43, Goa 24 I-II, Goa 27).*

Senhor 1603 para 604, que tendo Gaspar André, português, casado com Catharina do Couto, hum filho per nome Nicolao Ribeiro, manco de seu nascimento, de tal maneira que andava com a pranta do pee esquerdo pera cima estribando na costa delle, de que seu pay tinha grande desgosto por não aver official que lhe sou- [231 r] besse fazer çapato que armasse; sendo o menino de seis annos lhe appareceo o Senhor e lhe perguntou se queria calçar çapatos e, dizendo que sy, lhe pôs as mãos no pee e lho endereitou e ficou sam. Elle disse ao pay que o bom Jesus da nossa igreja o sarara. Respondeo o bom pay: «Tudo esse Senhor pode. Correy filho». Correo o minino como se nunca fora manco. Eu o vy e examinei vespora de Pascoela de 1610.

O primeiro superior da residencia de Taná foi, como temos dito, o P.e Belchior Gonçalvez, a quem o governador Jorge Cabral chama da Congregaçam de Jesu. Depois delle se seguirão os Padres M. Gonçalo, Joam Bravo, Joam Rodriguez, castelhano, Joam Dias, também castelhano, Luis de Mendanha, Lourenço Perez, Pero Vaz, Jeronimo de Cuenca, Joam Dias, Antonio da Costa, Miguel Leitão, Matheus Lopes, Francisco Fernandez, castelhano, Manoel Dias, Gaspar Alvares, Gaspar Pires, Gaspar Soares [1]. Indo o P. Visitador Nicolao Pimenta visitar esta casa no anno de 1600 a fez collegio incoado. O primeiro reitor foi o P. Hieronimo Cotta, seu companheiro, que durou três meses. Seguirão-se depois delle os Padres Brisio Fernandez, Mattheus Lopes, Francisco da Cunha, Antonio Varajão, Luis de Azevedo, Manoel Mendez, Manoel Lameira, Antonio Albertino, que era reitor no ano de 1611 [2].

---

12 de' *sobrep. m6 L*

---

1 Desta lista podemos verificar especialmente pelos Catálogos de Goa estas datas: B. Gonçalves (1549-52), M. Gonçalo Rodrigues (Superior de 1552 até cerca de 1555), Cuenca (1555), Cristóvão da Costa (por 1558), Mestre Gonçalo Rodrigues (1559-62), Pero Vaz (1565), Juan Díaz (1571-72), Lourenço Peres (1575 1576 1584), Francisco Fernandes (1587 dois anos), Manuel Dias (1588), Gaspar Álvares (três anos), Gaspar Pires (1594 1596 1597), Gaspar Soares (1599).

2 Os reitores: Brício Fernandes (três anos), Francisco da Cunha (dois anos), António Varajão (um ano e meio), Luís de Azevedo (alguns meses), Manuel Mendes (1605, quase dois anos), Manuel Lameira (1606 1608 1609), António Albertino (1611).

Trata-se do collegio de Baçaim, seus bemfeitores e reitores.

Cap. 8.º

Escrevemos na vida do B. P. Francisco como passara a Baçaim, onde antam andava o governador Garcia de Sá, e do qual ouve as provisões necessarias pera a jornada de Japão [1], e tambem negoceou casa em Baçaim e renda pera os catecumenos [2]. O caso passou desta maneira.

Quando Soltão Badur deu as terras de Baçaim à coroa de Portugal, em Janeiro de mil quinhentos e trinta e cinco [3], entre as condições com que as largou foi huma, que cinco mil tangas larins [4] que estavão applicadas nas rendas de Baçaim pera as misquitas, se lhe pagarião sempre nas mesmas rendas, e que com as misquitas das terras de Baçaim e pregações que nellas se fizessem não entenderia pessoa alguma [5]. Vendo poez o B. P. Francisco quam mal empregadas erão estas tangas no serviço de Mafamede, encomendou ao P. Miguel Vaz, quando foi ao Reino, que as ouvesse d'el-rey Dom João pera a christandade de Baçaim, a qual renda elle de boa vontade concedeo [6]. Falando pois o B. Padre com Frei Antonio do Porto da Provincia da Piedade, que então estava em Baçaim e tinha cuidado da conversão, rogou ao P. Francisco que mandasse alguns religiosos da Companhia que tivessem cuidado dos neophitos e juntamente do seminario [7]. Pareceo bem ao P. M. Francisco que o trabalho e a esmola dos [231 v] christãos se repartisse pera mayor conformidade entre os religiosos de São Francisco e da Companhia de Jesus [8] como oje vemos.

---

1 L. 3, c. 21.

2 Xavier a S. Rodrigues, 2 de Fevereiro de 1549 (EX II 70).

3 O contrato foi feito a 23 de Dezembro de 1534 (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 172). Cf. COUTO, *Déc.* IV, l. 9, c. 2.

4 *Larim:* «Antiga moeda de prata, que pesava quási cinco gramas, valia 60 a 100 réis, e corria no Gôlfo Pérsico e na Índia Ocidental. Os portugueses chamavam-lhe por vezes *tanga larim*» (DALGADO I 513).

5 Texto em COUTO, *Déc.* IV, l. 9, c. 2.

6 Cf. DI I 75-76 98-99.

7 Assim o afirma o mesmo Xavier na carta de 2 de Fevereiro de 1549 para o P. Simão Rodrigues (EX II 73-74).

8 Cf. EX II 70; DI I 531 565.

Tornando pois o P. Francisco a Goa mandou antes do inverno ao P. Belchior Gonçalvez e o Irmão Luis Froes a tomar posse daquella residencia e esmola pera sostentação dos christãos e da christandade [1]. Depois foi o P. Balthazar Gago com provisões do governador Jorge Cabral pera que no lugar que melhor parecesse se fundasse a casa da Companhia, à qual se deu principio aos vinte e quatro de Outubro do anno 1549 [2]. O P. Belchior Gonçalvez fez em pouco tempo quatrocentas almas christãns e derrubou muitos pagodez [3]. Sendo o P. Antonio de Quadros provincial se fez esta casa collegio no anno de 1560 [4]. O Padre Francisco Cabral sendo reitor de Baçaim fez grande parte do edifficio que oje serve [5], ajudando assy elle como os companheiros a levar a pedra às costas e servindo aos pedreiros. Neste tempo hé o 2.° collegio da Provincia de Goa. Está bem fundado e tem seminario de moços da terra, o qual o P. Visitador Nicolao Pimenta instituyo de novo com titulo de Collegio da Purificação em memoria do que o serennissimo rey Dom Anrique sendo arcebispo fundou na sua universidade de Evora.

Nam deixarei de referir o que me contou o Padre Francisco Cabral, o qual morando com os mais companheiros numas cazas velhas, fez com diligencia algums cubicolos do novo collegio pera que se mudassem pera elles polla pouca segurança dos aposentos em que moravão. Aconteceo poes no mesmo dia em que se mudarão que as cazas cairão estando ainda o fato dentro, ordenando Nosso Senhor que já a este tempo estivessem os nossos fora.

Com o mesmo Padre Cabral foi ter um jogue, dizendo que queria ser christão. Foi bem provado antes que recebesse o sancto baptismo. Estando poes huma noite dormindo ao sereno por ser em tempo de calma, começou a bradar dizendo que o matavão. Acodio aos brados o Irmão que tinha cuidado dos catecumenos e o achou com a cabeça machucada dando a alma a Deos. Acertou o catecumeno de ter agoa à cabeceira, como se dissese com o

---

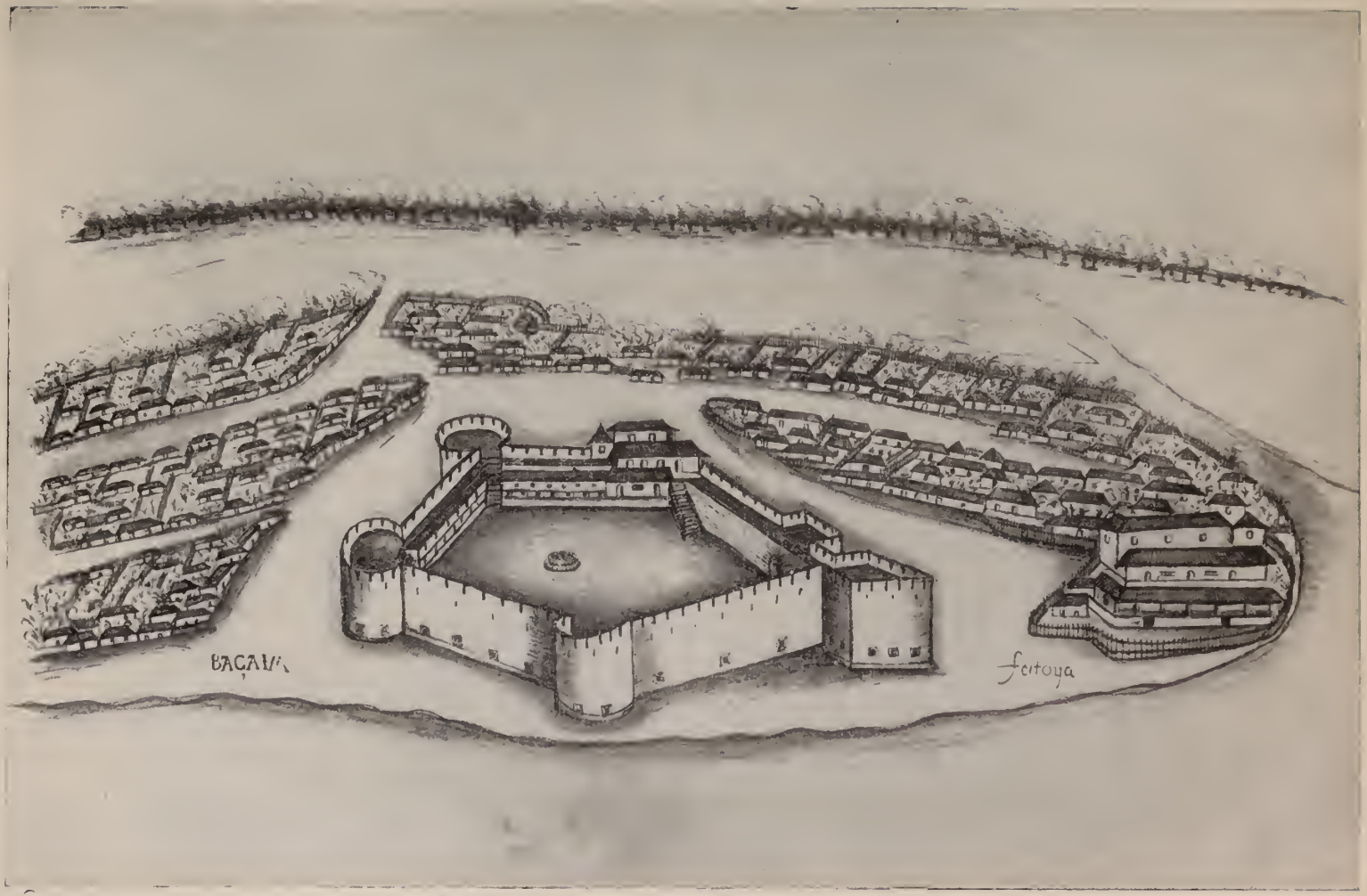
1 Cf. EX II 74 105. Parece que Fróis só lá chegou em 1550 (cf. DI II 460).

2 De sua estada na ilha de Salsete escreveu, já de volta a Goa, a meados de Outubro de 1549 (DI I 566).

3 Carta do mesmo P. Gonçalves, Janeiro de 1551 (cf. DI II 184).

4 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 423.

5 Reitor nos anos 1562 a 1566 (cf. SCHÜTTE, *Valignanos Missionsgrundsätze* I/1, 243-44; VALIGNANO, *Hist.* 423).



Baçaim (cf. Correa, *Lendas da India* III, pág. 689)

eunuco de Candea: «eis aqui agoa, baptizai-me [1]. O Irmão lhe administrou em continente o sacramento do baptismo que logo, como hé de crer, lhe abrio as portas do ceo, e foi sepultado no lanço da crasta que corre ao longo da igreja. Hé de notar que quando o Irmão chegou ao patio não vio donde lhe podesse vir tanto mal, pello que se teve que os demonios o matarão por deixar o falso culto dos idolos, tomando Deos Nosso Senhor sua malicia por instrumento pera levar aquella alma ao ceo, em que bem se vio ser o ditoso jogue predestinado pera a gloria.

Quanto à fundação deste collegio, digo ser cousa bem duvidosa tirar a limpo seu fundador. Dava-lhe El-Rey trezentos patacões [2] e certa quantidade de [232r] mantimento com nome de esmola ordinaria. Porém huma dona viuva por nome Isabel de Aguiar tinha três aldeas foreiras à coroa real, huma das quaes largou em vida ao collegio [3] e por morte deixou as outras duas, com tal condição porém que os Padres alcançassem d'el-rey Dom Sebastião licença pera se fazer esta traspassação, a qual ouverão avendo El-Rey por bem que o collegio ficasse com as aldeas pagando-lhe o foro que Isabel d'Aguiar pagava. E posto que ella fosse a derradeira vida, podia nomeá-las em algum parente transversal, e não se desfaz por isso a nomeação, como se tem julgado na Relação de Goa, acrecentando o foro pera El-Rey. Comtudo por toda a Companhia se fizerão os devidos suffragios polla alma d'el-rey Dom Sebastião como fundador de muitos collegios nossos e também deste. Da mesma maneira N. R. P. Geral Claudio Aquaviva mandou por toda a Companhia fazer os custumados suffragios polla alma de Isabel d'Aguiar como se fora fundadora do collegio, calando-se comtudo seu nome polla duvida que avia; e lhe mandou dar sepultura com seu letreiro, a qual ordem executou o P. Provincial Francisco Vieira [4] mandando mudar sua ossada pera

5 quando *risca* que quando *L* | donde *sobrep. m6, antes* quem *L*

1 Act. 8, 36.

2 O P. Cabral, na carta de 3 de Dezembro de 1565, fala de 250 pardaus (*Goa 8 III*, f. 528v).

3 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 424[21] e carta do P. Cabral, de 3 de Dezembro de 1565, em *Goa 8 III*, f. 528v.

4 Provincial de 1609 a 1615.

o lugar que está no meyo da capella-mor. Faleceo [1] sendo reitor o P. Jeronimo Rebello que lhe fez hum solenne enterramento como em seu lugar se dirá.

Além das aldeas que deixou ao collegio (que rendem passante de mil e quinhentos patacões), deixou tudo ao collegio às portas fechadas, e pera a nossa igreja de Baçaim as casas em que morava, que andão aforadas em sessenta e sete cruzados. Também ficarão ao collegio todos os ornamentos e prata que tinha na sua igreja de Ponser, que eram muitos e de preço. Veo esta senhora do Reino. Era parenta de Damião d'Aguiar, desembargador do Paço, a qual o P. M. Gaspar achou em Ormuz, e quando fez volta pera Goa se embarcou também ella por ordem sua pera a India, e a casou honradamente em Baçaim, onde viveo atté a hora de sua morte. Ella foi a mais insigne bemfeitora deste collegio, a quem imitarão outras matronas que com grande liberalidade e piedade deixarão grandes legados ao collegio e igreja, deixando boa renda assy pera sostentação dos religiosos como pera os gastos da igreja, cujos nomes me pareceo referir neste lugar pera que os nossos charissimos Padres e Irmãos encomendem suas almas ao Senhor.

Dona Inês de Mello, Inês Francisca, Isabel Soares, Breatis Martins, Catharina Fernandez, Beatris de Noronha, Dona Margarida Beles, Dona Luzia; Dona Felippa da Fonseca fez doaçam a nossa Igreja de todo seu fato, que foi avaliado em cinco mil cruzados; Maria Gomez e sua filha Dona Isabel de Sousa, Inês de Paiva. Todas estas donas deixarão de renda pera a igreja passante de quinhentos cruzados, e pera o collegio obra de mil e quinhentos, afora ornamentos, castiçais de prata, huma fermosa alampada do mesmo metal, e ornato das sanctas reliquias. De modo que com rezão Santo Agostinho [232v] chamou às molheres devotas: «Devoto femineo sexo», palavras que a Santa Madre Igreja usurpa na commemoração da Virgem Nossa Senhora [2]. As molheres forão as que sostentarão a Christo Senhor Nosso e a seus discipolos com suas esmolas [3], as donas de Baçaim, pella devaçam que tem a nossa

---

1 Em 1591 (cf. BRÁS A. FERNANDES, *Armas e inscrições do Forte de Baçaim* [Lisboa 1957] 19).

2 Por ex. na antífona às primeiras vésperas do *Commune festorum B. Mariae V.*

3 Cf. Lc. 8, 2-3.

sagrada Religiam, deixarão renda perpetua pera sostentação dos religiosos daquelle collegio e pera os gastos ordinarios da igreja.

Também os cidadões da mesma cidade se mostrarão bemfeitores do nosso collegio. Dom Joam Belles lhe deixou duas hortas, fez o portal da porta travessa da nossa igreja, mandou fazer a escada que vai pera a sanchristia, fez outras muitas esmolas e foi mordomo por muitas vezes; deixou por verba de seu testamento que as suas charamelas servissem a igreja nas festas principaes e que seus filhos a nam podessem alienar. Dom Jeronimo Beles, seu filho, e sua molher Dona Maria fizerão o retabolo da capela-mor, que chegaria a dous mil pardaos, e per morte deixou duzentos pera a igreja; pera a qual também sua mãy deixou humas fermosas casas em que morava, e todos três foram sepultados na mesma igreja. Ambrosio Lopez deixou dous mil pardaos que rendessem pera se vestirem os catecumenos. Antonio d'Almeida deixou humas casas ao collegio; Duarte de Mello, capitam que foi de Dio, mandou fazer o portal e frontaria da igreja; Ambrosio Argueiros deixou per sua morte ao collegio obra de dous mil pardaos. De maneira que a nossa igreja, sem controversia alguma, hé a mais rica de ornamentos e prata que há em todo o norte, que hé hum perpetuo testemunho da grande piedade e devação que a cidade de Baçaim tem aos Padres da Companhia. Tem a mesma igreja o mais perfeito e bem acabado pulpito de todo o norte, e pode ser que muitos julguem ser elle de obra mais prima que o pulpito de Sam Paulo de Goa. Tem o collegio boas crastas e no meyo dellas a mais fermosa fonte da India, que lhe não falta mais que ser perenne, pera se parecer com huma das melhores de Roma. Tem a igreja quatro castiçais de prata, que mandou fazer Dona Phelippa da Fonceca, que sam os mayores e mais bem lavrados de toda a India.

Tem o collegio no contorno da cidade três freguesias à sua conta, a primeira hé da invocação de Nossa Senhora da Graça em Baçaim de Sima; à sua vista, na aldeia chamada Pori, está a igreja de Sam Miguel, e não muito longe della a do apostolo Sam Thomé, nas quaes se tem feito muita christandade per meyo dos Padres da Companhia. No tempo que o Padre Pedro [233r] d'Almeida era pay dos christãos e juntamente vigairo das duas freguesias, de

---

32 de *corr. m6 de* da *L*

Sam Thomé e de Nossa Senhora da Graça [1], mandarão os gentios e mouros per hum moço descortez e sem temor de Deos dar muitos golpes na sancta crus que defronte da igreja de Baçaim de Cima estava arvorada, cousa que o Padre grandemente sentio, dando mostras do sentimento que tinha com derramar publicamente muitas lagrimas. Cairão os infieis no grande erro que fizerão cometendo tam grande sacrilegio contra o real estandarte da crus, e temendo o castigo do ceo e da justiça da terra tomarão por seu conselho fazerem-se christãos, com que o Padre mitigou a grande dor que tinha recebido, vendo que os inimigos da mesma cruz, feitos já christãos, a reverenciarão com o devido acatamento.

A primeira invocação da igreja do collegio foi de Nossa Senhora, cuja festa celebravão os Padres aos oito de Septembro, porém N. R. P. Geral Everardo Mercuriano mudou a invocação a instancia do P. Manoel Teixeira, reitor do collegio, e do anno de 1578 por diante se chamou da invocação de Jesu. E por esta causa se passou a imagem da Virgem pera hum dos altares de fora, celebrando-se sua festa aos oito de Septembro. Tem este collegio anexo hum seminario de catecumenos e alguns collegiais que nestas festas ajudão a celebrar com boas muzicas os officios divinos. O P. Visitador Nicolao Pimenta lhe deu titulo de Collegio da Purificação à imitação do serenissimo Cardeal Iffante Dom Anrique, que sendo arcebispo de Evora instituyo e fundou hum collegio com o mesmo titolo [2]. Ordenou o mesmo Padre Visitador que ouvesse lição de casos de consciencia, para que os estudantes que no mesmo collegio estudão letras hummanas possam continuar com mayor fruito seus estudos. Também há escola de ler, escrever e contar, e mestre que insina a cantar os estudantes. Não falo do fruito que com as escolas se custuma fazer neste collegio por ser cousa notoria a toda a India.

Os superiores e reitores do Collegio de Baçaim são estes: os Padres Belchior Gonçalvez, Gonçalo Rodriguez, Balthazar Gago

---

1 de *corr. mó de* da *L* || 10 recebido *mudou mó em* recebida *L*, recebida *R* || 26 de[1] *corr mó de* da *L* | os *corr. mó de* o *L*

---

1 Seria nos anos de 1575 e 1576.

2 Cf. supra, p. 202.

Mestre Belchior, Francisco Anriques, Francisco Perez, Francisco Cabral, Joseph Ribeiro, Francisco Rodriguez, Joam Bravo, Antonio da Costa, Joam Cabral, Pero Vaz, Francisco de Monclaro, Manoel Teixeira, Pero Parra, Duarte de Sande, Jeronimo Xavier, Jeronimo
5 Cotta, Jeronimo Rebello, Pero Rodriguez, Jorge Gomez, Mattheus Lopes, Antonio Machado, Gaspar Fernandez, Luis Cardoso, Francisco de Vergara, Balthazar Garcês, que era reitor no ano de 1611, a quem soccedeo o P. Francisco Soares [1].

[233v] *Discripçam de Cochim e do collegio*
10 *da Companhia de Jesus.*

Cap. 9.º

Cousa sabida hé como os portugueses acharão boa colheita nos reis de Cochim, onde Pedr'Alvares Cabral fez huma feitoria, e depois delle Francisco d'Alboquerque que deu principio a hum
15 forte de madeira entulhado, o qual acabou Afonso d'Alboquerque no anno de mil e quinhentos e três. E porquanto elle era comendador de Santiago e a sua nao capitaina era dedicada ao Sancto Apostolo, lhe poz o nome de Santiago. E o viso-rey Dom Francisco d'Almeida [2] fez a fortaleza de pedra e cal, consentindo nella
20 o rey velho Trimupara [3] e o novo chamado Nambeadora [4], ao qual já tinha entregue o reino. Fez o Viso-Rey hum solenne auto, no qual se achou o rey velho e o novo, e depois de lhes fazer hum

---

2 Francisco Rodriguez *na margem mó L* || 4 Teixeira *corr. de* Ferreira *L*

---

1 Segundo os anos: B. Gonçalves (1549-52), Gonçalo Rodrigues (1552), Cuenca (1555), G. Rodrigues (por 1558), Cristóvão da Costa (1559, 1560), Francisco Cabral (1562-1566), João Cabral (1571, 1577), Monclaro (1575, 1576), J. Xavier (1584), Jer. Cota (1587), Jer. Rebelo (1588), Pedro Rodrigues (1591-94), Mateus Lopes (1596, 1597), António Machado (1599, 1600), Vergara (1605, 1606), B. Garcês (1610, 1611), F. Soares (1612-16).

2 1505-09.

3 Trimumpara (BARROS, *Déc.* I, l. 7, c. 1; l. 9, c. 5.

4 Cf. BARROS, *Déc.* I, l. 9, c. 5. Rama Varma foi rei de Cochim desde 1505 (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 21).

largo discurso da fidelidade e amor que o rey velho tivera aos portugueses, fez rey em nome d'el-rey Dom Manoel a Nambeadora e que de novo lhe dava o reino, e dizendo isto lhe poz na cabeça huma coroa de ouro. E porquanto o rey velho perdera na guerra dous sobrinhos, lhe apresentou huma copa d'ouro que tinha seiscentos cruzados de pezo, e dentro nella hum padrão de tença de juro cada anno doutra tanta contia paga em outra tal copa naquelle dia pellos feitores d'El-Rey a elle e a todos seus successores [1]. Com estas prendas e mercês e com a grande ajuda e favor dos portugueses ficarão os reis de Cochim penhorados pera guardar fidelidade e amizade aos reis de Portugal, cujos irmãos sam em armas. E sendo antes da nossa vinda dos reis vezinhos desprezados, fracos e pobres, forão depois por nossa causa ricos, poderosos e temidos de seus imigos.

A primeira igreja que os portugueses fizerão em Cochim foi dedicada ao apostolo Sam Bertholameu na era de 1503, antes dizem que foi a primeira que na India tiverão, como consta do letreiro que está sobre a porta principal em huma pedra de marmore quadrada com letras de ouro, que diz assy: «Esta hé a primeira igreja que os portugueses tiverão na India» [2].

A Sé mandou fazer el-rey Dom João [3], e mandou as pedras do arco da capella-mor e das outras duas naves do meyo lavradas de Lisboa. As freguesias sam estas: Sam Lazaro, onde juntamente estão os doentes lazaros, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Piedade, [234r] Nossa Senhora, Sam Luis, Sam Thomé, Santa Barbara, Nossa Senhora da Annunciada, Nossa Senhora da Graça, que estam nos arrabaldes. Há Bispo e cabido. O primeiro Bispo foi Dom Jorge Temudo, o segundo Dom Anrique de Tavora, e ambos religiosos da Ordem de Sam Domingos, o 3.º Dom Frei Matheus, da Ordem de Christo, o quarto Frei André de Sancta Maria, religioso descalço. Os mosteiros sam estes: o

---

9 a *sobrep. mó L* || 26 Barbora *corr. mó L*

---

1 BARROS, *Déc.* I, l. 9, c. 5.

2 Sobre «a igreja de Cochim» consultem-se BARROS, *Déc.* I, l. 7, c. 2 e SILVA REGO, *História do Padroado Português no Oriente. Índia* I 106 146-52.

3 Ainda no princípio de 1541 estava coberta sòmente com folhas de palmas (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 640).

de Sam Domingos, o de Sam Francisco, a invocação da igreja hé de Sancto Antonio de Padua; os frades descalsos da mesma Ordem, a igreja hé dedicada a Sam Joam; e de Santo Agostinho, e da Companhia de Jesus.

5 As capellas sam estas. A Misericordia, que hé huma das mais ricas e mais bem servidas da India. Nossa Senhora do Emparo, na qual os christãos da terra à imitação da irmandade da Misericordia fazem cada anno doze da mesa com seu provedor, e no dia da festa usam de habitos brancos com a imagem da Virgem no peito; 10 seu instituto hé acodir com esmolas aos christãos malavares ajudando-os em tudo o mais que podem. As outras capellas da cidade sam estas: Sam Sebastião, Nossa Senhora de Guadelupe e Santiago; Nossa Senhora dos Remedios, que hé juntamente casa na qual se recolhem as donzelas orfans, e noutro lugar apartado se 15 recolhem os pobres que pedem de porta em porta, o qual hospital fez à sua custa e de esmolas hum português, per nome João de Deos, à imitação do outro deste nome também português que na cidade de Granada fundou outro hospital. Ensinava-lhes todos os dias a santa doutrina, e sendo ainda secular mandava dizer todos 20 os dias missa aos pobres, e depois que foi sacerdote elle mesmo a dizia, e acabou seus dias nestes santos exercicios, servindo aos pobres; os quaes também se agazalhão em Nossa Senhora dos Anjos, e pera os portugueses há também hospital onde sam curados com muita charidade e liberalidade. Há também na cidade 25 capitão, feitor e veador da fazenda que corre com a carga das naos. O viso-rey Aires de Saldanha [1] mandou fortalecer a cidade da parte do mar.

A occasiam do nosso collegio da Madre de Deos se fundar na cidade de Cochim foi por esta maneira. Chegando aly o B. P. Fran- 30 cisco Xavier, lhe pedio com grande instancia o P. Pero Gonçalvez, vigairo da vara, e juntamente os moradores ouvesse por bem de mandar alguns Padres pera o bom ensino de seus filhos e pera o acrecentamento da fee catholica. O Padre satisfez com grande gosto a tam justa petição deixando ordem antes de partir pera 35 Jappão ao P. Antonio Gomez, reitor de Sam Paulo de Goa, pera que mandasse a Cochim alguns Padres, o qual mandou no anno de 1549 o P. Baltazar [234v] Gago, que foi o primeiro superior da

---

[1] Vice-Rei nos anos 1600 a 1605.

nova residencia [1], pera a qual os mordomos e confrades da igreja da Madre de Deos a tinhão livremente offerecido à Companhia com approvação do bispo Dom Joam d'Alboquerque [2], a qual igreja avia mais de corenta annos que fora edifficada por hum fidalgo da familia dos Mendonças, que fora capitam de huma gallé na costa do Malavar. Arrependerão-se alguns dos confrades da doaçam feita, porém o viso-rey Dom Afonso de Noronha a confirmou [3]. Voltando de Jappam o B. P. Francisco, sabendo os desgostos dos confrades, lhes offereceo as chaves da igreja [4]. Vendo elles sua humildade ouverão por boa a doação e de novo a confirmarão a dous de Fevereiro de 1552 [5]. A qual residencia foi crecendo tanto em gente, que hé o segundo collegio da India, e a declarou por collegio o P. Provincial Antonio de Quadros no anno de 1560 [6].

Na primeira Congregação da India, celebrada em Dezembro de 1575, se tocam dous pontos essenciais acerca desta igreja que os mordomos largarão à Companhia: o primeiro hé que podem os ditos mordomos ter aos sabbados e nas festas da Virgem Senhora Nossa caixinha para nella se lançarem na mesma igreja as esmolas que se pedirem pera a confraria; o segundo que os Padres digão cada somana duas missas pellos mordomos e confrades [7]. Teverão os Padres da Congregação escrupulo de continuarem com estas duas cousas por serem expressamente contra nosso Instituto [8], porém N. R. P. Geral na resposta do artigo decimo sexto

---

13 1560 *talvez mó L*

---

1 Parece que foi o primeiro superior de Cochim o P. Francisco Henriques (cf. DI I 36*).

2 DI II 135-37 633.

3 Vice-Rei nos anos 1550 a 1554.

4 EX II 312-13.

5 Todo este parágrafo sobre a fundação do colégio de Cochim foi tomado de LUCENA, l. 9, c. 20

6 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 422. Escreve o P. B. Nunes Barreto, Cochim 31 de Dezembro de 1561: «Agora á hum anno que, por commissão do P.e Provincial Antonio de Coadros, começamos aqui a fazer hum colegeo» (DI V 403).

7 O texto mencionado encontra-se em *Congreg. 42,* f. 327v, n. 19 (original dos Acta da dita Congregação Provincial).

8 Cf. *Constitutiones* S. I., Pars VI, c. 2, n. 8 (contra as caixas nas igrejas da Companhia) e Pars IV, c. 2, n. 4 (cf. MI *Const.* II 539 395).

manda que o collegio esteja pellos concertos que os primeiros Padres fizerão quando aceitarão a dita igreja [1].

Os reis de Portugal sam fundadores do collegio de Cochim, e como a taes se offereceo sempre a vela com as armas de Portugal. Porém depois que este collegio foi cabeça da Provincia do Malavar pareceo totalmente cousa necessaria buscar renda pera sostentar mais sogeitos dos que atté ally o collegio sostentava. Pello que nosso Irmão Antonio Guedez de Moraez com authoridade de N. R. P. Geral Claudio Aquaviva mudou a fundação do collegio que desejava fundar em benefficio dos christãos de Sam Thomé na povoaçam de Vaipicota, onde já tinha feito hum bom edifficio, pera ajudar a fundação do collegio de Cochim, ficando o mesmo collegio obrigado a lhe fazer os suffragios que se custumão fazer aos fundadores, ficando comtudo sempre os reis de Portugal com a prerogativa da fundação e candea que em seu nome se offerece dia da Nossa Senhora do O, [2] festa do orago, ao capitão da cidade.

De modo que o principal e mais insigne bemfeitor, depois dos reis [235r] de Portugal, hé Antonio Guedes de Moraez, que em vida viveo comnosco das portas adentro em casa separada, e tinha carta de irmandade; porém na hora da morte foi recebido por Irmão da Companhia per vigor da licença que o P. Provincial Nuno Rodriguez lhe deu in scriptis quando no anno de 1600 visitou o collegio de Cochim, indo eu por seu companheiro. O segundo bemfeitor foi Giraldo Borges, que deixou ao collegio huma grossa herança. No terceiro lugar pode entrar a cidade e cidadões, com cujas esmolas se fez o collegio, escolas e igreja, fazendo Antonio Guedez a capella-mor à sua custa pera seu enterramento.

A igreja hé fermosa, o retabolo do altar-mor sumptuoso, pera o qual vierão de Portugal oito paineis dos principais misterios da vida do Senhor de excellente pintura. O sacrario responde à magestade do altar; as colunas e mais ornato do retabolo sam de obra muito prima, e todas estas peças, douradas com fino ouro, representão bem a principal parte do templo, que hé o altar-mor

---

22 no anno *sobrep. m6 L* || 28 sumptuosa *corr. m6 L*

---

[1] *Congr. 93,* f. 191r, n. 16 (registo das respostas do P. Geral às Congregações Provinciais).

[2] A 18 de Dezembro.

que se pode chamar o rosto e face da igreja, a qual hé bem servida de prata e ricos ornamentos. Tem três confrarias, da Virgem Senhora Nossa, de Jesus e das onze mil Virgens,

Nam posso deixar de louvar muito a singular e grande devação dos moradores de Cochim, os quaes de muitos annos a esta parte celebrão com grandissima devação todos os sabbados do anno à Madre de Deos, ajuntando-se grande numero de gente de toda a sorte pera ouvir a missa da confraria, no fim da qual commungão muitos devotos e devotas, concorrendo pera este effeito os Padres às crastas pera os homens e à igreja pera as molheres, ouvindo suas reconciliações, cousa por certo de muito louvor e que em nenhuma outra parte da India se faz, podendo seguir nesta parte o exemplo e devaçam da gente de Cochim.

Arremato este paragrafo com hum assinalado milagre que a Madre de Deos fez, que hé o seguinte: Vindo huma nao de Bengala pera Cochim fazendo sua viagem com vento galerno, se mudou de improvizo numa tormenta desfeita que de tal maneira atormentou a todos, que não sabiam já que conselho tomassem pera salvar as vidas e fazendas. Sondando poes o piloto o mar, achou fundo e logo mandou lançar as ancoras, as quaes posto que por algum tempo fizerão bem seu officio, comtudo foy tam grande a força dos mares e dos ventos que perderão as ancoras. Vendo-se pois sem ellas e que a nao corria manifesto perigo, mandarão vir do lastro a mayor pedra que se podesse achar, a qual comtudo era bem pequena pera o effeito. Fizerão logo todos os da nao voto à Madre de Deos, offerecendo-lhe aquella pedra, que se a nao chegasse salva a Cochim a levarião em procissão à igreja do collegio. Feito que foi o voto, amarrarão muito bem [235v] o rebolo, que logo em nome da Virgem foi lançado no mar. Cousa maravilhosa! Logo o mar se aquietou, os ventos deixarão suas ameaças, et facta est tranquillitas magna [1]. Segurado que foi o tempo, se fizerão com grande alegria à vella pera Cochim e, comprindo seu voto, deixarão a pedra na igreja do collegio em testemunho do milagre, a qual se pôs por memoria entre as columnas que servem de ornar a porta travessa da igreja nova.

Os superiores e reitores deste collegio forão os seguintes: os Padres Balthazar Gago, Francisco Perez, Mestre Belchior, Manoel

---

[1] Mt. 8, 26.

Teixeira, Francisco Dionisio, Duarte Leitão, Jeronimo Rebelo, Valerio de Parada, Jeronimo Xavier, Antonino Esquipano, Francisco Vieira, Christovão de Castro, Jeronimo Gomez, Manoel Rodriguez, Ambrosio Sueiro, Gaspar Fernandez, que era reitor no anno
5 de 1614 [1].

O primeiro vice-provincial do Malavar foi o P. Manoel da Veiga, o segundo o P. Alberto Laercio, que depois foi o primeiro provincial do Sul, a quem soccedeo o P. Pero Francisco [2].

Como o P. Joam Nunes Barreto foi eleito patriarcha
10 *de Ethiopia e de sua consagraçam.*

Cap. 10.

Tanto que el-rey Dom João, de gloriosa memoria, per falecimento d'el-rey Dom Manoel, seu pay, começou de governar, em Dezembro de 1521, desejou mandar patriarcha às partes de Ethiopia,
15 o qual pedio ao papa Clemente septimo. Porém os tempos se perturbarão de maneira, que não teve por antão este negocio effeito. Teve-o porém em tempo do papa Julio terceiro, apresentando El-Rey ao Summo Pontifice pera pastor daquellas partes o R.do P.e Joam Nunes Barreto, da Companhia de Jesus, português de naçam e

---

4 Gaspar Fernandez *na margem m6 L*

---

1 Foi possível, seguindo principalmente os catálogos, assignar aos superiores de Cochim estes anos: Francisco Henriques 1549; Antonio de Heredia 1551-52; Francisco Pérez 1553-55; M. Belchior Nunes Barreto 1557-71; Manuel Teixeira 1571-72; Francisco Pérez 1575-76; Francisco Dionisio 1576-78; Duarte Leitão, 3 anos; Jerónimo Rebelo 1584, 2 anos; Parada, um ano; Jerónimo Xavier 1587-88, ao todo 6 anos; Texeda 1594; Cristóvão de Castro 1596, dois anos e meio; Francisco Vieira 1597, 2 anos; António (aliás Antonino) Schipano 1600; Jerónimo Gomes 1604-05, três anos e meio; Schipano 1606; Manuel Rodrigues 1609, dois anos e meio; Ambrósio Soeiro, 1610, 1611, 3 anos e meio; Gaspar Fernandes, desde 1613.

2 Manuel da Veiga foi Vice-Provincial de 1601 a 1602; Laércio de 1602 a 1605 foi Vice-Provincial, e de 1605 a 1611 Provincial; o P. Pedro Francisco foi Provincial de 1611 a 1615.

natural da cidade do Porto. Apresentou também os reverendos Padres Belchior Carneiro, natural de Coimbra, e André de Oviedo, castelhano nascido na villa de Ilhescas, para que soccedessem ao Patriarcha em caso que Nosso Senhor o levasse pera sy [1].

Aceitou a Companhia estas dignidades com a devida hummildade e sogeição, cujas rendas e honras avião de ser grandissimos trabalhos e manifestos perigos da vida, do que muito se edifficou o Summo Pontifice, dizendo aos ilustrissimos cardeaes em publico consistorio que bem se via o que pretendião os Padres da Companhia neste mundo, pois por huma parte regeitavão os capellos e bispados de tanta honra e proveito, e por outra aceitavão aquelles que, allém das gravissimas molestias e continua crus, não tinhão cousa com que podessem levar após sy os olhos e corações dos homens [2]. Não queria o P. Joam Nunes dar consentimento pera sua elleição [3], mas nosso Padre Santo Ignacio lhe tirou o escrupolo que tinha, manda[n]do-lhe obedecesse à voz e vontade [236r] divina, offerecendo-lhe a spiritual ajuda de seus filhos e a sua, por cujo mandado obedeceo ao vigairo de Christo [4].

Alcançadas pois as letras apostolicas, foi consagrado em Patriarcha de Ethiopia o reverendissimo senhor Dom João Nunes Barreto na cidade de Lisboa, cabeça do imperio lusitano, na igreja do convento da Santissima Trindade, aos cinco dias do mês de Mayo do anno do Senhor 1555 [5]. Dom Julião d'Alva, bispo de Portalegre, o sagrou. Seus assistentes forão Dom Gaspar Cam [6], bispo da ilha de Sam Thomé, e Dom Pedro [7], bispo hiponense. No mesmo dia foi também sagrado Dom André de Oviedo bispo de Ierapoly. Achou-se neste auto de tanta celebridade o serenisimo

---

6 rendas *risca* e honras *L*

---

1 Cf. por ex. uma carta de Polanco, em nome de S. Inácio a 21 de Julho de 1554, em MI *Epp.* VII 259-60.

2 Também o refere POLANCO, *Chron.* V 6.

3 Carta de 29 de Outubro de 1554 a S. Inácio (MI *Epp.* VIII 710-12).

4 Carta de 17 de Fevereiro de 1555 (MI *Epp.* VIII 432-33).

5 Cf. MI *Epp.* IX 185.

6 D. Gaspar Cão foi nomeado bispo de S. Tomé a 6 de Julho de 1554; mas, sòmente passados alguns anos, entrou na diocese. Faleceu a 16 de Fevereiro de 1572 (ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1055-56).

7 Pedro Ferdinandi, bispo de Hippo, desde 1542.

rey Dom Joam com toda a corte e grande multidão de ecclesiasticos e seculares. O Bispo de Nicea, Dom Belchior Carneiro, foi sagrado na India. A todos estes prelados proveo El-Rey de ricos ornamentos assy pera o altar como de pontificaes, com a baixella necessaria pera os sagrados ministerios, e hum fermoso sino que depois servio na See de Goa, como também os ornamentos e prata ficou à igreja do collegio de Sam Paulo per concessão e liberalidade do serenissimo rey Dom Sebastião [1]. Mandou o Reverendissimo Patriarcha pedir ao Papa o sagrado pallio per hum comendador de Malta, que de Roma o trouxe com as custumadas ceremonias.

E pois falamos nesta insígnia pontifical, que muitos ouvirão nomear e pode ser não saibão todos que cousa hé, não será fora de proposito dizer brevemente que cousa seja pallio. O pallio hé ornamento tam antigo, que, como diz Sam Gregorio, o usou o apostolo Sam Pedro e delle se deixou aos mais prelados metropolitanos [2]. Eusebio cesariense com S. Maximo affirmão usar-se em tempo do papa Lino, immediato successor de Sam Pedro [3]. E hé de tanta esssencia, que não pode ter nome de primaz e metropolitano sem elle, ainda que seja bispo consagrado, e os que sam elleitos em arcebispos tem obrigação de pedir o pallio dentro em seis mezes por sy ou por seus procuradores. E quando chegão a Roma [não só] se pede por petição escrita, mas de palavra huma e muitas vezes, atté que vista a perseverança e hummildade com que sofrem a repulsa, juntos os cardeais em consistorio, se trata se se concederá ou não; e vindo em que hé bem conceder-se, cometem a expedição das bullas e dar do pallio ao cardeal diacono mais antigo, o qual assina dia e igreja onde o quer dar.

E se o arcebispo está presente em Roma vai ao lugar sinalado onde já está o cardeal diacono e outro subdiacono com o pallio

---

22 a *sobrep. mó, antes* em *L*

---

1 O B. Inácio de Azevedo, na carta de Maio de 1556 a S. Inácio descreve pormenorizadamente as peças que D. João III deu ao Patriarca (cf. *Litt. Quadr.* IV 358-59).

2 Não encontrámos tal afirmação nos escritos de S. Gregório.

3 O pálio usa-se na Igreja latina provàvelmente desde o século IV, com certeza desde o século VI.

posto em sima do altar, e chegando-se a elle com o roxete e huma casula vestida, se poem de joelhos diante do cardeal e diz estas palavras: «Eu, foam, elleito arcebispo de tal parte, peço depressa, com muita pressa, com grandissima pressa que me seja dado e entregue o pallio, tomado de cima do corpo do apostolo Sam Pedro, no qual está o comprimento do officio pontifical». Ditas estas palavras toma o cardeal diacono o pallio de cima do altar e poem-lhe sobre os ombros, dizendo: «À honra do omnipotente Deos, e da Virgem Sancta Maria, e dos bem-aventurados apostolos Sam Pedro e Sam Paulo, e da igreja de tal parte, a ti concedida, te damos o pallio tomado de cima [236v] do corpo de Sam Pedro, no qual está todo o comprimento do officio pontifical, com o nome do patriarcha, primaz ou arcebispo, pera que uses delle dentro de tua igreja em certos dias que vam expressos e nomeados nas bullas concedidas pella See Apostolica». Depois desta ceremonia levanta o cardeal ao arcebispo pella mão e lhe dá a paz no rosto, e o mesmo faz ao procurador que manda, se elle não está em Roma.

Depois lhe tira o pallio hum clerigo ceremonial da capella do Papa e, dobrando-o, se lhe faz entrega delle com hum estromento publico. E se hé procurador promete de se não deter com elle em Roma mais que huma só noite e de o levar caminho dereito, e nos lugares onde pouzar o levar à igreja a guardar com toda a veneração.

Resta-nos agora dizer a feição delle e o de que hé feito. E avendo-nos de reger pello que diz o quarto Concilio Constantinopolitano, diriamos que era da feiçam das estolas sacerdotaes que commummente se usam [1]. Mas avendo-nos de conformar com o que oje se usa, e com o que eu proprio vy aos arcebispos de Evora e Goa, convém ser elle doutro modo, porque sam humas cintas brancas de largura de três dedos pouco mais ou menos, lançadas sobre os hombros, com outra cinta que em redondo as atravessa todas; e nestas cintas, que sam de lam branca, estão lavradas certo numero de cruses pretas ou vermelhas. Tem além

---

4-5 entregou *L* || 12 pontifidal *L*

---

[1] Cf. I. D. Mansi, *S. Conciliorum nova et amplissima collectio* XVI (Venetiis 1721) 178.

disto três agulhas ou alfinetes de prata, e pendião antigamente do remate delles humas pellas pequenas de chumbo, que não podem ser doutro nenhum metal, mas neste tempo tem pedras preciosas emgastadas em ouro, porém as pontas deste collar ou coroa estão
5 enxeridas em chumbo. Todas estas estão cheas de misterios que se podem ver em Innocencio papa no livro De sacro altaris misterio, lib. 1.ᵉ, cap. 62 [1]. Do qual nam pode usar senão nos dias que o Papa lhe concede, nem o pode emprestar a outrem, e há-se de enterrar com elle.

10 A materia de que se faz o pallio dissemos ser lam branca, e o estilo era que se custumavão certo dia offerecer no mosteiro de Sancto André, junto de Sam Marcelo, certo numero de cordeiros branquissimos, os quaes criavão as religiosas da cerca pera dentro e a dominga da oitava da Paschoa erão levados ao altar de
15 Sam Pedro e davão huma volta ao redor; e da lam destes fiavão aquellas franjas e as entregavão aos subdiaconos apostolicos, que com suas mãos cortavão os pallios e os levavão aos conegos de Sam Pedro pera os porem sobre suas reliquias; e tendo-os metidos no sacrario onde está o corpo do Sancto Apostolo huma noite
20 as tornavão a restituir aos subdiaconos, e elles os guardavão em lugares decentissimos. De-[237r] pois se mudou esta cerimonia dos cordeiros às freiras de Sancta Ignês. Hoje (conforme diz Onufrio) [2] a fazem as religiosas do mosteiro que chamão a Torre do Espelho [3].

25 Era o Reverendissimo Patriarcha antes de entrar na Companhia provido de huma grossa igreja [4] e fazia vida sancta, porém desejando mor perfeição foi ao nosso collegio de Coimbra falar com o P. Pedro Fabro, e tam inflamado ficou de sancta conversação, que dando de mão ao mundo entrou na Companhia [5], na
30 qual viveo apostolicamente. Tinha elle sendo abbade huma devota imagem da Virgem Senhora Nossa que deu ao collegio de

---

1 No cap. *63* (cf. MIGNE, PL 217, 797-99).

2 Frid. Henr. Onuphrius, teólogo italiano no princípio do século XVII.

3 Tor di Specchi (Francesa Romana).

4 A abadia de Freiriz fica entre Braga e Ponte de Lima (FRANCO, *Imagem... de Coimbra* I 243).

5 A vocação de Nunes por meio de Fabro é também contada por Orlandinus (cf. *Fabri Mon.* 475).

Braga [1], a qual os Padres pozerão sobre a porta de S. Tiago, que fica junto aos estudos, e sempre foi venerada com muita devação da gente daquella cidade; e muito mais depois que deu na torre dos sinos no ano de 1586 hum furiozo curisco [2], que abrazando as colunas e mais ornato do nicho em que a Senhora estava, e lançando a seus pees mais de quinze pedras, não tocou nella, estando vestida o dia dantes ricamente por hum dos nossos mestres, e ser o dia do nascimento de Christo Senhor Nosso, estando os Padres bem occupados huns dizendo missa, outros estando nos confissionarios, e os Irmãos na capella diante do sancto presepe. Foi enviado em companhia do P. Luis Gonçalvez de Camara às partes de Africa a instancia d'el-rey Dom Joam, onde no reino de Tremecem fizerão grande serviço a Nosso Senhor no resgate de muitas almas que estavam em risco de perder a fee [3].

As partes que nosso B. P. Ignacio requeria no que ouvesse de ser patriarcha de Ethiopia concorrerão todas nos três eleitos. Estas erão que fosse professo de quatro votos, de grande bondade, boas letras e forças pera sofrer os trabalhos; pera a qual missão elle se offerecia de boa vontade, posto que já carregado de trabalhos e doenças, se os companheiros o não estrovassem. Pedio-lhe com grande instancia o Reverendissimo Patriarcha lhe desse algum Padre da Companhia a quem secretamente obedecesse [4]. A reposta foi a seguinte dada a três de Fevereiro de mil e quinhentos e cincoenta e cinco: «De terdes algum a quem deis obediencia secreta, que tenha minha comissão, ainda que muito me ediffica vossa devação pera obedecer e o spirito tão unido com a Companhia, todavia não me parece que tenhais a outro senão a Deos Nosso Senhor e a seu Vigairo na terra. E se me tocasse dar supperior

---

[1] O colégio de Braga foi fundado em 1560. Bem observa Franco: «Quod Scriptorum aliquis mandavit typo, hanc effigiem donatam Bracharensi Collegio a nostro Ioanne Nunio Barreto Aethiopiae Patriarcha, cum est ingressus Societatem, omni caret fundamento; nam Ioannes annis quatuordecim [leia-se sexdecim] ante primordia Bracharensis Collegii addixit se Societati et annis quatuor ante ejusdem initia ad Indiam navigavit» (*Synopsis* 145).

[2] Segundo Franco, no ano de 1587 (*Synopsis* 145).

[3] Foram os dois Padres em 1548 para a África, ocupando-se nos ditos ministérios na cidade de *Tetuão* (cf. Polanco, *Chron.* I 329).

[4] Pediu um «comissário sobre si» em duas cartas em fins de 1554 (cf. MI *Epp.* VIII 711 718).

dos que lá vam, não tenho eu de quem mais deva fiar que de vossa pessoa e depois della dos que vam por vossos coadjutores: e assy de todos os que lá forem, que estém à obediencia da Companhia, vós tereis cargo nam somente como Patriarcha, mas como
5 supperior que tem minhas vezes pera com elles, e de todos os que lá entrarem na Companhia; e o mesmo entendo dos que estão nomeados por vossos successores, quando despondo Nosso Senhor de vossa vida, succedessem em vosso lugar» [1].

Os companheiros que nosso Padre lhe deu eram doze à honra
10 dos doze Apostolos, dos quaes avia de ser [237v] provincial o P. Antonio de Quadros. Também se vio sua grande hummildade em pedir ao papa Julio terceiro que ouvesse por bem que assy delle como dos mais patriarchas de Ethiopia, emquanto fossem eleitos da Companhia, podessem os provinciais da mesma Compa-
15 nhia com authoridade apostolica inquirir acerca de sua vida e custumes, e mandar a tal inquiriçam ao Summo Pontifice pera que posesse o remedio conveniente em caso que fosse necessario pô-llo. Assy o testifica o illustrissimo cardeal Jacobo Puteo do titulo de Sam Semeam a dezaseis de Fevereiro de 1555.

20 Sendo o bispo Dom Joam d'Alboquerque já passado desta vida quando o Reverendissimo veio à India, nunca poderão acabar com elle que aceitasse o bispado de Goa, ficando por alguns annos nesta cidade, nos quaes se exercitou em todo o genero de virtude, vivendo entre os nossos no collegio de Sam Paulo com grande
25 sogeição aos supperiores delle como se fora subdito. Quando na igreja avia confissões era o primeiro em as ouvir e o derradeiro em se recolher. Repartia seu ordenado por pessoas necessitadas; e quando hia fora o acompanhavão dous Padres, indo polla cidade a pee fugindo todo genero de fausto, sendo por sua
30 hummildade muito acatado de todos. Visitava todos os dias os doentes do collegio e muitas vezes servia à mesa. Vendo que a jornada do Preste se dilatava e que a nam podia fazer, determinou de se entregar todo a Deos e ajuda das almas. Tinha o tempo repartido em três partes, huma em que se dava à oraçam,
35 outra gastava na liçam da Sagrada Escritura e de livros spiri-

---

[1] Encontra-se este mesmo parágrafo na carta de S. Inácio, de 17 de Fevereiro de 1555 (cf. MI *Epp.* VIII 434-35). O texto de Gonçalves é, segundo parece, uma outra via.

tuaes, a outra parte dava ao proximo confessando todo o genero de gente, principalmente escravos e christãos da terra. Guardava o Instituto da Companhia e a ordem da casa, seguindo a communnidade.

Na ilha de Choram fez humas pequenas casas terreias junto da igreja de Nossa Senhora da Graça, nas quaes algumas vezes pollo anno se recolhia a fazer os Exercicios Spirituaes. Alguns dias antes que Nosso Senhor o chamasse se foi a Choram pera se dar à contemplação, onde lhe derão humas febres mortaes. Daqui foi levado pera o collegio de Sam Paulo, onde na doença mostrou bem quão arreigado estava na charidade e amor de Deos, e na mortificação das paixões, obedecendo com grande promptidão aos medicos e enfermeiros. E dando-lhe o fizico a nova da morte, que a muitos entristesse, se alegrou de tal maneira com ella, que assy fraco como estava lhe deu hum grande abraço, dizendo que folgara de ter alguma peça que lhe dar pellas boas novas, de cedo aver de ir a gozar de seu Deos [1].

Recebidos pois os sacramentos da Sancta Madre Igreja, com que naquella derradeira hora se custumão armar seus filhos, entregou a ditosa alma ao Senhor que a criou a vinte de Dezembro de 1562 [2]. Ao dia seguinte em que na India celebramos a festa do gloriozo apostolo São Thomé, seu padroeiro, se fizerão [238r] as exequias com grande solennidade e concurso. O arcebispo Dom Gaspar [3] lhe fez o officio achando-se prezente o Conde do Redondo, Dom Francisco Coutinho, viso-rey, e muitos ecclesiasticos e religiozos com muita gente nobre. Foi sepultado na capella-mor. A campa da sepultura tem suas armas insculpidas, que são huma coroa de espinhos, e no meyo della huma crus de dous braços. O letreiro que de Roma mandou o reverendo P. Everardo Mercuriano, 4.º Geral da Companhia, diz assy:

OSSA R.MI IN CHRISTO PATRIS DOMINI IOANNIS NONII
AETHIOPIAE PATRIARCHAE A IULIO TERTIO PONTIFICE
MAXIMO IPSO AETHIOPIAE REGE DAVID PETENTE MISSI

---

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 439-42.

2 Faleceu a *22* de Dezembro de 1562 (cf. DI V 674-75). Por consequência, deve-se corrigir o que segue da festa de S. Tomé.

3 D. Gaspar de Leão, arcebispo de Goa 1560-67, e de novo 1574-76.

Quer dizer: «ossada do muito reverendo em Christo Padre Dom Joam Nunes, Patriarcha de Ethiopia, mandado por Julio terceiro pontifice maximo a instancia de David, rey de Ethiopia».

Per sua morte ficou o bispo Dom André de Oviedo patriarcha. Forão quatro irmãos na Companhia [1], hum delles foi o P. Mestre Belchior que succedeo ao P. Mestre Gaspar no governo e vice-provincialado da India, e depois foi nomeado provincial de Ethiopia. De gente nobre e conhecida; da mesma familia foi Dom Jeronimo Barreto, bispo do Funchal e depois de Silves, no Algarve [2].

Bulla das faculdades que o papa Julio terceiro concedeo ao Patriarcha de Ethiopia.

Cap. 11.

Julio bispo, servo dos servos de Deos. Ao amado filho Joam, eleito de Ethiopia e dos reinos subditos, ao mui amado em Christo filho nosso, o Preciozo Joam, emperador ilustre da mesma Ethiopia, saude e benção apostolica.

Como quer que pouco há nós de vossa pessoa aceita de nós e de nossos Irmãos por vossos merecimentos o pedirem do conselho dos mesmos Irmãos com authoridade apostolica ajamos provido a igreja patriarchal de Ethiopia e dos reinos subditos ao mui amado Christo filho nosso o Preciozo Joam, emperador ilustre da mesma Ethiopia, a qual antão em certo modo (o que quizemos se tivesse por declarado) estava desemparada da consolação de pastor, fazendo-vos della patriarcha e pastor, e a vós emquanto vivesseis e tiverdes o cargo da dita igreja de semelhante conselho com a dita authoridade apostolica ajamos constituido e deputado em o governo da dita igreja e administração nas cousas spirituaes e tem-

---

[1] São conhecidos sòmente três: João, Belchior e Afonso. Franco escreve também destes (cf. *Imagem... de Coimbra* I 361).

[2] Bispo do Funchal 1573-1585, transferido neste ano para a diocese do Algarve. Faleceu em 1589 (ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal,* III/2, 521 893 1006-07). Franco afirma ser filho de D. Gaspar Nunes Barreto, irmão do Patriarca (*Imagem... de Coimbra* I 351).

poraes aos amados filhos André Hierapoliano e Belchior Niceno eleitos por coadjutores com plena e livre e toda faculdade, poder e authoridade de [238v] fazer, tratar, exercitar e procurar todas as cousas e cada huma dellas que a semelhante coadjutor de dereito ou custume pertencem, e já des antão nas cousas que tocão a jurisdiçam, e depois que tivessem recebido a consagração em as cousas que também pertencem à ordem; e ajamos provido a mesma igreja pera diversos acontecimentos das pessoas delle André e Belchior eleitos per certo modo e forma antão declarados, constituindo-os também a elles por patriarchas e pastores na mesma igreja e successivamente; e vos ajamos emviado por certo mensageiro vosso o pallio, que hé insignia do perfeito poder do officio pontifical, tomado do corpo do bem-aventurado Sam Pedro, que por vossa parte nos foi pedido com aquella instancia que convinha, o qual se vos avia de asinar em certo modo e forma antão declarados, como em diversas nossas letras mais largo se conthém: nós, considerando a distancia da mesma igreja à corte romana e quão difficultosa seja a vinda daqui à mesma igreja, e quantos e quão grandes perigos aja neste caminho tão comprido assy por mar como por terra, e portanto querendo nós quanto com boa consciencia podemos aleviar-vos deste caminho e a vossos successores patriarchas de Ethiopia e desses reinos que por tempo forem, que assy vós como André e Belchior elleitos sobreditos cessando-lhes o officio de coadjutoria e outros vossos em a sobredita igreja successores patriarchas de Ethiopia e desses reinos que por tempo forem em os tempos vindouros perpetuos possais uzar do sobredito palio dentro da vossa igreja de Ethiopia e desses reinos e doutros das vossas provincias nas três paschoas da Resurreição, Spirito Sancto e Natal e em cada huma dellas, e nos dias da Circuncissão, dos Reis, Acenção do Senhor, Corpus Christi, S. Estevão, S. João Evangelista, domingo de Ramos, quinta-feira da Cea, sabbado sancto, na invenção da sancta cruz, dia de São João Baptista, e nos dias dos Apostolos, e nas três festas principais da Bem-aventurada Virgem, no da commemoração de Todos-os-Sanctos, e nos dias da consagração das igrejas principaes de vossa Igreja, e nas ordenações dos clerigos, e consagrações dos bispos. E se porventura no caminho ou doutra maneira o sobredito pallio (o que Deos não permita) se furtar ou por outra via se perder, possais fazer e benzer outro semelhante pallio, do qual vós e vossos successores sobreditos por nós instituidos em vosso lugar,

como se arriba diz, useis. E fazer levar crus diante vós outros em vossa provincia.

E depois que os arcebispos e bispos da mesma vossa provincia forem elegidos dos amados filhos cabidos de suas igrejas, ou de outra maneira segundo os custumes delles, se alguns têm até agora guardados doutra maneira, o arbitrio de [239r] vós outros confirmados ainda com suplemento dos defeitos se alguns porventura em taes elleições entrevierão, e institui-los nas igrejas pera as quaes forem elleitos; de tal maneira porém que elles assy confirmados e instituidos arcebispos e bispos sejam obrigados o mais cedo que poderem a intimar per suas letras à Sé Apostolica estas suas eleição, confirmação e instituiçam, e fazer juramento da fidelidade de vida segundo a forma abaixo declarada, e dar a custumada obediencia, e enviar também o mesmo juramento à mesma See.

E vós assistindo-vos os sobreditos André e Belchior eleitos, se ahy estiverem, doutra maneira vós, e cessando o officio de sua coadjutoria elles mesmos André e Belchior elleitos, assistindo-vos a vós outros dous sacerdotes ligitimamente e segundo custume da Igreja Romana ordenados atté que aja copia de bispos legitimamente ordenados, no qual caso dous bispos e não dous sacerdotes ajam de assistir aos mesmos asy elleitos, confirmados e instituidos arcebispos e bispos, despois que vos derem a vós outros suas letras sobre a intimação da eleição, confirmação e instituição feita, como se disse, e de como fez juramento e deu a tal obediencia, consagrá-los de maneira que os arcebispos possão uzar das insignias arcebispaes (depois porém de se lhes dar o pallio), e os bispos das episcopaes, e possão consagrar oleo sancto e chrismar e ordenar de ordens sacras e promover a outras cousas tocantes aos pontifices, e também possam respectivamente exercitar o poder ordinario et alias opportuno e acustumado dos arcebispos e bispos.

E òs arcebispos depois de consagrados, como se arriba disse, dar e assinar o pallio, que hé insignia da perfeição do officio pontifical, do qual da mesma maneira como se disse assima usem; e dividir e distinguir as provincias e dioceses dos mesmos arcebispos e bispos que té agora estiverem indistinctas. E assy conceder a quaesquer que vós outros julgardes idoneos licença pera prega-

---

15 os *sobrep. mó L*

rem e declararem a palavra de Deos ao povo, e se forem sacerdotes, licença pera administrar os sacramentos, excepto o da chrisma e das ordens sacras, e pera benzerem altares e os ornamentos delles como as vestimentas dos sacerdotes e outras cousas semelhantes, mas não calices ou patenas. E assy possais absolver a quaesquer da vossa Provincia e a outros, por qualquer modo vossos subditos, assy por ley diocesana como por direito patriarchal, de quaesquer peccados e das excommunhões que delles se conseguirem, suspenções e interdictos e outras sentenças, censuras e penas ecclesiasticas, e quaesquer e quão grandes quer que sejão ainda das acustumadas a se reservarem nas letras que se soem ler no dia [239v] da cea do Senhor, dando-lhes por isso a penitencia saudavel segundo o modo da culpa e outras cousas que de dereito se ham-de ajuntar; e communicar faculdade pera absolver dellas aos bispos, ou outras pessoas nas quais vos parecer a vós outros e ao que por tempo for patriarcha de Ethiopia e desses reinos; e dispensar assy per vós como per outros se for expediente com quaesquer pessoas sobre qualquer irregularidade por ellas contrahida por bigamia, não porém da verdadeira, e por homicidio, não porém do voluntario, se não entervier causa grande que toque ao bem publico, e sobre a falta da idade e qualquer outro impedimento de tomar ordens sacras, e de ministrar nellas; e também sobre o sacramento de matrimonio em quaesquer graos de affinidade e consanguinidade spiritual e carnal, não porém em os prohibidos de dereito divino, com tal que quanto ao parentesco spiritual não se contraha o matrimonio entre o padrinho ou madrinha e o afilhado ou afilhada; e comutar em outras obras pias quaesquer votos, comtanto que não sejão votos solenizados de Religiam e castidade; e três vezes no anno, scilicet nas festas do Natal, Resurreição do Senhor e Pentecoste conceder indulgencia plenaria aos povos da mesma provincia, que contritos e confessados, segundo a ordem que primeiro por vós outros for dada, guardarem algum jejum e devotamente rogarem a Deos Nosso Senhor pello estado dos fieis e da Sancta Igreja Romana, e nos outros dias conceder outras indulgencias temporareas, que nam passem de dez annos, e remissões de peccados; e assy ler livros haereticos e conceder licença a vossos companheiros e a outros que vos parecer pera os ler; e unir, anexar e encorporar quaesquer benefficios ecclesiasticos às igrejas e a outros lugares pios e religiozos pera proveito spiritual e corporal dos proximos segundo vos parecer; e alevantar e instituir universidades geraes

e collegios, em os quaes se possão tomar todos os graos de mestres e doutores, e assy quaesquer hospitaes dos pobres pera os enfermos e peregrinos machos e femeas, e mosteiros e collegios de moços e moças orfãs, em os quaes também se possão fazer quaes-
5 quer outras obras pias pera exercicio de charidade e piedade pera com todos. E assy por vós ou por outras pessoas, per vós mesmo pera isso deputadas como superiores e reformadores geraes, vizitar com plena jurisdiçam assy as universidades, collegios, hospitaes e mosteiros sobreditos, como quaesquer outros mosteiros e lugares
10 de religiozos de qualquer Religiam e Ordem d'ambos os sexos, e assy na cabeça como nos membros reformar e, os que por tempo errarem, castigar, correger e punir e os mudar de hum lugar pera outro. E também de novo fundar, se for necessario, religiões assy de hum sexo como de outro, e aprovar ou reprovar e extinguir as
15 já fundadas, e reduzir diversas [240r] religiões a huma e reformar suas constituições, diminuindo-as ou acrecentando-as segundo em o Senhor vos parecer. E conceder licença aos pobres assy religiozos como não religiozos pera mendigarem debaixo do nome de qualquer Sancto, buscarem e pedirem esmolas. E assy declarar
20 em nosso nome e da See Apostolica aos povos da vossa provincia as cousas que a Igreja Romana tem acerca da fee, e quaes sejão as escrituras canonicas que de todo se hão-de ter e seguir; e assy julgar que as escrituras que a Igreja Romana reprovava, e que escrituras se hão-de engeitar. E determinar e manifestar que pre-
25 ceitos ecclesiasticos obrigão a peccado mortal e quais não obrigão, e com nossa authoridade ordenar (com tal que nada se mude do que está decretado per dereito divino ou natural) acerca das cousas que sam de dereito positivo, inda quanto às excommunhões, suspenções e interdictos, e outras sentenças e censuras ecclesias-
30 ticas e penas e irregularidades que por occaziam das ditas cousas se encorrerem, ordenando quaes ajão de ligar e quaes não até que a Sé Apostolica ordene outra cousa, e assy acerca daquellas cousas dispensar; e ligitimar quaesquer bastardos e outros que em qualquer modo tiverem defeito de nascença; crear notario com
35 authoridade Apostolica, fazer e executar todas aquellas cousas que podem fazer os nuncios da dita Sede e legado de latere; e fazer composição com quaesquer pessoas sobre quaesquer fruitos e bens ecclesiasticos mal recebidos, e o que dahy se receber applicá-lo a obras pias; e finalmente possais livre e licitamente fazer, ordenar
40 e executar todas as cousas e cada huma dellas que pera edifficação

e salvação das almas pertencerem ou forem opportunas, ao menos até que sobre isso aja reposta da dita Sede.

E vós, filho Joam, eleito, se os ditos André e Belchior morrerem ou algum delles primeiro que vós, por as prezentes com a dita authoridade Apostolica, vos concedemos faculdade e poder pleno e livre que possais livre e licitamente nomear e eleger hum ou dous outros coadjutores nas cousas sobreditas e hum depois de outro por sucessores em a dita igreja de Ethiopia e desses reinos, e institui-los em bispos e consagrá-los, de tal modo porém que elles assy nomeados e elegidos, instituidos e consagrados em bispos e successores vossos sejão obrigados intimar à sobredita Sede sua elleição, instituição e consagração à maneira antes dita, e fazer o juramento de fidelidade e dar obediencia como se arriba disse, e de tudo isto enviar suas letras à mesma Sede com approvação do conselho que já vos hé constetuido pera tratar das couzas graves o que despois vos há-de ser constetuido: não obstando as constituições e ordenações apostolicas, reservatorias ainda das igrejas cathedraes e dessa igreja patriarchal, ainda que sejão firmes com juramento, confirmação apostolica ou com qualquer outra firmeza, statutos e custumes e outras [240v] quaesquer cousas em contrario.

A forma do juramento que por os arcebispos e bispos se há-de fazer e por elles se enviar à mesma Sede hé o seguinte:

«Eu N., eleito N., desta hora ao diante serei fiel e obediente ao bem-aventurado Sam Pedro e à Santa Apostolica Igreja Romana, a N. Senhor, o Senhor Julio, papa terceiro e a seus successores que canonicamente entrarem. Não serei em conselho ou consentimento ou feito que percam a vida ou membro, ou sejão prezos de má prizam, ou em alguma maneira se ponhão nelles as mãos violentamente, ou se lhes façam algumas injurias com qualquer cor ou specie buscada. O conselho que de mim confiarem per sy ou per seus nuncios ou letras pera danno delles sabendo-o eu a ninguém o manifestarey. Ajudá-los-ey pera reterem e defenderem contra toda a pessoa o papado romano e assy os dereitos reaes de Sam Pedro. Ao legado da Sé Apostolica tratarei honradamente assy à vinda como à tornada e o ajudarey em suas necessidades. Procurarei de conservar, defender e acrecentar e promover os dereitos, honras, previlegios e authoridade da Igreja Romana do Senhor Nosso Papa e successores sobreditos. Nem serei em conselho ao effeito ou com tratamento em as quaes contra o sobredito Senhor Nosso ou contra a Igreja Romana se maquinem algumas cousas

sinistras ou perjudiaes a suas pessoas, dereito, honra, estado e poder; e se souber algumas pessoas procurão as taes cousas ou as tratam, eu as impedirei quanto puder e noteficarei o mais presto ao dito Senhor Nosso, ou a outra pessoa polla qual possa vir a sua noticia. Os decretos dos Sanctos Padres, canones, ordenações, sentenças, disposições, reservações e provizões, e mandados apostolicos com todas as forças guardarey e farei que os outros as guardem. Os hereges sehismaticos e também os rebeldes ao Senhor Nosso e successores seus segundo puder perseguirey e impugnarey. Chamado pera o sinodo virei se não for impedido com canonico impedimento. As igrejas dos Apostolos, estando a corte romana àquem dos montes, cada anno e allém delles cada dous annos vizitarei per mym ou per meu mensageiro, se não for absolto per licença apostolica. As possessões à minha meza pertencentes não venderey nem doarei, nem empenharey, nem de novo empheudarei, nem doutra maneira alienarei, ainda com consentimento do cabido de minha igreja sem consultar o Pontifice Romano: assy Deos me ajude e estes sanctos evangelhos de Deos.»

Dado em Roma em São Pedro anno da encarnação do Senhor de 1554, aos dezasete dias de Fevereiro no anno quinto de nosso pontificado.

[241r] O mesmo papa Julio 3.º desobrigou ao Patriarcha de Ethiopia e a seus successores de per sy ou por outrem visitarem as portas de Sam Pedro e Sam Paulo, como consta de hum breve seu passado a vinte e hum de Fevereiro de 1555 [1]. Também lhe concedeo a 15 de Fevereiro de cincoenta e cinco que podesse livremente exercitar suas faculdades com quaesquer christãos vezinhos às terras do emperador de Ethiopia, posto que nenhum trato e comercio tenhão com a See Apostolica [2].

---

[1] A este Breve alude o Patriarca na carta de 26 de Maio de 1555 para S. Inácio (cf. *Epp Mixtae* V 799).

[2] Afirma S. Inácio numa carta de 23 de Fevereiro para D. João III que as faculdades concedidas pelo Santo Padre foram «harto cumplidas» (MI *Epp.* VIII 477). Faria parte delas também a do Breve mencionado.

De como o bispo Dom André de Oviedo passou a Ethiopia e do que nella padeceo.

Cap. 12.

Alguns dias depois que o Patriarcha e o bispo Dom André chegarão a Goa começarão logo, assy elles como o bispo Belchior Carneiro e Padres de authoridade a tratar da missão de Ethiopia, a qual muito desejavão se effeituasse, sem embargo de el-rey Claudio os não querer em suas terras, porque em tal caso ou alcançarião a desejada coroa de martirio ou duro cativeiro até à morte polla salvação das almas e obediencia da Igreja Romana que os mandava. Propozerão este negocio ao governador Francisco Barreto trazendo rezões efficazes pellas quaes convinha que Sua Senhoria os mandasse com presteza ao Preste como o Papa e El-Rey mandavão. Louvou o Governador o santo zello dos prelados, mas que tinha muita duvida em os mandar assy pella enformação do P. Mestre Gonçalo como portuguezes que estavão em Ethiopia. Consultou todavia por varias vezes este negocio. A resulução que se tomou foi que o bispo Dom André fosse a Ethiopia com alguns companheiros e que o Patriarcha, o bispo Dom Belchior Carneiro, o P. Antonio de Quadros com os mais de sua companhia ficassem em Goa esperando polla enformação que o bispo Dom André avia de mandar [1].

Mandou logo o Governador fazer prestes quatro fustas, nas quais se embarcarão muitos soldados. O capitão-mor se chamava Manoel Travaços [2], os outros erão Pero de Siqueira, Vasco Correa e Antonio Vaz; os companheiros do Bispo erão os Padres Manoel Fernandez e André de Gualdames, e os Irmãos Gonçalo Cardozo, Francisco Lopes e Antonio Fernandez, os quaes o Bispo ordenou

---

18 fosse *sobrep. m6 L*

---

[1] Carta de Oviedo aos Padres de Lisboa, Goa 7 de Novembro de 1556, em BECCARI X 67.

[2] COUTO, *Déc.* VII, l. 3, c. 7; BECCARI XV 346.

em Ethiopia. Partirão os navios em Fevereiro de mil e quinhentos e cincoenta e sete, e de caminho tomarão Baçaim onde o Governador estava. E os soldados brigarão com a justiça sobre hum padecente que cahio da forca antes de morrer pera o livrarem, dizendo
5 que não queria Deos [241v] que morresse. Acodio o Bispo à briga, na qual foi bem servido de pedradas e, fazendo embarcar os soldados, se fizerão à vela e aos 26 de Fevereiro, que foi dia de cinza [1], tomarão Socotorá, onde o Bispo disse missa numa igreja que se dizia ser feita pollo apostolo Sam Thomé. Aqui acharão hum
10 ermitão dos que a terra tinha com hum capello de Sam Francisco, e dita missa, o primeiro domingo da Coresma se fizerão na volta do Estreito e com brevidade tomarão porto nas terras do Abexim, nas quaes o capitão-mor Manoel Travaços lançou o Bispo e seus companheiros e logo voltou pera a India por não ser tomado das
15 gallés dos turcos [2].

O Bispo e seus companheiros se meterão polla terra dentro. e dia da Annunciação, vinte e cinco do mesmo mez, chegarão a Baruá onde residia o Barnagaes que governa toda aquella fralda do mar chamada Tigri, o qual sahio hum grande pedaço fora da
20 povoação com muita gente a receber o Bispo e o levou pera a povoação fazendo-lhe muita honra e gazalhado [3]. Aqui se deteve por obra de vinte dias [4] e celebrou os officios da Sommana Sancta, e foi em procissão à igreja dos abexins, os quaes com devação lhe beijavão a mão.

25 Passado o tempo da festa emcaminhou o Barnagaes o Bispo pera a corte, onde achou o mesmo rey Claudio que o P. M. Gonçalo deixara tão indignado contra os nossos. Chegou ao arrayal a 2.ª octava do Spirito Sancto acompanhado de muitos portuguezes e de Gaspar Nunes, que tinha vindo do Preste à India, o qual
30 mandou o Governador por modo de embaixador [5] em lugar de Fernão de Sousa, que el-rei Dom Joam mandara por embaixador em companhia do patriarcha Dom Joam Nunes Barreto [6], aos quaes

---

1 Naquele ano caíu o dia de cinza a 3 de Março.
2 Cf. Fróis na carta de 30 de Novembro de 1557 (STREIT IV, n. 830).
3 Carta dos missionários de Etiópia, de 1562 (BECCARI X 147-48).
4 «20 o más días» (l. c.).
5 Fróis na dita carta de 1557 (DI III 712).
6 Cf. BECCARI X 232.

os Padres dizião missa aos domingos, pregavão e sacramentavão, e o Bispo chrismava assy aos portuguezes como aos abexins.

Dissimulou el-rey a ira que em seu peito ardia contra os Padres e recebeo o Bispo com gazalhado, o qual depois de lhe entregar as cartas que levava, lhe declarou o intento de sua ida a seu reino, dizendo que el-rey David seu pay pedira ao Summo Pontifice patriarcha e bispos catholicos, e a el-rey de Portugal socorro contra seus imigos: que o Patriarcha estava já na India com hum Bispo eleito e que el-rey de Portugal lhe mandava seu embaixador com ricos prezentes e ordenava ao Governador da India que mandasse capitães e soldados a seu reino. Respondeo el-rey que não tinha mais que huma palavra: que lhe não estava bem mudar a fee de seus antepassados, que lhe bastava o Patriarcha de Alexandria, e que o romano que o Papa mandava se deixasse ficar na India com seus companheiros, porque os não queria em seu reino. Pedio o Bispo que mandasse vir os letrados pera disputar com elles sobre o primado do Papa. Folgou el-rey com a petição e prometia-se a vitoria, e posto que todos diante do Bispo ficavão como meninos, comtudo [242r] zombavam delle com risadas e com brados appelidando victoria, e o proprio rei se accendia muito na disputa [1].

O Bispo vendo o pouco fruito de seu trabalho e que de nenhuma maneira querião admittir o concilio calcedonense, compoz hum livro em que refutava os erros dos scismaticos e o deu a el-rey, mas também foi de pouco fruito [2]. Finalmente se determinou afastar delle, visitando-o menos vezes do custumado por sentir que el-rey já não gostava delle pello reprehender de seus erros. Fora de scismatico, era cortês e hummano pera com todos, liberal pera com os Padres e muito portuguezado nos custumes. E quando vio que morria se doeo muito dos nossos, dizendo: «Coitado do Bispo e dos Padres! Que farão sem mym, que os defendia, caindo agora nas mãos de meu contrario cruel e deshumano?» [3]

---

24 seismaticos *LR* || 28 seismatico *LR*

---

1 Beccari x 149-50.
2 Beccari x 150.
3 Ib.

E sendo el-rei deixado dos seus foi morto pellos inimigos [1], a quem soccedeo seu irmão Adamas, muito peor que elle, porque além de ser scismatico e mal inclinado, era muito deshumano, e se declarou logo por imigo capital da Igreja Romana, e prendeo o Bispo e seus companheiros, e os trouxe muito tempo prezos no arrayal, e castigou alguns abexins que se declararão por catholicos. Mas não sofreo Deos muito tempo suas crueldades, permittindo que os grandes do reino se alevantassem contra elle e o desbaratassem em batalha campal, e se acolhesse a unha de cavalo [2].

O Barnagaes, que foi hum dos alevantados, levou os turcos em seu favor e, ficando o Bispo e seus companheiros cativos dos turcos, lhos pedio e recolheo juntamente os portuguezes com suas familias e aos abexins catholicos, que fizerão huma boa povoação, chamada Dambe [3], na qual averia passante de mil e duzentos catholicos [4] que os Padres cultivão em duas igrejas. Grandes forão os trabalhos que assi o Bispo como seus companheiros padecerão em todo tempo que viverão. Mas o que grandemente todos sentirão foi apoderarem-se os turcos dos portos do Abexim, fechando-se de tal maneira, que nem os portuguezes podiam entrar a saber dos Padres como estavão, nem elles podião mandar mensageiro algum à India por serem já três mortos pollos inimigos [5]; nem ousavão de escrever carta em folha, senão em tiras de papel, as quaes levavão os portadores metidas nas solas dos sapatos ou emroladas no turbante ou metidas nos cabelos. E com tudo no meyo de tantas difficuldades e trabalhos fizerão os Padres algum fruito, porque com as disputas que tiverão se converterão muitos a frequentar os sacramentos da confissão e comunhão. E dizia o

---

3 seismatico *LR*

---

1 Morreu às mãos dos turcos, a 23 de Março de 1559 (cf. Beccari x 150-51).

2 Minas (Adamas Sagad) foi imperador de Etiópia de 1559 até Fevereiro de 1563 (Oviedo ao Vice-Rei da Índia, 14 de Julho de 1564: Beccari x 184).

3 Fala do reino de Dambiá (cf. Beccari xv 104-05). Valignano diz também *lugar* (o. c., x 336).

4 No ano de 1572 o número deles era cerca de mil (Beccari v 440; cf. também ib. x 336).

5 Sòmente Galdames (1562) e Cardoso (1574).

abbade de hum grande mosteiro que se da India fossem capitães com soldados portuguezes sem duvida se avião de reduzir muitos scismaticos à Igreja Romana [1], unindo-se com sua cabeça, o Summo Pontifice, o qual muitos em seus corações tinhão por ligitimo vigairo de Christo, mas não ouzavão de se manifestar por catholicos por não aver quem [242v] os podesse defender dos scismaticos que eram muito mais.

Do sitio das terras que possue o emperador de Ethiopia.

Cap. 13.

Varios são os nomes que se dam ao rey da Abassia. Primeiramente se chama emperador de Ethiopia, porquanto muitos reys e senhores lhe pagão tributo; chama-se também rey daquella parte de Ethiopia chamada Abassia: a gente deste reino se chamam abexiis e o mesmo reino Abexiim. Vulgarmente chamamos ao rey dos abexiis Preste Joam ou Preciozo Joam, e ao mesmo reino por rezão do mesmo nome chamam Preste. O nome hé presbiter, que quer dizer homem anciam, ou de muita idade; e porquanto os sacerdotes devem ser taes, se chamão presbiteros na lingua grega, da qual voz usam também os latinos e os espanhoes. O que tem esta dignidade nas partes orientaes hé cabeça dos christãos que lhe estam sogeitos. Leva diante de sy cada ves que cavalga huma crus alçada, senão quanto affirmão alguns que leva três cruzes, huma de ouro, outra de prata e outra de ferro ou metal.

---

3 e 7 seismaticos *LR*

---

1 Valignano, numa relação de 1584, nomeia Isac Barnagaes, governador na costa e afirma que «escrivió este señor muchas vezes al Visorey de la India que, embiando quinicntos y seiscientos Portugueses, él se reduziría a fee cathólica y con el favor dellos haría de manera que toda la Ethiopia se convertesse a la obediencia del Papa» (Beccari x 336).

O Presbitero Joam, Preste ou Preciozo estava no Catayo [1] e não na Abassia ou Ethiopia, como erradamente se divulgou em Europa, mas nós lhe chamaremos pollos mesmos nomes que o vulgo lhe dá pera não discordarmos dos outros escriptores. 5 E quem desejar saber do Catayo lea o Santo Antonino arcebispo de Florença nos paragrafos 17 e 18 do capitulo 8.º do titulo 19 na 3.ª parte de sua Historia [2]. E sobre o Preste Joam pode ler a Joam de Barros no 4.º livro da 3.ª Decada [3], e a Diogo do Couto na fim do primeiro capitolo do livro decimo, da 4.ª Decada, e ao 10 P. Jacobo Navarco [4] de nossa Companhia na epistola que faz de Asia, a qual anda junta com o livro que o P. Francisco Alvares escreveo das cousas de Ethiopia [5]. Presuposto isto comecemos a discripçam de Ethiopia.

Dividirão os antigos geografos aquella parte do mundo a que 15 chamarão Africa em varias provincias: na Mauritana, Tingintana, Cesariense, Nomidia, Libia e Mareotica. O interior de Africa pertence propriamente a Ethiopia, da qual neste capitolo queremos tratar, nam de toda sua grandeza, mas somente daquella parte que possuem os abexins e se chama Abassia ou Ethiopia sobre o 20 Egipto, que sam as terras e senhorios do emperador [243r] de Ethiopia, rey do Abexiim, as quaes vem dar nas portas do mar de Arabia; da qual banda terá de costa atté Suaquém cento e vinte legoas, metendo-se aqui alguns lugares de mouros que habitam terras montuozas que lhe não obedecem. Da banda do occi- 25 dente entra pello sertam atté entestar em terra de gente negra, como a de Guiné, que lhe pagão tributo em ouro. Da banda do

---

1 Cf. G. MESSINA, *Cristianesismo, Buddhismo, Manicheismo nell'Asia antica* (Roma 1947) 83 85. Trata-se, muito provàvelmente, dum rei dos Keraitos, habitantes da Mongolia, convertidos nos anos 1007-08.

2 Tem o parágrafo 17 este título: *Descriptio terrae Tartarorum... ex Ioanne de Plancarpio,* e o seguinte: *Mongali seu Tartari contra Presbyterum Ioannem dimicant.*

3 Cap. 1-3.

4 O verdadeiro nome deste Padre é *Schipman.* Nasceu em Hondschoote (Norte de França), formou-se em medicina e entrou na Companhia em Roma em tempo de S. Inácio. Foi reitor dos colégios de Lovaina e Douai. Faleceu a 12 de Maio de 1576 em Antuérpia (cf. SOMMERVOGEL V 1596-97).

5 Esta carta, parece não ter sido registada pelos bibliógrafos; devia estar na edição de Antuérpia de 1557.

norte tem o Egito, e do sul os montes da Lua [1], dos quaes saem muitos rios de que se fazem grandes alagoas, donde nasce o Nilo que rega toda esta terra e o paes do Egipto atté descarregar suas agoas no mar Meditarraneo junto da cidade de Alexandria, fronteira da ilha de Chipre. Faz este rio Nilo huma grande ilha per nome Merar [2], a que agora chamão Nobaovelsaba, donde dizem os da terra que era senhora a rainha Sabba ou Maqueda [3], e que dally partio pera Jerusalém a disputar com el-rey Salamão; e que da mesma ilha foi também senhora a rainha Candaces que mandou o eunuco, por nome Indie, a Jerusalém com offertas ao templo, a quem baptizou São Felippe diacono [4].

Os reinos e senhorios do emperador Preciozo Joam conthém em circuito mais de setecentas legoas. Tem grandes serranias, das quaes algumas são tão cerradas que se não pode entrar nellas senão por veredas mui estreitas que se fecham com huma só porta, em sima das quaes há muitos campos e rios de que se regão, que os faz ser muito fertiles, como o hé a mor parte destes senhorios de trigo, criações, algodões. Tem muitas minas d'ouro, prata, cobre, estanho, ferro e chumbo em muita quantidade. Não querem contudo agora os reis da Abassia que se abram as minas de ouro e prata pera que não espertem o appetite a seus imigos, e por essa causa lhe façam mais crua guerra. Há muitas criações de cavalos e mullas. Não tem vinho, em lugar do qual usão de certa beberagem feita de mel, cevada e agoa.

Daqui se colhe quam erradamente escreveo Frey Luis de Urreta na pagina 256 [5], que Ethiopia hé feracissima de vinho, como se o clima daquella terra fora tão favoravel a Baco como Italia ou Espanha. Pois escreve que hé tão grande a copia de vinho que se faz na Ethiopia, que não se podendo gastar na propria terra há

---

[1] Montes imaginários da África meridional, ao sul das nascentes do rio Nilo.

[2] Meroé, reino e vila entre Atbara e Khartum. Os antigos falavam também duma ilha imaginária deste nome. Cf. BARROS, *Déc.* III, l. 4, c. 2; A. KAMMERER, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie depuis l'Antiquité* II (Le Caire 1935) 446.

[3] Makeda. Expõe a lenda etiópica desta rainha A. KAMMERER, *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie depuis l'Antiquité* I/3, (Le Caire 1929) 262-63.

[4] Act. 8, 27-38. O nome do eunuco não vem na S. Escritura.

[5] Da obra de Fr. Luís de Urreta cf. BECCARI XV 350-51, e STREIT XVI n. 2361. De volta a Roma a 7 de Sept.

delle grande saca pera fora; e que não há vazilhas em que se guarde, senão cisternas cavadas na viva rocha, e que humas das provincias que delle goza hé a India, carregando os portuguezes suas naos nos portos de Xaquen, Çoco e Guardafu: sendo assy que não tem oje o Preste Joam porto algum em que se possão fazer as taes carregações, e não se bebe em toda a India de tal vinho, senão do que vem de Portugal.

E pera que digamos tudo, confesso que algumas terras de Ethiopia tem uvas, mas sam ellas tão poucas e os abexins tão pouco industriozos, que não sabem fazer vinho dellas, senão passas, das quaes os sacerdotes naturaes da terra fazem vinho pera as missas. Escreve o P.e Manoel Fernandez a dez de Junho [243v] de 1568 a N. R. P. Geral Francisco de Borgea que mandando buscar uvas pera comer e dizer missa com mosto, experimentou se se poderia fazer algum vinho pera as missas, e que em vinte dias se fizera tão bom vinho, que parecia ser dado por Deos, e que durou perto de hum anno [1]. E o P.e Pero Paes, achando-se na corte do Abexim no anno de 1604, escreve que, pedindo-lhe o proprio rey que dissese missa, a deixou de dizer por falta de vinho, do qual em toda a corte se não achou gota [2]. E o P.e Belchior da Silva, estando em Ethiopia por vigairo dos portuguezes [3], mandou perguntar aos theologos de Goa se podia dizer missa com vinho espremido das passas [4], o qual se faz desta maneira. Tomão huma panela nova de barro e metem nella as passas entresachadas com certa herva que as faz inchar ajudada da natural humidade da terra na qual a panela se enterra, e depois de alguns dias espremem as passas e com aquelle liquor dizem missa. E não lhe fora necessario fazer semelhante pergunta, nem usarem os sacerdotes deste vinho, nem de mosto se as cisternas estiverão cheas de vinho.

E cousa dura hé de crer que não aja em Ethiopia vazilhas de barro pera conservação do vinho, se o ouvera, ou que

---

4 Coco *LR* || 24 metem *R*, meetem *corr. de* mentem [?] *L*

---

1 Cf. o texto desta carta em BECCARI X 246.

2 Falta a carta em Beccari.

3 Nos anos de 1598 até 1604. Era sacerdote indígena de Goa (cf. BECCARI XV 334).

4 Já no tempo de S. Inácio esta questão foi discutida em Roma e decidida em favor da validez (cf. MI *Epp.* VIII 701; POLANCO, *Chron.* VI 18).

falte madeira sendo a terra montoza e povoada de arvoredos. E Dom Joam Bermudes conta que conquistando os christãos huma serra acharão mantimentos e vinho de mel em cantaros, e que bebendo dous homens delle cairão logo mortos polla peçonha que tinhão [1]. Há logo cantaros em Ethiopia. E o patriarcha Dom André de Oviedo escrevendo a el-rey Dom Sebastião em desoito de Junho de 1567 diz que todas as vazilhas de comer e beber são de cera, tirando as que chegão ao fogo [2], dando a entender que não falta barro de que se fação.

Não vem o imperio por sucessão ao filho mais velho, senão aquelle que o pay nomea, como acontece a David de que agora falamos, o qual sendo nascido no terceiro lugar foi preferido aos dous irmãos mais velhos que vivião. Não batem moeda, mas a permutaçam se faz com ouro e prata a pezo, como se usa na China, e com pano; admittem comtudo moeda estrangeira. Nam tem dereito escrito, as demandas se terminão verbalmente, pello que há poucas e menos procuradores. As armas do Preste Joam sam hum leam posto em gemeas com huma cruz na mão dereita.

O emperador David (e parece que também os mais) se intitulava de modo seguinte: «David, amado de Deos, coluna da fee, do sangue da estirpe da [!] Judá, filho de David, filho de Salamão, filho da Coluna de Syam [3], filho da semente de Jacob [4], filho da mão de Maria [5], filho de Nau per carne [6], emperador da grande e alta Ethiopia, de todolos seus grandes reinos e provincias, rey de Xoa, de Gafate, de Fatigar, de Angote, de Barua [7], de Baaliganzi, de Adea, de Vangui [8], de Gojame, onde nasce o Nilo [9], d'Emara [10], de Vaguemadri [11], de Ambea [12], de Vague [13], de Tigré Mahom, de

---

1 *Breve relação,* c. 31.
2 Beccari x 222. Cf. também infra, c. 23, p. 272.
3 É o nome do rei Amda-Sion I (1313/1314-1333/1334).
4 Zara-Yakob, 1433/34-1468.
5 Baeda-Mâryâm 1468-78.
6 Naod, quarto filho do precedente, 1495-1508.
7 Debaroa no Tigré.
8 Oggê.
9 O Nilo Azul, que sai do lago Tanna.
10 Amhara.
11 Begameder.
12 Dambiá.
13 Vague (F. Álvares).

Sabaim, donde foi a rainha Sabba, de Barnagas, senhor [244r] atté Nobia onde hé a fim do Egipto» [1].

Todos estes senhorios conthém o espaço que disse, que será tamanho como toda Espanha e França atté o rio Rim. E por este reino ser tamanho, habitado de christãos, mouros, gentios e barbaros, nunca este emperador está em paz com seus proprios vassalos e vezinhos poderozos, alevantando-se huns e rezistindo os outros. E porquanto estes reis não guardão a lealdade e fidelidade devida a seu Deos, por isso permittio que os vassalos e vezinhos lha não guardassem e se alevantassem com grande parte do reino, de modo que tem necessidade de chamar estrangeiros que os ajudem a defender suas terras e senhorios. Pollo qual respeito anda sempre el-rey em campo, e também pera exercitar os fidalgos nas armas; e assy elle como os capitães e soldados se agazalhão em tendas, que depois d'armadas tomão mais de três legoas de comprido e través. Assentão o arrayal em redondo, no meyo do qual fica a praça principal e as tendas do emperador e officiais de sua casa a legoa della e às vezes mais, e as tendas dos outros senhores e mais praças per lugares já certos, de maneira que onde quer que o arrayal estê se sabe o alojamento de cada hum destes senhores e onde estam os bazares, isto tão certo que por rustico que hum homem seja não poderá errar as ditas estancias. Neste arrayal há treze freguesias [2], nas quais cada hum dos fregueses hé obrigado ouvir os officios divinos. Continuamente há mais de duzentos mil homens de peleja e serviço. E porque o emperador anda sempre no campo, não passão as povoações de dous mil vezinhos, mal cercadas e muitas sem outros muros que tranqueiras e as mais sem ellas, de que quazi todos os moradores se occupão na mercancia e lavoura. Tem sumptuozas igrejas e mosteiros bem lavrados. O estado deste emperador Preste Joam era tamanho, que mostrava querer parecer mais divino que humano, atté tanto que muitos reis e senhores seus subditos lhe não podião ver o rosto senão por misterio, porque a huns, quando lhe iam falar, mostrava hum pee e a outros huma mão, sem lhe

---

[1] Semelhantes listas dos títulos reais têm ÁLVARES, *Verdadera informaçam*, c. 7 complementário; BARROS, *Déc.* III, l. 4, c. 1; CORREA III 53 e VALIGNANO, *Hist.* 322-23.

[2] Segundo F. ÁLVARES, *Verdadera informaçam*, c. 89, citado e corrigido pelo P. Páez, l. 1, c. 14 (BECCARI II 155).

poderem ver mais, e a reposta que lhes dava (estando elles na mesma camara em que jazia em hum leito feichado com as cortinas) era por terceira pessoa. Mas depois que perdeo algumas batalhas e teve communicação com os portuguezes, se fez mais hummano polla necessidade que dos vassalos tinha, e também por lhe dizerem que os principes de Europa tratavão familiarmente com todos [1], pello que à sua imitação dá publicamente audiencia aos que lhe pedem, como vimos que deu ao bispo Dom André de Oviedo e ao P. M. Gonçalo.

Os abexiis sam pretos, tem por ordinario o cabello crespo e revolto como as mais nações de Ethiopia; alguns porém são baços.

Porque razam chama a Sagrada Escritura ao estreito de Meca Mar Vermelho e em que regiam cahe Ofir.

Cap. 14.

[244v] Os portuguezes que da India vam ao Abexiim navegão e entrão o Mar Roxo, o qual terá obra de 350 legoas de comprido. À mão direita fica Arabia Felix, à esquerda Ethiopia sobre o Egipto, na qual está o reino da Abassia, onde estam os portos Suaquém, Massua, Arquiquo e outros. Os filhos de Israel passarão o Mar Vermelho no interior delle, onde está Egipto, e dizem que daly à outra parte de Arabia averá três ou quatro legoas.

Grande alteração há entre os autores porque causa se chame o estreito de Meca (que por outro nome diz-se Mar Eritreo) Mar Vermelho ou Roxo? A Sagrada Escritura em vários lugares lhe chama Mar Vermelho. Os mouros que navegam por elle zombam dos portuguezes por lhe chamarem Vermelho, vendo que suas agoas são claras, como experimentou per vezes Dom Joam de Castro quando foi ao Estreito em companhia do governador

---

22 cause *corr. mó I.*

---

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 321; P. Páez, l. 1, c. 13 (cf. BECCARI II 143-44).

Dom Estevão da Gama. A verdade hé que as agoas do Mar Eritreo não são vermelhas, e comtudo a Sagrada Escritura lhe chama Mar Vermelho.

A primeira opiniam seja dos que dizem chamar-se desta
5 maneira por causa do barro ou terra vermelha que está ao longo de suas prayas, a qual se reprezenta no mar illustrado com os rayos do sol, como se fora espelho. Nem hé cousa desacustumada veren-se as cousas corporaez nas agoas claras, como a experiencia cada dia mostra. Dizem outros, e seja a segunda opinião, que os
10 ventos alevantão grande poeira nas terras vezinhas, as quaes sendo de cor vermelha dão materia da mesma cor aos ventos que as levão ao estreito de Arabia, o qual pó caindo nelle tinge de tal maneira suas agoas, que parecem semelhantes ao sangue. A terceira opinião diz que el-rei Eritra deu o nome ao Estreito, donde lhe vierão os
15 autores gregos a chamar Mar Eritreo, e porquanto esta palavra eritra na lingua grega quer dizer cousa vermelha [1], por isso chamarão ao Estreito Eritreo Mar Vermelho. A quarta opinião hé de Joam de Barros na segunda Decada [2], do grande Afonso d'Alboquerque [3] e de Dom João de Castro no seu Roteiro [4], que ambos
20 com grande curiozidade em diversos tempos fizerão per sy mesmos grandes diligencias pera tirarem esta verdade a limpo; os quaes autores dizem que o lastro e fundo do Mar Roxo hé vermelho por rezão do coral que nelle se dá, o qual dizem ser vermelho.

Podemos ajuntar o que dizem outros, isto hé, que as areas
25 deste mar são vermelhas. E os hebreos dizem que humas ervas chamada[s] na lingoa suph [5], da mesma cor, são causa daquella apparente vermelhidão como doutamente prova o doutissimo

---

[1] Segundo o Roteiro de D. João de Castro (ed. 1833) 256; ἐρυθρά = vermelha.

[2] L. 8, apoiando-se na opinião de Afonso de Albuquerque.

[3] Na sua carta a D. Manuel, Cananor 4 de Dezembro de 1513 (*Cartas de A. de Albuquerque* I [Lisboa 1884] 231): «No mar Roxo ha muitas milhas d'agua vermelhas como sangue».

[4] No capítulo: *Se este Mar do Estreito he vermelho ou não, e as causas, porque lhe chamaram Mar Roxo (Roteiro de Dom Joam de Castro, da viagem que fizeram os portuguezes ao Mar Roxo no anno de 1541, tirado á luz... pelo Doutor Antonio Nunes de Carvalho* [Paris 1833] 256-61). Mandou mergulhadores que lhe trouxessem as pedras que jaziam no fundo, e viu que todas ou a maior parte eram de cor vermelha.

[5] Cf. Ex. 2, 3 e 5; *1 Reg. 9, 5;* Is. 19, 6; *Seiph: Iudc. 11, 16.*

P.e Joam de Pineda [1] no 4.º livro de Salamone, contendendo que esta palavra suph hé nome proprio do Mar Roxo e não appelativo [2]. Quando pois o sol reverbera nas agoas parecem ellas vermelhas, posto que o não sejão, como também os antigos geografos chamão ao rio que tem seu nascimento quatro legoas das montanhas de Monserrat Rubricatum [3], por causa das areas por onde correm terem estas cores. E diz Gaspar Barreiros que parece que mais rezão tiverão os autores pera lhe chamarem Rubricatum que ao Sino arabico Mar Roxo [4]. De modo que, assy como não tendo o ar nem o sol [245r] cor alguma, comtudo por razam dos vapores que debaixo sobem ao alto fazem parecer o ar e o sol vermelho, não no sendo, assi as agoas eritreas não tendo cor alguma parecem comtudo vermelhas por rezão das species que o coral vermelho lança de sy atté nossa vista. E comtudo o vulgo não se curando desta filosofia fala conforme ao sentido da vista, o qual terminando-se no seu objecto visivel, assy julga delle como se lhe reprezenta.

Da mesma maneira falão as escrituras divinas e hummanas: as divinas, Christo Senhor Nosso falando com os fariseus e saduceus, os quaes lhe pedião fizesse algum milagre no ceo, lhes deu esta reposta: Quando sobre a tarde vedes o ceo vermelho, dizeis que ao dia seguinte averá serenidade; e quando pola menhã vedes o ceo carregado pronosticais que averá naquelle dia tempestade, e comtudo o ceo e o ar não hé vermelho. E Christo Nosso Senhor accomoda-se ao povo no modo de falar. Da mesma maneira no livro do Exodo [5] e nos psalmos se chama o Estreito de Meca Mar Vermelho [6], não porque elle na verdade o seja, senão porque o

---

26 se *sobrep. m6 L* | chama *risca m6* a *L*

---

1 O P. João de Pineda nasceu em Sevilha em 1558, entrou no ano de 1572, faleceu a 27 de Janeiro de 1637 na sua cidade natal. Compoz várias obras exegéticas (cf. SOMMERVOGEL VI 796).

2 *De rebus Salomonis,* l. 4, c. 10 [Lugduni 1609] 177.

3 Os antigos chamavam este rio *Rubricatus,* que é o Llobregat de hoje. Nasce muito mais longe de Montserrat.

4 Será na obra *Commentarius de Ophyra* (Conimbricae 1561)?

5 Ex. 10, 19; 13, 18.

6 Ps. 105, 7, 9; 135, 13.

parece. Os mesmos sinaes que o Redemptor do mundo deu do bom e do mao tempo [1], dá também Vergilio nas suas Georgicas [2]. E Deos Nosso Senhor, no profeta Joel, falando do espantoso dia do juizo diz que o sol se converterá em trevas e a lua em sangue [3], 5 e todavia a lua não tem sangue que aja de derramar.

Tem comtudo esta opinião tão recebida dos portuguezes algumas cousas contra sy. A primeira que o mesmo Dom João de Castro mandando mergulhar naquelle mar trouxerão os mergulhadores coral branco e não vermelho [4]. E Plinio no livro 35 de sua 10 Natural Historia diz que hé negro [5]; e D. João de Castro diz que per espaço de 220 legoas não achou que o mar reprezentasse cor alguma [6]. Logo nem todo o Mar Roxo tem na mayor parte de seu fundo cousa que o possa denaminar [!] tal, nem em todo elle parece aver coral vermelho. Diz também Plinio que o coral se faz ver- 15 melho e duro fora d'agoa [7], e Ouvidio diz que tanto que o coral se tira do mar se endurece, sendo debaixo das ondas mole herva [8], como também escreve Dioscorides [9]. Pollas quaes rezões não parece esta opinião tão certa que mereça credito indubitavel.

A derradeira opinião pode ser a seguinte, dizendo que o Estreito 20 se chama Mar Vermelho porquanto o exercito de Faraó se afogou nelle, e como quer que aly ouvesse seiscentos carros de peleja [10] e muita gente de cavalo e de pee, vendo que o mar se fechava, começarão de fugir dando huns pellos outros, e comtudo vindo o mar sobre elles ficarão nelle mortos. E o sangue que de tantos milha- 25 res de homens corria fez o mar tão vermelho, que foi bastante pera lhe dar o nome, como também o foi o dinheiro que Judas recebeo e tornou a dar aos judeus pera dar ao campo que com elle se comprou pera sepultura dos peregrinos, porque sendo preço de sangue

---

1 Cf. Mt. 16, 2-3; Lc. 12, 54-55.

2 Cf. *Georg.* I, 43 e segs.

3 2, 31.

4 Cf. *Roteiro,* p. 260.

5 Cf. *Hist. nat.* 32, 4: «Gignitur [curalium] et in Rubro quidem mari, sed nigrius».

6 Cf. *Roteiro,* p. 257.

7 *Hist. nat.* 32, 22: «Bacae eius candidae sub aqua ac molles, exemptae confestim durantur et rubescunt». Assim julgavam os antigos.

8 *Metam.* 15, 416 e 4, 750-52.

9 5, c. 121 (alias 138 ou 139).

10 Ex. 14, 7.

tiverão escrupolo de o meter outra vez no thezouro, e por esta causa o campo se chamou daly por diante campo do sangue [1]. E o patriarcha Jacob chamou ao lugar onde falou com Deos Bethel, [245v] que quer dizer casa de Deos, perdendo a cidade o antigo nome de Luza pella visam que nella aconteceo [2]. E Moizés e seu irmão Aaron poserão ao lugar onde milagrosamente Deos lhe deu agoa, dando Moizés com a misterioza vara na pedra, agoas da contradição [3]. Dos quaes lugares e doutros muitos que podera trazer se prova bastantemente a derradeira opinião, que me parece mais provavel que todas as outras [4].

E se porventura ouver algum escriptor que diga que antes que Deos matasse os egipcianos já aquelle Estreito de Arabia se chamava Mar Vermelho, mudarei a opinião se o tal escritor provar seu intento, mas eu cuido que nenhum autor poderá provar isto, porque Moisés hé o mais antigo escritor [5] ou dos mais antigos que ouve. Escrevendo elle a historia do transito dos filhos de Israel aos catorze capitulos do Exodo, e fazendo nelle muitas vezes menção deste mar, nunca lhe chamou vermelho, porém no cantico vendo que ficara sanguinolento lhe deu o epiteto de vermelho [6]. Mas dirá alguém que já no capitulo decimo do mesmo livro mandou Deos hum grande vento que levou os gafanhotos ao Mar Vermelho [7], o que aconteceo estando ainda os filhos de Israel no Egipto: logo já o mar se chamava Vermelho antes que os egipcianos nelle fossem mortos. Respondo que Moizés escreveo sua historia depois de passar o Mar Roxo, no qual tempo já o mar fora tinto com o sangue egipciano, e dali por diante lhe chamarão os judeus Mar Vermelho, pello que quando Moizés escreveo o mila-

---

24 Respondeo *corr. m6 L*

---

1 Cf. Mt. 27, 5-8.

2 Iudc. 1, 22-23.

3 Num. 20, 11-13.

4 Até hoje não se sabe, com certeza, a razão porque este mar se chama Vermelho. O nome hebraico *Suph* significa junco; é também nome de várias plantas e de algas (M. HAGEN, *Realia Biblica, Geogr.* [Parisiis 1914] 255).

5 Uma opinião de certos autores cristãos antigos.

6 Ex. 15, 4.

7 Ex. 10, 19.

gre dos gafanhotos diz que forão lançados no Mar Vermelho, porque já neste tempo em que elle escreveo lhe chamavão os judeus Mar Vermelho, pello que se accomodou à lingoagem commua do tempo em que escreveo.

5 E se alguém disser que quem morre afogado no mar não derrama sangue, respondo que hé verdade, quando antes de ser afogado ou depois ou no mesmo acto não ouver cousa violenta que tire o sangue do corpo, porém quando os egipcianos se virão no meyo do mar e que da parte de Arabia, estando já os filhos de 10 Israel em salvo, voltarão pera traz com tanto impeto e furia que os carros e os cavalos passavão huns por cima dos outros, no qual encontro ficarão quazi todos feridos e muitos delles mortos, e vindo o mar sobre elles afogou a todos. E as lanças, setas, frechas e pedaços dos carros já quebrados derão pellos corpos fazendo-os 15 em pedaços e ferindo nelles, como vemos acontece quando huma nao faz naufragio. E assy como Deos Nosso Senhor quando abrio o mar mandou grande vento pera secar o caminho por onde avião de passar os judeus a pee enxuto [1], da mesma maneira hé de crer que quando afogou o exercito de Faraó mandou vento vehe- 20 mente que alterasse de tal maneira o mar, que ficasse bravo e furiozo contra os inimigos, lançando-os nas prayas de Arabia à vista do povo amado.

Do Mar Roxo partirão as duas armadas d'el-rey Salamão e d'el-rey Hiram, senhor dalguns portos daquelle mar, e dentro de 25 três annos yam e vinhão a Ofir, da qual os feitores de Salamão levavão quatrocentos e mais talentos de ouro, prata, marfim, bugios, pavões e pedras preciozas [2]. Toda a difficuldade está saber [246r] onde estava Ofir. Dizem alguns que era o Novo Mundo [3], outros que era Sofala [4]. Os primeiros nenhum fundamento tem, pois que 30 os antigos não conhecerão taes terras, porque se descubrirão em nossos tempos. Os 2.ºs carecem de probabilidade, porque na Cafraria, onde está Sofala, não há pedras preciosas nem bugios de preço, nem pavões, posto que haja ouro e marfim. Dizem os que melhor

---

1 Ex. 14, 21.

2 3 Reg. 9, 28; 10, 11.

3 Especialmente Peru (cf. PINEDA, *De rebus Salomonis,* l. 4, c. 16, §§ 3-6 e M. HAGEN, *Realia Biblica, Geogr.* 284).

4 Veja-se HAGEN l. c. e PINEDA, l. c., § 7 n. 1.

sentem que Ofir está na India, a qual se chama deste nome de Ophir, filho de Jactam Gen. 10 [1], que habitou e povoou parte da India regada do rio Cophino [2], do qual Joseph Pomponio Mela [3], Plinio [4], Estrabão [5] fazem menção. Que parte seja da India, se pergunta? Respondo que hé todo aquelle tracto que corre do illustre Ganges té Malaca, chamada dos antigos Aurea Chersoneso [6], no qual espaço está o reino de Peghu, abundantissimo de minas de ouro e de pedras preciosas, Bengala, Menancabo [7], Samatra e muitas outras regiões, nas quaes há todas as cousas que levavão a el-rey Salamão. O qual, posto que não fosse senhor do Mar Roxo, donde se fazia a viagem, era comtudo amigo d'el-rey Hirão que lhe dava os pilotos e naos por seu dinheiro, porque não se communica o Mar Roxo com o Mediterraneo senão com o Mar Indico. Pello que não hé necessario dizer que as naos de Salamão vinhão demandar o estreito de Gib[r]altar e daqui o Mar Roxo, onde se ajuntavão com as naos d'el-rey Hirão, porque nunca esta navegação foi sabida dos antigos, a qual os portuguezes descobrirão em tempo dos reis de Portugal. Tornavão as duas armadas a embocar o Mar Roxo e os feitores de Salamão levavão por terra as cousas que da India trazião.

Quem quizer ler esta questam diffusamente tratada lea ao doutissimo Gaspar Barreiros no fim de suas obras, e o P. Joam de Pineda, da nossa Companhia, que com grande diligencia e per varios paragrafos trata de Ophir no livro 4.º de Salamão, capitulo 16 [8].

---

1 Gen. 10, 25. Lê-se na S. Escritura *Iectan*. Cf. HAGEN, o. c. 215-16 284.

2 Fala do rio Kophen ou Kophes.

3 3, 69.

4 *Hist. nat.* 6, 62 78 94.

5 Cf. *Strabonis Geographica,* 15, 26-27.

6 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 85-86.

7 Quase no meio da costa ocidental de Sumatra (cf. *Mohit,* táb. XXV-XXVI).

8 A opinião mais provável tem que Ofir estava na Arábia meridional (cf. HAGEN, *Realia Biblica, Geogr.* 284-85).

Alguns custumes dos abexiins.

Cap. 15.

Quando os abexins jejuão estam sem comer atté se pôr o sol, e jejuão as quartas-feiras em memoria do conselho que os judeus tiverão a quarta-feira pera matar Christo Nosso Senhor. Jejuam as 6.as à honra de sua morte e paixão; jejuam a Quaresma a pam e agoa, e tem em cada hum destes dias sete oras de oração. Às quartas e 6.as-feiras da Quaresma dizem missa à hora das vesporas, porque antão espirou o Redemptor do mundo na crus. Nos domingos se ajuntão às horas de terça às igrejas pera ler e ouvir os livros dos sanctos prophetas, depois se prega o Evangelho; pregado elle se diz a missa. Guardão nove dias à honra do Senhor, comvém a saber, o da Annunciação, Natal, Circuncissão, Purificaçam, baptismo, transfiguração, Domingo de Ramos até à octava, 6.a-feira das indulgências [1], Ascenção e Pentecostes com suas octavas. Comem carne todos os dias que há da Paschoa de flores atté Pentecostes, no qual tempo não jejuam.

Celebrão também com muita festa o dia em que a Senhora falleceo e subio ao ceo. Ordenou hum dos emperadores de Ethiopia, [246v] chamado Semente de Jacob [2], que à honra da mesma Senhora se guardassem cada anno trinta e três dias; e que em louvor do nascimento do Senhor se guardasse cada mez o dia que cahe aos vinte e cinco, e que hum dia cada mez se guardasse em louvor do anjo Sam Miguel. Também guardão o dia de S. Estevão e doutros martires e todos os sabbados e domingos. Comem carne aos sabbados, tirando os da Quaresma.

Nenhum sacerdote pode ter concubina, salvo se de todo deixar o exercicio das ordens ficando suspenso pera sempre. Se os bispos e clerigos tiverem filhos bastardos sam logo privados de quantos benefficios tem e juntamente da dignidade episcopal e sacerdotal;

---

15 octava *risca* da *L* || 21 dias *sobrep. mó L* || 24 Migel *corr. mó L*

---

1 Cf. Num. 29, 29-31.
2 Zara Yakob 1433/34-68.

os bens dos quaes, se morrem sem filhos legitimos, vem ao Preciozo Joam e não ao Patriarcha. Ninguém pode ter mais que huma só molher. Qualquer sacerdote que se comprehende em adulterio, homicidio, furto ou falso testemunho, depois de degredado das ordens hé castigado como qualquer secular comprehendido nos mesmos dilictos.

No tempo em que estam nas igrejas não podem rir, nem passear, nem cuspir, nem escarrar, nem fallar em cousas profanas. No dia que commungão não pode[m] cuspir e se cospem são castigados com graves penas, nem se podem sangrar. Nos mosteiros dos frades nam podem entrar molheres, nem alguma alimaria femea. Os religiozos jejuam 50 dias a pam e agoa; alguns não comem pão, senão hervas. Outros dormem no mesmo tempo metidos na agoa atté à barba. Os religiozos criam cabeleiras, mas não os clerigos. Os abexins tem por delicias comer a carne mal assada e meya crua, fazendo molho do sangue fresco.

Contam que a rainha Sabbá ouve hum filho d'el-rey Salamão por nome David, e que foi ungido por rey de Ethiopia diante da arca do testamento. E que Azarias, hum dos principaes sacerdotes do templo, furtou as taboas que estavão na arca do testamento, diante das quaes o novo rei David, à imitação de seu avô, bailou e dançou depois de chegar a seu reino [1]. Também dizem que do tempo deste David até o prezente não reinarão molheres. Fingem que o sanctissimo lenho da crus foi da propria arvore em que Adão peccou, que foi sepultado no lugar da probatica piscina [2], e que no tempo da paixão do Senhor appareceo no mesmo tanque, do qual os ministros da justiça fizerão a crus em que o Senhor foi crucificado, comprindo-se nisto o que Salamão tinha dito à rainha Sabbá, a cujos rogos mandou sepultar aquelle madeiro pera que não fosse instromento de morte tão injustamente dada.

[247r] Há [3] custume que todos os filhos varões dos reis, tirando os herdeiros, tanto que sam criados logo os metem em

---

31 *Desde* Há *m4 L*

---

1 Doutra maneira expõe Páez a história de Azarias, filho de Sadoc, segundo os «livros de Ethiopia» (cf. BECCARI II 537).

2 Cf. Io. 5, 2.

3 Desde aqui até à folha 258v a mão quarta, cuja ortografia não é boa.

huma pedra mui grande, que hé boa fortaleza, a qual está na provimcia de Amara, e alli vivem toda a sua vida sem nunca dalli sair, senam se o rei que reina morre sem herdeiros, porque antam tiram da pedra o mais chegado pera que vá reinar, o qual nam
5 leva consigo molher nem filhos, se os tem, mas ficam na pedra e elle torna a casar no reino com outra molher. Isto fazem aos homens e nam às molheres, porque dos homens se temen que podem fazer algum alvoroço no reino sobre a heramça delle e não se temem das molheres, as quaes casam com os senhores princi-
10 paes do reino.

Quem pregou aos abexins e a quem obedecem nas cousas espirituaes.

Cap. 16.

Glorião-se os abexins de receberem a fee e sagrado bautismo
15 do apostolo São Matheus, o qual pregou em Ethiopia omde converteo a nossa santa fee ao rei e rainha, e a toda a provincia por occasião do grande milagre que Deos por elle fez resuscitando huma filha do proprio rei. Recebeo também o santo bautismo huma filha d'el-rei chamada Ifiginia. Morrendo el-rei soccedeo no
20 reino Hirtaco, o qual mandou matar o Santo Apostolo estando dizendo missa por não consemtir que a santa domzella Ifiginia casasse com elle, porquanto tinha consagrado ao Eterno Esposo sua pureza virginal [1]. Pregou o Santo Apostolo per espaço de vimte e três annos aos ethiopes, ganhando almas pera Deos,
25 edeficando igrejas, ordenando sacerdotes, consagrando bispos, e finalmente doutrinando a todos na fee catholica; pera o que ajudou muito o Evamgelho que elle tinha escrito, o qual pregou e declarou aos abexins e mais povos de Ethiopia.

No mesmo tempo em que o apostolo Sam Matheus andava
30 occupado na comversam das almas de Ethiopia, andava também o evangelista Sam Marcos lançando os fundamentos da fee catholica

---

[1] Segundo as lições do Breviário na festa do Santo (21 de Setembro). Sabe-se, porém, que S. Mateus nunca esteve na Etiópia (cf. BECCARI V 10).

na provimcia de Egipto, escolhendo por seu asento a cidade de Alexandria, a qual edeficou Alexandre Magno, rei de Maçadonia, em [247v] espaço de dezasete dias. Tinha em roda seis mil passos; está junto do mar, como se prova dos Actos Apostolicos, porque Sam Paulo achou em Listra huma nao de Alexandria, na qual navegou pera Italia [1]. De maneira que assi como o apostolo Sam Pedro poz sua cadeira em Roma, edeficada por Romolo, assi seu discipulo Sam Marcos escolheo a primcipal cidade de Egipto, edeficada por Alexandre, pera nella e na provimcia de Egipto pregar o seu Evamgelho, o qual elle escreveo assy e da maneira que o tinha ouvido pregar ao apostolo Sam Pedro, o qual elle approvou, e authorizou o Spirito Santo, dando-lhe authoridade de escretura canonica.

Pello discurso do tenpo ouve no Oriente quatro cadeiras patriarchaes: Alexandri[n]a, Antioquema[!], Constantinopolitana e Jerusolimitana, as quaes per dereito divino sam sogeitas à cadeira romana e os patriarchas ao Papa como a cabeça universal de toda a Igreja. Os christãos pois de Ethiopia e de Abassia pediram sempre prelados pera suas igrejas ao Patriarcha de Alexandria, na qual ouve pastores de grande santidade de vida e letras. O primeiro, como diziamos, foi o evamgelista Sam Marcos, em cujo tempo floreceo a christandade de Alexandria, da qual o doutisimo Filo, judeu, escreveo muitos louvores. E assi como na cidade de Jerusalém os primeiros christãos que ouve vendião suas fazendas e levavão o preço dellas aos Apostolos, vivendo todos em commum à maneira de relegiosos [2], assi também a primitiva igreja alexandrina imitava a de Jerusalém.

Soccedeo ao evamgelista Sam Marcos Aniano, varam santissimo. Da mesma igreja foram também pastores Santo Athanasio, Sam Cirilo, Sam Dionisio, Sam Pedro, martir, e muitos outros. Também a mesma igreja de Alexandria deu muitos samtos martires: a virgem Santa Caterina, a qual os santos amjos sepultarão no Monte Sinai, e Santa Apolonia. Deu também o Egipto a Santo Antan com infinidade de anacoretas e solitarios, e o grande Hilarião estudou na universidade alexandrina, bem celebre naquelles tenpos. Emquanto a santidade e a fee catholica floreceo na igreja alexan-

---

[1] Act. 27, 5-6.
[2] Act. 4, 34-35.

drina, também os pastores das igrejas e bispados a ella sogeitos eram catholicos, conservando en sua pureza a santissima ley e fee de Christo, Redenptor do mundo, ao qual confesavão nos tormentos deixando primeiro a vida nelles que a fee, a confissan dos quaes era nesta maneira:

Profissam da fee dos christãos de Ethiopia e dos abexins [1].

Cap. 17.

Cremos no nome da Santa Trindade, Padre, Filho, Esperito Samto, que hé hum só [248r] Senhor, três nomes, huma divindade, três faces, huma semelhança, igual conjumçam de três peçoas, iguaes em divindade, hum reino, hum trono, hum juis, huma caridade, huma palavra e hum spiritu. A palavra do Padre e do Filho, palavra do Spirito Samto, e o Filho hé a mesma palavra, e a palavra era acerca de Deos, e acerca do Espirito Santo, e acerca de si mesmo, sem nenhum defeito ou divisão, Filho do Padre e filho do mesmo Padre sem começo. Primeiramemte sen mãi, Filho do Padre, o segredo e misterio de sua nascença ninguém o sabe, senão o Padre e o Filho e Espirito Samto, o qual Filho no começo era a palavra e a palavra era palavra acerca de Deos, e diz era a palavra; e o spirito do Padre, Spirito Samto; o spirito do Filho, Spirito Samto; o Spirito Samto, spirito de si mesmo, sem nenhuma deminuação ou agmentaçam, o qual Spirito Samto comsolador e nosso intercessor, Deos vivo que procede do Padre e do Filho, falou pella boca dos profetas e descemdeo em flama de fogo sobolos Apostolos na porta de Siam, os quaes pregarão por todo o mundo a palavra do Padre, a qual palavra era o mesmo Filho. O Padre não hé primeiro por ser Padre, nem o Filho derradeiro por ser Filho, e assy o Spirito Samto não hé primeiro nem derradeiro, três pessoas hum só Deos, que vee tudo sem ser visto de nimguém, que com seu só conselho criou todalas cousas.

Depois do que, o Filho, de sua propria vomtade, por nossa salvaçam, com o querer do Padre e comsentimento do Spirito

---

[1] É uma profissão católica romana.

Samto no ventre de Maria Virgem, a qual Maria era ornada de duas virgimdades, huma spiritual e outra carnal. E nasceo sem nenhuma corrupção, ficando ella virgem depois do parto e, com grande milagre e segredo, inflamada do fogo da divindade, pario seu Filho, Jesu Christo, sem sangue e sem dores, o qual foi homem innocente e sem peccado, perfeito Deos e perfeito homem, sem ter mais que hum aspecto. Criou-se pouco a pouco, mamando como menino o leite de Maria Virgem, sua Mãi, e òs trinta annos de sua idade foi bautisado no rio Jordam, e assi como os outros homens andou, camsou, suou, ouve fome e sede, o que tudo sofreo de sua propria vontade. Fez muitos milagres e por sua divindade deu vista aos cegos, sarou os demoninhados, mancos e leprosos, resuscitou os mortos, o qual por derradeiro, de sua propria vontade, foi preso, açoutado, esbofeteado, crucificado e morto por nosos peccados; e com sua morte venceo a morte e ao diabo, e com sua santa paixão remio nossos peccados e tirou de nós todas as infirmidades, e com o bautismo do seu sangue, o qual bautismo foi a sua morte, bautizou os patriarcas e profetas, e descendeo aos infernos onde estava a alma de Adam e de seus filhos. E no splendor e poder [248v] de sua divindade e com a força da cruz quebrou as portas de fogo e de arame e dos imfernos, e prendeo Satanás com cadeas de ferro, e remio Adão e seus filhos.

Isto tudo fez Jesu Christo porque era cheo de divindade e a mesma divindade estava na sua alma e no seu samtissimo corpo, e esta divindade deu virtude à cruz, a qual divindade elle teve sempre e tem com o Padre em trindade e unidade, nem o mesmo Senhor Jesu Christo emquamto amdou na terra careceo hum só momento de sua dignidade e divindade. Emfim foi sepultado este mesmo Jesu Christo, Princepe da resurreiçam, Jesu Christo dulcissimo, Jesu Christo Princepe dos sacerdotes, Jesu Christo Rei de Israel, e resurgio com grande força e poder. E depois que foram compridas todalas cousas que os santos profetas disserão [1] subio ao ceo com gloria, onde está posto à destra do Padre, donde há-de vir com gloria (trazendo sua cruz diante da sua face e na mam a sua espada da justiça) a julgar os vivos e os mortos.

Creo na Samta Igreja Catholica e Apostolica; creo em hum bautismo, que hé a remissão dos peccados; espero resurreição dos

---

[1] Lc. 24, 25-27.

mortos e a vida eterna no tempo que há-de vir. Creo à Senhora Samta Maria Virgem, virgem do espirito e da carne, a qual como Madre de Deos e caridade de todolas gentes, Samta dos Samtos, Virgem das Virgens, acato e venero de todo meu coração. Creo o
5 samto lenho da cruz ser o leito da paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, Filho de Deos, o qual Christo hé nossa salvação por quem somos salvos [1], escandalo aos judeus e doudice aos gentios [2]. Nós sem nenhum medo pregamos e cremos a fortaleza da cruz de Nosso Senhor Jesu Christo do mesmo modo que o doutor Sam Paulo no-lo
10 ensinou. Assi creo que São Pedro é pedra da ley, a qual ley hé edeficada sobelos profetas, fumdamento e cabeça da Igreja Catholica, oriental e occidental, onde conhece o nome de Nosso Senhor Jesu Christo, de cuja Igreja Sam Pedro apostolo tem o poder e as chaves do reino do ceo, com que pode abrir e fechar, ligar e absol-
15 ver [3], o qual se assentará com os outros Apostolos seus companheiros sobre doze cadeiras con homrra e louvor a-par de Nosso Senhor Jesu Christo [4], que no dia de juiso nos há-de julgar; o qual dia será de prazer aos Samtos e de tristeza e temor aos peccadores, quando os lamçarem nas flamas ardentes do inferno com seu pay
20 o diabo. Creo os samtos profetas, apostolos, martires e comfeçores serem verdadeiros imitadores de Jesu Christo, os quaes honro e venero com os santissimos anjos de Deos, e o mesmo faço àquelles que os seguem. Além disto creo que a confição de todos meus peccados devo fazer de boca ao sacerdote, per cujos rogos, per
25 Jesu Christo Nosso Senhor espero alcansar salvação de minha alma. Assi mesmo conheço o Pontifice romano por primeiro bispo e pastor das ovelhas de Jesu Christo e todolos patriarcas, cardeaes, arcebispos e bispos, dos quaes elle hé cabeça, a quem como a menistro do Senhor Jesu Christo [249r] humildosamente obedeço.
30 Esta minha fee e lei e do povo christam de Ethiopia, sogeito ao Pricioso Joam, a qual com tanto amor de Jesu Christo é confirmada antre nós, que nem por medo de morte, nem de fogo, nem de cutello, ajudado da graça de Nosso Salvador Jesu Christo, ey-de renunciar nem negar; e esta fee avemos de levar todos no dia do
35 juizo diante da fee de Nosso Senhor Jesu Christo.

---

1 Cf. Rom. 8, 24.
2 1 Cor. 1, 23.
3 Mt. 16, 19.
4 Mt. 19, 28.

Erros da igreja alexandrina e dos abexins.

Cap. 18.

Doze vezes se apartarão os patriarcas orientaes da fee catholica, sendo senpre os patriarcas de Constantinopla os principaes autores destas divisões pollo grande favor que tinhão nos emperadores hereges, os quaes faziam seu assento en Constantinopla, pollo que se chamava Nova Roma. Mas o que por agora nos inporta hé saber quaes foram os hereges que derão com a fee atravez na igreja alexandrina, ethiopica e abassina. Digo que foram primcipalmente dous: Dioscoro, patriarca de Alexandria, e hum abbade de muitos mosteiros, chamado Eutices, dos quaes fazem mençam as historias ecclesiasticas. Estes hereges causarão a terceira divisam geral nas igrejas do Oriente em tempo do papa Leam primeiro deste nome no anno do Senhor de quatrocentos e corenta e quatro [1]. A causa deste scisma foi desta maneira.

Morto Sam Cirilo, patriarca de Alexandria, grande coluna da verdade e zelador da pureza da fee catholica, socedeo no patriarcado Dioscoro [2], grande laço do diabo. Neste mesmo tempo era patriarca de Constantinopla Flaviano, varam samtissimo. Avia nesta conjunção na mesma cidade constantinopolitana hum abbade de muitos mosteiros, o qual abominando e detestando a Nestorio que punha duas pessoas em Christo, inpugnou de tal maneira a heregia de Nestorio, que veo a dar na outra totalmente opposta, dizendo que não avia em Christo mais que huma natureza, e que a natureza humana de Christo se converteo na natureza divina. Começando pois Eutices [3] a pregar este novo erro contra a verdade

10 Diosorio *corr. m6 de* Dioscorio *L* || 21 desterrando *corr. m6 L*

1 Foi papa de 440 a 461. S. Cirilo, de que fala o Autor, faleceu no ano de 444.

2 No ano de 444.

3 Eutiques nasceu em 378, atacou violentamente Nestório; caindo em erros contrários, foi condenado, mas reabilitado por Dióscoro em 449; em 451 foi definitivamente condenado.

e fee catholica, acodio o samto patriarca Flaviano e o chamou e reprehendeo da falsa doutrina que pregava. E como o não podesse meter no caminho da verdade, ficando Eutices pertinás en sua perfidia, o declarou por herege, lançou fora da Igreja e o privou da dignidade que tinha sobre os mosteiros. Appelou Eutices de Flaviano, patriarca de Constantinopoly, pera Dioscoro, patriarca de Alexamdria, pedindo ouvesse concilio geral, no qual fosse julgado por Dioscoro.

Ajuntou-se concilio por authoridade de Sam Leam papa na cidade de Efeso [1], onde pouco antes se tinha outro celebrado [2]. Vindo Dioscoro a este sinodo cercado de monges e de soldados, queria per força presidir na sinodo, não lhe sendo este cargo cometido pello Papa, senão a [249v] certos legados que o Papa mandou, aos quaes Dioscoro não deu lugar, mas tiranicamente se fez cabeça do concilio, constrangendo a todolos presentes que affirmassem que a doutrina de Euthices era catholica. Os legados do Papa fugirão do concilio pera não serem constrangidos a dizer o mesmo. E chegou a tanto a soberba de Dioscoro que mandou prender a São Flaviano, fingindo que sentenceara enjustamente a Euthices, e foi servido de muitas pancadas que os hereges lhe derão [3]; e appelando pera o Papa, não foi ouvido, antes foi lançado no carcere onde os hereges de noite o afogarão e fizerão martir. E logo Dioscoro ordenou ao arcediago por nome Anatolio e o fez bispo de Constantinopla en lugar de Santo Flaviano, e absolveo a Euthices restituindo-lhe os mosteiros de que fora privado [4].

Sabendo Sam Leam papa o que passava anulou os decretos daquelle conciliabulo, queixando-se ao emperador Theodosio o mais moço de Di[o]scoro por perturbar a paz da Igreja, e lhe pedia que fizesse outro concilio em Italia. Porém morrendo Theodosio e

---

19 a *riscado L* || 20 servido de *m4*, maltratado com *por mão posterior L* || 28 Dioscoro *R*

---

1 Este concílio realizou-se em 449; pelo seu carácter violento é chamado *latrocínio* ou *conciliábulo*.

2 O terceiro concílio ecuménico, de 431.

3 Faleceu em consequência destes maus tratos três dias depois.

4 Anatólio, bispo de Constantinopla desde 449, mostrou-se em 451 grande defensor do papa Leão. Faleceu em 458 sendo Patriarca e é venerado como Santo.

soccedendo no imperio Marciano [1], foi celebrado concilio en Calcedonia [2], onde se ajuntarão seiscentos e trinta bispos. E foi condenada a heregia de Eutices, declarando o santo concilio que avia duas naturezas distintas em Christo Jesu, e Dioscoro alexandrino foi condenado, e principalmente porque excomungou a São Leam papa. E desta vez ficarão as igrejas orientaes e occidentaes concordes na fee, mas não durarão os gregos e alexandrinos por muitos annos nesta concordia, porque por nove vezes se apartarão do Pontifice romano. Que podia sair de fonte tan inficionada senão heregias que também inficionassem todo Egipto, Ethiopia e Abassia? Tanbém ensinou en Alexandria o impio Arrio, e Thimotio Eluro, e Pedro Mongio [3], e semelhantes a estes ouve muitos outros em toda a [E]thiopia. O P. Pero Paez [4] de nossa Companhia mandou de Ethiopia huma lista de vinte e sete erros dos abexiyns, que hé a seguinte [5]:

O primeiro, poem em Christo Senhor Nosso huma só natureza. O segundo, que o Spirito Santo nam procede do Filho, senão do Padre, e por esta causa não admittem o simbolo constantinopolitano. O 3.º, todos os annos se bautizão dia de Reis, dizendo que o fazem por devação do bautismo de Christo feito naquelle dia. O 4.º, guardão a circuncisão dizendo que não poem nella sua esperamça, mas que se circuncidão por devaçam e que desta maneira vai pouco circumcidando-se, pois Sam Paulo no capitulo septimo da primeira carta aos christãos de Corinto diz que a cir-

---

1 concilio *risca* Marciano foi celebrado concilio *L*

---

1 Imperador de 450 a 457.

2 No ano de 451.

3 Vêem nomeados Ario, Timotheus Aelurus († 477) e Petrus Mongus († por 490).

4 P. Pedro Páez, nasceu em Olmeda (Espanha) em 1564 e entrou na Companhia aos 18 anos de idade. Passou à India em 1588 e à Etiópia em 1603, onde faleceu no ano de 1622. Escreveu muitas relações importantes sobre a Abissínia e uma valiosa História de Etiópia, publicada por Beccari (vol. II-III) e recentemente em Portugal pela editora *Civilização*. Cf. Beccari II, pp. vii-xxx. Foi o primeiro europeu, que, em 1618, chegou às nascentes do Nilo azul.

5 Entre os escritos do Padre, de que muitos se perderam, não encontramos esta lista. Relata, porém, amplamente os erros dos abexins no livro II de sua História de Etiópia. Alguns *erros* são sòmente usos diversos.

cuncisão hé nada [1]. O 5.º, deixão de comer por devaçam que tem à Ley Velha muitas cousas nella prohibidas. O 6.º, que o sacramento da Eucaristia se há-de fazer em pam levado e não em asmo. O 7.º, comungão todos debaixo d'anbas as especias sacramentaes: no [250r] dia que comungão nem cospem nem se sangrão. O octavo, confessão en geral seus peccados dizendo: «Padre, pequei, rogo-vos que me absolvaes»; e se algum quer confeçar seus pecados diz indefferentemente os que cometeo e os que nam cometeo. O 9.º, que não há na Igreja de Deos sacramento da confirmação; 10, que não há na Igreja sacramento de Extrema-Unção; 11, que não há fogo de purgatorio depois desta vida; 12, que não há na Igreja thezouros de indulgencias, e que nem o Papa nem os prelados podem applicar indulgencias aos defuntos; 13, que os bem-aventurados não vem a Deos senam depois da resurreição universal, pera que se não faça injuria ao corpo, o qual padeceo juntamente com a alma; 14, que os matrimonios dos christãos se podem desfazer não somente apartando o thoro, mas também o vinculo; 15, que os Santos depois da resurreição ham-de comer manjares corporaes, conforme ao que se diz aos dezanove capitulos do Apocalipse: «Bem-aventurados os que sam chamados pera a cea do Cordeiro» [2]; 16, que todos os christãos se hão-de salvar; 17, confumdem os peccados da fornicaçam, não distinguindo as circunstancias do parentesco e cunhadio; 18, nam tem escrupulo de casar com as molheres que forão de seus irmãos já defuntos; 19, confundem o testamento velho com o novo, nem comcedem que as ceremonias da ley mozaica sam revogadas pelo testamento novo; 20, guardão os sabbados à maneira dos judeus; 21, affirmão que as almas dos homens nam sam produzidas por criaçam, senão por geração, de tal maneira que o corpo produz o corpo e a alma produz a alma; 22, affirmão que somente o acto exterior pello qual se executa o peccado ser peccado, de modo que negam poder aver nos pensamentos peccado; 23, que nenhuma restituição se deve fazer, principalmente dos bens que se tomarão aos infieis; 24, não

---

2 nella *R*, nellas *L* || 30 somente *acr. m7* hé peccado *L* || 31 ser peccado *risca m7 L*

---

1 1 Cor. 7, 19: Circumcisio nihil est.

2 Apoc. 19, 9.

admittem o 4.º concilio geral celebrado em Calcedonia, e condenão a Sam Leam papa o primeiro deste nome, o qual o mandou fazer e confirmou, achando-se presente o emperador Marciano: e porquanto neste concilio forão comdenados Dioscoro, patriarca de Alexandria, e Eutices com sua falsa doutrina, dizem que perdeo a cadeira de Sam Pedro e que deixou de ser papa; pello contrario reverencião a Dioscoro como a santo; 25, não celebrão en cada igreja mais que huma missa, a qual dizem sobre a tarde à imitaçam de Christo Senhor Nosso; 26, affirmão que Pilatos foi christão e que se salvou, e o poem entre os samtos; 27, não admittem senão três concilios geraes: niceno, constamtinopolitano, efezino, porém não admittem o calcedonense.

Este hé o campo em que emtrarão os Padres da Companhia de Jesus pera se desafi-[250v]arem com os monstros das heregias representados nos animaes que foram mostrados a Sam Pedro, pera que depois de mortos por elles os comão [1]. Mas porque o principal erro dos abexiis hé não receberem o Pontifice romano, ponhamos aqui huma douta carta que nosso Padre Santo Ignacio escreveo a el-rei Claudio em defensam do ponteficado romano.

Carta do B. P. Ignacio de Layola, fundador da Companhia de Jesu, pera Dom Claudio, emperador de Ethiopia e rei da Abassia [2].

Cap. 19.

Senhor meu em Christo Senhor Nosso. Dê o Senhor de tudo a V. A. muita graça, muita saude e abundancia de dões spirituaes.

O serenissimo rei de Portugal, pello cuidado e zello que Deos Nosso Criador e Senhor lhe deu da honra e gloria de seu santo

---

1 Act. 11, 6-7.

2 Foi publicado o texto espanhol do Registo Romano da mesma data, e uma cópia, também espanhola, de 16 de Fevereiro de 1555, em MI *Epp.* VIII 460-67 e 467-76. Encontra-se além disto na História de Etiópia de Barradas, livro 4, c. 3 (BECCARI V 349-56, em espanhol, de 16 de Fevereiro de 1555).

nome e salvação das almas, remidas com o precioso sangue de seu Unigenito Filho, me significou e deu per vezes a entender por cartas que lhe seria cousa muito aceita e agradavel, se dos religiosos de nossa minima Companhia de Jesu nomeasse doze pessoas das 5 quaes elle elegese hum patriarca e dous coadjutores e futuros succesores, e que supplicaria humilmente ao Summo Pontifice desse aos mesmos Padres authoridade e jurdiçam com que podesse cada hum delles, fazendo o que lhe cabia, entrar nos reinos de V. A.

Eu pollos grandes merecimentos do mesmo serenissimo rei 10 de Portugal, que entre os demais princepes christãos hé o que mais favorese nossa Companhia, polla reverencia e respeito que todos lhe temos e devemos fiz o que me tinha mandado, apontando de proposito o numero que representasse ao sagrado collegio de Christo Senhor Nosso com seus apostolos além do mesmo 15 Patriarca. Pello que escolhi doze sacerdotes pera levar ao fim desejado esta missão, os quaes se offeressem a grandes trabalhos e perigos da vida por ajudar e alleviar as almas dos vassalos de V. A. E o que me moveo a fazer isto de melhor vontade foi o grande desejo que em mim e em meus companheiros senti pera 20 o serviço e honra de V. A. E com muita rezam, pois V. A. entre tantas nasções de infieis imigos do nome christão, seguindo as pisadas de seus antepasados, trabalhou tanto pera augmentar e propagar a religiam christã e conservá-la en sua pureza.

Polla qual rezão os Padres spirituaes da Sé Apostolica dese- 25 jarão muito satisfazer aos santos e catholicos desejos de V. A. com sua authoridade e socorrer a fee christam com santa e sincera doutrina que sam aquellas duas chaves do reino dos ceos que Christo [251r] Nosso Senhor prometeo a Sam Pedro e seus succesores e depois lhas entregou. Prometeo-lhas somente quando 30 disse (como lemos no Evangelho de Sam Joam): «Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edeficarei minha Igreja, e te darei as chaves do reino dos ceos, e tudo aquillo que ligares sobre a terra será ligado nos ceos, e tudo aquillo que desatares sobre a terra será desatado nos ceos» [1]. Entregou-lhe as chaves e cun-

---

31 pedra *sobrep. mó L* || 33 tudo aquillo *depois de corr. L*

---

1 Mt. 16, 18-19.

prio a promessa, quando depois da resurreição, antes de subir aos ceos, lhe preguntou três vezes, como affirma Sam Joam evamgelista: «Simam, filho de Jonas, amas-me mais que estes?» Ajuntou a cada reposta: «Apascenta minhas ovelhas» [1], entregando-lhe não parte de suas ovelhas, mas todo o rebanho com a inchemte de seu divino poder pera criar e apascentar todos os fieis com o pasto da religiam christam, e pera os guiar e levar ao pasto da bem-aventurança eterna.

Deu também Christo Senhor Nosso a todos os demais apostolos poder e authoridade, mas esta delegada e extraordinaria, porém a Sam Pedro e a seus succesores deu ordinario e pleno poder, pera que deste summo pastor, como de fonte perenne, manassem todos os demais pastores das almas christãs, e que cada hum delles reconhecesse que recebera de Sam Pedro poder e jurisdiçam pera governar suas ovelhas e fazer officio de pastor. O que parece mostrou Deos Nosso Senhor antigamente pollo propheta Isayas, quando falando de Eliachim, summo sacerdote, diz: «Darei a chave da casa de David sobre seu hombro, e abrirá e não averá quem feche, e fechará e nam averá quem abra» [2]: está representado Sam Pedro e seus succesores, aos quaes, como declarão as chaves, foi dado pleno poder, como custumado sinal e emsignia do plenario e absoluto dominio.

E como assi seja deve V. A. dar grandes graças a Deos Nosso Senhor, principalmente porque ouve por bem de mandar em tempo de seu reinado a essas nasções pastores das almas sogeitos e dependentes do summo pastor e vigairo que Christo Nosso Senhor deixa na terra, e que todo o poder que tem (o qual na verdade hé muito grande) o ajam todo recebido do mesmo vigairo de Christo. E não sem causa descontentava a vosso pay e avô tomar-se patriarca de Alexandria, porque assi como o menbro apartado de seu corpo não recebe movimento nem sentido, nem totalmente a vida de seu corpo, assi o patriarcha do Egipto, ou elle viva em Alexandria ou no Gran Cairo, como quer que seja scismatico e apartado desta

---

14 reconhecessem *corr. m6 L* || 22 e *corr. m6 de* et *L*

---

1 Io. 21, 15-17.
2 Is. 22, 22.

sacrosancta Sé Apostolica e do Summo Pontifice, cabeça de toda a Igreja, nam recebe pera si vida da graça nem authoridade pastoral, nem a pode dar a qualquer outro tal que seja legitima: porque a Igreja Catholica hé huma só no mundo todo, nem pode ser
5 que huma obedeça ao Romano Pontifice e outra ao Patriarca de Alexandria, por-[251v]que asi como Christo seu sposo hé hum, assi a Igreja sua esposa hé unica, da qual Salamam diz nos Camtares em pessoa de Christo Senhor Nosso: «Huma hé a pomba minha» [1]. E Oseas propheta: «Ajuntar-se ham os filhos de Israel
10 e juntamente os filhos de Juda e elegeram huma cabeça» [2]. E Sam João muito depois falando do mesmo diz: «Far-se há hum curral e hum pastor» [3].

Huma era, como lemos no Genesis, a arca de Noé, fora da qual nam avia salvação. Hum só tabernaculo ouve que Moisés
15 fabricou; hum tenplo de Jerusalém por Salamão edeficado, no qual templo convinha sacrificar e adorar; huma a sinagoga, per cujo juizo se estivesse. Todas estas cousas figuravão a Igreja que também hé huma só, fora da qual não há bem algum, porque o que não estiver junto com seu corpo nenhum influxo da graça receberá
20 de Christo, como de cabeça que possa vivificar a alma e prepará-la pera a felicidade eterna. Por causa de declarar esta uniam se camta no simbolo contra certos hereges: «Creo huma sancta catholica e apostolica Igreja». E foi condenado pollos sagrados concilios o erro dos que affirmavão aver igrejas particulares, como a
25 de Alexandria, Costantinopla, ou outras semelhantes que não estejam sogeitas ao Pontifice romano, cabeça universal de todos, do qual com perpetua succesam desde Sam Pedro (que por mandado de Christo Senhor Nosso, como diz Sam Marcelo martir, escolheo a Sé romana e con seu samgue a comfirmou) [4] comtinuarão os
30 romanos pontifices, que sem comtroversia foram avidos por vigairos de Christo de tantos doutores, latinos e gregos, de tanta santidade e de todas as nasções, e foram reverenciados dos santos

---

13 no *sobrep. mó L*

---

1 Cant. 6, 8.
2 Os. 1, 11.
3 Io. 10, 16.
4 Na carta apócrifa aos bispos da província de Antioquia.

anacoretas, bispos e outros confessores, finalmente tidos e approvados por taes com tantos sinaes e milagres, e com o testemunho de tantos martires que derão suas vidas por esta fee e uniam da samta Igreja romana.

Portanto com muita rezão os bispos, congregados no concilio calcedonemse por mandado do papa Leam, todos a huma voz com grande applauso chamarão ao Papa samtissimo, apostolico e cabeça universal da Igreja [1]. E no concilio constanciense foi condenada a heregia dos que negão o principado e dignidade do Pontifice romano e eminencia sobre todas as igrejas e cada huma em particular, de todas as terras [2]; e pera comfirmar estes decretos e determinações dos Samtos Padres e sagrados concilios temos authoridade do concilio florentino, celebrado no tempo do papa Eugenio com muita diligencia dos armenios, jacobitas, gregos e outras muitas nasções, no qual dizem: «Defenimos que a santa see apostolica e o principado do romano Pontifice tem o primado em todo mundo, e que hé succesor de Sam Pedro e verdadeiro vigairo de Christo e cabeça de toda a Igreja, pay e doutor de todos os christãos, e que lhe foi dado plenario poder do Senhor Jesu Christo mediante Sam Pedro de apascentar, reger e governar [252r] a Igreja universal» [3].

Com rezão logo o serenisimo rei David, vosso pai, reconheceo por seu embaixador, quando mandou dar obidiencia ao Pontifice romano, esta Samta Sé per mãy e princesa de todas as outras. E como quer que se contem outros muitos e preclaros feitos seus e vossos, é também necessario que numca falte a gratulaçam e reconhecimento delles. Portanto devem todos os vassalos desse imperio dar as devidas graças ao Autor de todos os bens por tam singular beneficio procurado e avido por industria de VV. AA., profesando hum delles primeiro que todos de dar a obediemcia e sogeição àquelle que tem as vezes de Christo na terra, e o outro o primeiro que leva o dito Patriarcha, verdadeiro

---

9 negão *corr. mó de* navegão *L* | 16 fee *RL* || 29 industrias *corr. mó L*

---

1 Cf. MIGNE, PL 54, 959-62 (carta *Repletum est gaudio* do concílio ao papa Leão).

2 Nas sessões VIII e XV (condenando os erros de Wicleff e Hus).

3 Na bula *Laetentur cœli,* 6 de Julho de 1439 (*Decretum pro Graecis*).

filho da mesma sagrada See Apostolica, a seus reinos, mandado pollo mesmo Summo Pontifice. Porque se alguma cousa se há-de ter en lugar de grande beneficio, como na verdade hé estar encorporado neste corpo mystico da Igreja Catholica, o qual hé vivificado e governado pello Spirito Samto, o qual como diz Christo, ensina toda a verdade [1]; se hé grande o beneficio ver o resplandor da santa e verdadeira doutrina e estribar nos fumdamentos da Igreja, à qual o apostolo Sam Paulo escrevendo a Thimotheo chama casa de Deos, coluna e fundamento da verdade [2], à qual Christo prometeo sua perpetua assistencia, dizendo, como lemos en Sam Matheus, «eis que eu estou convosco atté a fim do mundo» [3], que com rezão essas nasções devem agradecer muito a Deos Nosso Senhor estes grandes beneficios concedidos de Sua Santidade por meyo de VV. AA., principalmente, como se deve esperar desta reconsiliação (sendo Christo Nosso Senhor o que rege e governa), que aja grande augmento das cousas spirituaes e tenporaes, con grande amplificaçam do reino de V. A. e abatimento de seus imigos.

Os sacerdotes que pera essas partes sam emviados, e principalmente o Patriarcha, sam de grande virtude, dos quaes dous sam coadjutores e futuros succesores do mesmo Patriarca, provados em nossa Companhia en todas as cousas, e pella illustre caridade e verdadeira doutrina foram chamados pera obra de tanto momento. Nem lhes falta animo e alegria pera a fazer, e com muita comfiança estam promptos e aparelhados a sofrer muitos trabalhos por honra e gloria de Deos e salvaçam, e desejo de imitar em alguma maneira a Christo Senhor Nosso que os move a isto, o qual de boa vontade sofreo tormentos de mortes pera que nós ficassemos livres das penas eternas. E diz pello evangelista Sam Joam: «Eu sou bom pastor, o bom pastor dá sua vida por suas ovelhas» [4]. Com este exemplo vam incitados e apparelhados ajudar as almas não somente com palavras, conselhos e ajudas

---

1 mandados *corr. mó L* || 11 a *corr. de* o *L* || 17 amplicaçam *corr. mó L* || 27 que *sobrep. mó L*

---

1 Io. 16, 13.
2 1 Tim. 3, 15.
3 Mt. 28, 20.
4 Io. 10, 11.

spirituaes, mas também com a mesma morte se for ne-[252v]cessaria a estas almas postas en tantos perigos.

V. A. quanto mayor amizade e familiaridade tiver con elles, tanto mayor, como espero, contentamento terá em o Senhor. Porém quanto ao que pertence à fee e peso das cousas que publica ou occultamente ham-de fazer, bem sabe V. A. que o poder e authoridade (emquanto sam ligitimos legados), principalmente a do Patriarcha, estriba nas palavras da Sé Apostolica, e portanto hé necessario dar-lhes credito e à Igreja, cujas palavras e sentenças ham-de ser por elles interpretadas. E como todos os fieis devam dar assenso e obidiencia aos decretos da Igreja, e se alguma cousa ouver duvidosa aver de saber a verdade della, nam duvido que vosa grande bondade e piedade procure mandar com publico pregam en seus reinos que todos de qualquer qualidade que sejam sigam as palavras, preceitos e repostas do mesmo Patriarcha e seus succesores.

Consta do Deuteronomio que era custume na lei velha que todas as cousas controversas e duvidosas se levassem à synagoga [1], figura da Igreja, pera que as revolvese, e daqui se colligem aquellas palavras de Christo Senhor Nosso: «Assentaram-se os escribas e phariseus na cadeira de Moysés [2]. E o mesmo nos ensina a Sabedoria nos Proverbios: «Não deixes os preceitos de tua mãy» [3], e esta hé a Igreja. E noutra parte: «Nam passeis os termos que poseram vossos paes» [4]; estes sam os prelados da Igreja. Finalmente tamto credito e authoridade e omra quer Christo que dem à sua Igreja que abertamente diz por Sam Lucas evamgelista: «Quem vos ouve, me ouve; quem vos despreza, me despreza» [5]. E por Sam Matheus: «Se nam ouvir a Igreja, tende-o por gentio e peccador» [6]. Donde claramente se vê que se não ham-de dar orelhas aos que trouxerem alguma cousa alhea da interpretação da Igreja catholica. E Sam Paulo escre-

9 devem *corr. mó* L || 22 os *sobrep. mó L*

1 Deut. 17, 8-12.
2 Mt. 23, 2-3.
3 Prov. 1, 8.
4 Prov. 22, 28.
5 Lc. 10, 16.
6 Mt. 18, 17.

vendo aos de Gallacia os amoesta, dizendo: «Se outra cousa vos evamgelizar algum anjo vindo do ceo, differente do que vos evangelizamos, seja avido por excommungado» [1]. Em summa os mesmos santos doutores e canones dos concilios, o custume e consenso
5 de todos os fieis mostram esta verdade.

E temos por certo que V. A. seguirá ao Patriarcha e a seus companheiros com a devida honra e sogeição, e em tudo o que for licito e pio os favorecerá. Tenha-nos V. A. a todos quantos nessas terras estamos de nossa minima Companhia por mui pronptos
10 e apparelhados pera todo serviço seu em Christo Senhor Nosso. Com nossas orações e sacrificios, como já determinamos fazer, pedimos a Deos N. Senhor que conserve a vossa real alteza e esse amplisimo reino no serviço de seu Unigenito Filho, e lhe dee graça que assi pace pollas cousas da terra que nam perca as eternas; e
15 o mesmo Deos nos dee a todos graça pera entender sua santa vontade [253r] e esta perfeitamente cunprir en tudo o que for seu samto serviço, e por sua divina bondade nos dee perpetuo lume da graça.

Feita em Roma aos 23 de Fevereiro de 1555.

Carta do Cardeal Iffante pera Dom Amtão
20 *de Noronha, viso-rei da India* [2].

Cap. 20.

Tam pouco fruito fez a carta do B. P. Ignacio com el-rei Claudio, como as do Patriarcha Dom Joam e do governador Francisco Barreto [3]. Sabendo-se pois na India e em Portugal o pouco
25 que montavão os trabalhos do bispo Dom André, escreveo o Cardeal Iffante, que antam governava por el-rei Dom Sebastiam, ao viso-rei da India que o mandasse vir de Ethiopia com os mais Padres da Companhia e se passassem à China e Japão onde se

---

1 amoestando *corr. mó L* || 13 conserve *corr. mó de* conceda *L* || 18 1551 *corr. L*

---

1 Gal. 1, 8.
2 Falta entre as cartas de Beccari.
3 Carta de 2 de Janeiro de 1557 (publ. por Beccari x 81-90).

abria grande porta ao Evamgelho. E porque a carta hé digna de se meter nesta Historia me pareceo referi-la, a qual hé a seguinte:

Viso-Rei amigo. Eu El-Rei vos emvio muito saudar. El-Rei meu senhor e avô, que samta gloria aja, a requerimento e instancia do rei do Preste Joam, que naquelle tenpo era, lhe mandou o patriarca Dom Joam com dous bispos, seus coadjutores e futuros succesores, e alguns Padres da Conpanhia de Jesu, pera no dito reino tratarem de destruir os erros e ignorancias em que os naturaes delles estavão acerca de nossa santa fee, e plantaren a pureza e verdade della. E por parecer assi comviniente ficou o dito Patriarcha na India e hum dos seus coadjutores com alguns dos ditos relegiosos foi enviado ao dito reino.

E depois de lá ser soccederam as cousas delle de maneira, que nem o Patriarcha pode seguir seu caminho, nem o seu coadjutor fez o fruito que se esperava, e atté agora, segundo sou informado, sua estada lá hé de nenhum ou muito pouco effeito pella dispocissão dos naturaes da terra, especialmente dos que a governão, e parte por aver lá poucos portugueses com cujo favor e respeito, já que não há verdadeiro conhecimento, lhe tenhão o que se deve a sua doutrina e à dignidade e qualidade de sua pessoa. E assi continuamente padece muito detrimento sem outro fruito, ao menos que se não possa fazer por pessoas de menos inportancia, podendo o dito Bispo, que agora, por ser falecido seu antecessor, é Patriarcha, com seus companheiros ser mui util con ajuda de Noso Senhor pera a conversam e dilataçam de nossa santa fee en outras provincias e lugares dessas partes da India, onde há tanto que fazer nisso e tanta nessessidade de semelhantes ministros, e tanta obrigaçam de prover delles.

E considerando eu nisto, me pareceo necessario tomar-se algum meio neste negocio. E porque lá de mais perto, hon-[253v]de ha noticia do que passa no reino do Preste estará mais fresca, e assi se poderá melhor ver qual meyo este deve ser, vos encommendo muito que vós com o Arcebispo de Goa e P. Provincial da Companhia de Jesu e alguns Padres della que vos parecer trateis este negocio. E parecendo-vos que averá remedio pera que o dito reino do Preste se reduza e receba nossa santa fee por ministerio do dito Patriarcha e relegiozos que lá estão, ordenareis e dareis

---

24 ser] por *L* || 25 pera *corr. mó de* per *L*

pera isso toda ajuda e favor que for necessario com efficacia, de maneira que por falta della não pereça tam grande bem, como hé a salvação daquellas almas que eu tanto desejo e tam obrigado sou.

E vendo que isto nam poderá aver effeito, en tal caso dareis ordem e maneira como o dito Patriarcha e relegiosos sayam do dito reino o mais seguro e prestes que for possivel. E receberia eu muito contentamento que se passassem a essas partes da India, mas avendo nisso difficuldade e podendo melhor sayr por Turquia pera Europa, ordenareis que assi se faça. E quer o dito Patriarcha e Padres fiquem no Preste, quer sayam delle, vós tereis muito cuidado de os fazer prover de todo o necessario pera suas despezas, porque não padeçam por esta falta algum detrimento. E de o assi fazerdes, como eu de vós confio, receberei muito comtentamento.

Escrita em Almeirim a dezaceis de Março de 1565.

Nam se aquietou Sua Alteza com esta carta, considerando que não podia mandar vir o dito Patriarca sem ordem do Papa que o mandou a Ethiopia pastorear suas ovelhas, as quaes nam podia desemparar sem espresa obediencia e mandado de Sua Santidade. Pello que alcansou do papa Pio 5.º que o mandasse vir de Ethiopia e, descarregando-o da obrigação em que estava, o trespassasse com os mesmos poderes e authoridade às partes da China e Japam, nas quaes se esperava de seus trabalhos maior serviço de Deos Nosso Senhor e mais copioso e certo fruito na conversam dos infieis a nossa santa fee catholica. Mandou S. A. o Breve do Summo Pontifice ao patriarcha Dom André com a carta seguinte:

Carta do Cardeal Inffante pera o Patriarca de Ethiopia[1].

Cap. 21.

Reverendo en Christo P. Patriarca de Ethiopia amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar como aquelle de cujo vertuoso acrescentamento muito me aprazaria. Por ser informado dos mui-

17 as *corr. mó de* os *L* || 21 estava *risca mó* e *L*

1 Beccari editou esta carta segundo uma cópia da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (x 189-90).

tos impedimentos que nesse reino de Ethiopia avia, e quam cerrada está a porta pera nelle se fazer fruito nas almas, por a gente nam estar disposta pera receber a doutrina christam, nem quererem dar a obidiencia ao Summo Pontifice romano, avendo mais de sete ou oito annos que con outros [254r] Padres lá estaveis, sem até o presente pellas alterações e guerras que no dito reino avia poderdes fazer nenhum fruito spiritual; e vendo eu quanto se faria nas partes de Jappam, — aonde depois do P. M. Francisco aver ido, e os Padres da Companhia comtinuarem, se tem feito grande numero de christãos, que cada dia se comvertem a nossa santa fee catholica, — se vós e o Bispo de Nicea, que está en Goa, ffosseis às ditas partes: suppliquei ao Santo Padre ouvesse por bem mudar a vós e ao dito Bispo, e a see de [1] Ethiopia às partes da China e Jappam com todos os poderes que vos eram concedidos pera o dito reino de Ethiopia, o que Sua Santidade me concedeo e disso passou Breves que com esta vos envio.

E porque eu desejo que a conversam spiritual que no Jappão e en todas aquellas partes se faz por meyo dos Padres da Companhia se augmente, e a fee se dilate, ordenando-se sacerdotes e ministros que se enpreguem neste ministerio, por falta dos quaes se perde muita messe, o que se pode fazer indo vós e o dito Bispo, vos encomendo muito que, pois vedes quanto inporta vossa ida às ditas terras de Jappão e China, que com toda brevidade possivel vos passeis logo com os mais Padres da Companhia que lá estiverem à India em alguma passagem segura, que escrevo ao Viso-Rei vos ordene. E que tanto que fordes na India, vos vades às ditas partes como Sua Santidade manda o mais cedo que poder ser; e eu escrevo ao dito Viso-Rei que pera vossa embarcação vos faça dar todo o necessario, e de o assi fazerdes vo-lo agradecerei muito.

Escrita en Lisboa a 6 de Março de 1566.

---

24 lá *risca m6* estive *L*

---

1 Em vez de *e a see de* tem Beccari *desa.*

Breve do samtissimo Padre Pio V.º pera o Patriarca de Ethiopia [1].

Cap. 22.

O Papa Pio V.º Veneravel Irmão, saude e apostolica bençam. Pellas cartas de nosso carissimo em Christo filho Dom Sebastiam, illustre rei de Portugal, mandadas a seu embaixador que reside em nossa corte, e por outras a quem com muita razão demos credito, soubemos que vossa fraternidade [2] nessas partes de Ethiopia, onde fostes mandado da See Apostolica pera reduzir aquelles povos ao conhecimento da santa fee e uniam da Igreja Catholica, e en tantos annos que alli estivestes nada podestes aproveitar com vossa boa industria e trabalho polla dureza de seus corações e pertinacia de animo en seus antigos erros: porém se fordes mandado a Jappão e à China, terras povoadas de gentios, em que se começou a receber com grande devaçam a fee de Christo Senhor Nosso, e hé de esperar com ajuda de Deos que sejais naquellas partes muito util com vosso trabalho, e porque alli a messe hé muita e os obreiros poucos [3]: As quaes cousas como nos fossem relatadas, nos compadecemos de vós com fraterna caridade por [254v] nam recolherdes o fruito desejado de tamtos e tam grandes trabalhos e de tam continua peregrinação. Mas se vosso trabalho foi inutil àquelles povos (padecestes comtudo tantas e tam graves cousas por amor de Christo Nosso Senhor), que nam trabalhastes debalde e avereis do Senhor o premio de vossa piedade, obediencia e caridade.

Portanto, porque nesta samta cadeira, aimda que sem nossos merecimentos postos, nos conhecemos devedores a todos, e pollo

---

22 aaquelles *corr. mó L*

---

1 Conserva-se também esta carta do Papa, em parte, na História (l. 4, c. 16) do P. Almeida (publ. por BECCARI V 424-25), traduzida, segundo parece, de latim para português, com bastantes variantes.

2 Almeida: *Paternidade* (BECCARI V 424).

3 Mt. 9, 37.

cargo que temos devemos servir a honra e gloria do Omnipotente Deos e attentar polla salvação das almas, saudando-vos com fraterna caridade, de cujo piadoso zello e desejo de acrecentar a catholica religião tivemos gravissimos testemunhos, vos exhortamos em o Senhor e em virtude da santa obidiencia em remissam de vossos peccados vos mandamos que depois que receberdes estas letras, logo com a mor segurança que poderdes e tempo de navegar vos embarqueis pera Jappão e China, emsinando naquelles reinos e pregando a palavra de Deos conforme a doutrina da santa Igreja romana, mãy e mestra de todos os fieis christãos, administrando os sacramentos pertencentes ao cargo episcopal, procureis confiado na divina misericordia ganhar quantas almas poderdes.

E pera que mais commodamente isso possais fazer, vos damos e comcedemos authoridade apostolica, faculdade e authoridade pera exercitar naquellas terras e noutras em que ainda não ouver bispos ou officios pontificaes. E pello theor das presemtes letras vos damos e comcedemos licença pera usar dos poderes e indulgencias de que podieis usar em Ethiopia, ou vos fossem comcedidas pello papa Julio 3.º, de boa memoria, ou por outros pontifices romanos nossos predecessores. E além disto dispensamos comvosco com a mesma authoridade pera que sem nenhum escrupulo de consciencia vos passeis às ditas provincias da China e Jappão, julgando que nam averá esperança de poderdes reduzir a gente de Ethiopia [1].

Mas porque o concilio oecumenico e geral, o qual vivendo o papa Paulo terceiro, de boa memoria, se ajuntou e principiou, e vivendo Julio 3.º se continou, porém debaixo de Pio 4.º nosso predecessor com ajuda de Deos com felicidade se acabou e com a authoridade da See Apostolica foi confirmado, vos mandamos hum volume autenticado com estas letras, o qual devereis devotamente receber sua doutrina e canones pertencentes à fee. Recebei portanto, Irmão, este trabalho por causa do divino serviço e salvação das almas de boa vontade com animo prompto e confiado que de cima vos há-de vir o soccorro e favor. Exercitai com fedelidade e diligencia em louvor do Senhor os talentos que delle recebestes,

---

16 ou] os *L* || 18 Thiopia *corr. mó L.*

---

1 Aqui acaba o texto de Almeida com «etc.».

e do que naquellas partes, cooperando Deos, obrardes escrevei à See Apostolica todas as vezes que poderdes. O poderozo Deos, Pay de Nosso Senhor Jesu Christo, aya por bem, Irmão, levar-vos salvo e bem [255r] desposto àquellas provincias com augmento de
5 sua graça, pera apartar aquella gentelidade do culto dos idolos e propagar a fee catholica: ao qual com o mesmo Senhor Nosso Jesu Christo e Spirito Samto seja dado louvor, honra e gloria pera sempre. Amen.

Dada em Roma em Sam Pedro, sellada com o sinete do Pes-
10 cador, ao primeiro [1] de Fevereiro de 1566, no primeiro anno de nosso pontificado.

Outro Breve do mesmo th[e]or mandou Sua Santidade ao bispo de Nicea, Dom Belchior Carneiro, com os mesmos poderes e faculdades, as quaes exercitasse na China e Jappam [2]. Da mesma
15 maneira escreveo El-Rei ao seu Viso-Rei que fizesse embarcar o Bispo pera a China [3], o que ordenava pera escusar comtendas com el-rei de Castella. E foi cousa muito acertada mandar Bispo à China e Jappam pera cumprir com sua obrigaçam e também pera assegurar por via dos eclesiasticos e seculares o comercio por
20 justo titulo divido à coroa de Portugal. Não pedio El-Rei ao Papa declarasse estes prelados por bispos de certas provincias, porque vinha mais a proposito serem apostolicos, e mais universaes do que sam os bispos de lugares limitados.

Porém o Patriarca nam pode passar à India por razam dos
25 turcos, que estavão apoderados do porto de Massua e da ilha de Arquiquo, senhoreando com suas galés o mar daquellas partes, pello que não avia embarcaçam pera a India [4], nem da India offereciam mais que duas fustas armadas, as quaes aimda que foram vimte de nenhuma maneira poderião ferrar o porto [5]. De modo
30 que julgavão os portuguezes de Ethiopia, como pratycos daquellas partes, que era necessaria huma grossa armada [6], a qual desbara-

---

1 Data-a Almeida: 2 de Fevereiro (Beccari V 424).

2 Conserva-se o texto latino deste Breve, de 3 de Fevereiro de 1566, na Biblioteca Pública de Évora, publicado por Beccari X 187-89.

3 Cf. supra, p. 266.

4 Carta de Oviedo, ao Rei de Portugal, de 18 de Junho de 1567 (Beccari X 221).

5 Ib.

6 Ib.

tando ou pondo en fugida a turquesca, ficasse senhora do mar, porém numca tal armada se mandou. O Bispo de Nissea estava em Malaca, aonde na monçam de Abril seguinte de 1567 lhe mandarão o Breve de Sua Samtidade e se passou à China, sendo o primeiro Bispo da China [1] e Jappam.

Sabendo-se poes em Portugal que todavia o Patriarca e Padres padeciam grandes trabalhos em Ethiopia, sem esperança de alcamçar o fim desejado, encomendou el-rei Dom Sebastiam a Rui Lourenço de Tavora que buscasse todos os meyos possiveis pera que sua vinda tevesse effeito com brevidade, porém elle morreo na viagem [2] e o governador Antonio Monis continuou com a governamça [3]; e posto que desejou muito mandar huma boa armada em busca do Patriarca e dos portuguezes [4], não pode comtudo fazê-lla por aver maior necessidade della pera acodir a outras partes que se julgavão ser de mayor inportancia.

[255v] *O que sentia o patriarca Dom André da missam de Ethiopia.*

Cap. 23.

Posto que o papa Pio 5.º e el-rei Dom Sebastiam mandavam que o Patriarca se passasse à China e Jappam com seus companheiros, visto o pouco fruito que no Preste faziam, era comtudo o Patriarca de parecer que se nam desemparacem os catholicos de todo, e que ficassem com elles alguns Padres da nossa Companhia, pello grande perigo que avia de se tornarem scismaticos, e que sempre da India fossem mandando outros pera que a missam se não emterrompesse por falta de obreiros. Nem fazia tanta conta das armadas da India pera se embarcar com seguramça, quanta de

---

1 Não havia então lembrança dos bispos franciscanos da época prelusitana.

2 Partiu de Lisboa a 7 de Março de 1576, falecendo antes de chegar a Moçambique (*Título dos Capitães*, 222).

3 Foi António Moniz Barreto governador da India de Dez. de 1573 a Set. de 1577.

4 Cf. porém o juízo de BECCARI X 254[1].

quinhemtos ou seiscentos soldados portuguezes que fossem com o mesmo spirito e animo dos de Dom Christovam da Gama a socorrer o emperador de Ethiopia comtra seus imigos, porque tamto que os abexins vissem este corpo de nossa gente em suas terras
5 logo se lhe aviam de ajuntar muitos com suas armas declarando-se por catholicos [1]. E o governador do Tigari [2], que hé como rei da provincia que jaz lançada ao longo do mar, e alguns senhores de titulo estavão apostados a se unir com os portuguezes, e chegarão a escrever ao Governador da India pedindo-lhe socorro, o que
10 também por vezes fizeram os catholicos e os Padres, obrigando-se o Barnagaes e seus aliados a sostentar com grande abastança o nosso exercito, com o qual determinava fazer crua guerra aos cafres gallas e outras nasções barbaras que infestão e assaltam o Abexim. E julgava o Patriarcha ser este o singular e unico reme-
15 dio pera a redução de Ethiopia e comversam de muita gentilidade que nella há [3]; mas por nossos peccados nunca fomos pera tamto bem, porque sem duvida tinha o Patriarcha que o Papa fora obedecido no Preste se com nossa gente fora socorrido. As rezões pois que há pera se não abrir a mam da empresa de Ethiopia
20 escreve o patriarcha Dom André a el-rei Dom Sebastiam a desoito de Junho de 1567, o qual diz desta maneira:

«A todos parece que em nenhuma maneira se deixe a empresa de Ethiopia, porque, ainda que a gente estê dura e o reino revolto e inquieto pellas muitas guerras que tem e os catholicos averem
25 padecido persiguições pella santa fee, todavia a gente popular hé mais facil e as guerras vam amainando e os mou-[256r]ros por huma parte e os turcos por outra se vam retirando. E o rei que perseguia a Igreja hé já morto, e reina hum filho seu [4], o qual nam tem seu reino pacifico, nem todos lhe obedecem, posto que dizem mais
30 bem delle que de seu pay, e se há mostrado mais amigo dos por-

---

6 Figari *corr. m6 L* || 11 Barganaes *L*

---

1 Carta de Oviedo ao Rei de Portugal, de 18 de Junho de 1567 (Beccari X 221).

2 Asmache Isac Barnagais.

3 Isto mesmo escreve em muitas cartas (cf. Beccari X 494-95).

4 Cf. a carta publicada em Beccari X 221-25.

tuguezes [1]. E desejam commummente que venham, e que vindo elles que a fé de todos será a mesma, e o Barnagaes está mui afeiçoado às cousas de V. A., e diz que hé criado d'el-rei de Portugal, e comfesa que as cousas de nossa santa fee sam verdadeiras, pollo qual nenhum escandolo averá com a vinda dos portuguezes a esta terra. E muito menos o averá se quizerem comquistar a Serra em que habitam os judeus com outras muitas terras que tem usurpadas aos christãos, com os quaes el-rei nam pode por ser a terra de sitio quasi inexpugnavel e elle ter poucas forças, e trezentos portuguezes bastarião com a gente da terra pera os render e sogeitar com suas bombardadas e espingardas.

A Serra lá no alto hé mui forte per natureza, e mui rica. Tem muitas mulas e vacas e gado, e grande copia de mantimentos, e tanto mel que todos os vasos em que comem e bebem, tirando os que chegão ao fogo, sam de cera porque a terra hé muito fria. Também dizem que há minas de prata fina, finalmente tem estes judeus muita[s] riquezas e tam poderosos que rebellarão comtra o rei negando-lhe os tributos que antes pagavão. Naquella se poderião recolher os filhos dos portuguezes e outros catholicos que andão espalhados por Ethiopia, e fazendo todos hum corpo se poderiam segurar assi nas almas como nos corpos, dando a obediencia ao capitão que V. A. ally posesse de sua mão na fortaleza que de novo se alevantasse. E como a terra seja muito rica e abastada, sostentaria abundamtemente aos soldados e moradores, e dally se fariam temer de todos e facilmente dariam obediencia ao romano Pontifice. Está no meyo do reino, pera as partes do Tigari, e por outra banda confina com Dumbra [2], que hé um reino entre christãos e gentios que lhe obedecem. E quando esta terra lhes não contentasse, há outras mui espaçosas, abastadas e ricas de muito ouro que nellas nasce. Algumas pessoas dizem que em certo mosteiro viram sepulchros de reis tam sumptuosos, que parece espanto

---

20 e *sobrep.* *L* || 26 Figari *corr.* *m6* *L* [cf. pág. 271, l. 6] || 27 banda *corr.* *de* parte *L* || 28 lhe] lho *L*

---

1 Sarsa Dengel, de oito anos de idade, filho de Minas (Adamas Sagad), de 1563 a 1597.

2 Dambiá. O mesmo erro se encontra também na cópia da Bibl. da Academia das Ciências (cf. BECCARI X 223).

dar-lhes credito. E os gastos que se fizessem com a armada que viesse em breve se refariam em dobro, com a qual se poria remedio a tantas almas de catholicos por tantas partes espalhados com risco de sua fee e salvaçam, que hé o fim a que
5 viemos.

Nam se pode dar de mam a esta empresa, a qual, a parecer de muitos, hé das mayores e de mor inportancia e serviço de Deos que oje há na Christandade, e como tal a precura o demonio estorvar quamto pode, encarecendo muito as difficuldades e trabalhos
10 que há, mayormente [256v] ao principio, sendo assi que cousas grandes nam se alcamção senão com grandes trabalhos. E se a fortaleza perseverar no comesado e levar ao cabo o que el-rey vosso avô, de gloriosa memoria, com muitos gastos e grande amor da fee christam começou, redundará em muita gloria e honra de V. A.
15 e descarregará sua consiencia despendendo as rendas do Estado na reduçam dos scismaticos e conversam dos gentios, pois a esta conta concederão os summos pontifices o comercio deste Oriente à coroa de Portugal, e com isso alcançará mores vitorias e triunphos que Cesar. E também entrando os portuguezes em Ethiopia
20 se conservará melhor o Estado da India, porque se os turcos se apoderarem primeiro destas provincias, poderam fazer grande dano à India, por nellas aver muito ferro, escravos e vitualhas, e outras cousas pera serviço das gallés. Porém sendo favorecidas dos vassallos de V. A., daqui poderam fazer guerra ao turco e ao demonio
25 tirando-lhe muitos milhares de almas da garganta, de quasi infinitos gentios de Ethiopia, muitos dos quaes se offrecerão a el-rei pera serem christãos, o qual elle de nenhuma maneira consentio por nam perder seus tributos e os poder cativar. E os que esta petiçam faziam eram de Damote, provincia muy grande na qual
30 nasce ouro que vem a este reino. Dizem que tem gengibre, cardamomo e marfim e grande abundancia de mantimentos. E a terra hé tan grande, que por huma parte confina com Sofala, e em sinal disto dizem que de lá trouxeram humas Horas de Nossa Senhora e livros das contas que os portuguezes lá deixam de suas fazendas;
35 e que dally a sete dias de caminho polla terra dentro há hum caudeloso rio onde vai gente branca vestida, que parece serem os portuguezes, e que facilmente se fariam todos os moradores daquella

---

2 viessem *corr. mó L* || 14 começou] o que *L* || 16 redumçam *corr. mó L*

terra christãos se o emperador de Ethiopia quizesse, mas não se cura elle disso pera melhor poder fazer assaltos naquella gentelidade.

Em outra parte de gentios chamada Sinarym [1] (onde há muito ouro) se offreceram os naturaes a hum paremte de el-rei pera serem christãos e tributarios seus, com tal comdiçam que lhes nam fizesse guerra, mas nam quiz aceitar o partido. Desta gentelidade compram os mouros muitos escravos que vendem nos portos do mar aos turcos e mouros. Dizem que quando os miseraveis chegam ao mar derramão muitas lagrimas e que folgariam de ser christãos, mas instruidos na maldita seita de Mafamede os fazem soldados, e saem tam valerosos que alcamçam muitas vitorias dos christãos destas partes. Estes custumão ser os que militão debaixo da bandeira dos reis de Cambaya, do Idalcam e Melique [2] com nome de abexins. Nosso [257r] Senhor dee a sentir a V. A. o que mais nesta parte convén pera descargo de sua consciencia e mayor bem spiritual destes affligidos catholicos».

Do mesmo parecer erão também os Padres e portuguezes. Porém por mais brados que deram a el-rei de Portugal e a seus governadores numca foram ouvidos, porque estavam fora dos perigos em que os miseraveis se vião cada hora; e sempre nos lembramos mais dos que estam ao perto que dos que estam ao lomge, sendo assi que sam estes mais necessitados e desemparados, pello que deviam ser com mais diligencia socorridos: porque, quem levou a estes homens a Ethiopia? Quem os emtreteve todos estes tempos passados? Se na India ouvera tanta pratica e conhecimento dos trabalhos e miserias que padecem como tinham os Padres, magoaram-se muito os viso-reis de ver quam mal correrão com aquella pobre gente, que por tantas vias merecia ser favorecida e socorrida. E el-rei Don Joam e seu governador Dom Estevão da Gama os fez entrar em Ethiopia; com cartas do proprio rei se entretiveram nella; e depois de sua morte com os offerecimentos feitos ao Patriarca e Padres se forão entretendo,

---

30 favorecidas *corr. m6 L*

---

1 Parece que se trata da gente do reino de Senar (Sudan).

2 Fala do Nizam, rei de Ahmednagar (cf. DALGADO II 49).

e com as promessas do socorro, que os viso-reis prometerão e numca comprirão, se casaram e arraigarão no Preste [1].

Porém o P. Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesu nestas partes da India, desenganou claramente aos Padres
5 e portuguezes acerca do socorro que esperavão. Foi o desengano que, se el-rei de Ethiopia nam desse a obidiemcia ao Papa, e juntamente sua mãy e os grandes de sua corte, e além disto se nam mandasse duzentos mil cruzados pera os gastos da armada e paga dos soldados, e hum embaixador a capitular o tratamento das
10 pazes, e como se avia o rei do Preste de aver com o campo e soldados que lá fossem, tevessem todos os offrecimentos por zombaria, porque na mesma comta tinham os viso-reis também suas promessas [2]. E sabemos por relaçam do P. Manoel Fernandez que estava el-rei tam casado com seus herros, que de nenhuma
15 maneira daria a obidiencia ao Papa, ainda que soubesse que avia de perder os quinze reinos de que hé senhor [3].

Com este desengano ficaram desmaiados e desconfiados pera numca poderem sair do cativeiro em que estavão, e se espalharam por diversas partes, vivendo à sua vontade, mas não conforme a
20 divina, nem os Padres podiam com elles, não avendo braço secular nem ecclesiastico que os metesse no caminho [4]. Tamto mal causa a desconfiança nascida das promessas prolongadas e nunca compridas! Escreveo o Barnagaes ao Viso-Rei pedindo-lhe socorro [5], e também Abe[te]con Joannes [6], hum dos senhores [257v] primci-
25 paes daquellas partes, e ao P. Provincial da Companhia pera que os ajudasse neste negocio, e diz assy:

«Em nome do Padre e do Filho e do Spirito Samto, hum só Deos. Carta do Asmaque Isac pera o muito reverendo P. Provimcial do collegio de Sam Paulo en Goa. A paz de Christo Nosso
30 Senhor seja sempre com V. R. Amen. Eu escrevo huma carta ao

---

1 Carta de M. Fernandes, de 23 de Maio de 1580 (Beccari x 308-09).

2 P. M Fernandes para a Índia, 23 de Maio de 1580 (texto publicado por Beccari x 307).

3 Na dita carta (Beccari x 307 e 308).

4 L. c.

5 Na carta de 2 de Junho de 1567 (publ. por Beccari x 206). Há outra carta sua ao Vice-Rei, de 30 de Junho de 1567 (texto em Beccari x 236-37).

6 Abetacum Ioannes. A sua carta ao Vice-Rei data de 30 de Junho de 1567 (está publ. em Beccari x 235-36).

Senhor Viso-Rei em que lhe peço portugueses pera remedio deste reino. E porque nessas partes não há algum que mais que V. R. trabalhe pollas cousas da vontade de Deos Nosso Senhor em endereitar a fee christam e o bem deste reino, peço-lhe e emcomendo-lhe muito em o Senhor trabalhe por levar ao cabo este negocio. Christo Jesu Nosso Senhor melhore a vida e saude de V. R. e o livre de todo mal. Amem.

Deste Tigari, 25 de Mayo de 1568».

A este governador por ser amigo dos Padres escreveo o papa Gregorio decimo tercio a 28 de Janeiro de 1580, no octavo anno de seu pontificado, dando-lhe as devidas graças pelo bom tratamento e gasalhado que sempre fez ao Patriarca e Padres da Companhia, offresendo-se pera escrever a el-rei de Portugal sobre ho remedio de Ethiopia, exhortando-o a que procure por todas as vias a conservar a paz e amizade com elle, e sobretudo com Deos Nosso Senhor, com cuja liberal mão e potencia se comservão os reinos em paz e concordia, e o que dá gloriosas vitorias aos que pella exaltação de sua santa fee fazem guerra aos imigos do nome christam, encomendando-lhe sobretudo a unian con o Vigairo de Christo Senhor Nosso [1].

Algumas cousas de edificaçam que em tempo dos Padres aconteceram no Preste.

Cap. 24.

O principal fruito que o Patriarca e seus companheiros colherão de seus trabalhos foi a conservação dos portuguezes e suas familias na fee catholica, administrando-lhes os sacramentos, consolando-os em seu desterro, sostentando as viuvas e orfãos [2]

---

2 nestas *corr. m6 L* || 4 e² *sobrep. m6 L* || 8 Trigari *LR*

---

1 O texto latino deste Breve publicou-o BECCARI X (303-04), com a data de *1579,* não conhecendo o mês nem advertindo que se tratava do *stilus incarnationis.*

2 Cf. também BECCARI III 95 e V 453-54.

parte com as esmolas que da India lhes mandavão — e chegarão a ter huma vez por sua causa trezentos cruzados de dívidas sem ter donde os pagar — parte com o suor de seu rosto cultivando algumas terras. O que Nosso Senhor por elles obrou hé o seguinte.

5 Converterão-se a nossa santa fee alguns gentios; entre [258r] elles foi huma molher, a qual pouco depois de ser bautizada falleceo com os sacramentos recebidos. Hum christam armenio, tam velho na scisma como nos annos, se reduzio à uniam da Igreja Catholica com hum filho seu. O mesmo fez hum candiote, grego 10 de nasçan, que havia entrado no Preste por lascar dos turcos, e deu tam boas mostras de sua christandade que hum português o tomou por genrro. Outro de naçam ungaro, que também avia entrado por lascar, se reduzio a nossa santa fee com bom animo, porque servindo elle a hum grande senhor abexim scismatico e 15 tendo bom foro en sua casa, se apartou delle por se chegar à Igreja Romana, pollo qual ficou fora da amizade do senhor que nunca mais fez caso delle [1].

En tempo d'el-rei Adamas padeciam os catholicos muitos trabalhos polla fee catholica. Mandou publicamente açoutar huma 20 molher porque vivia conforme a nossos custumes. Prendeo duas molheres de portuguezes polla mesma causa, e tomou muitos filhos dos catholicos. Avia entre os nossos dous armenios constantes na fee romana, a hum delles por nam querer retroceder degradou pera a ilha de hum grande lago, a outro que se cha- 25 mava Pedro martirizou. E foi, que el-rei o mandou prender e, levado diante, lhe perguntou em que fee vivia? O ditoso Pedro lhe respondeo que na fee da Igreja Romana em que vivião os portuguezes. Indignou-se grandemente el-rey ouvindo tam clara confissão da fee e o ameaçou e afrontou de palavra, mas nem por 30 isso Pedro enfraqueceo en sua fee; o que vendo el-rei o mandou levar fora do arrayal, onde por seu mandado foi ferido às punhaladas, que sendo dezoito o não acabarão, o que vendo o algoz lhe cortou a cabeça con que deu fim a seu ditoso martiryo [2].

---

26 levando *corr. m6 L*

---

1 Carta do P. M. Fernandes, 10 de Junho de 1568 (Beccari x 245).

2 Cartas do P. M. Fernandes, 13 de Junho de 1567 e 10 de Junho de 1568 (Beccari x 213 246).

Hum homem casado foi morar entre os catholicos, mas dava tam mao exemplo de sy, que o Patriarca insistio muito pollo desterrar sem numca vir a effeito, deixando-se ficar na mesma povoação. Senam quando alguns dias depois adoeceo gravemente, e assi requereo com grande instancia que o admitissem e reconciliassem com a Igreja Romana. Reduzido, se confeçou e, depois de se apparelhar per alguns dias pera receber o Santissimo Sacramento, commungou; sentio tam notavel melhoria que elle mesmo se maravilhava de tam subita mudamça, a qual elle também fez nos costumes vivendo dalli por diante como christam e catholico que era [1].

Neste lugar podera relatar os grandes serviços que a Deos Nosso Senhor fezerão no Preste os riligiosos de Sam Domingos, se o não fezera o P. Frei Joam dos Santos no 1.º livro da sua Varia Historia [2] con tanta erudiçam, que me [258v] escusa de repetir o mesmo. Comtudo, pera mor noticia daquella christandade tam antiga, me pareceo dar huma breve relação do que passou na Abassia depois que o Patriarca São Domingos della por seus filhos tomou posse. E posto que S. Antonino não faça menção da missão que fezerão a Ethiopia os religiosos de sua Ordem [3], comtudo a fazem o Razzi [4] na Chronica e Paramo [5], autores graves.

Estando pois a Sé Apostólica em Avinhão e passados os dous annos de sede vacante por morte de Clemente quinto, soccedeo-lhe Joam 21, a quen outros chamão 22, en cujo tempo, logo no principio de seu pontificado, que foi no anno do Senhor 1316, sendo geral da Ordem dos pregadores Frei Berengario, forão escolhidos oito relegiosos de santa vida pera divulgar o santo Evangelho

---

13 relegiosos *R*, riliogos *L* || 19 Antonio *corr. m6 L* || 23 passado *corr. m6 L* || 24 de *corr. m6 de* do *L*

---

1 Beccari x 245.

2 Segunda parte, l. 1, desde o cap. 8.

3 Alude à volumosa obra *Chronicon* (chamado também *Historiarum opus*), impressa por primeira vez de 1474 a 1479 em Veneza.

4 Serafim Razzi (1531-1611), O. P., citado por Santos, II, l. 1, c. 8. Escreveu um Hagiológio e uma História dos homens ilustres O. P.

5 Luís de Páramo, espanhol, autor coevo de Gonçalves, o qual publicou obras sobre a Inquisição. Vem citado por Santos II, l. 1, c. 8.

aos que estavão assentados nas trevas e sonbra da morte [1] e levarão en sua conpanhia a Sor Clara, freira do 3.º habito da mesma Ordem, os quaes por conselho dos religiosos dominnicanos residentes em Hierusalém forão pregar às terras do Abexim, onde fundarão muitos mosteiros de homens e molheres que por largos annos viverão em summa observancia e relegião; de modo que receberão muitos abexins d'ambos os sexos que com sua santa vida converterão não somente catholicos pera a religião, mas também fezerão que muitos inficionados com os erros de Grecia, que dos patriarchas alexandrinos beberão, como de impura e pestetelencial fonte, se reduzirão ao gremio da Santa Madre Igreja Romana reconhecendo o Papa por suprema cabeça do rebanho de Christo espalhado pello mundo todo. Mas faltando-lhe os pastores de Europa e fallecendo os primeiros religiosos abexins recebidos pellos Padres europenses, foy definhando o rebanho catholico, prevalecendo contra elle os lobos por negligencia e descuido daquelles que, prezando-se de pastores, ficarão mercenarios. E não tendo proveito das ovelhas, as desenpararão de todo e chegarão assi seculares como relegiosos a tan grande ignorancia, que tem necessidade de doutores catholicos que os tornem ao caminho da salvação, que era o mesmo estado en que os relegiosos de Sam Domingos os acharão quando forão ao Preste, como dizem as historias e aponta o P. Fr. Joam dos Samtos no capitulo 8 do livro allegado, escrevendo que no Preste avia muitos erros e abusos no christianismo [2], e que na guarda dos preceitos divinos tinhão muitos erros e abusos. E nós acima refirimos vinte e sete proposições erronias e abertamente falsas [3], e o mesmo consta do tratado que compoz Damião de Gois De rebus Ethiopia[e], e na Cronica d'el-rei Dom Manoel e doutros que deixo por brevidade.

Donde se colhe o erro de hum religioso castelhano, Frei Luis de Urreta, que escreveo en nossos tenpos affirmando que os abexins são catholicos, pretendendo escureser as enformações que os

---

4 dos *corr. mó L* || 10 dos *corr. mó de* os *L* || 16 nigligencia *corr. mó L* || 24 christianissimo *LR* || 31 Vereta *corr. mó L*

---

1 Cf. Ps. 106, 10.

2 Na edição de 1891, vol. II, p. 46.

3 No cap. 18, pp. 254-56.

Padres da Companhia de Jesu, os quaes passa de ssessenta annos que estão no Preste [1] com tanta edeficação, quanta o mundo sabe, fazendo muitos serviços a Deos Nosso Senhor na reduçam dos scismaticos à união da Igreja Catholica. Devera o tal autor ler o Itenerario do P. Francisco Alvrez [2] e do P. Frei Antonio de Govea [3], e a Diogo do Couto quando trata da enbaixada que o emperador de Ethiopia mandou ao papa Clemente septimo [4], dos quaes autores entendera quan afastados andavão já naquelle tempo os abexins da Igreja Romana por estarem inficionados com os erros dos gregos. E também parece que não leo o tratado do patriarca Dom João Bermudes e, se os leo e não lhes deu credito, hé grande incredulidade, dando contudo inteiro credito a hum abexim peregrino que lhe deu ocasião de macular a sua obra com manifestas falsidades.

[259r] *Vida do reverendissimo patriarcha de Ethiopia, Dom André de Oviedo.*

Cap. 25.

A vida do Reverendissimo Patriarcha colheremos de suas proprias cartas, das de seus companheiros e do instromento que de todos elles tirou o P.^e^ Belchior da Silva [5], vigairo geral de Ethiopia, por ordem do arcebispo Dom Aleixo de Meneses,

---

8 entenderão *corr. mó L* || 11 Bermudes *R*, Bernudes *L* || 13 manifesta *corr. mó L* || 15 *Desde* Vida *mt L*

---

1 Entraram definitivamente no ano de 1557, de maneira que em 1614 eram passados quase 60 anos.

2 É a obra *Verdadera informaçam das terras do Preste Joam (Ho Preste Joam das Indias),* na qual em várias lugares o Autor fala dos erros dos abexins.

3 P. Fr. António de Gouveia (1575-1628) O. E. S. A., desde 1602 missionário da Pérsia, escreveu sobre a *Jornada do Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes... quando foy às Serras do Malavar e lugares, em que morão os antigos Christãos de São Thomé* (Coimbra 1606). Cf. BARBOSA MACHADO I (2.ª ed.) 289-91.

4 Por ex. *Déc.* IV, l. I, c. 10.

5 Sacerdote secular, brâmane canarim (cf. p. 235).

o qual elle tirou de sete de Agosto de 1603 té 17 de Março de 1604 [1].

Carregado pois o Patriarcha já de annos e de trabalhos, foi Nosso Senhor servido levá-lo pera sy no anno de 1580 a 9 de
5 Julho [2], dia em que os abexis celebrarão a festa dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, indo, como piamente cremos, a receber o premio de sua sancta vida, a qual tantas vezes trouxe arriscada polla obediencia da See Apostolica e sua defenção contra os hereges. Era castelhano de nasção, natural de Ilhescas. Foi reitor do
10 collegio de Gandia [3], onde lhe aconteceo o caso seguinte.

Estando elle em sancta conversação com o Duque entrou hum frade leigo da religiam de São Francisco [4], o qual era varão sancto, e, saudando os dous, falou ao Duque por reverencia e ao Padre por senhoria. E olhando hum pera o outro ficarão espanta-
15 dos parecendo-lhes que o frade se perturbara e por isso trocara as cortezias, mas o bom religioso declarou com spirito profetico que o Duque avia de ser Padre da Companhia e portanto lhe chamara por reverencia, e o Padre avia de ser bispo e por esta causa lhe falara por senhoria [5].

20 No anno de 1551 acompanhou o Padre ao illustrissimo duque Dom Francisco de Borgea na jornada que fez a Roma [6], e no de cincoenta e dous era reitor do nosso collegio de Napoles [7], onde se exercitou na sancta virtude de hummildade e mortificação das paixões, que a todos punha espanto. Era varão de grande spirito
25 e devação. Escreverão delle os portugueses do Preste que lhes parecia semelhante a S. Pedro no governo de suas ovelhas e a

---

4 1580 *corr. de* 1579 *L* || 4-6 a — Paulo *na margem m6 L* || 19 senhoria *risca m6* e *L*

---

1 Deste instrumento dá extractos o P. P. Páez (l. 3, cc. 7 e 10-11: cf. BECCARI III).

2 Escreve o P. M. Fernandes, a 4 de Maio de 1581, sobre a morte de Oviedo: «Faleció el año de 7-, día de los Apóstolos, *fin de Junho*» (BECCARI X 323).

3 De 1545 a 1549.

4 Sem dúvida Fr. João de Tejeda O. F. M.

5 Coisa semelhante conta Gabriel Alvarez, *Historia de la Provincia de Aragón,* c. 20 (citada em *Epp. Mixtae* II 452[1]).

6 *S. F. Borgia* III 844. Chegaram a Roma a 23 de Outubro de *1550.*

7 MI *Epp.* IV 99.

S. Paulo no pasto que lhes dava da palavra divina [1]. Sua cabeça mandou trazer o P. Provincial Manoel da Veiga no anno de 1604 [2], a qual se guarda no collegio de Sam Paulo de Goa, falecendo elle, como também seus companheiros, no Preste. Custumava este bem-aventurado Padre dormir abraçado com hum retavolo da Virgem N. Senhora à qual tinha devação singular.

Começando pois como bom pastor a defender suas ovelhas dos lobos que as perseguião, o ouve primeiramente com el-rey Claudio e com os de sua corte, como acima dizemos [3], e depois disputou diante d'el-rey Adamas com os letrados abexiis, os quais com facilidade convencia, mas nem por isso se rendião, tirando alguns poucos que o Spirito Sancto efficazmente moveo, que erão religiosos [4]; o supperior dos quaes accusou o Patriarcha diante d'el-rey Adamas, dizendo que, [259v] se não fizesse tornar aquelles frades a sua primeira ley e crença, que todos seguirião a doutrina do Patriarcha, ao qual el-rey mandou chamar e lhe perguntou se era verdade que fizera catholicos aquelles religiosos? Respondeo que sy. E o reprehendeo gravemente por pregar a doutrina romana, e arremeteo com grande ira a elle chamando-lhe tredor, que com mentiras e falsidades queria enganar seus vassalos, e pondo nelle as mãos, rasgou a loba dizendo com grande colera: «Se minha gente fora a vossa terra e fizera isto, que lhe ouverão de fazer?» Ao que respondeo: «Eu faço o que Deus manda ensinando a verdadeira fee, e não deixarei de reconciliar a todos os que a receberam com a Igreja Romana, e se por isso V. A. me quiser matar ou mandar lançar aos leões, estou prestes pera receber a morte». E tirando logo o manteo, ficou em rochete encommendando-se a Deos com os braços cruzados esperando o golpe. Alevantou el-rey a espada pera lhe dar, mas, antes que descarregasse, saltou a espada fora da

27 encommendando *corr. m6 L*

1 Texto da carta ânua de Goa, de 20 de Outubro de 1578, citado em VALIGNANO, *Hist.* 333[30].

2 Refere o P. P. Páez, na carta de Fremoná, 24 de Julho de *1603*, que estava então tratando de enviar ao P. Provincial da Índia a cabeça do Patriarca (BECCARI XI 58). Cf. BECCARI III 110, V 456.

3 Cap. 12.

4 Carta do P. M. Fernandes, 13 de Junho de 1567 (BECCARI X 210-12).

mão, ficando o tiranno pasmado deste caso: o que vendo a rainha, se abraçou com o Patriarcha, estranhando assy ella como os fidalgos a el-rey querer usar de tanta crueldade com o Patriarcha [1].

Mandou depois disto trazer diante de sy a muitos dos que se tinhão convertido, e fez com que alguns tornassem atraz, ficando outros muito firmes na fee que professavão; a quatro ou cinco dos quaes mandou lançar ao leam, mas nenhum mal delle receberão, comprindo-se nelles a promessa que Deos fez ao justo, dizendo: «Conculcabis leonem et draconem» [2], do que todos ficarão muito espantados [3].

Converteo el-rey a morte que desejou dar ao Patriarcha em desterro, tomando-lhe o calix com que dizia missa, e também alguns catholicos forão degredados com elle e com o P. Francisco Lopes seu companheiro pera huma terra muito haspera e doentia e falta do necessario, a qual era de huma parenta da rainha. A tenção d'el-rey era que dissimuladamente os mandasse matar. Grandes forão os trabalhos e fomes que na jornada padecerão, porém aquelle Senhor que sostenta os corvos em o ninho [4], quando de seus pays são desemparados, acodio também à necessidade que seus servos polla dilataçam de seu sancto nome padeciam, não sofrendo que perecessem a pura fome [5]. Pello que passando huma ribeira grande e descançando junto della, senão quando subitamente se renova o antigo milagre do Mar Roxo, apartando-se as agoas e fazendo quasi dous muros, entre os quaes boa cantidade de peixe ficou em seco. Vendo os presioneiros de Christo a mercê que o mesmo Senhor lhe fazia, recolherão muita soma de pescado, do qual logo comerão e carregarão algumas mulas pera o caminho [6], que juntamente ser-

---

5 alguns *sobrep. m6, antes* muitos *L* || 6 muitos *corr. m6*

---

1 Cf. Beccari x 211-12, onde o acontecimento é narrado de diferente maneira, e ib. iii 65-67 (Páez, l. 3, c. 7), segundo «a testemunha que isto jurou».

2 Ps. 90, 13.

3 Páez l. c., segundo o depoimento da testemunha, que jurou ter estado presente a tudo (Beccari iii 65-66).

4 Lc. 12, 24.

5 Beccari iii 64-65.

6 Segundo o depoimento da testemunha que «a este milagre se achou presente» (Beccari iii 66).

virão pera sostentação dos desterrados e manifestação do milagre, que por todas as partes hião apregoando; pello que o mesmo criado d'el-rey que levava prezo ao Patriarcha disse delle que era grande sancto, poes Deos por elle fizera tão grande milagre.

Chegando poes o Patriarcha à terra pera onde el-rey o degredava, o criado deu o recado que levava àquella senhora [1], pera que o tratasse tam mal, que em poucos dias [260r] acabasse a vida; mas ella respondeo que primeiro avia de falar e ver que homem era. Fê-lo assy e taes mostras de santidade enxergou nelle, que disse ao mensageiro que aquelle homem era sancto, pello que o não podia tratar tão mal como el-rey mandava, dizendo que não queria pelejar com Deos. E lhe mandou logo dar trinta carneiros e cabras com muito pão, mas todavia o mandou pôr com guarda em huma serra, onde esteve cinco ou seis mezes degredado.

A senhora por sua devação o foi por vezes vizitar, polla suave pratica que da primeira ves teve com elle, e o achou sempre e ao P.e Francisco Lopes em oração. E huma das vezes chegando à porta da choupana aonde estavão agasalhados, vio dentro della tão grande resplandor e fermosura, que lhe parecia aver visto o sol e a lua, e pasmada de ver tam grande maravilha se tornou tremendo sem se atrever a entrar [2]. E contou a seu marido o que passava pedindo-lhe muito encarecidamente que não tivesse mais aqueles homens naquelle degredo e que pedisse a el-rey os largasse; o que o marido logo fez, indo ter com elle, e que se não os largava que avia de morrer e que seu reino se avia de perder. Pello que el-rey mandou logo hum criado que os fizesse soltar, mas que lhe não dessem mantimentos pera o caminho nem guia [3].

Porém o mesmo criado d'el-rey que levou o recado os encaminhou até chegar a hum lugar de catholicos, e lhe pedio a paga do trabalho que tomara em vir com elle. E não tendo o Reverendissimo que lhe dar, tomou por força a sobrepeliz e estola. E sendo

---

4 elle *R*, ella *L*

---

1 Segundo o depoimento duma testemunha era senhora daquella terra uma parenta do Imperador (Beccari III 65).

2 Depoimento da testemunha citada (Beccari III 65).

3 Ib.

reprehendido d'huma molher que não tomasse o fato da Igreja, respondeo o blasfemo scismatico que era fato da misquita dos mouros, e o levou ficando o Patriarcha com os olhos postos no ceo, e falando com Deos, disse: «Ha Senhor! Ha Senhor!», como que sentia muito
5 o sacrilegio cometido. Mas afastando-se o scismatico per hum quarto de legoa, tornou outra vez com tanta pressa, que maior ser não podia: pello que chegando quasi sem folego e sem dizer palavra lançou a sobrepeliz e estola aos pés do Patriarcha, e tornou a dar volta com a mesma pressa com que tinha vindo. Vinha o mise-
10 ravel com o rosto mudado e nos gestos parecia doudo, e nunca mais appareceo, o que causou grande espanto em todos e por muito tempo falarão os naturais do seu lugar neste caso por ser tão notavel. E tem tanto medo de tomarem alguma cousa dos portugueses, que fugindo na era de 601 duas vacas forão parar ao lugar deste
15 que desappareceo, onde as tomarão e, estando já pera as matar, disserão alguns que as conhecião, que as não matassem porque erão de hum português; que quem tomava o fato dos portugueses desapparecia logo, e assi tornarão as vacas a seu dono [1].

Era a charidade do Patriarcha tão grande com os pobres, que
20 tudo lhes dava e comia apas de jangada [2], que hé hum mantimento amargoso. Tendo já huma vez dado quanto avia em casa em tempo de fome, mandou matar hum boy de carga que levava o fato da Igreja quando hia de huma parte pera a outra e o repartio com os pobres. O que sabendo o senhor da terra lhe mandou setenta
25 panos, corenta vacas, muito mel e outras cousas de comer, com que remedeou os pobres e mandou fazer alvas pera as igrejas. Outra vez não tendo mais que a mula em que andava, a deu para o casamento d'huma orfam. Quando não tinha que dar aos pobres elle mesmo hia pedir esmola dous dias de caminho [260v] pera ter
30 que lhes dar [3]. Huma destas vezes o livrou Deos Nosso Senhor d'huns alifantes bravos que arremeterão a elle. Jurou hum dos

---

20 de *corr. mó de* da *L*

---

1 Todo este parágrafo aparece também em Almeida, l. 4, c. 12 (Beccari v 401-02).

2 Escreveu Almeida que o comer do Patriarca era «apa de *tef* preta e amargosa» (Beccari v 453; cf. ib. III 94).

3 Cf. Páez l. 3, c. 10 (Beccari III 95).

moços que o servio quatro annos que nunca o vira comer carne. Sua pobresa era estremada, chegou a não ter vestido com que podesse representar sua dignidade [1], nem vinho para dizer missa. Foi quatro vezes roubado e huma lhe queimarão a casa, escapando elle milagrosamente do incendio. Escrevia nas margens dos livros por falta de papel; ensinava os meninos a escrever e, por falta do mesmo, escrevia os treslados em ossos. Comia sevada torrada e lavrava as terras que o Bernagaes lhe tinha dado pera sua sostentação [2].

Tinha o Patriarcha particular graça e dom de Deos contra a praga dos gafanhotos, a qual hé muito ordinaria no Preste por causa da grande quentura das terras de Ethiopia, porque assy como em Castella e Alentejo esta praga hé mui ordinaria, e muito mais o seria se não fosse a grande diligencia que os povos poem em desenterrar os canudos da semente, assy nas provincias da Cafraria, onde não há tanta industria e saber, se logra toda a semente, da qual brota infinidade de gafanhotos; os quaes muito antes que cheguem ao Preste são conhecidos, porque causão no ar humas nuvens amarelas, sinal e pronostico de gafanhotos.

Estando no reino de Abexiim Dom Rodrigo de Lima por embaixador d'el-rey de Portugal, vierão grandes exercitos de gafanhotos sobre as searas. Forão-se os pobres abexiis ao P.e Francisco Alvres, autor deste acontecimento [3], de que o tomou Joam de Barros na segunda Decada [4], e lhe pedirão remedio contra a praga dos gafanhotos. Respondeo que Deos o podia dar se lho pedissem com devação e contriçam dos peccados, reconhecendo ao Summo Pontifice por pastor universal das ovelhas de Christo resgatadas com seu precioso sangue. Ajuntarão-se pois os ecclesiasticos e os catholicos com os portuguezes e fizerão huma devota procissão, na qual o P. Francisco Alvres levou huma pedra d'ara em lugar de reliquia, e forão cantando as ladainhas respondendo

---

8 o] os *LR* | tinhão *R* || 31 respondeo *corr. m6 I.*

---

1 Páez: «O vestido veio a ser tam pobre que nam tinha senam hum panno baixo com que se cobrir» (Beccari III 94).

2 Cf. Valignano, *Hist.* 330-31.

3 Cap. 32.

4 L. 3, c. 4.

os catholicos a ellas. E chegando a hum teso distante da povoaçam per hum quarto de legoa parou ally a procissão, e o P. Francisco Alvres mandou tomar huns poucos de gafanhotos, os quaes exorcisou e mandou da parte de Deos que logo sahissem das
5 terras do Preste. E mandando soltar os gafanhotos, se forão ajuntar com os outros, e subitamente veo huma grande trovoada que os levou com tanto impeto e furia, que davão nas costas aos abexiins; e crecendo as ribeiras que deciam dos montes se afogarão milhares de gafanhotos, que passada a trovoada os abexiins
10 acharão postos em montes mui grandes, os quaes poseram en conserva, veniaga mui ordinaria na costa de Arabia, a qual levão a muitas partes e servem de boa sostentação como se forão camarões. O viso-rey Dom Francisco d'Almeida achou muitas jarras deste mantimento em Dabul quando pôs aquella cidade a fogo
15 e a ferro [1].

Tornando pois ao Reverendissimo Patriarcha, estando elle huma vez no lugar de Fremona vierão exercitos tam grandes de gafanhotos, que cobrião as sementeiras e, postos nas arvores, se vinhão os ramos abaixo com seu pezo. Vendo elle tam grande
20 mal convocou o povo na igreja, e feita primeiro oração sahio com elle em procissão até huma crus, e fazendo dally os exorcismos que a Igreja Romana custuma em semelhantes trabalhos, ficarão os gafanhotos secos e mirrados sem fazerem mal algum [2]. A-[261r]brangeo o benefficio não somente aos catholicos mas
25 também aos hereges, os quaes lhe forão dar as devidas graças conhecendo averem recebido esta mercê de Deos por sua intercessão. Outra vez vierão tantos gafanhotos sobre as sementeiras, que os catholicos as querião colher de noite pera que não fossem destruidas, mas fazendo o Patriarcha oração se alevantarão e forão
30 pera as searas dos hereges, e queixando-se do Patriarcha a hum frade abexim, os reprehendeo e mandou que lhe fossem pedir perdam como fizerão.

Teve também dom de profecia e particular protecção do ceo, o que se vio nos casos seguintes. Depois que tornou de seu des-
35 terro disse aos portugueses que não permanecerião em nenhuma das terras que o senhor de Tigari lhes tinha dado pera nellas faze-

---

[1] Ib.

[2] Cf. Almeida, l. 4, c. 22 (Beccari v 460).

rem sua habitação, porque estando elle dizendo missa pedira a Deos Nosso Senhor lhe revelasse que terra escolheria pera segurança dos catholicos, ouvio huma voz que lhe disse: «Fremoná permanecerá». Vindo depois os turcos entrando polla terra dentro e querendo os portugueses desemparar a Fremona por não ter defeza alguma, lhes disse o Patriarcha que bem podião estar seguros, porque os turcos não avião de fazer mal ao lugar. E foi assy, porque chegando elles obra de meya legoa de Fremona, indo com tenção de o abrazar, deixarão a estrada real que per caminho chão e direito os levava ao mesmo lugar e sobiram por serras muito asperas, queimando e destruindo os lugares à roda sem tocar em Fremona [1]. E as terras que o Barnagaes tinha dadas aos portugueses forão despovoadas, como disse o Patriarcha, e nunca até era de 603 nem os turcos nem os cafres chamados Gallas, que tem destruido grande parte daquelle reino, fezerão mal a Fremona chegando muitas vezes perto delle. E tanto hé isto assy, que passando cinco mil Gallas no anno de 1611 à vista de Fremona roubando e captivando os tigrenses, não ousarão de chegar à igreja nem casa dos Padres [2].

Indo huma vez el-rey Adama Segued contra o Barnagaes do Tigari, que contra elle se tinha alevantado e trazido turcos em sua ajuda e favor, indo o Reverendissimo com os mais Padres no arrayal d'el-rey, apresentando batalha ao alevantado foi por elle desbaratado e posto em fugida, e com os mais fugirão também os Padres, ficando o Patriarcha sem companheiro. Pondo-se elle poes em oração, passarão os turcos matando e captivando obra de sessenta passos, ficando elle no meyo de todo descuberto, cegando Deos aos turcos pera que o não vissem. E quando se levantou da oração disse a hum christão: «Filho, os Padres sam entregues nas mãos dos inimigos, mas não será nada. Fazei oração». Ficou elle espantado do que lhe disse, não podendo hummanamente saber aonde os Padres estavão; e foy assy porque os turcos os cativarão, e hum christão que estava da banda do alevantado pedio de mercê

3 voz] vez *L* || 17 no *corr. mó de* e no *L*

1 Cf. Páez, l. 3, c. 10 (Beccari III 93).
2 Carta ânua, Goa, 1612 (Beccari XI 290-91).

os Padres ao Baxá dos turcos e os largou ficando elles em sua liberdade [1].

Partindo-se o Reverendissimo do mesmo lugar aonde fez a oração, sobio na sua mula e, fazendo seu caminho pera onde esta-
5 vão os portugueses, encontrou com hum soldado abexiim que era da banda dos vencedores, e o fez apear cavalgando o scismatico na mula. Continuando o Padre seu caminho a pé, disse a hum christão que o acompanhava: «Deixai-a levar, filho, que não hé nada». E chegando no mesmo dia ao alojamento dos portugueses, chega-
10 rão também os Padres soltos e livres. Mas o soldado que levou a mula foi bem [261v] castigado polla descortezia que fez ao Patriarcha, porque entrando em sua casa lhe morreo a molher e dous filhos que tinha; e arreceando elle muito não lhe acontecese também o mesmo, arrependido já do mal que tinha cometido, foi em
15 busca do Padre e lançado por terra a seus pés lhe pedio perdão do desacato que fizera, contando-lhe como Deos o tinha já castigado, e tornando a mula hummilmente lhe pedio que rogasse a Deos por elle pera que o não matasse. Assegurado elle pello Padre, foi dahy por diante muito differente e de quando em quando lhe levava
20 alguma cousa [2].

Estando el-rey Atnaf Segued pera ir à guerra contra os mouros [3], disse o Padre aos portugueses que o querião acompanhar que de nenhuma maneira fossem com elle, porque nem el-rey avia de tornar nem elles se o acompanhassem. E assy foi, porque el-rey
25 foi morto na guerra e os portugueses com elle. Entre os quaes foi hum a quem sua molher escreveo da parte do Padre que se tornasse, e respondeo que não queria porque em caso que el-rey vencesse o teria em roim conta não no acompanhando [4]. Vendo o Patriarcha que os portugueses não dezistiam de seu intento, lhes
30 mandou o P. Francisco Lopes pera que os confessasse. O mesmo dom de profecia se vio no viso-rey de Tigré, chamado Isac [5], cabeça

---

6 seismatico *LR*

---

1 Cf. a carta do P. M. Fernandes, de 31 de Março de 1563, em BECCARI X 172.

2 Consulte ALMEIDA, l. 4, c. 12 (BECCARI V 402-03).

3 Mais exactamente o P. PÁEZ: os mouros de Adel (BECCARI III 96).

4 Páez l. c.

5 Isaac Barnagaes.

dos Adeganas, fidalgos da provincia de Syré, o qual era muito amigo do Patriarcha e lhe tinha tanto respeito, que antes de chegar a sua palhota pera o visitar tirava o pano de seda dos hombros e o atava na cinta, cortezia que os vassalos fazem aos reis e principes de Ethiopia. Tinhão os frades dito ao viso-rey que emquanto o Patriarcha vivesse elle reinaria no Tigré e morto o Patriarcha acabaria elle também o governo e morreria como aconteceo [1]. Custumão os senhores de Ethiopia apearem-se antes de chegarem aos adros das igrejas e depois entrão a fazer oração. Aconteceo que passando o viso-rey polla porta do adro sem se apear, foi descavalgar à porta do Patriarcha e a mula cayo logo morta no chão. Conheceo elle sua culpa e pedio ao Patriarcha que rogasse a Deos o não castigasse [2]. Soube-se aproveitar deste caso o viso-rey Cafluade que governou treze annos os tigrenses, o qual com ser pouco affeiçoado a nossas cousas tinha tanta reverencia à igreja, que tanto que entrava nas terras a ella pertencentes mandava que se não tocassem os atabales, sendo custume tangê-los todo o tempo que o exercito vai marchando [3].

Sendo hum christão cativo pollos turcos, o querião obrigar a se fazer mouro. Mandou pedir ao Patriarcha que rogasse a Deos por elle, porque estava certo que por suas orações o livraria daquella afronta; e depois fogio huma noite e, sem saber nadar, passou hum braço do mar e foi dar graças ao Padre.

Tinha o Patriarcha o gosto tão mortificado que misturava hum comer com outro, e huma vez bebeo azeite cuidando que era agoa. Era tam continuo em escrever tratados na lingoa da terra que muitas vezes lhe levavão de comer e não dava fee delle, nem dos que entravão, pollo que os moços que já sabião disto tomavão o que achavão; e tanto foi o trabalho de continuar com a escretura, que lhe veyo a nascer huma postema entre os hombros.

Quando dizia missa lhe levavão os mininos doentes pera que rezasse sobre elles o Evangelho e muitos delles saravão. Hum

---

12 rogassem *corr mó L*

---

1 Foi degolado por traidor em 1578 ou 1579 (cf. BECCARI IX 305-07). Veja-se também BECCARI III 109.

2 Carta ânua de Goa, de 1612 (BECCARI XI 292)

3 Ib.

homem tinha seu filho tam mal que já se não bolia, e pondo-o junto de seus pés o achou sam acabada a missa. O capitão dos portugueses tinha hum filho cego e doente: assy elle como a molher lhe pedirão que alcançasse de Deos vista e saude ao
5 menino, ou o levasse pera sy por não terem diante dos [262r] olhos objecto de tanta magoa. Foi dizer missa por elle e foi Deos servido livrá-lo das miserias presentes chamando-o pera sy.

Estando o Padre muito doente de dor de pedra (no mês de Setembro de 1577)[1], de que morreo, os que o visitavão, tendo
10 delle compaixão, diziam que fora melhor que Nosso Senhor o levasse depressa. Ao que ele acodio que não dissesem tal cousa, porque se daquella maneira podesse servir a Deos folgaria de viver mais trinta annos.

Todos o tinhão em conta de grande sancto, ainda os hereges,
15 pello que, vendo-se opprimidos dos turcos, mandarão os monges ao Barnagaes que não deixasse afastar de sy o Patriarcha e que não tivesse medo, porque emquanto o tivesse em sua companhia não perderia suas terras; e quando morreo deu o senhor da terra grandes mostras de sentimento e, batendo com a cabeça na terra,
20 disse: «Somos perdidos»[2].

Jurou Aser, abexiim catholico, que sendo elle herege e residindo em sua terra, trinta e cinco dias de caminho donde estava o Patriarcha, se lhe representou huma noite em sonho juntamente com o P.e Manoel Fernandez, e lhe parecia que lhe dava de beber
25 pello calix. E acordando contou isto a muitos e, vindo ter dally a dous annos onde estavão os ditos Padres, os conheceo logo sem nunca antes do sonho os ter visto, com cuja vista se determinou de ser catholico, e perseverou na Igreja confessando a fee romana.

30 Também Nosso Senhor mostrou depois de sua morte quanto lhe tinha agradado na vida, fazendo por sua intercessão muitas mercês aos que se encomendavão a elle e vizitavão sua sepultura[3]. Tanto conceito tem os hereges de sua santidade, que

---

8-9 no — 1577 *sobrep. m6 L*

---

1 Devia ser antes, pois faleceu na festa de S. Pedro e Paulo de 1577.
2 Cf. Páez, l. 3, c. 11.
3 Deste assunto trata amplamente Páez, l. 3, cc. 10-11.

estando doentes mandão logo levar a terra de sua sepultura [1], e desfazendo-a na agoa, huns a bebem e outros se untão com ella e alcanção saude, e em sinal do agradecimento lhe offerecem trigo, mel e candeas.

Quando os hereges contendem sobre alguma cousa de importancia, vam jurar sobre sua sepultura, e o tem por muito grande juramento [2]. E acontecendo huma vez que hum jurou falso, quando chegou a casa achou huma só mula que tinha morta em pena do perjurio.

Jurou hum abexim, fizico e surgião, que tendo elle huma grande chaga numa ilharga e avendo feito muitas meizinhas, se achava de cada vez peor. Estando dormindo lhe dizião, pera que buscava mezinhas, que tomasse huma pequena da terra da sepultura do Patriarcha e untasse com ella a chaga e que sararia. Três ou quatro vezes se untou com ella desfeita na agoa e alcançou perfeita saude [3].

Avendo muito grande falta de agoa, tanto que as sementeiras se secavão, forão-se os hereges a sua sepultura e disserão: «Sancto Patriarcha, socorrei-nos a esta nossa necessidade, porque se nos socorrerdes, tomaremos a fee que nos ensinaveis». E logo no mesmo dia choveo tanto, que se remedearão as sementeiras.

Certificou hum italiano, chamado Conterino [4], que pouco antes da morte do Patriarca vira huma noite sobre sua casa hum grande resplandor. E perguntando-lhe ao dia seguinte que cousa fora aquela, respondeo depois de muito importunado, que estando em oraçam rogando a Deos por Ethyopia lhe apparecera hum anjo e lhe manifestara algumas cousas que avião de soceder, mas nunca pode acabar com elle que lhas descobrisse [5].

---

2 desfazendo-o *LR* || 13 da' *corr. mó de* de *L* || 22-28 Certificou — descobrisse *na margem pelo mesmo amanuense L*

---

1 Beccari III 110.

2 Ib.

3 Beccari III 109-10.

4 Vicente Contarini, patrício véneto, desde 1571 no Tigré. Navegou para a Índia no tempo do Vice-Rei M. de Albuquerque (sobre ele v. Beccari XV 98).

5 Este último parágrafo está escrito à margem (cf. ap. crít.).

Vida do Patriarcha de Ethiopia Dom Belchior Carneiro.

Cap. 26.

Dos três patriarchas de Ethiopia o derradeiro que faleceo foi o Reverendissimo [262v] Senhor Dom Belchior Carneiro, cuja vida
5 brevemente hé a seguinte.

Entrou o Senhor Patriarcha na Companhia de Jesus já letrado em tempo de N. B. P. Ignacio [1]. Cousa facil lhe foi sair em breve tempo com os estudos acabados por seu grande engenho e habilidade, e dar principio ao estudo das letras desde sua meninice; e
10 era natural de Coimbra, na qual floreciam as artes liberaes e as sciencias supperiores. Era das principaes familias daquella cidade. Deu-se muito deveras à mortificação das paixões e ao estudo das vertudes, pello que Deos Nosso Senhor lhe communicou muito de seu spirito, e tinha-o elle mui grande e dom singular pera conhecer
15 e discernir os varios spiritos, como também se diz do P. Pedro Fabro.

Sabendo pois N. B. P. Ignacio de sua grande virtude e letras, o mandou ir a Roma, experimentando bem quão grande varão elle fosse, communicando com elle muito familiarmente e o tomou por seu confessor; e por suas raras partes o nomeou por companheiro
20 do Patriarcha pera bispo e futuro successor do patriarchado de Ethiopia. Partio de Roma pera Portugal no anno de 1553 [2] em companhia do P.e Luis Gonçalvez de Camara, e nomeado já por bispo de Nissea se embarcou pera a India antes de ser consagrado no anno de 1555 em companhia do P. Antonio de Quadros.
25 E como quer que a missão de Ethiopia se dilatasse, occupou-se nos ministerios da Companhia, e, como já dissemos [3], foi o primeiro lente de casos que ouve nas escolas do collegio de São Paulo; e depois foi pera Cochim e daly fez algumas saidas pera os christãos de Sam Thomé, por outro nome chamados os
30 christãos da Serra, porquanto estão espalhados por varias serras e provincias do Malavar [4].

---

1 Em 1543.
2 Foi no Outono de 1554 (cf. MI *Epp.* VII 601; *Fontes narr.* I 560).
3 No livro 6, c. 24, p. 143.
4 Cf. DI III 795-811 e VALIGNANO, *Hist.* 336-41.

Nesta christandade andava hum bispo nestoriano semeando varias heregias, inficionando aquella pobre gente com seus erros. Ordenava por dinheiro não somente os que tinhão idade pera as ordens, mas ainda aos meninos de berço, o qual nem era bispo nem sacerdote. Contra este pregava o Bispo elleito, porém nunca se pode encontrar com elle, porque o falso bispo fugia da presença de doutor catholico [1]. Finalmente foy o nestoriano tirado daquella christandade e mandado pera Portugal, mas arribando outra vez a nao que o levava o fizeram embarcar pera sua terra e o Patriarcha de Babilonia o mandou a Roma, onde abjurou as heregias de que estava inficionado e confessou não ser sacerdote. E o papa Pio quarto o reconciliou com a Igreja Romana e o mandou ordenar de todas as ordens e consagrar em arcebispo de Angamale, ao qual os Padres da Companhia muito ajudarão na reformação e redução de suas ovelhas. Chamava-se Mar Abrahão [2].

Tornando ao nosso Bispo elleito, occupando-se elle na cidade de Cochim em nossos ministerios e pregando contra os judeus, lhe vierão a ter tam grande odio, que lhe atirarão com uma frecha pera o matar, e lhe levou o barrete fora da cabeça [3]. Foy consagrado no anno de 1560 no collegio de Sam Paulo pello Patriarcha de Ethiopia Dom Joam Nunes Barreto, o qual teve por assistentes ao arcebispo Dom Gaspar [4] e a Dom Jorge de Sancta Luzia, primeiro bispo de Malaca [5]. A consagração foy aos quinze de Dezembro na 3.ª dominga do Advento, celebrada com hum baptismo de 409 almas, e foi o primeiro que vio o novo Arcebispo que pouco avia [263r] tinha chegado do Reino [6].

Quando o papa Julio 3.º mandou consagrar o patriarcha Dom Joam Nunes Barreto, ouve o Reverendo P. Carneiro comissão de Sua Santidade pera ser consagrado por bispo, e que lhe

---

16 Tornando-se *corr. mó L.*

---

1 Carta de Carneiro, Goa 24 de Dezembro de 1557 (cf. DI III 795-801).

2 Da vida agitada de Mar Abraham consulte-se E. Card. TISSERANT em *Dictionnaire de Théologie Catholique* 14 (Paris 1941) 3103 e segs.

3 Cf. DI IV 40-41 e VALIGNANO, *Hist.* 344.

4 D. Gaspar de Leão.

5 Carta de Carneiro para Roma, Goa, Dezembro de 1560 (DI IV 840).

6 Carta de L. Fróis, 1 de Dezembro de 1561 (cf. DI V 276).

fosse tomado o juramento solito pollos bispos do Algarve e Portalegre; e como quer que se embarcasse pera a India antes de se consagrar, mandou pedir dispensação do juramento, pois que não podia tornar a Portugal pera o cumprir. O muito reverendo P. Vigairo Geral da Companhia de Jesus Diogo Laines, alcançou do reverendissimo penitenciario mayor, o Cardeal de Sant Angelo, a 11 de Fevereiro de 1558 dispensação pera que fizesse o custumado juramento nas mãos dos senhores bispos que na India o avião de consagrar [1].

Era o bispo Carneiro tão doente de pedra e asma, que o P. Provincial Antonio de Quadros lhe queria impedir a consagração por não ter saude pera a missam de Ethiopia, propondo a N. R. P. Geral em seu lugar o P. Mestre Belchior, irmão do Patriarcha [2]. Depois foi pera a China e governou aquella igreja e a de Jappão com amor de pay e vigilança de pastor. E como já fosse carregado de annos, renunciou o bispado e se recolheo na casa da Companhia de Amacao. N. R. P. Geral Everardo Mercuriano lhe alcançou do papa Gregorio 13 licença pera renunciar e tornar a ser subdito da Companhia. O mesmo P. Geral e o P. Claudio Aquaviva, que lhe socedeo, escreverão ao P.e Visitador Alexandre Valig[n]ano que o fizesse supperior da Casa de Macao ou reitor do collegio de Cochim, ou superintendente do mesmo. Mas Sua Senhoria quis antes obedecer que mandar, deixando-nos exemplo do que em semelhantes casos deviamos de fazer. E foi gosar de Deos Nosso Senhor a dezanove de Agosto de mil e quinhentos e oitenta e três, sendo já neste tempo patriarcha de Ethiopia, per morte do reverendissimo Dom André de Oviedo.

Foi sua morte conforme a vida. Deu grande exemplo de pobreza, charidade e pasciencia em huma prolongada doença de asma, que mais de vinte annos lhe durou, passando cada mez e mais vezes polla hora da morte. Foi sepultado na igreja da Companhia de Jesus.

---

[1] Neste mesmo dia obteve Laínez muitas outras faculdades para o Oriente e para o Brasil (cf. *Instit. 117a,* ff. 107r-08r : DI IV 59).

[2] Esta carta, que parece estar perdida, foi provàvelmente escrita em Novembro ou Dezembro de 1559, quando voltou o P. Carneiro muito doente de Cochim a Goa (cf. também DI V 3 120).

Indo o P. Miguel Rogerio [1] de nossa Companhia à cidade de Cantam em companhia dos mercadores encontrou hum moço china, ao qual falou de Deos e de sua sancta ley com tanto fervor, que a semente da divina palavra lançou nelle raizes. Pello que tornando-se os mercadores pera Macao, foi o china hum mez depois de sua partida em busca do Padre, ao qual pedio com instancia que o fizesse christão. Diffirio-se o baptismo por justas causas, e o moço foi mandado pera Japão, donde em breve tornou pera a China onde recebeo o santo baptismo. Tornando os portugueses a Cantão fez o pay do moço queixume delles e do seu Padre aos mandarins, dizendo que lhe fizerão o filho christão tirando-o da devida obediencia a seu pay. Vendo-se os mercadores neste aperto, o mandarão pedir ao capitão de Macao que logo foi pedir o novo christão aos Padres da Companhia, os quaes responderão que sua petição era injusta por ser contra a ley de Deos, mas porque os portugueses, intereçados na mercancia ajudavão a seus agentes e feitores, importunavão os Padres que entregassem o christão aos chinas infieis, os Padres o entregarão ao bispo Dom Belchior Carneiro, que por nenhuma via o quis entregar ao capitão. Vendo o [263v] china christão o muito que por sua causa perdião e padecião os portugueses, se offereceo animosamente a fazer a viagem de Cantam sem perjuizo de sua fee e salvação, dizendo que Deos lhe dava isto a sentir. Folgarão os moradores muito com esta resolução. Acompanhou o Senhor Bispo como bom pastor sua ovelha, e chegando a Cantam se foi o christão voluntariamente apresentar aos mandarins, que logo mandarão restituir as fazendas aos mercadores. Porém pretendendo elles tirar a Christo d'alma do bom christão, elle o confessou diante de todos com alegria dos portugueses e do Senhor Bispo, que com suas palavras o animava a perseverar na confissão da fee, pera o que ajuntava às ferventes orações a[s] aflições do corpo. Ouvio Deus seus rogos e deu constancia ao novo christão pera sofrer os rigorozos açoutes

5 Macao *corr. mó de* Meaco *L*

[1] P. Pompónio Miguel Ruggieri nasceu em 1543 em Spinazzola (Puglie), entrou a 28 de Outubro de 1572, navegou para a Índia em 1578, e em 1579 para Macau. Voltou em 1588 para Itália, onde faleceu a 11 de Maio de 1607 na cidade de Salerno (Ricci-D'Elia I, pp. XCVIII-C).

que as justiças da China custumão dar aos malfeitores, as quaes vendo que nada aproveitavão, mandarão soltar o christam, o qual se tornou com o Senhor Bispo victorioso pera a cidade de Macao.

Do glorioso fim que teveram os primeiros Padres que foram a Ethiopia.

Cap. 27.

O primeiro que Nosso Senhor levou pera sy foi o P. André de Gualdamez, natural de Xeres de la Frontera. Era tido dos abexiins por varão sancto. Trabalhou muito na traducção dalguns tratados que o Patriarcha fez pera reduzir os scismaticos, e de tal maneira se applicou ao estudo da lingoa da terra, que adoeceo gravissimamente e não achando melhoria foi necessario que o mandassem pera a India [1]. Tomando poes a benção do Patriarcha e despedindo-se dos companheiros e amigos, foi ter ao porto de Massua, no qual sendo conhecido por espanhol foi morto pellos turcos, e desta maneira foi receber o premio de seus trabalhos, não sem probabilidade de alcançar com sua morte a gloriosa coroa de martirio, pois que sendo morto pollos inimigos de nossa sancta fee, hé de crer que o matarão mais por ser christam e sacerdote, que por rezão de estado [2]. Sua morte foy em Agosto de 1562.

O segundo foi o P. Gonçalo Cardoso, português, o qual indo por mandado de seu supperior no anno de 1574 a confessar os catholicos que moravão em Dambea, foi morto a 22 de Mayo

---

7 André *sobrep. mó, antes* Lourenço *L* || 20-21 Sua — 1562 *acr. mó L*

---

1 Escreveu porém o P. M. Fernandes, superior da missão etiópica, a 29 de Julho de 1562 ao Padre Geral: «Io le di licencia que se fuese, porque andava él tall que no parescyó servycio de N. S. negársela. Verdad sea que no se la di, sinó por él me tener dicho publice que se avía de hir, aunque io le negase la licencia» (BECCARI X 155).

2 Cf. Páez, l. 13, c. 12 (BECCARI III 116-17).

pellos ladrões pera lhe tomarem esse pouco de fato que levava [1]. Quando o supperior o avizou pera esta jornada, disse ao P.e Francisco Lopes, seu companheiro: «Vou porque V. R. me manda, mas não ey-de chegar lá, nem ei-de tornar quá». Quando em Fremona se aparelhou pera a jornada estando carregando hum boy que avia de levar, disse: «Vós, boy, aveis de fazer que me matem os ladrões». O que ouvindo hum christão lhe disse: «Se V. R. arrecea isto, eu direi ao Patriarcha que o não deixe hir». Ao que respondeo que não era necessario; e tendo já andado oito ou dez dias de caminho, disse a huma molher, a qual elle confessava, que não deixasse a fee, porque aquelle seria o derradeiro dia no qual na prezente vida se verião [2]. Despedio-se também dos companheiros, dizendo que não escaparia com a vida thé o dia seguinte, o que assy aconteceo, sendo morto pellos salteadores dos caminhos. Pello que lhe parece que Nosso Senhor lhe revelou sua morte, a qual todos muito sentirão por saber bem a [264r] lingoa abexim e ser de grande charidade com os pobres, e ter particular dom de Deos pera concordar os desavindos. Sua ossada se levou depoes a Fremona e foy depositada na sepultura do Patriarca [3].

O terceiro que faleceo em Ethiopia foi o P.e Manoel Fernandez no anno de 1583 [4], dia do nascimento do Senhor, com grandes mostras de virtude e santidade. Era supperior da missão do Preste, e porque foi necessario nomear outro supperior, por rezão das faculdades e previlegios que a Companhia tem pera communicar os fieis (o que deve ser por ordem do prelado), considerando elle que os dous Padres [5] que ficavão erão de rara virtude e exemplo, e cada hum delles passava de sessenta annos, lhes disse que lançassem sortes sobre quem o avia de ser, porquanto cada hum delles por sua hummildade se tinha por indigno do cargo.

---

2 pera *corr. mó de* por *L* || 4 Fermona *corr. L* || 10 huma *sobrep. mó, antes* mesma *L* || 19-20 depoes — Patriarca *na margem mó L* || 22 1582 *corr. mó L*

---

1 Carta do P. António Fernandes, de 22 de Setembro de 1575 (BECCARI X 265).

2 Cf. Páez, l. 3, c. 12 (BECCARI III 118).

3 Cf. BECCARI III 119.

4 Cf. a carta de Francisco Lopes, 21 de Março de 1584 (BECCARI X 334).

5 Francisco Lopes e António Fernandes.

Hum frade herege persuadio ao emperador que mandasse cortar as cabeças dos abexins que tinhão tomado a fee dos portugueses. Disse o P. Manoel Fernandez a hum que se tinha reduzido que não tivesse medo, porque aquelle frade morreria antes
5 de dous mezes. E assy foi, pello que faltando este ministro do diabo que atiçava o emperador, deixou de cometer a crueldade que lhe aconselhava.

Despedindo-se o mesmo Padre em Dambea daquelle christão, lhe disse que seu tempo era chegado, que se hia pera Fremona
10 pera ser enterrado com o Padre Patriarcha. E assy aconteceo, porque daly a pouco passou desta vida, sendo seu corpo depositado com o do Patriarcha na mesma sepultura. Estando elle pois doente entrou hum christão a visitá-lo, e saudando-o lhe disse: «Nosso Senhor dee saude a V. R.», ao que elle respondeo: «Amen.
15 Mas não vos pareça que será como outras vezes. Não vos afasteis daqui». E lhe perguntou quando era dia de Natal? Respondeo que domingo. Acodio o Padre: «Por esse dia espero eu». E chegando elle, mandou que todos fossem ouvir missa e tanto que jantassem tornassem logo, e tornando, faleceo. Pello que sentirão os
20 catholicos que Nosso Senhor lhe revelava o dia de sua morte, e que fosse o do seu nascimento, do qual era muito devoto. Quinze dias antes de morrer se foi à sepultura do Patriarcha depois de dizer missa e disse: «Não vos pareça, Padre, que só aveis aqui de ficar. Todos os quatro que ficamos vos avemos de acompanhar na
25 mesma sepultura». E assy foy, porque todos nella forão enterrados.

Foy o Padre de grande charidade com os pobres. Criou-se o P. Manoel Fernandez em casa do bispo dayão da capella d'el-rey, Dom Diogo Ortis. E por ser muito pratico nas ceremonias [1] o deu ao Patriarcha Dom João Nunes Barreto por mestre das ceremonias,
30 e depois entrou na Companhia dando de mão às esperanças que sua capelania lhe dava de vir a ser rico prebendado, escolhendo antes a prebenda dos trabalhos de Ethiopia polla salvação das almas, que o descanço da doce patria e suave conversação dos amigos [2].

35 No quarto lugar levou Nosso Senhor pera sy na era de 1593 o P.e Antonio Fernandez, natural de Braga, de huma parlisia que

---

1 Cf. POLANCO, *Chron.* IV 581 e V 607.

2 Leia-se o seu necrológio em BECCARI III 119 e V 461-62.

avia quatro mezes lhe tinha dado, os quaes passou com grandissimos trabalhos e dores immensas, sem se poder mover nem falar, porque tanto que lhe deu o mal lhe tirou a fala. Avia trinta e seis annos que estava no Preste [1]. [264v] Era muito caritativo e, ficando por superior, dava muitas esmolas e servia aos doentes. Continuamente andava per caminhos asperos e difficultosos vizitando os lugares dos catholicos, pollos quaes muitas vezes falava ao emperador. Dos trabalhos que nestas jornadas padeceo se lhe occasionou a morte [2], tomando-a Deos Nosso Senhor por instrumento de lhe dar o premio devido conforme a seus merecimentos.

O derradeiro desta trabalhosa missão foi o P. Francisco Lopes, natural de Lisboa, a quem Nosso Senhor levou pera sy no mez de Mayo de 1597, sendo de oitenta annos de idade, dos quaes gastou os corenta no serviço dos catholicos de Ethiopia. Sentirão grandemente sua morte as reliquias portuguesas por se verem privados do ultimo remedio que tinhão pera sua consolação e conservação na fee. Achando-se mal este bom Padre, mandou ajuntar cinco portugueses dos que foram com Dom Christovão da Gama, dos quaes escolheo o mais velho, per nome Gonçalo Soares [3], e lhe entregou o movel da igreja e cuidado daquelle rebanho dos catholicos, que serião naquella povoação atté mil almas [4], animando a todos a perseverar na fee da Igreja Romana, e que por todas as vias escrevessem ao arcebispo de Goa, Dom Frei Aleixo de Meneses, pera que os provesse de pastor, e ao Viso-Rey que lhes não faltasse com a esmola ordinaria, da qual muitos annos avia os serenissimos reis de Portugal lhes fazião mercê [5]. E dando a alma a seu Criador, o enterrarão na cova do Patriarcha, fazendo-lhe as exequias como souberão, mais acompanhadas de lagrimas e soluços, que de vozes e ceremonias, das quaes tinhão pouco exercicio.

---

13 1596 *corr. m6 L*

---

1 Segundo a carta do P. Francisco Lopes, de 1593 (cf. BECCARI X 379).

2 Cf. Páez, l. 3, c. 12 (BECCARI III 120-21).

3 Acompanhou os Padres à Etiópia em 1557 Gonçalo Soares Cardim (BECCARI V 370), e ajudou muito «consilio et opera» o sacerdote secular Belchior da Silva, que os veio a substituir desde 1598 até 1603 (cf. BECCARI XV 318-19).

4 Cf. BECCARI X 407.

5 Eram 500 cruzados cada ano (Filipe II de Portugal, 21 de Novembro de 1598: BECCARI X 408).

Era tão grande a penitencia que o Padre fazia, que veo a não ter mais que a pelle e os ossos, e o superior o mandava comer per força. Partindo no inverno de Dambea, se cobrio com huma pelle. Perguntando-lhe hum christão pollo manteo, tão necessario naquelle tempo contra os frios e chuvas, respondeo que o mandara dar a huma cega, por nome Maria, porque não tinha com que se cobrir. Depois que morrerão os outros Padres, ficando elle só, repartio tudo com os pobres, até hum saco em que dormia, e quando morreo teve por cama hum pedaço de couro roto [1], e tão pobre ficou que se não achou em sua casa com que o amortalhar. Huma somana antes que passase da prezente vida profetizou sua morte, e a vinda do Padre que da India avia de hir, dizendo que não estariam sem sacerdote mais que hum anno [2]. E assy foi, soccedendo-lhe o P. Belchior da Sylva. Era de tão grande charidade pera com os pobres, que pedindo-lhe hum esmola cortou hum pedaço da loba que lhe deu por não ter outra cousa. E morrendo huma molher sem ter com que fosse amortalhada, lhe mandou a loba que tinha vestida que lhe servisse de mortalha [3]. Estando huma vez gravemente doente sentião os catholicos muito sua doença e muito a morte, da qual estava mais vezinho que da vida: forão os fregueses tantas veses fazer por elle à igreja oraçam que Deos os ouvio. E convalecido elle já, lhes disse no fim da missa como Nosso Senhor lhe tinha perlongado a vida dous annos mais, a qual lhe conservou por todo este tempo. Estando algumas [4] pessoas tam desamparadas por causa das doenças contagiosas que padecião, que ninguém ousava de chegar a ellas, o Padre vencendo a repugnancia da natureza as servia varrendo as casas e lavando [265r] a roupa, donde lhe procedeo a doença de que morreo. Vindo huma vez os cafres [5] entrando a terra, tomou hum doente cheo de bichos às costas e o levou a huma serra pera o livrar daquelles inimigos. Seu comer era huma semente da qual não come senão gente muito pobre.

---

15 louba *corr. L*

---

1 Cf. Beccari III 123.
2 Páez, l. 4, c. 2 (Beccari III 212-13).
3 Beccari III 123.
4 Páez diz que foram seis (Beccari III 123).
5 Páez afirma que foram *galas* (l. c.).

Huma molher testemunhou que lhe dissera seu pay que fizesse muita conta do P. Francisco Lopes, porque era mui grande sancto, e que dizendo elle missa vira por algumas vezes quando se virava a dizer «Dominus vobiscum» seu rosto tão resplandecente, que lhe tirava a vista dos olhos e quando se tornava a virar pera o altar virava também a claridade com elle. E outra testemunha, que parecia seu rosto estando no altar tam resplandecente como de hum anjo, e que seus cabellos parecião fios de ouro, mas quando sahia da igreja os via brancos e o rosto com sua mesma cor [1].

Entrando huma vez os cafres Gallas polla terra dentro já perto de Fremona, onde avia por esta causa grande medo e revolta nos moradores, os assegurou dizendo que Fremona não padeceria mal algum.

Vida do Irmão Fulgensio Freire.

Cap. 28.

Também me pareceo meter neste lugar o Irmão Fulgencio Freire, o qual por ordem do viso-rey Dom Constantino de Bragança, do Patriarcha Dom Joam Nunes Barreto e do P. Provincial Antonio de Quadros foi mandado a Ethiopia no anno de 1560 a saber do bispo Dom André de Oviedo e de seus companheiros por não terem novas delles depois que lá estavão. O Irmão Fulgensio Freire era o mais apto pera esta missão por aver já estado no Precioso Joam em companhia do P. Mestre Gonçalo Rodrigues [2].

Mandou o Viso-Rey armar três navios, de que deu a capitania a Christovão Pereira Homem; dos outros dous erão capitães Roque Pinheiro e Vicente Carvalho. Os quaes partindo na entrada de Fevereiro de 1560, forão fazendo sua derota té averem vista da costa de Arabia, e della atravessarão à ilha de Socotorá [3], onde

---

[1] Beccari III 122.

[2] Cf. supra l. 6, c. 23, p. 136.

[3] Embarcou-se o Irmão a 10 de Fevereiro no cais de Goa e chegou à ilha de Socotorá a 24 do mesmo (carta de Freire, de 12 de Agosto de 1560: Beccari X 103). Gonçalves segue Couto, *Déc.* VII, l. 8, c. 8.

alimparão os navios e se proverão dalgumas cousas. Daly forão demandar a boca do Estreito da banda do Abexiim, polla qual entrarão e chegarão a Massua, e vindo ter com elles hum mouro escreveo por elle ao bispo Dom André. O mouro se passou ao
5 porto de Arquiquo e deu a carta aos moços dos portugueses que aly estavão esperando novas da India, a qual elles levarão. Vendo o capitão que Massua estava occupada pellos turcos, determinou de passar à ilha de Camarão [1] a fazer agoada e a tomar falla de galés, sem querer lançar o Irmão em terra que
10 lho requereo [2].

Apartando-se poes da terra pera atravessar o Camarão, virão quatro gallés, das quaes era capitão hum famoso cossario per nome Çafar [3], o qual tomando o remo em punho foi demandar as fustas, as quaes virarão logo noutro bordo pera a banda do Abe-
15 xiim; porém a galé capitaina hia atropelando a fusta do Pinheiro que ficava hum pouco atrás. As duas fustas lhe acodirão e se poserão às falcoadas com a galé, e o Pinheiro teve tempo pera se acolher, ao qual os companheiros logo seguirão e o inimigo após elles. Porém anoitecendo as [265v] fustas lhe furtarão o rumo, e
20 fazendo seu caminho forão lançar ancora fora do Estreito; e amanhecendo foram demandar a costa de Arabia, onde outra vez se encontrarão com a gallé capitaina e, fugindo-lhe, acalmou-lhes o vento e se valerão do remo, do qual também o inimigo se valeo.

25 Indo poes os nossos escapando e fugindo quanto podiam, senão quando se alevanta hum soldado que em vos alta disse: «Muito fugimos!» Desconfiou Christovão Pereira e fez rosto à galé animando os companheiros à peleja. E pondo a proa na galé a entrarão, e como leões famintos arremeterão com os mouros e
30 tiverão na coxia huma bem travada peleja, ficando os nossos navios à vista sem acodirem ao capitão-mor. E fizerão tam grandes feitos de armas, como homens determinados a morrer ou sal-

---

12 gallos *corr.* *L* || 13 Cafar *L*

---

1 Kamarân, a oeste de Yemen (cf. *Mohît,* táb. xb e xi).
2 Cf. Beccari x 105-06.
3 Gonçalves e Couto escrevem *Cafar,* Freire *Sophar.*

varem-se por seus braços, mas como os turcos fossem cento e cincoenta e os nossos trinta [1], e todos bem sangrados, forão mortos muitos delles à espada por se não quererem dar à prisam, deixando de sy huma assinalada memoria entre os turcos. Os que morrerão forão o capitão Christovão Pereira [2], que bem se mostrou ser Homem e merecer o sobrenome que tinha, Thomás Botelho, Luis Castanho, Anrique da Gama e outros [3]. Os dous navios de Vicente Carvalho e de Pinheiro chegarão a Goa em fim de Abril, e o Viso-Rey mandou prender os capitães e soldados por desempararem ao capitão-mor [4].

E tornando ao Irmão Fulgencio Freire, tanto que os turcos cativarão os que ficarão vivos na galé entrarão na fusta, onde o acharão abraçado com huma imagem do sancto crucifixo donde animava os soldados à peleja. E parecendo-lhes pollo habito que era cacis ou Padre dos portugueses, o cativaram com oito feridas e cinco frechadas e duas facadas [5], de que ficou muito mal tratado: mas foi tanta a deshummanidade dos turcos, que assy o poserão a banco e o levarão a Moca, onde com os outros captivos servia na ribeira com sua braga, e de noite dormia prezo no tronco. Padeceo muita fome e muitas pancadas e afrontas neste duro cativeiro [6]. De Moca foi levado ao Cairo, onde converteo a seis infieis, dos quaes três forão logo depois de baptizados gosar de seu Criador [7]. Daqui escreveo aos Padres de Ethiopia dando-lhes conta de sua missão e cativeiro, os quaes desejarão muito de lhe mandar alguma cousa pera o gasto, mas estavão já neste tempo tão despezos pellos continuos roubos e assaltos, que dos inimigos

---

1 Freire: «eramos na fusta comiguo 29 homens» (BECCARI X 109); Gonçalves dá o número de Couto.

2 Segundo Freire foi sòmente ferido e trazido captivo a Moca, onde faleceu (BECCARI X 109-10).

3 Segundo COUTO, l. c., o qual afirma que Henrique da Gama era parente da casa da Vidigueira. Freire diz dele que foi mancebo fidalgo e sobrinho de Jorge da Silva e que o capitão turco o levou de presente ao baxá de Yemen (BECCARI X 110).

4 Segundo COUTO l. c.

5 Cf. as cartas de Freire em BECCARI X 109 e 114-15, nas quais fala de oito feridas, especificando-as.

6 Segundo Freire (BECCARI X 109-11).

7 Carta de Freire ao Padre Geral, Cairo 30 de Novembro de 1562 (BECCARI X 158).

padeciam, que lhe não poderão ser bons [1]. Escreverão comtudo ao nosso R. P. Geral Diogo Laines pera que S. Paternidade por via de Veneza procurasse sua liberdade [2].

Estando pois cativo no Cairo encontrou com os Padres
5 Christovão Rodriguez e Bautista Romano, da nossa Companhia, que de Roma forão mandados pello papa Paulo 4.º a petição do Patriarcha dos cophtos pera reducção daquella christandade. Confessou-se com elles, alegrando-se grandemente de em terras tão estranhas achar pessoas da mesma profissão e habito, posto que
10 por antão o seu fosse de cativo e não de religioso. Avizarão também os Padres a nosso P. Geral de seu cativeiro [3], e per via do embaixador de Portugal residente na corte romana foi o Irmão resgatado e foi a Roma, onde com grande devação visitou os sanctos lugares e beijou as cadeas de S. Pedro, renovando aly as lagrimas
15 de alegria por se ver em tão differente [266r] cidade daquellas nas quaes se via com semelhantes cadeas prezo: porém vinctus in Domino [4], gloriando-se mais no que padeceo per Christo Senhor Nosso, que nos feitos das guerras em que sendo secular per muitas vezes se achou.

20 Encontrou-se em Roma com o bem-aventurado martir Dom Inacio de Azevedo [5], e no anno de 1566 estava já em Portugal [6], onde servio muito a Nosso Senhor especialmente em Lisboa no tempo da peste [7], a qual aturou toda. O P. Provincial de Portugal lhe offereceo as ordens sacras, as quaes por seus merecimentos
25 N. R. P. Geral lhe concederia, porém elle contentando-se com sua sorte, respondeo que estava muy contente e satisfeito do estado a que N. Senhor o avia chamado no qual avia de acabar. E depois embarcando-se no anno de 1571 pera estas partes da India, o levou

---

10 e *risca m6* se *L*

---

1 Carta do P. M. Fernandes, 28 de Julho de 1562 (Beccari x 143-44).

2 Carta dos Padres de Etiópia, 29 de Julho de 1562 (Beccari x 155).

3 Carta do P. Baptista Romano ao Padre Geral, Cairo 12 de Novembro de 1561 (*Lainii Mon.* VI 113-14).

4 Eph. 4, 1.

5 O B. Inácio de Azevedo estava em Roma no verão de 1565 como eleitor da Província Portuguesa para a escolha do novo geral.

6 Na casa de S. Roque (*Lus. 43 II*, f. 270r).

7 Em 1569.

Deos na viagem pera lhe dar o premio do muito que por seu amor padeceo [1]. Foy feitor de Baçaim, e era de muita vertude e devação acompanhada com dom de lagrimas e grande zelo do serviço de Deos.

Do felice transito d'el-rey Dom Joam o terceiro deste nome.

Cap. 29.

Ninguém me pode com rezão reprehender, porque tratando da Historia dos Padres da India, trate dos gloriosos feitos do serenissimo rey Dom João terceiro deste nome, pois elle foi pai da Companhia e o primeiro que a seu reino a trouxe e mandou à India e Brasil, antes fora grande imgratidão e descuido não fazer menção de tam beneffico Rey neste prezente anno de 1557 em que andamos, no qual passou desta vida aos onze do mês de Junho.

Foy este glorioso Rey filho d'el-rey Dom Manoel, de boa memoria, e da rainha Dona Maria, filha de Dom Fernando, rey de Castela. Nasceo a dous [2] de Junho de 1502, começou a governar per falecimento d'el-rey seu pay em Dezembro de 1521. Casou com a rainha Dona Catharina, filha de Dom Phelippe primeiro, rey de Castella e archeduque d'Austria, irmam de Carlos quinto emperador. A primeira cousa que fez tomando o governo foi escrever a Dom Duarte de Menezes [3], viso-rey destas partes, que favorecesse muito a christandade, e os ministros della provesse abastadamente, pera que se não divertisem da obrigação de seu officio, com achaque da falta do necessario, a chatinarias tão alheas do estado ecclesiastico. E porque tinha ouvido que na costa de Charamandel estava o sepulchro do glorioso apostolo São Tomé, lhe encomendou que trabalhasse por descobrir tão grande thesouro [4].

---

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 407.

2 Segundo F. ANDRADA, *Chronica de D. João III* a *seis* de Junho (I, c. 1).

3 Vice-Rei desde 22 de Janeiro de 1522 até 4 de Dezembro de 1524.

4 O Vice-Rei obedeceu às ordens de D. João III, enviando a S. Tomé por capitão Manuel de Frias e o clérigo Álvaro Penteado (BARROS, *Déc.* III, l. 7, c. 11).

Quanto cuidado tivesse do bem commum de seus vassalos, principalmente no que tocava a seus bons custumes e conversão da gentilidade à fee catholica, se pode bem ver do que pello discurso da Historia escrevemos, em particular me pareceo appontar
5 algumas que escreveo à India.

Ordenou a Dom Garcia de Noronha [1] que não consentisse que os capitães ou justiças se entremetessem nas causas eclesiasticas, como fazião quando não avia bispo [2]. Desterrou o mao custume que os capelães dos viso-reis tinhão de levar meo vin-
10 tém [266v] de cada pessoa que se convertia: que os religiosos de São Francisco fosse[m] diante dos clerigos nas procissões, e não detrás como fazião em Goa; e os sacerdotes fação commemoração do apostolo São Thomé na confissão geral [3] e nas orações, e assi na reza como na missa se dizem quando se nomeão os Sanctos.
15 Tinha especial cuidado de mandar balsamo ao bispo Dom João, e de huma vez lho mandou pera dez annos. Ordenou que ouvesse petitorios pera o Sanctissimo Sacramento, ainda que os Irmãos da Mizericordia mostrassem poderes em contrario, e que a cidade não impedisse o petitorio que se fazia pera o ensino da doutrina
20 christam.

E pera bem e agmento da christandade desejou mandar à India o infante Dom Luis seu irmão com huma grossa armada, como consta do capitulo de huma que o P.e Luis Gonçalvez de Camara escreveo ao viso-rey Dom Antão de Noronha a 16 de
25 Março de 1565, que diz desta maneira: «Appareceo agora quá hum papel de Francisco Pereira Pestana [4], que deu a el-rey, que Deos aja, há mais de vinte annos, e teve tanta efficacia com elle que, segundo me disserão, se determinou de mandar o infante Dom Luis à India. — E teve-se esta nova por tam certa na India

---

10 convertia *risca mó* o *L* || 15 mandar *R*, mandal *L*

---

1 Vice-Rei desde Setembro de 1538 a Abril de 1540.

2 No mesmo ano de 1538, com o Vice-Rei, partiu para a Índia o primeiro bispo de Goa, D. João de Albuquerque.

3 De facto encontra-se no *Confiteor* de S. Francisco Xavier (1542) o nome do apóstolo S. Tomé, falta porém no catecismo de Barros (cf. EX I 110).

4 Era capitão das naus do reino e das fortalezas de Quíloa e de Goa (cf. CORREA, Índice p. 73).

que em Moçambique se fazião cada noite no tempo das naos fogos e huma se salvou. — Mas eu não me contentei com isto e o perguntei à Rainha, e ella me disse que era verdade que El-Rey estivera pera mandar à India o Infante, e me disse também as causas porque deixara de o fazer». O mesmo diz Damião de Goes na primeira parte da Chronica d'el-rey Dom Manoel, cap. 101, e ajunta que o pôs em conselho, do qual sahio que pera esta viagem lhe armassem sessenta naos, o apercebimento das quaes se começou de fazer com muita diligencia, mas que per alguns respeitos se não acabara de pôr em obra tão honroso negocio [1].

Abrindo-se em seu tempo o sagrado Concilio de Trento e fechando-se depois de sua morte, em Dezembro de 1563, mandou a elle famosos letrados com grandes despezas de sua fazenda, a quem imitou seu neto na mesma piedade e liberalidade. E porque nem todos sabem quaes forão os prelados e leterados que de Portugal forão ao Concilio assi em tempo d'el-rey Dom João como d'el-rey Dom Sebastião, os quero appontar brevemente. Acharão-se no Concilio o arcebispo de Braga, Dom Frei Bertholameu dos Martires; Dom João Soares, bispo de Coimbra, e Dom Gaspar [2], bispo de Leiria; e os leterados são os seguintes: Frei João Pinheiro, dominico, doutor parisiense, o qual morreo em Roma [3]; o Doutor Diogo de Paiva, theologo; Frei Francisco Foreiro, dominico; o Doutor Diogo de Gouvea, theologo; Belchior Cornelio [4], Diogo Mendez de Vasconselos, doutores canonistas; e o Doutor João

---

8 das *corr. mó de* dos *L* || 16 Concilio assi *corr. mó de* Conselho e se *L* || 18 no Concilio *sobrep. mó, antes* em Conselho *L*

---

1 De D. Luís conta Góis no lugar citado: «E se algum desgosto houve antre elle e elRei seu irmão que se sentisse, foi polo não querer deixar passar em Africa a fazer guerra ahos Mouros, nem á India, tendo assentado com hos do seu conselho que pera esta viajem lhe armassem sessenta naos, ho aperçibimento das quaes se começou de fazer com muita diligençia: mas per alguns respectos se não acabou de poer em obra este tão honrroso negoçio, nos quaes requerimentos trabalhou muito, e por muitas vezes, sem lho elRei querer conçeder» (*Crónica do felicissimo rei D. Manuel, composta por Damião de Góis. Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada, dirigida por Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e David Lopes* I [Coimbra 1926] 224-25).

2 D. Gaspar do Casal O. S. A., primeiro bispo de Leiria.

3 A 2 de Março de 1562 (Barbosa Machado II 663).

4 Leia-se *Cornejo*.

Paez, jurisconsulto [1], o qual faleceo em Padua. Foi por embaixador de Portugal Dom Fernão Martins Mascharenhas em tempo do papa Paulo 3.º e em tempo de Julio 3.º foi Diogo da Silva [2].

Foy el-rey Dom Joam mui inclinado à piedade, e por esta
5 causa huma vez [267r] na somana se achava na Relação pera perdoar aos que não tivessem partes e favorecer os miseraveis moderando com sua clemencia o rigor das leis quanto a consciencia o sofria. Daqui nasceo que perdeo grandes proveitos temporaez por ganhar as almas pera seu Criador. Levavão os mercadores do
10 reino de Benii [3] muitos escravos à Mina de Sam Jorge, onde os infieis davão muito mais por elles que em Portugal, de modo que desd'o tempo d'el-rey Dom João o 2.º, Dom Manoel, e boa parte do reinado d'el-rei Dom João terceiro erão os mesquinhos negros gentios vendidos aos mouros imigos de nossa sancta fee. Porém
15 vendo o nosso bom Rey o miseravel estado daquellas almas, compadecendo-se de sua perdição, mandou que todos os escravos fossem levados ao reino de Portugal e nenhum fosse vendido aos infieis; e per este meyo entrão cada anno passante de mil almas no curral da Igreja, na qual recebem o sancto bautismo. E não
20 quis Deos Nosso Senhor que perdesse o que com elles ganhava, porque lhe abrio outra mina abaixo da cidade de Sam Jorge donde começou a correr tão grande copia d'ouro, que refez com muita ventagem os grossos rendimentos que da venda dos escravos interessava, como refere Joam de Barros testemunha de vista na sua
25 primeira Decada na fim do capitulo 3.º do 3.º livro.

Em tempo d'el-rey Dom João foi martirizado o santo Frei André de Espoleto, frade menor, em Fez, conversando primeiro em Ceita com os portugueses mui sanctamente, donde foi receber o martírio [4]; e com maravilhosa fee e obras milagrosas o recebeo dos mou-

---

3 e *sobrep. L* || 13 os *sobrep. m6, antes* m *L*

---

1 Dele trata ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 598. Às vezes chamam-no João Peres.

2 Cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 596-617 *(Portugueses no concílio de Trento)*.

3 Benim, junto da foz do Níger, cidade e, nos tempos passados, reino de notável cultura.

4 Em 1532.

ros à vista de muitos portugueses que o virão sair do fogo vivo e sam, e morrer às pedradas e cutiladas dos mouros. E dalgumas reliquias que se poderão recolher ouve a serenissima rainha Dona Catharina huma bem grande, a qual conservou com muita veneração, e el-rey Dom João seu marido mandou a relação deste glorioso martirio autentica com suas letras ao capitolo geral, pollas quaes letras reaes foi publicado este sancto martirio por toda a Ordem e Christandade, como se refere na carta dedicatoria da 2.ª parte da Chronica dos Menores [1].

Também foi mui inteiro no que tocava a não fazer injurias e aggravos aos reis indianos com elle confederados. Daqui veo que mandou fazer huma grossa restituição. O caso passou desta maneira. Querendo o governador Martim Afonso de Sousa saquear o pagode de Tremel [2], situado na costa de Choromandel, fez huma armada de três mil homens [3]. Na viagem se alevantou huma tempestade tam grande, que a mesma galé do Governador esteve quazi metida no fundo. Sabendo pollas espias que não podia desembarcar defronte do pagode, por ser costa brava, voltou a Travancor com determinação de dar noutro muito celebre naquelle reino, que está em Tabilicare [4], huma legoa distante de Cale Coulão [5], metido polla terra dentro. Desembarcando poes em terra, foi marchando com seu exercito huma legoa pello sertam, fez cavar dentro do templo, onde achou hum calão de ouro cheo de fanões do mesmo metal [6]. Mandou-o de prezente a el-rey Dom João, o qual sabendo que fora tomado con-

---

14 Tremele *corr. mG L* || 19-21 que — dentro *na margem mG L*

---

1 Alude Gonçalves sem dúvida à *Parte segunda das Chronicas da Ordem dos frades menores* de Fr. Marcos de Lisboa (cf. ANSELMO n. 319).

2 Tirumala (Tirupati), ao noroeste de Madrasta, até hoje um pagode famosíssimo (P. V. JAGADISA AYYAR, *South Indian Shrines* 507-31). Cf. CORREA IV 299-304 324-25.

3 Escreveu D. Garcia de Castro a D. João, na carta de 3 de Dezembro de 1543, que foram na armada 2.500 homens (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 1139).

4 Tevalakara, Thêvalakkara (cf. CORREA IV 326-330).

5 Kâyamkulam, ao norte de Coulão.

6 Refere Correa que no cepo «se achou huma soma de moeda de prata de pouquo valor» (IV 330). Couto diz que não acharam «mais, que huma panella de ouro,... que quando muito podia ter tres ou quatro mil cruzados» (*Déc.* V, l. 9, c. 7).

tra justiça (pois o estado tinha paz com el-rey de Travancor) o tornou a mandar à India mutrado sem [267v] lhe faltar fanão ordenando que se restituisse ao mesmo lugar donde fora tirado [1]. Que rey ou que principe averá neste tempo que faça o mesmo? A quem
5 não cegará a cubiça achando textos e rezões, fundadas no interece, pollas quaes os que leem a Bartolo [2] não derão sentença pello Senhor a quem servem? pollo rosto do qual e vontade lem mais que por Justiniano. Digamos logo com o Ecclesiastico e com elle nos espantemos d'el-rey Dom João por dar de mão ao que nella já tinha:
10 «Bem-aventurado o varão que foi achado sem magoa e que se não foy após do ouro, nem pôs suas esperanças nos thesouros do dinheiro. Quem hé este e louvá-lo-emos? porque fez cousas espantosas em sua vida» [3]. Podemos responder que o nosso rey hé o que fez esta proeza e grandeza de animo, no qual feito imitou
15 ao iffante Dom Anrique, o descobridor e conquistador dos mares, ilhas e costa occidental de Africa, o qual sabendo que certo capitão trouxera da Gomeira, huma das ilhas Canareas, alguns cativos injustamente tomados, os fez tornar vestidos à sua custa ao proprio lugar onde os tomara [4].

20 Não menos foi liberal do seu, o que não cobiçou o alheo. Bem mostrão esta verdade as obras que de sua real magnificencia e liberalidade procederão. Huma dellas foi restituir à nobilissima cidade de Evora os aqueductus que o valeroso Sertorio nella antigamente fez, porque estando muitos annos avia em muitas
25 partes quebrados e as fontes que nelles entravão encubertas, de novo com grandes gastos restaurou os canos reaes e levou à cidade, a qual emnobreceo com varias fontes que em diversas praças correm, e não há Religião que della não participe, e pollo muito que custou esta obra vulgarmente se chama a agoa da
30 prata [5]. Louvou a Samaritana ao patriarcha Jacob, porquanto na herdade que deixou a seu filho Joseph junto da cidade de Sicar

---

3 restituisse] reestisse, *L*, retirasse *R* || 6 Bartalo *corr. m6 L* || 17 humas *L* || 30 Louva *corr. m6 L*

---

1 Cf. COUTO, *Déc.* V, l. 9, c. 7.
2 Bartolo de Sassoferrato (1314-57), um dos mais famosos juristas italianos.
3 Eccli. 31, 8-9.
4 BARROS, *Déc.* I, l. 1, cc. 11 e 14.
5 Cf. também ANDRADA, *Chronica de D. João III,* parte IV, c. 128 (fim).

abrio hum poço, do que elle, seus filhos, seu gado e os moradores de Samaria bebião [1]. Louva a Sagrada Escritura a el-rey Ezequias por fazer huma piscina ou tanque e hum cano pollo qual meteo as agoas na cidade de Jerusalém [2]. Louvemos nós também ao nosso rey, não por abrir um poço, do qual o que avia de beber à força do braço avia de tirar a agoa, nem cuido que a que levou Ezequias à sancta cidade viesse de tam longe como a da prata, nem em tanta copia, porque a nossa vem de legoa e meya, humas vezes por baixo da terra, outras à face della, outras sobre arcos tam altos que vencem os muros da cidade, e no inverno hé tanta que se abrem as portas para que não arrebente o cano.

Elle fez na vila de Tomar hum sumptuoso convento de freires da Ordem de Christo. Quem podera contar as grandes festas e real recebimento que fez à princesa Dona Joana mãy d'el-rey Dom Sebastião?

Quereis outra obra na qual reluz a magnificencia deste rey? Consideray quam necessarias são as letras numa republica e quam falto dellas estava o reino de Portugal? Pera remedear o mal da ignorancia, fonte de muitos malles, fundou a insigne universidade de Coimbra, trazendo pera [268r] ella das universidades mais famosas os mestres em todas as sciencias mais famosos. Fundou também o collegio da Companhia de Jesu da mesma cidade com tanta liberalidade, que pode sustentar duzentos religiosos. Fundou o de Sam Paulo de Goa, edifficou a casa de Sam Roque em Lisboa e favoreceu grandemente o collegio de Santo Antão da mesma cidade. Se os fundadores da universidade de Pariz, Bolonha, Salamanca, Alcalá e doutras merecem grande louvor, não lhes fica no merecimento pera com Deos, no amor pera com os vassalos e na liberalidade pera com todos o nosso rey inferior. Pois no desejo de conservar a fee catholica em seu reino a nenhum príncipe deu ventagem, como veremos no capitulo seguinte.

Também deu exemplo singular aos grandes principes e senhores quando lhes morre algum daquelles que mais amão,

---

12-13 freiras *corr. m6 L*

---

[1] Io. 4, 12.
[2] 4 Reg. 20, 20.

porque levando Nosso Senhor pera sy ao principe Dom João aos dous de Janeiro de 1554, logo aos cinco do mesmo, vespera de Reis, com a rainha e toda a corte se achou prezente às solennissimas vesporas, e ao dia seguinte à missa pontifical e pregação que ouve
5 na capella real, como notou o doutissimo Navarro aos capitolos vinte e hum do Manual por cousa rara e não usada ainda de gente inferior [1]. E não se recolhendo polla morte de tal filho, recolheo-se comtudo dando extraordinarias mostras de sentimento quando, pouco depois do casamento do principe, à sua vista, em sua capella
10 hum herege ingrês cometeo com atrevimento diabolico aquelle horrendo sacrilegio arrebatando das mãos do sacerdote o corpo do Senhor. Caso de grande dor e sentimento! E posto que deu ao ministro do antichristo tempo para se poder converter, elle comtudo obstinado em sua maldade foi abrasado vivo e feito em cinza,
15 dando com o fogo presente principio ao eterno [2].

Era el-rey Dom João de tanta piedade que lavava os pés a doze pobres quinta-feira da Somana Sancta. Todas as vezes que cavalgava hia hum seu criado diante com a bolça na mão fazendo esmolas a quantos pobres achava pollas ruas. Hia muitas vezes
20 à Misericordia e à Relação pera bom despacho dos encarcerados. Folgava muito de se servir de gente de boa vida, pello que os que diante delle querião valer se mostravão virtuosos, nascendo os spiritos dos subditos da virtude de tam bom senhor. Perguntando elle huma vez a hum português que estivera muito tempo
25 em França, que lhe parecia da virtude e religiam dos franceses, respondeo que em parte lhe parecia mais solida a virtude dos franceses que a dos portugueses. Perguntou-lhe El-Rey porque dizia aquilo sendo as virtudes lusitanas tão afamadas pollo mundo? Respondeo: «Porque os franceses virtuosos são-no por amor de
30 Deos e os portugueses por amor de V. A.» Isto respondeo o por-

---

13 antechristo *corr. mG L*

---

1 Fala de D. João III e de D. Catarina «quos admirabilis cultus et amoris erga Deum exemplo vidimus audire publice missam pontificalem et vesperas cum concione diei Epiphaniae anni 1554, qui erat tertius dies a lamentabilissimo illo funeris Principis».

2 Sobre este caso sucedido no fim do ano de 1552 veja-se LEITE, *Monumenta Brasiliae* II 7, nota 9.

tuguês pera mostrar a grande piedade d'El-Rey e de suas virtudes e reaes grandezas, que bastavão pera exercitar [!] os seus a ser virtuosos, ou ao menos a querê-lo parecer. Dizem que lhe não pedião [268v] cousa licita pollas chagas de Christo Nosso Senhor que a não concedesse, como também se conta do famoso Doutor Alexandre de Ales, lente da universidade de Paris, o qual polla grande devação que tinha à Virgem Nossa Senhora concedia tudo o que por seu amor lhe pedião. E pedindo-lhe hum frade leigo que entrasse na Religiam de São Francisco à honra da Virgem, deixou logo o mundo e se foi fazer religioso. Exemplos raros, o d'El-Rey polla devação que tinha às chagas do Senhor, e o do Doutor polla que teve à Virgem.

Nem foi menos ditoso na guerra que pollos seus fez aos infieis, como hé notorio aos que lerem nossos historiadores. Ajudou a seu cunhado o emperador Carlos quinto na jornada que fez contra a Goleta e o reino de Tunes, mandando-lhe dous mil soldados portugueses em vinte e seis velas repartidos. A capitaina, chamada o galeão Sam Joam, era de tão extraordinaria grandeza, que duvido se o mar sustentou outro mayor, porque levava tantas peças d'artelharia quantos são os dias do anno, e só elle com hum talha-mar metido no esporão na enchente da maré com as velas cheas desfez a cadea que fechava o porto da Goleta e bastou pera render a fortaleza. Por capitão desta armada foi Antonio de Saldanha que nestas partes da India tinha dado muitas mostras de seu esforço e valentia. O que muito nobilitou esta jornada foi o infante D. Luis, o qual se partio de Evora contra vontade d'El-Rey a quem seguirão muitos fidalgos e se foi ajuntar com o Emperador seu cunhado em Barcelona, mandando-lhe el-rey Dom João credito pera tomar todo o dinheiro que quisesse. A Goleta foi tomada a doze de Julho de 1535 [1].

No anno seguinte de 1536 ouve huma grande seca no Reino, e foi ella tal que dez mezes não choveo, e os lavradores tinhão semeado em pó sobre a terra. E dia de Sam Braz, que vem a três de Fevereiro, em rompendo a manhã começou a chover tão copiosamente que a terra ficou satisfeita, e foi tão grande a fertilidade, que o trigo veo naquelle anno a valer a trinta reaes o alqueire, e se chamou o anno de São Brás. Outro milagre aconteceo no

---

[1] Cf. ANDRADA, *Chronica de D. João III*, parte III, c. 15.

termo de Evora a vinte e quatro de Mayo do anno de 1372 reinando em Portugal Dom Fernando: porque perdendo-se os trigos por causa da grande chuva que continuou, alcançou a Virgem Nossa Senhora de Deos muita serenidade, ajuntando em confir-
5 mação disto outro milagre de dobrar o pezo da cera que ardeo diante da sua imagem todo o tempo que durou a missa cantada, pregação e benção do bispo. O qual milagre a see de Evora celebra na primeira dominga depois das oitavas de Corpo de Deos.

Em tempo d'el-rey Dom João assentarão seus capitães comer-
10 cio em Maluco e se descobrirão as ilhas de Japam, nas quaes tanta christandade [269r] se tem feito, tendo S. A. tanta parte nella mandando a Companhia a estas partes. Em seu tempo se ajuntou à coroa de Portugal a fortaleza de Dio [1], e acontecerão aquelles dous famosos cercos [2], hum em tempo do governador
15 Nuno da Cunha, sendo o esforçado Antonio da Sylveira capitão, o outro sendo Dom João Mascharenhas o que o defendia, a quem socorreo Dom João de Castro, por alcunha o Romanisco polla victoria que alcançou d'el-rey de Cambaya fazendo-lhe levantar o cerco com perda de sua gente.

20 Também se acquirio pera a coroa a cidade e fortaleza de Baçaim com as terras adjacentes, Salsete do Norte e de Goa com Bardês. Elle foi o primeiro que mandou bispos à India, governando-se dantes per administradores. Elle fez a insigne missão do Preste com grandissimas despezas de sua fazenda: assy se
25 alcançara o fim desejado! Finalmente todos os annos dia do seu transito se ajuntão os ecclesiasticos de Lisboa no real mosteiro de Betlém a celebrar suas exequias com grandissima pompa e magestade. Em nossa Companhia, como a fundador de diversos collegios, se dizem cada somana missas e orações por sua alma,
30 os quaes suffragios por já delles não ter necessidade (por estar gosando de seu Deos, como piamente cremos) redundão em beneficio das almas do purgatorio, que não somente em vida, mas também depois da morte por sua occasião são ajudadas.

---

[1] Em 1535 permitiu o rei Badur que os portugueses fizessem uma fortaleza na dita cidade.

[2] Em 1538 e 1546.

Como el-rey Dom Joam admittio o Santo Officio e como el-rey Dom Sebastião o mandou à India a instancia dos Padres da Companhia de Jesu.

Cap. 30.

A principal obrigação que tem o rey christão hé defender a fee catholica em seu reino, dando ajuda e favor aos inquisidores apostolicos pera que, como vigarios do Summo Pontifice, desterrem as heregias e castiguem conforme aos sagrados canones os autores de tão má semente. Significada está esta obrigação na ley velha, na qual erão os reis ungidos pollos prophetas e sacerdotes. Recebião das mãos dos sacerdotes, descendentes do tronco de Livi, o livro do Deuteronomio [1], [269v] o qual continha a ley, pera significar que os reis avião de ser obedientes à Igreja, e com a espada defender suas leis. E quando o Papa coroa algum rey, unge-lhe o braço direito e benze solennemente a espada, pera que entenda que tem obrigação de defender a fee e ley de Christo. Este pois deve ser o principal intento que o rey deve ter, porque não há meyo mais efficaz pera conservar e acrecentar o reino, que o cuidado e diligencia que nelle não aja semeadores de má doutrina.

D'el-rey Dom Fernando, o Sancto, escreve o P.e Joam de Mariana que era tão grande o zello que tinha de conservar a fee catholica limpa, inteira e sem mancha alguma de perversa doutrina, que se não contentava de mandar castigar os hereges, senão que elle mesmo quando os avião de queimar punha o fogo e a lenha pera fazer o sacrifficio [2]. Os antigos romanos poserão a Fee no Capitolio junto de Jupiter, porque julgavão que não podia o imperio permanecer sem a fee e lealdade devida a Deos e aos homens. Da mesma maneira não pode permanecer por muito tempo o reino do principe christão, se por seu descuido e negligencia a heregia nelle lançar raizes. Mas, como diz o Senhor, hé

---

[1] Deut. 17, 18.

[2] Cf. também MENÉNDEZ PELAYO, *Historia de los heterodoxos españoles* II (Santander 1947) 243, segundo os *Anales Toledanos* (ano de 1233).

necessario que aja escandalos [1]; e o apostolo S. Paulo nos ensina que deixa Deos os hereges e os permitte entre os catholicos pera provar os justos [2]. De modo que já em tempo dos apostolos avia hereges, e Christo Senhor Nosso diz que também os avia de aver
5 em nossos tempos, a qual profecia por nossos peccados vemos comprida, pello que o mesmo Senhor e seus apostolos mandão que nos afastemos dos hereges. Mas porque nem todos os christãos sabem discernir e julgar quaes sejão os falsos irmãos, os quaes acometem o rebanho de Christo vestidos em pelles de ovelhas, e
10 dentro são lobos arrebatadores e roazes que degolão a fee e a mortificão [3], não quizerão os summos pontifices que o juizo desta causa ficasse a cada hum dos particulares, mas que em cada reino ouvesse tribunal do Sancto Officio, no qual os inquisidores apostolicos julgassem as causas pertencentes à fee, cujas senten-
15 ças fossem sem appelação executadas pollos ministros da justiça secular.

Vindo pois a el-rey Dom João, elle foi o primeiro que admittio o tribunal do Santo Officio no reino de Portugal em tempo do papa Paulo terceiro per via de hum falso nuncio que com letras
20 falsas fez crer a El-Rey que o Papa o mandava a Portugal por legado apostolico, o qual se ouve com [270r] grande discrição e prudencia emquanto lhe durou a dissimulação. Entre as cousas notaveis que fez foi introduzir o Santo Officio da Inquisição ao modo de Castella (onde a introduzio el-rey Dom Fernando no
25 anno de 1481, e nos reinos de Aragão, Valença e Catelunha no de 1483, em que nasceo Luthero). Chamava-se este homem Sayavedra, natural de Cordova. Era grandissimo escrivão, que lhe foi occasiam pera falsificar as letras apostolicas. E correndo o tempo foi lançado nas gallés por seus delictos por muitos annos, e depois
30 sendo livre morreo pobremente, como refere o Doutor Gonçalo Ilhescas na vida de Clemente Seisto [4]. E para que o Sancto Offi-

---

12 cousa *corr. m6 L* || 21 discripção *corr. m5 L*

---

1 Mt. 18, 7.

2 1 Cor. 11, 19.

3 Mt. 7, 15.

4 Illescas, coevo de Seb. Gonçalves, escreveu *Historia Pontifical y catholica*, em duas partes, as quais por outros foram continuadas. Faleceu antes de 1633.

cio fosse roborado com authoridade apostolica, supplicou el-rey Dom João à santidade do papa Paulo 3.º por Dom Anrique de Meneses, filho do Conde Prior, seu embaixador, o quizesse confirmar, o que Sua Sanctidade fez de boa vontade [1] louvando grandemente o zelo d'El-Rey, dando-lhe por esta causa e a todos seus soccessores titulo de zeladores da fee.

Per via do Sancto Officio satisfez El-Rey à obrigação que tinha de conservar seu reino na pureza da fee, a qual per este meyo singular defendeo, pera que a heregia incendio e peste universal do mundo não achasse em seus vassalos abrigo, oppondo-se como muro fortissimo aos hereges e judaica perfidia, dando braço, alento e favor ao Sancto Officio, summa reverencia e authoridade aos inquisidores, fazendo ao Cardeal Iffante, seu irmão Dom Anrique, inquisidor-mor, instituindo huma meza geral, na qual preside o inquisidor-mor com pessoas de muita virtude e letras, aos quaes recorrem os tribunaez inferiores de Lisboa, Evora e Coimbra. Não se pode crer tam facilmente quam grande seja o fruito que de tam sancta obra se colhe, porque os hereges se refreão, os descendentes de Ismael e Jacob com medo de perder as fazendas se recolhem, e finalmente todos no exterior trazem suas vidas reguladas com os canones da fee catholica, tendo grande cautela nas palavras pera que não offendão as pias orelhas dos fieis.

O patriarcha Sam Domingos foi o primeiro inquisidor que ouve na Igreja; Sam Raimundo de Penhaforte e Sam Pedro martir também o forão. Já em tempo d'el-rey Dom João o 2.º deste nome avia Inquisição em Portugal à imitação dos reis catholicos [2]. O primeiro inquizidor foi Frei Vicente de Lisboa [3], religioso de Sam Domingos, porém não tinha naquelle tempo o Sancto Officio a magestade e authoridade que oje tem. O primeiro inquizidor que ouve em tempo d'el-rey Dom João o terceiro foi Frei Jorge de Santiago, [270v] que depois foi bispo de Angra e das ilhas dos Açores [4].

---

1 Cf. porém ALMEIDA, *Hist. da Igreja em Portugal* III/2, 699-700.

2 Cf. ALMEIDA, o. c. III/2, 188.

3 Sobre Fr. Vicente de Lisboa, que vivia no tempo de D. João I, e que faleceu em 1401 v. BARBOSA MACHADO III 765-66.

4 Foi nomeado inquisidor a 10 de Novembro de 1540, e em 24 de Agosto de 1552 confirmado bispo de Angra. Faleceu em Outubro de 1561 sendo sepultado na capela-mor da sé (ALMEIDA, o. c., III/2, 959).

Vindo à occasião pella qual o Santo Officio se meteo na India, o caso passou desta maneira. Estando o P.e Provincial Dom Gonçalo da Silveira e Dom Belchior Carneiro, bispo elleito, em Cochim, exercitando os ministerios da Companhia, souberão
5 como naquella cidade avia alguns christãos descendentes das reliquias de Israel, ricos e abastados, porém inficionados com o judaismo polla vesinhança e mistica conversação que tinhão com os judeus de Cochim dos gentios. E como na India não avia ainda o Sancto Officio da Inquisição, nem bispo (por ser já morto
10 Dom João d'Alboquerque) que de suas vidas inquirisse, viviam à sua vontade guardando secretamente a ley de Moisés. Tanto que os Padres isto souberão, os forão entrando em suas pregações, especialmente o P.e Dom Gonçalo, que, como sabia as lingoas grega e hebraica, provava doutamente conforme a varias interpretações
15 da Sagrada Escritura ser o Messias já vindo. Sentirão-se com suas pregações os christãos-novos apertados e começarão a soltar palavras descompostas contra os Padres. E em particular disserão publicamente a hum, que pouco avia deixara o judaismo e se fizera christão, que bem parvo era o homem que deixava a ley
20 que tinha. E chegou sua ouzadia a tanto, que deitarão nas caixinhas das igrejas escritos de grandes blasfemias contra a divindade de Christo Senhor Nosso, contra sua santa sposa a Igreja catholica e contra os Padres. Entre outras cousas diziam que antes de pouco tempo se pregaria a ley de Moizés como então se
25 pregava a de Christo. E assinarão-se em baixo: «O povo de Israel» [1].

Vendo os Padres tão grande soltura (imitando o zello do B. P. Ignacio que em Roma fez com o Papa metesse o Santo Officio, favorecendo-o nesta obra o Cardeal Theatino [2]), se forão ao vigairo da cidade, chamado Pero Gonçalves, amigo grande do
30 B. P. Francisco, e lhe requererão que pois na India não avia meza do Sancto Officio nem bispo, e aquelle caso era tão grave que a elle convinha acodir com presteza, inquirindo dos autores de tão grandes blasfemias e prendê-los se fosse necessario, e que elles

---

16 comerão *corr. mG L* || 28 favorecendo *corr. mG L*

---

1 Cf. DI III 717-18 762-63 e VALIGNANO, *Hist.* 342.

2 Cf. a carta de S. Inácio a Simão Rodrigues, 28 de Julho de 1542, em MI *Epp.* I 218-19. O cardeal Teatino é Caraffa, mais tarde o papa Paulo IV.

o ajudarião. Fê-llo assy e começarão todos juntos a devassar. Estando pois hum dia tomando os ditos das testemunhas na see, acodio o capitão [1], induzido ao que parece pollos christãos-novos, e disse ao Vigairo que [271r] lhe não convinha inquirir sobre aquelle caso, e que logo desistisse delle. Ao qual o P. Bispo respondeo com muita constancia que elle era a quem não convinha meter-se naquelle negocio, nem fallar nelle, pois era caso de fee, que se tornasse logo pera sua fortaleza, e que não falasse mais naquella materia, o que elle fez.

Inquirindo os Padres sobre este caso acharão tantas cousas delle, que o Vigairo com sua ajuda prendeo vinte e tantos christãos-novos, dos mais ricos daquella cidade, e passado o inverno os mandou prezos a Goa. Os Padres se forão apoz elles pera levar a cousa avante, e foi bem necessario, porque querendo em Goa soltá-los sobre fiança, se opozerão contra isto de tal maneira, que assi estes como outros que de novo se prenderão em Goa forão mandados ao Reino, onde forão quasi todos julgados por judeus e conforme a seus delictos castigados [2].

Vendo poes el-rey Dom Sebastião e o iffante Dom Anrique, inquizidor-mor do reino, a grande necessidade que na India avia do Sancto Officio, mandarão com o arcebispo Dom Gaspar no anno de 1560 dous inquizidores, convém a saber, Aleixo Dias Falcão [3] e Francisco Marques Botelho [4]. Aos quaes soccederão pollo tempo em diante Bartholameu da Fonceca [5], Frei Gaspar de

24 Bertholameu *corr. mG L*

1 Diogo Álvares Teles.

2 VALIGNANO, *Hist.* 342-43,

3 Era bacharel em cânones, graduado na Universidade de Coimbra, e foi a 5 de Dezembro de 1558 apresentado na dignidade de mestre escola da sé de Portalegre; depois veio a ser inquisidor na Índia, ofício em que se ocupava ainda em 1569. Em 1572 prestou juramento na Relação do Estado da Índia (A. BAIÃO, *A Inquisição de Goa* I [1949] 183-84).

4 Devia servir, segundo contrato, por 4 anos. Em 1568 era ouvidor geral. Em 1572 obteve um privilégio para os filhos, por ocasião do falecimento dele, não serem incomodados por causa do testamento (BAIÃO I 164 184-85).

5 Natural do distrito de Castelo Branco, fez os estudos no Real Colégio de S. Paulo, em Coimbra, do qual veio mais tarde a ser reitor. Desde 1571 foi por dez ou onze anos inquisidor em Goa. No regresso a Lisboa serviu ali a Inquisição e por cinco anos em Madrid. Em 1620 fez o terceiro e último testamento (BAIÃO I 164 185-90).

Mello no anno de 1583 [1], e Frey Thomás Pinto, que se perdeo nos baixos da Judia em a nao Sanctiago no anno de 1585 [2], ambos elles da Ordem dos pregadores; Ruy Sodrinho [3], Antonio de Barros [4], Jorge Ferreira, que faleceo indo pera o Reino [5]; o Doutor
5 Gonçalo da Silva [6] que no anno de 614 foi consagrado em bispo de Malaca, e Francisco Borges de Sousa que partindo no anno de 612 do Reino chegou o anno seguinte a Goa [7], e no de 614 veo João Fernandez d'Almeyda [8] que ficou no 2.º lugar.

Os inquisidores [9] sempre tiverão companheiros, de modo que
10 de ordinario há dous inquizidores, os quaes tem deputados que custumão ser de diversas religiões. Da Companhia muitas vezes avia dous; da mesma Religiam tomão os inquizidores varões doutos que preguem nos cadafalsos. O P.e Antonio de Quadros, nosso provincial, pregou per vezes; o P.e Provincial Ruy Vicente [10], o

---

7-9 e no — inquisidores *na margem m6, riscando no texto* os quaes *L*

---

1 Sabe-se pouco dele. Em 7 de Março de 1583 foi nomeado para o lugar do Dr. Bartolomeu da Fonseca, com 400$000 réis de mantimento (cf. BAIÃO I 164 190).

2 Salvou-se porém o P. Pinto e serviu de inquisidor desde 1586. Faleceu em 1593 (BAIÃO I 164 198-200; COUTO, *Déc.* X, l. 7, cc. 1-3).

3 Rui Sodrinho de Mesquita foi Inquisidor de 12 de Março de 1584 até 1595 (BAIÃO I 164 205 447).

4 Foi inquisidor durante doze anos a partir de 1593. Em 1606 quis voltar a Portugal mas naufragou na ilha de S. Lourenço. Voltou para a Índia e entrou a 17 de Fevereiro de 1607 no mosteiro da Madre de Deus dos Capuchos. Vivia ainda em 1621. Foi tido por inquisidor de grande mérito (BAIÃO I 164 199-208).

5 Era natural de Abrantes. Ocupou-se no princípio de 1596 na Inquisição de Lisboa, e pouco depois na Índia, desde 1603 como Inquisidor; regressava em 1612, mas não chegou a Portugal por falecer no caminho (BAIÃO I 164 209-10).

6 Era natural de Redondo; desde 1612 encontrámo-lo ocupado na Inquisição da Índia, então sòzinho no exercício. Foi sagrado bispo de Malaca em Agosto de 1614 e partiu para a diocese em Abril de 1615 (BAIÃO I 164 211).

7 Nasceu em Vila Franca de Xira; navegando para a Índia deve ter invernado na ilha de Socotorá. Esteve ocupado no Santo Ofício na Índia até 1629. Regressando a Portugal, morreu no caminho (BAIÃO I 164 211-13).

8 Natural de Cazurães, Povolide, chegou a Goa no dia 8 de Novembro de 1614 e tomou posse do ofício a 13 do mesmo mês. Faleceu a 5 de Novembro de 1624, querendo já voltar para Portugal (BAIÃO I 164 213-14).

9 *e no — inquisidores* na margem por mão de Gonçalves (cf. ap. crít.).

10 Provincial de 1574 a 1583.

P.e Visitador Nicolao Pimenta, o P.e Pero Francisco [1], e o P.e Doutor Antonio Fernandez [2]. Tem o Santo Officio promotor, meirinho, secretarios, guardas, porteiro e familiares. O Reitor do collegio de São Paulo tinha por officio rever os livros. Fora de Goa custumavão os Padres da Companhia em muitas partes ser comissarios do Santo Officio. E assy como São Pedro da Ordem dos pregadores padeceo martirio sendo inquizidor, assy o P.e Antonio de Quadros ouvera de ser morto pello medico que o curava, se o boticario abexim não conhecera a purga ordenada pera sua morte; e o P.e Belchior da Fonceca [3] sendo commissario em Bengala morreo de peçonha que lhe derão por fazer este officio.

Em Portugal foi o P.e Leam Anriques hum dos inquisidores da meza grande, a quem soccedeo o Padre Jorge Serrão, e ambos elles forão provinciaes [4].

---

2 prometor *LR*

---

1 O P. Pedro Francisco nasceu pelos anos de 1564 ou 1565 na Covilhã, entrou na Companhia no fim de 1581 e navegou para o Oriente em 1589. Foi professor de filosofia e teologia, e era versado em matemáticas, grego e hebráico. Em 1608 foi enviado a Roma eleito procurador. Desde 1611 até à morte, a 8 de Agosto de 1615, foi Provincial do Malabar (*Goa 24 27 29*).

2 O P. Dr. António Fernandes era natural de Coimbra, onde nasceu pelo ano de 1557. Entrou na Companhia em 1571 e passou à Índia em 1602. Leu 7 anos humanidades e retórica, depois o curso de artes e 7 ou 8 anos a Sagrada Escritura. Desde 1607 até pelo menos 1609 foi prepósito da casa Professa de Goa (*Lus. 44, Goa 24 27 28*).

3 O P. Belchior da Fonseca nasceu pelo ano de 1554 em Linhares, entrou na Companhia em Coimbra na primavera de 1574 e passou em 1595 ao Oriente. Faleceu em Janeiro de 1603 em Bengala, onde por vários anos foi missionário (*Goa 24 11*).

4 O primeiro foi vice-provincial em 1565, provincial 1565-70, e o segundo provincial de 1570 a 1574.

[272r] LIVRO OCTAVO

Do que fizerão na India Oriental os religiozos da Companhia de Jesus

Como o governador Francisco Barreto ajudou grandemente a conversão dos moradores da ilha de Goa e suas adjacentes.

Cap. 1.º

Grande nome e fama ganhou o governador Francisco Barreto com os illustres feitos das armas nestas partes da India antes de
10 socceder ao viso-rrey Dom Pedro Mascharenhas, e maiormente no tempo de seu governo; e quando em Portugal foi por general das gallés daquelle reino à tomada do Pinhão por mandado d'el-rey Dom Sebastião, e depois na conquista de Manamotapa [1]. Não ganhou, como diziamos, o Governador tanta fama, louvor e honra
15 militar, quanta diante de Deos e dos homens mereceo na spiritual conquista das almas, e passou a cousa desta maneira.

Estando neste anno de 1557, de que escrevemos, no collegio de São Paulo o Patriarcha de Ethiopia, Dom João Nunes Barreto,

---

1 *De* Livro *mi L*

---

1 Partiu Francisco Barreto para a Índia em Novembro de 1547, chegando a Goa em Maio do ano seguinte. Foi capitão de Baçaim de 1549 a 1552 e governador da Índia de 1555 a 1558; participou na jornada de Pinhão de Beles (Marrocos) em 1564, faleceu em 1573 na expedição às minas do Monomotapa (cf. COUTO, Índice pp. 52-56; GONÇALVES, l. 10, cc. 21-22).

o P.e Belchior Carneiro, que ainda não era consagrado em bispo, o P.e Provincial Dom Gonçalo da Silveira, o P. Antonio de Quadros, seu antecessor, e o P.e Francisco Rodriguez, reitor do collegio, considerando o pouco favor que até então tinha a christandade, e que não podião passar ao Preste, tratarão entre sy e com outras pessoas graves como poderião ajudar a conversão dos infieis destas ilhas. Praticado o modo que melhor pareceo, forão ter com o Governador e, dando-lhe conta de seus sanctos intentos, Sua Senhoria os approvou grandemente e os teve por hum grande alvitre pera mostrar ao mundo sua christandade e piedade: que fizessem suas reverencias a lista das provizões que querião que passase. Fizerão-na conforme a dereito e o Governador as mandou logo fazer [272v] e, passadas pella chancelaria, forão apregoadas com solennidade.

A summa das provizões era, que nenhum infiel vassalo d'el-rey de Portugal tivesse ou fizesse pagodes, nem ceremonias gentilicas, nem festas publicas sob penna de ser captivo pera as gallés e perder toda sua fazenda, ametade pera quem o accusasse, e a outra ametade pera as obras da Ribeira. Que nenhum infiel tivesse officio publico, como se determina no quinto livro das decretaes, onde o papa Innocencio terceiro presidindo no Concilio Lateranense renovou o decreto do terceiro Concilio de Toledo, dizendo ser cousa muito absurda que o blasfemo do nome de Christo tenha poder sobre os christãos [1], porque com pretexto de officiais d'el-rey molestão grandemente os christãos. Que nenhum official da justiça ou fazenda se servisse dalgum infiel; que os infieis que tivessem semelhantes officios fossem logo delles privados e dados aos christãos novamente convertidos; que as rendas e terras d'el-rey se arrendassem a elles tanto por tanto e não aos infieis. E o papa Gregorio nono escreveo aos bispos asturicense e lucense de Espanha que com grande cuidado procurem e fação com el-rey de Portugal que não dee os officios publicos aos judeus [2], e se porventura acontecesse vender os dereitos reaes aos judeus ou pagãos, que no tal caso deputasse hum christão sem sospeita que não molestasse as igrejas nem os ecclesiasticos, pera que desta maneira arrecadassem os infieis o seu sem

---

1 *Decret. Gregor. IX*, lib. 5, t. 6, c. 16 (ed. Friedberg II [Lipsiae 1881] 777).
2 *Decret Gregor. IX*, lib. 5, t. 6, c. 18 (ed. Friedberg II 778).

injuria dos christãos. Item, que os novamente convertidos herdassem aos infieis assy descendentes como ascendentes, e que os infieis não herdassem aos christãos; que as molheres dos gentios, fazendo-se christans, fossem meeiras com seus maridos em toda a
5 sua fazenda conforme as leis de Portugal; que os orfãos filhos dos gentios, que não tivessem uso de rezão, fossem tomados e baptizados, e postos nas cazas dos religiosos pera serem ensinados nas cousas de nossa sancta fee, e os que tivessem uso de rezão tivessem tutores ou curadores christãos até serem mancipados [1]. As
10 quaes provizões e outras de que não faço menção confirmou a serenissima rainha Dona Catharina governando por el-rey Dom Sebastião, seu neto, e depois forão também decretadas no primeiro concilio provincial de Goa. [273r] Apregoadas as provizões, o Reitor de Sam Paulo se publicou por defensor e pay dos chris-
15 tãos, e tomou por seu companheiro ao P.e Pero d'Almeida, mui zeloso da conversão dos infieis, e começarão logo a executar as provisões com muita inteireza, principalmente a que foi passada contra a idolatria e ceremonias gentilicas. Procurou o P.e Almeida de ter os meirinhos benevolos e contentes pera que a qualquer
20 hora de dia e de noite dessem sobre os idolatras quebrantadores destas leis, com que se forão muito reprimindo. Também se foi praticando a provisão que prohibia que nenhum official d'el-rey se servisse de bramenes, feitores, corretores e secretarios gentios; e o Governador foi o primeiro que nesta parte deu exemplo aos
25 fidalgos e cidadões de Goa, considerando que o legislador deve ser o primeiro que guarde a ley que fez conforme aquella sentença: «Patere legem quam tulisti» [2]: sofrei a ley que fizestes. E o que disse o poeta Claudiano: «Regis ad exemplum totus componitur orbis» [3]. E o Redemptor do mundo na ultima cea
30 disse a seus discipolos que lhes dera exemplo de hummildade pera que assy como elle obrou obrassem elles também [4]. Deu logo de mão ao seu bramene, o qual andava tão authorizado, que todas as vezes que o Governador cavalgava, elle também o acom-

---

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 345-46, e SOUZA I, 1, 2, 23-27.

2 É o conhecido aforismo: «Patere quam ipse fecisti legem».

3 «Componitur orbis Regis ad exemplum» (*Paneg. de quarto consulatu Honorii*, 299-300).

4 Io. 13. 15.

panhava em seu cavallo arabio ricamente ageezado [1] com sua espada de cabos de prata, tiracolo de seda e sendais ricos sobre a cabaya. Imitarão os fidalgos ao Governador lançando também os bramenes fora e os officiaes d'el-rey em lugar dos gentios se servirão de christãos.

O P.e Reitor de Sam Paulo hia cada somana ao Governador a pedir despachos pera os novamente convertidos e tornava despachado a seu gosto com grande alegria dos christãos e abatimento dos gentios, dos quaes muitos se converterão vendo as mercês que aos novamente baptizados se fazião e outros recebião o sancto baptismo por não perderem a posse dos favores antigos, outros finalmente pera se não executarem nelles as penas que mereciam por quebrantarem as leis. Também os nossos Irmãos decorriam por estas ilhas e com boas rezões e promessas traziam a muitos a nossa sancta fee. De modo que neste tempo se acrecentava cada dia o numero dos fieis, pello que foy necessario fazeren-se duas cazas pera os catechumenos, huma pera os homens e outra pera as molheres [2].

Não pode o demonio sofrer tanto bem vendo que por esta via era lançado de sua antiga possessão. Incitou aos bramenes pera que fizessem grandes queixumes [273v] aos fidalgos e cidadões de Goa, dos quaes huns dependião pollos grossos emprestimos que os gentios lhes fazião, nem se cansavão muito pollos arrecadar, querendo ter a nobreza da India penhorada pera se valerem de sua authoridade quando della tivessem necessidade. Os cidadões não tinhão menor dependencia dos bramenes por rezão do que intereçavão de os terem por companheiros em seus tratos e distratos. Forão-se todos ao Governador pera lhe meterem medo e espanto com as cousas que a muitos opoem. Isto era que as boticas das sedas estavão fechadas, as cazas dos mantimentos cerradas, elles desacreditados pera averem de acodir com as rendas a el-rey, que portanto as encampavão a S. Senhoria e se davão por desobrigados de acodirem com os rendimentos: que poes taes afrontas em seu tempo padecião, que por melhor tinhão

---

[1] Em vez de *ageitado*.

[2] Já em 1552 havia princípios desta separação dos catecúmenos (cf. DI II 352-53); Fróis fala dela também na carta de 30 de Novembro de 1557 (DI III 720).

passaren-se a terra firme, onde fossem honrados e acatados, que ficar na ilha de Goa injuriados. Acodio o Patriarcha de Ethiopia e o P.e Carneiro, dizendo ao Governador que Sua Senhoria tivesse a cacha aos gentios, que elles darião christãos abonados que corressem com os dereitos reaes, e que mandasse castigar as cabeças daquelle motim. O que fazendo ficarão os bramenes frustrados de seus intentos e com os animos quebrados, e os christãos pello contrario victoriozos e triumphantes, com que se arreigavam mais na fee [1].

E com esta occasiam derão os Padres principio aos baptismos solennes, pello que com parecer do Governador se fez o primeiro de cento e vinte oito pessoas dia dos bem-aventurados apostolos Sam Pedro e Sam Paulo [2]. E com rezão se principiarão neste dia, pois o vigairo de Christo Senhor Nosso dia do Spirito Sancto com grande fervor e devação baptizou quazi três mil almas [3]. O templo era da conversão do Apostolo da gentilidade, companheiro inseparavel da pedra fundamental da Igreja: daqui veo que, em seus principios, nas vesporas dos dias solennes se consagrava a agoa do baptismo e ao dia seguinte se baptizavão os adultos da infedelidade convertidos. Mas este custume se foi tirando por rezão dos meninos que frequentemente, pollo perigo que correm, são levados à fonte baptismal. Conservou-se comtudo aquella antiga ceremonia no Sabbado Sancto e no de Pentecostes, nos quaes dias em Roma se fazem baptismos solennes; e o arcebispo Dom Aleixo de Meneses os fez algumas vezes, indo os colegiaes de Santa Fee ajudar neste dia aos que baptizão. Vestião-se no Sabbado Sancto antigamente os neophitos de branco, com os quaes vestidos andavão até vespora [274r] de Paschoela, que por esta rezam se chama sabbatum in albis.

Pello que ninguém deve estranhar fazeren-se algumas vezes no anno baptismos solennes de muita gente, porque delles se segue grande gloria de Deos Nosso Senhor e confusão do demonio e da gentilidade, e victoria da fee: porque tanto mais celebre hé o triumpho de valerozo capitam, quanto mais são os prezioneiros de

---

[1] Cf. a citada carta de Fróis (DI III 719-20).

[2] Refere Fróis na dita carta que para este primeiro baptismo solene foram preparadas cento e dez almas (DI III 721).

[3] Cf. Act. 2, 41.

que triumpha; e antão triumpha a Igreja Sancta mais gloriosamente quando mais são as almas que tira da garganta ao demonio, imitando nisto a seu Esposo, o qual descendo ao seyo de Abrahão livrou as almas dos sanctos padres que nelle estavão, e levando o captiveiro captivo, como diz São Paulo, triumphou sobindo aos ceos, fazendo mercês aos homens [1].

Sairão pois os novos catechumenos de suas casas bem vestidos com palmas nas mãos em sinal de victoria, e vellas acesas pera significarem a graça baptismal, acompanhados de muitos cidadões que os padrinhavão e tomavão por afilhados pera depois os favorecerem, concorrendo infinita gente a este novo espectaculo, no qual os tambores, charamelas e atabales se desfazião com alegria. Em apontando defronte de Sam Paulo, sahio huma procissão a recebê-los, indo os collegiaes de Santa Fee vestidos de branco com sua cruz alevantada, com o Benedictus em canto d'orgão. Após elles se seguião os Padres e Irmãos do collegio em fileiras, e no couce da procissão o Governador com o Reverendissimo Patriarcha de Ethiopia e com toda a corte, e receberão com muita alegria os catechumenos levando-os diante de sy. No mesmo tempo se repicavão os sinos e a igreja estava ricamente armada e os altares apparamentados com ornamentos de brocado.

Estavão já os Padres à porta da igreja revestidos pera os baptisar. O apparato daquelle auto foi o melhor que podia ser. O Governador e os fidalgos se chegarão à pia a ser padrinhos dos que trazião vestidos ricamente à sua custa. E porque já era tarde agazalharão-se os homens nas crastas do collegio, aos quaes os nossos Irmãos servirão com grande charidade e alegria à meza, renovando-se a devação da primitiva Igreja, na qual os sanctos diaconos ministravão aos novamente convertidos. As molheres levarão pera suas casas matronas graves, as quaes agazalharão com muito amor [2]. Com este baptismo e com as honras e favores que os novamente convertidos recebião do Governador e portuguezes, vierão muitos gentios pedir que os baptizassem, pello que foi necessario fazer o 2.º bauptismo solenne dia da Assumpção [274v] da Virgem Nossa Senhora, o qual foi de duzentas almas [3], e solennizado da mesma maneira que o passado.

---

1 Eph. 4, 8.

2 Cf. a carta de Fróis (DI III 721-22)

3 Frois dá o número de 235 (DI III 723).

E pera que se veja quão celebre foi sempre na Igreja Catholica o custume dos baptismos geraes, nos quaes se baptizavão muitas almas, appontarei brevemente alguns, os quaes os Padres da Companhia e os outros religiozos da India sempre imitarão. O apostolo Sam Pedro baptizou dia de Pentecostes três mil almas [1], e por outra vez cinco mil [2]; no carcere baptizou corenta e sete [3]. Sancto Estevão, papa, baptizou num dia estando prezo cento e oito, e noutro dia sessenta e dous; e S. Constancio baptizou de huma vez estando no carcere setenta e seis, e doutra vez cento e vinte, e os guardas do tronco. S. João Chrisostomo bautizou três mil numa das paschoas; Santo Abramio baptizou mil num dia; S. Remigio baptizou num dia quazi três mil, e cahio milagrosamente huma redoma do sancto chrisma pera logo os confirmar; Santo Ottho, bispo, baptisou em poucos dias sete mil; Santo Thadeu apostolo baptizou com el-rey Abagaro muitos de seus vassalos; Santo Abercio baptisou quinhentos; S. Gregorio, bispo, martir de Armenia baptizou no rio Eufrates a el-rey de Armenia e com elle corenta mil em sete dias, e noutra conjunção baptizou em vinte dias onze mil; São Fuercio baptisou em três dias sete mil. Na cidade de Goa, como se verá nesta Historia, baptizavão os Padres huma vez quatrocentos, outras quinhentos, e outras oitocentos até novecentos.

Nem há que duvidar da necessaria instrucção na doutrina christam pera receberem o sancto baptismo, porque os Padres vigairos em suas freguezias os ensinão muito tempo antes, e alguns dias antes do baptismo são todos levados a casa dos cathecumenos onde de novo são instruidos e examinados; e depois de baptisados os vigairos tem muito cuidado delles pera que conservem a memoria e de novo se vão fortificando na fee, de modo que todos vão bastantemente instruidos conforme a sua capacidade, e os que estão in extremis se catequizão brevemente. E nos sãos temos exemplo no apostolo Sam Pedro, que no mesmo dia catequizou e baptizou muitas mil almas; e São Felipe diacono

---

13 huma *R*, numa *L* || 17 Eufratres *L* || 22 oitocentas até novecentas *L*

---

1 Cf. p. 327, nota 3.

2 Cf. Act. 4, 4.

3 Segundo uma lenda, baptizou S. Pedro no cárcere Mamertino os seus custódios.

gastou bem pouco tempo em catequizar o Eunuco [1], e o propheta Eliseu em doutrinar Naamão [2], e São Pedro a Cornelio centurião [3]. Quanto mais nos doentes que estão em perigo de vida. E se algumas vezes os grandes se baptizarem dando-lhe menos tempo do custumado ao catequismo, não há pera que tenhamos escrupolo de o fazer quando as circunstancias [275r] do tempo, das pessoas e dos lugares o pedirem conforme a boa rezão e prudencia.

Antigamente se baptizavão muitos por sua devação no rio Jordão, como fez São Bazilio e seu companheiro Fubulu baptizados por Macario, bispo de Jerusalém: e no tempo que baptisou a S. Basilio deceo huma chama de fogo do alto e della sahio huma pomba que tocou com suas azas as agoas e logo voou pera o ceo. Outros se baptizavão nas fontes e rios. Depois se introduzio que se fizessem pias de baptisar em capellas particulares, ou irmidas separadas das igrejas parroquias, como ainda se vê em São João de Latrão na cidade de Roma, o lugar do bautisterio no qual Constantino emperador foi bautizado por S. Silvestre papa, ficando o Emperador limpo da lepra [4]. Na cidade de Florença está huma igreja fora da see que serve pera os bautismos [5], e muitas igrejas os tem fermosissimos, pintando nelles o baptismo de Christo Senhor Nosso no rio Jordão. S. Marciano, sacerdote da igreja de Constantinopla, fez hum baptisterio, que também se chama illuminatorio, com cinco alpendres ao modo da piscina probatica de Hierusalém e nelle mandou pintar os doentes de obra mosaica e a Christo Senhor Nosso curando-os. O emperador Constantino deu a Macario, bispo de Hierusalém, huma capa d'asperges de brocado da qual usasse quando baptisasse.

Nestes tempos, na igreja de Sam Paulo nos baptismos solennes se orna o baptisterio, se consagra a fonte, se arma junto della hum altar, no qual se poem os sanctos oleos em patenas douradas e palanganas grandes da China, que cheas d'agoa servem pera o baptismo. Os catechumenos estão por ordem no terreiro da igreja; na porta principal está hum Padre acompanhado dos

---

1 Act. 8, 35-38.

2 4 Reg. 5, 10.

3 Act. 10, 47-48.

4 Segundo uma antiga tradição, mas não verdadeira, pois Constantino foi baptizado no leito de morte por um bispo ariano perto de Constantinopla.

5 O famoso «Baptistério».

ministros revestido em sobrepeliz, estola e capa d'asperges das mais ricas. Os Padres que baptizão andão revestidos com sobrepelizes e estolas, e cada hum com seu ministro à ilharga. O Padre que está na porta hé o primeiro que faz as ceremonias e logo os
5 outros vão continuando. Baptizados os neophitos, entrão na igreja. O pay dos christãos os escreve todos no seu livro e os dá per escrito aos vigairos. Isto hé o que se uza no tempo que escrevo a Historia. Mas vejamos o que se fez no tempo do governador Francisco Barreto, quando em Goa se deu principio aos baptismos
10 solennes.

Conversão de Dona Maria de [275v] *Além-Mar e dos baptismos que se fizerão atté que Francisco Barreto deixou o governo.*

Cap. 2.º

15 Dous modos há de pescar, hum de rede, outro de cana. Sam Pedro lançando a rede da palavra divina meteo muitas almas no gremio da Igreja, da mesma maneira pescou S. Paulo; também forão pescadores de anzol. Porém acontece algumas vezes ser esta pescaria de mais preço que a de rede; o mesmo acontece
20 na conversão das almas. Assy o diz São Pedro Chrisologo [1], e S. João Chrisostomo chamou a Christo gloriozo pescador de sedela, porque assy como este assentado sobre o penedo tira do rio a truita, assy o Senhor lá do alto pescou a Saulo, o qual montou mais na igreja que muitos outros tomados na rede.
25 S. Silvestre papa pescou o grande Constantino [2], que mais authorizou a Igreja com sua conversão que muitos centenarios de populares. Pescou Sam Paulo ao grande varão consular Paulo Sergio [3], e S. Phelipe diacono ao Eunucho de Candia [4], e Sam Pedro a Cornelio centurião. Até este tempo forão os Padres pescadores

---

26 centanarios *L*

---

1 Sermo 47 (cf. MIGNE, PL 52, 331-32).
2 Veja-se a nota 4 da página precedente.
3 Act. 13, 12.
4 Diz a S. Escritura que era etíope, homem poderoso da Rainha *Candace*.

de rede metendo nella gente miuda e sem nome, começam já em Goa a pescar peixes grandes. O caso passou desta maneira.

Avia na cidade hum mouro principalissimo chamado Mealecam, o qual pretendia ser rey do Cuncam na terra firme, em que, como se dizia, tinha dereito per via de herança. O viso-rey Dom Pedro de Mascarenhas o meteo de posse della, mas foi pellos mais poderosos lançado fora recolhendo-se outra vez a esta ilha [1]. Tinha este Meale dous filhos e huma filha que muito amava, e a pretendia casar com hum filho de Zamaluco, rey do Balagate [2]. E posto que o pay a tivesse em grande clausura com muita guarda e resguardo, como os mouros custumão guardar as filhas e molheres, ella como fosse bem inclinada folgava de ouvir cantar a doutrina christam que os meninos de nossas escolas ao sair dellas vão cantando pollas ruas, e este foi o primeiro motivo que teve pera se converter [3]. Ajuntava-se a isto a natural curiosidade de ver as procissões dos catecumenos e baptismos solennes que lhe passavão pella porta. Começou também a ter communicação com Maria Toscana de Brito, molher de [276r] Diogo Pereira, aquelle grande devoto do B. P. Francisco Xavier. Esta communicação se principiou entre ellas per accenos de huma varanda a outra, porque moravão perto, e depois per recados, e finalmente per vizitas, declarando-lhe o animo e vontade que tinha de ser christam, mas que não sabia o modo como se poderião effeituar seus desejos polla grande vigia que o pay sobre ella fazia.

Facilitou-lhe Maria Toscana o negocio dizendo que o Governador em pessoa a iria tirar de casa se fosse necessario, de que ella ficou muito contente. Deu conta a seu marido Diogo Pereira do que passava, e com grande alvoroço se foi ao collegio dar esta alegre nova aos Padres. E acompanhando-o o P.e Reitor [4], forão dar disto mesmo conta ao Governador, que se alegrou muito com tal nova, dando graças a Deos N. Senhor por ser esta a primeira senhora de importancia, que na India se convertia, e se offereceo

---

1 Cf. COUTO, *Déc.* VII, l. 1, c. 11; l. 2, c. 8.

2 Bâlâ-Ghât ou Decão. O Nizam Burhân Nizâm Shâh falecera em 1554; o filho era em 1556, segundo Francisco Pereira de Miranda, «moço e de pouco siso» (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* nn. 6084 6125).

3 Segundo a carta de Fróis, Goa 12 de Dezembro de 1557, fundamento de toda esta narração (cf. DI III 734-46 e STREIT IV n. 831).

4 Francisco Rodrigues (DI III 737).

pera a hir tirar da casa de seu pay, mas que era necessario aver della algum sinal pello qual constasse a vontade que tinha de ser christam. Maria Toscana ouve logo della huma rica joya que o pay bem conhecia, a qual como o Governador recebesse, mandou-lhe em retorno hum fermoso diamante em sinal que não somente a iria tirar de casa de seu pay, mas que também a tomava em conta de filha pera a honrar e emparar como ella merecia.

Foy o Governador dia de São Lourenço [1] com grande acompanhamento ouvir missa a Sam Paulo, e chegando à porta do Meale descavalgou e sobio acima. O Meale ficou espantado, porque nunca outra tal lhe fizera, e perguntou ao Governador que honra tão grande era aquella em vir a sua casa? Respondeo que vinha por sua filha, a qual queria ser christam. Ficou o Meale muito mais espantado e disse que não podia ser que sua filha quisesse ser christam. O Governador lhe mostrou a joya que a filha lhe mandara em sinal da vontade que tinha de receber o sancto baptismo; reconheceo-a e não teve que dizer. A este tempo estava já Maria Toscana com a filha do Meale com outras duas donas portuguesas. Tanto que a mãy soube que sua filha queria ser christam, arremeteo como huma leoa quando lhe arrebatão os filhos, ajudando-a outras mouras tam velhas na idade como na superstiçam de Mafamede, e levando-a polla garganta faltou pouco pera a matarem. Acodiram-lhe as portuguesas que também se virão no mesmo risco. Acodio o Governador à revolta e, tomando a donzela pella mão, [276v] a levou por diante de seu pay e a meteo em hum palanquim ricamente consertado, e cavalgando lhe fez companhia com os fidalgos, indo ella no meyo das portuguesas. E chegando a casa de Diogo Pereira a entregou a sua molher, dando-lha por afilhada e que a tratasse como a sua pessoa, e daqui se foi a ouvir missa a Sam Paulo com grande alegria e contentamento de todos. E o P. Antonio de Quadros pregou aquelle dia tam altamente da conversão das almas e do muito que merecião os que em tão santo ministerio o ajudavão, que todos ficarão muito animados a favorecer obra tam sancta como esta.

Sentio o Meale grandemente a conversão de sua filha e tentava todos os meyos pera ver se a podia apartar de seu santo intento: procurava embaixadas do Idalcão, rey da terra firme, e

---

[1] 10 de Agosto.

do Zamaluco, rey do Decanim, per aver outra vez a filha. Quando o Governador e os Padres viram isto, assentarão de a baptizar o mais cedo que ser podesse pera lhe tirar toda occasião que a podesse inquietar, e depois de bem catequizada se baptisou aos quinze d'Agosto, dia da gloriosa Assumpção da Senhora, que foi da maneira seguinte.

Armou-se a igreja ricamente, embandeirando-se com bandeiras de Christo; a rua até à casa de Diogo Pereira estava de festa. Abalou o Governador do paço com grande acompanhamento, e todos ricamente vestidos e, passando polla porta do Meale, parou n[a] de Diogo Pereira; e sua afilhada ricamente vestida, acompanhada de Maria Toscana e outras matronas graves em seus palanquins bem ornados, começarão de caminhar pera Sam Paulo. Estava à porta da igreja o Reverendissimo Patriarcha revestido em pontifical, e feitas as ceremonias que naquelle lugar se custumão fazer, a levou o Governador à pia, onde foi baptizada, e lhe poserão por nome Dona Maria d'Além-Mar, e logo desparou a artelharia que no terreiro estava, os sinos se repicarão e todos os instrumentos musicos se tocarão com alegria. Tornou o Governador a levá-la a casa de Diogo Pereira, e na mesma rua jugou as canas. Todas as vezes que sahia punhão fogo às bombardas, e os atabales e charamelas se tangião. Chegando a casa mandou visitar Dona Maria, sua afilhada, com mil pardaos de tença, os quaes El-Rey confirmou, e todos os fidalgos e cidadões contendiam a quem mais peças lhe daria. Casou com Jorge Toscano, irmão de Maria Toscana, que depois foi capitão de Cananor [1] e foi senhora de grande christandade e honra, té que morreo [277r] de parto [2].

Ao jogo das canas cahio hum mancebo fidalgo do cavallo, per nome Luis de Mendanha; a queda lhe foi occasiam de se fazer religioso da Companhia, o qual sendo o primeiro Procurador que desta Provincia se mandou a Roma, faleceo no mar antes de chegar ao Reino [3].

---

10 pella *corr. mG L*

---

1 Entre Nuno de Mendonça e Belchior Ferreira alcaide-mor (Bibl. Nac., *Fundo Geral 1987*).

2 Cf. também VALIGNANO, *Hist.* 351-52.

3 O P. Luís de Mendanha nasceu pelos anos de 1539 ou 1540, era noviço em 1557. Naufragou em 1573 (cf. DI III 786, IV 905; SOUZA II, I, I, 47).

Do que neste tempo atraz aconteceo em Japão athé o presente anno de 1557.

Cap. 3.º

No tempo em que os falsos irmãos convertidos da circunci-
5 são negavão a Christo Senhor Nosso, e o falso bispo semeava seus erros na christandade da Serra [1], se convertião os gentios nas ilhas de Japão, confessando ser Christo verdadeiro Deos e homem, e Redemptor do genero hummano, colhendo os ministros do sancto Evangelho copioso fruito da semente que em seus corações semea-
10 vão no meyo de grandes perturbações e trabalhos que dos bonzos padescião. Em Iamanguchi se converteo o principal governador daquella cidade, por nome Naitondo[no], com dous filhos seus, tão grande senhor que a todo tempo tinha dez mil homens de peleja consigo [2]. Era já muito velho e, tanto que recebeo o sagrado
15 baptismo, de joelhos com as mãos alevantadas e os olhos postos no ceo, pedio a Nosso Senhor que pois era daquella idade e o tinha chegado a tão bom estado que o quisesse levar pera sy [3]. Outro regedor se fez christam com trezentas almas de sua familia. Outro senhor muito grande se converteo, pollo qual Deos obrava
20 grandes maravilhas. Por estes novamente convertidos fazia Deos muitos milagres. Os cegos recebião vista, ouvião os surdos, falavão os mudos, andavão os mancos e os doentes saravão de enfermidades contagiosas só com lhes porem as mãos [4].

Dous bonzos dos principaes letrados do Miaco se converterão
25 depois de largas disputas. Hum delles tomou por nome Paulo dizendo que pois se parecera com elle em perseguir os christãos que depois de convertido o queria imitar entregando-se todo a Christo. Fazia obras de grande admiração, jejuou sempre depois

---

5 negavão a *na margem, antes* navegão a *L*

---

1 Cf. l 7, cc. 26 e 30, pp. 294 e 319.
2 Fróis, Malaca, 7 de Janeiro de 1556, nas *Cartas de Japão* 1570, f. 105v.
3 Ib.
4 Ib., ff. 105v-06r.

de sua conversão, dormia com huma pedra à cabiceira, alevantando-se à meya noite a fazer oração mental, [277v] na qual estava muito longo espaço, disciplinava-se com [um]a estranha crueza [1]. E depois de se occupar três annos na conversão das almas, levou-o Nosso Senhor pera sy com grande sentimento dos christãos e dos Padres polla falta que tão grande obreiro lhes fazia.

O senhor de Firando [2] deu hum campo pera sepultura dos christãos. Alevantou-se com grande solennidade a sancta crus no meyo do cemeterio [3], fazendo os portugueses grande festa. Sendo o P.e Balthazar Gago chamado pera fazer hum mancebo christão, que estava emdemoninhado de toda a vida, foi o Senhor servido que estando entrevado melhorasse e o demonio se ausentasse. Huma irmã deste mancebo padecia o mesmo mal, recebendo a agoa do sancto baptismo ficou livre do spirito mao e com grande devaçam pronunciou o sancto nome de Jesu e do arcanjo São Miguel [4]. Hum japão honrado que morava nos montes se fez christam e pedio que fossem lá os Padres, e baptisarão trezentas pessoas; a terça parte era de sua familia [5]. Pedirão os Padres ao serenissimo rey Dom João que escrevesse a el-rey de Bungo e o mandasse visitar, porque também elle pedio ao B. P. M. Francisco que vizitasse a S. A. de sua parte. Quando esta carta chegou ao Reino já El-Rey era morto, porém seu neto el-rey Dom Sebastião lhe escreveo a carta seguinte:

«Ilustre Duque. Eu Dom Sebastião ettc. Vos faço saber que estando El-Rey meu senhor e avô, que sancta gloria aja, com muito contentamento pera vos responder à visitação que lhe mandastes fazer, pollo que tinha sabido das qualidades de vossa pessoa e do bom tratamento que em vossas terras fazeis aos Padres da Companhia de Jesu que entendem na obra da christandade, foy Nosso Senhor servido de o levar pera sy, por cujo falecimento succedi

---

1 Ib., ff. 106v-07v.

2 Matsûra Takanobu. Nasceu em 1522, reinou até ao ano de 1568, faleceu em 1599 (EX II 260[28]).

3 «dia da mesma festa que cae a quatorze de Setembro» de 1555 (carta do P. Gago, Hirado, 23 de Setembro de 1555; cf. *Cartas de Japão* 1570, f. 110r).

4 Segundo a carta citada, f. 113r-v. Acrescenta que a irmã tinha já dois filhos.

5 Na mesma carta (f. 115v); vivia nove léguas da cidade de Bungo.

em seu lugar como principe e verdadeiro herdeiro que era destes reinos e senhorios; e não com menos vontade pera em tudo vos mostrar o conhecimento em que sou, do que sei que fazeis aos ditos Padres e do favor que lhes dais, do que El-Rey meu senhor tinha, porque assy como o soccedi nesses reinos, assy mesmo soccedi na obrigação das pessoas a que elle a tinha. Pello que vos rogo que assy como atté qui folgastes de em tudo ajudar e favorecer aos ditos Padres, que assy mesmo o queiraes continuar e proseguir: porque além de isto ser hum meyo pera Nosso Senhor vos alumiar com [278r] sua graça, e virdes em conhecimento de sua sancta fee, com nenhuma cousa me podereis mais obrigar. E em todas as que vos tocarem e me requererdes, com rezão folgarei sempre de vo-lo mostrar.

Escrita em Lisboa a dezaseis de Março de 1558 annos» [1].

Na cidade Iamanguchi se fizerão muitos homens nobres christãos movidos com o bom exemplo dos novamente convertidos. Baptisou-se hum de cincoenta annos pera cima, o qual por entender que as leis de Japam erão falsas não adorava os camis e fotoques; era de grandes letras e discriçam. Moveo-se a se converter polla boa vida que sua molher já christam fazia. Escreveo as orações per sua mão, fez contas e a crus que nellas se custuma trazer. Converteo a hum irmão seu, de rara habilidade, e muitos per sua occasião se baptisarão. Emendou os livros que os Padres tinhão traduzidos, guardando na interpretação das cousas da fee a propriedade e elegancia das palavras japonensas, no que fez grande serviço àquella christandade. Era de rara virtude, exemplo e hummildade [2].

Também se fez christam hum fidalgo de setenta atté oitenta annos, que em estremo honrou os idolos, e trazia grandes calos nas mãos de as pôr no cham quando os adorava. Determinou de em sua terra fazer huma hermida onde os christãos se ajuntassem, e pera os doutrinar tresladou o livro de catecismo [3].

---

19 discripçam *corr. m6 L* || 21 suas mãos *corr. m6 L*

---

1 *Cartas de Japão* 1570, f. 121r-v.

2 Carta do Irmão Duarte da Silva, 20 de Setembro de 1555, nas *Cartas de Japão* 1570, ff. 122v-23r. Chamava-se Paulo.

3 Ib., f. 123r-v.

Hum christão, por nome Antonio, indo a Cutami [1] ganhar sua vida achou hum homem que avia sete dias que o demonio lhe tinha apertada a garganta, de modo que não podia comer nem beber. Tomou uma porcelana d'agoa e fez-lhe em sima o sinal da crus, e lhe disse que se arrependesse de seus peccados e crece no Criador, e dizendo elle que sy, lhe deu a beber aquella agoa e logo comeo; depois de aprender as orações se baptisou e dahi a poucos dias morreo. No mesmo lugar comverteo também hum velho de grande familia, o qual se chamou Lucas, per cuja occasião se baptisarão duzentos, e de sua familia sessenta [2]. Muitos sararão de varias enfermidades só com beberem agoa benta, pello que de muitas legoas era buscada, e os que saravão em reconhecimento e gratificação da saude recebida trazião gentios pera se baptisarem. Foy ter a Bungo huma molher com seu marido com proposito de se fazerem christãos. Não estava ally o Padre naquella conjunção, mas o bom Antonio, [278v] que se achou presente, fez entoar a oração do Padre-nosso por aquellas duas almas. Sentindo o demonio a efficacia da oração, causou grande tremor na pobre molher, que três homens não podião ter mão nella, et cum magno stridore dentium [3] que parecia lhos quebravão. Mas elles continuando com os exorcismos que sabião, apertando-lhe fortemente os dedos meminhos a livrarão do spirito mao, pronunciando com suavidade os suavissimos nomes de Jesu e Maria [4].

O Governador da India mandou visitar el-rey de Bungo em nome d'El-Rey seu senhor com humas armas e outras peças de muita estima e valia. Por rezão desta embaixada fez el-rey mercê aos Padres de humas casas de cedro avaliadas em dous mil cruzados, e de cincoenta de renda cada anno. Também fez doação na cidade de lamanguchi de hum chão pera a igreja; o alvará que passou diz assy: «O Duque do reino de Suo, do reino Nangato,

---

14-15 preposito *corr. mG L* || 20 dentium *corr. mG de* gentium *L*

---

1 Kutami, «nove ou dez legoas» de Bungo.

2 Carta do Irmão Duarte da Silva, Bungo 20 de Setembro de 1555, nas *Cartas do Japão* 1570, ff. 128v-29v.

3 Mt. 8, 12.

4 Carta do Irmão Silva, Bungo 20 de Setembro de 1555, nas *Cartas de Japão* 1570, f. 134r-v.

do reino Bugen, do reino Quicugen e Aquy, do reino Iuami, do reino Bingo, do reino Biquio [1], concedeo grande *Day* caminho do ceo *dogi* [2] aos Padres de Poente, que vierão declarar a [3] ley, de fazer sanctos conforme a sua vontade atté o fim do mundo, que
5 hé hum chão que está dentro de Iamanguchi, grande cidade, com previlegios que ninguém possa ser morto nem prezo nelle. E pera que seja manifesto aos meus successores, lhes dou esta patente pera que em nenhum tempo os tirem desta posse. Rey que agora governa, do reinado de Teibum [4], anno 21 [5] do octavo mez, vinte
10 e oito dias [6]. O Duque. O nome Daydequyboçat [7], sinal do mosteiro, o Padre que reside nelle» [8].

Em Firando, hum dos melhores portos de Japão, comprarão os Padres hum campo com licença, no qual edifficarão huma igreja de N. Senhora pera que quando aly fossem ter os portugueses
15 com suas naos tivessem onde se encomendar a Deos [9]. No lugar chamado Cutami baptisou o P.e Gaspar Vilela hum velho de setenta annos, o qual avia sete ou oito annos que estava entrevado, e assy como falava tremia tam grandemente, que era cousa de grande admiração, o qual fora grande matador em seus tempos
20 e servia ao demonio adorando-o em sua propria figura. Quis o Senhor que depois de receber o santo baptismo se alevantasse

---

1 Quicugeneraquy *LR* || 3 a *sobrep. mG L* || 9 Terbum *LR* | 21] Ai *LR* || 10 Daydequybocay *LR* || 13 no *corr. mG de* na *L* || 16 Cutani *LR*

---

1 Nomeia as províncias de Suwô, Nagato, Chikuzen, Aki, Iwami, Bingo e Bichû. Esta última lê-se nas *Cartas de Japão* 1570, f. 177v *Bichyo.*

2 Nas *Cartas: dogie.* As palavras juntas fazem *daidôji,* na transcrição moderna.

3 Esta palavra foi acrescentada por Gonçalves (v. ap. crít.), falta nas *Cartas.*

4 *Terbum* no manuscrito de Gonçalves, *Teybum* nas *Cartas,* f. 181r. Cf. também infra, l. 9, c. 8, (*dar* em vez de *dai*).

5 *Ai* em Gonçalves, 21 nas *Cartas* (ib.).

6 17 de Setembro de 1552.

7 *Daidequibocay* em Gonçalves, *Daidiquiboçat* nas *Cartas.*

8 Sobre este documento, o primeiro que na Europa foi impresso em caracteres japoneses, existe vasta literatura (cf. SCHURHAMMER, *Das kirchliche Sprachproblem in der japanischen Jesuitenmission des 16. und 17. Jahrhunderts* 75-90).

9 Carta de Vilela, 29 de Outubro de 1557, nas *Cartas de Japão* 1570, f. 156r.

dahy a dous dias e perdesse o tremor que tinha e não fosse mais entrevado, queimando diante do Padre muitos papeis como bullas aos quaes dava muito credito [1].

[279r] *Da jornada que o governador Francisco Barreto fez ao Norte, da guerra que fez com os capitães do Idalcão e do naufragio de Dom Luis Fernandez de Vasconsellos.*

Cap. 4.º

Merece o governador Francisco Barreto que façamos menção das guerras que fez no tempo de seu governo, pois elle abrio a porta aos baptismos geraez e favoreceo tam grandemente a christandade a petição dos Padres da Companhia de Jesus. Desejando pois o Governador corroborar o Estado da India, principalmente as partes do Norte, se embarcou pera Chaul com desenho e traça de mudar a fortaleza pera o monte defronte da cidade, ao qual ficava exposta pera daly ser combatida dos inimigos, e levava de Goa muitos pedreiros e todo o aparelho necessario pera a obra. Não foi sua determinação tam secreta que não tivesse della noticia o Nizamaluco, o qual mandou logo tomar e occupar com gente d'armas o lugar da contenda, de modo que quando o Governador lá chegou estava já Nizamaluco senhor do monte, pello que dissimulando o Governador seu intento renovou as pazes com Nizamaluco.

Levou o Governador nesta armada (com a qual partio em Novembro de 1556) cento e cincoenta navios, em que entravão treze gallés e oito galeões [2]. E tratando com os capitães sobre as fortalezas de Assarym e Manorá, que erão da jurdição de Damam, assentou que se tomassem ou a partido ou por armas. Estava por capitão de Assarym hum gentio chamado Condixá, e em Manorá hum turco per nome Agader, e por veador da fazenda de todas

---

[1] Ib., ff. 159v-60r.

[2] Cf. Couto, *Déc.* VII, l. 3, c. 8.

aquellas terras hum gentio chamado Calegi, e todos elles postos da mão de Cide Bofatá que se tinha alevantado com a fortaleza e terras de Damão. Meteo o Governador neste negocio a Coge Mahamed pera que induzisse estes capitães a entregar as fortale-
5 zas ao Governador. O capitão de Assarym prometeo de entregar a fortaleza se lhe dessem seis mil e quinhentos pardaos, os quaes elle mandou receber a Baçaim; e Antonio Monis Barreto foy tomar entrega da serra, na qual deixou hum capitão com sessenta soldados e ordenou guarda pera as terras, que foi hum naique com
10 duzentos piães. E voltando pera Baçaim, o Governador o tornou a mandar com seiscentos homens pera tomar a [279v] fortaleza de Manorá, e mandou Dom Antam de Noronha com dez navios pollo rio acima pera o favorecer. Foy Antonio Monis entrando as terras sem resistencia que fosse de momento, e achando a forta-
15 leza despejada, deixou nella por capitão Jorge Manhós com cento e vinte soldados e piães bastantes pera a guarda das terras [1].

E se tornou pera Baçaim, onde o Governador já estava prestes pera se embarcar pera Goa, por causa dos capitães do Idalcão que tinhão entrado pollas terras de Bardês e Salsete; porque vendo
20 o Idalcão os grandes damnos que os portugueses fazião em suas terras, e que o Governador não mandava o Meale pera Malaca nem pera o Reino, determinou de tomar as terras de Salsete e Bardês, e pera este effeito nomeou por capitão a Nacermaluco. O qual descendo com seu exercito até à fortaleza de Pondá, fez aqui alardo
25 de sua gente e achou vinte mil homens de peleja, entre os quaes entravão dous mil de cavalo, e mandou recado a Moratecam, governador do Concam, que fosse tomar as terras de Bardez, e que elle se meteria nas de Salsete, pera onde mandou cinco mil homens; o capitão dos quais era Calebatecan, que logo foi dar vista à forta-
30 leza de Rachol, onde estava por capitam Dom Pedro de Meneses, o Ruivo, que teve alguns encontros com os inimigos, porém elles comião as terras e arrecadavão os foros. Vendo o governador Francisco Barreto que os inimigos comião as terras de Salsete e Bardês, passou a terra firme com três mil soldados e duzentos de

---

28 pera *corr. de* por *L*

---

1 Tudo segundo COUTO, *Déc.* VII, l. 3, c. 12. Este escreve *Manhãas.*

cavalo debaixo da bandeira de Jorge de Mendonça, capitão de Goa, e todos estes erão portugueses; o tanadar-mor ajuntou mil piães da gente da terra. Nacermaluco estava em Pondá, ao qual o Governador foi demandar. Estava o Maluco com quatorze mil homens alojados a huma ilharga da fortaleza com as costas na serra, e tinha feito huma cava de cinco passos de largo que tomava a passagem aos nossos. Foy comtudo o inimigo entrado por diversas partes, e não podendo sofrer o ferro dos nossos, nem se dando por seguros dentro da fortaleza deixarão o campo aos portugueses. O Governador mandou arrazar a fortaleza e se tornou pollo passo de Benestarim victorioso a Goa, tendo passado a terra firme por Durbate, e as terras de Salsete e Bardês ficarão livres dos inimigos [1].

Tornou o Governador a 2.ª vez ao Norte no anno de 1558 a lançar os mouros fora do morro de Chaul. Estava elle desapercibido e pedio ao P. Dom Gonçalo, provincial da Companhia de Jesu, que o ajudasse, o que elle fez do pulpito com tão bom successo, que não somente os fidalgos, mas também os casados se embarcarão mandando à formiga socorro a Chaul. E ultimamente foy o Governador com boa armada, e entrando poz tal medo nos mouros que fezerão pazes e Chaul ficou desapressado. Aqui aconteceo hum assinalado milagre, e foy que vendo os mouros a santa cruz arvorada, a quiserão tirar e não poderão, porque, sendo ella de madeira, não poderão os machados entrar com ella, nem hum elefante a pode arrancar, pello que a deixarão ficar em seu antigo lugar pera testemunho da verdade de nossa santa fé, que os mouros tanto encontrão [2].

No anno de 1557 partio do Reino por capitão-mor de cinco naos Dom Luis Fernandez de Vasconselos, filho do Arcebispo de Lisboa, que foi a primeira vez que ouve de sair fora por mar. A capitania era nova [280r] e no porto de Lisboa se lhe abrio huma grande agoa que as bombas não podiam estancar, estando já carregada pera se fazer à vella, pollo que as naos de sua companhia se forão por não perderem a viagem, e D. Luis partio em

---

13-26 Tornou — encontrão *na margem mG L* || 18 mando *corr. L* || 27 No *corr. mG de* Neste mesmo *L*

---

1 Couto, *Déc.* VII, l. 2, c. 10 e l. 4, c. 2.

2 Este parágrafo está escrito à margem. Cf. Couto, *Déc.* VII, l. 5, c. 5.

Mayo e invernou no Brazil; e Antonio Mendez em Melinde, na Framenga, e à torna-viagem se perdeo na ilha de São Thomé, salvando-se a gente. Joam Rodriguez Salema invernou em Moçambique [1].

5 Passado o inverno se fez Dom Luis à vella pera a India, e dizem que levou do Brasil os primeiros ananazes [2]. Voltando outra vez da India pera o Reino se perdeo na altura da ilha de Sam Lourenço, salvando-se somente elle com trinta companheiros no batel, ficando na mal escacada nao mais de trezentas almas no meyo do 10 mar, indo-se ao fundo por pontos sem esperança de salvação. Os que se lançavão ao mar pera se recolherem no batel, em lançando as mãos nelle erão logo dos marinheiros com machados decepadas: e não podendo D. Luis ver tanta crueldade cobrio o rosto com huma toalha, fazendo primeiro recolher dous pagens da nao. 15 Fazendo-se pois o batel à vela, quis Deos Nosso Senhor que em poucos dias vissem terra da ilha de São Lourenço, povoada de cruel e barbaro gentio, com que as vidas não ficavão menos aventuradas que na perdição passada. Porém ordenou a divina misericordia que topasse aly acaso huma nao resgatando, que muito 20 raramente se tinha visto, na qual tornarão à India [3], donde D. Luis se tornou a Portugal. E sobre ter peregrinado mais de três annos chegou ao Reino sem tirar de tão longa jornada, em que metera tanto cabedal, mais que dividas, trabalhos e perigos que nella passou.

Foy depois Dom Luis no anno de 1570 mandado por el-rey 25 D. Sebastião ao Brasil com três naos armadas e outras quatro de mercadores, que hião à sua sombra, o qual partio de Lisboa a cinco de Junho por governador do Brasil. Nesta frota se embarcou o martir D. Ignacio d'Azevedo com sessenta e nove religiosos da Companhia de Jesu: os corenta e quatro em a nao Sanctiago, e 30 outros noutra; dos primeiros era superior o P.e Azevedo e dos segundos o P.e Pero Dias. Ao 2.º dia que sahio da barra começou

---

9 escaçada *L*

---

1 Couto, *Déc.* vii, l. 5, c. 2; aqui Rodrigues é chamado Rodrigues Çalema *de Carvalho.*

2 Cf. Orta, *Colóquio* 58 (ed. de 1895: ii 380).

3 Cf. Couto, *Déc.* vii, l. 8, c. 1. Consulte-se também Gomes de Brito, *História trágico-marítima,* l. 2: *Naofragio da nao Santa Maria da Barca no anno de 1559.* Couto diz que se salvaram sessenta pessoas.

a correr tormenta, que o fez logo arribar destroçado à ilha da Madeira, donde a nao Sanctiago se partio pera a ilha da Palma, e aos quinze dias do mês de Julho, do mesmo anno de 1570, foi tomada por Jaque Soria, famoso cossairo e grande herege calvinista, e os Padres e Irmãos da Companhia, como o P.e Provincial D. Ignacio, forão mortos e feitos martires gloriosos de Christo por cuja fee padecerão [1].

Fazendo-se Dom Luis à vela da ilha da Madeira pera o Brasil, depois [280v] de ter navegado mais de duas mil legoas, com grande trabalho chegou à vista da terra do Brazil e, sem a poder tomar, lhe foi forçado arribar à ilha Espanhola [2] onde invernou, e se fez outra vez à vella pera Portugal e tomou a ilha Terceira. E no porto della soube pollas naos da India, de que era capitão-mor Jorge de Mendonça, a desestrada nova da morte de seu filho Dom Fernando de Vasconselos, o qual morreo valerosamente no cerco de Goa em tempo de D. Luis d'Ataide [3]. Na ilha 3.a deixou as outras naos de sua companhia polla muita gente que se avia ido e morta, e com a que ficou armou huma nao em que se embarcou o P.e Pero Dias com quatorze da nossa Companhia, e levando ancora, aos seis de Septembro de 1571 se fez à vella. E avendo navegado oito dias com bom vento, descobrirão cinco naos d'alto bordo, quatro de franceses, das quaes vinha por capitão Joam Cadarilho, francês, tão grande calvinista como Jaque Soria, e huma de ingreses, e todas de cossairos hereges inimigos capitaes dos catholicos, e principalmente dos Padres da Companhia.

Aos catorse de Septembro, dia da exaltação da sancta crus, foy a nao de Dom Luis entrada e tomada pellos hereges, dos quaes morrerão primeiro muitos. D. Luis foi morto de duas pelouradas e muitas feridas e, sem ser conhecido, foi despojado dos imigos e lançado ao mar; e dos nossos morrerão doze, sendo neste dia da exaltação da sancta crus exaltados e alevantados à gloria do martirio [4].

---

19 catorze *corr. mG L*

---

1 O P. Inácio de Azevedo com 39 companheiros mártires são hoje venerados como Beatos.

2 A ilha do Haiti.

3 Cf. Couto, *Déc.* VIII, c. 37.

4 Estes doze mártires são honrados com o título de Veneráveis.

Era Dom Luis de Vasconselos muito curioso da arte de marear e tão douto e diligente nella, que podia competir com os mais experimentados pilotos. Desta maneira acabou o valerozo, posto que mal afurtunado capitão no mesmo anno em que Dom Fernando seu filho, depois de matar muitos mouros, deixou a vida presente pera que em companhia de seu pay fosse gozar do Senhor por cuja fee padecerão, hum de hereges calvinistas e outro dos mahometanos, o filho nas partes orientaes e o pay nas occidentaes [1].

Da conversão d'el-rey de Bacham e dos martirios do P.e Afonso de Crasto e de hum cafre.

Cap. 5.º

Este anno de 58 se veo de Maluco pera a India o P.e Joam da Beira pollas muitas enfermidades que tinha e pouco remedio pera ellas [2], e logo na mesma monção [3] se embarcou pera Maluco o Padre [281r] Francis[co] Vieira por superior dos nossos, levando em sua companhia o P.e Nicolau Nunes, que naquelle anno tinha vindo de Maluco pera se ordenar, e os Irmãos Simão da Vera, Balthazar d'Araujo [4] e Fernão d'Araujo [5]. Neste mesmo anno baptisou o P.e Antonio Vaz a el-rei de Bacham, como elle escreveo a el-rey Dom João, o qual lhe agradece muito em huma de treze de Março de 1560 [6]. E foi que sendo casado com huma filha d'el-rey de Ternate, não lhe queria dar sua molher, até que elle

21 hum filho *corr. m6 L*

1 Cf. COUTO, *Déc.* VIII, c. 37.

2 Voltou no ano de 1556.

3 No abril de 1557.

4 Baltasar de Araújo nasceu pelos anos de 1524/27, entrou na Companhia em Goa em 1552 ou 1553, navegou em 1557 para Ternate, voltando a Goa em 1565, onde foi Procurador e Ministro. Faleceu pelo ano de 1574 (VALIGNANO, *Hist.* 354[33]).

5 Irmão Fernando de Osório (às vezes chamado Araújo), nasceu em 1531, entrou na Companhia em Goa em 1548, chegou a Ternate em 1557 onde faleceu a 27 de Março de 1565 (VALIGNANO, *Hist.* 179-80; DI II 648).

6 A resposta já devia ser de D. Sebastião.

secretamente a tomou e se foi com ella pera seu reino, que está na ilha de Bacham, vinte legoas de Tarnate, onde lhe morreo dahy a poucos dias; e temendo-se do sogro, determinou de se fazer christam pera que os portugueses o emparassem e o defendessem [1]. 5

Deixando poes a Mafamede por Christo Senhor Nosso, se converteo a nossa sancta fee, e hum irmão seu com três irmãs e huma filha spuria com sua mãy, muitos parentes e toda a nobreza do reino, e com grande fervor e devaçam se foi em companhia do Padre às ilhas vesinhas convertendo a muitos, e muito mais con- 10 vertera se o Padre não adoecera de huma enfermidade tão perigosa, que lhe foi necessario voltar pera Ternate. Era el-rey neste tempo mancebo de vinte e cinco annos, fermoso do corpo, destro nas armas e se fora mais branco o julgarão por hum dos de Europa [2]. Tanto que se baptisou se achou à missa, a qual ouvio 15 com tanta devação e com tanta reverencia adorou o Sanctissimo Sacramento, como se fora baptisado no berço e criado entre christãos. Logo derrubou a misquita dos mouros. Forão as novas a Tarnate e os portugueses as celebrarão com grande demonstração d'alegria desparando a fortaleza toda a artelharia. Pello contrario 20 os mouros receberão tanta dor e tristeza, que logo poserão cerco aos nossos, mas debalde porque os portugueses se defenderão bem com morte de muitos mahometanos, e rel-ey de Bacham não se temendo já do sogro socorreo aos cercados com grande animo e constancia [3]. 25

No mesmo anno foi martirizado o P.e Afonso de Crasto de nossa Companhia. A occasião do seu martirio foi a seguinte. Era neste tempo capitão de Ternate Dom Francisco d'Eça [4], o qual prendeo ao rey mouro daquella ilha por occultamente usar de crueldade com os christãos, tiranizando-os com muitas injustiças. 30

---

27 A *na margem m6 L* || 28 d'Eça *corr. m6 de* de Ssa *L*

---

1 Segundo a carta do P. Vieira, Ternate 18 de Fevereiro de 1558 (cf. STREIT IV n. 843).

2 Na tradução italiana da carta do P. Vieira lê-se: «piu presto pare di Alemagna che del Maluco» (*Nuovi Avisi* III, f. 28v).

3 Cf. ib.

4 D. Duarte D'Eça (COUTO, *Déc.* VII, l. 4, c. 7).

Os filhos com a gente da terra se alevantarão e poserão cerco aos portugueses. Vinha nesta conjuncção o Padre Afonso de Crasto de visitar os christãos da ilha do Moro sem saber das guerras que os mouros fazião à fortaleza. Chegando pois o Padre à ilha de Ires [1], foi prezo pollos imigos de nossa sancta fee, onde o despirão, ficando somente encachado, e o poserão em aspa atando-o fortemente pellos pees [281v] e pellas mãos, como antigamente fizerão os gentios ao apostolo Santo André [2]. Poserão-lhe no pescoço hum cepo forçado que muito o atormentava por ser pezado; desta maneira esteve na embarcação cinco dias ao sol e ao sereno da noite, sendo elle de sua natureza de tão fraca compreição, que pouco bastava pera o fazer cair em cama. Os moços que com elle vinhão arreceando-se da morte se confessarão, aos quaes elle animou a que estivessem constantes na confissão da fee catholica. Foi por três vezes cruelmente açoutado a fim de verem se com os tormentos deixava a fee e se fazia mouro que elles muito desejavão, mas em vam trabalharão permanecendo o sancto Padre na confissão da sancta fee.

Daqui o levarão a hum dos filhos do rey, que avendo compaixão de o ver nu, lhe mandou dar huma camisa. Vinte dias o tiverão aqui prezo debaixo de hum balcão: de cima lhe lançavão cascas de figos, e como caissem delle afastadas, se arrojava com trabalho pera as tomar; os quaes passados o tornarão à ilha de Ires pera nella ser martirizado. Entendendo elle isto hia com grande alegria com os braços detrás atados caminhando per asperos penedos. Chegando ao lugar do martirio pedio que o soltassem pera se encomendar a Deos. Estando pois de joelhos com as mãos alevantadas e os olhos postos no ceo, lhe deu hum mouro huma tam grande cutilada pollas costas que o escalou, e outro de hum golpe lhe levou a cabeça fora dos hombros, dando sua bemdita alma ao Criador per cuja lei e fee deu a vida. Os mouros lançarão o sancto corpo no mar, e ao 3.º dia tornou ao mesmo lugar donde fora lançado, lançando de sy rayos com desacustumado resplendor e com as feridas tão frescas como se naquella hora as recebera [3]. E o que hé mais de espantar que sendo o mar naquella

---

1 Iri ao norte de Ternate.

2 Segundo a frase do P. Baltasar Dias (cf. *Nuovi Avisi* III, f. 34v).

3 Sobre a vida e o martírio do P. Castro cf. a relação do P. Vieira, 18 de Fevereiro de 1558 (*Nuovi Avisi* III, ff. 29v-31v) e VALIGNANO, *Hist.* 365-66.

paragem mais arrebatado que o rio Tibre não levou o sancto corpo consigo.

Sua morte foi estranhada e sentida ainda dos proprios barbaros, porque el-rey de Geilolo, mouro e grave adversario do nome christam, falando honorificamente da fortaleza e morte do Padre Afonso de Crasto, disse: «Não são semelhantes a este os nossos cacises». Nem Deos N. Senhor dissimulou com o castigo, que em breve deu aos matadores e aos seus mais chegados, morrendo todos miseravelmente, porque a huns arrebentarão tão peçonhentas bustelas pello corpo, que os abrazavão em vivas chamas, perdendo a pelle e as vidas, outros forão na guerra despedaçados com a nossa artelharia. Finalmente o que lhe tomou o sagrado calix, instrumento do altissimo sacrifficio da missa, inchou de tal maneira que com graves tormentos deu fim à miseravel vida, dando principio a outra muito mais mizeravel que nunca se acaba. E [282r] os descendentes dos que o martirizarão naciam com cirro de cabellos pello fio dos lombos ou espinhaço, e por esta causa andavão cubertos pera que não fosse visto o sinal do castigo que Deus dera a seus primogenitores, castigando-os também a elles como a cousa sua. Finalmente conhecendo alguns a inocencia e santidade do bem-aventurado martir de Christo, se encomendavão a elle em seus trabalhos.

Era o P.e Afonso de Crasto português, natural de Lisboa, religioso de muita virtude, recolhimento e oraçam, e por elle ser este o escolheo o B. P. Francisco pera a missão de Maluco, na qual onze annos avia que trabalhava com grande edificaçam de todos.

Neste mesmo tempo da guerra martirizarão hum cafre de Anrique de Lima [1]. Os mouros de Tidore o prenderão na povoação de Malayo, e tendo-o prezo quatro dias sem lhe dar de comer, o cometerão com grandes promeças pera que arrenegasse e se fizesse mouro. Mas como elle fosse bom christão e muitos annos criado entre portugueses, confessou a Christo Senhor Nosso com grande constancia, a qual como os mouros vissem arremeterão a elle com grande crueldade e cortando-lhe sua propria carne lha davão a comer por força, té que neste martirio acabou com o

11 e *risca* finalmente *L*

[1] Sobre Lima e a sua actividade em Ternate v. COUTO, *Déc.* VII, l. 5, c. 3.

sanctissimo nome de Jesu na bocca, do qual lhe veyo a constancia, animo e esforço pera derramar polla confissão de sua immaculada ley seu sangue.

De como o viso-rei Dom Constantino de Bragança favoreceo grandemente a christandade.

Cap. 6.º

Succedeo ao governador Francisco Barreto no governo da India o viso-rey Dom Constantino [1], filho do Duque de Bragança, Dom James, irmão da serenissima iffanta Dona Isabel, mãy da Senhora Dona Catharina, o qual fora camareiro-mor d'el-rey Dom João. Mandou-o a serenissima rainha Dona Catharina governando por el-rey Dom Sebastião seu neto. Dizião os gentios antes de elle chegar que vinha hum Viso-Rey mais zeloso da conversão que os Padres de Sam Paulo. Nem se enganavão em seu pronostico, porque quando el-rey Dom Sebastião mandou a primeira vez a estas partes a Dom Luis d'Ataide [2] lhe encomendou muito [282v] a christandade, trazendo-lhe por exemplo a Dom Constantino pera que o imitasse na conversão dos infieis a nossa sancta fee, dizendo-lhe estas palavras: «Se me quereis bem servir, avei-vos e fazei-o como Dom Constantino» [3]. Disse Probo, prefeito de Liguria em tempo do emperador Valentiniano, a S. Ambrosio quando o mandou por governador de Milam: «Ide, fazei não como juis, mas como bispo» [4]. Parece que isso encomendava El-Rey a Dom Constantino, o qual de tal maneira se prezou de fazer as partes de bispo no que tocava à conversão, que não deixava de comprir com a obrigação de Viso-Rey.

---

11 Mandou *corr. mG L* || 18 a *corr. mG de* na *L*

---

1 Foi Vice-Rei desde 8 de Setembro de 1558 até 7 de Setembro de 1561.

2 Em 1568.

3 Couto, *Déc.* VII, l. 9, c. 17.

4 «Vade, age, non ut iudex, sed ut episcopus» (lição V do Breviário, 7 de Dezembro).

Tanto que desembarcou o forão logo visitar os nossos Padres, e depois de lhe darem os parabens de sua vinda, lhe derão conta do muito que seu predecessor Francisco Barreto fizera na christandade. Acodio o Viso-Rey que não estava menos animado a proseguir e levar adiante tam santa empresa, e que pera este effeito trazia do Reino as provizões que elle passara em favor dos novamente convertidos confirmadas; e logo as mandou apregoar com muita solennidade para que todos entendessem que avia de ser protector singular dos christãos da terra. Com tão boas novas se alegrarão muito os Padres e Irmãos, e o determinarão receber com hum baptismo solenne, como receberão indo elle a S. Paulo aos onze de Septembro do presente anno de 1558[1]. Ficarão os fidalgos reinoes mui edifficados e alegres de verem este baptismo, e diziam que nunca virão tantos mouros juntos fazerem-se christãos. O Viso-Rey se declarou por favorecedor e valedor dos que se convertessem e não avia dia que não mandasse ao collegio cinco, ou oito, dez catecumenos que elle mesmo fazia[2], e com este exemplo os fidalgos convertião os gentios de que se servião e os cidadões aos que tinhão em seus palmares e os levavão ao Viso-Rey.

Trabalhou hum dia muito por converter hum bramene mui visto nas ordenações do Reino, ao qual os gentios tomavão por seu procurador, por ser mui pratico e corrente nas demandas, e depois que o despachou se meteo com elle numa camara e despedindo o roupão lho vestio e lançou ao pescoço huma grande meada d'ouro com o habito de Santiago, de que era commendador, e lhe poz a gorra na cabeça. «Ora sus, disse o Viso-Rey, fazei-vos christam e pedi o que quiserdes porque tudo vos darey». Mas o bramene estava tão aferrado com suas superstições, que se não deixou render com os favores que lhe fazia. O que este por então engeitou aceitarão muitos outros vindo aldeas e bairros inteiros a pedir o sancto baptismo, pello que hera necessario fazer cada mez e às vezes cada quinze dias baptismos solennes, de maneira [283r] que de

---

7 pregoar *corr. mG L* || 25 e *risca mG* lhe *L* || 30 fazia *risca* mas *L*

---

1 Segundo a carta do P. Almeida, Goa 26 de Dezembro de 1558, baptizaram-se então «200 e tantas almas» (DI IV 212).

2 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 373-74.

onze de Septembro té os onze de Dezembro se baptisarão por quatro veses seiscentas e corenta e sete almas [1].

Vierão logo os bramenes com seus custumados queixumes, usando de hum grande ardil, e foi que fecharão as boticas das 5 sedas e dos mantimentos; fizerão com os corumbins [2] ou lavradores que quebrassem os valados das vargeas nas quaes se semea o arrôs pera que o mar as entrasse e, ficando salgadas, não dessem fruito; mandarão as molheres pera a terra firme e muitos dos mercadores se auzentarão. Foram-se ao procurador d'El-Rey, aos 10 vereadores, aos fidalgos e todos juntos ao Viso-Rey (o que porventura não fizerão se fora pera bem de suas almas, achando sempre o mal mais fautores e protectores que o bem e a virtude) e lhe emcamparão as rendas, como fizerão ao governador Francisco Barreto, e o mesmo procurador da coroa, favorecendo mais a genti- 15 lidade que a christandade, lhas encampou com toda a solennidade do direito. Mas o constante Constantino fez pouco caso de seus emcampamentos, dizendo que El-Rei seu senhor seria muito servido de perder todas suas rendas por salvar huma alma, quanto mais tantas: que elle as tomava à sua conta [3]. E mandando cha- 20 mar ao pay dos christãos, que era o Reitor de São Paulo [4], e ao P.e Pero d'Almeida que o ajudava, lhes perguntou como se averia naquelle caso.

O que determinou por seu conselho foy, que as boticas fossem abertas dentro de tantos dias sob pena de ficarem confiscadas 25 pera os novamente convertidos [5]; que os valados se tornassem a pôr no estado que primeiro estavão dentro de tantos dias sob pena de aforar as terras aos portugueses como estão as do Norte, ficando os naturaes como escravos abunhados aos foreiros; da mesma maneira que os auzentes tornassem pera esta ilha dentro 30 do termo assinado; que as rendas se posessem em pregão e que somente podessem lançar nellas os novamente convertidos. E por-

---

1 Segundo a citada carta de Almeida foram no primeiro baptismo (Setembro) *200 e tantas almas,* no segundo (Outubro) 137, no terceiro (Novembro) 150, em Dezembro 125 (l. c.).

2 *Curumbim:* «Indivíduo da casta sudra e agricultora na costa ocidental da Índia; agricultor» (DALGADO I 338).

3 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 370-71.

4 P. Francisco Rodrigues.

5 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 371.

que tinha a rol as cabeças do motim, mandou apregoar que logo se saissem da ilha de Goa e nunca mais fossem ousados a tornar a ella sob graves penas [1]. E ao procurador d'El-Rey disse com rosto grave e severo que nunca mais apparecesse diante delle: e os intercessores e medianeiros forão pedir perdão a S. Senhoria por averem empregado tão mal sua intercessão e patrocinio em causa tam injusta e de tam pouco credito do nome christão e português.

Obedecerão todos ao pregão, as boticas se abrirão, os ausentes se tornarão, as rendas subirão, os valados se erguerão, o zello da conversão ficou victorioso e acreditado, o Viso-Rey triumphante, os christãos favorecidos e a gentilidade abatida succedendo-lhe tão mal suas traças [2]. Os culpados pedião perdão e misericordia offerecendo-se com muitos dos parentes e amigos pera [283v] receberem o sancto baptismo. Todos achavão abrigo e acolheita no christianissimo peito de Dom Constantino, mas nunca os desterrados poderão ser com elle reconciliados, pagando com justa pena a culpa de sua temeraria ousadia, posto que se elles se offerecerão pera ser christãos sempre nelle acharão o gazalhado e favor que mereciam. Com este desengano se começarão a converter muitos bramenes, de modo que foi necessario fechar os estudos por alguns dias, pera que os mestres e discipolos ajudassem a catequizar os muitos que pedião o santo baptismo [3]. Andava tam barata a conversão dos gentios, que não esperavão senão que ouvesse quem por elles tirasse; até os mininos de ler e escrever prometião catecumenos comtanto que os não castigassem, o que elles comprião à risca [4]. E o Viso-Rey, pera incitar aos religiosos à conversão, dizia que se não avia de achar presente aos baptismos da cidade se não chegasse a quatrocentas [5]: elle chegava seus afilhados à pia, elle os desabotoava e desatava as tranças da camisa pera lhes porem os sanctos oleos, nem consentia que outrem o fizesse.

---

2 tornar *risca* mais *L*

---

1 Foram exilados 40 brâmanes (VALIGNANO, *Hist.* 376).
2 Ib.
3 Ib., 379.
4 Ib., 379-80.
5 Ib., 374.

Neste mesmo anno se deu principio à conversão da ilha de Chorão, onde o collegio de Sam Paulo tinha casa e igreja com hum Padre e Irmão nella residentes por occasião de alguns poucos christãos que avia [1]. Mas porque avia muitos que idolatravão, 5 indo nisso contra as provisões d'El-Rey, foi lá o ouvidor João Fernandez devassar dos culpados, e achando a muitos enredados em suas ceremonias, os chamou, dizendo-lhes como estavão encravados e o castigo que mereciam: que como amigo os aconselhava se fizessem christãos pera que o Viso-Rey lhe perdoasse, e além do 10 perdão favoreceria. Alevantou-se hum velho e em vós alta disse: «Christão, christão de boa vontade», ao qual todos os mais seguirão repetindo o mesmo com muita alegria. Eram por todas quinhentas e desaseis almas. Mandou o ouvidor chamar o Padre e todos juntos se forão à igreja a dar a Nosso Senhor graças pello 15 benefficio recebido [2].

Folgou muito o Viso-Rey com esta redada, e depois de bem catequizados vierão em procissão com palmas nas mãos e coroas de flores a receber no desembarcadouro ao Senhor Viso-Rey, que com os Padres de Sam Paulo e muitos fidalgos os recebeo 20 com alegria, achando-se no mesmo dia àquelle solenne baptismo. Depois de baptizados lhes derão os Padres de jantar, e S. Senhoria fazia o officio de mordomo com sua cana na mão com tanto gosto e alegria, que a cauzava em todos [3]. Querendo hum dos novamente baptisados beber, lhe mandou trazer agoa, a qual o 25 mesmo christão benzeo, e virando-se o Viso-Rey pera os fidalgos disse: «Atentem VV. MM. que este christão nos [284r] confunde do descuido que temos em fazer o sinal da cruz quando bebemos» [4]. Desta vez se baptisarão quinhentas almas, que foi aos vinte e

---

7 dizendo-lhes *risca* que *L*

---

1 Desde o tempo do P. Gomes havia ali uma igreja da Madre de Deus com 300 cristãos (cf. DI II 292; VALIGNANO, *Hist.* 381).

2 Relação de Fróis, Goa 14 de Novembro de 1559 (DI IV 328-32). Cf. também VALIGNANO, *Hist.* 381.

3 Na carta citada conta Fróis o seguinte do Viso-Rei: «Andava ao redor da mesa com huma vara na mão dizendo-lhes palavras de grande amor, e aos que servião: deitai ali mais arroz e acolá mais caril, de que os homens se edificavão muito» (DI IV 331).

4 Talvez narração particular de Gonçalves.

nove de Agosto [1], dia em que o grande Baptista foy degolado e no qual a idolatria daquella ilha perdeo boa parte dos que supersticiosamente a veneravão. No anno seguinte de 1560, aos oito de Agosto, se baptizarão mil e cento, além doutras cem almas que pouco antes avião na mesma igreja recebido o sancto baptismo [2].

No mesmo anno, dia da gloriosa Assumpção da Virgem Nossa Senhora, se baptisarão os moradores da ilha Divar, fronteira a Goa, e muito venerada da gentilidade por nella aver estado o santuario dos pagodes. O numero dos baptisados chegou a mil e trezentas e dez almas [3]. Achou-se o Viso-Rey presente com muita gente nobre e os nossos Padres e Irmãos que concorrerão à festa que foi bem celebrada.

Pello mesmo tempo se converteo a familia dos pintores que foi por esta occasião. Apareceo ao principal delles a Virgem Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços. A Senhora dizia ao Menino que perdoasse àquelle homem e que o recebessem na sua Igreja. Respondeo que de boa vontade. Disse antão a Mãy de Deos ao pintor que fosse pedir o sancto baptismo. Deu elle conta desta visam a hum Padre nosso, e elle ao Viso-Rey que logo mandou chamar o cathecumeno e lhe fez muitos favores, pello que todos os pintores derão nemo [4] e pedirão o sancto baptismo. Ordenou o Viso-Rey que o mocadão se baptisasse per sy com sua familia, pera nisso lhe fazer mayor honra. O baptismo se fez aos quatro de Agosto de 1560 acompanhado com muitos de cavalo, indo a molher num palanquim ricamente apparamentado no meyo de duas matronas que também nos seus erão levadas pera serem suas madrinhas. Tomou o Viso-Rey à sua conta vestir os cathecumenos: ao mocadão dos pintores vestio de veludo verde, e queria-lhe muito por se parecer com el-rey Dom Joam, e lhe chamou Dom Theodozio; a hum dos filhos Theotonio e a outro Fulgencio, como a seus irmãos, e também às filhas pôs os nomes de suas irmãs [5].

---

1 Carta citada de Fróis. Cf. VALIGNANO, *Hist.* 381.

2 Ao todo, segundo Fróis, *1207* almas (DI IV 678).

3 Fróis dá o número de *1535* (DI IV 679).

4 *Nemo:* «Deliberação ou assento de uma corporação» (DALGADO II 105).

5 Cf. a carta de Fróis (DI IV 324-26). O baptismo teve lugar a 28 de Julho de 1559.

No campo de S. Lazaro começou o Viso-Rey a edifficar hum fermoso templo de obra romana à honra do apostolo Sam Thomé, padroeiro da India, e aos 21 de Julho do anno de 1560, na dominga do Anjo Custodio, se fez nella ainda por acabar hum baptismo
5 solenne que passou de setecentas almas [1]; os cento erão dos mesmos que trabalhavão nas obras, e todos elles do bairro de Matheus Mendez [284v] de Carvalho e do passo da aldea Daugim.

A conversão da aldea Carambolim onde está a freguesia de São João Baptista passou desta maneira. Vendo os gancares que
10 os gentios da ilha de Goa se convertiam a nossa sancta fee, se ajuntarão pera deliberar acerca do que nesta parte avião de fazer. Ouve três pareceres: o primeiro foi, que pois a christandade crecia tanto, se passassem a terra firme deixando a patria e fazendas pera que não fossem constrangidos a deixar os idolos; o 2.º foi
15 que se avia de esperar com paciencia até que o viso-rey Dom Constantino acabasse o tempo de seu governo, parecendo-lhe que a conversão cessaria com a vinda doutro viso-rey; o 3.º parecer foi o que deu hum dos mais velhos dizendo que pouco aproveitaria hir-se Dom Constantino ficando os Padres da Companhia em Goa,
20 os quaes por todas as vias avião de procurar fazer christãos, nem lhes faltaria o favor dos viso-reis, pello que melhor era fazerem-se logo christãos, pois tarde ou cedo o avião de ser. Pareceo bem a todos este conselho e pedirão o sagrado baptismo, o qual os Padres lhe administrarão com muito gosto dia do nascimento de São João
25 Baptista em sua propria igreja, achando-se presentes o Viso-Rey, fidalgos e cavaleiros lustrosamente vestidos por ser dia em que na India correm as carreiras [2].

Dia do glorioso S. Luis, rey de França, 25 de Agosto de 1560, em domingo, fizerão os Padres da Companhia de Jesus christãos
30 aos chararós [3] do Baty e Goa-a-Velha. O baptismo se fez na igreja de N. Senhora da Guadelupe, achando-se o Viso-Rey prezente, o

---

30 do *corr. mg* de *L*

---

1 Fróis precisa o número dos baptizados em 712 almas (DI IV 668).

2 Fróis na carta citada (DI IV 658-59).

3 Hoje chamados *chardó* ou *charodó* (cf. DALGADO I 263-64; YULE-BURNELL 853; *A India Portuguesa* I 342). Sobre a origem da casta há muitas controvérsias.

bispo D. Melchior, o P. Provincial e muitos outros. Todos os catecumenos por ser gente de guerra hião lustrosos. Hum dos principaes, sendo avizado a vespora do baptismo pera que se apparelhasse, não dormio aquella noite e de madrugada foi bater à porta do Padre vigairo acompanhado de 200 pessoas. Avia trinta espingardeiros 5 com seus penachos; o capitão hia vestido à portuguesa. As molheres levavão muitas joyas, e o melhor de tudo todos muito contentes por se fazerem christãos [1].

Entre outros que em tempo de Dom Constantino se converterão a nossa sancta fee, forão dous bramenes de grande reputação entre 10 os gentios, sendo delles consultado[s] nas duvidas tocantes à sua superstiçam, e os tinham como confessores que os absolvião de suas culpas. [285r] Porém de tal maneira os penetrou a verdade de nossa sancta fee, que illustrados elles com os rayos da divina graça conhecerão as falsidades e mentiras de sua fabulosa religião, 15 e procederão na christandade com grande exemplo de vida convertendo-se muitos com ella.

Quando o Viso-Rey fez volta da jornada de Jafanapatão pera Goa teve noticia que na ilha de Anchediva estava hum jogue grande filosofo, o qual fazia vida semelhante na penitencia exterior à dos 20 antigos Padres do Egipto, e desejoso de acertar no caminho da salvação. A este trouxe Dom Constantino a Goa com título de disputar com outros filosofos, cuja doutrina estribava em mais certos principios que a sua, e tinha outras maximas e conclusões mais infalliveis e de mayor evidencia. O Viso-Rey mandou este jogue 25 ao collegio de S. Paulo pera que fosse instruido nas cousas de nossa fee. Tomou-o a seu cargo o reverendissimo bispo de Nissea, Dom Belchior Carneiro, e tanto batalhou com elle que, mediante a divina graça, ficou de todo rendido e sogeito ao suave jugo de Christo, e foi muito bom christão todo o tempo que viveo, que forão dez annos 30 no collegio de S. Paulo. O Bispo que foi o seu catechista o regenerou pera a vida eterna e se chamou Belchior Carneiro tomando o nome do padrinho. No tempo em que se instruya teve graves tentações na materia da fee, e logo como veado ferido da seta her-

---

13 *De* Porém *m2 L* || 21 desejo *corr. m6 L* || 25 evidencia *risca m6* e *L*

---

1 Cf. Fróis (DI IV 679-81).

vada acodia com presteza à fonte, que era o bispo Carneiro, no qual achava o saudavel remedio pera seu mal. Pousava em huma casinha na cerca do nosso collegio, e delle se conta que levando-o os Padres pollas officinas da casa, chegando à despensa o convida-
5 rão com vinho de Portugal, e sentindo logo seus effeitos ficou alegre, porém não adormecido como Loth, e perguntou que arvore era a que dava aquelle licor tão perigrino e novo pera elle, porque desejava prantar huma à sua porta [1]. Tal hé a virtude e natural efficacia do vinho que da primeira vez que o tomão causa novos
10 desejos nos pacientes.

Não acho tão especificados os bautismos do anno de 1561, que foi o derradeiro de Dom Constantino [2]. Em summa achey que se bautizarão na ilha de Goa três mil e quatrocentos e trinta e sete [3], os quaes juntos aos treze mil e trezentos e noventa e dous que se
15 bautizarão no anno de 60, e seiscentos e corenta e sete do anno 58 vem a fazer dezasete mil quatrocentos e setenta e seis [4], posto que o Padre Manoel Teixeira diz vinte mil setecentas e trinta e sete almas, o que bem pode ser pois elle fala como testemunha de vista [5] e eu sigo hum antigo memorial no qual estão os bautis-
20 mos escritos dia por dia. Estes são os christãos que se bautizarão em Goa e nas ilhas adjacentes pellos Padres [285v] da Companhia de Jesus, afora os que também bautizarão os religiosos de São Domingos e São Francisco. Não faço menção dos bautismos do Norte e Sul, que também em tempo de tantos
25 favores devião ser numerosos, porque não achey papel que delles trate.

No primeiro concilio de Goa, decreto 13 se diz como El-Rey mandou tomar os meninos orfãos filhos dos infieis seus vassallos antes de terem uso de rezão, e o Viso-Rey fez ley em que declara

---

24 do *corr. m6 de* de *L*

---

1 Carta de Fróis, Goa 8 de Dezembro de 1560 (DI IV 801-08).

2 O Arcebispo era contrário aos baptismos solenes, e por isso diminuiram muito as conversões.

3 Isto é, no ano de 1559 (cf. DI IV 334 687).

4 Cf. também VALIGNANO, *Hist.* 349 380.

5 Tinha Teixeira, no ano de 1558, cuidado dos catecúmenos do colégio de S. Paulo, como ele mesmo escreve numa carta de 25 de Dezembro de 1558 (Bibl. da Academia das Ciências, *Azul 12,* f. 180v: DI IV 166 ss.).

se tomem os taes orfãos até idade de 14 annos [1]. Escreveo o Padre Provincial Antonio de Quadros sobre este ponto antes do concilio ao B. P. Ignacio [2], e quando sua carta chegou a Roma já o B. Padre era passado da presente vida. Pello que respondeo o P. Diogo Laynes, estando no Concilio de Trento, que estas leys erão mais escrupulosas do necessario, que não avia obrigação de esperar que os taes mininos tivessem annos de discrição pera escolher ley, e que era bem criá-los logo de pequenos na ley de Christo N. Senhor, bautizando-os, maxime não estando elles debaixo do governo de seus pays [3].

A dous de Julho, dia da visitação de Nossa Senhora a Sancta Isabel, foi eleito por Geral de nossa Companhia o Reverendissimo Padre Diogo Laynes, o qual soccedeo ao B. P. Ignacio. Nesta Congregação, que foy a primeira, e se dilatou por causa das guerras entre o papa Paulo quarto e Fellippe segundo deste nome, rey de Hespanha, se achou o P.e Jorge Sarrão, procurador eleito na Congregação Provincial de Portugal pera tratar os negocios da India e Brasil [4]. Confirmarão os Padres congregados e approvarão as Constituições que o B. P. Ignacio avia escrito, e se publicarão em toda a Companhia.

Em Punicale, povoação principal da Costa da Pescaria, falleceo em Dezembro do presente anno o P. Michael Barrul, vir simplex et rectus [5].

---

1 Eis o texto do dito decreto: «Pelo muyto fruito que se vê cada dia seguir-se ás almas da ley que S. A. tem feita, per que manda tomar os meninos orfãos filhos dos infieis, antes de terem uso da razão, e doutra que o Viso-Rey fez, em que declara se tomem os taes orfãos até ydade de quatorze annos...: pede o Concilio a S. A. confirme esta ley do Viso-Rey» (*Archivo Portuguez Oriental,* fasc. 4, pág. 16).

2 Provàvelmente em fins de 1556 ou princípio de 1557.

3 Lê-se no «Extracto das cartas do P.e Diogo Laynes, anno 1558, ao P. Quadros»: «Aunque el tomar cargo de los niños en casa en estas partes no se use, por allá se vee ser necessario, mas onde uviesse collegio o casa de los niños sería bien tuviesse refitorio y dormitorio y habitación distincta, mas no se entiende esto quando uvviesse solamente los que son necessarios para el govierno de los niños» (Biblioteca Nacional, *Fundo Geral 6620*). A lei sobre os filhos dos gentios, que ficaram orfãos em idade que não possam ter o uso de razão, data de 23 de Março de 1559 (publ. em *Archivo Portuguez Oriental* V/1, 385-86).

4 Cf. *Lainii Mon.* III 492 (nota).

5 P. Miguel Barul, de Valência, entrou em Roma em 1552, passou à Índia em 1555, e faleceu já a 26 de Novembro de 1558 (VALIGNANO, *Hist.* 310[11]).

Carta de N. R. P. Geral Diogo Laynes pera os Padres e Irmãos da Provincia da India.

Cap. 7.

Ainda que com escrever das cousas necessarias aos superio-
5 res, e com se mandarem a essas partes desde Portugal as cartas commuas, que pera edi- [286r] ficaçam e consolação das pessoas da Companhia se escrevem, seja pouco necessario que eu escreva doutras cousas, carissimos Irmãos em Christo Senhor Nosso, contudo por esta vez me quis consolar com vós outros todos escre-
10 vendo a presente em testemunho que eu vos tenho a todos escrito em minha alma. Em estas partes se deu ordem que todos os nossos Irmãos fação cada dia especial oração por vós outros, não somente nesta casa e collegio de Roma, mas em todas as partes de Europa onde reside a Companhia [1], pera que com os rogos de mui-
15 tos vos faça cada dia a divina e summa Bondade mais perfeitos servos e mais ut[e]is instrumentos da divina Providencia pera tirar tantas almas das trevas da infedilidade e peccados, trazendo-as à luz do conhecimento e amor seu, e encaminhá-las ao ultimo e bem-aventurado fim pera o qual as criou e remio com seu sangue
20 Christo Senhor Nosso [2].

Grande mercê e favor, carissimos Irmãos, hé o que faz a divina e summa Bondade aos que chama a esta sua minima Companhia e lhes dá graça de proceder conforme a seu Instituto, porém hé muito mais especial dom o daquelles aos quaes cabe por sorte
25 empregar-se em seu serviço nessas partes, assy polla importancia da obra em que vos occupaes, como pello privilegio que tem os taes obreiros. A importancia da obra se vee, pois não tratão somente d'ajudar e conservar os christãos que com a fé já tem principio de sua salvação, como por quá se faz, mas ainda de tra-

---

25 pollas *L*, pella *R* || 26 priviligio *L*, previlegio *R*

---

1 Isto pedira o P. D. Gonçalo da Silveira em 1557 (cf. DI III 613).

2 Cf. a carta de Polanco, Roma 20 de Fevereiro de 1558, ao P. Jerónimo Doménech (*Lainii Mon.* III 139).

zer outros muitos de novo, que totalmente erão escravos do demonio e como filhos da ira [1] e perdição [2], ao estado da liberdade santa [3] e perfilhamento dos filhos de Deos [4], herdeiros em Christo Senhor Nosso de seu reino e felicidade eterna [5]. O privilegio dos obreiros se vê que vos hé concedido muito especialmente, não somente obrar muito bem, mas ainda padecer muito mal por Christo N. Senhor, pondo além da industria também a vida em tão continuos perigos por seu serviço, e modo muito particular imitando no exercicio e merecimentos a seus santos apostolos e discipulos levando seu nome e conhecimento aos gentios, vivendo e morrendo entre elles por sua gloria e ajuda das almas que o Senhor muito ama. E assy ainda que não cabe a enveja na caridade com que vos amamos, há contudo em muitos dos que vivemos nestas partes grandes desejos de participar com vós outros de tão alta missão, e se a todos os que desejão se concedesse esta mercê ter[i]eis nellas muitos companheiros, porém mandar-se hão os que Deos N. Senhor for servido escolher pera tão alta empresa.

Huma cousa vos posso dizer, Irmãos meus, que os que lá estais tendes grande obrigação de procurar toda a perfeição nas verdadeiras e solidas virtudes, porque tendes grande occasiam de as refinar no fogo dos trabalhos e tribulações [6], e na espiritual presença de Deos N. Senhor, a qual sohe communicar tanto mais as consolaçõis divinas, quanto mais faltão as humanas. Também queria que cuidasseis que pera o que lá pretendeis acerca da conversão e conservação das almas [286v] tanto mais proveitosos e efficases instrumentos sereis da divina mão, quanto com mayor pureza, humildade e obediencia, paciencia e caridade vos deixardes possuir e guiar della: e que a todos os da Companhia, e fora della, que tem postos os olhos em vós outros nos aveis de dar não somente consolação, mas muy especial ajuda pera que todos nos animemos

15 desejarão *corr. L* | tereis *LR*

1 Eph. 2, 3.
2 Io. 17, 12.
3 Iac. 1, 25.
4 Rom. 8, 15.
5 Rom. 8, 17.
6 Cf. Eccl. 27, 6.

e cresçamos no divino serviço com o exemplo de vossas virtudes e santos trabalhos que por elle tomais.

Com isto, Irmãos carissimos, ainda que no zelo da honra divina e na sede da salvação das almas sempre ajais de crecer dentro de vós e mostrá-la com obras de caridade e misericordia pera com ellas, todavia nos trabalhos de vossos corpos há-de aver medida e aveis de tomar algum tempo pera a conservação de vosso espirito. E pois vos aveis offerecido inteiramente como hostias vivas a Deos Nosso Criador e Senhor, pera vos empregardes inteiramente nas cousas de sua gloria e serviço, e ajuda das almas, lembrai-vos de o fazer de maneira que o corpo possa levar folgadamente o pezo de seus trabalhos, tendo conta com a conservação da saude e forças pera elles, e que a propria alma se não descuide de sy mesma por acodir às almas dos outros, pois não vos aproveitaria a conquista do mundo todo com a perda de vossas almas, segundo o dito de Christo N. Senhor [1], e quanto mais se ellas ajudarem em toda a perfeição, tanto mais aptas serão pera ajudar as dos outros. E assy hé muito necessario que vivaes com grande cautella in medio nationis pravae atque perversae [2], e conservar entre ella toda a pureza, e aos que, por andar espalhados e apartados, por falta de recolhimento e vigilancia dos superiores e ordenações e regras da nossa Companhia, que não podeis em todas as partes guardar, se supra com o santo temor e amor de Deos e com a diligente observancia dos votos substanciaes e o demais que poderdes de nosso Instituto, e com algum recolhimento que cada dia tenhaes pera a oração e exame da vossa propria consciencia e modo de proceder que com os proximos usaes. E se as muitas occupações vos não dão lugar pera nisto tomardes cada dia o tempo que quereis, podem-se tomar entre as mesmas occupações alguns pedaços, e com a frequente memoria de Deos e elevaçam da mente a elle (ainda que em breve) suprir-se a continuação dos spirituaes exercicios que se custumão, quando as necessidades dos proximos dão lugar; e aveis de cuidar que por mais occupados que andeis cada anno averá alguns dias nos quais os que andais fora occupados na conversão e conservação dos christãos vos possaes recolher pera mais particularmente terdes cuidado de vós

---

[1] Mt. 16, 26.
[2] Phili. 2, 15.

mesmos, e renovar-vos e fortificar-vos em vosso espirito, e considerar vo-[287r]sso modo de proceder com vós outros pera ver se o podeis alguma cousa melhorar, pera mayor ajuda daquelles com quem trataes a mayor gloria de Deos N. Senhor, conferindo o que se pode com os superiores e guardando perfeitamente quanto for possivel o que vos ordenarem, porque desta maneira vos desporeis a ser governados e regidos da divina sapiencia em seu santo serviço, como creo o fazeis e sentis a suave e paternal providencia em vossas cousas. E assy rogo eu à infinita e summa Bondade que continuamente a sintaes, e que de todos vós outros tenha muito especial protecção, e vos dê sua santa benção com que creçaes em virtude e em numero, e em fruito de seu santo serviço, e a todos em todas as partes dê sua graça pera sempre sentir e cumprir sua santissima vontade. Em vossas orações me encomendo muito, com todos estes vossos Irmãos que cá estão.

De Roma doze de Setembro [1] de 1558.

Servo de todos em Jesu Christo,

Laynes.

Fundação do Collegio das Onze Mil Virgens da Cidade de Damão.

Cap. 8.

Quando o viso-rey Dom Constantino chegou do Reino à India achou que el-rey de Cambaya tinha dado a el-rey de Portugal a fortaleza de Damão, contanto que mandasse lançar fora della hum capitão mouro de nação abexim que se tinha alevantado com ella [2]. Foy esta doação feita ao governador Francisco Barreto, o qual logo aprestou huma grossa armada de remo pera ir tomar posse, e com a vinda de Dom Constantino o deixou de fazer [3]. Mas o Viso-Rey se embarcou na mesma armada no Janeiro seguinte de cincoenta e nove, levando consigo os supe-

8 a *sobrep. mó L*

1 Aliás *1 de Dezembro* (DI IV 113).

2 Por nome Cide Bofatá (COUTO, *Déc.* VII, l. 6, c. 3).

3 Cf. COUTO, l. c.

riores das religiões e muitos ecclesiasticos pera confessarem os soldados. Chegou à barra de Damão no primeiro de Fevereiro e logo ao dia seguinte em que a Igreja sancta celebra a festa da Purificação da Virgem Senhora Nossa desembarcou o exercito em
5 terra, assentando o Viso-Rey dar logo nos mouros, esperando do favor da Rainha dos Anjos a vitoria. E porque o feito podia passar muito pellas horas em que a gente avia mister de comer, ordenou que as anticipassem e se desse logo aos corpos refeição e alento necessario ao trabalho da peleja. Mas o grande medo
10 dos inimigos teve cuidado de atalhar a batalha pondo-os a todos em fogida, assombrados mais das vistas das bandeiras e enxotados com o som dos tambores, que feridos do ferro e obrigados do fogo. Tomarão os moradores desta fortaleza a Virgem Nossa Senhora por padroeira e todos os annos no dia [287v] da Purifi-
15 cação fazem huma procissão solemne como se custuma fazer na festa de Corpus Christi [1].

Avia ainda tempo pera se dizer missa, conforme à obrigação do dia, e desejou muito o Viso-Rey fosse celebrada com toda a solemnidade possivel em louvor da Purissima Virgem por lhe dar
20 as devidas graças da mercê recebida. Purificou-se logo com diligencia a misquita que os mouros tinhão dentro na fortaleza. Só faltava entre bom numero de sacerdotes que no campo se achavão hum que podesse commungar por terem todos comido quando se fizerão prestes pera a batalha, nem finalmente se achou em jejum
25 outro que o P. Provincial Dom Gonçalo da Sylveira. Estimou em muito o Viso-Rey não se achar outrem que elle pera poder cantar a missa, que foi officiada com boa musica, de vozes e de instrumentos por aver de tudo muito no exercito, e acompanhada da salva d'artelharia, com universal prazer e alvoroço da gente.

30 Acabada a festa, vindo-se o Padre Dom Gonçalo pera o Viso-Rey, Sua Senhoria com os olhos e boca chea de riso disse logo ally na prezença dos fidalgos e cavaleiros que o acompanhavão, que pois somente elle se achara naquelle dia pera tomar com o divino sacrificio posse da misquita de Mafamede por Jesu Christo

---

28 acompanhado *corr. L*

---

1 Cf. Couto, *Déc.* VII, l. 6, cc. 3-5.

nosso Redemptor, rezão era que ficasse com ella a Companhia do mesmo Christo Jesu, e que ninguém a podesse nunca desapossar da mesma casa, da qual lhe fazia mercê com autoridade real pera igreja e residencia de nossa Religião [1].

Nesta casa residião de ordinario sete religiosos da Companhia, pera sustentação dos quaes os viso-reys davão a esmola necessaria da fazenda de S. A., com tal condição que sempre terião o mesmo ordenado ou fossem mais ou menos, e cada viso-rey avia de confirmar esta ordinaria; até que a magestade d'el-rey Felipe terceiro entre os de Castella e segundo deste nome entre os de Portugal nos fez mercê de a confirmar sem dependencia de seus viso-reys [2]. Os superiores desta casa são os seguintes: o Padre Marcos Prancudo, que foy o primeiro, e depois delle os Padres Ayres Brandão, Pero d'Arboleda, Antonio Vaz, Pero de Toar, Pero Vaz, Manoel Pereira, João Dias, Domingos Alvares, Luis de Mendanha, Lourenço Peres, Francisco de Vergara, Lourenço Pinheiro, Miguel Leitão, Christovão da Veiga, João Bautista, Sebastião Gonçalvez [3], Francisco de Vergara, Gaspar Pires, Gaspar Estevão e Jeronimo Cotta [4].

Sempre a Companhia foy bem recebida em Damão pollos serviços que fez a seus moradores, assy na guerra, acompanhando-os quando saem contra os imigos, como também na paz apaziguando-os e servindo a todos no que nos cabe conforme a nosso Instituto. No principio se fez huma pequena casa pera os nossos, a qual os mouros vinhão ver como cousa grande, mas indo a cidade crescendo nos edifficios, creceo também o nosso derrubando-se o primeiro com que os Padres ficarão bem accommodados. O vigairo da cidade dizia a missa aos fregueses na igreja da Companhia, que

---

1 VALIGNANO, *Hist.* 362-63.

2 O P. Seb. Gonçalves foi durante um ano reitor do colégio de Damão, como se disse na Introdução; por isso sabia bem os costumes e o estado desta cidade, como se vê em muitos lugares deste capítulo.

3 O autor desta História.

4 Os catálogos (incompletos) da Província Goana confirmam a existência destes reitores: Marcos Prancudo (1558-61), Pedro de Arboleda (1561), António Vaz (1563, 1565), Manuel Pereira (1571), Domingos Álvares (1572, 1575, 1577), Cristóvão Leitão (1584, 1587), João Baptista, «indiano de Cochim» (1594, três anos), Sebastião Gonçalves (1596, um ano), Francisco de Vergara (1597, 1599, 1600), Gaspar Pires (1602-05, três anos), Gaspar Esteban (1607-08), Jerónimo Cota (1609, 1611), André de Navaes (1612-13), João Borges (1614).

no prin-[288r]cipio servia de freguesia, e quando elle estava absente os Padres corrião em seu lugar com os freigueses.

Servirão-se os Padres da igreja velha por alguns annos, até que o Padre Gaspar d'Ozouro se determinou a dar principio à igreja que oje temos naquella fortaleza. Lançou-se a primeira pedra na 4.ª dominga da Quaresma, em dezasete de Março de 1577, sendo capitão Dom Phelippe de Castro, o qual por sua devação levou a pedra às costas na procissão, na qual hya debuxada uma nao à vela com Santa Ursula e suas companheiras. Disse a missa cantada o Reverendo P.ᵉ Frey Gaspar de Mello, vigairo geral da Ordem dos pregadores, que depois no anno de 1583 veo per ordem d'el-rey Felippe por inquisidor da India [1]. Era mestre na sancta theologia, a qual leo muitos annos em Portugal. O superior do mosteiro cantou o evangelho e outro religioso da mesma Ordem a epistola, e pregou o Padre Frey João Soares da mesma Ordem, que depois foi morto pollos gentios do Sanguicel em companhia de Dom Gileanes [2]. O Padre vigairo geral lançou a pedra com grande alegria de todos, achando-se presentes os religiosos de S. Francisco e muitos cavalleiros das terras de Damão, que ajudarão grandemente com suas esmolas à fabrica da igreja.

E porquanto a fortaleza dos mouros era pequena, foi necessario fazer-se huma grande cerca de vallados com leiteiras e cardeiras [3], depois de madeira grossa com baluartes da mesma materia. Mas porque os portugueses estavão fronteiros aos imigos, que muitas veses vinhão correr as terras, foi necessario fazer fortes muros de pedra e cal; e ao tempo que isto escrevo, que hé no anno de 1612, está a cidade toda cercada com grandes baluartes em distancia proporcionada pera defender os muros, que já estão em altura pera se poder a cidade defender a todo poder de Cambaya. Nesta obra da fortificação tem as religiões de S. Domin-

---

2 com *sobrep. m6 L*

---

1 Cf. supra, l. 7, c. 30, págs. 320-21.

2 Sobre a morte do P. Soares e de D. Gil Anes Mascarenhas, em 1584, no rio Senguiser v. COUTO, *Déc.* x, l. 5, cc. 7-8.

3 *Cardeira:* «É o nome indo-português de *erva leiteira de espinhos*» (DALGADO I 215).

gos e da Companhia de Jesu boa parte, polla ajuda que derão tendo a superentendencia das obras aos meses. Sentindo-se a Companhia agravada com esta carga a largou em tempo do viso-rey Mathias d'Alboquerque [1], como também os Padres descalços a largarão de todo noutro tempo. Porém a cidade insistio grandemente com S. Magestade que tornassemos a tomar o cuidado da fortificação, e assi o mandou em tempo do viso-rey Ayres de Saldanha [2], concorrendo juntamente os vereadores, os quaes não podem fazer cousa de momento sem consentimento do nosso Reitor, como principal agente e administrador das despezas que fazem na fortifi-[288v]cação, pondo elle e tirando os officiaes, tendo pera estas cousas provisões dos viso-reys. Despendem-se hum anno por outro nas obras doze mil pardaos, oito dos quaes dá El-Rey e o restante dá a cidade.

Quando o viso-rey Dom Constantino tomou esta fortaleza deu a capitania della a Dom Diogo de Noronha, por alcunha o Corcos, que tinha já sido capitão de Dio, o qual em quanto viveo teve grande vigilancia e cuidado pera que os imigos não viessem correr as terras. Falleceo em Damão [3] e foy enterrado na igreja da Companhia de Jesu, e depois foy sua ossada tresladada a Goa [4], como noutro lugar desta Historia dizemos [5]. Soccedeo a Dom Diogo de Noronha o feitor da mesma fortaleza chamado Diogo da Sylva, e depois delle servir hum anno soccederão polla ordem seguinte: Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Pedro d'Almeyda, Dom Luis d'Almeida, seu irmão, Alvaro Pires de Tavora, Dom Fellippe de Castro, Fernão de Miranda, Martim Afonso de Mello, Dom Luis de Meneses, Dom Fernando de Meneses, casado em Cochim, Pero da Sylveira, Dom Duarte d'Eça, Christovão de Tavora, Fernão de Castro, Pero da Sylva de Meneses, Ruy de Mello, Dom Antonio Manoel e Nuno Alvares Pereira. No principio fomos também

9 de *R*, do *L* || 21 como *risca* já *L* | dissemos *corr. m6 L*

1 Governou de 1591 a 1597.
2 1600-05.
3 Em 1560. Sobre a sua morte e méritos v. COUTO, *Déc.* VII, l. 9, c. 9.
4 Na Igreja de Nossa Senhora da Serra (ib.).
5 No livro 10, c. 25 (no fim).

senhores de Balsar, onde foi capitão Diogo Pereira, porém porque esta pragana está perto de Surrate a deixamos polla não podermos defender dos imigos.

Os bemfeitores da casa de Damão são estes. Podemos apon-
5 tar no primeiro lugar o viso-rey Dom Constantino de Bragança, que nos deu o sitio e fez mercê pera ajuda do edificio e sustentação dos Padres, e os outros viso-reis que em nome dos reis de Portugal nos derão sempre abunda[nte]mente o necessario. No segundo lugar entrão os devotos. Hum cidadão, per nome Antonio de Bai-
10 ros, deixou hum crucifixo de muita devação, o qual mandou que fosse levado diante de seu corpo quando o levassem à sepultura, que foy na nossa igreja, e que nella ficasse pera o altar e confraria de Jesu; à qual imagem offereceo hum cidadão caindo do cavallo huma coroa de espinhos feita de vergas de prata, e foy N. Senhor
15 servido dar-lhe perfeita saude. O mesmo Antonio de Bairos tendo em sua casa três christãos novamente bautizados, convertidos do judaismo, fogindo pera Balsar, tanto que os sentio menos se pôs ao caminho acompanhado de alguns cavaleiros amigos seus e com grande pressa chegou a Balsar, morrendo-lhe hum cavallo no cami-
20 nho de puro cansaço. Hum mouro seu amigo foy descobrir [289r] os neophitos, os quaes o bom cavaleiro levou pera Damão e dahy por diante forão bons christãos. A mãy falava bem a lingoa castelhana, a filha casou honradamente e depois da morte do primeiro marido se casou com hum fidalgo que lhe deu dom; o irmão foy a Portu-
25 gal pedir mercê a El-Rey e o despachou conforme a petição que lhe fez. Era gente muito alva e foy tomada em huma nao de Meca.

Ambrosio Lopes, buticairo, de nação abexym, deixou pera os catecumenos cem pardaos de renda e pera a igreja de Jesu de Baçaim outros cem pardaos, e pera os catecumenos do mesmo
30 collegio outros tantos. Também ajudarão notavelmente a fundação da casa de Damão Rodrigo Sarrão, deixando-lhe humas hortas que rendem oitenta pardaos; e João Ferrão de Gamboa e sua molher Constancia Sarrão deixarão outras à vista da fortaleza que rendem duzentos. Fallecendo na cidade de Goa hum cidadão per
35 nome Gaspar da Costa, natural da Ponte da Barca, casado com Dona Bernarda de Sousa, sobrinha do governador Manoel de Sousa Coutinho, deixou por sua morte vinte e cinco mil xerafins pera se empregarem em renda de raiz pera o collegio de Damão, o qual N. R. P. Geral Claudio Aquaviva acceitou por fundador do
40 novo collegio, e como a tal lhe fizerão por toda a Companhia os

suffragios que se custumão fazer pollos fundadores vivos e defuntos [1]. Também ajudarão muito com suas esmolas os moradores assy pera a fabrica do novo edifficio como da nova igreja da invocação das Onze Mil Virgens. N. R. P. Geral no anno de 1581 lhe mandou huma das cabeças das gloriosas Virgens e martyres que foy recebida do capitão, da cleresia e cidade com grande festa e acompanhamento, a qual forão os nossos buscar a Calaim [2] nhuma escusa galé.

A confraria das Onze Mil Virgens teve principio no collegio de S. Paulo de Goa (donde a mesma devação manou a todos os collegios e casas da India) no anno de 1548, governando o Estado da India Garcia de Sá, per occasião da não Galega, na qual vinhão alguns Padres da Companhia e por superior delles o P.e Antonio Gomes que trazia consigo huma cabeça das Onze Mil Virgens, e segundo todos dizião a santa cabeça foy a que os levou milagrosamente à India a nove de Outubro. Porque além doutros muitos perigos, estando já bem perto de Moçambique ficarão na vazante da maré em seco entre humas rochas, onde a nao deu cinco golpes com hum estrondo espantoso e estremecendo toda, de maneira que ò terceiro se lhe desencaixou o leme, e ao quarto sal-[289v]tou no mar, e avendo ao quinto que abria por mil partes, o piloto com os que poderão se lançarão no batel. Sahio neste tempo o Padre Antonio Gomez com a santa cabeça nas mãos, e pedindo todos com muitas lagrimas favor à Virgem e a Deos misericordia, foy elle servido que com hum pedaço de vela que alevantarão de proa, sem leme nem outra alguma ajuda, se deixasse levar a nao como hum cavallo polla redea e sahisse per entre as duas rochas, sendo a aberta tão estreita, que por não quebrar na mais alcanti-

---

10 mandou *corr. L*

---

[1] Escreveu o Padre Geral em 1600 ao P. Visitador Pimenta: «Acceptamos la fundación del collegio de Damán, de que el Señor Gaspar da Costa nos hizo charidad y merced, y assý daremos orden por toda la Compañía se le digan tres missas como a fundador defunto, y lo mismo hará V. R. allá ordenando que en Damán le tengan por su fundador compliendo con los suffragios y oraciones que le son devidos» (Bibl. Nacional, *Fundo Geral 6620*).

[2] Calem, Kâlai, Kolai, porto ao sul de Damão, no território da União Indiana.

lada tanto se encostou a outra, que hya tomando agoa pello bordo. E souberão bem estes Padres reconhecer a mercê recebida festejando logo como entrarão em Goa a santa cabeça com huma solemne procissão de toda a cleresia e povo, que a levou à igreja
5 de S. Paulo onde se pregarão seus louvores [1], e ordenando a festa que no mesmo collegio e nos outros que na Provincia se faz aos vinte e hum de Outubro, que hé o proprio de seu martyrio. Em todas as casas há reliquarios, que assy os doentes como as que estão propinquas ao parto mandão buscar pera N. Senhor por
10 intercessão das Santas Virgens lhe dar saude e bom parto.

Francisco de Andrada na quarta parte da Chronica d'el-rei Dom Joam 3.º deste nome aos 30 capitulos teve noticia deste milagre, alegando na marge a Diogo do Couto [2]. Porém elle seguio huma relação apocrifa que attribue o cazo aos relegiozos de S. Domin-
15 gos, dizendo que elles traziam a sancta cabeça e que foi levada com procissam da igreja de S. Francisco à de S. Domingos [3], não advertindo que ainda os Padres dominicos não tinham igreja em Goa, por no mesmo anno virem 12 e não seis, como diz o mesmo autor, pera ficarem d'assento na India [4]. E trouxerão provizão
20 d'El-Rei, como escreve também o mesmo autor, pera de sua fazenda lhes darem huma grossa esmola pera comprarem sitio e nelle edificarem seu mosteiro [5]; e com tudo os Padres da Companhia de Jesus já no mesmo anno de 1548 tinham igreja da emvocaçam de S. Paulo, a qual fez o governador Martim Affonso de Sousa que
25 acabou seu governo no anno de 1545, de modo que já passava de três annos que tinhão igreja em Goa quando vieram os Padres de S. Domingos. Além do que está dito se prova manifestamente

---

6 que' *risca* a festa *L* || 11 até 5 da pág. seg. Francisco — Lucena *na margem m7 L*

---

1 Segundo a carta do P. Barzeu, Goa 13 de Dezembro de 1548 (DI I 394-95).

2 Refere o caso na *Déc.* VI, l. 7 c. 3.

3 Escreve: «na... desesperação e geral espanto e lagrimas acudirão dous religiosos da ordem de são Domingos com hum cofre, em que levavão a cabeça de huma das onze mil virgens, que levarão por toda a nao»; e mais abaixo: «a qual reliquia foy levada com muyta veneração do convento de são Francisco ao de são Domingos».

4 «Nestas náos forão seis religiosos de são Domingos com provisões del Rey para tomarem em Goa o assento que lhe milhor parecesse» (ib.).

5 Ib.

da mesma sancta cabeça que todos os annos se mostra na igreja de S. Paulo na festa das Onze Mil Virgens metida em huma charola de prata, e se prega em seu dia o milagre que referimos com aplausos dos ouvintes, o qual também escreve o P.e João de Lucena [1]. 5

No anno que Mathias d'Alboquerque veo por viso-rey da India, que foy o de noventa, se vio em grandissimos perigos e finalmente arribou a Socotará, e dahy tornou a Moçambique onde invernou [2], pello que encomendando-se elle às Santas Virgens foy per sua intercessão livre das tempestuosas ondas do mar, arri- 10 bando as quatro naos de sua companhia ao Reino, por dar à vela a desoito de Mayo. Não foy o Viso-Rey ingrato ao beneficio recebido, porque dia das Virgens quis que ouvesse bautismo solemne, pera o qual deu quinhentos xerafins e nos primeiros annos de seu governo mandava polla festa das Virgens cem pardaos de 15 esmola.

A nao em que o P.e Visitador Nicolao Pimenta veo esteve perdida dia das Virgens à vista da barra de Goa, mas N. Senhor a livrou pellos merecimentos das Sanctas Virgens [3].

Dia das mesmas Santas Virgens do anno de 1594, quando 20 foy ao collegio de S. Paulo huma solemne procissão em fazimento de graças pella vitoria que N. Senhor deu aos portugueses no Morro de Chaul [4], fuy eu levar a cabeça de Santa Gerasina à Sé pera ser levada na procissão. Quando voltey pera o collegio deu meu companheiro o bacio de prata em que ella foy a hum menino 25 que diante de nós o levava à cabeça. Chegando pois à Rua de Arvore, onde agora está huma cruz alevantada, avia alguns cavallos que os farazes [5] tinhão pellos cabrestos. Prepassando o menino à nossa vista hum delles lhe atirou dous couces à cabeça, e foy tal sua ventura que ambos derão na borda do prato e o amolgou, 30

---

1 L. 6, c. 7, pág. 405. Todo este parágrafo sobre Andrada está acrescentado à margem (cf. ap. crít.), pois a obra deste autor saiu sòmente em 1613.

2 Cf. COUTO, *Déc.* XI, c. 12.

3 Chegou à Índia em Outubro de 1596 (cf. COUTO, *Déc.* XI, c. 34, fim).

4 Foi a vitória a 2 de Setembro (cf. COUTO, *Déc.* XI, c. 32).

5 *Faraz:* «Actualmente, é o nome por que se designa uma das duas castas ínfimas de Goa (*mahâr* em concani), que se ocupa em misteres baixos... Mas antigamente denotava o tratador de cavalos e de tapetes e esteiras» (DALGADO I 390).

e deu com o menino [290r] redondo no chão sem lhe tocar nas mãos ou na cabeça: que quanto a mim foy particular beneficio da santa cabeça que no prato fora, que também serve no altar, e por tal o apregoarão logo as pessoas que este caso virão.

5 *Da morte do P.e Afonso Cypriano.*

Cap. 9.

Foy o P.e Afonso Cypriano castelhano de nação e hum dos primeiros companheiros que N. B. P. Ignacio mandou ao B.º P.e Francisco Xavier [1]. Chegou à India na era de 1546 e foy o primeiro
10 que o B. P. Francisco mandou fundar a residencia da cidade de S. Thomé [2]. Falleceo ao derradeiro de Julho do presente anno cincoenta e nove. Fez na India os votos de coadjutor spiritual [3]. Teve dom de profecia, como se verá nos casos seguintes.

Gracia Nicolao [4], portuguesa, indo ao Monte Grande [5] em com-
15 panhia do Padre Afonso Cypriano pera lhe dizer missa, avendo de passar hum ribeiro, disse o Padre a hum gentio que o ajudasse a passar o rio e que pediria a Deos que o fizesse christão; ajudou-o e dahy a três meses se veo fazer christão. A mesma molher ficou viuva por morte de seu marido que se perdeo com Manoel de
20 Sousa de Sepulveda [6], e carregada de filhas e arreceosa de se perderem por pobreza; o Padre lhe disse que Deos lhas casaria, e assy foi que todas casarão honradamente.

Estando o P.e Cypriano doente disse ao Irmão que delle tinha cuidado: «No dia da vespora das cadeas de S. Pedro se vos aca-
25 bará o trabalho que levais comigo, porque nelle me soltará o Senhor das deste corpo de morte». E assy foy que então falleceo [7] e foy sepultado no adro da igreja de S. Thomé, derredor do qual muitas

---

1 Já em 1542 foi de Roma enviado a Portugal (*Epp. Mixtae* I 91).
2 Em 1549 (EX II 80; DI I 520).
3 Cf. DI I 197.
4 Filha do governador Garcia de Sá, casada em 1548.
5 Sobre o Monte Grande v. a nota do P. Schurhammer, em EX I 320^8.
6 No naufrágio da nau S. João perto do Natal, em 1552 (EX I 470^4).
7 Cf. LUCENA, l. 6, c. 10, pp. 415-16.

pessoas honradas e devotas se mandarão enterrar polla devação que lhe tinhão [1], até que no anno de 1580 forão seus ossos tresladados pera nossa igreja.

O spirito de profecia que teve este sancto velho se vio claramente em hum caso muy notavel. Chegara à cidade de S. Thomé hum navio a fazer fazenda, cujo capitão e piloto deixavão as consciencias na terra quando se embarcavão. Erão estes dous membros de Satanás ambos assinalados: o capitão tartamudo e o piloto torto e cego dhum olho, o qual por bom remate d'algumas obras taes, qual era sua alma, tomou por força a hum christão da terra a propria molher, metendo-a no navio à vista de todos com grande scandalo da cidade. Pede o pobre christão a Deos justiça pellas praças pois não avia quem lha fizesse na terra. Arde em zelo o bom Padre Cypriano, segue-o e persegue-o até não poder mais, porque não sendo poderosa a justiça secular nem ecclesiastica pera prender nem deter os adulteros que se fazião à vela, elle mesmo se embarcou a lhe fazer graves requerimentos da parte de Deos a quem nunca alguém fogio nem resistio. Lembrava-lhes que o tinhão consigo no mar e que [290v] o avião d'achar na terra, e que não era somente juiz e testemunha de seu delicto, mas a parte mais offendida nelle, por quam desacredita[da] deixavão sua santa ley entre os gentios daquella cidade; e que ainda punhão em grande risco a fé dos novamente convertidos com a injuria tão enorme de hum delles, e com se mostrarem assy com tão pouca sogeição e respeito a Jesu Christo, como se forão os mesmos infieis, que elles os avião de accusar ante o Senhor e justificar suas torpezas com aquella tão fea e tão patente aos olhos de todos, sem pejo da terra, sem temor do ceo. Mas não forão ouvidas suas rezões daquelles que nenhuma tinhão. Levão ferro zombando dos clamores do marido, do escandalo da cidade, das lagrimas do Padre. Revelou Deos ao P.e Cypriano a justiça que tinha prestes a tão grave crime, nem elle esperou mais pera a denunciar da parte do mesmo Senhor a todo o povo, que o primeiro dia que pregou, e disse do pulpito: «Não quiserão senão

2-3 tresdados *corr. m6 L*

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 386-87.

levar a molher alhea, pois Deos o[s] há-de castigar, porque o navio se perderá e o torto ficará cego e o tartamudo mudo». Abalou-se o auditorio achando nas palavras mais graça que mysterio, ainda que ellas não erão tão graciosas quam mysteriosas. E foy o caso
5 que indo o capitão e o piloto fazendo festa e jogo das ameaças do P.e Cypriano, veo sobre elles tão grande tormenta, que não se podendo ter aos mares, derão depois de muito trabalho à costa, perdendo o navio e fazenda toda. Sairão os dous em terra, não porque Deos lhes quisesse fazer mercê da vida tão mal merecida,
10 mas porque fossem, vivendo, mais claras testemunhas do castigo de sua culpa e da verdade da profecia, do que o forão morrendo. Porque o capitão vendo-se perdido e avendo que o torto do piloto por aquelle tão escandaloso peccado fora a causa de toda a perdição, saltou comendo-se de raiva nelle e furiosamente lhe arrancou
15 o olho de que via, de modo que elle ficou às escuras e cego pera sempre, e juntamente foy tão grande a paixão do mesmo tartamudo e a força que se fez trabalhando e bradando sem cessar emquanto durou a tempestade, que de todo perdeo a fala e de tartamudo ficou pera sempre mudo [1].

20 *Do que neste anno de 59 succedeo na christandade de Jappão.*

Cap. 10.

Estando o Padre Baltazar Gago em Facata manifestando a ley de Deos, se alevantou hum senhor vassallo d'el-rey de Bungo com
25 outros senhores contra o mesmo rey, e foy logo cercar a cidade a qual entrarão, saquearão e cativarão muita gente. Também o Padre lhes cahyo nas mãos e foy entregue ao principal dos imigos, padecendo graves injurias e afrontas entre elles, os quaes duas vezes o despirão, finalmente foy socorrido e posto em liberdade per meyo

3 que *risca* o *L*

1 LUCENA, 416-17.

de hum christão que vinha no exercito [1]. O Irmão Guilhelme [2] também foy cativo e estiverão pera [291r] lhe cortar a cabeça. Foy resgatado juntamente com outro moço de casa por vinte cruzados [3].

A obra do hospital de Bungo era hum sino que soava per todo Jappão, pello que foy necessario acrecentar o edifficio com diversos repartimentos conforme as qualidades das pessoas que se vinhão curar, acodindo de corenta e sessenta legoas bonzos e fidalgos e toda a sorte de gente, e doenças de quinze e vinte annos se curavão em trinta e corenta dias [4]. Os portugueses ajudavão a sustentar esta casa e também os christãos. El-rey de Bungo tinha dado obra de trezentos cruzados de renda, a qual dependia da paz e quietação do reino. Estava em Bungo aposentada huma molher, per nome Clara, de idade de sessenta annos que correo a mayor parte de Jappão, e sendo gentia tinha por officio ajuntar esmolas pera edificar pagodes. Indo ter a Firando e ouvindo as cousas de Deos insistio muito que a fizessem christam, e logo se foy pera Bungo e pedio que queria estar perto da igreja e acabar ahy seus dias. Era espelho da christandade, porque tal era sua vida, e de seu trabalho se mantinhão e sustentavão duas viuvas honradas, que frequentavão os sacramentos guardando recolhimento e fazião muita penitencia. O que lhes sobejava da sustentação davão ao hospital; derão mais de cento e cincoenta cruzados de esmola afora muita roupa [5].

Converterão-se dous homens da obrigação de certo fidalgo gentio. Hé custume de Jappão ajuntarem-se todos os christãos ao enterramento do senhor. Falleceo pois o amo destes dous christãos. Miguel e Manoel forão requeridos pera o acompanhamento

---

19 sustentava *corr. m6 L*

---

1 Carta do P. Baltasar Gago, 1 de Novembro de 1559, nas *Cartas de Japão* 1570, ff. 192v-96r.

2 O Irmão Guilherme Pereira nasceu entre 1533 e 1539 em Lisboa, partiu para a Índia como órfão na expedição dos Missionários de 1548, em 1554 acompanhou o P. B. Nunes Barreto ao Japão, onde em 1558 foi recebido na Companhia. Faleceu em 1603 (FROIS, *Die Geschichte Japans* 60[1]).

3 Na carta citada do P. Gago (*Cartas de Japão* 1570, f. 195v), e numa do Ir. Luís de Almeida de 1559 (ib., f. 183r).

4 Carta citada de Almeida, f. 183r-v.

5 Segundo a carta citada do P. Gago, nas *Cartas de Japão* 1570, ff. 190v-91r.

do defunto. Miguel não se quis achar nelle por mais ameaças que os gentios lhe fizerão, Manoel rendeo-se; porém foy grandemente reprehendido do companheiro, e o induzio a que fosse pedir perdão e fazer penitencia de seu erro. Assy o fez e emquanto ao domingo
5 se dizia a missa se disciplinou derramando muito sangue [1].

Junto de Firando estão três ou quatro ilhas pequenas, as quaes o P.e Gaspar Villella converteo a instancia de Dom Antonio [2], senhor dellas. Erão os christãos por todos mil e quinhentos. O fidalgo andava com os Padres pellas aldeas pregando aos lavradores indu-
10 zindo-os que se convertessem, convertendo as casas dos pagodes em igrejas, fazendo adros com grandes cruzes no meyo delles arvoradas pera o enterramento dos christãos; os idolos forão queimados e os bonzos se converterão. Sentio-se o demonio grandemente desta conversão, pello que induzio a seus ministros que cortassem
15 huma principal cruz que muitos dias avia que estava em Firando, derrubando juntamente a igreja e lançando ao Padre fora da terra [3].

Hum fidalgo per nome André, deixando Iamanguchy por ser de muito trafego, se foy pera o Facatá com toda a casa. Deu hum
20 filho muito discreto pera que desde pequeno aprendesse na igreja a servir a Deos, e elle por toda a Quaresma se retirou dos negocios seculares dando-se todo a Deos. Todo este tempo que esteve na igreja [291v] e o da Coresma não sahio fora, nem a sua propria casa; fez huma confissão larga. Quinta-feira da cea do Senhor fez
25 hum devoto colloquio diante do Santissimo Sacramento, no qual resumio todos os passos da Paixão, applicando a sy mesmo aquelle summo beneficio com tanta devação que em todos a causava. Acabado o colloquio se disciplinou com grande fervor e dia da Pascoa recebeo o divinissimo sacramento do altar. E logo dahy a cinco ou
30 seis dias, sendo destruida a cidade de Facata, o mandou matar seu senhor, que era hum dos que se alevantarão contra Bungo. O virtuoso André vendo que o vinhão matar se poz de joelhos com os olhos no ceo recebendo com muita paciencia a morte [4]. Muitos

---

1 Ib., f. 191r-v.

2 D. António Koteda.

3 Carta do P. Gago, nas *Cartas de Japão* 1570, ff. 197v-98v.

4 Carta do Ir. João Fernández, 5 de Outubro de 1559, nas *Cartas de Japão* 1570, ff. 199v-200v.

outros deixarão o mundo e se forão viver junto dos Padres, padecendo grande pobreza por não perderem a Christo no meyo das abundancias que os senhores gentios lhes offerecião.

Da morte do P.e Paulo de Camerino e da prizão do P.e João de Misquita.

Cap. 11.

Em Setembro de 1559 soccedeo o P.e Antonio de Quadros no provincialado ao Padre Dom Gonçalo da Sylveira. Desta segunda vez que o Padre Quadros foy provincial publicou as Constituições da Companhia [1], posto que já per ordem de N. B. P. Ignacio estavão publicadas em Espanha pello Padre Jeronimo Nadal no anno de 1553 [2], as quaes approvou a primeira Congregação Geral [3]. O P. Antonio de Quadros as foy introduzindo e pondo em pratica na Provincia da India com grande consolação e aproveitamento espiritual de todos. E no Abril seguinte de 1560 mandou pera Maluco o P. Marcos Prancudo por superior daquellas partes, e os Padres Pero Mascarenhas, Fernão Alvares [4], e os Irmãos Manoel Gomez [5] e Diogo de Magalhães. Mandou também pera Malaca o P.e Christovão da Costa e o Irmão Gonçalo Fernandes [6].

Criavão-se neste tempo no collegio de Santa Fee três mininos: hum delles per nome Dom Antão, era filho de hum mouro principal de Persia, outro chamado Dom João filho de hum regulo

---

1 Publicou as Constituições já em 1556 (cf. VALIGNANO, *Hist.* 314).

2 No mesmo ano publicou-as também em Portugal (cf. *Epp. Nadal* I 850).

3 Em 1558.

4 O P. Fernão Álvares nasceu em Coimbra pelos anos de 1527 a 1529, entrou na Companhia em Goa, Dezembro de 1556, foi ordenado sacerdote em 1561; foi dois anos superior em Ternate, voltou em 1581 para a Índia, falecendo em Margão no mês de Novembro de 1598 (VALIGNANO, *Hist.* 425[21]).

5 O Ir. Manuel Gomes nasceu em 1532 ou 1533, entrou na Companhia em 1558; esteve nas Molucas de 1561 a 1571; e faleceu em Goa no ano de 1583 (VALIGNANO, *Hist.* 425[25]).

6 Irmão Gonçalo Fernandes, nasceu em Castelo Branco por 1521, entrou em Goa em Março de 1560. Ocupou-se em vários colégios, como Malaca, Baçaim, Goa, onde vivia ainda em fins de 1594 (*Goa 24 I*).

de Amboino, e Dom Afonso a quem pertencia hum dos reinos de Ceilão [1], os quaes a Rainha encomendou muito ao viso-rey Dom Constantino; como também em huma de vinte e oito de Março de cincoenta e nove ordena por huma nova ley que fez em favor dos
5 que se convertem a nossa santa fee, quando as molheres e parentes de gentios defuntos que fallecerão sem filhos machos se converterem a nossa sancta fee, se dê certa quantidade das vargeas devolutas à coroa com que boamente se possão sustentar.

Aos vinte e hum de Janeiro de 1560 levou N. Senhor pera sy
10 o P.e Paulo Camerino no collegio de S. Paulo. Foy o primeiro companheiro do B. P. Francisco. Era natural de Italia, da Marca de Ancona. Entrou [292r] em Roma na Companhia antes de ser confirmada [2], onde foi bem exercitado no hospital dos pobres curando e servindo a todos com muita caridade. O mesmo fez em Moçam-
15 bique [3] e na cidade de Goa, na qual estava hum hospital defronte da portaria de carro do collegio de S. Paulo com sua capella, onde dizia missa aos enfermos e lhes fazia praticas espirituaes e os sustentava das esmolas que buscava [4]. E quando lhe faltava o necessario hya ter com os governadores, e como não soubesse falar a
20 lingoa portuguesa mostrava-lhes a bolsa vazia e melhor se explicava desta maneira que falando, e logo o mandavão prover. Era muito zeloso do serviço de Deos, muito pobre em sua pessoa. Tinha grande conta com sua alma, alevantava-se primeiro que os outros e quando tangião à oração já tinha feita a sua. Era muito
25 obediente, como se vio neste caso.

O Padre Mestre Gaspar o mandou pregar dia do Espirito Santo na nossa igreja [5], dizendo elle que posto que não soubesse a lingoa que o Spirito Sancto supriria a falta della, pois naquelle dia viera em figura de lingoas sobre os apostolos. Estudou a
30 pregação com diligencia, subio ao pulpito confiado mais na virtude de obediencia que na eloquencia portuguesa da qual carecia. Postos os olhos no ceo com as mãos alevantadas, sem dar fee do

---

[1] Segundo um catálogo dos meninos do colégio de Goa de Dezembro de 1557, era D. Afonso, rei de Trincomali, e D. Antão, filho dum senhor da Pérsia, parente do rei de Ormuz (DI III 789-90).

[2] Fez os votos em Roma a 4 de Março de 1540 (cf. DI I 1-2).

[3] Cf. EX I 120; DI I 134.

[4] Cf. DI I 569; VALIGNANO, *Hist.* 418.

[5] Devia ser em 1552 ou 1553.

auditorio pregou na lingoa que sabia com tanto fervor e devação, que em todos a causava ficando muy edificados e juntamente compungidos do que dizia. Fez muitos serviços a N. Senhor no collegio de Santa Fee, e Mestre Diogo de Borba dizia delle que fazia fogir os demonios [1]. Foy coadjutor spiritual [2] e governou o collegio de S. Paulo por algum tempo [3]. Durou a doença de que falleceo, anno e meyo, a qual sofreo com grande paciencia [4]. Quando lhe derão novas do glorioso transito do B. P. Francisco, toda aquella noite cantou de alegria e com a mesma deu fim à presente vida entrando na futura a receber o premio de seus trabalhos.

Praticando o P.e Luis Gonçalvez de Camara com o Conde da Castanheira, Dom Antonio d'Atayde, sobre o Padre Micer Paulo, lhe disse o Conde que o B. P. Francisco quando em Roma fora avisado pera a India, chamara N. B. P. Ignacio ao Padre Camerino e lhe perguntara se folgaria de passar à India? Respondera que não por falta da lingoa, a qual era necessaria pera frutificar nas almas; porém considerando depois bem o que dissera, tornara ao B. P. Ignacio dizendo que se atrevia com a graça do Senhor a frutificar nas almas dos indios [5], e que se elles fizessem o que lhes ensinasse irião todos ao parayso. Tal era a confiança do bom Padre e taes erão as praticas dos primeiros Padres com os seculares ainda quando estavão occupados em despachar as partes.

No mesmo anno levou Nosso Senhor pera sy em Punicale ao Irmão Bertolameu Carrilho [6].

Mas antes que passemos avante digamos do cativeiro do P.e João de Misqui-[292v]ta. O naique fronteiro a Punicale e

---

28 Mesquita *risca* Como já comecei de tocar *L*

---

1 «Faz fugir ho demonio do claustro e de seus termos» (carta de 18 de Novembro de 1545: DI I 53).

2 Cf. DI I 195-96.

3 De 1542 a 1545.

4 Mais particularidades dá VALIGNANO, *Hist.* 418.

5 Veja-se o texto dos votos do Padre Paulo, em DI I 2; ofereceu-se espontâneamente para a missão da Índia.

6 Faleceu o Irmão a 7 de Abril de 1560 (cf. VALIGNANO, *Hist.* 407-08).

sogeito ao de Maduré [1], desejoso de achar occasião pera fazer guerra aos portugueses e saquear os christãos, escreveo huma carta a Manoel Rodriguez Coutinho, capitão da Costa, descomposta e descortês lembrando-lhe como já fora seu cativo e que o podia outra vez ser. O capitão lhe respondeo como elle merecia.

Estando pois o badagá oito legoas de Punicale, veo com muita pressa sobre elle com vinte mil homens e muitos de cavallo e alguns alifantes armados. Foy nosso capitão avisado de sua vinda, porém, como ella fosse tão subita, ouve pouco tempo de apparelho pera o receber. Não entrou logo o imigo por aver muita agoa no rio, que de maré vazia dá hum palmo por cima de joelho. Pera mais ajuda, o capitão estava doente; porém achou-se em Punicale Dom Duarte de Meneses, que tinha vindo à Pescaria com alguns navios d'armada [2]. Mandou-lhe o capitão que fizesse rosto ao imigo, mas não se pode fazer com tanta pressa por já os badagás serem entrados na ilha, onde no primeiro encontro foy morto o capitão da gente de cavallo [3], com cuja morte se retirarão os badagás à outra banda do rio. E assy ouve lugar pera se recolher a nossa gente ao baluarte, o qual posto que fraco nunca os imigos entrarão, porque era defendido valerosamente, pondo-se o capitão assentado nhuma cadeira donde animava os soldados emquanto durava o assalto; o qual com parecer dos companheiros determinou, por não poder soster o cerco, embarcar a gente e fato, o que logo se fez, mandando dar fogo às casas, ao forte e igreja pera que os infieis se não aproveitassem della.

Porém querendo-se levar a fusta, como quer que estivesse muito carregada e os marinheiros fossem poucos, e não podesse nadar por ser da maré vazia, ficarão os portugueses e os Padres postos a barreira, nos quaes os imigos empregavão seus tiros derrubando a huns e ferindo a outros, finalmente forão entrados e cativos. O capitão e o Padre Misquita ficarão bem sangrados, porque ao Padre derão huma estocada e huma grande cotilada polla cabeça e três pello corpo. O P.e Anrique Anriques escapou

---

3 a *sobrep. mo L*

---

1 O mesmo Vishvanâthat, senhor de Maduré, participou também nesta incursão (DI v 377).

2 Cf. Couto, *Déc.* VII, l. 8, c. 11.

3 Por nome Melrao (Couto, l. c.).

a nado, como também hum Irmão, o qual como quer que o sol fosse grande chegou todo esfolado a huma povoação de christãos. Os badagás levarão a presa ao seu capitão, com quem os christãos se concertarão em dez mil pardaos pera que soltasse a Manoel Rodriguez Coutinho e aos portugueses, ficando o P.e Misquita em arraféns por elles [1].

Vendo o maniagar [2] que o dinheiro tardava, estreitou a prizão ao Padre pondo-lhe muitas vigias pera que não fogisse e mandava muitas vezes pedir o dinheiro ao capitão Manoel Rodriguez Coutinho que estava em Punicale. Vendo Dom Duarte de Meneses as descortesias do barbaro, aconselhou ao capitão que se fosse daquelle lugar, pois não podia tomar satisfação do imigo. Tomando pois seu conselho, se embarcou pera Tutucurim e daqui pera a Ilha das Lebres [3]. Com sua ida se renovarão os trabalhos do P.e Misquita, lançando-lhe um grande macho e braga nos pés, e cada hora o ameaçavão com açoutes e com a morte. Aconteceo este caso no mez de Agosto.

Sentião os christãos grandemente sua prizão, e porque não tinhão [293r] por onde pagar, acolherão-se ao refugio da oração pedindo a Deos N. Senhor o posesse em liberdade, pois elles lha não podião dar. Ouvio Deos os brados dos christãos inspirando ao moço, chamado Miguel, que servia ao Padre que buscasse invenção pera lhe tirar os ferros, dando-lhe juntamente graça com os guardas pera que se fiassem delle e acceitassem huma boa cea de sua mão, na qual, bebendo mais do necessario, ficarão sepultados no vinho e adormecerão profundamente, no qual tempo Miguel limou os ferros e tomando o Padre às costas o levou ao mato onde por alguns dias o teve escondido. Espertarão as vigias e achando o Padre menos o forão dizer ao maniagar, o qual mandou logo por muitas partes gente de cavallo em sua busca, e por esta via souberão os christãos que o Padre era fogido. Pello que mandando embarcaçõis a diversas paragens, foy recolhido em

---

16 o *sobrep. m6 L*

---

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 408-11 e COUTO, l. c.

2 *Maniagar*: «Chefe de aldeia, uma espécie de regedor, na zona dravídica» (DALGADO II 32).

3 Cf. COUTO, l. c.

huma dellas [1] e recebido com grande alegria e contentamento de toda a Costa, vendo a seu pastor livre das mãos do tyranno e a sy mesmos do tributo tam injustamente pedido [2].

Jornada que o viso-rey D. Constantino fez a Jafanapatam.

5 Cap. 12.

A occasião desta jornada deu el-rey de Jafanapatão com a injusta morte que deu aos martyres de Manar e com as grandes injustiças que cometia contra os christãos [3]. Partio o viso-rey Dom Constantino de Goa em Agosto de 1560 levando huma fer-
10 mosa armada de remo [4], e passando por Cochim se embarcou com elle o bispo Dom Jorge Temudo, levando já de Goa consigo os prelados das Religiões; entre elles foy também o Padre Antonio de Quadros, provincial da Companhia de Jesu. E posto que a frota polla contrariadade dos ventos não foy tanto a tempo como con-
15 vinha [5], pera o muito que avia que fazer, o tyranno comtudo não deixou de ficar bem castigado. Porque a principal cidade onde elle primeiro esperou o campo foy entrada valerosamente e, fogindo o barbaro pellos matos, o seguirão os nossos matando e cativando muitos dos seus, entre os quaes entrou o principe herdeiro que
20 foy prezo com parte do thezouro do pay: o qual depois de andar alguns dias escondido nas serras, veyo emfim a pedir misericordia e pazes a Dom Constantino fazendo-se vassallo tributario da coroa de Portugal e entregando-lhe de todo a ilha de Manar, pera onde o Viso-Rey passou os christãos paravás e careás [6], onde estiverão
25 quatro annos com bom successo das pescarias do aljofar, mas os

---

1 Segundo COUTO l. c. em «Conduturé, que eram doze leguas de Punicalle».

2 O P. Mesquita escreveu várias cartas sobre a sua prisão e libertação (cf. DI IV 604-05 638, V 76-92). Consulte-se também VALIGNANO, *Hist.* 408-12.

3 Cf. l. 2, c. 13: vol. I, 166.

4 Sobre esta expedição veja-se VALIGNANO, *Hist.* 413-15; LUCENA, l. 2, c. 23 e COUTO, *Déc.* VII, l. 9, cc. 1-4.

5 COUTO, *Déc.* VII, l. 9, c. 1.

6 VALIGNANO, *Hist.* 413.

paravás se tornarão pera a Costa [1] ficando os careás em Manar e com elles os Padres da Companhia pera os cultivar. Ordenou-se huma fortaleza com bom presidio de soldados, sendo o primeiro capitão della Jorge de Mello de Castro [2], e dez navios no mar pera mor segurança dos novos moradores e freyo do imigo. 5

No anno de 1552 fallecendo o regulo de Tiquinamaley [3], chamado Vaniana [4], que tinha suas terras na ilha de Ceilam, do qual ficou hum filho de pouca idade, de que tinha cuidado huma pessoa principal, e como quer que ouvesse discordia entre os grandes sobre quem havia de governar emquanto o [293v] minino não era 10 de idade, parecendo ao que delle tinha cargo que mais lhe convinha a governança que a nenhum outro, se passou à Costa da Pescaria com o minino, acompanhado de vinte homens nobres, a pedir ao nosso capitão [5] que o mandasse meter de posse e que se farião christãos. Pareceo ao capitão que devia despachar bem tão justa 15 petição. Depois de bem instruidos na fee forão bautizados pollos Padres da Companhia [6] e mandou meter de posse ao tutor do minino pera governar em seu lugar, ficando o principe em poder do capitão. Chamou-se no bautismo Dom Afonso que foy mandado ao collegio de S. Paulo de Goa, onde se criou, o qual levou 20 consigo o viso-rey Dom Constantino pera o meter de posse de suas terras, o que não teve effeito, por quanto os portugueses se embarcarão com muita pressa, vindo-lhes no alcance os de Jafanapatão já rebelados contra a coroa de Portugal, matando a muitos, aos quaes a demasiada confiança fez sair fora do campo, entre 25 os quaes também foy morto o custodio de S. Francisco [7]. Tornando-se pois Dom Afonso com o Viso-Rey pera Goa, sendo já de idade pera tomar as armas começou de servir nas armadas e acompanhou ao viso-rei Dom Antão de Noronha na jornada que fez a Mangalor, onde no acometimento que os mouros de noite 30

---

1 VALIGNANO, *Hist.* 429.

2 VALIGNANO, *Hist.* 416[13].

3 Trincomali na costa oriental de Ceilão.

4 *Vaniá,* em tamil *vânniyar*: «Rico-homem ou duque, em Ceilão» (DALGADO II 403).

5 Manuel Rodrigues Coutinho.

6 Cf. a carta do P. H. Henriques, Cochim 27 de Janeiro de 1552, em DI II 306.

7 Belchior de Lisboa (COUTO, *Déc.* VII, l. 9, c. 4; DI V 10).

fizerão contra os portugueses, que com muita segurança estavão jugando nos palmares, morreo pelejando valerosamente [1].

Mas tornando a Dom Constantino, não se deve passar em silencio a grandeza de seu animo em desprezar, em tempo de
5 grandes necessidades, grande copia de dinheiro que lhe foy offerecido por huma peça que tomou entre os despojos d'el-rey de Jafanapatão, que era o dente de hum bugio branco [2], de quem os cegos infieis contavão e crião tantas e taes patranhas, que nem polla torpeza e ignorancia dellas hé bem que as refiramos, nem
10 sua grande proluxidade no-las deixará referir. Mas deste só exemplo se entenderá quam cativos daquella abominação tinha o demonio os miseraveis infieis. Do grande reino de Pegu vinhão todos os annos embaixadores a Ceilam pedindo com riquissimos presentes em nome de seu rey lhes deixassem imprimir como sinete em
15 cera o dente do bugio em certa massa de ambar, algalia, almiscre e outras confeições aromaticas que pera isso trazião nhuma boceta de ouro, de modo que ficasse estampada não somente a feição, mas o comprimento e grossura do osso, deixando nhuma parte da massa a figura de huma das faces e adiante logo a da outra: pera que, já
20 que não merecião ter em Pegu aquella grande reliquia, ao menos se consolassem com a vista e adoração da sua perfeita imagem. Tam escura e quasi apagada trás lá o demonio a divina nos homens!

Conforme a esta monstruosa cegueira, tanto que o mesmo rey de Pegu soube como os portugueses tinhão em seu poder o
25 dente, despachou uma embaixada ao Viso-Rey, offerecendo-lhe por elle trezentos mil cruzados [3], que mandava nhuma nao em ouro e merca-[294r]dorias de muito preço, com determinação de o não deixar por nenhum quando nelle o posessem. Desta nao era capitão Martim Afonso de Mello, que fora fazer a viagem de Pegu, ao
30 qual el-rey encomendou os embaixadores pera que os apresentasse

---

19-20 já que *sobrep. m6 L*

---

1 Em 1568 (cf. COUTO, *Déc.* VIII, c. 20).

2 Este dente é muito famoso na literatura daquela época (cf. LUCENA, l. 2, c. 23; COUTO, *Déc.* VII, l. 9, cc. 2 e 17).

3 COUTO: «Affirmavam os homens que sabiam de Pegú..., que daria por ella [a relíquia] trezentos ou quatrocentos mil cruzados» (*Déc.* VII, l. 9, c. 17). Gonçalves segue LUCENA 148.

ao Viso-Rey e os favorecesse diante delle; e chegarão a Goa em Abril do anno de 1561, que foy o derradeiro do governo de Dom Constantino. E foy esta outra occasião que Deos deu a Dom Constantino pera nella se ver que não tinha o animo menos real que o sangue, assy no desprezo da fazenda como no zelo com que por honra e gloria divina perseguio toda a sorte de idolatria.

Porque os fidalgos e gente de capa e espada como ouvirão falar nhuma tão grande soma de dinheiro, de que no Estado avia não pouca falta e muita necessidade, ouverão que os vinha Deos a ver com o alvitre da pretenção d'el-rey de Pegu, dizendo publicamente que já que aquelle barbaro adorava emfim, e avia de adorar a figura do dente do bugio, pouco ou nada hya em lhe mandar pera isso o mesmo dente, indo per outra via muito em lhe sair das mãos hum milhão de ouro, com que se podia acodir a muitas obras do culto e serviço do verdadeiro Deos. Mas o Viso-Rey entendia bem que o que se apressava naquelle osso de hum bruto animal, era somente a falsa e supersticiosa estimação que delle fazião os idolatras, que como da sua parte não devera ser fundamento de compra, assy o não podia ser da nossa de venda justa e honesta; e que não hya pouco em lhes entregar o dente pera que o adorassem, por mais obstinados que estivessem em adorar a figura. Antes quanto era mayor a resolução e obstinação em que elles estavão de idolatrar, tanto ficavão os que lhe dessem ou vendessem o idolo, concorrendo com mor certeza à idolatria, peccado de sua natureza tão abominavel, que por esperança ou pretexto de nenhum bem, se pode nem favorecer nem facilitar e ajudar.

E como quer que o Viso-Rey fosse desta opinião, pedio ao arcebispo Dom Gaspar e aos prelados das religiões, pregassem quam mal sentião nesta materia os que dizião que era licito vender o dente do bugio, pera que vendo os fidalgos quam estranhado isto era dos pregadores, mudassem o parecer, e S. Senhoria tivesse que responder aos que lhe suadião que podia vender a nefanda reliquia. E pera que os fidalgos e cavaleiros, a quem a profissão das armas desobriga em parte dos pontos da theologia, viessem melhor no que ella neste caso ensinava, e ordenando-o

---

30 pagassem *corr. m6 L*

também assy Deos N. Senhor pera que o demonio no dente nefando fosse, não de qualquer maneira, mas per publica sentença condenado e justiçado, sem lhe valer avogar por elle o interesse, que tantas causas vence, o Viso-Rey poz o negocio em conselho geral a que chamou com toda a fidalguia o Arcebispo de Goa, Dom Gaspar, e os prelados e theologos de mais authoridade das religiões [294v] de S. Domingos e São Francisco e de nossa Companhia [1]; onde posto que sairão os votos dos que tudo tinhão por licito à conta de ficar o Estado da India provido do dinheiro, antes não faltou quem já pretendesse ser o que levasse ao rey de Pegu o dente, com licença do Viso-Rey pera o pôr a offerta nas cidades do reino por onde passasse, té chegar à corte, recolhendo o que os gentios offerecessem, donde esperava tirar mais que da fortaleza de Ormuz, nem Sofala e viver rico toda sua vida.

Ouvidos porém os prelados e theologos, não ouve quem mais contradissesse a tenção igualmente religiosa e generosa do Viso-Rey, o qual mandando logo vir à mesma casa do conselho hum almofaris de bronzo da tenda do seu boticairo, que morava defronte, e hum fogareiro de brasas acesas, fez que lhe trouxessem o dente e o mostrou aos presentes, fazendo-o reconhecer de todos os que o tinhão visto por o mesmo que se em Ceilão tomara e o que comprava e pedia o rey de Pegu, pera que não ouvesse entre os que desejavão de o resgatar quem imaginasse ou dissesse alguma hora (visto quão facil hé sospeitarmos o que fizeramos) que o vendera secretamente e queimara outro em seu lugar. Bem reconhecido o torpissimo osso, tirão-lhe primeiramente (como quando se degrada dos ornamentos sagrados quem os não merecia) o ouro e pedras em que estava engastoado, que erão muitos rubins e çafiras, não grandes mas de valor, e ficando despido e nu, como quem era, o Viso-Rey o lançou per sua mão no almofaris [2], donde depois de ser bem moido, botarão os pós à vista de todo o conselho e muita outra gente, e os fizerão em fumo peçonhento, no brazeiro aceso.

---

1 pera *acr.* o *LR* || 25 venderão... queimarão *corr. m6 L*

---

1 Couto dá uma lista com os nomes dos prelados e teólogos (l. c.).

2 LUCENA 150. Segundo Couto, foi o Arcebispo que lançou o dente em um almofariz (l. c.).

Assy vingou Deos, em tempo do viso-rey Dom Constantino, o sangue dos seus martyres do tyrano de Jafanapatão: na fazenda, despojando-o de boa parte de seus thezouros; no estado, desapossando-o da mesma ilha de Manar e sogeitando o reino todo a esta coroa; no cativeiro do principe seu filho; no saco da principal cidade; na queima do abominavel dente, que era pera os gentios, da India e Oriente todo, a principal honra e gloria de Ceilão [1].

Missão que o P.e Dom Gonçalo da Sylveira fez ao reino de Manamotapa.

Cap. 13.

A occasião da missão de Manamotapa, ou Benemotapa, foy desta maneira. Chegando as naos do Reino no anno de 1559 a Moçambique, sendo capitão Sebastião de Sá, estava nesta fortaleza hum sobrinho d'el-rey de Inhambane e Otongue, que jaz pera o cabo de Boa Esperança junto do cabo das Correntes. Este mancebo era christão [295r] e se chamava Sebastião de Sá, tomando o nome do capitão que foy seu padrinho. E o fez tão liberalmente com seu afilhado, que tornando elle pera sua terra, vendo el-rey seu tio as muitas peças que levava e sabendo as grandes honras que do capitão tinha recebido quando se bautizou, declarando juntamente os portugueses ao tio como o santo bautismo abria as portas do ceo, lhe veyo desejo de receber também a ley de Deos. E sabendo que erão necessarios pregadores, tornou a mandar o sobrinho a Moçambique pera que os levasse a seu reino [2].

Vierão aquelle anno de Portugal Dom Jorge de Santa Luzia, primeiro bispo de Malaca, e Dom Jorge Temudo, primeiro bispo de Cochim, e Frey Antonio Pegado, vigairo geral dos religiosos de S. Domingos da India. O capitão da fortaleza e o vigairo da vara pedirão com grande instancia a estes prelados mandassem alguns

---

12 1599 *corr. mó L* || 15 das] dos *LR* || 18 filhado *corr. mó L*

---

1 LUCENA 150.

2 Cf. a carta de Fróis, Goa 14 de Novembro de 1559 (DI IV 352-53) e VALIGNANO, *Hist.* 392.

sacerdotes com Sebastiam de Sá, novamente convertido ao reino de Inhambane pera administrar o santo bautismo a el-rey e a seus vassallos. Folgarão muito de ouvir tão justa petição, offerecendo-se pera serem bons terceiros com o Viso-Rey tanto que com elle se vissem [1].

5 Chegando pois a Goa derão conta deste negocio ao viso-rey Dom Constantino de Bragança e ao Padre Antonio de Quadros, provincial da Companhia de Jesu, o qual vendo o grande serviço que nesta missão se podia fazer a Deos N. Senhor offereceo pera ella os Padres que fossem necessarios. Aceitando o Viso-Rey a 10 palavra, nomeou o P.e Provincial, depois de se encomendar muito a Deos este negocio, ao P.e Dom Gonçalo da Sylveira que pouco avia acabara de ser provincial da India [2]. Deu-lhe por companheiros o P.e André Fernandes, que pera esta missão foy ordenado de missa, e hum Irmão [3]. Embarcarão-se todos três em 15 Dezembro de 1559 pera Chaul e daqui se partirão a cinco de Janeiro de 1560. A viagem que tiverão conta o Padre Dom Gonçalo na que escreveo ao Padre Provincial a doze de Fevereiro depois de chegar a Moçambique [4], cujo treslado hé o seguinte:

«Jesus e a sempre Virgem Maria sigão sempre com seus 20 favores e protecção toda a conversação e a[s] viagens todas de toda a santa familia de V. R. Amen.

Reverendissimo Padre. Por estarmos pera nos embarcar oje, doze de fevereiro, pera Inhambane não sei se poderá o P.e André Fernandes, nem o Irmão André da Costa comprir as cartas de 25 novas, por isso V. R. creo averá por bem que ordene eu a que a V. R. ey-de escrever, de maneira que possa satisfazer a consolação da Communidade e a informação que a V. R. se deve. E lembra-me que escrevy a V. R. de Chaul [5] que nos partiamos hum

---

[1] Mostrou-se muito interessado desta missão o P. Pegado, como refere o P. Silveira numa carta de 25 de Novembro de 1559 (DI IV 436-37).

[2] Foi destinado o P. Silveira para a missão africana entre 18 e 23 de Novembro de 1559 (cf. DI IV 430).

[3] André da Costa, pouco abaixo nomeado.

[4] Existem muitas cópias desta carta, uma das quais foi publicada em DI IV 525-36 e em parte por A. P. DE PAIVA E PONA, *O Padre D. Gonçalo da Silveira, 1560*, pp. 19-22.

[5] Parece conservar-se sòmente uma carta do P. André Fernandes, escrita de Chaul a 2 de Janeiro de 1560, na qual fala doutra carta do P. Silveira (DI IV 493-94). Foram ali hospedados os missionários pelos Padres Dominicanos.

dia depois de Jesu, ou o seguinte, porque o tinhamos que seria, e assy nos embarcamos esse dia pera partir, como dizia, mas depois de estar o capitão e toda casa embarcada na barra, e com tempo proprio e bem rijo, por não poder sair hum navio do capitão pera ir [295v] o mesmo dia, nos detivemos sobre a amarra, e tevemos dous ou três dias de vento tão rijo, que não foy nada o enjoar toda pessoa piadosamente, mas afrontou-nos tanto que forçados deixamos huma amarra e demos à vela vespora dos Reys.

À noite começamos a dizer a ladainha, que segundo todos hyamos não foy pequena solemnidade, e esse outro dia ouve missa e pregação de estaçam. E assy continuamos as ladainhas cada dia e à noite, e a missa os domingos e festas; as pregações, ainda que erão de barca, não nas avia senão em festa grande e não pregamos senão depois dos Reis dia de Sam Sebastião. Aos sabbados tomei eu pera dizer as ladainhas da Madre de Deos que lá diziamos e os noviços, os outros dias dizião as dos Sanctos os sacerdotes que vinhão a revezes, convém a saber, o vigairo de Sofala hum dia, e o capellão do capitão outro, o Padre André Fernandes outro, e assy dizião também as missas os domingos e festas a revezes, que eu a não dizia senão algum dia por devaçam. Às ladainhas da Madre de Deos vierão a gente do navio a tomar muita devação e o piloto e outros as tresladarão, do que eu fico não pouco consolado aver a Madre de Deos por bem de imprimirmos sua devaçam especial até pellas barcas. E pera lhes escrever a devação da Virgem e suas excellencias serem mais familiares, eu pus as ladainhas da Virgem em lingoagem com as orações competentes pera a navegação em latim. Mando-as a V. R. pera as ver, e também porque pedy em casa dos noviços ao Padre Antonio Vaz que mas tirasse, e quando as vy não me fazião tanta devaçam como as de latim, e essas que se tirarão cá pollo mar fazião tanta à gente, que não podia mais, segundo parecia.

Por nos vingarmos dos sanctos repousos que nossos Irmãos logrão no collegio e casa de provação, e cá não alcançavamos, sô color de devaçam polla viagem metemos ao capitão e companhia desde o sabbado, octava dos Reis, treze graos da altura ou alturas dos resplendores da sempre santa e sempre Virgem Madre de Deos Nossa Senhora, tomando cada dia hum grao delles despois de jan-

---

24 mos *sobrep. mó L*

tar; assy como o piloto hya tomando cada dia a altura do sol material, assy hiamos nós tomando o sol virginal. A esta conversação vinha o Senhor Pantalião de Sá [1], e fazia estar toda a companhia capaz, e também chegava a consolação à Senhora
5 Dona Luzia, sua molher, que estava em seu aposento com suas molheres e por estarem perto creo que ouvião, mas nós com os devotos somente tratavamos. Esta conversação durou treze dias segundo o numero das alturas as quaes também ordenamos neste numero a proposito das trez[e] jornadas dos três Reis Magos que
10 poserão do Oriente até o presepe bem-aventurado.

O mesmo dia que começamos estes repousos despois de comer, metemos também sô color de devação polla viagem e por todo seu [296r] bom successo, das fazendas e saude, que à noite tratassemos tãobém juntos como de dia das vidas dos Sanctos
15 daquelle dia, e assy o faziamos encomendando a todos despois da pratica que esse dia seguinte dissessem certos Pater noster e Ave Maria e Credo polla Cafraria, e que nós diriamos mais hum por seus intentos, tomando o santo ou sanctos do dia, cuja vida tratavamos a noite precedente, por intercessores. Estes erão os
20 repousos das ceas e durarão outros treze dias, e assy dhum como doutro se tirava também quando faltasse a devaçam aos assistentes pagarem-se as ociosidades naquellas noites por junto a quem se não podia pollo dia e pollo navio acodir particularmente, mas creo que polla graça de Deos avia gosto e fruito.

25 Des que partimos da barra quasi o espaço destes treze dias trouxemos a pedir de boca o tempo, de modo que em muy breve tempo fomos além da linha bom pedaço, aonde tevemos humas calmarias que muito nos enfadarão, tirando o serem ordenadas por Deos. E ainda nos hião pondo em afronta de falta d'agoa, e
30 isto em paragem junto da linha e que tinha mais necessidade de agoa. Dizia o Senhor Pantalião de Sá que dizião que por sobra de devaçõis duravão as calmarias, e eu rindo como elle falava, respondia que já podia ser, porque às veses via Deos que andaria gente pello mar que nelle tivesse mais conta com elle que na

---

9 tres *LR* [*cf.* DI IV 527] || 24 creo *acr.* o *L* || 31 sombra *corr. mó L*

---

1 O novo capitão de Moçambique.

terra. Nestas calmarias se começarão a cantar as ladainhas que antes se dizião rezadas. O canto formado fazião o vigairo de Sofala e capellão do capitão que as alevantavão, e nós com o capitão e povo respondiamos em canto de lavradores. Eu mesmo alevantei que cantassem as ladainhas, e eu era arcediago pera o que se avia de fazer das devaçõis, mas o canto parece que se acordou pera os louvores da Madre de Deos rezonarem pollos abismos do mar até as alturas do parayso, porque logo se seguio o sabbado à noite cantarem a sua ladainha, como lá mandey. E certo que assy soava nas orelhas e nas almas a allelluya virginal, que se eu fora peixe, ou dos alcatrazes que naquella paragem andavão, eu gritara ao Criador que as calmarias durarão mais do que duravão, e que se tornassem as agoas do mar doces pera nos não queixarmos tanto à Virgem com a mesma ladainha.

Desd' aquelle sabbado até chegarmos a Moçambique pedio o capitão se dissesse a ladainha da Virgem cantada, assy polla calmaria como polla chegada que hyamos já tardando: assy se fez, e a calmaria a ficar e nós a cantar os pregõis virginaes. Aquy repety eu ao capitão que por estas ladainhas diria eu que as calmarias duravão, e elle que podia ser. E eu digo que são todas as cousas da Virgem de tanta melodia, que não no juraria, e por sinal que depois que sahymos das calmarias o dia da Purificação da Virgem vimos terra muy desejada e necessaria pera sabermos como hyamos navegados: porque o piloto hé muy bom official, mas esta hé a primeira viagem que fez destas partes, e digo a V. R. que não sei a quem ponha virmos tam bem navegados, senão à Virgem que louvavamos. E saiba certo que a noite que avia de amanhecer dia da Virgem escapamos dhuma marrada e boa, porque corremos de noite como huma seta e sem lua, senão quando se sentirão [296v] tão perto da terra, e pollo cheiro e fogo a conhecerão: assy se manifestou a Virgem nas calmarias, das quaes se espantavão todos avê-las de tantos dias nesta viagem.

Nestas calmarias, como disse, por se fiarem da viagem ser asodada, e por se verem com muita gente, se começou a temer a sede e curar da regra que dantes não avia. E por a paragem ser muy calorosa, a gente se carregou muito com as calmas e regra, ainda que ella era larga e mais era o temor que a sede presente.

---

5 o *sobrep. m6 L* || 22 das] nas *LR*

E porque comíamos com o Senhor Pantalião de Sá, não nos podia chegar a fome nem a sede, todavia por edificação e rezão de membros a gente sentio em nós que guardavamos bem estreitamente a regra; e o capitão nos convidava ao comer e de dia e de noite a
5 bebermos, antes nos importunava offerecendo sobre que beber, e nós a não ter mão na regra. Creo que se edificarão muito com pouca custa nossa, e assy nisto como noutras particularidades experimentamos que em pequenas cousas se perde ou ganha muita edificação. O que sô correição de V. R. tenho, hé que as
10 pessoas da Companhia que andão por fora e comem com senhores, ou pousão com outros seculares, avião de trazer muito a cargo e de propósito olharem os pontos e regras da cortesia, e comedimento no comer, beber e se deixar servir, porque quanto mais nos elle[s] querem dar destas cousas, por tanto mais sobejos
15 e importunos nos terão os circunstantes se nos despejamos ou descuidamos nos tentos que cumpre ter-se. E estes tentos não sinto eu regra que os ensine a nossos Irmãos, senão hum verdadeiro desejo de edificar em tudo aos seculares e não nos desedificar em nada: e além deste desejo hé necessario vigiar sobre isto
20 quando estamos à mesa com elles, e quando conversamos com elles e nos alojamos em suas casas.

Confesso a V. R. que quiçá, se não fora esta obrigação de não desedificar (do que eu tenho bem pouco cuidado), não pudera acabar comigo toda esta viagem, des que com Pantaleão de Sá me
25 embarquei, se não era a jantar e cear, nunca decer à tolda, nem do chapiteo, onde era nosso gasalhado, pera onde me tornava acabado de jantar e cear. E obriga tanto a consciencia religiosa a esta edificação, que nesses dias de calmaria posso dizer a V. R. que passey boa provação e exercicios, porque nos esquecemos de
30 abrir janellas do camarote: de dia era sol de Guiné no chapiteo; debaixo de toldos recolhia-se muita gente que tinha guarida, onde não me parecia edificação estar lá; com o capitão já o tinha por regra; nem por outras partes abaixo do navio pollas muitas molheres da casa do capitão que vinhão e se podiam topar das que ser-
35 vião, e outras polla necessidade e dos apparelhos do navio se podião ver. Assy que eu me estufava polla menhã toda até o jantar e depois até à noite no camarote com a vontade que Deos

---

10 andavão *corr. L*

sabe, mas não me arrependo. Os companheiros também buscavão sua guarida com muito trabalho e aviso, porque [a] elles não lhe consentia eu terem-me companhia no camarote por não estarmos todos em suadouros, expostos ao e[n]xame das moscas, que erão muitas. Ao dormir à noite estavamos juntos em nossa estancia porque se sofria, e geralmente observavamos o apartar-nos e calar e recolher, senão aos tempos de util communicação, [297r] porque sentimos que se homem quer nas embarcações soster o terreiro fica torrado e estorrado. E não creo que tem mais lugar este refram: «La mucha conversación» et caet.[1] que nas embarcaçõis. Isto creo que folgará V. R. escrevermo-lo pera entre Irmãos, e tambem veyo a proposito das calmarias.

Venho a como a Virgem se mostrou nosso piloto ou patrona sem o nós merecermos. Depois de passadas as calmarias nos posemos em breve no cabo da viagem. E duas sangraduras pouco mais ou menos de Moçambique nos deu vento contrario tão rijo, que creo se começavão a enfadar mais que com as calmarias, por ser junto do porto e pegado com terra, e o vento ser do mar que nos empuxava pera ella, a não querermos tornar pera traz. As correntes porém nos ajudavão porque erão muy rijas pera Moçambique, e tanto que com o vento ser adverso andamos com as correntes huma boa sangradura. E estando outra de Moçambique, nos deu o ponente de rosto tão furioso, que nos enfadou muito e tivemos hum pedaço de dia e huma noyte muy trabalhosos, e eu cuidava que desandassemos hum grande pedaço. Outros dizião que com as correntes aviamos de descorrer Moçambique: senão quando polla menhã, despois de grandes medos, nos achamos juntos com Moçambique mais dereitos e melhor navegados, que se desde que nos deu o temporal trouxeramos a proa nelle com o melhor vento.

E pera se provar que a Virgem governava, huns que sabião da terra subindo às gaveas dizião que vião huma terra além de Moçambique, dizendo que estava mui abaixo do porto, e com isto ficavamos devendo muito despois de Deos a sua Madre. Senão quando o piloto proprio enxerga a Virgem do Baluarte e a nao d'arribada, e então virão que estavamos bem mareados ou encami-

---

[1] «La mucha conversación es causa de menosprecio» (Provérbio familiar; cf. *Diccionario de la lengua castellana,* Real Academia Española).

nhados. E quando o piloto disse que via a Virgem do Baluarte pera eu conhecer que nos governara, acho-me naquelle verso nocturno ou matinas da 2.ª-feira, do psalmo 104: Expandit nubem in protectionem eorum et ignem ut luceret eis per noctem [1]. E posto que rezavamos o P.e André Fernandez e eu (porque os favores da Virgem não são pera trocar), eu creo que era o que estava dizendo aquelle verso quando appareceo a Senhora do Baluarte. Elle confesso que os mereceo melhor, mas eu como quem tinha mais necessidade, os notei logo comparando a vista da casa da Virgem com o verso do psalmo.

Finalmente nos comprio Deos novamente aquella collecta: Deus, qui transtulisti patres nostros per mare rubrum [2], laudem tui nominis decantantes [3]. Assy nós cantando os louvores de Maria, nome especialissimo de Deos, por ser de sua Madre, Esposa e toda sua, acabamos nossa viagem mais saborosamente que se vieramos sempre com bonanças, porque não fora nossa chegada tam perciosa, nem a Deos tão gloriosa. Este tempo que nos deu também a gente o tinha por estranho, como as calmarias, porque, como elles dizem, nós viemos no proprio tempo de monção. Eu creo que sem milagre, porque sohe Deos emlear o ordinario da natureza com soccessos também naturais que não no parecem tanto, pera que aja lugar a providencia e eminencia absoluta sobre suas creaturas, e a especial conta que tem com a creatura racional que ainda nos soccessos naturaes quer [297v] Deos que os refiramos mais a elle (não já por milagres) que à natureza, no que commummente nós outros somos muy desatentados.

Nós nos achamos esta viagem muito bem de virmos livres de propria matolotagem: verdade hé que o Senhor Pantaleão de Sá é tão nobre e nosso que não me espanto. Comiamos e ceamos sempre com elle, e por ser no mar bem pode homem confessar que também almoçavamos com elle, e em tudo nos tratava melhor que a ssi mesmo. E a elle deviamos ficar-nos tanto tempo pera as

10 como *L* || 12 Deus *R*, Deos *L* | rubrum] rugrum *LR* || 17 preciosa *R*

1 Ps. 104, 39, o qual hoje é recitado no primeiro nocturno do sábado.
2 Na liturgia da Semana Santa.
3 Cf. o *Tractus* da profecia quarta do Sábado Santo.

almas, do qual praza a Deos que nos não tome conta mais que aos nossos Irmãos de o não lograremos na terra: porque Deos nos deu experiencia, que sabe Deos melhor no mar que na terra, e se communica tanto e mais suave e liberalmente, assy como as noites e os dias parecem mais graciosos e são mais livres. Todavia, porque V. R. saiba, depois que alevantamos as cabeças encomendamos aos companheiros que polla manhã tivessemos huma hora de oração da vida de Christo e à tarde outra de algum misterio da Virgem. Creo que, segundo o apparelho do mar, nos conservamos com edificação; e não foi pequeno fruito ficarmos com confiança que nas viagens que nos ficavão nos aproveitariamos e podiamos aproveitar deveras. Tinhamos cada dia todos três huma ladainha encomendando no cabo a Igreja, a Companhia, esta Provincia de V. R., o Estado da India, o capitão, nossa empresa, a viagem, as almas do purgatorio, a conversão dos infieis, que Deos nos não deixe tentar nas cousas essenciais da nossa vocação, e os que encomendão a Deos particularmente. Além das ladainhas diziamos todos três por cada huma destas necessidades huma Ave Maria. Cada somana nos confessavamos duas vezes; o Irmão fazia a doutrina cada dia. Assy que chegamos a Moçambique dia da bem-aventurada Sancta Agada [1]. Tomada a licença, me desembarquei pera poder dizer missa em Nossa Senhora do Baluarte: e não quis Deos que a doença nos encertasse, pois hiamos pera tão gloriosos trabalhos.

Estando em Moçambique me occupey em algumas confissões de homens grossos que morrião, delles da arribada, delles de cá. Negoceey por nossa empresa huma procissam com as reliquias das Onze Mil Virgens que aquy dei e humas vesporas cantadas e missa, e tudo na casa de Nossa Senhora do Baluarte. Ouve muita musica de charamellas, frautas, violas d'arco e os cantores que alguma hora honrarão a capella de S. Paulo; também preguei por encher a forma da solemnidade. Acabada a procissão me deixei ficar na ermida da Senhora com o Irmão, indo-se o P.e André Fernandes pera casa do capitão. Meu intento foi pera cuidar na pregação do

2 lograremmos *L*

1 5 de Fevereiro de 1560.

outro dia e não pera dormir ally aquella noite sem companhia. Pera mor segurança esperava eu que me viessem buscar ou fazer companhia, senão quando a dez horas batem à porta, e pedirão huma tocha que se lhe deu polla fresta. Senão quando três insignes
5 musicos começarão de cantar hum soneto, que creo parecera ao muito reverendo Padre Belchior Carneiro além da terceira rima, especialmente se o ouvira tão perto das serras do Preste como nós o ouviamos das de Inhambane. Elles não po-[298]dião ser anjos, pois pedião à porta da Virgem tocha de noite pera cantar, mas
10 digo a V. R. que nos fizerão lembrar dos anjos que de noite e de dia estão cantando à Virgem. E eu estava tão surdo imaginando no temor que tinha na casa da Virgem, que fiquei envergonhado; mas não ponha V. R. culpa a quem se via a tão perto das minas do ouro, marfim e ambre, temer de morrer antes de entrar nellas,
15 e mais sendo o quilate de todos estes averes celestial e divino conforme ao preço daquelle sangue fermosissimo de Deos vivo, qual foi proprio resgate das almas que V. R. nos manda grangear»?

Até aqui o Padre Dom Gonçalo, do qual sabemos que sendo em Moçambique convidado a jantar com o capitão, pedia primeiro
20 esmola pellas portas e punha na mesa os pedaços de pão que lhe davão, imitando a S. Francisco quando era hospede de algum cardeal.

Da jornada que fez o P.e Dom Gonçalo ao reino de Inhambane.

Cap. 14.

25 De duas Ethiopias fazem os autores menção, superior e inferior. Na superior está Sofala na costa do mar chamado Prossodum [1]. Hé toda esta região de Ethiopia tão abundante de minas d'ouro, que fazião antigamente os ethiopes mais cabedal do cobre que delle. Querendo Cambisses rei da Persia fazer guerra

---

8 de *sobrep._m6 L*

---

1 *Prasodes Mare* segundo Ptolomeo.

em hum mesmo aos cartagineses, aos âmonios e aos ethiopes mandou seus embaixadores a estes orientaes pera os someter a seu imperio per amizade. Mandando-lhe algumas joyas d'ouro, de que se o rey rindo, em desprezo do presente mandou os embaixadores ver os carceres, nos quaes as correntes, os grilhões e cadeas com que os malfeitores estavão prezos erão de ouro [1]. Da qual abundancia teverão os gregos occasião pera dizer que a mesa do sol estava em Ethiopia [2], dando com esta fabula a entender que toda esta região era huma pasta d'ouro, sobre o qual o sol tem particular predominação. Os que dantes não estimavão o ouro, o vierão a estimar que virão o grande caso que os mouros e os portugueses delle fazião, que não duvidão por sua causa ir buscar febres douradas e malignas à Cafraria, deixando muitas vezes as vidas e o que per muitos annos acquerirão, e de ordinario as consciencias. Custumavão os cafres antigamente imitar ao rey não somente nos custumes, mas ainda no gesto do corpo, de modo que se era manco, aleijado ou torto, se fazião muito à sua custa semelhantes a elle.

No sertam da terra de Sofala jaz o grande reino de Benemotapa ou Manamotapa. O rey desta provincia era grande senhor, tinha[m] em circuito seus senhorios mais de oitocentas legoas, afora alguns reis e senhores que lhe obedecião e pagavam tributo d'ouro. Porém nestes tempos hé menor seu imperio do que antes era. Está situado nas terras a que chamão Mocaranga [3], que se dividem em quatro reinos: o primeiro seja o que obedece ao Manamopata, o 2.º Quiteve, o 3.º Sedanda, o 4.º Chicanga [4]. De todos [298v] estes reinos era o Manamotapa senhor, mas não os podendo governar por sua muita distancia mandou três filhos por governadores das três partes. Morto o pay alevantarão-se os filhos cada qual com seu reino não querendo obedecer ao irmão que soccedeo no imperio, e poserão seus nomes aos reinos que governavão: Quiteve,

---

21 tinhão *R* || 22 obedecem e pagão *corr. m6 L*

---

1 Cf. *Herodoti Historiarum* lib. III, c. 22.

2 Cf. HIERONYMUS, *Ep.* 53, 1 (MIGNE, PL 22, 541).

3 Sobre o reino de Macaranga veja-se L. KILGER, *Die erste Mission unter den Bantustämmen Ostafrikas* 124-30.

4 Veja-se a carta geográfica em KILGER 201.

Sedanda, Chicanga. De modo que também na Cafraria reina a ambição de mandar e por ella se alevantão os governadores contra seus reis, como antigamente fizerão os capitães de Alexandre Magno depois de sua morte, e os do emperador de Bisnagá nestas
5 partes da India.

Manamotapa quer dizer «filho da terra» [1], de modo que morrendo el-rey dizem com grande espanto: «morreo o filho da terra». Todo este reino hé muito fertil de mantimentos, fruitas e criações. Há nelle tantos alifantes bravos, que se não passa anno em que
10 não matem quatro ou cinco mil, de que vay pera a Índia grande soma de marfim [2]. Os naturaes sam pretos, de cabello frisado. Tem tantas molheres quantas podem sustentar. Não adorão idolos; crem que há hum só Deos criador de todas as cousas, ao qual adorão [3]. Guardão o dia em que seu rey nasceo. São geralmente
15 seus sacerdotes mui dados a feitiçarias, com as quaes emfeitição a miseravel gente: nenhum crime hé mais gravemente punido que a feitiçaria. Serve-se el-rey de joelhos com salva de ouro, o qual se quando bebe, tosse ou espirra, logo se sabe em toda a povoação, porque os presentes lhe dão a prol-faça, ou Deos vos ajude,
20 em voz alta e os de fora ouvindo aos de dentro fazem o mesmo, e os da povoação continuão com a prol-faça. Nenhuma casa tem porta, salvo as casas d'el-rey e dos grandes; todas são de sebe barradas de barro. Traz el-rey huma enxada d'ouro com seu cabo de marfim dependurada na cinta, com a qual significa que seus
25 vassalos sejão amigos do trabalho. Também traz duas azagayas pera significar que está apparelhado a fazer justiça e defender seu povo. Traz em sua corte os filhos dos principes tributarios, pera que se criem com amor e fidelidade a seu rey, e pera que seus pays não rebellem contra elle, e por esta causa traz sempre exer-
30 cito formado ainda em tempo de paz. Todolos annos manda pessoas principaes pollo reino a dar lume novo a seus vassallos. Em chegando hum destes a qualquer lugar, manda logo apagar o lume que nelle há e dá o novo, o qual recebem em sinal de fidelidade e

---

16 punido *depois de corr. L* || 28 fedilidade *corr. L* || 29-30 exercitado *corr. mó L*

---

1 Cf. Barros, *Déc.* I, l. 10, c. 1; e Kilger 130-31.

2 Barros, *Déc.* I, l. 10, c. 1.

3 «Teem um Deus ao qual chamam Umbe» (Silveira, 9 de Agosto de 1506; Paiva e Pona 43; DI IV 591).

vassallagem; se alguma povoação o não quer receber, manda logo el-rey seu capitão geral pera que como desleal a seu rey seja castigada.

Quando el-rey de Manamotapa vay fora leva na mão seu arco e frechas e o mesmo fazem os cafres que o acompanhão, conforme a seu custume e não como gente de guerra. Diante delle vay hum cafre batendo com a mão em huma coixa, pera que se saiba que detrás delle vay o rey. Quando o Manamotapa não leva seu arco, leva-lho outro cafre que tem esse officio, a que chamão masocorira, que hé como moço da camara, e o rey leva na mão huma azagaya de pao preto com a ponta de ouro maciço, ao modo de ferro de lança, ou três pedaços de pao de obra de hum covado lavrados e del-[299r]gados, a que chamão fimbos. E quando falla com algum cafre e o quer matar, deixa cair da mão hum destes três fimbos e os seus algozes, chamados infices, que estão presentes o levão e matão com azagaya, e assy morrem todos os condenados porque nesta terra não há forca.

Quando as invernadas na Cafraria são grandes tresbordão os rios de tal maneira, que alagam as campinas por muitas legoas, no meyo das quaes alevantou a natureza alguns cabeços, a que os portugueses naquella terra chamão formigueiros. Acontece pois que toda a sorte de animaes se acolhem a estes oiteiros no tempo da enchente, que também os visita mas nunca os cobre. Nelles se vee summa concordia entre animaes que nenhuma tem entre sy, porém o natural appetite de conservarem as vidas os faz estar em summa paz e quietação, morando no mesmo lugar o lobo com o cordeiro e o leam com o boy sem arreceo de executarem o natural odio que huns tem contra os outros.

Vindo à jornada que o P.e Dom Gonçalo fez a Inhambane, quando Pantaleam de Sá chegou a Moçambique achou a Francisco Barreto, a quem soccedeo no governo da India o viso-rey Dom Constantino, porque indo elle tanto avante como na terra do Natal se perdeo a nao Graça em que Dom Constantino tinha vindo porém salvou a gente e como a sua nao não podesse com tanta carga lhe foi forçado arribar a Moçambique [1]. Tanto que Fran-

5 o³ *sobrep. mó L* | acompanhão *risca* conforme *L* || 11 maciso *R*, mociço *L* || 14 quer *corr. de* que *L* || 33 Garca *corr. mó L*

1 Cf. COUTO, *Déc.* VII, l. 8, c. 12.

cisco Barreto soube que o Padre Dom Gonçalo era chegado a Moçambique, o foi demandar ao baluarte de Nossa Senhora, offerecendo-lhe com grande liberalidade a mesa e pousada. O Padre lhe deu as devidas graças polla mercê escusando-se com cortesia
5 e humildade por não agravar ao capitam Pantaleão de Sá, de quem na viagem tinha recebido grandes favores. Acertou nesta conjunção de estar no porto hum pangayo de verga d'alto pera Inhambane, no qual per ordem do capitão se embarcou o P.e Dom Gonçalo com seus companheiros oito dias depois de sua chegada, que
10 foi aos doze de Fevereiro de 1560.

Está o reino de Inhambane na Ethiopia oriental distante de Manamotapa, porque fica junto do cabo das Correntes, pera a banda do cabo de Boa Esperança, e do rio Inhambane pera a banda da India vay correndo o reino de Botonga e fenece junto das ribeiras
15 do rio Sabia, de que hé rey o Sedanda cujo reino confina com as terras de Sofala, e aqui começa o reino de Quiteve e fenece no rio Tindanculo [1], e daqui se principia o reino de Manamotapa té o rio Luabo [2]. Donde se colhe manifestamente o erro dos que escreverão estarem juntos os dous reinos de Manamotapa
20 e Inhambane. Forão bem providos à custa d'el-rey, afora os mimos e peças que o governador e capitão lhe derão. Levavão dous portugueses em sua companhia e hum homem da terra bem inteligentes daquella costa. Tratou-se o P.e Dom Gonçalo com tanto rigor e aspereza, que quando chegou a Inhambane hia tam fraco
25 e doente dos olhos, com ser de sua natureza robustissimo, que se deixou ficar no porto e mandou diante o P.e André [299v] Fernandez a Otongue [3], povoaçam principal, onde o rey faz seu assento, distante do mar e metida polla terra dentro vinte legoas. E como quer que o P.e Dom Gonçalo não acabasse de convalecer e os
30 desejos de se ver com el-rey fossem grandes, tirando de sua fraqueza forças, se poz ao caminho, no qual padeceo muito trabalho. E acabou de enfraquecer de tal maneira, que quando chegou à corte cahyo no chão de fraqueza [4], e assy se mandou levar em

---

1 O Tendaculo. Couto chama a este rio Tendeculó (*Déc.* IX, c. 21). Veja-se o mapa em KILGER 201.

2 Cf. KILGER 201 (mapa).

3 Carta do P. A. Fernandes, Tongue 24 de Junho de 1560 (PAIVA E PONA 23; DI IV 562-63).

4 Cf. a carta citada (PAIVA E PONA 23-24; DI IV 563).

braços a casa d'el-rey, que o recebeo com mostras de amor e gazalhado, e ally esteve todo aquelle dia.

Depois de convalecer foi ter com el-rey, ao qual offereceo algumas peças de preço e brincos estimados na Cafraria, e juntamente lhe falou nas cousas tocantes a sua salvação e de seus vassallos. Facilmente veo no que o Padre delle queria, pello que se começou logo de pôr em ordem o catecismo, o qual com grande diligencia lhes foi ensinado e praticado conforme a sua capacidade; e receberão o sancto bautismo obra de quinhentas pessoas. A el-rey chamarão Dom Constantino, à rainha Dona Caterina, a sua irmã Dona Isabel [1]. Alevantarão os Padres huma igreja à honra da Virgem da Assunção [2]. Passados alguns dias se tornou o Padre Dom Gonçalo pera Moçambique [3], deixando naquella nova christandade ao P.e André Fernandes e ao Irmão por seu companheiro pera cultivarem aquellas plantas. Os trabalhos que padecerão e o fim desta missão tão trabalhosa diremos em seu lugar [4].

Embarca-se o Padre Dom Gonçalo pera Manamotapa.

Cap. 15.

Chegando o Padre Dom Gonçalo a Moçambique deu ao capitão as boas novas de sua missão, as quaes elle muito festejou. Daqui se embarcou no mez de Setembro de 1560 em huma fusta acompanhado com seis portugueses [5], sem levar alguém da Companhia consigo. Levava hum moço indio per nome Calixto que o servia. Indo pois navegando ao longo da costa tanto avante como noventa legoas de Moçambique, na foz do rio Mafuta se alevantou tão grande tempestade, que a fusta recolheo per hum dos bordos grande copia de agoa, ficando quasi alagada, de modo que se derão por acabados. Nesta afronta se poz o Padre de joelhos com os olhos e as mãos levantadas ao ceo pedindo com grande humil-

---

1 Cf. as cartas dos PP. Fernandes e Silveira em PAIVA E PONA 41 e 42-43; DI IV 563 590.

2 Carta do P. Silveira (PAIVA E PONA 43; DI IV 594).

3 Partiu pelo dia 17 de Junho de 1560 (KILGER 200).

4 No cap. 18.

5 Cf. a carta de Fróis, Goa 15 de Dezembro de 1561: DI V 336.

dade e lagrimas a Deos Nosso Senhor quizesse aplacar os ventos e as ondas do furioso mar. Cousa maravilhosa! Ouvio Deos a oração de seu servo e os ventos e os mares deposerão suas ameaças [1].

E saltando em terra já livres do [300r] perigo derão muitas graças ao Senhor e no meyo da praya à torreira do sol armarão hum altar portatil e o Padre disse missa com grande devação e gozo espiritual de sua alma, que foi dia do glorioso S. Jeronimo, doutor da Igreja, ao derradeiro de Setembro. A calma era tão grande e a quentura do sol tão extraordinaria, que estando os portugueses calçados escaçamente podião sofrer a quentura das areas. E como quer que o Padre emquanto dizia missa não tivesse tenda ou sombreiro que lhe tomasse o sol, a cabeça arrebentou em bostelas e, avendo remedio pera as curar, foi o Padre tão inimigo de sy mesmo que regeitou a medicina que lhe offereciam, deixando a cura à natureza e ao tempo [2].

Detiverão-se neste lugar três dias, e forão navegando com o mar quieto até o rio de Colimane [3], onde também outra vez forão molestados com vento contrario e se virão em grande risco na entrada. Finalmente chegarão a Migoaxane, rei de Giloa [4], nosso amigo, do qual forão não com menor benevolencia que liberalidade recebidos. E, posto que fosse mouro, deu licença ao Padre pera divulgar em seu reino o santo Evangelho, desejando grandemente que fosse pregado em todo seu reino e que de todo se apagasse a superstiçam da nefaria e falsa seita de Mafamede. Mas não se detiverão os nossos com elle muitos dias, porquanto se desejavão ver cedo na corte d'el-rey de Manamotapa, porque, convertido elle a nossa sancta fee, cousa facil seria converterem-se também os outros reis inferiores na potencia, nas riquezas e nobreza ao de Manamotapa [5].

Deste lugar se fizerão à vela pera o grande rio de Cuama que dista trinta legoas de Sofala, na entrada do qual tiverão huma

---

19 Migoaxant *LR*

---

1 Ib.
2 Ib, 337.
3 Quilimane.
4 Quíloa.
5 Segundo Fróis (PAIVA E PONA 56; DI V 337).

perigosa tempestade, que os fez recolher na enceada de Linde que junto estava, na qual se detiverão treze dias. Hum navio de sua companhia se perdeo ao dia seguinte por se não querer recolher com elles. De Linde chegarão a Cuama e, desembarcando, disse o Padre missa na entrada do rio. E tornando-se a embarcar pedio aos portugueses, seus companheiros, que, pois entravão no reino de Manamotapa, ouvessem por bem de encomendar a Deos sua missão pera que tivesse o fim desejado a mayor gloria do Senhor. Segundariamente que não tomassem a mal recolher-se por alguns dias, retirando-se de sua communicação pera nelles se dar mais livremente a Deos, fazendo-se digno instromento de levar o santissimo nome de Jesus à corte de Benemotapa e nella o dar a conhecer aos que tão pouco conhecimento delle tem, e por elle derramar seu sangue en confirmação da santissima ley que professamos. Mandou no baileo da fusta pôr humas cortinas, onde por alguns dias se deu à contemplação das cousas divinas e lição das vidas dos sanctos. Seu comer era huma vez ao dia hum punhado de grãos torrados e agoa. Durarão estes sanctos exercicios por espa-[300v]ço de oito dias, no fim dos quaes chegarão a Sena, que era o termino da navegação [1].

De Sena mandou o P.e Dom Gonçalo huma embaixada a el-rey de Benemotapa pedindo-lhe licença pera ir a sua corte, fazendo-o juntamente sabedor de como era chegado a seu reino. Emquanto não tornou a reposta, se occupou com os christãos da terra, ensinando-lhe a doutrina, ouvindo suas confissõis, e pondo em bom estado per via do santo matrimonio assi a elles, como a muitos portugueses que vivião escandalosamente: e bautizou obra de quinhentos escravos. Visitou algumas vezes a el-rey de Inhamior, sogeito ao de Benemotapa que morava huma legoa de Sena, o qual de boa vontade se fizera christam com oito filhos que tinha se o Padre o quisera bautizar. Porém elle o consolou dilatando seu bautismo pera outro tempo, dizendo que não queria dar occasião de se queixar el-rey de Manamotapa se primeiro bautizasse a outros principes, e também porque não tinha quem deixasse com elle pera o doutrinar nas cousas de nossa santa fee [2].

Já era passado hum mez depois de sua chegada a Sena, senão

---

1 Ib. (Paiva e Pona 56-58; DI v 338).
2 Ib. (Paiva e Pona 58-59; DI v 339).

quando Antonio Cayado, capitão-mor dos portos, e muito pratico naquelle reino, veo da corte por embaixador ao Padre Dom Gonçalo pera o levar e acompanhar té onde el-rey estava. E fazendo huma trouxa dos ornamentos, a não fiou d'outrem que de sy
5 mesmo, levando-a às costas. Quando avia de passar algum rio, ainda que lhe desse a agoa pollo pescoço, o passava levando os ornamentos na cabeça, os quaes sostentava com as mãos; e quando o rio era tão fundo que se não podia vadear, metia-se nhuma almadia, a qual os caíres nadando levavão à outra banda do rio. Ves-
10 pora do nascimento do Senhor chegarão a huma aldea per nome Quituquim não muito longe da corte. Ao dia seguinte disse as três missas custumadas com grande contentamento dos portugueses, que pode ser forão as primeiras que naquella terra se disserão. E partindo deste lugar, entrarão na real cidade de Manamotapa
15 dia do anno bom, que foi ao primeiro de Janeiro da era de 1561 [1]. Não passou o Padre Dom Gonçalo pellos lugares do reino sem fruito espiritual, porque entrando elle na povoação chamada Mabate, a fez toda christam e lançando-lhe a benção, disse que todos seus descendentes serião christãos; e assi foi até o anno de 1603, no
20 qual se tirou naquellas partes per mandado do illustrissimo senhor Dom Frei Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa, a inquiriçam de seu martyrio [2], porque todas as vezes que por hy passão portugueses lhes offerecem as crianças pera que as bautizem.

Também era publica voz e fama dos portugueses antigos que
25 perecendo alguns caíres à fome, o Padre [301r] lhes dava o que levava pera comer e, sostentando-se com jangomas [3] verdes, dizia que era hum manjar muito suave; e os que nesta jornada hião com elle e podiam alcançar algumas das jangomas de suas mãos

---

4 fiou *corr. mG de* ficou *L*

---

1 Estava em Monomotapa «a primeira oitava do Natal» (26 de Dezembro) (cf. Fróis: DI V 340). O equívoco de Gonçalves e de muitos outros é explicado por KILGER 124[1]; consulte-se também PAIVA E PONA 62.

2 Sobre este processo, feito pelo P. João da Anunciação O. P., veja-se KILGER 24-27 190-91.

3 Philippus a SS. Trinitate O. Carm. descreveu-o no *Itinerarium Orientale:* «Jangoma est fructus sorbo non admodum dissimilis, qui numquam bene maturescit; sed compressione digitorum emollitur, et sic comeditur, nec multum gustui arridet» (citado por KILGER 122[2]). Cf. também DALGADO I 486.

as achavão tam doces e suaves, como se fora manjar vindo do ceo.

Chegando a huma povoação, chamada Bomba [1], pegada com a cidade de Manamotapa, achou um cafre que estava pera morrer e, avendo delle compaixão, o bautizou, pondo-lhe por nome Luis, e rezando sobre elle o sancto Evangelho se alevantou sam e pedio de comer [2].

Disse o Padre antes de sua morte que antes de pouco tempo avia de vir huma perseguição de cavaleiros de Christo que a vingassem, e dahy a dous annos veo huma praga mui grande de gafanhotos que destruirão as arvores e as searas, que destruirão todos os mantimentos, de que sobreveyo tam grande fome, que muitos perecerão por não terem que comer. Também foi Francisco Barreto fazer guerra àquelle reino com que lhe deu grande perda.

Tanto que el-rey soube a vinda do P.e Dom Gonçalo a sua corte o mandou visitar, mandando-lhe hum grande presente de bois, vacas, milho, ouro e gente pera o servir, porque já tinha entendido dos mercadores portugueses que na corte andavão ser varão de grande santidade e nobreza. Mandou-lhe o Padre dar as graças polla mercê e regeitando o ouro, as vacas e criados, lhe mandou dizer que de Antonio Cayado entenderia Sua Alteza quaes fossem as riquezas que a seu reino vinha buscar. Somente tomou hum pouco de milho que não podia escusar pera sua sustentação, do qual também fazia esmola aos pobres. Ficou o barbaro attonito e pasmado de ver a grandeza de animo com que o Padre deu de mão ao ouro tão venerado e acatado da cubiça humana, e por esta causa o recebeo com mayor honra e gazalhado que a nenhum outro por grande que fosse [3]. Tanto hé o resplandor da virtude que ainda abre os olhos do entendimento a gente barbara pera a conhecer.

Mandou entrar ao Padre na mais secreta camara do passo, na qual ninguém entra e, estando sua mãy presente, o mandou assen-

---

13 Também *risca* no anno de 1569 *L* [cf. l. 10, c. 21] || 25 de' *corr. mó de* da *L* || 26 por *risca* que *L*

---

1 Em outros textos *Bamba*.

2 Segundo a dita inquirição (cf. KILGER 133).

3 Cf. Fróis (PAIVA E PONA 60; DI V 340).

tar na mesma alcatifa em que elle estava, ficando Antonio Cayado encostado nos ombraes da porta servindo de lingoa. Perguntou logo el-rey quanto ouro queria, quantas herdades, quantos bois, que são tão estimados na Cafraria como o mesmo ouro. Respon-
5 deo o Padre que nenhuma outra cousa mais desejava que a S. Alteza. Virando-se el-rey pera o interprete, disse com grande espanto [301v] que não podia o Padre deixar de ser mayor que todos, pois se não deixava vencer daquilo que a todos vence. E depois de muitos comprimentos que com elle teve, o despedio
10 com palavras de grande amor e cortezia [1].

Querendo ao dia seguinte o Padre dizer missa, mandou concertar o altar, e nelle poz huma fermosa imagem da Virgem Senhora Nossa que de Goa levara. Estando-a elle pois dizendo, passarão alguns fidalgos e, levados de natural curiosidade, chega-
15 rão à porta da capella e virão a imagem da Senhora no altar, e arrebatados de sua fermosura, forão dizer a el-rey que o Padre tinha consigo huma molher muito fermosa. Elle a mandou logo buscar desejando muito de a ver.

O Padre a levou sem tardança envolta em hum pano de seda,
20 e pera que mais o accendesse no desejo de a ver, primeiro que a descobrisse lhe fez huma pratica, mostrando quão grande fosse aquella Senhora, que era Mãy de Deos humanado, Rei e Monarca do mundo todo, mayor que os emperadores e reis da terra, de quem todos elles dependem. No cabo desta breve pratica tirou
25 o Padre o envoltorio ao retabolo, correo as cortinas, deu mostra da Senhora a el-rey e rainha, sua mãy, que presente estava. Reverenceou el-rey a sagrada imagem e huma e muitas vezes pedio ao Padre que lha desse [2], porque a desejava ter consigo pera que depois de sua morte o enterrassem aos pees da Virgem [3].
30 E depois da morte do Padre dizia que sonhava muitas vezes com ella e que por seu meyo alcançava vitoria de seus imigos, e que o P.e Dom Gonçalo era sancto [4]. Não desejava o Padre outra cousa

---

12 nella *LR* || 15 da[1] *R*, de *L*

---

1 Ib. (DI V 340-41).

2 Ib. (341).

3 Segundo a afirmação de António Vaz no processo canónico do P. Silveira (cf. KILGER 137[2]).

4 Segundo o testemunho de António Vaz (cf. KILGER 169[1]).

mais, e de boa vontade lhe offereceo, e a foi pôr na camara real, onde fez hum oratorio decentemente ornado onde a Senhora estivesse com reverencia [1].

Contavão os portugueses que de lá vierão que a Rainha do ceo appareceo a el-rey por cinco noites continuas com grande magestade e resplandor na mesma forma e figura da Senhora que no oratorio estava, e logo em amanhecendo pasmado daquella novidade contava à rainha sua mãy e aos portugueses a visão que de noite tivera; e os portugueses contavão logo tudo ao Padre Dom Gonçalo, com que elle jubilava de alegria por ver os celestiaes favores que a Virgem fazia a el-rey, a quem elle tanto desejava trazer ao serviço de seu bento Filho e seu [2].

Bautiza-se el-rey de Benemotapa com muitos de sua corte, e manda martirizar ao P.e Dom Gonçalo.

Cap. 16.

[302r] Mandou el-rey chamar o Padre Dom Gonçalo, dizendo-lhe que estava muito triste por não entender a lingoagem em que a Rainha dos Anjos lhe tinha falado por cinco noites. Respondeo-lhe o Padre que ninguém podia entender aquella divina lingoa, senão depois que obedecia às leis do santissimo Filho daquella Senhora, o qual hé Deos e Redemptor do genero humano. Logo el-rey deu mostras de querer ser christão, e dahy a dous dias mandou dizer ao Padre por Antonio Cayado que assy elle como sua mãy querião receber o santo bautismo, que portanto os fosse logo bautizar. Pareceo bem ao Padre dilatar o despacho de sua petição pera que lhe constasse mais claramente de sua constancia e perseverança, e também pera que fossem bastantemente instruidos em nossa sancta ley. E dia da conversão de Sam Paulo [3] bautizou a el-rey com nome de Sebastiam e a rainha sua mãy com nome de Maria [4].

Mandou el-rey de presente aquelle dia ao Padre cem bois,

---

1 Cf. Fróis (Paiva e Pona 61; DI v 341).

2 Cf. Fróis (Paiva e Pona 61-62; DI v 341-42).

3 Parece mais provável o dia 20 de Janeiro, festa de S. Sebastião.

4 Segundo a carta citada de Fróis (Paiva e Pona 62; DI v 342).

os quaes o Padre mandou logo matar, e por Antonio Cayado distribuidos feitos em postas aos pobres, ficando os cafres pasmados de tanta liberalidade nunca vista em sua terra. Tanto que el-rey se bautizou logo com seu exemplo se moverão trezentos fidalgos
5 a ser christãos, os quaes depois de bem catequizados receberão o santo bautismo, e nunca se apartavão do Padre Dom Gonçalo, trazendo-lhe leite, ovos, manteiga, cabritos e outros presentes desta sorte, mas elle não comia carne, contentando-se com milho cozido, ortaliça e fruitas do mato [1].

10 Estava já quasi todo o povo abalado pera se fazerem christãos movidos com o raro exemplo da virtude e santidade do Padre, senão quando quatro mouros poderosos e de muita valia com el-rey armão treiçam ao Padre Dom Gonçalo, tomando o demonio a estes imigos do nome christão por instromentos da morte do
15 servo de Deos e perdiçam dos novamente bautizados. O autor desta conjuração foi Mingamis, natural de Moçambique e cacis dos mouros, os quaes parte per sy, parte per outros fizerão que el-rey entendesse quão grande dor e sentimento elles tinhão de verem a S. A. em tão grande risco de perder a vida, não estando
20 seus vassalos livres do mesmo perigo: porquanto o cacis dos portugueses, a quem com tanta honra recebeo, vindo por ordem do Viso-Rey da India, do capitão e regulos de Sofala espiar seu reino, forças e poder, e juntamente sollicitar os animos do povo pera que rebellassem contra seu natural senhor, e alcançando seu intento,
25 escrever ao capitão e seus confederados que viessem com grande exercito a conquistar o reino. E pera mais depressa azedar o animo d'el-rey, fingirão fabulas monstruosas, dizendo que o Padre era o mor feiticeiro de quantos avia na Cafraria, que trazia [302v] consigo varios feitiços pera emfeitiçar aos moradores daquella
30 cidade e pera matar a el-rey. Que todos aquelles que deixassem lavar as cabeças, pronunciando sobre ellas as palavras dos cangarios [2] (porque assi chamão aos portugueses), na mesma hora, queirão ou não queirão, ficarem sogeitos ao Padre: que o mesmo acontecera já noutra parte. Portanto considerasse bem el-rey o

---

29 feiticeiros *LR*

---

1 Ib. (DI v 342).
2 Fróis escreve *langarios* (DI v 344).

que tinha feito e o que lhe podia vir de se aver entregado a tão grande feiticeiro; que se o deixasse ir sem castigo, que sem duvida os cidadões, perdendo o juizo, se avião de matar huns aos outros sem perdoar a nenhum.

Tanto que o pobre rey (que ainda era mancebo) ouvio estas falsidades, parecendo-lhe que os mouros falavão verdade, propoz logo consigo de mandar tirar a vida ao Padre Dom Gonçalo, primeiro que perdesse a sua e posesse em manifesto risco o reino todo; do mesmo parecer era também a rainha sua mãy [1].

Revelou Deos ao Padre a impia determinação do barbaro e a treiçam que os mouros lhe tinhão armada ainda antes que fosse descuberta, da qual elle logo deu conta a seu amigo Antonio Cayado, dizendo: «Bem sey que el-rey anda traçando minha morte, a qual me não tomará sem apparelho». Teve o Cayado esta nova por tão impossivel, que se começou de rir. Chegando-se pois o sabbado de Suzana, quinze de Março, pedio o Padre Dom Gonçalo ao Cayado que logo fizesse vir a sua casa dous ou três portugueses que na corte andavão: porque os queria confessar e juntamente a elle, e dar o sanctissimo sacramento da Eucharistia, porque depois lho não poderia dar. Sinal evidente que teve revelaçam que no mesmo dia avia de ser morto, e não queria que ficassem os portugueses sem comprir com a obrigação da Quaresma, e também porque arreceava que o furor dos barbaros os abrangesse.

Foi-se detendo com a missa esperando pollos que mandara chamar e, não vindo elles a tempo, continuou com o divino sacrificio consumindo as formulas consagradas; e no mesmo dia bautizou cincoenta pessoas, dando-lhes de vestir e rosairos pera se encomendarem à Virgem. E vindo já sobre a tarde os portugueses, os ouvio de confissão e com grande alegria do rosto e paz de sua alma os animava a sofrer com pasciencia o que Deos delle ordenasse, não lhes declarando porém sua morte nem o dia pera que lha não impedissem. E porque Antonio Cayado não estava presente, lhes entregou os ornamentos pera que os levassem a sua casa. Idos elles, revestio a sobrepeliz e estola, ficando em casa com a imagem do sancto crucifixo posta no altar.

E tornando Antonio Cayado, o tomou brandamente pellos

31 ficando *risca* tornando *L*

1 Cf. Fróis (Paiva e Pona 64-66; DI v 343-45).

peitos, dizendo: «Antonio Cayado, em verdade vos digo que mais apparelhado estou pera receber a morte, do que meus imigos estão pera ma dar. [303r] De boa vontade perdoo a el-rey e a sua mãy, pois que forão enganados dos mouros e por elles induzidos a me darem a desejada morte». Dizendo elle isto com rosto sereno e alegre, se despedio Antonio Cayado, não podendo acabar de crer que tanta maldade ouvesse nos novamente convertidos, que quisessem dar a morte a seu pastor que com tanta caridade os avia metido no caminho da salvação: lhe aconselhou que tomasse o conselho de Christo Nosso Senhor, imitando ao mesmo Verbo encarnado [1] e a S. Paulo [2] fogindo pera conservar a vida tão necessaria [à] conservação da fee dos novamente convertidos. E não aceitando o Padre seu conselho, lhe mandou dous criados pera que o vigiassem aquella noite, porém ordenou a Providencia divina que se achassem presentes estes criados do Cayado pera nos darem relação da morte que os cafres derão ao Padre [3].

Testemunhou Antonio Vaz [4] como testemunha de vista que o Padre ceou às Ave Marias hum pedaço de bolo de milho seco e sobre elle bebeo huma pouca d'agoa, e depois se poz a escrever pera a India e Sofala, e mandou as cartas ao Cayado pollo mesmo Antonio Vaz, mandando-lhe que não tornasse. Estas cartas e ornamentos se perderão nhuma fusta que navegava pera Moçambique, ficando os Padres da India privados assy das reliquias do sancto martyr, como das cartas que escreveo e sagradas vestes com que celebrava o alto misterio da missa [5]. Os cafres espreitarão per vezes o Padre pollas fendas da porta e não entrarão emquanto o virão esperto. Dizião pois os criados de Antonio Cayado que o P.e Dom Gonçalo andou até alta noite passeando junto de sua choupana com os braços em cruz, postos os olhos no ceo donde esperava o socorro e ajuda pera morrer animosamente polla fee e santa ley que tinha pregado. Nenhuma outra cousa mais o aflegia, que ver dilatada a hora da morte, porém os imigos esperavão que o sono cometesse primeiro ao Padre pera que com menos pejo podes-

---

1 Io. 8, 59.

2 Gal. 1, 17.

3 Cf. Fróis (Paiva e Pona 65-67; DI V 345-47).

4 No processo de 1602-03 (cf. Kilger 150[1]); diz-se ter sido um criado do Padre.

5 Cf. Fróis (Paiva e Pona 66; DI V 345); Kilger 150[1].

sem executar sua crueldade. Finalmente, cançado já o Padre de esperar, se lançou sobre huma esteira de canas pera tomar o descanço dos justos.

Neste comenos entrarão logo oito caíres; por capitão da maldade vinha hum negro principal, chamado Mocrumes, que muitas vezes comera com o Padre. Este se poz logo sobre o peito da gloriosa victima e quatro caíres o tomarão pollos pés e braços e o alevantarão no ar. Estando elle nesta postura os outros lhe lançarão huma corda ao pescoço com seu nó corredio, e huns dhuma parte e outros da outra o afogarão, lançando o bem-aventurado martyr grande copia de sangue polla boca e narizes, dando sua bem-aventurada alma ao Senhor que a criou [1].

Aconteceo tudo isto o sabbado de Suzana, de noite, a quinze de Março, como consta da carta que Antonio Cayado escreveo a Gaspar Gonçalvez, seu amigo, escrita no sabbado depois de Lazaro do mesmo ano de 1561 [2], a qual eu vy. Donde consta o engano dos que escrevem que o martyrio do Padre Dom Gonçalo foi dia de Santa Suzana martyr aos onze de Agosto, porém não se enga-[303v]nou o autor da Centuria dos martyres de nossa Companhia, o qual escreve que o bem-aventurado Padre Dom Gonçalo da Sylveira foi martirizado aos quinze de Março [3]. E se prova efficazmente do escrupulo que o Padre teve de ficarem aquelles portugueses que mandou chamar sem comprirem com a obrigaçam que tinhão de se confessar na Quaresma, o qual porventura não tivera se fora no mez de Agosto. Hé cousa digna de notar que morresse o Padre Dom Gonçalo em sabbado consagrado à Virgem Senhora Nossa, da qual era especial devoto, e que juntamente fosse em dia no qual a Igreja lê na missa a historia de Suzana, porque assy como ella falsamente foi acusada dos maos velhos [4], assy o ditoso Padre foi acusado dos falsos e mentirosos velhos mahometanos.

Depois que os crueis algozes executarão a deshumana sentença contra o sacerdote do Altissimo, converterão seu furor e

---

[1] Cf. Fróis (Paiva e Pona 68; DI v 346) e Valignano, *Hist.* 400-01.

[2] Conserva-se uma carta de Caiado «a outro seu amigo», na qual se refere a outra anterior sobre o martírio, escrita à pressa; mas também naquela afirma o mesmo (Paiva e Pona 70; DI v 126).

[3] Assim se lê na margem da *Centurio Martyrum Societatis Iesu* 187. Sobre a data da morte veja-se também Kilger 147[1] e Valignano, *Hist*, 400[26].

[4] Dan. 13, 61.

barbara ousadia contra a sagrada imagem do Salvador do mundo, a qual com suas sacrilegas mãos fizerão em pedaços [1]. Depois disto foram arrastando o corpo do sancto martyr até o rio chamado Matute [2], no qual o lançarão: pera que (como fingirão os
5 mouros) não causasse peste na terra o corpo de tão grande feiticeiro [3]. Este glorioso fim teve o sancto martyr Dom Gonçalo da Sylveira.

E não contente o barbaro rey com sua morte, a mandou também dar a cincoenta christãos que no dia de seu martyrio bauti-
10 zou, tomando-lhes primeiro as contas de rezar e os panos que lhes tinha dado [4]. Quando os trezentos christãos, que depois d'el-rey se bautizar receberão o santo bautismo, souberão a crueldade de que o tiranno usara com os innocentes por se averem feito christãos, forão ter com elle e com grande liberdade de espirito lhe
15 disserão que, se mandara matar aquella gente por se deixar molhar do Padre Dom Gonçalo, que também S. A. e a rainha e todos elles consentirão ser do mesmo Padre molhados, portanto que pois suas altezas e também elles erão christãos que devião passar pello mesmo rigor e severidade do ferro percuciente. Cahyo o barbaro
20 na razão e que conforme a sua iniqua ley também elle merecia a morte, e com esta amoestação se refreou [5].

Dally a dous dias foi ter com elle Antonio Cayado com os outros portugueses e com graves rezões lhe estranharão a deshumanidade que como lobo cruel usara com o manso cordeiro e com
25 os innocentes, que Deos o avia de castigar rigurosamente, e que el-rey de Portugal e o viso-rey da India lhe pedirião conta do grande mal que fizera tirando a vida ao que della era dignissimo. Lançou el-rey a culpa toda aos mouros, dos quaes foi induzido a

---

20 a³ *entrep. L*

---

1 Fróis (Paiva e Pona 68; DI v 347).

2 Caiado e Fróis escrevem que lançaram o corpo do mártir no rio Mosengece [Musengezi] (Paiva e Pona 68 e 73; DI v 346-47), segundo António Vaz no rio Mutete (cf. Kilger 152¹).

3 Caiado na carta ao seu amigo (Paiva e Pona 73; DI v 129).

4 Segundo Fróis (Paiva e Pona 69; DI v 345).

5 DI v 347-48.

cometer tão grande maldade, e os mandou logo matar, e o mesmo fez aos conselheiros e a sua mãy [1].

Tanto que a morte do Padre foi sabida [304r] em Goa, logo o Padre Provincial Antonio de Quadros nomeou os Padres Pero de Toar e Luis de Goes [2] pera continuarem a missão da Cafraria pera onde se embarcarão.

Virtudes do Padre Dom Gonçalo da Sylveira.

Cap. 17.

O Padre Dom Gonçalo da Sylveira era de illustre sangue e filho do Conde de Sortelha, D. Luis da Sylveira, que foy muito privado d'el-rey D. Manoel, porém muito mais do principe D. João, que sendo rey o fez conde. Sua mãy se chamou D. Beatris de Noronha, filha do marichal D. Fernando Coutinho. Naceo o P. D. Gonçalo em Almeyrim no anno de 1526 [3] e faleceo aos 15 de Março de 1561, de modo que não viveo 36 annos perfeitos. Consta que foy de illustre sangue, porém muito mais illustre nas virtudes, blasam da verdadeira nobreza. Era doutor na sancta theologia. Entrou na Companhia no reino de Portugal [4]; fez profissão de quatro votos na era de 1553 [5], e na de 1556 se embarcou pera a India em companhia do Reverendissimo Senhor Dom Joam Nunes Barreto, patriarca de Ethiopia. Deu grandissima edificação e raro exemplo em todo genero de virtudes, principalmente da oração, mortificação e desprezo de sy mesmo e do mundo. Era muy douto

10-16 D. Luis — sangue *margem mó L* || 17 brasam *corr. L*

1 Cf. KILGER 168-69. Muito menos, e com grande reserva, afirma Fróis, dizendo que mataram dois, tendo os outros fugido (PAIVA e PONA 69; DI V 348); da mãe não diz nada.

2 Este Padre foi ordenado sacerdote em 1561 e era confessor em Goa (cf. VALIGNANO, *Hist.* 405[7]).

3 Nasceu, provàvelmente, pelo ano de 1521 (veja-se os argumentos em RODRIGUES, *Hist.* 1/1, 316[1]), segundo Cabral por 1524 (cf. DI IV 456).

4 Em Coimbra a 9 de Junho de 1543.

5 Em Lisboa a 1 de Outubro (MI *Fontes narr.* I 64*).

e bom escriturario, ajudando-se pera o entendimento das sagradas letras da noticia que tinha das principaes lingoas em que ellas andão escritas.

Era muito fervente no pregar, fazendo notavel fruito com suas
5 pregações e confissões que fazia, como elle mesmo escreveo de Braga ao Padre Godinho, dizendo que desejava, com a graça de Jesu Christo, pedir esmola de porta em porta e não comer senão o que lhe dessem por amor de Deos; confessar até que não ficasse penitente por confessar; velar até que não tivesse que
10 fazer; pregar até enrouquecer; mortificar-se até morrer. E ajunta: «porque bem posso eu morrer nesta demanda, mas com a graça do Senhor não afroxarey nem deixarey de buscar o caminho pera ser crucificado com Christo» [1]. Tanto que na pregação entrava em fervor de espirito não dava fee do que passava, porque, pregando
15 huma vez em Lisboa na igreja de S. Roque, encravou a mão nhum prego dando huma palmada no pulpito e, correndo o sangue, não deu fee delle nem dos lenços que de baixo lhe lançavão pera tomar o sangue, nem sentia a dor da ferida, a qual contudo sentio ao decer do pulpito [2]. Estando em missão na cidade do Porto, pre-
20 gava polla menhã na Misericordia e depois da pregação pedia esmola pera jantar, e pera se mais mortificar hia comer ao pelourinho os pedaços de pão que de porta em porta lhe davão, e com este apparelho hia pregar à tarde na Sé [3].

Era muito cruel pera sy, sendo muy brando e facil pera com
25 os outros, o que lhe nascia da virtude da penitencia, andando or-[304v]dinariamente com chagas causadas das disciplinas que tomava. Perguntou-lhe hum Irmão no collegio de Coimbra como venceria a tentação da carne? Mandou-lhe o Padre meter as mãos nas costas, as quaes elle achou abertas com os açoutes que tomava,
30 dando-lhe a entender que semelhantes tentaçõis se vencem com o

---

30 se *F*, sem *L*

---

[1] Escreveu *do Porto* [?] o P. Silveira ao P. Reitor de Coimbra (onde desde 1552 tinha este ofício o P. Godinho). Cf. [N. GODINHO], *Vita Sylveriae* l. 1, c. 9 e RODRIGUES, *Hist.* 1/1, 414.

[2] Cf. *Vita Sylveriae,* l. 3, c. 12.

[3] Cf. também *Vita Sylveriae,* l. 3, cc. 4 e 8.

azorrague na mão [1] à imitação do apostolo S. Paulo [2], o qual desta maneira sogeitava o rebelde corpo ao espirito. Trazia em Portugal hum gibão de ferro em lugar de cilicio e com elle pregava; era muito aspero porque era hum corpo d'armas todo crivado com as pontas metidas pera dentro [3]. Deixou este instromento de sua penitencia a hum seu amigo secular quando se embarcou pera a India. Seus filhos o tinhão como reliquia de grande estima, e os Padres de S. Roque o tem em muito mayor no thezouro das sagradas reliquias. Andava ordinariamente sem camisa e por que cuidassem que a trazia punha hum lenço ao longo do pescoço.

Estando em Portugal desejou grandemente o martyrio e teve revelação que avia de ser martyr, porque acompanhando em Coimbra hum padecente lhe revelou Deos que avia de morrer da maneira que aquelle homem enforcado morria [4]. Isto hé, que assi como o laço lhe tirou a vida, morrendo sem poder respirar, assi elle seria afogado apertando-lhe os algozes a garganta com huma toalha, como aconteceo. E andando elle hum dia na cozinha do collegio de Coimbra subitamente sahio ao patio e com grande alegria disse que junto da fornalha lhe dera N. Senhor a sentir que avia de ser martyr, e que seu corpo se não avia de achar [5]. O mesmo disse também por outra vez ao P.e Dom Leam [6]. Confirmou Deos a profecia do martyrio com hum prodigio, e foy que dizendo elle hum dia missa lhe virão os ouvintes as mãos ensanguoentadas ao alevantar do calix, que foy manifesto pronostico que avia de morrer martir [7]. E quanto a seu corpo se não aver de achar, assy foi, porque lançando os cafres seu corpo no rio do qual el-rey bebia nunca mais appareceo. Aconteceo também que andando no mesmo rio grandes lagartos tão encarniçados em carne humana, que não perdoavão a nenhum que no rio entrasse, dally por diante ficarão tão abstinentes, que nunca mais comerão carne humana, attribuindo os

10 do *corr. mó de* de *L* || 11 e *risca* parece que *L* || 12-17 acompanhando — E *na margem mó L* | 21-25 Confirmou — achar *na margem mó, risca no texto* E *L*

1 *Vita Sylveriae,* l. 3, c. 4.
2 1 Cor. 9, 27.
3 Cf. *Vita Sylveriae,* l. 3, c. 4.
4 Cf. também VALIGNANO, *Hist.* 402; *Vita Sylveriae,* l. 1, c. 10.
5 *Vita Sylveriae,* l. 1, c. 10.
6 Ib. Fala do P. Leão Henriques.
7 Ib.

cafres esta grande maravilha ao santo corpo que com seu tacto santificou as agoas.

Adoeceo na viagem do reino pera a India o companheiro, o P.e Dom Gonçalo lhe deu o camarote e a cama ficando elle dormindo na varanda sobre huma taboa cuberto com seu bernio. O P.e Luis de Mendanha no tempo que em Goa, sendo Irmão, teve cuidado do seu cobiculo achou nhum cartapacio escrito da mão do P.e Dom Gonçalo hum voto que não dormiria senão forçado da natureza. Na India foi o mesmo que em Portugal, dando-se deveras à penitencia. Continuamente trazia o corpo chagado das muitas disciplinas que tomava. Quando se assentava dizia: «Estes leicenços não me deixão assentar». Tinha feito concerto com o Irmão André Fernandez que em todas as occasiões se mortificassem e andavão de aposta a quem mais se avia de mortificar, envidando hum sobre o outro. Dizia o Padre: «Irmão André Fernandes, amanhã hé dia de tal santo, com que o avemos de festejar?» [305r] Respondia o Irmão que jejuassem. Replicava o Padre: «Seja a pão e agoa». «Sou contente», tornava o Irmão. Algumas vezes pello anno se recolhia a Chorão a fazer os Exercicios Espirituaes, guardando grandissima abstinencia. Polla festa de S. Bartolameu fez huma devação por muitas noites na qual imitava ao Sancto Apostolo pondo-se cada noite cem vezes de joelhos.

Quando de Portugal chegou a Moçambique lhe pedirão os moradores quisesse ficar com elles pera os doutrinar. Respondeo que por antão não podia ser, mas que elle tornaria devagar, como depois tornou, no que se prova que teve espirito profetico, como também no caso seguinte. Andava D. Alvaro da Sylveira na India em tempo do viso-rei D. Constantino de Bragança, ao qual nomeou pera capitão-mor dhuma armada contra os turcos e rumes. Teve o Padre revelaçam que avia de perder a jornada e morrer nella com descredito seu, e por esta causa pedio ao Viso-Rey que o não ocupasse naquella empresa, declarando-lhe o que lhe avia de acontecer. O Viso-Rey comtudo mandou a D. Alvaro e, vindo a ter vista dos imigos, os desprezou pedindo elles amizade, e zombou da profecia do Padre. A batalha se deu e o capitão-mor acabou e perdeo a jornada, como Deos tinha revelado ao Padre [1].

26-36 no que — Padre na *margem m6*

---

[1] Cf. *Vita Sylveriae*, l. 3, c. 3 e Couto, *Déc.* vii, l. 7, cc. 8-9.

Quando no collegio de S. Paulo se tratava da missão de Benemotapa, avia diversos pareceres sobre quem avia de cair aquella boa sorte. O Padre Dom Gonçalo se offereceo importunando muito ao Padre Provincial que o mandasse, e sabendo elle que por certos respeitos o não queria mandar, se negoceou com Deos e com a Virgem N. Senhora diante do misterio de sua gloriosa Assunçam, que estava no Noviciado e se conserva na capelinha da Casa da Provação de Goa; de huma parte está Sancto Inacio, bispo e martyr com os leões, e da outra São Boaventura com as insignias de cardeal. Dizia pois o P.e Dom Gonçalo que aquella Senhora que nos Cantares diz de sy mesmo: «Nigra sum» [1], e portanto favorecedora dos cafres, lhe avia de alcançar o despacho de sua petição por mais contrariadades que ouvesse da parte dos homens [2].

Confronta bem com isto o que lhe aconteceo em Coimbra estando os Padres e Irmãos juntos pera tirar os sanctos do mez, com os quaes juntamente tiravão alguma sentença da Sagrada Escriptura ou dos sanctos doutores. Cahyo-lhe aquella sentença do psalmo corenta e seis, na qual o profeta santo trata da Providencia divina pera com as criaturas e corvos pequeninos sem penas, estado em que os pais os desconhecem pollos verem dessemelhantes a sy mesmos e lhes deixão de dar o pasto conveniente: qui dat iumentis escam ipsorum, et pullis corvorum invocantibus escam [3]. Festejou muito o santo Padre quando ouvio que na sua authoridade se fazia menção dos corvos, dizendo que era pronostico de aver de ir pregar aos cafrinhos, cujas cores competem com as dos corvos.

Tão confiado estava no patrocinio da Virgem, cujo especial devoto sempre foi, como se colhe da carta que acima referimos, na qual faz menção como tomava as alturas das excellencias da Senhora no mesmo tempo em que o piloto tomava com seu astrolabio a altura do sol. Em Goa tinha elle feito hum astrolabio dos louvores da Senhora repartidos conforme aos graos e climas do ceo. Fez humas ladainhas da Virgem muito devotas que os Irmãos noviços rezavão e algumas prozas em louvor da mesma Senhora.

---

[1] Cant. I, 4.

[2] Cf. VALIGNANO, *Hist.* 392-93; Gonçalves dá porém mais abundantes pormenores.

[3] Ps. 146, 9.

Finalmente ella lhe alcançou o bom despacho de sua petição. E tendo já distribuidas as muitas reliquias que do Reino trouxe [1], pri-[305v]vando-se também de huma cruz que trazia consigo, a qual deu ao Irmão Francisco Duram, dizia aos Padres e aos Irmãos
5 com grande fervor de espirito que se fossem fazer reliquias por Christo, padecendo por seu amor e polla pregaçam de sua divina ley muitos trabalhos até derramarem seu sangue.

Huma noite o quiserão matar em Chorão por causa da fee, que devia ser quando de Cochim veo no alcance dos christãos-
10 -novos que fez prender [2], porém Nosso Senhor o guardou pera que diante do barbaro rey de Manamotapa glorificasse seu santissimo nome com sua morte. Falava de Deos com todo genero de gente com grande fervor, pello que quando os seculares o demandavão, hião já aparelhados pera de boa vontade o ouvirem, deixando-se
15 de tal maneira entrar da divina palavra, que tornavão pera suas casas edificados e compungidos.

Vindo elle do Reino visitava muitas vezes o capitão [3] que folgava muito de praticar com elle, porém de Moçambique pera a India se embaraçou o capitão de maneira com certa occasião,
20 que o Padre o não quis ver, o que elle muito sentio, e mandou-lhe dizer porque o não visitava como dantes. A reposta foi que lançasse o demonio fora da camara e varanda, e o degradasse pera algum camarote da proa, e que o tornaria a visitar como dantes. Obedeceo o capitão ao Padre spiritual ficando corrido e
25 envergonhado de sua fraqueza ter chegado às orelhas do Padre. O demonio foi lançado fora sem cruz e sem agoa benta, porque não fogia das cousas santas, e deste modo ficou o capitão reconciliado com o Padre, ficando também por seu meyo muyto perto de procurar de todo a reconciliação com Deos, que todos devemos
30 procurar.

---

19 embarçou *corr. m6 L*

---

1 Cf. também DI IV 358 e *Vita Sylveriae,* l. 3, c. 8 (fim).

2 Cf. supra, l. 7, c. 30 (pp. 319-20). Afirma o P. F. Rodrigues, nos fins de 1559, que o P. Silveira com muito temor saía fora de casa e que, sendo ainda Provincial, tinha de mandar recado a um seu parente que lhe mandasse alguns criados para o guardarem quando saía pela cidade (DI IV 377).

3 O capitão-mor da capitânia (a nau Graça), na qual o Padre navegou para a Índia, era D. João de Meneses de Sequeira (COUTO, *Déc.* VII, l. 3, c. 6).

Ninguém se espante de chamar ao Padre, «Dom» Gonçalo, estando oje assi o «dom» como o titulo de «doutor» desterrado da Companhia depois da segunda Congregação Geral [1], pois no tempo em que viveo ainda não avia esta prohibição, pello que não me pareceo privá-lo do titulo que todos lhe davão conforme ao custume que antão avia em toda a Companhia; nem se emsorbecia este santo Padre com o dom, tendo tantos dões do ceo muito mais avantejados que os da terra.

Do que passou o P.e André Fernandez na christandade de Inhambane até se tornar pera a India.

Cap. 18.

Esteve o Padre André Fernandez no Otongue com o rey e christãos que ally se bautizarão dous annos, em que padeceo muitos e grandes trabalhos assy espirituaes como corporaes, porque no espiritual padecia vendo a pouca [306r] christandade que aquella barbara gente tinha, porque com a mesma facilidade deixavão de comprir com as obrigações de christandade com que a receberão, tornando como cães ao vomito [2] abraçando outra vez seus erros, feitiçarias e maos custumes. Fazia o Padre de sua parte o que podia bautizando as crianças, ensinando a doutrina aos meninos, ainda que vinhão a ella difficultosamente. Dizia missa aos grandes, que também acodião de má vontade; aos domingos e sanctos praticava das cousas de nossa sancta fee e bons custumes, de que poucos se aproveitavão, procedendo em tudo como dantes. Tinhão pera si que não avia mais que viver e morrer, e conforme a esta falsa opinião regulavão suas vidas, em tudo semelhantes às dos epicureos: que não avia outro Deos senão o seu Gamba ou rey e que lhes dava chuva pera as sementeiras, e outras ignorancias e barbarias semelhantes a estas. Que todos os males soccedião per

22 também acodião *depois de corr. L*

1 Decreto 85 (cf. *Institutum Societatis Iesu* II 210).
2 Cf. Prov. 26, 11.

feitiços (a que elles são mui dados), e que o Padre era hum dos feiticeiros que avia, por ser já todo branco e ter o cabello corridio e não crespo como elles; finalmente tinhão pera sy conforme a sua falsa doutrina que não avia castigo nem premio na outra vida [1]. Estando pois o Padre no cabo de dous annos fazendo-lhes huma pratica na igreja contra suas ignorancias, se alevantou hum que parecia mais intelligente e lhe disse: «Padre, pera que cansais em nos dizer estas cousas, pois que não há outro Deos mais que o nosso Gamba, nem gloria, nem inferno, nem prémio, nem castigo, nem mais que viver e morrer!» De que o Padre ficou muito desconsolado, mas nem por isso deixava de regar e cultivar aquelles madeiros secos, até que outra cousa lhe fosse mandado [2].

Padeceo também muito no temporal, especialmente na falta da sustentação, porque de Moçambique nenhum provimento lhe mandarão. Pello que veo a tanta fraqueza, sendo de sua natureza robustissimo, que parecia a mesma morte pintada [3]. Tinha huma grande sarralha, de cujas folhas comia, não tocando os olhos e cultivando-a pera que não secasse; mas não bastava este fraco e pouco mantimento pera sustentar a vida, pello que apertado da fome se metia pellos matos pera se fartar das fruitas que nelles se produzião. Nem os cafres lhe podião acodir, porque a terra hé de poucos mantimentos e a gente pouco industriosa pera a cultivar, e não colhem pera mais que dous ou três mezes: em todo mais tempo que do anno resta, comem carne de alifantes bravos, lagartos, ratos, rapozas, gatos montisinhos, e finalmente todo o genero de immundicia. E no meyo de tanta necessidade, na qual todas as cousas são commuas, pedia aos cafres lhe dessem os ovos que achasse porque os não queria escandalizar se os tomasse sem beneplacito e consentimento seu.

E porque arreceava que morrendo ficasse por sepultar, determinava fazer huma cova detraz [306v] de hum caixão sobre que dormia, porque os cafres com desejo de ver o que dentro estava

---

11 mais *corr. mó L* || 27 são *sobrep. mó L* || 28 achassem *corr. mó L*

---

1 Cf. VALIGNANO, *Hist.* 403.
2 Ib. 404.
3 Ib.

lançassem o corpo na sepultura quando alevantassem o tampam [1]. Padeceo o Padre grandissimas fomes. Catorze dias se sustentou das folhas dhuma sarralha que tinha à sua porta. Entrava a galinha dhum cafre a pô-los ovos em sua casa; veo-lhe escrupulo, posto que estava em grande necessidade. Pedio contudo licença ao senhor pera os comer, porém elle os guardava pera quando estivesse doente.

Indo ally ter hum portugues a fazer resgate de marfim o agazalhou com hum bolo de farinha, que tinha pera as hostias, e juntamente lhe deu três ovos, que era o mor banquete que lhe podia fazer, e que elle deixara de comer pera o convidar, mas comprio-se no hospede o que diz o sabio: «Anima saturata calcabit favum» [2], porque o portuguez vinha bem jantado e deu o bolo e os ovos a hum dos seus criados. Tinha o Padre hum pedaço d'ouro, pello qual os cafres lhe não davão cousa pera comer (tão pouco caso fazião aquelles barbaros d'ouro de tantas nações cobiçado). Levou o Padre o chatim a ver a despensa e, abrindo hum caixão que tinha, appareceo vazio. O portuguez o enche de grãos e feijões e outras cousas; o Padre lhe deu o ouro que tinha, ficando provido pera huns dias.

Fez o Padre a casa de quatro agoas, cousa nunca vista dos cafres naquella terra e como tal a vinhão ver de muitas partes. Não tinha portas por não aver carpinteiro que as fizesse, e quando polla menhã hia fora, achava ao redor della as pegadas dos leões e tigres, guardando Deos N. Senhor a seu servo, comprindo-se nelle a promessa feita ao justo: «Super aspidem et basiliscum ambulabis et conculcabis leonem et draconem» [3]. São os cafres mais cobiçosos de ferro que de ouro pera suas azagayas, e por esta causa furtarão o ferro das hostias ao Padre. Indo-se o companheiro [4] pera Goa por doença, ajudava hum cafrinho ao Padre à missa, que elle mesmo tinha ensinado.

Dizião os cafres que o Padre era grande feiticeiro, porque tinha os cabellos brancos por sua velhice e corredios a modo de

29-30 companheiro *R*, campanheiro *L*

1 Cf. DI v 647-48.
2 Prov. 27, 7.
3 Ps. 90, 13.
4 O Irmão André da Costa.

bogio, tendo pera sy que cabello crespo e revolto, qual é o dos cafres, é de mais estima que o nosso. A 2.ª conjectura do Padre ser feiticeiro era, porque lendo as cartas que da India lhe escrivião sabia o que nella passara e em Portugal. A 3.ª conjectura, quando vião o breviario aberto e que o vento virava as folhas dizão, como podia ser! Estas e outras barbarias semelhantes sofria o bom Padre por amor de Deos polla salvação das almas dos cafres.

Os portugueses vendo o muito que o Padre padecia o aconselhavão que se embarcasse pera Moçambique, mas elle o não fez por não ter ordem de seu superior pera deixar aquella christandade que lhe fora encarregada. Mas ouvindo que a Sofala erão chegados os Padres Pedro de Toar e Luis de Goes (como acima disse [1]), se foi confessar com elles por aver dous annos que o não fazia por falta de confessor, e neste mesmo tempo foi da India recado que todos três se embarcassem outra vez pera Goa [2], [307r] visto o pouco fruito e não aver esperança delle com gente barbara e aferrada com suas superstições. Sua tornada pera Goa foi em tempo do Conde do Rodondo no anno de 1562 [3]. Este foi o fim da missão que se fez à Cafraria.

Do que está dito consta como os Padres da Companhia de Jesu forão os primeiros religiosos que em tempo dos portugueses forão à Cafraria [4], porque os religiosos de S. Domingos a primeira

---

1 No fim do cap. 16, pág. 412.

2 A verdadeira razão dá-no-la o P. Quadros numa carta para o P. Geral Laínez, escrita de Cochim a 18 de Janeiro de 1563: «Depois de sua morte [do P. Silveira] cheguou novo Viso-Rei [o Conde do Redondo], o qual, por se dizer que estava o rei de Monomotapa arrependido de aver morto o Padre, determinou estãodo em Goa de mandar laa embaixador e com elle forão dous Padres [Tovar e L. de Góis]. E porque o Viso-Rei nesta embaixada não pretendia tanto ho serviço de Deus como proprio emteresse, o qual prejudicava muito ao interesse do capitão que laa estava, porque com o embaixador mandava muitas fazendas que abatião as do capitão de lá, não quis elle deixar passar o embaixador com as fazendas. E como elle pretendia mais seu proveito que tudo, não quis hir sem ellas, e ainda que os Padres trabalharão de hir sem o embaixador não poderão, e assi se tornarão a Goa» (DI V 738-39).

3 Em Setembro (DI V 578-80).

4 Gonçalves impugna a afirmação do P. João dos Santos, que na *Etiopia Oriental* em 1609 afirmava: «Os moradores destes rios [Cuama] confessaram publicamente, que a christandade destas partes se devia toda ao trabalho e vigilancia dos padres de S. Domingos. Nestas igrejas estive eu tambem um anno» (II, l. 2, c. 8; na edição de 1891 a p. 131). Ainda mais estranho é o juízo deste

vez que fundarão convento em Moçambique e nas mais partes sogeitas a esta fortaleza, forão desasete annos depois que o P.e Dom Gonçalo da Sylveira pregou o santo Evangelho no reino de Inhambane e no de Manamotapa. E para que falemos com fundamento, me pareceo referir neste lugar as palavras do P.e Frey João dos Sanctos, religioso da mesma Ordem dos pregadores, o qual tratando dos primeiros religiosos que passarão da India a cultivar o inculto mato da gentilidade ethiopia diz desta maneira.

«Estes forão os Padres Frey Jeronymo do Couto e Frey Pedro Usus Maris os quaes fundarão logo huma casa na ilha de Moçambique em que morassem ordinariamente seis ou sete religiosos. Isto foi no tempo que veyo ter a esta ilha o Conde d'Atouguia, Dom Luis d'Atayde, quando foi a segunda vez por vice-rey da India, que foi no anno de 1577. Os quaes Padres vierão ally da India dirigidos pera irem à ilha de S. Lourenço, que então se mandava descobrir e conquistar, pera nella pregarem e fundarem casas em que residissem religiosos da mesma Ordem pera o mesmo effeito. O que então se não pode executar por se não fazer esta conquista, nem o Estado da India estar poderoso pera fazer tantas despezas e gastos, como para tal empreza erão necessarios. Pollo que o dito Conde Vice-Rey deixou os Padres em Moçambique, dando-lhe ordem pera que fizessem primeiro assento na dita ilha, escolhendo-lhe elle em pessoa o sitio pera se faser o convento, que os olandeses destruirão (como fica dito) [1], a qual casa seria fundamento e seminario de toda esta christandade, e que dally poderião os Padres ir a todas as partes, assy à ilha de S. Lourenço, quando se conquistasse, como a toda esta costa da terra firme, do cabo Delgado até o cabo das Correntes, a pregar o sancto Evangelho» [2].

Porém antes que passemos avante será bem dar noticia da ereiçam do bispado de toda a India, do arcibispado de Goa e dos mais bispados da India a elle suffraganhos, das religiões, conventos, igrejas paroquiaes e capellas da ilha e cidade de Goa, pois os

---

Autor tendo sido o P. João da Anunciação O. P. quem em 1602 e 1603 fez aí, como representante eclesiástico, a inquirição jurídica sobre o P. Silveira. Cf. também KILGER 57[2].

1 O parêntese é do P. Santos.

2 *Etiopia Oriental* II, l. 2, c. 8 (na edição de 1891 a pp. 128-29).

historiadores seculares se occuparão mais na discripçam e narração dos heroicos feitos que a nação portuguesa fez na conquista da India, que nas outras que pertencem à conquista das almas do ceo.

Ereiçam e fundaçam do bispado de Goa.

Cap. 19.

Tanto que a conquista foi por muitos annos celebrada dos portugueses [307v[foi necessario dar cabeça in spiritualibus à christandade feita nas terras descubertas. Escolherão os reis de Portugal, como mestres da Ordem de Christo, a ilha da Madeira pera igreja episcopal [1]. Sendo pois bispo Dom Diogo Pinheiro da dita ilha e das mais da conquista, deu comissão e poderes aos freires de Tomar da Ordem de Christo, como a seus ajudantes e obrigados, acodir aos christãos derramados polla conquista, sogeita ao grão-mestre, pera que navegassem a todas as partes com amplos poderes pera exercitarem seus ministerios. Hiam antes delles os riligiosos de S. Francisco e São Domingos, que também com elles depois continuavam, e sacerdotes seculares. Crecendo e multiplicando-se a christandade na India, Brasil, Cabo Verde e noutras partes da conquista, impetrou el-rey Dom Joam 3.º que o bispado de Funchal, que estava na Ilha da Madeira, cabeça da Conquista, fosse arcebispado e que Goa fosse bispado, e S. Salvador no Brasil, e Santiago no Cabo Verde, e na Ilha de S. Thomé ouvesse também outro bispado, e todos elles sogeitos e suffraganeos ao arcebispado do Funchal [2], que foi Dom Martinho Portugal [3]; e que os reis de Portugal, como mestres da Ordem de Christo, podessem apresentar os taes prelados, dignidades, vigairos e beneficiados: que os limites do bispado de Goa fossem do Cabo da Boa Esperança até a India e China [4]. Consta tudo do tran-

---

[1] Sobre a matéria deste capítulo pode-se consultar NAZARETH, *Mitras Lusitanas,* e A. JANN, *Die katholischen Missionen in Indien, China und Japan* (Paderborn 1915).

[2] Cf. a cédula consistorial de 31 de Janeiro de 1533 e a confirmação por Paulo III, 8 de Julho de 1539, em *Bullarium Patronatus* I 140 e 170 e segs.

[3] Cf. JANN 80[2].

[4] Cf. a bula *Aequum reputamus,* de 3 de Novembro de 1534.

sumpto do Breve do Papa, que está às fol. 2 do tombo da see de Goa.

Diz el-rey Dom Joam 3.°, no padrão que fez da ereiçam da Sé de Santa Caterina de Goa, passado em Lisboa a 20 de Março do anno de 1538, que supplicou ao papa Clemente 7.° fizesse Goa bispado, o que lhe concedeo e logo El-Rey nomeou e elegeo por bispo de Goa e de toda a India a Dom Francisco de Mello, como diz o papa Paulo 3.° nas letras de Dom João d'Alboquerque, o qual Dom Francisco eleito bispo da India falleceo [1]. Pello que El-Rey apresentou a Dom João d'Alboquerque, frade da Provincia da Piedade, castelhano, ao qual o papa Paulo 3.° confirmou, como consta das letras de sua confirmação e ereição do bispado, passadas em Roma aos onze de Abril de 1537 [2]. O qual veyo à India com o viso-rey Dom Garcia de Noronha no seguinte anno de 1538, em Setembro, e erigio a see de Goa em matris aos 8 de Junho do anno de 1539 [3].

Durou este bispado té o anno de 59, sendo sogeito ao arcebispo do Funchal, e neste anno ficou izento, e o Funchal tornou a ser bispado sogeito ao arcebispo de Lisboa, a quem também ficarão sogeitos os de Angra, Cabo Verde, Sam Tomé, Brasil. E foi feito arcebispado a quatro de Fevereiro de 1557, como se vê nas letras que passou o papa Paulo 4.° no 3.° anno de seu pontificado: onde diz que el-rei Dom Sebastiam fez a petiçam que se fizesse arcebispado [4] [308r]. Mas hé erro do escrivão [5], porque el-rey Dom João 3.°, seu avô, era vivo ao tempo da concessão, poes elle falleceo a onze de Junho do mesmo anno 1557, e ainda Dom Sebastião (que de três annos socedeo no reino) não era rey, nem a rainha governava por elle a quatro de Fevereiro do dito anno, poes el-rey Dom Joam era ainda vivo. Pello que digamos que el-rey Dom João pedio esta mudança do bispado em arcebispado e vivendo elle se expedirão as letras, mas por alguma cousa se não despacharão senão em tempo d'el-rey Dom Sebastião, mudando o que fez a Bulla o nome de João em Sebastião, deixando ficar a data do dia e era.

---

1 Faleceu em Évora a 27 de Abril de 1536 (JANN 84).

2 Cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 196.

3 Segundo Correa fez-se este acto a 25 de Março de 1539 (IV 88-89).

4 Cf. *Bullarium Patronatus* I 196-97.

5 Não é erro do copista, porque o documento pontifício tem a data de *1557* (cf. *Bullarium Patronatus*), mas esta data é do *stilus Annuntiationis,* segundo o qual o ano começa a 25 de Março. Segundo o *stilus Circumcisionis,* aquele dia seria já do ano de *1558*.

E porque não se erige de novo arcebispado sem bispos suffraganeos, deu-lhe por suffraganeos aos bispos de Cochim e Malaca, cometendo a Dom Fernando de Menezes, arcebispo de Lisboa, a divisão dos districtos, a qual elle fez, authoritate apostolica a 27 de Março de 1559, assinando ao arcebispado de Goa de Cananor té Ormuz, Moçambique com Sofala e rios; ao de Cochim até S. Thomé ettc.; ao de Malaca té China e Maluco. E no mesmo anno de 59, aos 10 de Outubro, tomou Dom Jorge de Sancta Luzia, bispo de Malaca, posse do arcebispado em nome do arcebispo que ficava no Reino, o qual veyo no anno de 1560. Governou por elle Dom Jorge até sua vinda e depois foi pera Malaca. Também se ajuntarão ao arcebispo de Goa os bispados da China, Jappam e Serra.

Concedeo el-rey Dom Joam a onze de Março de 38 a Dom João d'Albuquerque somente que podesse eleger e apresentar em nome d'El-Rey todos os vigairos e dignidades e as confirmasse, e também pera fora do seu bispado por comissão que tinha do arcebispo do Funchal. El-rey Dom Sebastião a 12 de Março de 1560 concede a Dom Gaspar, arcebispo goano, que dê a rol os clerigos que forem aptos pera os beneficios ettc. ao Viso-Rey, o qual fará as cartas de apresentação e o arcebispo os confirmará. O mesmo concedeo el-rey Fellippe a Dom Frey Aleyxo com as mesmas limitações a vinte e sete de Março de 1595. Porém, sede vacante, o Viso-Rey apresenta em nome d'El-Rey e o cabido confirma, como se vê por hum requerimento do viso-rey Dom Afonso [1] quando morreo Dom João d'Albuquerque.

Governava-se o estado ecclesiastico da India por administradores sem que té aquelle tempo ouvesse bispo que administrasse os sacramentos da confirmação e da ordem. Considerando o serenissimo rey Dom João a necessidade que avia do bispo suplicou ao papa Clemente 7.º lho concedesse pera a India, apresentando a Dom Francisco de Mello, o qual Sua Santidade confirmou pera o novo [308v] bispado [2]. Estando poes Dom Francisco pera se embarcar passou da presente vida [3].

---

1 de] do *LR*

---

1 D. Afonso de Noronha (1550-54).

2 Cédula consistorial de 31 de Janeiro de 1533 (SCHURHAMMER, *Quellen* n. 146).

3 Cf. a nota 1 da pág. 424.

Mandou antão El-Rey, de consentimento do bispo do Funchal, a Dom Frei Fernando, por alcunha o Vaqueiro, religioso da Provincia da Piedade e bispo aurense, porquanto não avia já tempo pera antes da partida das naos ter recurso a Roma. E vindo no anno de mil e quinhentos e trinta e dous [1] na nao do capitão Vicente Gil, governou o estado ecclesiastico da India té o anno de 1535 em que falleceo. Sua morte foi em Ormuz a 14 de Março [2]. Está sepultado na matris em sepulchro de marmore metido na parede à parte direita da capella-mor. Tem no escudo huma vaca e o cordão de S. Francisco que o cerca, e a mitra em cima. Governou Dom Fernando com tanta prudencia, que se ouve El-Rey por bem servido, e não mandou bispo de propriedade té que passou desta vida.

Chegou a nova de sua morte ao Reino no anno de 1536, e no de trinta e sete seguinte apresentou El-Rey ao papa Paulo terceiro Dom João d'Alboquerque, que foi o primeiro bispo da India, como consta da nova ereiçam e criaçam do bispado de Goa relatada no capitulo passado. E porquanto os nossos historiadores não tiverão esta noticia, escreverão que Frey Fernando foi o primeiro bispo da India e Dom João de Alboquerque o 2.º Era Frey Fernando natural de Evora, varão religioso e de muita virtude. El-Rey lhe passou provisões pera se tornar ao Reino, depois de estar na India três annos [3], e no mesmo anno em que se ouvera de embarcar, fez elle a viagem da presente vida pera a outra a receber o prémio de seus trabalhos.

O primeiro Bispo pois de propriedade que governou a India foi Dom João d'Albuquerque, castelhano e religioso de S. Francisco da Provincia da Piedade. O papa Paulo terceiro o confirmou a onze d'Abril de mil e quinhentos e trinta e sete [4], e no anno seguinte de 1538 chegou à India em companhia do viso-rey

---

[1] Cf. a sua relação a D. João III, Goa 12 de Dezembro de 1532, em SILVA REGO, *Documentação, Índia* II 235-37.

[2] Sobre ele veja-se NAZARETH, *Mitras Lusitanas* 19.

[3] Existe num registo de cartas da Índia do ano de 1533 esta nota: «Item. Huuma carta do Bispo Dom Fernando feita em Cochy a 13 de Novembro 1533. — Pera ver», com a resposta do Rei: «Escusado, que nom há por bem sua vynda e carta ao vigairo sobr'ele. Já [se escreveu]» (Lisboa, *Torre do Tombo, Gavetas 20-1-53*). Pode ser que o Rei, um ano mais tarde lhe tenha permitido a volta a Portugal.

[4] Pela bula *Regimini universalis* (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 196).

Dom Garcia de Noronha. Trouxe dous companheiros, Mestre Diogo de Borba, clerigo de boas letras e pulpito, mui zeloso da christandade, que deu principio ao collegio de Santa Fee; o 2.º era Frey Vicente, frade menor, muito zeloso da conversão, o qual fundou o collegio de Cranganor no anno de 1541 [1] e teve cuidado delle emquanto viveo, e ficou à conta dos religiosos de São Francisco [2]. Ambos estes varões forão de grande virtude e santidade, e ajudarão muito ao bispo Dom João d'Albuquerque, o qual governou catorze annos e cinco mezes e meyo. Falleceo em Goa com grande opinião de santidade ao derradeiro de Fevereiro de 1553. Foi sepultado na capella-mor da Sé. Na campa está este epitafio: «Aqui jaz Dom Joam d'Albuquerque, primeiro bispo [309r] de toda a India, que falleceo o derradeiro de Fevereiro de 1553 annos».

Mandou o Bispo pedir licença a El-Rey pera se embarcar pera o Reino por suas indesposições, da qual elle não quis usar, vindo-lhe no anno de 1547 [3], escolhendo antes acabar como bom pastor entre suas ovelhas em terras estranhas que morrer em Portugal [4]. Esteve a sé vacante cinco annos e seis meses e meyo, no qual tempo governou o bispado da India o doutor Ambrosio Ribeiro, que foi o que tirou a inquirição da vida e morte do B. P. Francisco de Xavier [5].

---

2 Barba *corr. m6 L* || 12 Albuquerque *risca* que *L*

---

1 Cf. J. Wicki, *Der einheimische Klerus in Indien* 39[1]; Silva Rego, *História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia* I 398 511.

2 Sobre este colégio veja-se Wicki, *Der einheimische Klerus in Indien* 39-43.

3 Na instrução de 5 de Março de *1546* para Miguel Vaz (DI I 92). Cf. também DI I 214 (carta de Cosme Anes a D. João III, 30 de Novembro de 1547), Schurhammer, *Quellen* n. 2691 e Silva Rego, *Documentação. Índia* III 565-66 (pede a cidade de Goa, pelos princípios de 1547, que o Rei anule a licença dada ao Bispo de voltar).

4 Pediu-lhe a cidade de Goa que ficasse e assim cedeu a estas petições (cf. Schurhammer, *Quellen* nn. 2500 2597).

5 Nos annos de 1556 e 1557 (cf. MX II 173-218).

Bispos da India.

Cap. 20.

Desmembrou-se o bispado de Cochim do de Goa no anno de 1559 [1]. O primeiro bispo foi Dom Jorge Temudo, frade dominico, que veo do Reino no mesmo anno 59. O segundo, Dom Anrique de Tavora, que veo do Reino no anno de 1576. O terceiro, Dom Matheus [2]; veo do Reino no anno de 1579, que todos morreram arcebispos de Goa. O quarto, Frey André de Sancta Maria, religioso descalço, que ainda vive ao tempo que isto escrevo [3]; sagrado na India no anno de 88 na igreja da ilha de Vaipim pello bispo Dom Frey Mattheus, que teve por assistentes Mar Abraham, arcebispo de Angamale e huma dignidade da Sé de Cochim.

O bispado de Malaca foy desmembrado de Goa no mesmo anno de 1559 [4], posto que o primeiro bispo, Dom Jorge de Sancta Luzia, da Ordem dos pregadores não tomasse per sy este anno posse por ficar governando o arcebispado, donde juntamente governava o novo bispado de Malaca. Foy varão de grande piedade, religião e letras, e com rezão podia competir com os sanctos bispos da primitiva Igreja. Tinhão os meninos da nossa escola de Malaca por custume, em saindo della, ir cantando a sancta doutrina té as casas do senhor Bispo. Elle, tanto que os ouvia, se alevantava por mais occupado que estivesse e os recebia da janella com alegre rosto e, lançando-lhes a benção, os despedia.

Estando elle no tempo da guerra que o Idalcão fez no anno de 1571 em Goa, aconteceo que jantando Dom Jorge com o Viso-Rey [5] no arrayal, em parte onde não podião chegar as bombardas

---

3 o *corr. mó de* este | de Cochim *mó*

---

1 Em 1558.

2 D. Mateus de Medina, falecido a 19 de Julho de 1593 (cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1015).

3 Faleceu a 10 de Novembro de 1618 (ALMEIDA, o. c., III/2, 989).

4 A criação do bispado de Malaca pelo desmembramento do arcebispado de Goa realizou-se a 4 de Fevereiro de 1558 (*Bullarium Patronatus* I 196-98), mas não pôde efectuar-se imediatamente.

5 D. Luís de Ataíde.

do inimigo a fazer seu furioso assalto, lhe disse por duas vezes em pubrico que avia de alcançar huma grande vitoria dahy a quatro dias, como de feito alcançou na ilha de Mercantor, que polla grande matança que nella os portugueses fizerão na gente do Idalcam se
5 chama a Ilha dos Mortos [1]. E já no cerco de Malaca [2] N. Senhor tinha feito grandes mercês àquella cidade por intercessão do santo Bispo.

[309v] Avia em Malaca duas pragas muito grandes e muy prejudiciaes àquelle povo. O rio criava grandes lagartos que
10 comião gente; os matos vezinhos reimões [3], que são mayores e mais crueis que tigres, os quaes entravão pollas casas dos arrabaldes com tanta segurança e ousadia, como se entrarão nos proprios covis, e sempre levavão alguma pessoa, da qual feita em pedaços sustentavão os filhos, ficando elles sempre com a melhor
15 porção. Avendo pois o santo Bispo compaixão da pobre gente, ordenou huma procissão solemne e, revestido em pontifical, se foy a hum lugar alto donde se descobria o rio e apparecião os matos, e com os olhos postos no ceo e no real estandarte da cruz fez os exorcismos que a Santa Madre Igreja em semelhantes casos cus-
20 tuma fazer, amaldiçoando da parte do todo-poderoso Deos aquelles monstros do mar e da terra. E ouve o Senhor por bem de ouvir as oraçõis de seu servo desapparecendo os lagartos no rio e os reimõis nos arrabaldes da cidade.

Huma molher de Malaca pretendendo matar o Santo Bispo,
25 lhe mandou hum doce que na India chamão siricaya [4], que levava o amargoso bocado da morte. Entendeo o Bispo que a peçonha estava de mistura com o leite e açucar e mandou que a siricaya fosse lançada fora. Porém o despenseiro não obedeceo e, comendo, morreo em pena de sua golodice e desobediencia.

30 Chegando o anno de setenta e seis a nao Santa Caterina do Reino a Malaca e não estando pera tornar a fazer viagem pera Portugal, foy mandada a Cochim pera ficar na India. Nella se embarcou por suas indesposições o bispo Dom Jorge que tinha renunciado nas mãos do Papa o bispado, mas hya a nao tam mal

---

1 Cf. Couto, *Déc.* viii, c. 37.

2 Em 1568 (cf. Couto, *Déc.* viii, c. 22).

3 *Reimão:* «Tigre de Malaca; pantera negra» (Dalgado ii 252).

4 *Siricaia:* «Manjar malaio, composto de leite, ovos e açúcar; leite creme» (Dalgado ii 308).

provida de marinheiros, que não avia em toda ella gente bastante pera levar a verga grande acima, porque o capitão-mor do mar de Malaca, que naquelle anno viera do Reino, lhe tomou a gente com capa de ter necessidade della pera o serviço d'El-Rey. Vendo pois os confrades de Nossa Senhora do Rosairo o desemparo da nao e a desconsolação do santo prelado, forão levar a verga acima. E deixando o bispo quem governasse em seu lugar o bispado, soltarão as velas e com prospero vento tomarão em breve a barra de Cochim, sem nunca se ver em aperto de ser necessario amainar a vela grande, porque se o fora não avia gente que, passado o temporal, podesse levar outra vez a verga a seu lugar. Mas N. Senhor acodio com sua custumada misericordia suprindo a falta da marinhagem com o bom tempo que deu à nao per orações do santo Bispo, o qual, correndo de cada vez a idade e a doença, falleceo em Goa com grandes mostras de santidade e foy sepultado no capitolo do convento de S. Domingos. Esteve a Sé de Malaca vacante té Mayo de 1580.

No mesmo anno de 1580 tomou posse daquelle bispado Dom João Ribeiro Gayo, tendo vindo do Reino o anno de 1579. Estando eu já na India veyo a Goa, onde residio por algum tempo e no anno de 1600 se [310r] tornou pera Malaca, onde falleceo em tempo do viso-rey Ayres de Saldanha [1]. Era varão pio e douto, e no Reino tinha servido cargos de honra e confiança [2]. Era pobre em sua pessoa; usou muitos annos do mesmo roupão, de que usava sendo estudante. Foy grande esmoler e defensor dos mesquinhos, resolvendo por esta causa os textos e doutores.

O terceiro Bispo de Malaca foy Dom Frey Christovão de Lisboa, da Ordem do glorioso doutor da Igreja S. Jeronimo. Veo do Reyno no anno de 1605 e no seguinte se embarcou pera Malaca na armada do viso-rey Dom Martim Afonso de Castro. Achou-se no quinto concilio de Goa [3]. Renovou a Sé de Malaca e fez outras obras dignas de bom pastor, pollas quaes a magestade d'el-rey

---

21 pera *risca mó* a *L*

---

1 Em 1601 (cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* II/2, 1030).

2 Exerceu o cargo de desembargador da Casa do cível e em Goa de regedor da justiça (ib.).

3 Em 1606.

Dom Felippe terceiro deste nome o apresentou à santidade do papa Paulo quinto pera arcebispo de Goa, onde esperou as letras e pallio: e todos esperão que faça grandes serviços a Deos N. Senhor na conversão dos infieis a nossa santa fé, e com sua santa vida e
5 doutrina se confirmem os novamente convertidos na santissima ley que receberão, e os antigos se melhorem nos custumes [1].

O 4.º Bispo de Malaca hé ao tempo que isto escrevo Dom Gonçalo da Sylva, inquisidor apostolico que foy da India, o qual foy consagrado na Sé de Goa pello arcebispo Dom Frey Christovão de
10 Lisboa dia de N. Senhora da Assumpção a quinze de Agosto de 1614, e foy o primeiro bispo que na Sé de Goa se consagrou. Estavão na mesma cidade os bispos de Cochim e da China, Dom Frey André de Santa Maria, franciscano, e Dom Frey João da Piedade, dominico, os quaes de jure, por serem sofraganeos do reverendissimo
15 metropolitano, ouverão de assistir à consagração, mas como o Bispo de Cochim por sua muita idade não podia assistir, pareceo ao consecrante usar dum Breve do papa Paulo quinto, pello qual S. Santidade concedia podesse escolher duas dignidades. Escolheo pera este acto o Padre Antonio Simões, dayão, e o Padre Fran-
20 cisco Fernandez, thesoureiro-mor [2].

Quanto à christandade de S. Thomé, o primeiro arcebispo da igreja latina foy o reverendissimo senhor Dom Francisco Ros, da Companhia de Jesus, sendo o derradeiro prelado armenio Mar Abrahão, dos quaes escreveremos mais largamente noutro lugar [3].

25 O primeiro bispo da China foy Dom Belchior Carneiro, da Companhia de Jesus, o qual não podendo passar às partes de Ethiopia, se passou à China per ordem do papa Pio quinto a petição d'el-rey Dom Sebastiam [4].

---

2 esperou *corr. de* está esperando *L* || 13 da *R*, de *L* || 18 Escolhendo *corr. L*

---

1 Faleceu a 31 de Março de 1622 (ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1016).

2 Governou o seu bispado até o ano de 1629, vindo depois para Portugal. Em 1635 foi transferido para Ceuta, onde em 1640, e talvez alguns anos mais tarde estava ainda governando a diocese (cf. ALMEIDA, o. c., III/2, 1030 986).

3 Segundo o plano da obra, na parte segunda, l. 2, cc. 11 13-16 e parte terceira, l. 4, c. 1.

4 Chegou a Macau em 1568.

O segundo bispo foy Dom Leonardo de Sá, da Ordem de Christo. Veo do Reino no anno de 1579, pessoa grave de authoridade, boas letras e pulpito. Achou-se no 3.º concilio de Goa no anno de 1585, e tornando pera seu bispado, foy a nao dar na costa do Achem, onde esteve cativo por algum tempo animando aos companheiros a sofrer com paciencia os trabalhos de seu cativeiro, e conservando os fracos pera que não aposta[ta]ssem de nossa santa [310v] fee. O bispo Dom Pero Martins governou em seu lugar parte do anno de noventa e três e do seguinte, té que Dom Leonardo sahyo do cativeiro. Falleceo em Macao porto da China [1]. Acharão-se a suas exequias os bispos Dom Pero Martins e Dom Luis Cerqueira.

O 3.º bispo da China foy Dom João da Piedade, dominico. Veyo do Reino no anno de 1605. Avia já estado na India, onde pregou e leo com erudiçam muitos annos theologia e foy prior do convento. Achou-se no quinto concilio de Goa. E no anno de 1610 foy a petição dos moradores de Macao por embaixador ao governador de Manila, onde foy bem recebido e celebrou em pontifical pollas almas dos soldados castelhanos que morrerão na batalha naval, que o governador deu aos ollandezes dos quaes alcançou gloriosa vitoria. Alcançou o Senhor Bispo do Governador o desejado despacho de sua embaixada, que era pedir-lhe não deixasse passar às ilhas de Japão embarcação alguma, pera que desta maneira tomassem os portugueses alguma vingança do rey de Japão por mandar queimar a nao Nossa Senhora da Graça em seis de Janeiro de 1610, da qual era capitão André Pessoa, cidadão de Malaca.

O primeiro bispo de Japão foy o mesmo bispo Dom Belchior Carneiro. O 2.º Dom Leonardo de Sá, que ambos erão bispos de Japão e da China e nenhum delles passou a Japão. O 3.º bispo, o reverendissimo senhor Dom Sebastião de Moraes, o qual falleceo antes de chegar ao seu bispado [2]. O 4.º foy Dom Pero Martins. O quinto Dom Luis Cerqueira, ambos doutores na sagrada theologia, e todos três da Companhia de Jesus.

O bispado de Miliapor foy instituido no anno de 1607 pello papa Paulo quinto. O primeiro bispo se chamava Dom Frey

---

1 A 15 de Setembro de 1597 (ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1026).

2 Em 1588 perto de Moçambique (cf. FRANCO, *Synopsis* 146).

Sebastião [1], religioso de Santo Agostinho, o qual estivera na India em tempo dos viso-reis Mathias d'Alboquerque e do conde almirante Dom Francisco da Gama.

No anno 1612 veo do Reino Dom Frey Antonio de Gouvea, 5 religioso de Santo Agostinho com titulo de Bispo de Cyrene pera ajudar os bispos armenios na redução daquella christandade tiranicamente affligida com a resoluta determinação que Abbas [2], rey da Persia, tomou em os passar a seu reino, mandando assolar as cidades, villas e povoações de sua amada patria por causa do pode- 10 roso exercito que o Turco mandava sobre o Persa. Tinha Dom Frey Antonio ido ao Reino em companhia do embaixador de Abbas no anno de 1610, e por ser tão benemerito da missão da Persia e aceito ao proprio rey, por sua religião e letras, era digno desta dignidade [3].

15 Também acho no colloquio cincoenta do Doutor Horta que veo a estas partes da India por terra hum religioso de S. Domingos com titulo de bispo, que fora penitenciario do papa Paulo quarto, e que vinha pera governar os christãos de S. Thomé [4]. Outra enformação muito differente desta [311r] achei nalguns 20 antigos desta cidade de Goa: mas tirou-me desta duvida o reverendo Padre Frey João dos Santos, religioso da Ordem dos pregadores, o qual no 2.º livro de Varia Hystoria, cap. 13, diz desta maneira.

«Governando Francisco Barreto o Estado da India (que foy no anno do Senhor de 1556 [5]), veyo ter a Goa per via d'Ormuz

---

1 Fr. Sebastião de S. Pedro foi confirmado como bispo de Meliapor a 9 de Janeiro de 1606 e transferido para a diocese de Cochim a 16 de Fevereiro de 1614, donde passou à de Goa (JANN 131; ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1036).

2 'Abbâs foi imperador da Pérsia de 1587 a 1629.

3 Gouveia era natural de Beja. Em 1597 partiu de Portugal para Goa donde foi enviado à Pérsia, como embaixador, em 1602. O imperador enviou-o por sua vez à Europa, em companhia de um embaixador para o Papa e para El-Rei. Foi ordenado bispo a 28 de Dezembro de 1612. Passando novamente à Pérsia, como embaixador do Papa, foi mal recebido pelo Xá. Faleceu, depois de muitas adversidades, a 18 de Agosto de 1628 em Mançanares de Mebrilla (Espanha). Cf. BARBOSA MACHADO I 289.

4 Escreve dele: «O bispo Dom Ambrosio, penitenciario que foy do papa Paulo [III], veo a esta terra polla Arabia e Turquia... E conversando eu em S. Domingos [de Goa], porque era religioso da mesma ordem, me dixe...» (II 297, edição de 1895). Chamava-se Buttigeg.

5 Este parêntese está no texto do P. Santos.

hum Bispo religioso da Ordem dos pregadores, natural de Malta, chamado Dom Frey Ambrosio de Melita, o qual foy mandado pello papa Paulo 4.º [1] com poder de legado a latere pera todas as partes dos infieis onde quer que se achasse, assy por elle ser homem muy douto e mestre em santa theologia, como por saber muito bem a lingoa arabica, como sabem ordinariamente os mais dos naturais de Malta. Este foi mandado em companhia de hum Patriarca Basilio [2], que neste tempo veo a Roma dar obediencia ao Papa, ao qual o dito Summo Pontifice fez muitas honras e o tornou a mandar, e com elle este Bispo pera instruir aquella christandade nos custumes e ceremonias da Igreja Romana.

Chegado pois o Patriarca a sua terra foy morto por seus proprios subditos com peçonha, por cuja morte fez o Bispo outra eleiçam de Patriarca [3] com os mesmos naturaes e a mandou confirmar pello Papa por hum seu Irmão que levara consigo, também religioso de S. Domingos, chamado Frey Matheus. E tardando muito a confirmação e não sabendo o Bispo a causa de tanta tardança, nem que seria feito de seu Irmão que fora em busca della, temendo juntamente a gente da terra, de que se não fiava, antes temia que o matassem, como tinhão feito ao seu Patriarca com peçonha, determinou-se tornar pera Europa.

E parecendo-lhe que polla via da India tinha melhor commodo pera isso, veyo ter a Ormuz com outro companheiro, chamado Frey Antonio [4], também da mesma Ordem, que levou consigo de Roma. E de Ormuz se embarcarão pera a India, onde forão recebidos por causa dos Breves autenticos que o Bispo levava do Papa que declaravão quem elle era e a dignidade que tinha. E residirão ambos em a cidade de Goa dous annos no convento de S. Domingos, onde o Bispo se offereceo por sua humildade pera ler theologia, como leo quasi todo o tempo que ally esteve, e juntamente pregava muitas vezes na mesma cidade com muito spirito.

No fim deste tempo pretendeo embarcar-se pera Portugal e pera isso foy ter a Cochim, onde adoeceo de febres e falleceo no

---

[1] Na edição de 1895 lê-se *Paulo III,* mas foi enviado por Júlio III. Wicki, *Zur Orientreise des päpstl. Nuntius A. Buttigeg* 351.

[2] Chamava-se Sulaka. Em 1551 foi eleito *Katholicos* de Mosul; veio no ano seguinte a Roma, onde foi sagrado bispo em 1553 por Júlio III. Voltando à sua pátria, foi mandado matar pelo paxá de Diarbekir em 1555.

[3] Abedjesu.

[4] Antonino Zahara.

convento de S. Domingos e nelle jaz sepultado. E assy acabou os trabalhos de sua perigrinação com muitas esperanças de alcançar o descanço eterno. O P.e Frey Antonio seu companheiro embarcou-se dally pera Portugal, onde chegou a salvamento, e depois se
5 tornou pera Roma a dar conta ao Summo Pontifice de todo o successo de seus caminhos, e o Papa o fez Bispo de Viena [1]».

Falleceo o Bispo a desoito de Janeiro de 1558, como consta de sua sepultura.

[311 v] *Arcebispos de Goa.*

10 Cap. 21.

Em Setembro de 1559 governando a rainha Dona Caterina por el-rey Dom Sebastião seu neto, vierão por seu mandado a estas partes Dom Jorge de Santa Luzia e Dom Jorge Temudo, ambos da Ordem dos pregadores e pessoas de muita authori-
15 dade, virtude e letras. Dom Jorge Temudo foy o primeiro bispo de Cochim, e Dom Jorge de Santa Luzia foy o primeiro bispo de Malaca, porém antes que fosse tomar posse de seu bispado governou o de Goa té a vinda de Dom Gaspar, primeiro arcebispo da India, e o recebeo em pontifical no terceiro anno do viso-rey Dom
20 Constantino, que foy no de 1560.

Governou Dom Gaspar sete annos justos e renunciou. Veyo-lhe aceitação no fim do 3.º anno do viso-rey Dom Antão de Noronha, estando aberto o primeiro concilio de Goa, que foy no anno de 1567, e se recolheo às casas que tinha feitas na igreja da Madre
25 de Deos no passo Daugim, a qual era freiguesia, cujo vigairo em seu tempo foy Frey Antonio Bernardes, dominico que com elle veyo do Reino por seu confessor, e tornando pera Portugal foy Bispo d'anel de Dom João Soares, bispo de Coimbra [2]. Nestas casas pois esteve sem governar todo o tempo do arcebispo Dom
30 Jorge Temudo, que forão três annos e oito mezes, e o tempo da sede vacante, que forão dous annos e cinco mezes, que juntos aos outros fazem seis annos e hum mez.

---

[1] No século XVI, não encontrámos bispo de Vienne ou Viena com o nome de António ou Antonino. Foi de facto bispo de Vico Equense (1564-82).

[2] Foi nomeado coadjutor do bispo de Coimbra em 1576. Vivia ainda em 1581 (cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 674).

Soccedeo ao arcebispo Dom Gaspar no arcebispado Dom Jorge Temudo, segundo arcebispo de Goa e primeiro de Cochim e continuou com a presidencia do concilio. Governou o Arcebispado três annos e oito meses. Falleceo a vinte e nove de Abril de 1571 no collegio de S. Paulo, onde esteve doente por espaço de dous mezes, não consentindo que secular algum o visitasse por não inquietar os Padres; somente era visitado de seu confessor Frey Antonio Pegado, que fora vigairo geral de sua Religião na India. Foy seu corpo levado do collegio com grande acompanhamento à Sé, onde foy sepultado. Esteve per sua morte a sé vacante dous annos e cinco meses.

Tornou Dom Gaspar ao cargo que renunciou no anno de 1574, sendo o terceiro arcebispo de Goa. Governou dous annos e dez meses. Passou desta vida aos quinze de Agosto de 76 no mosteiro da Madre de Deos, onde foy sepultado na capella-mor. A letra da sepultura diz desta maneira: «Aqui jaz Dom Gaspar, o primeiro arcebispo de Goa e o primeiro dos peccadores. Rogai a Deos por elle. Falleceo nesta casa da Madre de Deos aos 15 de Agosto de 1576 annos».

Compoz e ordenou as Constituições do arcebispado, as quaes elle offereceo aos Padres do primeiro [312r] concilio provincial de Goa, celebrado no anno de 1567, como elle affirma no prologo das mesmas Constituições, as quaes o concilio provincial recebeo, ordenando que se guardassem em toda a Provincia [1]. Presidio também no 2.° concilio. Imprimio contra os judeus hum tratado [2], o qual intitulou «Desengano de perdidos» [3], e outra obra que tem por titulo «Compendio spiritual da vida christam» [4]. Era Dom Gaspar doutor na santa theologia; foy conego e dignidade da sé de Evora, muito privado do cardeal Dom Anrique, o qual sabendo como Dom Gaspar tinha renunciado o arcebispado, desejou que fosse pera o Reino pera se recolherem ambos a fazer vida solitaria.

---

1 As *Constituiçones do arcebispado de Goa. Approvadas pello primeiro concilio provincial* foram impressas em Goa no ano de 1568 (cf. ANSELMO n. 537 e a pág. 153 com o frontespício delas).

2 *Tratado que fez mestre Hieronimo, medico do papa Benedicto 13. contra os judeus* (cf. ANSELMO n. 536).

3 É outra obra (cf. ANSELMO n. 539), em 1958 reeditada em Coimbra por E. Asensio.

4 *Compendio espiritual da vida Christãa tirada pelo primeiro Arcebispo de Goa, e por elle pregado no primeiro anno a seus freguezes... Goa 1561.* O mesmo foi impresso também em Coimbra em 1600 (cf. ANSELMO nn. 540 e 109; BARBOSA MACHADO II 328-29).

Dom Anrique de Tavora, dominico, foi por algum tempo governador do arcebispado, e declarado por quarto arcebispo de Goa, tomou posse a vinte e seis de Dezembro de 1578; e falleceo de peçonha a dezasete de Mayo de 1581 no convento de S. Domingos de Chaul, onde está sepultado [1]. Governou dous annos e cinco mezes e meyo. Foy o 2.º bispo de Cochim. Vagou a sé sete mezes. Foy Dom Anrique companheiro do santo varão Dom Frey Bartolameu dos Martyres, arcebispo de Braga, quando foy ao concilio de Trento [2].

A este prelado chama erradamente Frey Luis de Urreta Henrique Bretão, e diz que foy promovido por el-rey Dom Sebastião em arcebispo de Goa no anno de 1570, e que Dom Jorge Temudo foy promovido em arcebispo da mesma cidade no anno de 1560, e que lhe socedeo Dom Anrique. O que tudo consta ser falso, porque Dom Jorge Temudo foi feito arcebispo de Goa no anno de 1568, a quem soccedeo o arcebispo Dom Gaspar, que tinha renunciado, e por sua morte soccedeo Dom Anrique de Tavora. Do que dissemos acima consta também ser falso o que diz o mesmo Frey Luis de Urreta na pagina 596, isto hé, que el-rey de Portugal fizera bispo com titulo das Indias no anno de 1510 a Frey Duarte Nunes, que com outros religiosos de S. Domingos forão pregar o santo Evangelho à India. Ajunta mais na pagina seguinte 597 que Frey Jorge de Santa Luzia, bispo de Malaca, falleceo no anno de 1550, vindo elle à India no anno de 1559, e sendo ainda vivo no anno de 1577, como consta das letras que o papa Gregorio XIII passou aceitando a renunciação que fez, e confirmando a eleiçam que se tinha feito de Dom João Ribeiro que lhe socedeo. E quem tão claramente erra em contar as cousas de sua Religião, que credito merece na causa dos abexins contra os historiadores portugueses?

Por fallecimento de Dom Anrique governou o arcebispado Dom Matheus [3], 3.º bispo de Cochim té Setembro de 1583, e tornou pera seu bispado.

---

27 quem *corr. mó de* que

---

1 Cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1013-14.

2 Em 1561 (cf. ALMEIDA, o. c., III/2, 606²).

3 D. Fr. Mateus de Medina.

O 5.º arcebispo de Goa foi Dom Frey Vicente da Fonseca, da Ordem dos [312v] pregadores. Veyo do Reino em Setembro de 1583. Foy devotissimo do Santissimo Sacramento. A elle se devem as festas que neste arcebispado se fazem nas terceiras domingas de cada mez, as quaes elle com grande devação ajudava a solemnizar levando humas vezes o Santissimo Sacramento e outras o hya com grande authoridade e piedade incensando. Celebrou o 3.º concilio de Goa [1], ao qual presidio. Era muito zeloso do bem de sua igreja, riguroso com os maos e benigno com os bons.

Avia na cidade de Goa certa molher que por suas partes era pedra de escandalo aos fracos. Elle a mandou chamar. Obedeceo a ovelha contagiosa a seu pastor, e pera emcobrir a fealdade interior appareceo diante delle com bom acompanhamento, tão ornada que parecia huma das estatuas que os antigos idolatras em tempo d'el-rey David adoravão em seus nefandos templos [2]. Porém não lhe valeo a belleza natural, ajudada do artificio feminil, pera escapar dhuma grave reprehenção que o Arcebispo lhe deu, dando-lhe juntamente não sey quantas pancadas com o bordão, de que ella ficou bem corrida e afrontada, melhorada contudo na vida e metida no caminho da salvação [3].

Foy cativo na jornada de Africa [4], na qual foi por pregador d'el-rey Dom Sebastião, como também o P.e Pero Martins da Companhia de Jesus, e depois se acharão em Goa e forão ambos bem ouvidos por serem de boas letras e raros talentos de pulpito. Foy-se o Arcebispo pera o Reino com os negocios de sua igreja no anno de 1587, e falleceo no mar a cinco de Agosto, dia celebre a sua Religião, no qual celebra o glorioso transito do seu santissimo patriarca S. Domingos, e o breviario romano a festa de N. Senhora das Neves, da qual o arcebispo Dom Frey Vicente era muito devoto, imitando a Virgem na pureza, significada na candura da neve e no habito que os religiosos desta sagrada Religião trazem. Deixou o Arcebispo por governador do arcebispado

---

1 Em 1585.

2 Foi isto, porém, em tempos posteriores (cf. 3 Reg. 14, 23; 4 Reg. 17, 10 etc.).

3 Segundo SANTOS, *Ethiopia Oriental* II, l. 2, c. 13 (na edição de 1895 pp. 154-55).

4 Em 1578 (cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 1014).

o Licenciado André Fernandez, chantre da Sé. Governou hum anno e dez meses. Ficou a sé vacante quatro meses.

O sexto arcebispo de Goa foy Dom Frey Matheus, religioso da Ordem de Christo, terceiro Bispo de Cochim. Tomou posse a
5 seis de Janeiro de 1589. Celebrou o quarto concilio goano. Falleceu na cidade metropolitana a vinte e oito de Julho de 1593. Foy sepultado na Sé, a qual vagou cinco meses, por cuja morte governou Dom Frey André de Santa Maria, da Provincia da Piedade e quarto bispo de Cochim. Durou no governo hum anno e
10 nove meses e tornou pera seu bispado.

O septimo arcebispo de Goa foy Dom Frey Aleixo de Meneses, religioso da sagrada Ordem de Santo Agostinho, o qual tomou posse do arcebispado ao primeiro de Outubro de 1595, em que veo do Reino. Celebrou o quinto concilio de Goa [1]. Consagrou a nova
15 igreja da Companhia de Jesus, e depois della a conventual dos Padres de S. Francisco.

Até o anno de 1607 não tiverão os arcebispos de Goa bispo d'anel, posto que El-Rey concedeo [313r] quinhentos cruzados cada anno pera hum que alcançou o arcebispo Dom Frey Aleixo de
20 Menezes, como consta de huma carta de S. Magestade escrita em vinte e seis de Janeiro de 1600 [2]. E nestes sete annos morrerão dous bispos d'anel do Reino pera a India, hum delles se chamava Dom Frey Diogo [3], o outro Dom Frey Hieronimo Carreiro [4], ambos elles da sagrada Religião de S. Agostinho. Vendo pois o Arcebispo
25 quam mal soccedia este negocio, nomeou ao reverendo Padre Frey

---

[1] Em 1606.

[2] Diz este alvará real: «Eu hey por bem e me praz que Dom Frey Jeronimo Carreiro... aja cada anno para sua sustentação duzentos mil reis pagos nas rendas de Bardez, que he outro tanto como ouvera d'aver o Bispo Dom Frey Diogo seu antecessor; os quaes duzentos mil reis lhe ficarão de dote a este titulo em quanto parecer que convem terem-no os Arcebispos para se ajudar delle» (*Archivo Portuguez Oriental,* fasc. V/3, n. 1078, pp. 1537-38). Cunha Rivara data este documento de *25* de Janeiro de 1600.

[3] Dr. Fr. Diogo de Araújo recebeu o título de bispo de Salé em 13 de Novembro de 1595; pouco depois, indo em viagem para a Índia, faleceu no mar (ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 674).

[4] Nomeado por Acta Consistorial de 11 de Março de 1598, com o título de bispo de Calama (África). Faleceu, segundo NAZARETH, em 1599, na viagem para a Índia (*Mitras Lusitanas* 88). Almeida chama Correia a este bispo e dá-o como falecido no ano de 1605, afirmações insustentáveis (cf. *História da Igreja em Portugal* III/2, 675).

Domingos Torrado [1], visitador que foy das igrejas do Norte e vigairo provincial dos religiosos de Santo Agostinho nas partes da India; e o sagrou dia da Pascoella, treze de Abril do anno 1608, na igreja de sua Ordem, assistindo ao consecrante duas dignidades da Sé. E logo a quinta-feira seguinte, dezasete do mesmo, em que solemnemente na India celebrão a festa do Corpo de Deos, foy assy o Senhor Bispo de Salé, como o Senhor Arcebispo, governador do Estado, em pontifical na procissão.

As principaes cousas que o arcebispo Dom Aleixo fez em quanto governou o arcebispado forão estas. Primeiramente foy muito exemplar em sua pessoa, grande esmoler e por fazer bem aos necessitados se endividou gravemente [2]. Pedio S. S. Illustrissima hum Padre da Companhia de Jesus que por alguns anos correo com as pessoas de mayor pobreza, quaes erão muitas viuvas e donzellas, cuja honestidade corria perigo por falta da sustentação. Também socorria aos enfermos que por vergonha e authoridade do mundo se não podião curar no Hospital d'El-Rey. Todos os dias mandava pôr huma mesa defronte da sua, na qual comião doze pobres: os demais concorrião ao patio de suas casas todos os dias, aos quaes depois de dizerem a sancta doutrina em voz alta se dava esmola. Fundou na cidade de Goa três casas, como noutro lugar diremos [3], como também da jornada que fez à christandade de S. Thomé [4].

Finalmente o arcebispo Dom Aleixo se embarcou pera o Reino ao derradeiro de Dezembro de 1610 na barra de Goa, deixando grandes saudades a todos assy religiosos como seculares. E primeiro se despedio dia dos Sanctos Innocentes de suas ovelhas na Sé, onde pregou com grande espirito e devação. Também se foy despedir das religiões. Dividio os destrictos per authoridade apostolica entre os reverendissimos Arcebispo de Cranganor, olim de

---

14 e *sobrcp. m6 L*

---

1 A Acta Consistorial data de 7 de Fevereiro de 1605 (cf. NAZARETH, *Mitras Lusitanas* 88).

2 O mesmo espírito de caridade e as mesmas dificuldades teve mais tarde, sendo arcebispo de Braga (cf. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 749).

3 L. 8, c. 23.

4 Em 1599 (cf. o Índice Geral, parte III, l. 2, cc. 9-12).

Angamale, e o Bispo de Cochim, Dom Frey André de Santa Maria [1]. Também se despedio dos pobres, mandando dar a cada hum dos ordinarios mea tanga e a cada hum dos outros duas.

Deixou por governador do arcebispado ao Reverendissimo Bispo de Salé, Dom Frey Domingos Torrado, para que governasse em seu nome emquanto não viessem as letras e pallio ao Reverendissimo Senhor Dom Frey Christovão de Lisboa, bispo de Malaca. Estando S. Senhoria esperando pollas letras, falleceo aos 30 de Dezembro de 1612 o Bispo Governador com grande sentimento [313v] de todos. O nosso pregador da Casa de Jesus, sabendo de sua morte, no fim da pregação pedio aos ouvintes rezassem três vezes as orações do Padre nosso e Ave Maria por sua alma, e os Padres que estavão por dizer missa a disserão por elle, e ao dia seguinte forão muitos a Santo Agostinho, lugar de sua sepultura, a dizer missa por S. Senhoria, que governou dous annos. E abrindo-se as vias, sahyo na primeira por governador do arcebispado de Goa o Licenciado Antonio Symões, dayão da Sé.

O arcebispo Dom Frey Aleixo de Meneses se embarcou pera o Reino per virtude de huma carta que S. Magestade lhe escreveo pera ser arcebispo de Braga.

O oitavo arcebispo hé Dom Frey Christovão de Lisboa, bispo que era de Malaca, donde partio por virtude dhuma carta d'El-Rey no anno de 1611, e chegou a Goa, depois de invernar em Nagapatão, dia do apostolo S. André, onde esperou as letras e pallio. Tomou posse como arcebispo eleito aos 20 de Janeiro de 1614, e aos 18 de Mayo do mesmo anno recebeo o pallio da mão do Bispo de China, Dom Frey João Pinto [2], dia em que cahyo a festa do Spirito Santo.

E assy como em Malaca renovou a igreja cathedral, assy em Goa continuou com as obras da Sé Nova, que por muitos annos avião cessado [3]. Acommodou juntamente a Sé Velha conforme ao novo ritual do papa Clemente 8, collocando o altar debaixo do arco da

---

[1] Por sentença dada a 22 de Dezembro de 1610, confirmada mais tarde por Paulo V (cf. NAZARETH, *Mitras Lusitanas* 100; JANN 172-73).

[2] Sobre este bispo veja-se ALMEIDA, *História da Igreja em Portuga* III/2, 1027.

[3] Foi também ele o primeiro que nela celebrou de pontifical em 25 de Novembro de 1619 (NAZARETH, *Mitras Lusitanas* 117).

capella-mor, pera onde mudou o coro. Estendeo-se sua beneficencia e arquitectura às casas pontificaes, traçando-as e melhorando-as em tudo. E pera que os senhores arcebispos tivessem lugar, em que commodamente se podessem agasalhar no campo, quando forem tomar alivio das muitas occupações que o cargo trás consigo, edificou humas fermosas casas em Panelim [1] à vista do rio.

Privilegios concedidos pollos summos pontifices aos arcebispos e bispos da India.

Cap. 22.

Tempo hé já de tratar dos privilegios que a Sé Apostolica concedeo aos arcebispos de Goa a instancia dos serenissimos reys de Portugal.

Concedeo o papa Paulo terceiro, a dezasete de Junho de 1537, que podesse o Bispo da India, com parecer da clerezia e do povo, mudar a festa do Corpo de Deos pera outro tempo por razão do inverno [2], a qual se mudou pera a primeira quinta-feira depois da Pascoella, o qual dia hé de guarda, e não se guarda o dia commum da Igreja, porque se transferio com a festa; a qual se costuma celebrar da fortaleza de Dio té o Cabo de Comorim [3], porém em todas as outras partes sogeitas ao Estado se faz a festa no proprio dia em que a Igreja Romana a manda fazer. Ganhão os que se achão na dita procissão as indulgencias que no proprio dia se custumão ganhar.

E porquanto o Papa não [314r] fazia menção da reza [4], nem do oitavario, derão-se os ecclesiasticos por obrigados a celebrar no

16 pera *sobrep. mó L*

1 Entre Goa e Pangim.

2 O rescrito da Penitenciaria, que dava esta faculdade, data de 18 de Maio de 1537 (veja-se o texto em *Bullarium Patronatus* I 285-86).

3 Cf. o primeiro concílio de Goa, acção terceira ,decr. 2 (*Archivo Portuguez Oriental* IV pág. 33; SILVA REGO, *Doc.* X 367-68).

4 Cf. porém o decreto 2 da Acção terceira do primeiro concílio de Goa (*Archivo Portuguez Oriental* IV 34).

mesmo tempo o oitavario, de modo que nenhuma menção fazião da festa no tempo em que toda a Igreja a celebra, polla qual rezão avia embaraço na reza. Pedio depois o veneravel cabido de Goa ao papa Clemente oitavo lhe tirasse este escrupulo, o qual declarou que em toda a India se rezasse da festa do Corpo de Deos e suas oitavas no tempo em que toda a Igreja reza, e que na quinta-feira depois da Pascoella celebrassem a festa com sua missa e officio, sem que fossem obrigados a celebrar no mesmo tempo as octavas. Assi consta do Breve passado aos oito de Outubro de 1596, o qual alcançou o Padre Manoel da Veiga, da Companhia de Jesu, indo a Roma com os negocios da Provincia da India.

Concedeo o papa Paulo terceiro aos dezanove de Novembro de 1538 que não fosse o Bispo de Goa (que antão o era também de toda a India) obrigado a ir a Roma, nem menos seus successores, cada dous annos conforme ao juramento que fazem na sagração, nem ainda per seus procuradores [1].

Concedeo mais o mesmo Papa que podessem usar dos oleos que na India se sagrassem por três annos, e de cinco dos que viessem de Portugal, e isto nas partes remotas [2].

Também concedeo authoridade aos vigairos pera benzerem cruzes, imagens, vestimentas e reconciliar as igrejas e adros bentos [3]. Opinião hé nestes tempos recebida que a igreja benta, se for violada, se pode reconciliar pellos sacerdotes benzendo elles mesmos a agoa, como ensina Navarro e o prova pellos doutores antigos aos vinte e sete capitolos da Summa, numero duzentos e cincoenta e hum [4]. E o bautisteiro de Lisboa poem a forma da reconciliação, a qual manda fazer pellos sacerdotes, pello que não hé necessario privilegio. Porém, se a igreja for consagrada, deve-se reconciliar pello bispo benzendo elle mesmo ou outro bispo a materia que se requere pera desenviolar a igreja violada.

---

1 Rescrito da Penitenciaria (cf. SCHURHAMMER, *Quellen* n. 337).

2 Rescrito da Penitenciaria de 18 de Maio de 1537 (*Bullarium Patronatus* I 285-86).

3 Ib.

4 «Quia reconciliatio [ecclesiae] consecratae debet fieri ab Episcopo, et cum aqua benedicta ab ipso aut ab alio episcopo: non consecratae vero potest fieri a solo presbytero, et cum aqua a seipso benedicta» etc. (*Manuale Confessariorum et Poenitentium* [Venetiis 1579] 442).

Concedeo também o Papa aos vigairos da India authoridade pera reconciliar os hereges [1]. Parece que esta graça cessou depois que ouve na India tribunal do Santo Officio, o qual reserva pera sy os casos de heregia. Mas nisto me remeto aos prelados e ao custume.

Concede o papa Paulo terceiro a vinte e oito de Outubro de 1546 ao bispo de Goa e sedi vacanti im perpetuum, a petição d'el-rey Dom João terceiro de boa memoria, que possão absolver aos christãos novamente convertidos dos casos reservados ouvindo suas confissões, e na hora da morte de todos ainda contheudos na bulla da Cea, e da irregularidade ainda que seja contrahida por causa da missa e dos divinos officios, comtanto que não fosse em desprezo das chaves; e desta maneira dispensados poderão celebrar e ser admitidos às ordens sacras e exercicio dellas. Podem também absolver dos votos jurados e de todos os mais, tirando os de [314v] Santiago, de Hierusalém, de Roma, de castidade e religião; e que nenhum estipendio levem por alguma destas absolvições [2]. Todos estes quatro privilegios são perpetuos.

Concedeo o papa Paulo terceiro no anno de 1546 ao vigairo de Ceilão e a seus sucessores, porquanto o bispo de Goa não podia lá ir pera administrar o sacramento da confirmação, que podessem consagrar o santo oleo da chrisma dando o bispo seu consentimento, e podessem administrar a suas ovelhas o sacramento da confirmação; e que este privilegio durasse ad beneplacitum ipsius concedentis et Sedis Apostolicae [3]. O qual privilegio confirma gravemente a opinião daquelles doutores que dizem que pode o Papa conceder poder e authoridade ao sacerdote simples pera administrar o sacramento da confirmação e benzer a materia delle, a

---

26 a *corr. m6 de* ao *L*

---

[1] No rescrito já citado de 18 de Maio de 1537 (*Bullarium Patronatus* I 285-86).

[2] Pelo Breve *Meditatio cordis,* publicado no *Corpo Diplomático Portuguez* XI 522.

[3] Pelo Breve *Cum sicut carissimus,* de 28 de Outubro de 1546 (cf. EX I 142 399; SCHURHAMMER, *Facultates et gratiae spirituales S. Francisco Xaverio pro India Orientali concessae,* em *Studia Missionalia* III [Romae 1947] 134 137-38 141).

qual opinião ensinarão os doutissimos Caietano, Soto e seu mestre Victoria. O concilio florentino, tratando do ministro da confirmação, diz que a Sé Apostolica concedeo algumas vezes que o sacerdote simples podesse administrar este sacramento com o santo chrisma sagrado pello bispo [1].

Concedeo Dom João [2], arcebispo sipontino, nuncio apostolico no reino de Portugal, a el-rey Dom João terceiro aos vinte de Março de corenta e nove, no primeiro anno do pontificado do papa Julio terceiro, licença pera que o prior de S. Domingos de Goa podesse castigar e proceder usque ad censuras et interdictum contra os prothonotarios, clerigos e religiosos izentos que viverem mal e como não devem, formando juizo contra elles summarie, sine strepitu et figura iudicii, tomando por assistentes e conselheiros ao reitor do collegio de Santa Fee com alguns outros, e em sua absencia alguns canonistas [3]. Mas parece que este mandado espirou.

Concedeo o papa Pio 4.º aos vigairos de Ceilão que podessem benzer imagens, cruzes, sinos, calices, patena, corporaes, livros e outras cousas moveis; os vasos e os sacrarios e custodias pera o Santissimo Sacramento e sagradas reliquias, e os ornamentos pera dizer missa e pera benzer os altares dedicados ao culto divino, e pera reconciliar os adros e igrejas violadas per effusam de semente ou sangue humano.

Concedeo o papa Pio 4.º a dez de Fevereiro de 1563, a instancia d'el-rey Dom Sebastião, que se podesse usar em toda a India de corporaes de algodão quando faltassem os de linho [4]. Comprehende clerigos e religiosos, e em particular nomea aos da Companhia de Jesu [5], e que em caso de grande necessidade possão dizer missa, ainda que depois da meya noite levassem alguma

---

1 Assim concedeu o Papa Pio XII aos párocos a faculdade de crismarem as crianças moribundas.

2 João Ricci de Montepulciano (sobre ele v. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2, 701).

3 Cf. também a carta de Xavier a S. Inácio de 12 de Janeiro de 1549 em EX II 7.

4 Pelo Breve *A Summo Patrefamilias,* de 10 de Fevereiro de 1563 (*Bullarium Patronatus* I 205).

5 «omnibus et singulis praesbyteris saecularibus vel cuiusvis Ordinis regularibus, etiam Societatis Iesu» (ib.). Cf. também DI V 557 e 761.

meizinha pera baixo estando dormindo [1]. O mesmo que se diz dos corporaes se há-de dizer das pallas, pois hé a mesma razão, nem tem benção differente, e antigamente cobrião o calix com o corporal, e oje fazem o mesmo os Padres de S. Domingos.

Na sessão vinte e três do concilio tridentino se concede que possão os bispos ordenar aos que não forem seus subditos, comtanto que morem primeiro com elles três annos e logo lhes dem beneficio [2]. Pedirão os bispos da India dispensão deste decreto ao papa Pio quinto, o qual a dezaseis de Mayo de mil e quinhentos e sessenta e sete lhes concedeo que podessem ordenar a seus [315r] familiares, ainda que os não servissem três annos e não tenhão beneficios que lhe dar, comtanto que sejão obrigados a dar-lhes cada anno cincoenta cruzados pera sua sustentação até que lhes dem beneficio, ou elles tenhão bastantemente que comer.

Concedeo o papa Pio quinto a três de Novembro de 1568 por espaço de dez annos somente que o arcebispo de Goa e os bispos suffraganeos, aos quaes elle comunicar a mesma graça, possão dispensar (gratis tamen) com os novamente convertidos pera que possão casar os parentes no terceiro e quarto grao simples ou mistos, e também no segundo em linha igual de parentesco ou cunhadio ou parentesco spiritual (tirando entre o padrinho e afilhada e entre a madrinha ou afilhado, que propriamente se contrahe no bautismo). E os taes neofitos casassem por simplicidade e ignorancia das lingoas, publica ou clandestinamente: o que pode fazer o arce-

---

[1] Esta dispensa deve-se ao P. H. Henriques, que a 19 de Dezembro de 1561 escrevia ao P. Geral, Laínez: «De tomar de noite assi alguma cousa depois de cea, cousa hé que muitas vezes faço; de nom poder dormir até mui alta noite alguma vez me acomtece; polo que me parece aver necesidade de dispensação de Sua Samtidade, que em caso que por erro tome alguma cousa depois da mea noyte, ou estando em duvida se passa de mea noite ou não, a tomar, posa todavia dizer missa em caso que nom ouver outro Padre pera a dizer. E já pode ser que seria bom a mesma dispemsação aver-se pera os que estão nestas partes...» (DI V 392). Ao qual respondeu de Trento Laínez a 11 de Dezembro de 1562: «De las dispensaciones que pedís se ha scripto a Roma las procuren; y lo que se huviere avido se scrivirá» (*Lainii Mon.* VI 560). Henriques bebera «um pucaro de agua» durante uma noite e, informando-se depois, disseram-lhe que já passara meia noite «polo que dia de São Estevão deixei de dizer missa em Punicale onde estava ho capytão com seus soldados e grande povoação de christãos, nem avia outro Padre» (na carta citada do P. Henriques).

[2] Sessio 23, *De reformatione* c. 9.

bispo per sy ou pello vigairo geral em ambos os foros, dando-lhes a devida penitencia.

Concedeo também Sua Santidade aos que confessados visitarem dia do nascimento do Senhor e da Pascoa as igrejas reedificadas por mandado do arcebispo, ou feitas de novo, ganhem dez annos de indulgencia; e os que as visitarem dia da Anunciação e dia do Corpo de Deos, offerecendo devotas orações ao Senhor e ajudarem com suas esmolas ou lugares pios, e principalmente a casa dos catecumenos, ganharão todas as vezes que as visitarem e fizerem esmola aos ditos lugares sete annos de perdão e outras tantas corentenas de iniunctis sibi paenitentiis [1].

Concedeo o papa Gregorio decimo tercio, a petição d'el-rey Dom Sebastião, a vinte de Dezembro de 1575, que por espaço de dez anos podessem os prelados da India dispensar no voto simples da castidade e religião, comutando-os noutras obras pias, e que podessem ordenar extra tempora; e que não fossem os bispos obrigados a celebrar concilio provincial cada três annos, como manda o concilio tridentino [2], senão cada cinco annos. Mas como este tempo seja acabado, devia-se renovar este privilegio, como também os outros temporarios.

Concedeo o papa Clemente octavo, a instancia d'el-rey Dom Felippe, a trinta de Outubro de 1600, por espaço de vinte annos, indulgencia plenaria a todos os fieis que na India visitarem as igrejas paroquiaes das cidades e villas de qualquer bispado nos dias do Nacimento, da Resurreição, do Espirito Santo, da Ascençam e Assumpçam, das primeiras vesporas té as segundas, rogando a Deos polla paz e concordia entre os principes christãos e pello augmento da christandade, como hé custume.

Concedeo o mesmo Papa, a dez de Novembro de 1600, indulgencia plenaria huma vez na vida, quando parecer aos confessores, a todos os soldados que actualmente militão debaixo da bandeira d'El-Rey contra os infieis, e outra vez no artigo da morte invocando o santissimo nome de Jesu. Dura por vinte annos contando os da publicação desta graça.

Concedeo também o mesmo Papa, a quatorze de Fevereiro de 1595, a hum altar da freiguesia de N. Senhora da Luz, que

---

[1] Por Breve *Sancta Romana* de 14 de Outubro de 1567 (*Bullarium Patronatus* I 218).

[2] Sessio 24, *De reformatione* c. 2.

qualquer sacerdote da dita igreja que nelle disser missa polla alma dalgum defunto a livre das penas do purgatorio per modum suffragii, a qual graça hé perpetua.

Concedeo o mesmo papa Clemente, aos oito de Outubro de 1596, indulgencia plenaria por vinte annos, começando da publicação do jubileu, aos que dia de Santa Caterina, virgem e martyr, visitarem a primis vesperis usque ad [315v] 2.as a see de Goa, ou acompanharem a procissão e rogarem a Deos N. Senhor polla concordia e paz dos principes christãos, extirpaçam das heregias e exaltação da Santa Madre Igreja. O P.e Manoel da Veiga alcançou esta indulgencia, a qual veyo no anno de 1597, e parece que no mez de Novembro em que vem Santa Caterina se devia publicar; e conforme a isto acaba-se a vinte e cinco de Novembro de 1617, e dous annos antes se deve renovar a mesma impetração e indulgencia.

Alcançou el-rey Dom João o segundo, e também el-rey Dom Manoel e seu filho, el-rey Dom João o terceiro, da Sé Apostolica dispensação pera os portugueses da India e vassallos do Estado poderem ter comercio com os mouros e com os infieis destas partes em tempo de paz, levando a suas terras as cousas prohibidas por dereito canonico e na Bulla da Cea [1]. Quaes são todas aquellas com que os infieis podem fazer guerra aos portugueses, como são cavallos [2], armas, ferro, aço, metal, artelharia, polvara e os materiaes de que se faz, navios de remo e quaesquer outras embarcações. Foram os summos pontifices concedendo aos reys de Portugal licença pera o dito comercio, a qual sempre derão per tempo limitado. Os privilegios foram lidos e examinados no primeiro concilio de Goa, na terceira acção, no decreto trinta e cinco [3], e no concilio terceiro, na quarta acçam, no decreto vinte, se determina que se avia de estar pollo privilegio do papa Pio quinto, con-

11 a *corr. de* o *L* || 12 vem *risca* a *L* || 20 a *corr. m6 de* as *L*

1 Cf. *Bullarium Patronatus* I 60-61 73 122 130.

2 Em 1568 havia algumas «duvidas que se moveram em Goa sobre se venderem cavallos a Mouros», as quais foram resolvidas pelos melhores teólogos que lá havia (cf. COUTO, *Dec.* VIII, c. 29).

3 Cf. *Archivo Portuguez Oriental* IV, pp. 47-49.

cedido a el-rey Dom Sebastião no anno de 1571, e não pollo do papa Paulo quarto [1].

Três causas forão apresentadas ao Papa pera justificarem o comercio: A primeira o proveito spiritual dos infieis, que per occa-
5 são deste comercio se convertem a nossa santa fee. A segunda o proveito temporal d'El-Rey e de seus vassallos. A terceira porquanto El-Rey não pode sustentar os gastos que faz na Conquista sem este comercio. O papa Pio quinto ajuntou três condições na bulla da concessão [2]: a primeira que do tal comercio não venha
10 algum prejuizo a outro principe christão, salvo ao mesmo rey português e a seus vassallos; a 2.ª que o detrimento que os portugueses podem receber do tal comercio, se possa compensar com o mayor proveyto que delle resultar; a terceira que com difficuldade possa El-Rey defender o Estado da India sem o tal comercio.

15 Todas estas rezões colheo o terceiro concilio de Goa das letras apostolicas. E continuando o primeiro concilio com a declaração dos privilegios concedidos aos serenissimos reys de Portugal, diz desta maneira fallando da bulla do papa Paulo quarto: «a qual faz menção de outras que el-rey Dom João o 2.º e el-rey
20 Dom Manoel ouverão e, conforme a ella declara não ser licito a pessoa alguma sem licença de S. Alteza, ou de quem pera isso tiver commissão, levar, nem dar por qualquer via, nem ser causa que as cousas defesas vão ter a poder dos ditos infieis; e qualquer que sem licença o fizer, encorre nas penas e censuras postas por
25 direito ou em a Bulla de Caena Domini. Porque alguns capitães sem licença vendem madeira, cobre e outras cousas prohibidas e dão licença a outros, assy fieis como infieis que tratem nellas, e mandão algumas dellas de presente aos ditos infieis, declara que o não podem fazer, nem dar a licença e que fazendo-o encorrem
30 em as censuras e penas ditas.

Declara que a dita Bulla não dá licença pera levar aos ditos infieis armas feitas, nem embarcações em que possão pelejar contra nós, nem taes que concertando-as lhe sirvão pera isso, e que quem lhas dá ou hé causa de as taes cousas irem a poder dos
35 ditos infieis, encorrem nas ditas penas e censuras. Por ser

---

[1] Ib., pp. 167-69. Faltam os dois documentos mencionados no *Bullarium Patronatus*.

[2] Repetidas no mencionado decreto 20.

informado [316r] que algumas pessoas levão salitre ou enxofre às fortalezas de S. A., donde facilmente se trespassão aos ditos infieis, manda que nenhuma pessoa leve as ditas cousas, salvo às fortalezas em que S. A. tiver casas de polvara, e com obrigação de lhas vender.

Considerando o fim pera que a dita Bulla foy concedida e as rezões que os serenissimos reis, Dom João o 2.º e Dom Manoel e Dom João terceiro, derão aos summos pontifices pera lhe concederem esta licença, declara a Santa Synodo que, correndo as cousas como correm, que o Viso-Rey não pode dar licença que pessoa alguma leve cobre aos ditos infieis, e somente poderá tratar nelle e dá-lo aos infieis, comtanto que seja em prol da fazenda de S. A. e bem do Estado, e que o não dê a infieis em que cesse o fim da Bulla ou as razões por que se concedeo; da mesma maneira não pode dar licença pera levarem cavallos a Cambaya e aos ditos infieis comarcãos, nem vezinhos de Damão, Manorá e Baçaim, nem pera levar madeira ao Estreito de Meca, nem de Baçorá, salvo a necessaria pera Ormuz, porque dando-a se vay contra o fim da Bulla e cessão as rezões que aos summos pontifices se apontarão pera a deverem conceder. E nas outras cousas prohibidas, em que conforme a dita Bulla se pode tratar, pede o concilio ao Viso-Rey (pera tirar occasiões de peccados) dê licença geral a todos os vassallos de S. A. E encomenda-lhe muito que considere se em alguns lugares desta Provincia, levando-se a elles as ditas cousas, podem tanto damnar que cesse o fim da Bulla, ou as causas per que se pedio não ajão lugar (como em as sobreditas), e em tal caso a não dê, pois hé certo que não se conformando com a Bulla a não pode dar, nem tratar pera S. A. em as cousas em direito e na Bulla de Caena Domini, prohibidas, sem encorrer em offensa de Deos e em as censuras e penas do direito e da dita Bulla de Caena Domini» [1].

1 informada *corr. L* || 27 dê *corr. mó de* dêm *L*

1 Citação à letra do decreto 35 da acção terceira (cf. *Archivo Portuguez Oriental* IV, pp. 47-49).

Da irmandade da santa Misericordia, sua origem e da procissão dos disciplinantes.

Cap. 23.

A igreja da santa Misericordia se fez no proprio lugar em que estava a mais antiga. Edificou-se no anno de 1559 em tempo do viso-rey Dom Constantino de Bragança. Hé muito bem servida esta igreja de capellães, mininos que ajudão as missas, officiaes que servem no cabido, no hospital dos pobres, e sollicitadores e procurador que correm com os encarcerados sollicitando seu livramento [1]. Os familiares da santa casa tomarão proprio habito e insignias no anno de 1611, sendo provedor Dom Fellippe de Sousa [2], a quem persuadio Dom Antonio d'Atayde, capitão-mor das naos do dito anno que dessem certo habito aos ministros da irmandade, por assy se fazer na Misericordia de Lisboa. O trajo hé comprido e de cor azul escura.

Nam tem esta casa renda, mas vive de esmolas, que hum anno por outro chegão a vinte e cinco até trinta mil pardaos, que todos se despendem com os pobres, com os doentes, com os prezos, com os officiaes e gasto da igreja. Todas as sestas-feiras do anno dá El-Rey onze pardaos de esmola à Misericordia [3], os quaes repartem nos mesmos dias aos pobres que andão pollas portas. Tem a igreja bom serviço de prata e ricos ornamentos. A prata se empresta às igrejas pobres pera celebrarem as festas de seus oragos. Tem huma reliquia do santo lenho encastoada nhum calvario de prata, que está no altar-mor e se mostra dia da exaltação da santa cruz. O altar-mor hé privi-[316v]legiado pera as almas do purgatorio, dizendo-se nelle missa por ellas. Tem huma Bulla de

---

[1] Sobre a *História da Misericórdia de Goa* publicou J. F. Ferreira Martins três volumes (Nova Goa 1910-14).

[2] Este provedor vem mencionado também por Ferreira Martins, o qual afirma porém que nada se fez no seu período que fosse digno de registo (II 27)!

[3] Sobre «os onze xerafins que dá El-Rei cada sexta-feira à Misericórdia para se repartir pelos pobres» desde o tempo de D. Manuel v. FERREIRA MARTINS I 479-80 e II 478-80.

grandes perdões, os quaes ganhão os que ajudão a casa com suas esmolas [1]. Também tem muitas provisões de favores e privilegios concedidos pellos reys de Portugal. E como esta irmandade esteja debaixo da proteção dos mesmos reys, não pode ser visitada pello ordinario conforme ao sagrado concilio tridentino [2]. Mas fora bem que o Senhor Viso-Rey a mandasse visitar de quando em quando, ou fazer ley em nome de Sua Magestade pera que o provedor que de novo entra visitasse o passado, pera se evitarem inconvenientes e murmurações.

Tem a santa Misericordia pregação nas quartas-feiras da Quaresma, as quaes por muitos annos pregaram os Padres da Companhia de Jesus, porém depois se alternarão com as outras religiões. Fazem os Irmãos devotos presepes e dos mais ricos sepulchros da India. E no dia do orago não há mais custosa armação, procurando os mordomos da capella fazer ventagem huns aos outros, e por esta causa acode infinita gente dia da Visitação da Virgem Senhora Nossa a Santa Isabel a visitar a igreja, na qual se dizem cada dia passante de trinta missas pollas almas dos defuntos, e algumas dellas cantadas, como também sempre se canta a missa da irmandade às quartas-feiras, e dia da Santa Maria Madanella, no qual há pregação de seus louvores. Huma das principaes obras que a irmandade usa hé com os defuntos, os quaes enterra. Tem varias bandeiras e diversas tumbas cubertas com ricos panos de brocados e sedas, que servem aos defuntos conforme aos merecimentos e qualidades de cada hum.

Hé tão grande o credito que a irmandade da Misericordia tem, que os defuntos depositão nella grossos legados e heranças pera os mandarem a Portugal a seus herdeiros; até os vivos tem por mais seguro seu dinheiro naquella casa que na propria. Encarrega-se de tudo isto o thezoureiro, que hé obrigado a dar conta do que lhe entregão. De modo que assy como se guardavão os depositos das viuvas e orfãos no thezouro do templo de Salamão [3], assy as casas da Misericordia servem do mesmo. Erão antigamente os depositos tão sagrados, que não ousavão os viso-reys a tocar nelles, porém nascia esta religião e escrupulo da grande reverencia que

---

1 Veja-se a bula de Gregório XIII em FERREIRA MARTINS I 446.

2 Sessio 22, *De reformatione* c. 8.

3 Cf. 2 Mac. 3, 10.

tinhão ao compromisso e ordens da santa casa [1], e porque também o thezouro real estava mais provido naquelles tempos que nestes nossos d'agora, nos quaes por razão das armadas ollandezas que infestarão os mares da India, renderão as alfandigas muito menos
5 do custumado, e com tudo era mate forçado fazer armadas contra os inimigos, de modo que achando-se os viso-reys e governadores muito faltos de dinheiro pera fazer as armadas, pedirão emprestimos, lançarão fintas.

E hum dos governadores [2] se valeo pera o mesmo intento do
10 dinheiro que estava depositado na Misericordia de Goa [3], que repugnou grandemente a fazer delle entrega, mas finalmente não podendo já resistir ao governador, mandou armar hum altar no meyo da capella-mor aos oito de Fevereiro de 1607, e nelle collocar a sagrada imagem de Christo crucificado e no cravo dos pés dependurar as
15 chaves do thezouro, estando os Irmãos da mesa presentes, as quaes o governador com decencia mandou tirar per hum capitolar da Sé, considerando que o mesmo Senhor era contente que tomasse aquelle dinheiro [317r] emprestado pera defensão da fee e do Estado da India, sabendo muito bem que os sagrados canones concedem pera
20 sustentação dos pobres que se possão vender os calices, cruzes e prata das igrejas, quanto mais pera sustentar a religião catholica nas partes da India tão remotas de Portugal e cercadas por todas as partes de inimigos [4].

Isto hé o que me occorreo dizer em particular da Misericor-
25 dia de Goa, porém será necessario dizer agora o que em geral toca à irmandade da santa Misericordia, que hé a 2.ª cousa que propus tratar.

O Doutor Jorge de Cabedo na decisam cincoenta e huma da primeira parte [5], provando que as confrarias da santa Misericordia

---

1 Vejam-se os capítulos terceiro e quinto acrescentados ao Compromisso de 1595 em FERREIRA MARTINS I 251-54.

2 D. Aleixo de Meneses, na ausência do governador D. Martim Afonso de Castro.

3 Tratava-se de 25.026 xerafins (cf. FERREIRA MARTINS III 258-59).

4 Havia porém grandes protestos e mais tarde alvarás do Rei que proibiam de futuro tal empréstimo (cf. FERREIRA MARTINS I 481-86 e III 253-70).

5 Cabedo publicou em 1602, ano de sua morte, *Practicarum observationum sive Decisionum supremi Lusitaniae Senatus Pars prima* (cf. BARBOSA MACHADO II 730).

gozão do beneficio da restituição, traz hum paragrafo tirado do primeiro livro do compromisso da Misericordia de Lisboa [1], o qual hé o seguinte.

«A confraria e irmandade desta santa Misericordia de Lisboa foy instituida no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1498, no mez de Agosto, na sé cathedral desta muy nobre e muy leal cidade de Lisboa, per permisso e consentimento e mandado da illustrissima e muy catholica senhora, a Senhora Rainha Dona Leonor, molher do serenissimo rey Dom João, o segundo, que santa gloria aja, a qual ao tempo da instituição da dita confraria e irmandade regia e governava os reinos e senhorios de Portugal pello muy alto e poderoso senhor el-rey Dom Manoel, o primeiro deste nome, seu irmão, que a esse tempo era em os reinos de Castella aceitar a successão que nos ditos reinos lhe era devida: sendo isso mesmo na instituição da dita confraria e irmandade, e dando a ella outorga authoridade e ajuda o reverendo collegio da sé da dita cidade». Até qui o compromisso. Porém o Licenciado Duarte Nunes do Lião na vida d'el-rey Dom Sancho [2], o primeiro deste nome, tratando dos louvores da Religião da Santissima Trindade, ajunta outras particularidades dignas de serem sabidas. Diz pois desta maneira.

«Nem se deve ter por menor fruito desta Ordem as obras de misericordia que se nesta cidade e em todo o Reino fazem por a irmandade della, que o Mestre F. Miguel de Contreiras, frade da mesma Ordem e confessor da rainha Dona Lianor, instituyo de principio sendo elle o autor e executor della. O qual tomou por officio pedir per sua propria pessoa esmolas pera remir os que erão captivos, curar os que erão enfermos, soltar os que erão prezos, alimentar os pobres, casar as orfãas, sostentar as viuvas e persuadir a el-rey Dom Manoel que criasse casas de Misericordia e lhes apropriasse rendas e desse privilegios. Por o que hé a mais celebre confraria da Christandade, cujo treslado são as mais confrarias da Misericordia que há neste Reino e no do

17 qui *R*, que *L*

1 O *Compromisso* foi impresso em 1600 (cf. ANSELMO n. 49).

2 Na *Primeira parte das chronicas dos reis de Portugal,* impressa em 1600 (cf. ANSELMO n. 523).

Algarve, nos lugares de Africa nossos, nas ilhas, no Brasil, na India e em todos os senhorios de Portugal: para cuja perpetua lembrança nas bandeiras das confrarias da Misericordia de todas as ditas partes se traz a imagem de Frey Miguel de Contreiras
5 com letras que mostrão ser elle o instituidor». Até aqui Duarte Nunes.

Acrecenta Damião de Goes na quarta parte da Chronica d'el-rey Dom Manoel, que deu o dito senhor [317v] pera a confraria da Misericordia de juro cada anno de esmola hum conto
10 de reis pera entretimento dos orfãos, e quinhentos mil reis pera outras obras pias [1]. Do que está dito se pode colher que a rainha Dona Lianor foy a que instituyo a confraria da santa Misericordia a petição de seu confessor [2], a qual el-rey Dom Manoel e seus succesores ampliarão e favorecerão com grandes esmolas e privilegios
15 pera sua conservação e augmento.

Mas não hé bem que passemos em silencio os louvores da rainha Dona Lianor, irmã d'el-rey Dom Manoel e molher d'el-rey Dom João, o 2.º deste nome. Foy a Rainha de muy santa vida e grande esmoler, pello que commummente lhe chamavão mãy e
20 emparo dos pobres. Fundou de novo o hospital das Caldas, no termo da villa de Obidus, do qual tem cuidado os religiosos de Sant'Oloyo, e lhe deu muitas rendas que pera isso comprou da coroa do Reino, e riquos ornamentos pera o serviço divino, e muita roupa e alfayas pera os doentes de toda a sorte que ally
25 se vão curar, com fizico e botica pagos à custa de sua renda. Fundou também o mosteiro da invocação da Madre de Deos no valle d'Enxobregas, nos arrabaldes de Lisboa, e o povoou de frei-

---

22 Santo Loyo *LR*

---

1 Escreve Góis no cap. 26 da dita parte: «Esta virtuosa e catholica Rainha instituio ha confraria da Misericordia nestes regnos, sendo regente delles, no tempo que elRei dom Emanuel, seu irmão era ido a Castella... pera ha qual confraria elRei dom Emanuel deu de juro cad'anno d'esmola hum conto de res, pera entretimento dos horphãos, e quinhentos mil res pera outras obras pias» (na edição de 1926, à pág. 60).

2 Ainda há quem defende a opinião que dá o título de inspirador e principal fundador a Fr. Miguel Contreiras (cf. V. Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa 1498-1898* [Lisboa 1902] 28; Ferreira Martins I 146-48; Almeida, *Histôria da Igreja em Portugal* III/2, 476).

ras de Santa Clara, da Ordem de S. Francisco da Observancia, onde ella jaz sepultada na crasta em sepultura raza.

E porque era muito devota de Santa Ursula, virgem e martyr, pedio ao emperador Maximiliano que lhe mandasse algumas reliquias das companheiras da mesma Santa. Teve o Emperador por grande alvitre poder servir a sua prima Dona Lianor em cousa tão justa e santa. Pello que mandou tirar do mosteiro de Santa Ursula situado na cidade de Colonia Agripina o corpo da bem-aventurada Santa Auta, huma das principaes virgens daquelle valeroso exercito de martyres, e o mandou entregar a Francisco Pessoa, feitor d'El-Rey na villa d'Anvers, o qual elle mandou em huma nao ollandeza, que chegou ao porto de Lisboa aos dous de Setembro de 1517, e aos doze do mesmo mandou el-rey Dom Manoel que o santo corpo fosse levado ao mosteiro da Madre de Deos d'Enxobregas na mesma nao em que vierão as santas reliquias, o que se fez com muita festa e companhia de navios e bateis embandeirados. E tanto que a nao lançou ferro defronte do mosteiro forão alguns conegos tirar as sagradas reliquias e as levarão à praya, onde a rainha Dona Lianor e o principe Dom João as estavão esperando. Daquy foy o cofre em que vinhão levado com solemne procissão e posto per Dom Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa, nhum altar que na igreja do mesmo mosteiro pera isso a rainha Dona Leonor mandou fazer [1].

E já que tocamos na origem desta irmandade, digamos também donde teve principio a procissão dos disciplinantes que os Irmãos da Misericordia fazem quinta-feira da Somana Santa [2], e donde nasceo aver nella disciplinantes.

A procissão se faz em memoria daquella na qual Christo Senhor Nosso no tempo de sua [318r] sagrada paixão levou o pesado madeiro da cruz às costas, pera nella ser cruxificado no Monte Calvario. Ajunta a irmandade todos os martyrios, os quaes levão pintados em paineis os Irmãos da Misericordia revestidos em seus habitos pretos, indo pera mayor devação com os pees descalços. No principio desta devota procissão vão os collegiaes de Santa Fee com sua cruz arvorada cantando as ladainhas em canto d'orgão. Todos os martyrios vão acompanhados com alguns sacer-

---

1 Gonçalves segue a Crónica de D. Manuel, escrita por Góis, parte IV, c. 26.

2 Cf. também FERREIRA MARTINS I 446 e III 475-76.

dotes que cantão as ladainhas, porém no couce da procissão vay o santo crucifixo com boa capella de cantores. Entra na Sé, em S. Francisco e na igreja da Companhia de Jesus, nas quaes os musicos cantão algum motete da paixão ou parte do psalmo
5 «Miserere mei Deus», e no fim alevantão os cantores e o povo as vozes, dizendo: «Senhor Deos, misericordia», o que fazem três vezes batendo com as mãos nos peitos. A todos os que acompanhão a procissão dão velas que vão acesas. E muitos Irmãos levão doces e agoa pera confortar os disciplinantes que delles tem
10 necessidade, como também quando a Misericordia acompanha os padecentes, que em Portugal e seus estados vão a pé com os olhos no santo crucifixo, em habito de penitentes, que hé o mesmo de que usão os disciplinantes.

Este custume de levar conforto se tomou dos judeus, entre os
15 quaes avia muitos que por sua devação o levavão pera esforçar os padecentes, como consta dos sagrados evangelistas; porque derão a Christo N. Senhor vinho mirrado [1], que era huma confeição maravilhosa pera o confortarem; semelhantemente levavão pera os padecentes esponjas com vinagre, o qual servia pera estancar o sangue,
20 remedio mais suave que pez e resina. Porém Christo N. Senhor não bebeo daquelle precioso vinho, e quando na cruz teve sede, derão-lhe os soldados maliciosamente vinagre, o qual gostou, porém não bebeo [2].

Outra procissão faz a irmandade dia de todos os santos à
25 tarde, e vão à igreja de Nossa Senhora da Luz com sua bandeira e tumba a buscar os ossos dos padecentes, que já da forca ally são trazidos, e os levão com solemne pompa e grande acompanhamento à Misericordia onde lhes dão sepultura, e na mesma tarde há pregação da morte e das obras de misericordia, principalmente
30 da que se occupa no enterramento dos mortos [3].

Quanto à origem dos disciplinantes, aconteceo no tempo do papa Clemente 6.º em Alemanha no anno de 1350 huma cousa tão nova, que poem espanto [4]. E foy que certas gentes de varias cida-

---

1 Mc. 15, 23.

2 Mt. 27, 48; Io. 19, 29-30.

3 Cf. FERREIRA MARTINS I 446 e III 477-78.

4 Os disciplinantes, como movimento popular, começaram em 1260 em Perúgia, e já no anno seguinte passaram os Alpes; tiveram novo desenvolvi-

des e villas chegarão a tanta contrição de seus peccados, que ajuntando-se em grande quantidade se começarão a disciplinar homens e molheres pollas ruas com tantas lagrimas e devação que quebravão o coração de quem os via. Vierão pouco a pouco a crecer em grande numero e tomarão hum como mestre que os guiava. Não querião esmola ainda que lha dessem; se alguém os convidava a comer hião-se com elle. Trazião molheres consigo, porém nunca falavam com ellas. Andavão sempre chamando por Deos Nosso Senhor e cantavão. Depois que se açoutavão se debruçavão e fazião oração por sy, pollos amigos e inimigos. Vinhão entre elles alguns clerigos e pessoas de qualidade. Não querião receber a ninguém se não jurava primeiro de guardar seus bons custumes, e se não trazia [318v] com que se podesse sustentar, pera que não tivesse necessidade de pedir esmola. E primeiro que tudo se avia de confessar e commungar, e se era casado avia de trazer licença de sua molher. Não avia terra em Alemanha que não estivesse chea de disciplinantes. De Alemanha passarão até Avinhão onde estava o papa Clemente sexto, o qual lhes mandou sob pena de excomunhão que se não açoutassem mais em publico.

Conjectura o Doutor Gonçalo de Ilhescas, na vida de Clemente sexto, que daqui nasceo o custume universal dos disciplinantes de quinta-feira da Somana Santa, e também me parece o mesmo emquanto não achar outra cousa en contrario. Porém advirto que não faz este autor menção do trajo destes penitentes, e parece que deste seu efeito tão heroico teve origem aquell'outro tão estranho caso que aconteceo em Italia em tempo de Santo Antonino, arcebispo de Florença, trinta e oito annos depois, que foy no anno do Senhor de 1388, o qual escreve na terceira parte de sua Hystoria, titulo vinte e dous, capitulo 3.º, e paragrafo trinta e dous: que ouve grandissimo concurso de homens e molheres, de leigos, clerigos e religiosos de todas as ordens tirando as freiras recolhidas, os quaes todos hião vestidos de lobas brancas compridas e capellos do mesmo com que cobrião os rostos, deixando defronte dos olhos buracos por onde vissem; e que hyão de cidade

6 os *risca mó* a *L*

mento no tempo da grande peste de 1348-49 (cf. BUCHBERGER, *Lexikon für Theologie und Kirche* IV [Freiburg i. Br. 1932] 345-46).

em cidade em procissão de dous em dous, e que todos cantavão hymnos e prosas em louvor de Deos N. Senhor, principalmente a de S. Gregorio papa Stabat Mater dolorosa iuxta crucem lachrimosa [1].

5 Esta perigrinação era ordinariamente de nove até dez dias, nos quaes jenjuavão e muitos dos penitentes a pão e agoa. Avia muitas confissões e communhões e se poserão muitos bem com Deos e com os homens; e ouve conversões de peccadores insignes. Pedião a Deos paz e misericordia, porquanto Italia ardia em 10 guerra, a qual cessou emquanto durou esta penitencia publica, que foy por espaço de três meses. Onde quer que chegavão lhe davão de comer à custa do povo, e posto que erão de cidades inimigas nenhum mal lhes fizerão, antes bom gasalhado. O arcebispo de Florença com os da cidade forão também em peregrinação na 15 mesma forma aos povos visinhos levando diante o santo crucifixo. Foy esta penitencia publica huma preparação da morte propinqua, porque o anno seguinte ouve peste geral em Florença e noutras partes de Italia, da qual morrerão muitos mil de toda a sorte. Dizem que estes penitentes forão de Espanha a Italia, outros dizem 20 que de Escocea, outros que de França, e outros dizem que forão de Inglaterra. Dizião também que apparecera a Virgem Nossa Senhora a hum rustico e que lhe dissera que seu Filho estava muito irado contra o mundo pollos muitos e graves peccados que nelle se cometião, o qual descobrindo a revelação aos de sua terra se moverão 25 a fazer penitencia.

Destes dous modos de penitentes tomarão os nossos a disciplina e o trajo. Os Irmãos da Misericordia lhes emprestão as vestimentas e as disciplinas, e juntamente os curão com muyta caridade, como também os Padres de S. Paulo aos que nas procissões das 30 sestas-feiras da Quaresma tomão disciplina de sangue, e os Padres de S. Agostinho usão [319r] da mesma caridade com os penitentes da sua procissão. Diz o P.e Ribadaneira na Vida de Santo Antonio de Padua, natural de Lisboa, que em seu tempo se deu principio

---

27 trajo *risca m6* E *L*

---

1 O hino *Stabat Mater* é de autor até hoje desconhecido, talvez de S. Boaventura; as fontes não são anteriores ao início do século XIV.

a estas procissões dos penitentes movidos com o fervente zelo que em suas pregações mostrava [1].

Quando os padecentes passão polla igreja da Misericordia lhes mostrão o Santissimo Sacramento, pera que se animem com sua vista no derradeiro combate da vida que tão de perto os espera. Até o anno de 1600 inclusive sahya hum dos Padres capellães com a custodia nas mãos debaixo do pallio acompanhado de muita cera e, posto na porta travessa e o padecente com o povo de joelhos o adorava pedindo-lhe perdão de seus peccados e contrição delles. Porém em tempo do viso-rey Ayres de Saldanha [2] se derrubou a porta da cidade, que estava unida com a capella-mor, e se fez outra muito mayor por rezão das procissões, e sobre ella se fez huma capelinha da invocação de S. Lazaro, onde se diz missa quando passão os que vão a ser justiçados, e dally mostra o Padre que diz missa o Santissimo Sacramento.

O arcebispo Dom Frey Aleixo de Meneses edificou junto de Nossa Senhora hum bom edificio pera recolhimento das orfãas [3], ajudando a cidade com suas esmolas, e aos dous de Julho do anno de 1605, dia da Visitação da Virgem Senhora Nossa a Santa Isabel, pregou S. Senhoria na igreja da Misericordia à entrada das donzellas recolhidas, que forão as primeiras que derão principio ao recolhimento. Servem-se da igreja de N. Senhora da Serra, que está junto da Misericordia. O provedor e mais Irmãos administrão o temporal, procurando de arrecadar mil xerafins que El-Rey dá pera sustentação de dez orfãas, e outra esmola que o arcebispo Dom Aleixo de Meneses deixou pera sustentação de quinze orfãas, de modo que não passão de vinte e cinco, as quaes a santa Misericordia casa e empara. Recolhem-se também nesta casa algumas filhas de portugueses e molheres casadas emquanto os maridos estão absentes, as quaes se sustentão à sua custa. No anno de 1612 erão por todas sessenta, afora as moças do serviço que serião

---

6 1606 *LR* || 31 fora *corr. m6 L*

---

1 Na cidade de Pádua, como refere Ribadeneira no *Flos Sanctorum ó Libro de las vidas de los Santos*, dia 13 de Junho. Desde a primeira, em 1599, são muito numerosas as edições desta obra.

2 De 1600 a 1605.

3 Sobre este *Recolhimento das órfãs d'El-Rei* veja-se FERREIRA MARTINS II 201-03.

corenta. Recebem-se nesta casa todas estas por authoridade do provedor e Irmãos da Mesa.

Esta casa foy a primeira que em Goa se edificou pera as orfãas, as quaes o Arcebispo deixou encarregadas ao Ordinario
5 que lhes dá confessor. Vestem-se de habitos pretos à honra da Santa Monica, cuja imagem tem no altar e a tomarão por mãy e padroeira. Cantão as missas e os mais officios divinos; e foy o primeiro seminario das religiosas da India. Tem pregação muitas vezes no anno, as quaes fazem por sua devação os pregadores de
10 todas as religiões, e quando lhes falta confessor se confessão com os Padres da Companhia de Jesus.

Também tem a seu cargo as penitentes de Santa Maria Madanella [1], que por outro nome se chamão as convertidas, porém sustentão-se das esmolas que El-Rey e a cidade lhes dá. Fundou o
15 arcebispo Dom Aleixo esta casa a trinta de Agosto de 1609, que foy em [319v] domingo. Pregou a sua petição o P.e Nicolao Pimenta, preposito da casa de Jesus; e a encostou aos Irmãos da Misericordia pera que se perpetuasse e se não desfizesse com o tempo. Tem suas pregações como as orfãas e capellão que lhes diz missa todos
20 os dias e administra os sacramentos. Procurou o Arcebispo muito de encarregar esta casa à Companhia, porém ella se escusou por ser cousa repugnante a seu Instituto, posto que se não pode de todo escusar do que hé proprio a seu Instituto, dando-lhes confessores e pregadores todas as vezes que os pedem.

25 Tiverão os Irmãos da Misericordia por muitos annos cuidado do Hospital d'El-Rey [2]; no qual administravão com muita caridade e diligencia tudo o que era necessario pera bem dos enfermos, os quaes tratavão com grande liberalidade e amor, fazendo El-Rey os gastos assy dos officiaes como das meizinhas e sustentação dos
30 doentes [3]. Quanto ao spiritual ouve variedade, porque humas vezes erão clerigos e outras vezes religiosos, que aos meses sacramenta-

---

2 da *R*, de *L* || 5 da *corr. mó* de *L* || 25 da *R*, de *L*

---

1 Cf. Ferreira Martins II 203 e segs.

2 O contrato de ajuntamento do hospital d'El-Rei com a Misericórdia data de 12 de Maio de 1542 (publicado por Ferreira Martins II 294-98; cf. também I 339-40).

3 Cf. Ferreira Martins I 339-53.

vão os enfermos e moravão no Hospital, sustentando-se à custa de suas rendas. Porém largando os Irmãos da Misericordia por justos respeitos o cuidado desta obra, soccederão-lhes os Padres da Companhia de Jesus a petição dos reys de Portugal assy no cuidado do temporal como do espiritual [1], posto que em tempo do viso-rey Mathias d'Alboquerque tornou à Misericordia [2], e no tempo do Conde Almirante [3] se tornarão outra vez os Padres a encarregar do Hospital, no qual residem por assy o mandar S. Magestade, e o pedir instantemente a N. R. P. Geral Claudio Aquaviva, que procurou por todas as vias de escusar os Padres desta occupação por não ser tão conforme a nosso modo de viver [4], e também pera atalhar a muitos inconvenientes e desgostos que o cuidado desta obra traz consigo [5].

As outras irmandades da Misericordia da India tem as mesmas occupações que a de Goa, e juntamente correm com os hospitaes, o que fazem com grande zelo e devação, não se deixando vencer dos que bem o fazem.

---

1 Em 1591 (Ferreira Martins I 353-56).

2 Cf. Ferreira Martins I 364-70.

3 D. Francisco da Gama, Vice-Rei de 1597 a 1600.

4 Cf. *Constitutiones S. I.*, P. VII, c. 4, n. 9 (MI *Const.* II 603).

5 Dá bem o pensamento do P. Geral Aquaviva sobre tais hospitais sua carta de 1 de Janeiro de 1610 ao P. Provincial Gaspar Fernandes: «Na 4.ª [carta] nos diz V. R. como o Senhor Governador não falou mais em nos encarregar esses hospitaes que estão aonde a Companhia tem residencia, e se assy continuar, bem faz V. R. em não deixar seguir seu desenho, pois o al não hé senão pezo grande pera a Companhia» (Lisboa, *Biblioteca Nacional, Fundo Geral 6620*).

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS DA ATLÂNTIDA,
RUA FERNANDES TOMÁS, 46
COIMBRA

5150CH PA 280
10-28-08 32180 MC
TFF Group